



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ -UFPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – PPG EM HISTÓRIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA -PPHIST
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA**

JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO

**FILHOS DA PRINCESA DO SERTÃO: REPRESENTAÇÕES DA
MASCULINIDADE NA IMPRENSA EM CAXIAS/MA DURANTE
A PRIMEIRA REPUBLICA**

**Belém/Pará
Maio/2018**

JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO

**FILHOS DA PRINCESA DO SERTÃO: REPRESENTAÇÕES DA
MASCULINIDADE NA IMPRENSA EM CAXIAS/MA DURANTE
A PRIMEIRA REPUBLICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Doutorado em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Donza Cancela

Área de Concentração: Trabalho, Cultura e Etnicidade.

**Belém/Pará
Maio/2018**

JAKSON DOS SANTOS RIBEIRO

FILHOS DA PRINCESA DO SERTÃO: REPRESENTAÇÕES DA MASCULINIDADE NA IMPRENSA EM CAXIAS/MA DURANTE A PRIMEIRA REPUBLICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Doutorado em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Donza Cancela

Área de Concentração: Trabalho, Cultura e Etnicidade.

Aprovado ____ de _____ de 2018

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Cristina Donza Cancela

PPHIST/UFPA - Orientadora

Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco
(Membro - Externo) Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof. Dr. Flavio Leonel Abreu da Silveira - PPGSA
(Membro – Externo) Universidade Federal do Pará - UFPA

Prof. Dr. Aldrin Moura Figueiredo
(Membro – Interno) Universidade Federal do Pará/ UFPA/PPHIST

Profa. Dra. Edilza Joana Oliveira Fontes
(Membro – Interno) Universidade Federal do Pará - UFPA/PPHIST

Dedicatória

Dedico a todos que acreditam na mudança através da educação

Agradecimentos

Vamos agradecer pelas mãos, olhos, mentes, abraços, puxões de orelha, amizades verdadeiras, amor verdadeiro, olhar carinhoso, abraço gostoso, conversas simples, ligações surpresa, implicâncias e cobranças de todos e todas que ajudaram a escrever este trabalho.

Agradeço:

A **Deus**, por seu infinito amor e mais ainda por mostrar em minha vida que as coisas sempre acontecem na hora certa.

Ao **Silvio**, amor, amigo, companheiro, que soube com suas palavras, seu carinho, sua atenção, sua gentileza e nobreza ensinar como é possível viver a vida de maneira livre, sem amarras e sem medos. Você se tornou o principal incentivador da conclusão deste trabalho, buscando até se tornar um historiador para tentar me ajudar nos meus devaneios e momentos de crise. Você foi e sempre será um presente em minha vida. Obrigado por seu olhar carinhoso, seu abraço gostoso, por tudo.

À minha **família**, primeiramente minha mãe, que soube do seu jeito buscar compreender minha ida para Belém. Mesmo dizendo que não daria certo, eu tinha certeza que no fundo ela acreditava nesse projeto da minha vida. Te amo, minha **mãe, Maria (Dona Rosa)**. Ao meu **Pai (Adão)**, que acreditou e dizia sempre para eu seguir naquilo que acreditava. Obrigado, meu pai. Aos meus irmãos, **Jean e Leonardo**, que me ensinaram com suas práticas como não ser um homem igual a eles, mas buscaram, do jeito deles, estarem ao meu lado. À minha **afilhada Luziane**, menina gentil e carinhosa, que buscou ser compreensível e atenciosa.

À minha menina, amiga **Gláucia**, por seu jeito lindo e sincero que sempre acreditou na minha felicidade e que eu a encontraria. Você é muito especial em minha vida, uma amiga igual a você é uma raridade. Te amo e obrigado por fazer parte da minha vida.

À minha linda, **Marilene Guerreiro**, o que devo dizer além de obrigado por abrir as portas da cidade das Mangueiras? Obrigado pelo carinho, obrigado por ter chorado comigo, obrigado por ter sido mais que minha amiga, ter cuidado de mim, como uma mãe. Não teria aqui palavras suficientes para agradecer a você. Obrigado, minha Mari.

À minha irmã **Juliana**, por entender quem eu sou, ser compreensível, sorrir comigo das minhas besteiras, por sempre me amar, independentemente de qualquer coisa.

À adorável **Lilian Lopes**, que ao encontrar pela primeira vez já sabia quem eu era, pois na dúvida de ir ou não para Belém precisava saber se iria receber ou não bolsa. Mas ela é uma pessoa incrível e consegui aos poucos conquistar sua amizade e, mais ainda, ter sempre o prazer de ganhar o seu abraço sincero e carinhoso. Obrigado por tudo, pela amizade e pelos cuidados quando eu voltava para a cidade que tem neve quente o ano todo. Obrigado pelas palavras e demonstrações de carinho. Você estará sempre em meu coração. Te amo, minha amiga.

À minha orientadora, **Professora Cristina Donza Cancela**, que com muita paciência e atenção aceitou me orientar neste trabalho e buscou conduzi-lo da melhor forma. Confesso que tinha muito medo em dias de orientações, mas descobri ao final que o problema não estava na senhora, mas na minha falta de confiança. Então só tenho a agradecer por tudo. Desculpe-me pelo trabalho que dei enquanto orientando.

Ao meu amigo **Ailson Barbosa**, por sua amizade, por sua atenção de amigo, por ter sido incentivador para eu seguir até a conclusão deste trabalho quando eu pensava em desistir. Você fará uma grande falta, meu amigo. Obrigado por tudo. Tu estás voltando, mas saiba que deixa um amigo.

À minha querida **Maura Rejane**, que se tornou mais próxima, se tornou minha confidente, uma amiga que a vida trouxe para que pudéssemos sorrir de maneira livre. Obrigado pelo abraço gostoso, pelas palavras, pelo cuidado. Te adoro.

À minha querida amiga, mulher incrível e uma musa de Clio, **Alba Pessoa**. Talvez nós não soubéssemos, mas estava certo que estaríamos juntos, principalmente quando eu, trêmulo, ao sair da entrevista, recebi de você uma barra de cereal enquanto pedia para que pudesse me alimentar. Você é incrível, muito obrigado pela amizade verdadeira. Esta fase do doutorado acaba, mas nossa amizade perdura.

À querida **Celia**, que nos deixou para seguir outros caminhos. Você foi especial comigo desde o primeiro momento. Você é um exemplo de garra e força de vontade. Obrigado pela amizade, pelos conselhos e mais ainda pela verdade que carrega em suas palavras. Que Deus te abençoe, eu te adoro.

À minha amiga, **Maria José**. O que dizer sobre você? Mulher que desde o primeiro dia foi uma amiga. Obrigado por tudo, por ter sido minha amiga e pelo carinho verdadeiro. Você sempre será uma pessoa especial em minha vida, juntamente com **Jaci Guilherme e João**, os homens da sua vida que são sua fonte de inspiração para continuar vivendo. Eles também se tornaram especiais em minha vida.

À minha adorável **Adriane Prazeres, Minha Preta**, como se define alguém especial que cativa as pessoas pela força e vontade de vencer? Ela fez isso, adoro você, amo, obrigado por todos os momentos e, principalmente, pelo carinho e respeito.

À **Cintia**, pessoa linda, que consegue cativar as pessoas com sua delicadeza e verdade. Obrigado por sempre receber com alegria todos aqueles que chegam na casa PPHIST. Ainda mais importante, obrigado por ter concedido a oportunidade de ser seu amigo. Saio com a felicidade de levar você em meu coração e mais ainda pela nossa amizade.

A **Andres**, pois nunca pensei que teria um amigo estrangeiro, mas ganhei um e provando que amizade é sempre um presente. Vivemos um ano de muitos desafios, mas todas as dificuldades foram formas de fortalecimento da amizade e do respeito entre nós. Muito obrigado, Brasil e Colômbia, Caxias e Cali, juntos para sempre. Valeu, meu amigo, por tudo. Ainda irei tomar aquela cervejita com você, em Cali, como sugestão de lugar, e claro que não poderemos deixar de levar a rainha de Abaeté. Falando nela, obrigado **Anndrea**, pelas brigas e pelos puxões de orelhas. Nunca falei isso, mas eu gostava, sempre pensei que eram para o meu bem. Muita luz e paz em sua trajetória, gosto muito de você.

À **Laísa Castro**, pela delicadeza e sabedoria, pelos risos, pelos sonhos juntos, pelas ideias, pela amizade sincera. Bióloga e Historiador, sonhadores e escritores. Você é especial, te adoro muito minha doutora.

A **Elias Veras**, esta pessoa de alma taurina que buscou ver os horizontes que poderia seguir, rumo ao doutorado, desde quando nos conhecemos. Olhou e disse para eu seguir. Pediu para eu acreditar e acreditei. Esse trabalho também é seu.

Ao **Menino do Protocolo - Juryandy**, que não apenas procurou saber como eu estava, mas foi sempre gentil e compreensivo nos meus momentos de desespero para entrega dos processos. Obrigado por tudo.

Ao **Jorge Luís**, ao meu amigo branco, pelo amor e carinho que você sempre teve comigo. Você é um irmão e amigo que ganhei, obrigado por seu amor, amigo internacional.

Ao **amigo, Eurípedes**, pelo socorro no computador. Exatamente durante essa rotina para produzir a tese a tecnologia prega algumas peças e você foi um amigo que ajudou bastante, muito obrigado.

Professora Eliane Almeida, minha modelo, por sempre me encontrar com o seu sorriso sincero, suas palavras sábias. Você é uma profissional brilhante, te admiro e obrigado pela amizade. Te amo.

À **Prof.^a Georgiana Andrea**, minha querida, foste um presente, principalmente em um momento em que estava disposto a desistir. Obrigado pela delicadeza e o carinho. Realiza bem aí. Te adoro.

À **Prof.^a Mercilene – mãe do Coração**, neste caminho tive minha mãe do coração. Ela não foi diferente, rezou e foi amiga, como sempre, obrigado por seu amor e mais ainda pelo ombro amigo que fez toda diferença, amo você.

Ao **Prof. Raimundo Moura**, sabe aquele irmão mais velho e muito inteligente? Pois é, você fez toda a diferença, sempre mostrando o quanto é possível conquistar o impossível. Obrigado por ter me acompanhado nesta jornada, pelos conselhos e pela atenção nos momentos de angústia.

Ao querido **Ozivan Perdigão**, pelas conversas e pelo livro que comprastes para mim, foi muito importante.

Ao querido **Prof. Aldrin Figueredo**, pela elegância e receptividade que teve não apenas comigo, mas com todos os alunos/as da turma de PPHIST/2014. Você demonstra com sua simplicidade e competência como devemos ser enquanto profissionais. Obrigado por tudo.

À **Professora Nana**, digo sempre que foi uma honra fazer o meu estágio com a senhora, não apenas pelo cuidado, mas por sua competência enquanto historiadora. Obrigado por tudo.

Ao casal de professores **Franciane Gama e Rafael Chambalerion**, que demonstrou cuidados que jamais irei esquecer. Vocês foram importantes nos primeiros meses de adaptação da minha vida de doutorando em Belém.

À querida e inesquecível **Professora Edilza Fontes**, irei sempre lembrar deste episódio para que depois nossa relação de amizade, carinho, respeito e minha admiração por esta professora se tornassem eternas. Nunca irei esquecer que logo na primeira aula não gostei dela, mas o seu jeito sincero e empolgante e, mais ainda, competente, fez com que eu esquecesse todo o começo equivocado da nossa relação. Admiro a senhora por sua maneira sincera e gentil de pensar o campo da história e o fazer historiográfico. Obrigado por tudo e mais ainda por apresentar Thompson de forma apaixonante. Você é uma referência, minha querida Edilza Fontes.

Ao **Prof. Francivaldo Nunes**, que desde o primeiro dia no processo de seleção do doutorado foi gentil e atencioso. Obrigado por sempre oferecer palavras para que esta caminhada se tornasse mais leve.

À **Professora Magda Ricci**, por sua magnífica maneira de dialogar com a deusa Clio. Suas aulas foram incríveis.

Ao **Professor José Alves**, pelas brilhantes contribuições em suas aulas, foram bastantes pertinentes, principalmente quando tivemos que contrapor Foucault e Thompson.

Ao **Tio Neto Neves**, por sua amizade, pelas gargalhadas, pelos conselhos e por ter sido em momentos difíceis mais que um amigo, um irmão. Te adoro, tio.

Ao **Prof. Dionio Poy – Supervisor do Estágio**, que me acolheu com muito carinho como seu estagiário. Todos os seus ensinamentos foram de suma importância para a experiência enquanto docente nas aulas junto aos alunos da UFPA.

Às companheiras **Marinelma Meireles e Roberta Lobão**, que trouxeram para minha vida exemplos de persistência e força de vontade, como alicerces para que nunca se possa dizer não diante das adversidades que surgem nas nossas vidas.

À **Prof.^a Dalva Almeida**, que com sabedoria de vida não hesitou em estender suas mãos para ajudar das mais diversas formas minha vinda para Belém. Este trabalho também é seu.

À **Prof.^a Valtéria Alvarenga**, pelas palavras de apoio. Acredito que foram gestos simples como os seus que fizeram aflorar minha admiração pela senhora.

À **Prof.^a Maria Tereza**, que sempre de maneira gentil foi uma ouvinte dos meus momentos de desespero e principalmente por oferecer sua atenção de maneira muito sensível.

Ao **Prof. Alcebíades Costa Filho**, pelo companheirismo quando todos resolveram apontar os dedos pelas minhas ações. Obrigado pelo respeito e carinho desde quando eu era apenas um graduando de História. O senhor disse uma vez que eu seria um projeto de doutor, hoje essa profecia se concretiza.

Ao trio **Alonso, Thalita, Rita de Kássia**, que foram mais que bolsistas no DHG, mas jovens com sensibilidade para compreender a grandeza deste trabalho. Meu muito obrigado à Thalita e Rita, meninas de ouro.

Aos Professores do Curso de História, Prof.^a Jordania, Prof.^a Dudu, Prof. Benilton.

À **Prof.^a Salânia Melo**, pela gentileza, pelas palavras sinceras, pelo apoio no começo desta trajetória, pelas conversas sobre as possibilidades de enxergar os homens e os feitos deles no período da primeira República. Além de sempre acreditar que as mudanças são possíveis.

À **Maria Ângela**, pelas palavras de inspiração, pelo carinho e preocupação que demonstrou em relação a mim desde quando nos conhecemos. Uma amizade como a sua não se encontra fácil. Obrigado por sua amizade. Te adoro.

À Família Pororoca, **Elane e Denise, Edyr Junior, Robson Cardoso, Minha Mãe Eli Pinheiro e Adelina Farias**, que desde os primeiros momentos, quando eu estava assustado com a nova jornada do doutorado, foram mais que amigos, mas uma verdadeira família. Vocês foram essenciais para o meu bem-estar nas terras das mangueiras. Amo vocês.

À **Wania Amiga Branca e Raquel Castro**, pela receptividade e alegria que trazem em suas vidas. Não irei esquecer que gentilmente sempre estiveram presentes em minha vida quando eu estava cumprindo as disciplinas do doutorado ainda no primeiro ano. Que Deus abençoe imensamente a trajetória de cada uma. Vocês se tornaram especiais para mim.

À equipe médica do Posto de Saúde do Marco/Belém, em nome das enfermeiras **Claudia, Andreia, Ana Lucia**, pois não mediram esforços para que eu concluísse essa tarefa de escrever a tese no enfrentamento contra a hanseníase. Não tenho palavras que possam expressar minha gratidão, principalmente quando enfrentaram a burocracia em prol do meu bem-estar. Hoje estou curado e concluindo esta tese porque vocês entraram em campo, como força para dar apoio nesta jornada. Meu muito obrigado.

Ao médico que carrega em sua trajetória a sensibilidade e compromisso com sua profissão. Não poderia deixar aqui de citar **Carlos**, médico que teve um papel muito importante. Quando tive minhas crises, o senhor, com sua competência, soube conduzir ao meu bem-estar.

Aos amigos e amigas, **Graça Prazeres**, pelo ombro amigo e palavras sensíveis; **Daniara Silva**, pelas gargalhadas e conselhos afiados; **Deborah SRN** pelas palavras doces e pelos momentos que fostes meu divã; **Maurília Bentes** pela sensibilidade como leva a vida e, mais ainda, por demonstrar que força e vontade de vencer são elementos importantes para se conseguir o que se almeja; **Elias Regina**, garota da laje que cativa por sua alegria e sorriso sincero.

Aos meus colegas de turma, expressei minha gratidão pela convivência afetuosa e intelectualmente produtiva. Gostaria de fazer uma menção especial ao encontro com **Raul Aguilera, José Maria e Luana Barrigão**, pelo passeio e diálogos sobre os desafios e dores da vivência em um doutorado; **Fábio Tadeu Melo Pessoa**, quando no concurso público estive disposto a compartilhar suas experiências; e com **Frederik Luiz Andrade de Matos; Gil Vieira Costa; Raimundo Nonato de Castro; Alan Christian; Aldair José; Frederik Luiz; Leonardo Tori; Fabrício Ribeiro; Moreno Peruano; e Roberta Sauaia**.

Aos amigos (a)s que deixaram um pouco do seu tempo para perguntar como eu estava, muito obrigado **Relve, Ana Thecia, Irmã Joseane, Mara Ligia, Claudimar Durans e sua família, Wagner Policia, Edjane, Ana Maria Vascaína, Marcos e Marciele meus alunos queridos, Professora Antonia, Emerson Luiz Barcarena, Ana Clio, Cristiane Band, Bruno Martins, Minha debochada Primeira – Roseane Apolinário, Milene Moraes - Vizinha-Musa e alunas Marlene, Maria dos Santos, Raquel e Aline**.

À **Luciana, minha cunhada**, principalmente pelo presente dado à família Ribeiro, a nossa Princesa **Lyara Maria**.

À **Jéssica Aguiar**, pela amizade, carinho, respeito pela força sempre ofertada quando eu estava em meus momentos de crises.

A **Leandro Polastrini**, amigo que mesmo distante pode oferecer palavras diante dos momentos de angústias vividos durante esse processo. Obrigado.

Às minhas ex-alunas e agora amigas, **Thyara Layanna e Jéssica Moura**, vocês foram importantes principalmente no momento em que todos disseram que eu não podia. Obrigado por tudo e espero que nossa amizade perdure por muitos e muitos anos.

A **Fabricio Porto Velho**, pelas palavras amigas durante os momentos de desespero. Os amigos e as palavras certas sempre chegam nas horas certas.

A **Fernando Sampaio**, pela amizade e ensinamentos adquiridos pelos anos da nossa amizade. Obrigado pela força e paciência comigo.

À Prof.^a **Florita**, pela correção de português e paciência em retirar os problemas que atropelavam esse texto.

A **Filho Lopes**, pela gentileza nas palavras, pelos momentos que serviu de ombro amigo para escutar minhas angústias e medos.

Ao **Instituto IEPA**, pela oportunidade de compartilhar meus conhecimentos com os alunos do Pará e por muitas vezes ter dado apoio para que pudesse fazer uso do laboratório para pesquisas em prol da tese. O meu muito obrigado.

À **CAPES** e em especial às políticas públicas desenvolvidas por **Lula e Dilma**, pessoas que tiveram a coragem de oportunizar que milhares de jovens, assim como eu, pudessem ter condições para galgar degraus mais altos. Obrigado por tudo.

À **UEMA**, pela oportunidade de contribuir para minha formação, como também por abrir as portas para que eu pudesse voltar e contribuir com a formação de outros tantos novos artesãos de Clio.

Aos meus e minhas alunos/alunas dos cursos de **História e Pedagogia**. Sem a compreensão de vocês eu não teria conseguido, principalmente quando tive que me ausentar para me dedicar à escrita, principalmente por não ter sido liberado para dedicação exclusiva ao processo de doutoramento. Muito obrigado, esta tese também é de vocês.

À Professora **Jordania Maria Pessoa**, pelas palavras sempre sinceras e atenção diante dos vários impasses nesta jornada.

A Professor **Raimunda Barros Borba (Dudu)**, pelas palavras de incentivo na conclusão do trabalho.

A Dona **Rosa Maria Secretária do DHG**, pelos cuidados e sempre reforçar quando eu estava mal que eu poderia conseguir, o meu eterno obrigado.

A todos os professores do **Departamento de História e Geografia – DHG**.

À **UFPA** e ao **PPHIST**, principalmente por oferecerem aos alunos possibilidades para o crescimento e desenvolvimento acadêmico e profissional.

À **Cidade de Belém**, por ser receptiva com todos aqueles que chegam. Você foi a autora desta parte da minha vida. Amo você e ainda será a minha cidade, minha casa.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- Fonte: Jornal O Paiz, 1905, p. 04	86
Figura 2 - Fonte Jornal Gazeta Caxiense 1896.	107
Figura 3- Fonte Jornal de Caxias 1896.	109
Figura 4 Fonte - Jornal Caxeiro, 17 janeiro de 1916, p. 04.	110
Figura 5 - Fonte- Jornal do Commercio, Caxias, 02 de outubro de 1915, Anno X, número 577, p.04.....	116
Figura 6 - Fonte - Jornal de Caxias, dezembro de 1900.	120
Figura 7 Fonte - Jornal do Commercio 1920.	122
Figura 8 - Revista Elegante, 1903, p.03.....	123
Figura 9 - Revista Elegante, 1903, p.03.....	124
Figura 10 - Revista Elegante, 1903, p.03.	128
Figura 11 - Fonte - Jornal Voz do Povo, 1930, Caxias-Maranhão, p.03.	131
Figura 12 - Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.	133
Figura 13 - Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.	134
Figura 14 - Fonte - Revista Elegante, 1989, p. 10.....	141
Figura 15 - Fonte - Revista Elegante, 1989, p. 10.....	142
Figura 16 - Fonte - Revista Elegante, 01 de maio de 1898, Ano, VII, nº, 71, p. 03.....	143
Figura 17 - - Fonte - Revista Elegante, 1903, p.03.....	144
Figura 18 - Fonte - Revista Elegante, 1902, p.04.....	146
Figura 19 - Fonte - Revista Elegante, 1902, p.04.....	147
Figura 20- Fonte - Revista Elegante, 1903, p. 04.....	149
Figura 21 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 1930, p. 04.....	158
Figura 22 - Fonte - Jornal de Caxias, 25 de janeiro de 1902, Anno V, número 316, p. 04.	160
Figura 23 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 1930, p. 04.....	163
Figura 24- Fonte - Jornal de Caxias, 26 de junho de 1930, p. 04	165
Figura 25 - Fonte - Jornal de Caxias, 06 de fevereiro de 1897, p.03.....	166
Figura 26- Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.	167
Figura 27- Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.	170
Figura 28- Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.	171
Figura 29- Fonte - Jornal do A Voz do Povo, 1930, p. 03.	173
Figura 30- Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 12 de maio de 1915, p. 04.....	176
Figura 31- Fonte – Jornal de Caxias, 31 de janeiro 1903, nº. 368, Ano, VIII, p. 04.....	177
Figura 32 - Fonte - Jornal do Commercio, janeiro de 1917, p. 3.....	180
Figura 34- Fonte - Jornal de Caxias, 21 de Março de 1908, p. 03.	187
Figura 35 - Fonte - Jornal de Caxias, 26 de fevereiro 1898, p. 04.....	188
Figura 36 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 10 de março de 1920, nº 894, Ano XVI, p. 04.....	190
Figura 37 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 23 de maio de 1931, p. 04.....	192
Figura 38 - Fonte - Jornal do Commercio 14 de abril de 1920 p. 4.....	196
Figura 39 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 1915, p. 04.	198
Figura 40 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 1915, p. 04.....	199
Figura 41- Fonte - Diário de Caxias, 12 de julho de 1924, Ano I, número 149, p. 03.....	201
Figura 42- Fonte- Jornal Commercio, Caxias, 26 junho de 1931, p. 04.	203
Figura 43 - Fonte- Jornal Commercio, Caxias, 26 junho de 1931, p. 04.	204
Figura 44 - – Fonte Jornal de Caxias, 44 de junho de 1908, Ano XIII, número 646, p. 04.	275
Figura 45 - – Fonte Jornal de Caxias, 44 de junho de 1908, Ano XIII, número 646, p. 04.	276
Figura 46 - Fonte - Jornal de Caxias, 19 de dezembro de 1908, Ano XIV, número 669, p. 04.	277

RESUMO

O presente trabalho buscou problematizar as representações acerca da masculinidade na cidade de Caxias/MA, a luz da imprensa no contexto da Primeira República. Nesse ínterim, os jornais, divulgavam através de notícias sobre violência, moda, propagandas de remédios e alcoolismo as diversas performances masculinas que circulavam em Caxias. As representações masculinas eram assim construídas, compreendidas e classificadas entre o ideal e a desordem em vista das suas práticas. Para discutir essas questões trabalhei com categorias como gênero e masculinidades abastadas e masculinidades dos segmentos populares, como uma maneira encontrada para compreender através da imprensa, a composição das representações dos comportamentos dos homens que eram exaltados e, os que deveriam ser coibidos no bojo das relações sociais marcadas pela classe social e pela cor.

Palavras-chave: Masculinidade. Imprensa. Cidade. Representação.

Abstract

The present work sought to problematize representations about masculinity in the city of Caxias, in the light of the press in the context of the First Republic. In the meantime, the newspapers disseminated through news and reports on violence, fashion, drug advertisements and alcoholism the various male performances that circulated in Caxias. The male representations were thus constructed, understood and classified between ideal and disorder in view of their practices. To discuss such questions I have worked with such categories as gender and masculinities and popular masculinities of the popular segments as a way to understand through the press the composition of representations of the behaviors of men who were exalted and those who should be curbed in the bosom of relationships marked by social class and color.

Keywords: Masculinity. Press. City. Representation.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	14
Capítulo I - A cidade coroada: A Princesa do Sertão e o desejo de sentir-se moderna.....	58
Capítulo II- Refinando o corpo: o mundanismo chique – Costurando corpos e as vestimentas para os Homens Republicanos	96
Capítulo III - A exaltação de corpos saudáveis dos homens da Princesa pela ótica das propagandas dos jornais caxienses	152
Capítulo IV - “Quando donos saem os Gatunos querem fazer a festa”: masculinidades em prol da desordem social	207
Capítulo V- A princesa e os afilhados de Dionísio: o combate contra os vícios do corpo, em prol de um homem ideal	238
Capítulo - Virilidade, honra e violência sob ótica da imprensa caxiense.....	280
Capítulo – VII Imprensa e performances masculinas em cena	335
Algumas considerações, mas a pauta segue	375
Referencias.....	381

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O nordestino é uma figura que vem sendo desenhada e redesenhada por uma vasta produção cultural, desde o começo deste século. Figura onde se cruzam uma identidade regional e uma identidade de gênero. O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região até as mulheres são macho, sim senhor! Na historiografia e sociologia regional, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos. Mesmo em seus defeitos é com o universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade em nossa sociedade, que ele se relaciona.

Tendo sido construído no começo deste século, entre o final dos anos dez e começo dos anos vinte, junto com a região de quem é filho, habitante e sujeito, o nordestino é uma figura que atualiza várias imagens e se diz através de vários enunciados que antes definiam o nortista, o sertanejo, o brejeiro, o praieiro, identidades com que, até então, se definiam os moradores deste espaço. É preciso, pois, estudar como se produziu historicamente esta figura que tem hoje extrema importância nos embates políticos e regionais no país. O objetivo deste texto é entender o porquê de ter emergido neste momento esta figura e o porquê desta ter sido elaborada como uma figura masculina. É acompanhar as práticas discursivas e não discursivas que produziram este ser nordestino, atribuindo a ele uma essência e uma identidade. Com quais facetas a masculinidade se apresenta no Nordeste?

Durval Muniz de Albuquerque Junior. *Nordestino: invenção do “falo” uma história do gênero masculino (1920- 1940)*. Ed. Intermeios. 2ª. Ed. São Paulo, 2013. pp. 18-19

Escrever uma tese é um grande desafio. Nunca imaginei que seria possível, principalmente quando olhava para palavra de quatro letras, tão pequena, mas com um peso tremendo para quem ousava tentar escrevê-la.

Nesse compasso, o texto é uma tentativa de evidenciar meus entendimentos, minhas angústias, meus medos, minhas percepções sobre os homens do passado, mas que revela também sobre muitos elementos que fizeram e fazem parte da minha vida. O jeito de ser homem, de entender o que é ser homem.

Em vista destas questões, lembro que desde criança meus pais, amigos, vizinhos, tios e minhas tias sempre me advertiam sobre o modo de ser, agir, falar, andar, sentar, brincar, sorrir, mexer as mãos e vestir, pois, segundo eles, existiam maneiras que meninos e meninas deveriam ter; e, no caso dos meninos, devia se observar como os

demais homens agiam, porque existiam maneiras “adequadas”, “corretas,” de dizer-se homem, afirmar-se homem.

Tais cobranças entrelaçavam-se em meus pensamentos, onde eu buscava compreender por que deveria seguir tantas maneiras de ser, para assim afirmar que era um homem. Então, eu sempre criava pontos de interrogação, por que tem um jeito certo de ser homem? Pois, ao olhar para os meus irmãos e meu pai, percebia que éramos diferentes, não apenas pelo meu comportamento, mas por outras questões, altura, cor da pele, idade, enfim entre tantas outras diferenças. Porém, na fala de muitos, eu tinha que seguir as maneiras corretas para afirmar minha masculinidade, imagem de “menino homem”, como era comumente dito pelas pessoas.

Nesse compasso, também lembro que ouvia muito dos meus amigos de sala, dos colegas da rua, além dos meus tios, que o modo como eu agia estava errado, e que deveria mudar, porque tal compostura não eram “modos de homem”. Eu não entendia e chorava com essas cobranças as quais eles diziam que deveria seguir, mas eu não sentia vontade de ser igual a eles, pois eu tinha outros gostos e outras maneiras que me deixavam feliz. Além disso, acreditava que muitos homens e meninos passavam também por isso, tinham desejos de seguir seu próprio jeito de ser, seus próprios gostos diante da vida.

Agora, por que tínhamos que seguir um padrão masculino? Essa é uma pergunta que se entrelaçava entre os meus pensamentos, porque eu sentia que em cada contexto, espaço ou grupo existia um padrão, uma maneira de se entender a ideia de ser, de apresentar-se enquanto homem. No entanto, em minhas reflexões, ainda quando criança, eu imaginava que existiam tantos modelos de homens, tantos que eu não podia calcular, mas que não deixavam de ser homem, só porque não seguia o modelo padrão. Assim, outro questionamento que eu fazia era: onde surgiu esse modelo, como deveria ser homem, onde se originou esse modelo? Quem criou esse modelo? E por que foi criado? Por que foi reproduzido ao longo dos anos?

Assim, olhando para minha realidade, percebi o quanto ser homem é difícil, como é pesado carregar o título de homem, principalmente quando se pertence a um grupo de pessoas que defende esse título como uma premiação das suas vidas. Desse modo, morar no nordeste, no interior do Maranhão, assim como em outros lugares, é – viver vigiado pelos discursos das normas, viver e aprender a conviver com as percepções construídas sobre como deveria ser um homem baseado na força, quando não se é forte, baseado pela voz grossa, quando não se tem a voz grave, baseado pelo andar masculino,

quando não se tem essa performance, ser o garanhão entre as mulheres, quando não se tem tal percepção sobre como se deve conviver com as mulheres – isso se torna uma tarefa difícil. Ser homem se torna uma tarefa árdua. Carregar o título de homem é um desafio.

Lembro sempre das situações em frente à TV, pois eram os momentos em que existia, por parte dos meus pais, um processo de educabilidade do meu corpo e do corpo dos meus irmãos, pois nesses momentos apontava-se o que era o comportamento “ideal” para o homem, e o que denotava como contra modelo. Meu pai, principalmente, prontificava-se em direcionar tais questões, como eu e meus irmãos deveríamos nos comportar.

Assim, tornou-se comum, no meu cotidiano, escutar como um homem podia agir, o que ele deveria fazer e como deveria fazer. Por exemplo, em propagandas de cerveja, eu sempre ouvia “olha aí um macho de verdade deve beber cerveja”; nas novelas, os personagens que fumavam também eram entendidos como modelos dessas práticas de masculinidades e virilidades cujos demais deveriam olhar para assumirem posturas iguais.

Entre tantos momentos, não poderia deixar de frisar as experiências acerca da música e dança em minha vida. Eu ouvia e cantava canções de grupos musicais que estavam em alta, naquela época (1990), porém sempre fazia isso na frente da minha mãe que ficava calada, nunca dizia nada, apenas achava engraçado. Da sua parte não lembro que ecoou palavras de como eu deveria me comportar como homem. A meu ver, ela entendia que era apenas uma criança buscando se divertir. Porém, eu não tinha coragem em fazer algo parecido na frente do meu pai, pois certamente seria repreendido com palavras e frases, como “isso não é coisa de homem”. Por essa via, muitas situações que vivi foram se tornando pontos de interrogação acerca da compreensão em relação a minha identidade, sobre quem eu era, como também eu me sentia.

Levei muitas dessas interrogações para minha graduação, como também para o mestrado, porém não tive oportunidade para estruturar uma pesquisa aprofundada acerca destas questões, envolvendo as representações discursivas sobre o que é ser um homem. Mesmo na graduação e mestrado, discutindo acerca dos discursos constituídos acerca do homem ideal, ainda sentia a necessidade de entender a palavra homem no plural, mais especificamente a identidade projetada sobre eles, nós, enfim.

Por isso quando cheguei à terra das Mangueiras, Belém do Pará, pude conseguir enxergar possibilidades para desenvolver uma pesquisa que criasse caminhos

para clarificar essa masculinidade no plural. Não que eu redirecionasse para Belém a pesquisa, mas a cidade com sua dinâmica conversava comigo, fazia convites para eu entender os diversos comportamentos possíveis dos homens e, mais ainda, as diversas masculinidades existentes.

Por que a cidade de Belém se tornou um palco para me auxiliar nesse processo de compreensão da masculinidade, ou melhor, das masculinidades? Pelo fato dessas diversas performances masculinas se manterem dentro da cena social, comportamentos múltiplos que eu identificava a partir da experiência e me ajudavam a dialogar com os arcabouços teóricos sobre masculinidade. E, nesse compasso, projetar, com o olhar mais refinado, para o cenário e recorte temporal da minha pesquisa, Caxias, entre o final do século XIX e início do século XX, durante a chamada Primeira República.

Entre tantos questionamentos que carregava, o meu desejo, enquanto pesquisador, era buscar realizar um estudo onde fosse possível, talvez, amenizar minhas angústias, meus anseios sobre o que é ser homem. Assim, fiz o projeto de doutorado com intenção de compreender essas ideias de masculinidade em Caxias.

Desse modo, tracei como caminho a seguir o recorte temporal de 1930 a 1970 para investigar sob a ótica da imprensa como os discursos representavam as masculinidades caxienses. Por esse viés, para auxiliar na análise, fazia uso das biografias e autobiografias, como um rol de fontes para capturar os sentidos da ideia de ser homem, problematizando a masculinidade na sua pluralidade, pois pelas leituras prévias e as minhas experiências, já conseguia entender que eu, meus irmãos, meu pai, meus tios, meus amigos e tantos outros homens não erámos os mesmos, tínhamos o mesmo órgão sexual, que pela perspectiva biológica nos definia, porém tínhamos diferenças no sentir e no agir, que não eram definidas pelo fator biológico.

O recorte temporal acima foi escolhido por uma questão de entender esse momento como um período de transformações expressivas, principalmente no que concernem as subjetividades dos indivíduos e como os corpos e as performances, tanto de homens e mulheres, apresentavam-se de maneiras diversas. Porém, senti que essas mudanças estavam atreladas ao processo de modernização da sociedade brasileira ocorrida no final do século XIX e início do século XX, que pode ser observada, por exemplo, no corpo documental que se tornou a base dessa tese, a imprensa. Nesse período jornais e revistas passaram a ter uma tiragem maior, novas tecnologias de impressão, anúncios de publicidade mais constantes e voltados para questões relativas ao vestuário, à saúde, à beleza, à doença, enfim, questões relacionadas ao corpo. Assim,

redefini meu tema para entender as masculinidades que se apresentavam em Caxias, pela ótica da imprensa que circulou na cidade entre os fins do século XIX e início do século XX.

Segui, então, os rastros das minhas perguntas, dos meus pontos de questionamento, sobre como a imprensa traduzia as maneiras de ser da ideia de homem, como de maneira direta e indireta os discursos construíam, dentro do imaginário social da cidade de Caxias, elementos para entender o que era ser homem no interior do Maranhão, se comparados a realidade de outros lugares do país naquele mesmo contexto.

Nesse compasso, pude tentar buscar refletir como essas masculinidades e seus comportamentos podiam nos apontar os caminhos de compreensão dos sentidos dados a ideia da masculinidade durante a Primeira República, em Caxias-MA. Por isso, conviver numa cidade de múltiplas performances masculinas, como Belém, ajudou-me a refletir sobre o papel da imprensa na propagação de discursos que ratificassem um ideal de comportamento, como os cuidados em relação ao corpo e a aparência física que eram vistos como pontos de alicerces da masculinidade do homem caxiense.

Desse modo, na contemporaneidade, e mais ainda em Belém, percebi o quanto o desenvolvimento da cidade é importante para se buscar compreender como o homem, assim como outros gêneros, formaliza-se dentro dos discursos e, mais ainda, sem suas performances enquanto sujeito pertencente a um grupo social.

Nesse íterim, a terra das mangueiras possibilitou, através de um olhar antropológico, que eu conseguisse enxergar tanto em Belém como em Caxias – dos traços sertanejos – que a masculinidade, ou melhor, as masculinidades são originadas de elementos particulares, pois é necessário levar em consideração o segmento social, a identidade étnica e religiosa, política e econômica em que esse homem se encontra inserido.

Assim, em minha volta para Caxias, os meus sentidos se tornaram ainda mais aguçados, então lancei mão de ferramentas para também voltar os meus olhos à Caxias dos tempos da Primeira República, pois já tinha condições de escarafunchar, entre as folhas amarelas dos jornais caxienses pertencentes a esse período, as maneiras de ser e estar na condição de homem.

Nesse compasso, o ponto de construção das minhas análises se voltou, inicialmente, para entender de que forma o aspecto biológico se projetava como uma

premissa de autoafirmação da masculinidade. Um princípio que historicamente fortaleceu a teoria do patriarcado.

Desse modo, lembrando as ideias constituídas acerca do patriarcado, o homem, baseado em um sistema sociocultural, deve ter o poder sobre o comando e provimento das famílias e, mais ainda, sobre as mulheres. Nessa via de compreensão, independente do órgão ou contexto social, dever-se-ia então estabelecer com esse homem o respeito, a admiração e estima a imagem da masculinidade hegemônica.

Olhando tais questões, percebi esses elementos em relação as práticas que eram estabelecidas dentro da minha casa, como também em outras situações com meus familiares. Nessa ótica social, a imagem do homem é projetada como uma masculinidade superior, pois ele deteria o poder de gerir o grupo familiar, o que se estabeleceria a valorização do homem não apenas dentro da família, mas também diante da sociedade.

Notava ser uma premissa, pela qual muitos caxienses possuíam como uma forma de preservar os chamados valores tradicionais para se estabelecer tanto dentro do núcleo familiar, como socialmente falando uma ordem cujos princípios religiosos e legais detinham como ideal para todos.

O princípio da legitimidade do poder masculino, em relação aos demais sujeitos da sociedade, efetiva-se como uma forma pela qual os discursos advindos das instituições sociais regentes da chamada ordem haviam encontrado, para que os papéis de homens e mulheres pudessem ser percebidos como funções “naturais” a partir dos aspectos biológicos desses sujeitos.

Nessa ótica, identificava que a ideia de força e coragem era e deveria ser pontos que qualificavam o perfil do homem e, mais ainda, sua masculinidade. Um ponto que, ao longo da história, foi constituído como algo naturalizado.

Como sabemos, é pela ótica da socialização que ocorre aprendizagem de uma série de valores, normas e “verdades” constituída sócio-historicamente, essa lógica do homem como regente das relações no cotidiano perpassou como algo inquestionável dentro da família, principalmente.

Tais aspectos de formalização da condição do homem, como essa figura com poderes não apenas em relação à mulher como também a outros homens, demonstram o quão a sociedade, com suas maneiras de influenciar na construção da identidade de homens e mulheres, formalizou conceitos sobre o perfil masculino, o que denotou como regra a qual todos deveriam seguir como uma forma de ter aceitabilidade por todos.

Nessa esteira de considerações, o homem no espaço público deveria ser detentor de aspecto como um perfil de homem com autoridade, independência e racionalidade. Isso marcaria e definiria a sua identidade masculina, como também sua virilidade entre outros homens.

Porém, devemos ressaltar que no jogo das relações sociais não é possível identificar uma masculinidade, um tipo de homem, e, principalmente, esse homem com sua masculinidade hegemônica. Notamos que existem, nesse campo, homens que afirmam sua masculinidade, a virilidade por tantos meios cujas premissas nos dimensionam a capturar uma variedade de masculinidades que acabam se distanciando do modelo padrão. Essa premissa se dá devido a ideia de poder que elas agregam para si, como também com quem elas constituem um campo de lutas, com o modelo hegemônico de masculinidade, entendido como algo inalcançável na visão dos teóricos dos estudos da masculinidade.

Nessa ótica, as relações de poder, entre essas masculinidades, são estabelecidas pelas variáveis que as efetivam como tais, pois, no jogo social, marcadores como etnia, segmento social e poder econômico são fatores pelos quais os homens serão analisados, o que tipifica essa masculinidade em grupos e espaços onde ela pode atuar e fazer apresentar suas performances para representar um tipo de homem.

Outro ponto pelo qual se deve entender o campo das relações de gênero, principalmente a masculinidade e os efeitos que os marcadores sociais representam para compreensão dessa masculinidade, seria a dinâmica das transformações sociais efetivadas, no final do século XIX e início do século, e como o poder econômico e a honra, foram elementos que ponderaram para a construção da ideia de estabilidade da masculinidade.

O elemento econômico significava a capacidade desse homem diante dos demais uma distinção de poder. Por isso a figura do homem atrelado ao mundo do trabalho, independente da sua masculinidade, irá ser uma marcação da sua positividade dentro das regras que notificam esse comportamento masculino, adequado às prerrogativas de normatização social idealizada pelo grupo social e contexto em que se analisam as percepções acerca da masculinidade.

É salutar mencionar que essa regra é quebrada, principalmente, quando se lança o olhar para indivíduos cujas ações denotam um caminho inverso, pois sua prática masculina busca estabelecer outros caminhos na efetivação da sua masculinidade por se estabelecer no foco de análise como o chamado contra modelo.

Nesse ponto, as práticas masculinas constituídas pelos gatunos, no começo do século XX, como também pelos bêbados, corporificam como performances masculinas em que eles não estabeleciam, um compromisso com o mundo do trabalho, um vínculo necessário para conceder a eles o título de masculinidade, por que na sociedade se estabeleceu essa ideia de que apenas seria visto como homem o indivíduo que fosse um sujeito inserido em atividades laborais de renome da sociedade.

Imprensa, Cidade e Masculinidade

O uso dos jornais como fonte para pesquisa no campo historiográfico vem sendo nos últimos anos uma via de acesso para se decifrar os significados dos mais diversos objetos da história, como também das outras áreas das ciências humanas.¹ Assim, ao problematizar os jornais caxienses, partimos da premissas de que as fontes hemerográficas seriam uma maneira para conduzir a nossa pesquisa acerca das representações constituídas sobre a figura masculina durante a Primeira República na cidade de Caxias.

Inicialmente nosso desejo seria catalogar todos os jornais que circularam no recorte temporal da pesquisa, porém freamos tal ação a partir do momento que observamos as características desses jornais, como por exemplo, o período de circulação. Isso porque os periódicos saíam das prensas das tipografias em períodos diferentes como semanal, bissetimanal e trissetimanal. Assim, optamos em trabalhar com os jornais que se apresentavam no cotidiano caxiense com uma frequência mais expressiva como os jornais, **Jornal Commercio de Caxias**², **Jornal Gazeta**³, **Jornal**

¹ Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual, precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 112).

² Jornal Commercio de Caxias, periódico agrícola, Industrial, artístico e noticioso, que emerge no cenário citadino em 1877. O jornal chegava as casas dos caxienses, semanalmente. O proprietário inicialmente era Paulo Ribeiro da Conceição e Silva.² Depois, passou a ser propriedade de Luiz José de Melo, mudando seu subtítulo para órgão comercial e noticioso.

³ Jornal Gazeta, periódico destinado aos interesses públicos, começou a circular em Caxias, em 1887. Segundo, as informações apresentadas no Catálogo de Jornais Maranhenses do acervo da Biblioteca

de Caxias⁴, **Jornal o Paiz**⁵, **Jornal do Commercio**⁶, **Jornal o Bloco**⁷, **Jornal o Janota**⁸ e **Jornal Voz do Povo**⁹, pois eram periódicos considerados como diários. Além de serem periódicos que conseguiram abarcar um tempo maior quanto sua sobrevivência nas tipografias da cidade.

Por isso que, em relação a imprensa, a historiadora Maria Helena Rolim Capelato (1988) diz que nela se encontram “os costumes, as práticas sociais, o folclore, enfim, todos os aspectos do dia a dia estão registrados em suas páginas. Neste tipo de abordagem o pesquisador pode recorrer às colunas sociais, aos “faits divers”, às ilustrações, às caricaturas e as diferentes seções de entretenimento.”¹⁰

Nesse compasso, os jornais se tornaram ao longo do processo de mapeamento dobras em papel, onde as representações acerca dos comportamentos masculinos conseguiam ser percebidas de maneira mais expressiva, principalmente, por tais periódicos enfatizarem em suas páginas leituras acerca do cotidiano da cidade de Caxias.

Pública Benedito Leite, o jornal se declarava sem filiação partidária, o que percebemos o quanto o jornal destina suas páginas a observar os problemas existentes na cidade. O jornal tinha circulação trimestral.

⁴ Jornal de Caxias, periódico tinha como subtítulo, órgão comercial e noticioso. Segundo informações, o mesmo inicia sua circulação na cidade em 1985, em caráter semanal. Como um periódico noticioso, ele apresentava em suas páginas uma variedade de notícias, além das páginas destinadas aos anúncios comerciais tanto da cidade, como de outras regiões circunvizinhas.

⁵ Jornal o Paiz, tinha perspectiva comercial, enfatizando a lavoura e indústria. Surge no cenário caxiense em 1903. Possuía o tom crítico as questões sociais da cidade de Caxias, em alguns momentos apresentava-se como literário, mas seu principal objetivo era relacionar as questões econômicas. A maior parte de suas colunas era referente lavoura, comércio e indústria. Aos poucos, a ênfase aos assuntos econômicos foi abrindo espaço para a política e a literatura, sem, contudo, esquecer as origens. Redigido por várias pessoas, sendo como gerente, Sadok Pastor. Impresso por Raymundo Balthazar da Silva.

⁶ Jornal do Commercio, periódico que circulou entre 1905 a 1951, mas durante pesquisa conseguimos exemplares, apenas em 1930. O jornal era dedicada aos interesses do comércio; advogava não ter filiação partidária e ser hostil à intolerância. De acordo com seu editorial, fiscalizava os três pilares da gestão da política da pátria: o País, o Estado e o Município. Propriedade de Teixeira e Muniz.

⁷ Jornal o Bloco, tinha como subtítulo, jornais dos interesses gerais. Segundo informações presentes no Catálogo de Jornais Maranhenses, esse jornal iniciou sua circulação em 1916. Considerado como crítico, noticioso e anúncios variados. Pertencia a associação de homens da cidade, que por sinal não havia informações mais específicas sobre essa associação. O mesmo era alvo de críticas, devido sua coluna de Fuxico, onde tratava de questões pessoais, dos cidadãos caxienses. No comando da redação do periódico estiveram os caxienses, Cromwell de Carvalho, Myron Pedreira, Hugo Bittencourt, Hemertério Leitão e João Guilherme de Abreu. A gerência do periódico, teve os cuidados de José Monteiro entre 1916 a 1918 e posteriormente assumida por F. Cardoso Junior.

⁸ Jornal o Janota, representava uma loja da cidade de Caxias, onde o mesmo apresentava como subtítulo, órgão da Loja do Povo. Suas preocupações estavam direcionadas ao campo literário, com destaque as charadas. Além desses elementos, o mesmo fazia recomendações que os caxienses, fizessem o uso dos produtos vendidos na Loja do Povo. O proprietário do jornal eram os comerciantes e burgueses Teixeira e Muniz, Sucessores. A impressão do Janota era realizado na tipografia do Jornal O Paiz, com distribuição gratuita.

⁹ Jornal Voz do Povo, declarava-se como órgão noticioso que agia em prol dos caxienses. Tanto que seu subtítulo era, defensor dos interesses coletivos. Em suas páginas divulgava ser um jornal independente. A direção do jornal foi feita por Ausonio Câmara.

¹⁰ CAPELATO, Maria Helena. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988, p. 21.

A imprensa informa e forma; privilegia, dispõe e relaciona as notícias, elegendo os acontecimentos que merecem destaque e os que serão relegados ao esquecimento. Não registrando apenas o fato ela o cria, na medida em que seleciona o que é e o que não é notícia, seja por critérios jornalísticos, ou por interesses econômicos e políticos.¹¹

Os periódicos citados anteriormente declaravam-se como noticiosos, o que se apresentou para esta pesquisa sobre as representações masculinas como um fator relevante, pois com tal característica os jornais tinham como fonte para preencher suas páginas cenas e práticas dos cidadãos caxienses, diante dos diversos aspectos que esses indivíduos estivessem envolvidos, seja no campo da política, nos momentos de sociabilidade, nas cenas vexatórias, nos crimes, entre outras questões possíveis vividas pelos caxienses no cotidiano.

À medida que os ânimos políticos se acalmam, surgem dois novos padrões de imprensa, que passam a dividir espaço com a imprensa político-partidária, e que diferem tanto desta quanto da antiga estrutura de pasquinagem. De um lado surgia, mesmo que de forma bastante efêmera, em princípio, uma imprensa organizada nos moldes empresariais e voltada à notícia enquanto produto; de outro, uma imprensa combativa e que buscava representar um setor ainda incipiente da sociedade brasileira, o operariado urbano.¹²

Assim, a prática desta imprensa que volta o seu olhar para tais questões seria uma tentativa em se tornar uma imprensa republicana, uma vez que nela se estamparia com

[...] exaustão as ideias e imagens do progresso pretendidas pela nova ordem. Ao lado da política, a urbanização foi um de seus grandes temas, veiculada pela festejada modernização do aparelhamento jornalístico, com novas oportunidades tecnológicas para a produção e reprodução do texto e da imagem, em que desdobrou a estética literária parnasiana emoldurada por guirlandas art-nouveaux. Conglomerados jornalísticos consolidaram-se naqueles anos eufóricos, introduzindo novas relações no mercado do impresso. O debate político, a veiculação do quadro econômico e a exaltação das transformações urbanas foram conduzidas pela propaganda e pela publicidade, que se profissionalizavam, a serviço de grupos

¹¹ STEPHANOU, Alexandre Ayub. Censura no Regime Militar e militarização das artes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 41.

¹² OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930), Revista Historiæ, Rio Grande, 2 (3): 125-142, 2011, p. 138.

estrangeiros e dos primeiros governos republicanos... frase de ordem: o Brasil civiliza-se.¹³

Desse modo, entre as páginas dos jornais, buscamos garimpar os discursos que evidenciaram os comportamentos masculinos e discorriam acerca do uso de medicamentos para o melhoramento das condições físicas; dos feitos vexatórios realizados por causa do uso das bebidas; das queixas públicas; das trocas de farpas entre homens que tinham sua honra manchada, em vista dos desentendimentos por interesses diversos; além das notas policiais que se tornaram mais presentes nos jornais caxienses, sinalizando uma preocupação com os comportamentos dos homens envolvidos em crimes como homicídios, assassinatos e espancamentos.

Ao folhear os jornais caxienses, percebemos que esses buscavam apresentar, ao longo das notas, o cotidiano experienciado na cidade, no contexto da Primeira República, assinalando a existência de homens que desvirtuavam a chamada ordem da cidade, em vista das práticas que realizavam. Por essa lógica, ao pensar no conceito de homem apontado pelos discursos da imprensa nesse contexto, as considerações de Pierre Bourdieu se tornam relevantes, principalmente para compreender esse campo subjetivado através das representações presentes nos jornais.

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.¹⁴

Mediante esta questão, o conceito de ordem se mantinha como parâmetro de organização para constituição de uma sociedade, em consonância aos valores morais e cristãos tão exaltados no bojo das relações sociais, no império, e evidenciados nos primeiros anos da República, mostrando a continuidade dessas representações em muitos aspectos.

[...] a representação é instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como

¹³ MARTINS, A. L. & DE LUCA, T. R. (Org.) História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 79/80.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, pp. 64, 66, 69 e 70.

ele é. [...] outras porém, são pensadas num registro diferente; o da relação simbólica que [...] consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais [...].¹⁵

Nesse percurso, questionamos: Como na República, os elementos que denominavam a chamada ordem foram construídos para analisar as ações dos homens e mulheres? Percebemos, no caso da cidade de Caxias, a partir dos jornais, que a palavra ordem, nesse novo regime, foi encarada como novo parâmetro de regularidade das ações de homens e mulheres da cidade.

A imprensa passou a traduzir as novas ideias e hábitos gerados pelas transformações vivenciadas pela população, tornando-se o espaço privilegiado para a discussão dos problemas e rumos da sociedade. Reforçando essa condição, a imprensa do início do século XX era um dos principais canais de informação e de transmissão de valores.¹⁶

Por essa ótica, é salutar mencionar um aspecto interessante em relação aos discursos garimpados na imprensa caxiense. Esses, em sua maioria, eram reproduções de outros periódicos existentes no sul do país como, por exemplo, Santa Catarina, Sudeste, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo¹⁷. Além dessas questões, os discursos mencionavam os princípios de ordem e progresso para regularizar a Nação, como também insistiam em formalizar, pelo olhar desses conceitos, os parâmetros para alcançar o *status* de nação do progresso, crescimento e disciplinamento de homens e mulheres daquele contexto.

Nesse sentido, o conceito de ordem é usado em contra posição aos comportamentos vistos como desordem. Percepção esta observada pelo viés da imprensa caxiense no contexto desta pesquisa. Outro uso da imprensa é a disseminação de formas de ser e comportar-se em prol de estabelecer consonância com os discursos que idealizavam uma sociedade coesa e normatizada para atingir o ideal de Nação.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo de

¹⁵ CHARTIER, Roger. História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002, p. 20.

¹⁶ BUCHOLDZ, A. P. Diário dos Campos. Ponta Grossa, Editora Uepg, 2007, p. 23.

¹⁷ A referência das notícias originária do sul país, só foi possível identificar por causa das informações apresentadas ora no início, ora no final do texto, reproduzido pelos jornais caxienses, mas as reproduções não mencionam quais eram os jornais que as informações foram extraídas.

informações, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.¹⁸

Por isso, observamos nos textos publicados nos jornais, *Gazeta Caxiense* e *Jornal de Caxias*, por exemplo, o reforço do conceito de ordem atrelado ao lema “ordem e progresso”. Percebemos ser uma maneira para estabelecer um padrão, como também pensar um sentido de cidade. E para isso era necessário coibir práticas vistas como desordem, principalmente praticadas pelos homens dos segmentos populares.

Nessa perspectiva, é válido ressaltar que constatamos uma diferença entre os jornais caxienses pertencentes à primeira metade do século XIX e os jornais referentes à segunda metade, em especial as décadas posteriores aos anos 60, que não apresentavam de maneira demasiada notícias correspondentes a assassinatos e espancamentos com intensidade, como podemos identificar no começo da Primeira República.

Por conseguinte, ao garimpar os discursos desses jornais nos primeiros anos da República, notamos que o formato de experiência da imprensa caxiense se modifica trazendo ao público informações mais diversas sobre o cotidiano da cidade de Caxias, o contexto político, cultural e econômico do Maranhão e do Brasil, além de um número expressivo de anúncios e reclames para venda de produtos que chegavam à cidade.

Para Tania Regina de Luca (1999), a imprensa ganhou ares profissionalizantes. Dessa forma, a relação com o aspecto econômico se tornou um elemento que influenciou na melhoria da estética do jornal, bem como no perfil das notícias divulgadas. Além dessas questões, “o jornal, a revista e o cartaz – veículos de palavra impressa – potencializavam consumo de toda ordem. Apesar desses avanços, a imprensa brasileira ainda estava longe de sua “fase de consolidação” como destaca Juarez Bahia e mesmo da “grande imprensa”, como afirma Nelson Werneck Sodré¹⁹.

Desse modo, além de pensar como a imprensa caxiense construiu as representações em torno das práticas dos homens pertencentes aos segmentos populares, buscamos também compreender como os jornais estão denominando as ações de ordem e desordem, em que estavam envolvidos os cidadãos caxienses. A luz desta questão, Roger Chartier nos aponta que:

¹⁸ DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Orgs.). Fontes Históricas. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153, p. 118.

¹⁹ LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. Imprensa e cidade. São Paulo: Editora da UNESP, 2006, p. 38.

primeiramente, as operações de recorte e de classificação que produzem as configurações múltiplas graças às quais a realidade é percebida, construída, representada; em seguida, os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exhibir uma identidade própria de estar no mundo, a significar simbolicamente um estatuto, uma ordem, um poder; enfim, as formas institucionalizadas através das quais ‘representantes’ encarnam de modo visível, ‘presentificam’, a coerência de uma dada comunidade, a força de uma identidade, ou a permanência de um poder.²⁰

Nesse caso, a representação se torna aqui uma demonstração acerca da realidade pública, dos sujeitos e suas práticas. Em vista desta questão, Chartier nos ajuda a compreender como a imprensa caxiense produz representações das masculinidades que consegue capturar a partir das performances dos homens públicos, homens dos segmentos populares e as maneiras como eles efetivam suas masculinidades. Por isso, é necessário observar como são efetivados no campo do discursos, como funcionam a construção dessas representações, quais os efeitos que decoram os textos, além dos elementos discursivos entrelaçados nessas formas de enunciação, como ocorrem na imprensa.

Em vista dessa ideia, essas representações, tratam de uma realidade comum a um conjunto social, pois essas representações sociais, surgem dos fenômenos humanos, que devem ser vistos a partir de uma perspectiva coletiva. Claro que não se pode deixar de lado, o indivíduo que participam dessas tramas cotidianas. Acerca desta ideia, Michel de Certeau, aponta que ao olhar para o cotidiano, permite maneiras distintas de ver como os indivíduos tenha apropriações diversas. Então como um espaço constituído de disputas e rupturas, esse cotidiano praticado subverte os elementos conceituais, principalmente quando se olha para as rotinas ou regularidades em que os indivíduos tecem para significar o cotidiano.

Nesse compasso, Michel de Certeau (2008), aponta ser no cotidiano, o terreno fértil para termos a capacidade de identificar a partir das tramas urdidas pelos sujeitos, os valores, as relações afetivas, os conflitos sociais, coletivos e individuais, elaborados dentro das suas singularidades. Por isso, ao lançar o olhar para esse cotidiano, onde esses homens estavam inseridos, é uma maneira de compreender como eles fazem a digestibilidade de noções acerca das ideias de ser homem, ser viril, por exemplo.

²⁰ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, pp. 61-80.

Outro aspecto que essas representações sociais, acabam constituindo é apreensão das vivências sociais, pois são sintetizadoras dessas maneiras como esses indivíduos se envolvem nas questões do cotidiano. Nesse caso, as representações elaboradas pelos jornais criam uma mobilização das capturas sociais, configurando uma interpretação das ações desses sujeitos e suas ações dentro da realidade social.

[...] qualquer fonte documental que for mobilizada para qualquer tipo de história nunca terá uma relação imediata e transparente com as práticas que designa. Sempre a representação das práticas têm razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação Mas essa posição metodológica não significa de modo algum a redução e, menos ainda, a anulação das práticas nos discursos e as representações que as descrevem, as prescrevem, as proíbem ou as organizam. Tampouco implica uma renúncia à inscrição social tanto dos esquemas de percepção e juízo que são as matrizes das maneiras de dizer e fazer, que designei em diversos textos mediante o termo de “apropriação”.²¹

Nesse compasso, um dos sujeitos que podemos acionar para nos ajudar no processo de compreensão dessas masculinidades que circulam na cidade é a figura do articulista, o jornalista, que traz à tona as notícias desses indivíduos. Para isso, o jornal *O Paiz*, em uma das suas edições, aponta que:

O jornalista tem na sociedade uma influência muito mais profunda que a do mestre escola e responsabilidade muito mais graves. É o jornal que refere e que explica ao povo as diferentes phenomenos de sua vida política, de sua vida social, da sua vida econômica. É o jornal que faz a crítica das instituições e dos costumes. É o jornal que estabelece o critério por que tem de ser julgados factos da vida civil e da vida moral. É o jornal que fixa para a multidão o ponto de vista nas altas questões da honra, da dignidade e do dever.²²

Marialva Barbosa (1997) aponta ainda que o jornalista adentra em “territórios até então intocados e zelosamente defendidos”. Assim, a autora ratifica que os jornais se tornaram verdadeiras fábricas de notícias, principalmente a partir de 1890, porque introduzem em seus editoriais uma nova maneira de informar, como também elementos mais atrativos para os leitores e patrocinadores. Essa estratégia foi utilizada, dentro da perspectiva capitalista, para também para garantir uma receptividade mercadológica.

²¹ CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de Representação. *Fronteiras*. v. 13, N° 24. p. 169-183, 2011, p. 16.

²² Jornal *O Paiz*, 26 de junho de 1904, Anno II, número 75, p.03.

A estética do jornal, como se afirmou anteriormente, modificou-se em vista da ideia de se tornar mais atrativo. Nesse sentido, as novas técnicas de produção do jornal permitiram o uso de imagens e fotos, como forma de ilustrar melhor as mensagens que se desejava passar aos leitores. Outra mudança visível, em relação aos jornais, foi a constituição de uma estrutura fixa quando se pensava nas informações divulgadas, por exemplo, os artigos e as informações que tinham extensão mais expressiva já tinham um espaço fixo no perfil desses periódicos.

Outro aspecto visível, apontado por Marialva Barbosa, nesses jornais, foi a publicação diária dos escândalos sensacionalistas, do palpite do jogo do bicho, das notícias dos cordões e blocos carnavalescos, entre uma gama variável de assuntos. Os periódicos visavam, agora, a um público vasto e heterogêneo.²³

Em relação às informações de cunho sensacionalista, podemos perceber tal realidade nessa nota que utilizamos para abrir nossa discussão. Essas notas referentes aos desentendimentos entre homens se tornavam cada vez mais presentes nos periódicos caxienses. Conforme as considerações da imprensa, tais desentendimentos eram ocasionados em vista dos homens buscarem reafirmar sua “macheza”, sua “virilidade”. Para os jornais, essas situações ocasionavam “fraturas” na chamada tranquilidade da cidade de Caxias, principalmente, por causa do desejo de se possuir uma cidade da ordem.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação.²⁴

Para a imprensa, situações como essas, que citamos no início do texto, apresentavam indícios de que tais homens realizam um movimento de contra mão à palavra ordem, pois, segundo as percepções desses jornais, acabava se esvaziando e correndo pelo ralo a ideia de uma cidade tranquila e coesa para se viver. Situações conflituosas e violentas, nesse momento, aparecem de maneira expressiva nas edições apresentadas pelos jornais.

²³BARBOSA, Marialva. Imprensa, Poder e Público: os diários do Rio de Janeiro. Intercom – Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo, Vol. XX, nº 2, pag. 87-102, jul/dez, 1997, p. 9

²⁴ CHARTIER, Roger. A história Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, s/d, p. 17

[...] a *representação* que os indivíduos e os grupos fornecem inevitavelmente através de suas práticas e de suas propriedades faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu *ser-percebido* quanto por seu *ser*, por seu consumo – que não precisa ser *ostentador* para ser simbólico – quanto por sua posição nas relações de produção (mesmo que seja verdade que esta comanda aquela).²⁵

Nessa via, as representações são entendidas como elementos relevantes para constituição das classificações, como também para as divisões sociais. Por essa perspectiva, vamos ter do cenário social um número variado de representações, pois estas acabam sendo estratégias de normalização das práticas sociais, onde existem os sujeitos que são agraciados pelas classificações e outros que acabam sendo deixados à margem. Esse fato constitui devido a marcadores sociais, como a condição econômica que esses indivíduos pertencem.

O discurso, nesse caso, torna-se uma forma de expressão ideológica. No entanto, não podemos ver o outro como um agente passivo, mudo, mas um sujeito de palavras, possuidor de uma atividade mental, que provocará com o mundo exterior uma operação de sentidos, significados. Bakhtin chama isso de “fundo perceptivo”, que é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior.²⁶

Nesse momento, é válido registrar que os discursos não podem ser vistos fora do contexto em que são narrados, pois eles operam pela linha ideológica defendida nesse momento histórico. Isso é um elemento importante, porque todo discurso só ganha espaço na sociedade quando pode ter uma funcionalidade social em prol dos interesses dos sujeitos que o operam. O discurso emitido e o contexto de sua transmissão são somente os termos de uma inter-relação dinâmica.²⁷

Bakhtin considera ainda que o discurso pode ser recebido e visto como um comportamento social único e verdadeiro, sendo assim aprendido como uma tomada de posição que não interessa discussão muito menos análise. Apenas o “o quê” do discurso é apreendido, enquanto o “como” fica fora do campo de compreensão.²⁸

²⁵ BOURDIEU, *La distinction. Critique sociale du jugement*. 1979. Apud. CHARTIER, 2002 [1994c]: 177. As ênfases são do original.

²⁶ Ibid., p. 151.

²⁷ Ibid.

²⁸ BAKHTIN, op. cit., p. 152.

Nesse caso, os discursos são moldados para que não sejam infiltrados por interpretações outras, pois isso poderia inviabilizar o próprio jogo de interesses pelos quais os produtores desses discursos lançam sobre esse jogo linguístico. A ideia é fazer com que tais discursos estejam enquadrados em espaços isolados quanto a significados múltiplos, ou seja, ao protegê-los de infiltração pelas entoações próprias ao autor, isso simplifica e consolida as características linguísticas individuais, como os próprios interesses dos produtores desses discursos.²⁹

Para Bakhtin, os discursos são influenciados pelas condições econômicas dos grupos sociais que os emitem. Em cada época, esses aspectos devem ser levados em conta, pois são pontos de medidas para avaliar o grau de interesses inseridos nas teias discursivas dos discursos produzidos. O espaço onde são produzidos configura a forma, o destino desses jogos linguísticos. Nesse sentido, a língua registra “as impressões do discurso de outrem e da personalidade do locutor, os tipos de comunicação sócio ideológica em transformação no curso da história manifestam-se com um relevo especial”.³⁰

Sócrates Nolasco (1993), quando pensa sobre a ideia de violência posteriormente a esta realidade que estamos analisando, nos traz contribuições importantes para discutirmos, por exemplo, como a validade social da “agressão se transformou para os homens em sinônimo de iniciativa. Incorporada às suas identidades, agressão passou a ser, para um homem, elemento de constituição que, sobreposto à virilidade, produz os “machões”³¹.

Por essa perspectiva, ao olharmos para esse contexto da Primeira República em Caxias, podemos fazer o seguinte questionamento: qual é a visão do entendimento da palavra homem na dinâmica da sociedade, mediante ao que se deseja, enquanto comportamento desses sujeitos no seu cotidiano? Uma resposta, pelo qual não se tenha resposta agora, mas que será possível encontrá-la ao longo da análise dessa abordagem.

A maneira como a República se materializou no Brasil, em seus anos iniciais, talvez seja realmente constituída como bem nos apontou José Murilo de Carvalho, em sua obra *Os Bestializados*, que embora essa bestialização tenha sido experienciada de várias maneiras, modos e percepções acerca de sentir e estar em um regime republicano. Assim, ao folhear as páginas dos jornais caxienses para decifrar os comportamentos, os

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid., p. 157.

³¹ NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 76

perfis masculinos, as questões de gênero relacionadas ao mundo dos homens e suas interseccionalidades, percebi o quanto os discursos republicanos se faziam presentes, principalmente intercalados entre os desejos de manifestar uma nação ideal.

Como afirma Durval Muniz de Albuquerque, dentro do cotidiano, as práticas de gênero, das maneiras “[...] de ser homem não estão determinadas nem pela genitalidade, nem pelos códigos de sexualidade. O gênero nem é natural, sendo uma criação histórica e cultural, nem está preso completamente a uma ordem dominante de prescrições.”³²

Desse modo, à luz do campo das representações, nota-se que entre as folhas da imprensa caxiense identifica-se homens de papel, capturados da cena social, moldados a partir dos sujeitos que detinham o poder de escrever acerca dos modos, práticas e performances constituídas no campo das relações sociais em que estavam inseridos. Por isso, a noção de representação torna-se nessa pesquisa um fator relevante, pois nos guiará a buscar compreender como os comportamentos masculinos são representados pelos jornais caxienses em vista deste contexto republicano demarcado até 1930, principalmente por questionar como os valores e ideais republicanos se tornam norteadores para efetivação dos modelos masculinos que seriam aceitos pela sociedade e quais práticas não seriam aceitas na nova ordem da República.

O ideal republicano constituído dentro da Primeira República manifestou-se de diversas maneiras no Brasil. Isso devido à própria dimensão do país, como também às formas de comunicação naquele contexto, pois mesmo com renovação das tipografias ainda era possível verificar lugares cuja produção de jornais utilizava técnicas rudimentares. Isso, no entanto, não inviabilizou que a imprensa fosse utilizada como interlocutora dos ideais republicanos. Mediante essa questão, analisando os discursos proferidos pelos idealizadores da *Nação Ideal*, essa pesquisa - entrelaçada com teorias de gênero, em especial com os estudos voltados para compreender as representações acerca da figura do homem e as performances masculinas - busca-se entender como a imprensa caxiense representava qual era o ideal de masculinidade ao longo das páginas dos principais jornais, o ideal de homem que deveria se apresentar no jogo social da cidade naquele contexto.

Visto que, ao caminhar pelas páginas desses jornais que circularam em Caxias durante a Primeira República, percebe-se uma forte representação das maneiras ideais,

³² ALBURQUERQUE, JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: a invenção do falo – uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940), p. 08.

de como esse homem deveria se comportar no regime republicano que aflorava no país, principalmente quando percebe-se que os periódicos buscavam salientar quais as posturas aceitáveis nos logradouros públicos, nos espaços de sociabilidade e, ainda, quais os princípios relacionados à ideia de homem honrado que deveriam coexistir com esse homem dentro das suas relações sociais, além de reforçar o cuidado em manter o seu controle diante de desentendimentos, ocasionados por motivos diversos.

Por isso, nota-se que buscava-se imprimir na cena social, a partir das práticas dos indivíduos, a noção de ordem e desordem, o que denota nessa perspectiva os objetivos de construir uma cidade moderna a fim de contribuir para alcançar o progresso e desenvolvimento do país naquele momento.

Desse modo, podemos perceber que a imprensa buscava apresentar a existência de dois tipos de perfis: o primeiro são os sujeitos que apresentamos na nota utilizada no começo dessa discussão, representa os homens pertencentes aos segmentos populares – esses, aos olhos da imprensa, são sujeitos vistos como indivíduos desordeiros, como um contra modelo aos ideais de ordem e progresso tão exaltados no período da Primeira República; o outro perfil seriam os homens dos segmentos mais abastados da sociedade, que serviram como modelos para estes chamados de desordeiro. Nesse grupo considerado como desordeiros estavam, por exemplo, os boêmios cuja imprensa, através dos discursos, condenava suas práticas, pois quando estavam em estado de embriaguez apresentavam situações vexatórias.

Ao olharmos as folhas digitalizadas dos jornais, referentes à primeira República, percebemos que Caxias, representada nessas páginas, é uma cidade do progresso, da ordem, da disciplina, do desenvolvimento, e, ainda, uma cidade que aflora através dos discursos uma diversidade de comportamentos que se entrelaçam entre os comportamentos ditos e entendidos como ideais, como também entre aqueles compreendidos e entendidos como contraventores.

O procedimento supõe que distancia seja tomada em relação aos princípios que fundavam a história social da cultura em sua acepção clássica. Uma primeira variação foi marcada ante uma concepção estreitamente sociográfica que postula que as clivagens culturais são organizadas necessariamente de acordo com um recorte social construído previamente. É necessário, creio, recusar essa dependência que relaciona as diferenças nos hábitos culturais oposições sociais dadas a priori, seja na escala de contrastes macroscópicos (entre as elites e o povo, entre os dominadores e os dominados), seja na escala

de diferenciações menores (por exemplo, entre os grupos sociais hierarquizados pelos níveis de fortuna e as atividades profissionais).³³

A *Princesa do Sertão*, conforme os discursos apresentam através da imprensa, pelos jornais, é uma cidade que também vivia os males de ser um centro de expressividade econômica, pois os problemas como falta de segurança são elementos que se faziam presentes no perímetro da cidade.

Nas considerações do jornal, esse é um período em que os filhos da “Cidade Princesa” voltariam a viver os louros do progresso que outrora já haviam experimentado, mas que, em sua concepção, foi “roubado” pela falta de compromisso de governos anteriores para com a cidade e, principalmente, com os cidadãos.

Os discursos produzidos, nestas páginas, imprimem uma identidade que envereda pelos trilhos do desenvolvimento, mas que não deixa de vivenciar os princípios da boa moral. Caxias é uma cidade em que as pessoas vivenciam os princípios religiosos e, mais ainda, praticam os ensinamentos que são apresentados tanto pela Igreja Católica, nas missas e sermões, como também através dos textos reflexivos que são divulgados no impresso religioso, mas que também se apresentam pelos credos religiosos diversificados, porém vistos, aos olhos dos discursos ecoados pelos jornais, como sendo seitas pelos quais estavam coexistindo no espaço da cidade de Caxias nesse contexto.

As formas de enunciação dos discursos devem ser levadas em conta, porque a tendência analítica do discurso indireto manifesta-se pelo fato de que os elementos emocionais e afetivos, que também estão presentes na constituição desses discursos, “não são expressos no conteúdo, mas nas formas da enunciação”.³⁴ Assim, Bakhtin chama a atenção sobre o peso das palavras, elas agem e interagem em sentidos múltiplos, devido à força de significação caracterizadora, que se reforça, da mesma forma que sua tonalidade ou seu valor típico.³⁵

Nesse caso, a preparação do citado ganha contornos na narração, a tal ponto que pode dar ao contexto narrativo feições e tonalidades em que o discurso citado, embora conservando as entoações próprias do autor, vai conduzir a narrativa exclusivamente dentro dos limites da ótica.³⁶

³³ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, pp. 61-80. 2002, p. 70.

³⁴ *Ibid.*, p. 160.

³⁵ *Ibid.*, p. 170.

³⁶ *Ibid.*, p. 171.

O sentido do discurso transcorre construído sobre a perspectiva de dar ao sujeito contribuições, que, segundo os produtores desses discursos, são “essenciais” para os sujeitos no espaço social em que estão inseridos.³⁷ A palavra dentro do discurso é um fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. “O destino da palavra é o da sociedade que fala”.³⁸

Ao pensar na formalização dos discursos, podemos acrescentar que os discursos possuem um poder disciplinar que possibilitam a fabricação de uma realidade, de uma subjetivação de sujeição. Os discursos funcionam como dispositivos que se fazem existir enquanto prática.

Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas.³⁹

Nesse sentido, Foucault nos aponta que o corpo é objeto de investimentos colocados de forma imperiosa como se desejasse, exigisse e tomasse como um dever no qual deveria ser obediente, submisso, um objeto moldado conforme preceitos e ideologias. Na perspectiva foucaultiana, o corpo é pensado como um objeto preso

[...] no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas vezes, nesse caso, é a utilização de novas técnicas, por exemplo, os discursos de um jornal, do Estado, da Igreja, que por sua vez, utilizam mecanismos ordenadores, que viabilizam a normalização dos sujeitos, conforme os ideais que julgam como ideais aceitáveis no bojo social.⁴⁰

O autor assinala que o corpo é pensado como uma massa moldável, que deve ter e ser conforme o que a sociedade e suas ideologias pensam como ideal, como correto, como efetivo, como devendo ser o ideal para o real. Assim, os corpos dos sujeitos são pensados para que funcionem de forma coercitiva, de modo que as instituições e os grupos que estão na estrutura do poder possam exercer sobre estes corpos o controle de

³⁷ Ibid., p. 173.

³⁸ BAKHTIN, op. cit., p. 199.

³⁹ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 257, 2013.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhate. 36 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009, p. 132.

mantê-los enquadrados, ou seja, ordenar ao “nível mesmo da mecânica” os “movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo”.⁴¹

Por isso, é necessário que se constitua em relação aos corpos uma coerção contínua, constante, que vela sobre os processos da atividade, para que eles possam apresentar no final um saldo positivo de acordo com o que se havia desejado; que se enquadre ao máximo nas ordens do tempo, do espaço e dos movimentos.⁴²

A cidade de Caxias também é chamada de Princesa do Sertão. A expressão “Princesa” foi atribuída pelo Arcebispo da Bahia, quando outrora visitava a cidade no final do século XIX e início do século XX, e devido à vivência da expressiva opulência na sua economia do sertão ganhou esse título que, por sua vez, foi perpassado posteriormente pelos sujeitos nos discursos referentes aos possíveis projetos, ou mesmo para aqueles que entendiam a cidade por um olhar saudosista.⁴³

Nos discursos dos periódicos que circulavam na cidade já época, concebidos nessa temporalidade, a cidade não se apresenta apenas como Caxias, mas sim como a Princesa do Sertão que se reveste de um manto moderno de desenvolvimento, vista por dois ângulos, primeiro pela relação estabelecida com a presença das fábricas, pois elas são vistas como sinal de modernidade e progresso.

Desta forma, os discursos disciplinares emergem no instante em que a sociedade procura imprimir, dentro do espaço social, a constituição de corpos possíveis, os quais irão trazer à tona o aprimoramento das suas habilidades, principalmente nas sociedades industriais onde a normatização social ocorre, desde a arquitetura das casas, como também a idealização do perfil arquitetônico dos espaços fabris.

Os gestos, os modos e a feitura das atividades são vigiados, como também o que será feito no cotidiano, pois deverão ser formatados conforme a utilidade desses corpos no espaço social. Nesse sentido, Foucault afirma que esses mecanismos visam não unicamente o aumento das habilidades do corpo, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente e mais útil.⁴⁴

Podemos perceber isso com mais intensidade pela via de organização das fábricas, dos espaços escolares e dos hospitais, pois são lugares que expressam pela

⁴¹ Ibid., pp. 132-133.

⁴² Cf. Ibid., p. 133.

⁴³ COUTINHO, Milson. *Caxias das Aldeias Altas: subsídios para sua história*. 2. ed. São Luís: Caxias: Prefeitura de Caxias, 2005, p. 97.

⁴⁴ Cf. Ibid.

própria funcionalidade uma forma ideológica de organizar os corpos dentro da sociedade. Essa distribuição é pensada como uma forma de poder gerar na dinâmica social o rendimento desejado pelas instituições, ou seja, a organicidade, a ordenação, os resultados, o saldo positivo.

Pelo prisma apontado, os construtores dos discursos buscam trazer à tona que a disciplina acrescenta no dia a dia desses corpos a força que irá gerar uma expressiva utilidade no meio social, principalmente no que se refere aos rendimentos, porque o bom uso dos corpos garantiria, em termos econômicos, a própria positividade dos discursos disciplinares. “O corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas. O corpo não se opõe à cultura, um atavismo resistente de um passado natural; é ele próprio um produto cultural, o produto cultural.”⁴⁵

Além dos bons rendimentos, essa tática busca diminuir as forças (em termos políticos de obediência) que provavelmente os sujeitos organizariam para inviabilizar a aceitação desses discursos disciplinadores. Como bem nos coloca, Butler, “a produção normativa do sujeito é um processo de iterabilidade – a norma é repetida e, nesse sentido, está constantemente “rompendo” com os contextos delimitados como as “condições de produção.”⁴⁶

Nessa via, de compreensão podemos perceber que a produção historiográfica brasileira, se debruçou acerca da perspectiva foucaultiana para discutir as dimensões da análise do corpo e as relações de compreensão estabelecidas em prol de entendê-lo dentro das relações sociais.⁴⁷ Em vista desta questão, essa reflexões acerca do corpo, demonstrou que “[...] corpo é tanto ativo quanto produtivo, embora não seja originário: sua especificidade é uma função de seus graus e modos de organização que, por sua vez, são os resultados ou conseqüências de sua capacidade de ser afetado por outros corpos.”⁴⁸ Por isso que Miguel Vale de Almeida (1995) aponta que “[...] ser homem”, no dia-a-dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento,

⁴⁵ GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. Cadernos Pagu, n. (14) 2000: pp.45-86, p. 84

⁴⁶ BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b, p.237.

⁴⁷ O corpo deve ser compreendido por via de uma série de discursos disparatados e não simplesmente restrito aos modos de explicação naturalistas e científicos. Há outras maneiras pelas quais as diferenças corporais sexualmente específicas podem ser compreendidas, diferentes daquelas desenvolvidas em contextos de representação mais convencionais e científicos. GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. Cadernos Pagu, n. (14) 2000: pp.45-86, p. 79.

⁴⁸ GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. Cadernos Pagu, n. (14) 2000: pp.45-86, p. 65

socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados. Em suma em constante processo de construção.”⁴⁹

A masculinidade, nesse estudo, salienta evidenciar de maneira mais expressiva uma discussão dessas problemáticas não apenas em Caxias, mas no contexto maranhense, pois assim como a mulher em diversas dimensões históricas nas quais podemos percebê-la, o homem e as masculinidades existentes também são elementos relevantes para se dar ênfase na historiografia maranhense.

Falas sobre o Falo: Clio e os diálogos sobre masculinidades e virilidades

Bem, quando pensei, inicialmente, em analisar a categoria masculinidade como um vocábulo conceitual gestado a partir da ideia de fabricação, foi justamente após leitura do texto de Joan Scott, no qual ela afirma que o gênero não pode ser pensado como um elemento determinado pelo viés biológico, mas como uma categoria que é gestada e pensada também pelos aspectos culturais, em que está inserida. Nesse sentido, Scott nos apresenta:

O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Apesar do fato dos(as) pesquisadores(as) reconhecerem as relações entre o sexo e (o que os sociólogos da família chamaram) “os papéis sexuais”, estes(as) não colocam entre os dois uma relação simples ou direta. O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.⁵⁰

Nesse sentido, podemos apontar que o ângulo de entendimento redirecionou o olhar para um campo de compreensão em que se percebesse não apenas o biológico para definição, conceituação do que seja homem e mulher, mas que se levassem em conta outros aspectos formativos na construção das identidades desses indivíduos.

Assim, ao problematizar o gênero, dentro da história, tornou-se possível criar pontes de entendimentos que levassem os historiadores e historiadoras a ter acesso às

⁴⁹ ALMEIDA, Miguel Vale de. Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995, 128.

⁵⁰ SCOTT, Joan. “Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990, p. 03

formas relacionais que as sociedades, em seus mais diversos contextos, estabeleçam como aspectos funcionais na compreensão do que sejam homens ou mulheres. Sob a luz dessa máxima apontada à categoria gênero,

[...] não vem substituir nenhuma outra, mas atende à necessidade de ampliação de nosso vocabulário para darmos conta da multiplicidade das dimensões constitutivas das práticas sociais e individuais. Neste caso, a dimensão sexual. O sexo participou indubitavelmente e de forma central na construção histórica de nossa identidade pessoal e coletiva, especialmente no Brasil, mas foi por muito tempo colocado à margem na leitura das práticas sociais. A desconstrução dos mitos fundadores, acredito, passa pela leitura do gênero de sua própria produção, ao lado de outras dimensões, é claro. Mas, fundamentalmente, é importante que possamos perceber a construção das diferenças sexuais histórica e culturalmente determinada, desnaturalizando, portanto as representações cristalizadas no imaginário social.⁵¹

Dessa forma, Joan Scott também reforça que os estudos de gênero tornam possíveis que os sujeitos, em seus mais diversos espaços temporais, sejam historicizados pelas lentes de modelos totalizantes que não possibilitava ver para além das naturalizações. E nesse sentido, Scott nos acrescenta:

Historicizar gênero é enfatizar os significados variáveis e contraditórios atribuídos à diferença sexual, os processos políticos através dos quais esses significados são construídos, a instabilidade e maleabilidade das categorias “mulheres” e “homens”, e os modos pelos quais essas categorias se articulam em termos da outra, embora de maneira não consistente ou da mesma maneira em cada momento.

⁵²

Assim, não só as histórias como as demais ciências humanas iniciaram trajetórias de pesquisas, buscando enveredar por caminhos outrora ignorados, ou mesmo nem cogitados de serem trilhados. E nesse giro do olhar, criou-se vias de compreensão acerca dos sujeitos, mas que deveriam levar em conta tanto o conceito de homem, ou mulher, como a própria funcionalidade social desses. O cientista social deveria e deve ter em mãos a sensibilidade de anotar em seus registros que os sujeitos são indivíduos fabricados a partir de uma ideologia, gestada no contexto em que esse homem ou mulher

⁵¹ RAGO, Margareth, Descobrir historicamente o gênero. Cadernos PAGU, (11) 1998: pp.89-98, p.93

⁵² SCOTT, Joan. “Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990, pp, 25-26

estão inseridos.

Nesse ínterim, Joan Scott, ao desenvolver os seus estudos sobre o gênero, remete-nos a compreender que:

Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos que as mulheres têm a capacidade para dar luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres.⁵³

Dessa forma, a subjetividade passou a ser um elemento capturado pelos historiadores para buscar compreender a própria definição ou compreensão que está fora da definição biológica de homem e mulher, por exemplo.

Trata-se, nessa referência, de perceber que as subjetividades são históricas e não naturais, que os sujeitos estão nos pontos de chegada e não de partida como acreditávamos então; e ainda, que as conexões podem ser estabelecidas entre campos, áreas, dimensões sem necessidade exterior pré-determinada.⁵⁴

Nesse ponto, podemos identificar que as identidades de mulheres e, principalmente, dos homens, são fabricadas por elementos operantes que visam constituir na teia social homens com aspectos específicos, como a construção de ideais, e deixando de lado que as identidades são também gestadas por elementos subjetivos que, por sua vez, enquadram-se em processos de supressão de ambiguidades, a fim de apresentar na cena social uma “ilusão” de coerência acerca das posturas e formas de homens e mulheres.

Outro aspecto, que também se torna presente nos estudos de gênero e da própria masculinidade, é o conceito fabricado para corresponder ao conjunto de práticas realizadas pela maioria dos homens. Nessa vertente, essas práticas constituíram as críticas feministas de conceito hegemônico de masculinidade. Sobre o prisma conceitual desse modelo, o ângulo de análise sobre as atribuições funcionais do homem criou uma maneira de perceber e analisar como os homens se comportam em vários momentos e contextos históricos.

⁵³ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16(2): 5-22, jul./dez de 1990, p. 75

⁵⁴ RAGO, Margareth, Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos PAGU*, (11) 1998: pp.89-98, p.91

Assim, quando Scott reflete acerca do gênero, a mesma lança o seu olhar para perceber como a categoria gênero foi pensada historicamente. Desse modo, Joan Scott nos faz refletir sobre a ideia de homem, mulher, masculino e feminino, vocábulos conceituais pensados para além do seu efeito na definição da sexualidade dos indivíduos diante da cena social.

Nesse sentido, fez-se necessário utilizarmos, inicialmente, a categoria *fabricação* para buscar compreender como se constitui esta masculinidade, visto que o sentido de ser homem, como também o de ser mulher, não foi mais pensado a partir do aspecto biológico dos sujeitos, como podemos ver tanto nas questões abordadas por Joan Scott quanto por Margareth Rago. Assim, os sujeitos são moldados, formatados, fabricados, conforme parâmetros identitários que correspondem a ideologias um contexto histórico, no caso, Caxias, na primeira metade do século XX.

Os estudos sobre o ser masculino se tornaram interessantes para a comunidade científica a partir da organização do movimento feminista, que promoveu críticas às desigualdades sociais baseadas nas diferenças sexuais.⁵⁵ Assim, neste trabalho buscarei apresentar uma discussão sobre como a categoria *masculinidade* foi constituída, enquanto uma categoria útil de análise dentro do campo historiográfico. Buscando salientar nesta discussão, como essa categoria promove, dentro das relações sociais, mecanismos de formalização performática, quando se trata da identidade do homem e, mais ainda, quando se busca entender o que é ser homem. Nessa esteira, a pesquisa também irá apresentar os autores que realizaram discussões, cujas produções serão importantes para compreensão dos perfis masculinos na cidade de Caxias, sob a luz da imprensa local durante a Primeira República.

Mas voltando ao eixo da nossa discussão, o que é masculinidade? O que é virilidade? O que é ser homem? Como deve agir um homem? Como se fala igual a um homem? Será que nascemos mesmo homens? Ou nos tornamos homens? Essas perguntas, talvez sempre fizessem parte da intimidade do homem de modo geral, porém a oportunidade de externar tais questionamentos levou um tempo para que elas pudessem ser feitas, mas mesmo quando foram realizadas deixaram o cenário pesado, pois começou a trincar o mundo de vidro do homem, proporcionando ir muito além dos códigos de ser e estar na sociedade. Mexeu com o brio dos sujeitos, retirando do trono

⁵⁵ PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: O universo do corpo: masculinidades e feminilidades. (Org.) PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa, ROMERO, Elaine. Rio de Janeiro: Shape, 2008, p. 94.

aqueles conceitos de ser e estar do homem, que pareciam inquestionáveis, pois havia se naturalizado os quadros conceituais da identidade e a maneira como ela era apresentada socialmente.

Para essa questão, acredito ser válido apresentar as considerações de Robert W. Connell e James W. Messerschmidt, que publicaram, em 1995, um trabalho importante para os estudos da masculinidade e mais ainda acerca das diversas possibilidades que se pode constituir com esse campo. Na ocasião, os pesquisadores canadenses buscaram compreender como esse conceito padrão se estabeleceu nas relações de gênero.

Os autores buscaram frisar em seus estudos, como a ideia de hegemonia se tornou, ao longo dos estudos da masculinidade, um elemento cuja finalidade seria resguardar a própria formação de reguladores do comportamento masculino, mas na prática cotidiana tais homens não conseguem alcançar esse modelo. Para os autores, o “termo gramsciano de “hegemonia” foi corrente, no período, em tentativas de compreender a estabilização das relações de classe.”⁵⁶

Assim, os autores nos apontam que a elaboração do conceito de masculinidade hegemônica “[...] foi originalmente formulado em relação ao conceito de feminilidade hegemônica – prontamente renomeada de “feminilidade enfatizada” – para reconhecer a posição assimétrica das masculinidades e das feminilidades em uma ordem patriarcal do gênero”.⁵⁷ Em outro momento, vamos identificar que o estudo acerca da masculinidade veio buscar entender as “várias masculinidades existentes e mais ainda os discursos. Uma análise renovada das masculinidades hegemônicas, do tipo sugerido anteriormente, tem uma relevância crescente no momento presente das políticas de gênero.”⁵⁸

Nessa via de percepção, [...] os autores nos ajudam a compreender que o conceito de masculinidade hegemônica foi formulado dentro de uma compreensão multidimensional do gênero, ou seja, embora “[...] qualquer especificação da masculinidade hegemônica necessariamente envolva a formulação de ideais culturais, essa não deve ser considerada apenas como uma norma cultural.”⁵⁹

⁵⁶ CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013, p 242.

⁵⁷ CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013, p 265.

⁵⁸ CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013, p 273.

⁵⁹ CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013, p 258.

Desse modo, quando percebemos os jornais apresentando discursivamente as práticas dos homens da cidade de Caxias, no contexto da Primeira República, notamos que a masculinidade era “definida como uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura das relações de gênero. A prática social humana cria relações de gênero na história.”⁶⁰

Assim, ao pensarmos as práticas dos homens caxienses, podemos verificar, sob a ótica da imprensa, que a masculinidade retrata como os homens das classes populares, por exemplo, são afetados pelos processos sociais, ou seja, os corpos estão constituídos por essa dinâmica dentro do contexto social, em que eles estão inseridos.

Sob a ótica dessa premissa, seria interessante acionar os dizeres de Miguel do Vale de Almeida, quando pensa a masculinidade enquanto modelo ideal, no entanto o modelo hegemônico exercia um controle acerca da constituição das identidades masculinas.

Nessa perspectiva, Michel Kimmel, sociólogo canadense, aponta que no espaço social existe uma cultura dominante na qual o homem é definido as características de masculinização desse homem, assim definem um padrão de masculinidade, os indivíduos acabam sendo pensados por essa ótica, ou seja, quando os demais homens não possuem tais características, eles enquadram-se no chamado grupo das masculinidades subalternas. Por isso Kimmel, aponta que, “[...] A definição hegemônica da virilidade é um homem no poder, um homem com o poder e um homem de poder.”⁶¹

Esses outros comportamentos são medidos pela ótica da masculinidade hegemônica, onde a definição da masculinidade, conforme Kimmel além desse aspecto, ao entender o papel do homem no espaço público, visto a ideia performática que esses homens devem assumir para corresponder aos preceitos sociais de homem branco, heterossexual, viril e inteligente. Kimmel diz que “esta era uma masculinidade cada vez mais ansiosa, pois requeria demonstração e provas constantes, sendo a aquisição palpável de bens uma evidência de seu sucesso.”⁶² Principalmente nesse contexto da Primeira República cujos discursos frisam a representação de uma masculinidade

⁶⁰ CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013, p 260.

⁶¹ KIMMEL, Michael. Homofobia, temor vergüenza y silencio em la identidad masculina. In: Isis Internacional Ediciones nº 24. p. 49-62., 1997, pp. 50-51.

⁶² KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out., p. 103- 118.1998, p. 111.

corporificada entre os ideais republicanos, buscando construir uma nação de homens que deveriam promover o crescimento da Nação. Porém notamos que, como mesmo aponta Kimmel (1998) e Connell e James W. Messerschmidt (1995), a masculinidade hegemônica, quando não alcançada, produz as chamadas masculinidades subalternas.

Nessa via de compreensão, o Brasil, o Maranhão e a cidade de Caxias inserem-se nesse contexto sobre o qual lançamos nosso olhar, evidenciando práticas masculinas cujas identidades configuram no campo do discurso como as chamadas masculinidades subalternas. Assim, vamos identificar, em Caxias, os homens no domínio público, com a ocupação de cargos públicos, mas também vamos perceber aqueles homens cujas atividades laborais não eram apresentadas e sim suas performances sociais como, por exemplo, crimes, espancamentos, furtos, embriaguez entre outras, cujas ações se tornavam balizares para descaracterizar esse comportamento, entendido como desordeiro.

Os corpos estão envolvidos mais ativamente, mais intimamente e mais intrinsecamente em processos sociais do que a teoria usualmente lhes permitiu. Os corpos participam na ação social ao delinear os cursos da conduta social – o corpo como participante da geração de práticas sociais. É importante que não apenas as masculinidades sejam entendidas como encorporadas, mas também que sejam tratados os entrelaçamentos das encorporações com os contextos sociais.⁶³

Desse modo, a fim de compreender os aspectos discursivos recorreremos às considerações de Pierre Bourdieu, quando ele nos fala acerca do *habitus* apontando que o corpo é socializado, estruturado e que o mesmo incorpora “[...] as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo”.⁶⁴

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, [...] elas funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais e históricos.⁶⁵

⁶³ CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. Revista Estudos Feministas, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013, p. 269.

⁶⁴ BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996, p. 144.

⁶⁵ BOURDIEU, P. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 45.

Seguindo tal premissa, podemos entender que o *habitus* gera respostas adaptadas aos princípios de exigências do espaço cujos indivíduos estão inseridos, ou seja, os homens, sob a luz de um campo de exigências comportamentais, deveriam responder a esses desejos de ser estar, pois caso contrário seriam constituídos dentro de um imaginário social, representados como figuras colocadas à margem da sociedade, visto não apresentarem elementos exaltados como características positivas de um homem do bem, um modelo socialmente adequado para circular nos espaços da cidade. Como é o caso dos ébrios, gatunos, os indivíduos que seguiam a via contrária da ideia de homem honesto e trabalhador tanto exaltados no início da República.

Para Bourdieu, ao refletir acerca da dominação masculina, a ordem social funciona como uma máquina simbólica, buscando ratificar o princípio da dominação do homem sobre a divisão do trabalho, atividades laborais tanto para mulheres quanto para outros homens. Nesse ínterim, as formas de dominação masculina, segundo Bourdieu, são baseadas pela ótica do poder, exercendo, desse modo, uma ação dupla, ao mesmo tempo em que ocorre a dominação, ocorre o processo de aprendizado em relação aos dominados, pois reconhecem o poder daqueles que detém tal poder.

O trabalho de construção simbólica não se reduz a uma operação estritamente *performativa* de nomeação que oriente e estructure as *representações*, a começar pelas representações do corpo (o que ainda não é nada); ele se completa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos (e dos cérebros), isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma *definição diferencial* dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero — e em particular todas as virtualidades biologicamente inscritas no "perverso polimorfo" que, se dermos crédito a Freud, toda criança é — para produzir este artefato social que é um homem viril ou uma mulher feminina.⁶⁶

Entre muitos espaços cujas ações de dominações se fazem presente, Bourdieu aponta que as relações sociais se estabelecem pela ótica da dominação desse sujeito (homem). Assim, voltando ao conceito de *habitus*, defendido pelo autor, essa dominação cria um *habitus* inscrito e instituído entre os gêneros. Corroborando com essa questão Pierre Bourdieu aponta que:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que

⁶⁶ BOURDIEU, P. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 33.

tende a ratificar a dominação masculina sobre qual se alicerça: é a divisão do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa reservada às mulheres [...]⁶⁷

A força masculina, nesse caso, evidencia-se como um mecanismo de segurança para que os discursos produzidos sobre a defesa da masculinidade, em prol do homem, possam ser garantidos. E o homem, nesse ínterim, fica relegado a ser um mantenedor dessa economia de caracteres simbólicos que viabilizam a autoafirmação da masculinidade e do conjunto conceitual que define o sentido de ser homem.⁶⁸

Nesse viés, quando nos acalentamos das discussões para compreender as masculinidades, encontramos pelo caminho outro conceito, que acreditamos advir dessa produção de práticas que almeja alcançar o chamado modelo hegemônico de masculinidade. Kimmel, entre outros pesquisadores, denomina de masculinidades subalternas. Assim, para nosso estudo, essa projeção de termos nos aproxima de reflexões sobre como o conceito hegemônico de masculinidade faz emergir, nos espaços das relações sociais e de gênero, diversos tipos de masculinidades, ou como apontam os recentes estudos sobre as chamadas virilidades.

Por essa via de compreensão, nos atentamos para pensar em Caxias, sob a ótica da imprensa, como tais tipos de virilidades se fazem presente, buscando nesse compasso compreender quais as representações, sejam elas positivas ou negativas, surgem a partir dessa tipificação dos comportamentos dos homens nesse alvorecer do século XX.

Sob a direção de Alain Corbin, Jean Jacques Courtine e Georges Vigarello, entramos em contato com uma série de textos que se propuseram em trazer à tona as diversas virilidades existentes ao longo da história, como a própria contemporaneidade em que é possível apresentar, sob a luz de diversas fontes, como as virilidades se tornam um desdobramento da chamada masculinidade hegemônica.

A coleção dividida em três volumes nos possibilita caminhar pelos vários textos pertencentes a cada volume, mas também nos mostra no primeiro momento, como

⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kühner. 10ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 18.

⁶⁸ A masculinidade seria definida não só pelo que deviam ser os comportamentos masculinos, mas também pelas margens, pelo que era condenável, pelo que não se enquadraria nos parâmetros aceitáveis para os comportamentos masculinos disciplinados. CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX. – Teresina: EDUFIP, 2008, p. 134.

tal conceito foi concebido, além de demonstrar quais as características modulares da formação da masculinidade do homem. Desse modo, de maneira especial, os vários textos reflexivos contribuem para nos auxiliar a identificar como ocorre a formação da virilidade do homem dentro do espaço sociocultural que ele pode estar inserido.

Para nossa pesquisa, os estudos organizados pelos autores anteriormente citados, acerca da virilidade, só nos ajudam a entender como esse projeto de virilidade foi propagado ao longo da história e quais consequências foram constituídas, visto a imposição social pela qual os homens, nos mais variados contextos, tiveram que cumprir com as tarefas de ser um sujeito viril. Nesse compasso, também é possível evidenciar, a partir dos textos sobre a virilidade na história, como tais práticas de afirmar-se enquanto homem viril moldava a formação de uma sociedade arraigada de performances sociais, que não passava de sujeitos interpretando ações masculinizadas para todos dentro da sociedade, em que tais maneiras de assumir essa virilidade sucumbiam os homens dos mais diversos segmentos sociais a ser lidos a partir de suas ações na sociedade.

Nesse sentido, ao destacar a virilidade e suas várias nuances, os três volumes nos chamam atenção também acerca dos paralelos imbricados com a ideia da virilidade do homem, pois ao pensarmos na virilidade é possível acionar a representação da força e violência constituída sob a luz do aspecto simbólico, um componente quer dar ou daria validade ao sujeito viril. No caso da violência, tal virilidade seria e teria um terreno fértil para se fazer um homem, masculino.

Em nosso estudo, quando lançamos nossos desejos para compreender a virilidade, nos deparamos com a prática dessa virilidade produzindo violência, tal produção se reflete em performances cujo próprio homem não se torna algoz apenas da mulher, mas também de outros homens. Por isso que Christopher Forth (2008), quando analisa, por exemplo, a dimensão conceitual da virilidade e da masculinidade, considera que “[...] um estilo viril “duro”, enraizado nos modelos tradicionais de comportamento (em que a bebida e agressividade permanecem preponderantes), regularmente desde o século XVIII, entraram em concorrência com o refinamento “novo” de uma masculinidade inspirada em modelos saídos da Europa Ocidental, que se beneficia de um reconhecimento formal por causa da ocidentalização do Estado.⁶⁹

Dessa forma, visando aventurar-me na busca de tentar entender o que seja a masculinidade, encontrei, durante o processo de construção do aporte teórico sobre a

⁶⁹ FORTH, M. *Masculinity in the modern West: gender, civilização and the body*. New York: Palgrave Macmillan, 2008, p. 41.

temática, interlocutores que direcionavam o olhar para construir um referencial conceitual sobre a masculinidade. Um deles é o trabalho de Pedro Paulo de Oliveira, denominado *A construção social da masculinidade*, em que o pesquisador apresenta, logo na primeira página da introdução do seu trabalho, uma proposta de definição do que seja masculinidade. Assim, Pedro Paulo de Oliveira nos aponta que masculinidade seria:

[...] um lugar simbólico/imaginário de sentido estruturante nos processos de subjetivação. E completaria: na qualidade de estrato constitutivo e articulado do *socius*, apresenta-se como uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para ordem de comportamento socialmente sancionados.⁷⁰

Assim ao término da leitura, da introdução do texto de Pedro Paulo Oliveira, um ponto ficou em evidência sobre a ideia de masculinidade, que esta categoria conceitual é constituída dentro das práticas sociais desses indivíduos e as significações dadas a ideia de ser homem são singulares, sempre a partir do lugar e contexto histórico em que se analisa a maneira de conceber a masculinidade.

Segundo Pereira (2008), este conceito hegemônico de masculinidade possibilitou que os estudos sobre gênero masculino e as representações sobre este criassem vias de compreensão a respeito dos pontos que ratificam a hegemonia masculina, como também abriu possibilidades para se compreender os perfis de masculinidade fora dos parâmetros de análise do elemento principal de percepção do que seria o homem, ou o modelo hegemônico.

O conceito de masculinidade hegemônico permite uma concepção mais dinâmica de masculinidade, entendida como uma estrutura de relações sociais em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas e auto reprimidas por esse consenso comum e senso comum hegemônico, sustentado pelos significados simbólicos incorporados.⁷¹

Seguindo essa premissa, o que podemos perceber é que o conceito de “normal” ou de “masculinidade padrão” figura como conceito gestado por uma ótica ideológica, que afirma pelos olhos da positividade social que ser um homem, igual ao conceito

⁷⁰ OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. – Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004, p. 13.

⁷¹ PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. *Discutindo gênero, corpo e masculinidade*. In: *O universo do corpo: masculinidades e feminilidades*. (Org.) PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa, ROMERO, Elaine. Rio de Janeiro: Shape, 2008, p. 94.

apresentado, é corresponder à dimensão simbólica que esta identidade pode ter no bojo das relações de gênero e dos projetos institucionais que se tem para com quem se torna tributário da forma de ser homem.

No entanto, mesmo mantendo a correlação com os anseios sendo sociais, podemos apresentar que o homem e sua masculinidade se enquadram aos modelos prontos para atuarem na cena social. Nesse compasso, frisamos que na órbita desses modelos padrões, pode-se perceber que existem sujeitos que enveredam por outra ótica na afirmação da sua masculinidade.

A masculinidade não se apresenta desse modo uniforme, destacando-se a existência de padrões hegemônicos se outros subordinados a estes. Tais formas baseiam-se no poder social dos homens individuais. A hegemonia é uma forma de dominação em que a dominação participa da dominação. No campo do gênero, trata-se da capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade [...]⁷²

Assim, os fatores culturais⁷³ podem ser, nesse ponto, elementos que se encaixam em um quadro formativo da identidade masculina, ou mesmo da própria masculinidade desse homem.

A masculinidade, na qualidade de lugar simbólico de sentido estruturante, impõe aos agentes masculinos uma série de comportamentos e atitudes imbricados com valores tradicionais capazes de manter uma taxa de conversibilidade entre ela e o poder simbólico, de tal forma que permita aos homens reatualizar todas aquelas qualidades típicas de quem é digno, segundo esses valores, de possuir as prerrogativas de poder frente as mulheres e aos outros homens que não estão à altura de cumprir suas exigências e provar sua competência enquanto reprodutores do regime de gênero mediante a adoção dos comportamentos qualificados tipicamente masculinos⁷⁴

⁷² PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: O universo do corpo: masculinidades e feminilidades. (Org.) PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa, ROMERO, Elaine. Rio de Janeiro: Shape, 2008, p. 94.

⁷³ Os fatores culturais são responsáveis pela permanência do atual regime de gênero, mesmo em sociedades avançadas do ponto de vista industrial e econômico. Os exemplos não são apenas os enclaves nas sociedades urbanas, constituídas por massas de imigrantes que procuram manter suas tradições nas quais esse regime é um elemento-chave, e sim as sociedades reconhecidamente machistas e que continuam a reproduzir práticas sexistas, apesar de apresentarem índices de modernização e eficiência capitalista invejáveis [...] OLIVEIRA, Pedro Paulo. A construção social da masculinidade. – Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004, p. 194.

⁷⁴ OLIVEIRA, Pedro Paulo. A construção social da masculinidade. – Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004, pp. 195-196.

Nessas condições, percebemos que sendo a masculinidade um vocábulo conceitual, amparado por uma áurea simbólica, os homens deviam e devem manter uma correspondência ao conjunto de atitudes que “exigem” para manutenção do que seja um homem. O que por sua vez, esse sujeito não poderia e nem pode se ocupar de atitudes e comportamentos que não ratificassem o *status* de superioridade que ser homem significava. Caminhando por essa perspectiva, Heleith Saffioti aponta que “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem.”⁷⁵

Dessa forma, a produção da identidade do homem, assim como a fabricação da sua masculinidade são elaboradas por uma relação de alteridade, em que estão sempre próximos uma da outra, mas ao mesmo tempo se distanciam, porém coexistem dentro do espaço social em que os indivíduos se encontram. Sobre essa questão Pesavento (2005) nos aponta que:

A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro.⁷⁶

As representações acerca da identidade são assim múltiplas e podem dar conta de sentidos diversos que são gestados na teia de significados e elaborados, por sua vez, para saciar as necessidades criadas no cotidiano dos indivíduos. Para Pesavento, a “identidade é construída em torno de elementos que ganham positividade e características valorizadas, pois conseguem render um reconhecimento social em um dado momento, em uma situação chave do dia a dia do sujeito”.

Como nos aponta Castoriadis, a sociedade tenta dar respostas de quem somos, quais as funções fundamentais, como devemos funcionar enquanto coletividade, o que devemos desejar, o que somos uns para os outros, quais atitudes devemos ter em determinadas relações sociais, que desejos devemos nutrir, o que é necessário para nossa sobrevivência, enfim, se fôssemos elencar aqui nos faltariam páginas para trazer à tona o que nos é imposto para que possamos nos adequar ao espaço social, ao contexto do qual fazemos parte. Deste modo, o mundo social:

[...] é cada vez mais constituído articulado em função de um sistema

⁷⁵ SAFFIOTI, Heleith I. B. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987, p. 8.

⁷⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Autêntica, 2003, p. 90.

de tais significações, e essas significações existem, uma vez constituídas, na forma do que chamamos imaginário efetivo (ou imaginado). É só relativamente a essas significações que podemos que podemos compreender, tanto a “escolha” que a sociedade faz de seu simbolismo, e principalmente de seu simbolismo institucional, como os fins aos quais ela subordina a “funcionalidade”. Presa incontestavelmente entre as coerções do real e do racional, sempre inserida em uma continuidade histórica e por consequência co-determinada pelo que já se encontrava aí, trabalhando sempre com simbolismo já dotado e cuja manipulação não é livre, sua produção não pode exaustivamente reduzida a um desses fatores ou ai seu conjunto. Não pode “responder” às perguntas às quais “respondem”.⁷⁷

Dessa forma, as concepções naturais sobre a funcionalidade que fora imposta, por exemplo, em relação ao homem e mulher, é sob este prisma uma construção naturalizada por discursos, como uma forma de instituir uma ideia, uma visão do que as pessoas devem ser no baricentro das relações sociais. Mas não podemos deixar de salientar nesta esteira de considerações que as formas e os perfis identitários elaborados no bojo da cultura, para dar sentido aos papéis sociais, são efetivados para indicar as chamadas funções sociais desses sujeitos na dinâmica da sociedade.⁷⁸

Dessa forma, pensando na lógica das ideias construídas, ao longo desse processo, em busca de entender a ideia de masculinidade, em Caxias, durante a primeira República, esperamos deixar em você leitor questões intrigantes para que dessa forma possa despertar o desejo de caminhar pelas lacunas propositalmente deixadas nesse caminho traçado por nós, um simples artesão de Clio e um eterno aprendiz.

Nosso trabalho se encontra dividido da seguinte forma:

Capítulo - I: A cidade coroada: A Princesa do Sertão, as Masculinidades, os desejos de sentir-se modernidade.

Nesse capítulo, a proposta é apresentar os discursos que corporificam, nas páginas dos jornais caxienses correspondentes à Primeira República, as faces de uma

⁷⁷ CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. Trad. Guy Reynaud. São Paulo: Ed. Paulo e Terra, 1982, p. 177.

⁷⁸ A afirmação da identidade e marcação da diferença da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem está incluindo e quem está excluindo. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. SILVA, Tomaz Tadeu Da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. (Org). TOMAZ Tadeu da Silva. STUART, Hall WOODWARD, Kathryn. 11 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012, p. 82

cidade que se dizia moderna e republicana. Para esse exercício de análise vamos utilizar uma bibliografia que nos auxilie a entender os dizeres acerca de Caxias, nesse recorte temporal, ou seja, tantos os livros escritos mencionando a cidade quanto o aporte teórico para se pensar as transformações que ocorrem na cidade.

Além desse recurso teórico e temático para entender a relação estabelecida entre imprensa e cidade, também buscará analisar outros discursos oficiais que apresentam rastros para se identificar a percepção constituída acerca da cidade Caxias republicana, como a ideia de cidade moderna.

A primeira parte versará sobre a formação histórica da cidade de Caxias-MA, apontando para as discussões em torno de sua economia e população, com o intuito de situar o leitor sobre o espaço da pesquisa. A cidade em nosso trabalho será encarada como um palco. Por quê? Pelo fato de considerarmos relevante nos situarmos diante dos espaços onde circula os ou o objeto (s) deste trabalho.

Compreender ou tentar compreender a cidade de Caxias, neste recorte temporal (1890 a 1930) da chamada República Velha, é uma maneira de tentar capturar as formas de ser e estar da cidade com os seus cidadãos. Não deixaremos desse modo de pensar a cidade como sendo um grande cenário aberto, pois é uma maneira de perceber o movimento, a dinâmica da cidade em seus mais diversos sentidos. Por este ângulo buscaremos apoio na literatura produzida que pensa a relação história e cidade, como também seremos tributários das fontes relacionadas à proposta do capítulo, nossa via de possibilidade para compreender o sentido de ser cidade.

Outro elemento que será contemplado em nossa análise são as práticas de sociabilidades, pois possibilitaram identificar quais as distinções corporificadas nos locais ditos para se vivenciar o lazer caxiense. Os clubes e as praças, inicialmente, serão alvos da nossa pesquisa.

Dessa forma não podemos deixar de pensar o sentido de modernidade em Caxias, visto que o contexto em análise se desenvolve dentro dessa perspectiva de se pensar moderno, de compreender-se enquanto um degustador das questões e situações encaradas como modernidade. Por esse ângulo, consideramos ver, pela ótica dos jornais, o código de postura de Caxias, como também os próprios relatórios dos presidentes de província arrolados acima, como meios para tentar capturar esse conceito de cidade moderna. Em vias de compreensão acerca dessa categoria, as considerações de Marshall Berman, quando esse pensa a ideia da **modernidade**, de ser **moderno** como também a

própria **modernização**, será um acalento nessa via de compreensão sobre tais aspectos em Caxias durante a primeira República.

Sobre a ideia de **cidade**, ao problematizá-la estamos encarando-a como um palco possível para entender os significados e representações que se pode capturar em relação ao cenário urbano. Nesse palco, ao céu aberto, perceber os homens, os movimentos, as ideias e os sujeitos, dos mais diversos segmentos, será uma das propostas desse capítulo. Além desses aspectos, também buscaremos problematizar, no cenário da cidade, as práticas de **sociabilidades**, como uma forma para se pensar as distinções sociais que existiam na cidade, por marcadores sociais vistos e entendidos naquele contexto como operadores diante da condição econômica desses indivíduos.

Capítulo - II: Refinando o corpo: o mundanismo chique – Costurando corpos as vestimentas para os Homens Republicanos

Nesse capítulo, será discutido as relações entre a moda e a masculinidade durante a Primeira República, evidenciando as mudanças constiuidas em relação a representação social que o homem assumiria a partir da sua veste. Sob essa ótica, salientamos uma discussão acerca do conceito de moda e as interfaces com a contrução de refinamento masculino no começo do século XX. A roupa masculina ganhou sentido simbólico e as cores se tornaram pontos de diferenciação mais ainda, assim ser e dizer através da roupa era e é a forma mais correta de como se constituiu a percepção social sobre esse homem no começo da República.

Nessa esteira de transformações, o homem se tornou distinto, criaram-se outros perfis masculinos, os segmentos outrora já existentes se evidenciaram mais e mais; os homens abastados e os menos abastados, no cenário social, ganharam forças para afirmarem quem seria o padrão e quem seria e estaria sendo o copião de performances, elegância na sociedade. “A moda e o vestuário, mesmo intrinsecamente ligados, não podem ser confundidos. O vestuário proporciona o exercício da moda, e esta atua no campo do imaginário, dos significantes; é parte integrante da cultura”.⁷⁹

Capítulo - III: A exaltação de corpos saudáveis dos homens da Princesa pela ótica das propagandas dos jornais caxienses.

⁷⁹ SANT’ ANNA, Mara Rúbia. Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo. 2 ed. São Paulo: Edição das Letras e Cores, 2009, p. 75.

Outro momento do texto cujas premissas, se voltam para entender esse corpo no limiar do século XX entre os discursos que compõem as páginas da imprensa caxiense é a relação estabelecida com as propagandas de remédios em prol do corpo perfeito e saudável, visto ser um ponto de preocupação pelos governos naquele contexto, principalmente por causa da intenção de formalização de um país de homens trabalhadores para que a Nação se estabelecesse um diálogo com o progresso e crescimento contínuo.

Nesse sentido, é salutar mencionar como o conceito de corpo ideal se efetiva quando os remédios prometem ao homem o tornar um indivíduo apto para desenvolver suas atividades laborais com saúde e sem prejuízos. Nessa ótica, o homem que é apresentado nas linhas discursivas da imprensa caxiense deveria ser puro, sem possuir imperfeições, doenças, ou falhas, pois assim estabeleceria uma ligação com o modelo ideal exaltado no contexto da primeira República.

Capítulo - IV. “Quando donos saem os Gatunos querem fazer a festa”: masculinidades em prol da desordem social

Entre as questões abordadas, em prol de compreender quais as performances masculinas consideradas como ideias e quais comportamentos imprimem na cena social um comportamento denominado desviante, discutimos, nesse item do texto, a representação dos gatunos na cena social. A imprensa, nesse caso, a luz de jornais como o *Jornal de Caxias*, *O Paiz* e o *Jornal do Commercio*, traz em suas páginas notícias de crimes e roubos frequentes nos principais estabelecimentos comerciais, como também outras situações, evidenciando o grande número de gatunos naquele contexto. Ao nos depararmos com esses relatos, percebemos que a figura do gatuno pela ótica do discurso corporifica práticas que denotavam um perfil indesejável, pois ela representava uma masculinidade pela qual a sociedade conversadora reprimia por não contribuir para o bem estar da cidade. No centro das análises, o capítulo reflete sobre os crimes de furto, em Caxias, e as representações sobre tais práticas.

Capítulo - V. A princesa e os afilhados de Dionísio: o combate contra os vícios do corpo, em prol de um homem ideal

Discorreremos sobre as preocupações da imprensa caxiense em relação à saúde dos cidadãos. Destacando os seus cuidados com o corpo e com a saúde das pessoas, sobretudo dos homens que vivem no mundo do trabalho. Neste sentido, os vícios do alcoolismo, jogo e fumo são fortemente combatidos em prol de um país de corpos

saudáveis. Nesse caso, o capítulo salienta que, como eram temas bastante discutidos no Brasil, o alcoolismo e o jogo tornam-se alvos do Estado, como também da própria Igreja Católica. Pois fica evidente nos discursos dos defensores dos interesses dessas duas instituições que os sujeitos possuidores dessas práticas causavam um desequilíbrio social e econômico, quebrando a ordem tanto exaltada para que o progresso e o desenvolvimento ocorressem no Brasil. A imprensa, nesse contexto, demonstra que o vício de maneira geral era um elemento nocivo não apenas aos usuários de álcool, mas também às pessoas próximas. Vemos que a enunciação dos discursos sobre o alcoolismo está alicerçada sempre nos males que acarreta à sociedade. Mas o que realmente está em jogo são os interesses dos grupos dominantes. Considerava-se que o álcool tirava a energia do homem, diminuindo a sua capacidade produtiva. E isto seria prejudicial não apenas ao desenvolvimento econômico que se buscava no país naquele momento como também aos grupos que lucravam com tal desenvolvimento, os donos de fábricas, indústrias, comércio etc, enfim, todos os possuidores do capital.

Capítulo -VI. Virilidade, honra e violência sobre ótica da imprensa caxiense

Nesse capítulo, apresentamos reflexões que se direcionam a entender a maneira como a imprensa caxiense representa à luz das situações problemas, a maneira como esse buscava defender sua virilidade, o seu poder em relação à mulher e, principalmente, a outros homens. Desse modo, direcionamos nosso olhar para os casos de defloramentos, brigas ocasionadas pela ingestão de bebidas alcoólicas, assassinatos, espancamentos entre outros que eram entendidos como uma forma para defender a honra, o brio masculino. Assim, o campo da violência é entendido como uma arena onde esse homem assume atitudes que buscam reforçar o poder de dominação naturalizada a sua identidade. Como salienta Pierre Bourdieu (2005, p.18), essa perspectiva é a maneira encontrada por esse homem a fim de “[...] ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça”.

Capítulo - VII: Imprensa e performances masculinas em cena: discursos e representações do ser homem.

Nesse capítulo, abordamos a figura do homem público como modelo ideal para ser seguido. Assim, problematizamos os discursos que destituíam a figura do homem

honrado e quais os princípios que deveriam fazer parte da sua atuação enquanto sujeito de honra. Desse modo, o domínio público, aos olhos da imprensa, era um espaço para se apresentar uma performance onde esse sujeito deveria mostrar-se enquanto modelo para os demais.

Assim, suas práticas diante das relações em que ele estivesse envolvido marcaria sua relação com as questões da sua honra e respaldo diante aos demais sujeitos da sociedade caxiense. Porém, nem todas as performances masculinas expostas nos discursos da imprensa salientavam tal prerrogativa, pois muitos homens acabavam sendo alvos, como também atacavam outros homens quando se tratava da defesa do seu nome no domínio público.

A compreensão social sobre a postura masculina deveria ser a de um homem empenhado em traduzir, através das suas práticas, a sua integridade e pessoa honrada com seus deveres enquanto homem público. Identificamos, ainda, o quão o homem caxiense assumia as características do sujeito fruto do iluminismo em que sua identidade não se dava apenas pela relação com si, mas era importante a relação que estabelecia com outras pessoas.

Nesse caso, o capítulo analisa a ditadura da aparência como um aspecto importante para se inculcar, no imaginário social, a imagem do homem perfeito, associado a valores de poder, sucesso e virilidade, principalmente em relação aos demais homens. Desse modo, os discursos proferidos pelos homens, na imprensa, em prol de defender o seu nome é resultado da necessidade desses indivíduos considerarem os valores essenciais para que os outros homens dessem um aval positivo.

Capítulo I.

A cidade coroada: A Princesa do Sertão e desejos de sentir-se moderna

CAPÍTULO I - A CIDADE COROADA: A PRINCESA DO SERTÃO E O DESEJO DE SENTIR-SE MODERNA

As transformações das cidades, ao longo do processo histórico, tornam-se um ponto interessante para compreensão da dinâmica de crescimento existente da própria cidade. Nesse compasso, os homens e mulheres se tornam agentes importantes para compreensão dessas mudanças, visto serem elas os elementos que compõem as lacunas que preenchem a narrativa das evidências e situações referentes à história dos centros urbanos.

Caxias não se diferencia das demais cidades do Brasil, principalmente, no contexto da primeira República do país. Nesse processo, podemos identificar uma produção historiográfica local refletindo como essas transformações estavam ocorrendo na cidade, pois apontam como esse município buscou vivenciar as transformações significativas constituídas que ocorriam em muitos espaços.

Assim um dos primeiros trabalhos, que ativa reflexões sobre como a Princesa do Sertão se reveste de um tecido de modernidade, é o trabalho da historiadora econômica Clúdia Menezes Graça Teixeira, *Ciclo de desenvolvimento da Indústria Têxtil em Caxias-Ma*, cuja pesquisa evidencia as transformações ocorridas na cidade no plano econômico da urbe, redirecionando a noção de crescimento pela ótica do movimento das fábricas. Nesse ponto, vamos perceber a projeção de figuras masculinas que se envolveram nesse propósito a fim de agregar uma imagem de cidade moderna e próspera.

Por exemplo, a dissertação de mestrado *Entre a tradição e a modernidade: a belle époque caxiense Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX*, da historiadora Jordania Maria Pessoa, problematiza os elementos que conduziram as mudanças estruturais em Caxias, principalmente, em relação à maneira desses homens e mulheres se relacionar com a cidade. Nesse compasso, a cidade com o título de *Princesa do Sertão* se agarrava a possibilidade de viver os ares da modernidade exaltados no começo da Primeira República.

Outro trabalho que traduz as mudanças da cidade de Caxias, nesse limiar da República, é a pesquisa do historiador Isaac Gonçalves Souza, intitulada *A cidade de cristal: identidade e evasão na cultura local de Caxias*, cujo o autor demonstra de que forma os discursos produzidos acerca da urbe traduziam a cidade como centro de crescimento, onde os homens assumiam a cena como autores principais, representando

a imagem da cidade moderna que, por sua vez, intercalava em suas práticas elementos de uma cultura cujo o tempo já havia sido vivido e experienciado, porém cristalizado em memórias e discursos.

Desse modo, ao pensar o tempo das chegadas das fábricas, a cidade se envolve de um status de modernidade, os homens, figuras entendidas como os roteiristas dessa macha, trazem à Caxias o tempo das fábricas, a cidade fabril, cuja dinâmica da economia se articula agora pelos efeitos causados a partir dos barulhos das máquinas produtoras de tecidos em grandes escalas.

Nesse sentido, vamos identificar que a cidade, sob a ótica fabril, ganhou notoriedade no campo econômico com a inserção das fábricas. O sociólogo José Ribamar Caldeira (1998), que mapeia no Estado do Maranhão como ocorre a implantação das fábricas, considera em seus estudos como a cidade com a experiência fabril trouxe, naquele contexto, para os quadros econômicos do estado um expressivo movimento no aumento das rendas, ocasionando incomodo à capital que havia tido uma experiência frustrada quanto à tentativa de incorporar a realidade fabrilista no cotidiano dos ludovicenses.

Nessa perspectiva, a cidade e os homens se transformam. Caxias é moldada aos princípios idealizadores de homens como Francisco Dias Carneiro, que reforça as iniciativas para trazer as primeiras fábricas à cidade. Nesse contexto, a busca pelo crescimento projeta a representação da imagem daqueles que estavam imbuídos de alcançar tal ideal, pois esses homens se tornariam modelos de masculinidades para os demais caxienses, pelo fato dessas medidas serem consideradas proativas e recheadas de ações ditas e compreendidas como heroicas pelo restante da população, em especial aos sujeitos dos segmentos abastados⁸⁰. Um exemplo dessa perspectiva acerca da representação da figura de Dias Carneiro, o *Jornal do Commercio* aponta:

Um homem houve em cujo seio se atearam as sagradas chamas do

⁸⁰ Os grupos sociais dominantes, por meio da produção de discursos sobre essa nova masculinidade, procuravam estar em consonância com o modelo burguês de sociedade que se buscava instaurar, isto é, impor a toda sociedade um modelo considerado universal de homem, mantendo as hierarquias sociais. Os formuladores dos discursos procuram fazer legitimar sua dominação na sociedade apresentando-se como dotados das características mais próximas ao modelo que pretendem hegemonizar, enquanto que os grupos sociais subalternizados aparecem como portadores de práticas e atitudes que necessitariam ser corrigidas. MACHADO, Vanderlei. O espaço público como palco de atuação masculina: a construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro (1850-1884). Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999, p. 16.

patriotismo. [...]‘Esse homem como uma das maiores alavancas da indústria caxiense’ tomou a seus ombros a mais pesada mas também a mais gloriosa missão. Francisco Dias Carneiro [...] Acordou com a idéia feliz de arrancar a sua terra do abismo [...] para com denodo e civismo atirá-la a um outro abismo – o da prosperidade. O gérmen fecundo produziu o que vemos hoje: o progresso da terra dos dois Dias.⁸¹

Percebe-se que a masculinidade do homem público cintilava sob a ótica dos feitos realizados no espaço da cidade. Nessa via de compreensão, a imprensa apresentava dizeres que corporificavam uma imagem do homem modelo, cujas medidas no cenário social foram empenhadas em promover o desenvolvimento da urbe sertaneja.

Pensando acerca desta questão, Vanderlei Machado (1999) aponta:

Paralelo à instauração de uma esfera pública burguesa, podemos perceber a busca pela construção de um modelo de masculinidade pautado em ideais burgueses. Por meio da imprensa, foram divulgados uma série de discursos formulados pelos próprios homens, os quais tendiam a reproduzir um modelo de comportamento masculino coadunado com uma ideologia burguesa que se espalhava [...].⁸²

Pensando na economia da época, a cidade de Caxias, na ausência das ações dos homens, pois de maneira geral em todas as realidades do país, naquele contexto, o mundo do trabalho é entendido como o mundo dos homens. Nesse caso, voltando à ideia da representação da imagem de Dias Carneiro, o Jornal de Caxias menciona que “[...] Dias Carneiro era como são os propagandistas de sua têmpera. Quando estava possuído de [...] alguma convicção [...] era desta que ia lhe enchendo a alma, transbordava inundando e arrastando aquelles que o ouviam ou liam.”⁸³

Principalmente, por se tratar de um espaço que foi instituído como masculino, visto os indivíduos considerarem o homem com habilidades para criar estratégias de articulação, para congregar a efetivação de ações que proporcionassem o desenvolvimento do espaço em que eles estão inseridos. Em vista dessa questão, notamos os caxienses experimentarem, na cena social, o desejo de apresentar comportamentos condizentes com essa nova realidade fabril, pois com condições

⁸¹ Jornal Commercio de Caxias. 15 de agosto .1891 p. 01

⁸² MACHADO, Vanderlei. O espaço público como palco de atuação masculina: a construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro (1850-1884). Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999, p. 10.

⁸³ Jornal de Caxias, 24 de janeiro de 1896, Ano I, número 16, p 03

econômicas novos habitus se faziam necessários.

A realidade fabril não motiva apenas a criação de habitus modernos, mas também faz se tornar mais expressivo o protagonismo masculino na cena social. Os homens caxienses começam a se tornar atores no campo da segurança; o comércio, principal fonte de movimentação econômica da cidade, vigorava como um dos espaços onde a imagem masculina toma conta da paisagem social. Nessa perspectiva, os homens eram colocados na “[...] esfera das atividades lucrativas” que possibilitassem “ao homem o cumprimento de seu papel de provedor e que o colocassem no cerne do desenvolvimento econômico do Brasil.”⁸⁴

Em relação ao comércio da cidade, podemos perceber que os comerciantes eram vistos como outro segmento masculinizado em Caxias, uma vez que, assim como os homens do mundo das fábricas, tinham relevância para o desenvolvimento da cidade. Vanderlei Machado (2009) coloca que o comércio local se tornava importante, por esse grupo proporcionar a venda de produtos de diversos lugares do país, como também da Europa e, nesse ínterim, “encontrava nos profissionais liberais, comerciantes e funcionários públicos os principais consumidores.”⁸⁵

Os filhos da Princesa do Sertão, entre homens e mulheres, traduziam a partir das suas práticas o sentimento de vivenciar esse chamado tempo de modernização no espaço da cidade. Os homens, nesse caso, seriam os agentes desse movimento, sendo traduzido pela ótica da chegada das Indústrias têxteis, consideradas como símbolos de crescimento e modernidade. Machado, analisando essas práticas, considera que:

Passou-se a exigir dos homens que atuavam no espaço público, tais como: os comerciantes, os profissionais liberais e os funcionários públicos, como buscaremos demonstrar, um nome reconhecido como honrado e de boa reputação. Para alcançar tal status, o homem deveria ser, entre outras coisas, identificado como provedor da família e alguém que garantisse o pagamento de suas dívidas.⁸⁶

⁸⁴ LOPES, A. de P. C. Relações de Gênero e Profissão Docente: a escola como uma arte feminina. In: LIMA, F. O. A. et al. (Org.). História da Educação e Práticas Pedagógicas. Parnaíba: SIEART, 2008. p. 77.

⁸⁵ MACHADO, Vanderlei. Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p.16.

⁸⁶ MACHADO, Vanderlei. Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p.10.

Por isso, a imagem projetada, pelos jornais, acerca de Caxias, tinha como confeccionadores os homens das elites, como também os homens dos segmentos populares, visto que a imprensa traduzia a luz das suas percepções que a cidade de Caxias detinha essas características para a expansão dessas cenas no mundo de trabalho. Em termos econômicos, a cidade no final do século XIX, constitui a sua primeira fábrica, a Industrial Caxiense inaugurada em 1888, que se destinaria a fabricar tecidos, conseguindo em seus primeiros três anos de funcionamento bons rendimentos diante da realidade industrial do país naquele momento. De acordo com Coutinho (2005)

A força de uma ideia longamente alimentada e o destemo dos diretores da Industrial Caxiense superaram aqueles obstáculos naturais a empreendimento de tal vulto e, assim, a fábrica foi inaugurada em 1883. Sua produção inicial foi totalmente absorvida pelos mercados consumidores e os pedidos já se faziam por conta do que seria produzido futuramente. Logo no primeiro semestre ficou constatado que a empresa não iria à barrocada. E decorrido, os três primeiros anos de seu funcionamento, houve sensível ampliação do parque industrial para atender à demanda que de boa se tornara excelente.⁸⁷

Diante dos efeitos positivos, que foram sentidos com a primeira experiência fabril dos industriais caxienses, os homens de negócio, tanto da capital São Luís quanto da cidade de Codó, esta última circunvizinha de Caxias, movimentam-se em anos posteriores para que se iniciassem as instalações das suas primeiras fábricas. Em relação às fábricas existentes em Caxias, estas foram instaladas: no bairro Ponte, a denominada “Industrial Caxiense”, fundada em 1888; no Centro da Cidade, a Manufatura Companhia União Caxiense, fundada em 1889⁸⁸; sendo a maior delas a Sanharó, no bairro Trezidela. Segundo Coutinho,

[...] configuram como os primeiros industriais caxienses, os idealizadores do projeto fabril, José Ferreira Guimarães, Custódio Alves dos Santos, Segisnando Aurélio de Moura, Manuel das Chagas Pereira de Brito, Nuno Cândido de Almeida, Bernardo Pinto Sobrinho, como o naturalizado Francisco Dias Carneiro, que por sua vez, movimentou as ideias que foram assim elementares para construção das primeiras fabricas em Caxias⁸⁹.

⁸⁷ COUTINHO, 2005, op. cit., pp. 295-296.

⁸⁸ Para Albuquerque, “a atividade têxtil teve seu apogeu na Segunda Guerra Mundial, quando os Estados Unidos passaram a importar produtos brasileiros”. ALBUQUERQUE, Antonio José B. de. *Memórias de Caxias: cada rua, sua história*. Edição e Produção Câmara Municipal de Caxias, 1992, p. 58.

⁸⁹ *Ibid.*, pp. 295-296.

Jordania Maria Pessoa (2009) ressalta que a nova mentalidade que emerge no final do século XIX, sobre o processo de industrialização, foi entendida como via para o progresso, como também para a construção de novas fábricas na cidade como, a Companhia Industrial Agrícola, a Usina Agrícola Caxiense, a Companhia para exploração da linha telegráfica, além de um empreendimento para a distribuição de água, com a Companhia das águas. Estas indústrias deram à cidade de Caxias uma realidade fabril que, por sua vez, configurou um novo momento na economia da cidade.⁹⁰

Segundo Cesar Augusto Marques (1970) e Milson Coutinho (2005), assim como outros pesquisadores, quando fazem referência à história de Caxias, apontam em suas análises que, ao longo do seu processo de formação como um núcleo urbano, a mesma sempre se apresentou com expressivo contingente populacional. Marques, por exemplo, aponta que, em 1896, a população da cidade era de aproximadamente 30.000 mil habitantes e em 1920, já era um núcleo urbano de 50.316 pessoas.

Desse modo, segundo os dados fornecidos pelo censo realizado em 1900, a população da cidade era de 34.363 habitantes. Nesse compasso, a cidade possuía um número mais expressivo do que a própria capital que possuía apenas 29.475 pessoas⁹¹. Esses números são conflitantes e variam de acordo com as fontes. No ano de 1893, por exemplo, segundo dados do jornal *Gazeta Caxiense*, a população era de 40.000 pessoas. É necessário considerar que, dentro da ótica social das mudanças, o movimento de homens e mulheres era intenso em Caxias e o fluxo de idas e vindas para outros estados era constante. Essa realidade, conforme podemos identificar nos jornais, dava-se pelo movimento fabril que ancorava em terras caxienses, como também pelo fato da cidade ser uma porta de entrada e saída para outras regiões.

Segundo apontou o *Jornal do Commercio*, essas idas e vindas de Caxias para outros locais, como também as pessoas chegando de locais diversos para Caxias, aconteciam por muitos motivos, um desses seriam as problemáticas ocasionadas pela seca, pois como apontamos anteriormente, Caxias era uma porta de entrada e saída para outras regiões do Sertão, como também para quem se direcionava para o Norte do Brasil.

⁹⁰PESSOA, Jordânia Maria. Entre a tradição e a modernidade: A Belle Époque Caxiense: Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX. Imperatriz: Ética. 2009, p. 54.

⁹¹Synopse do Recenseamento, 31 dezembro de 1900, Rio de Janeiro, Typografia da Estatística, p. 33

A nota explicitando esse caso se deu em 1888⁹², em que o *Jornal do Commercio* menciona a existência de uma leva de pessoas advindas das regiões mais secas, visto tais regiões não apresentarem condições de sobrevivência. Porém esse movimento migratório se torna mais visível, quando iniciam os trabalhos para construção da primeira têxtil caxiense. Além dessas questões, não se pode esquecer que a localização da região pertencente a Caxias não apresentava mão de obra suficiente para suprimir as necessidades nos trabalhos de construção do prédio da fábrica que necessitou de um grande número de homens para seu erguimento. E como a cidade não possuía contingente de homens para trabalharem nessas atividades muitos desses homens que chegaram fugidos da seca foram contratados inicialmente para tais serviços, depois muitos ficaram para os trabalhos na fábrica têxtil.⁹³

Nesse sentido, um elemento importante para se compreender a construção dessa cidade, como também os aspectos que a fazem pensar em uma cidade moderna, seria as ações que foram realizadas pelos homens que moravam ou chegaram à cidade para trabalharem, principalmente, na construção de prédios que simbolizariam, sinais de modernidade. Para os jornais, muitas dessas realizações se constituíam, naquele contexto, na cidade, devido ao empenho dos “homens do negócio”. Um exemplo seria o que considerou o *Jornal do Commercio*, em relação às obras do *Theatro Phenix*, que estavam em bom andamento mediante ao “zelo e actividde do incansável negociante Sr. José Pereira Guimarães”⁹⁴, que faziam-se perceber por quem passasse em frente ao teatro, o “visível progresso as obras do nosso Phenix.”⁹⁵ A imprensa tenta mostrar que o crescimento de Caxias se passava pelo crivo e empenho das ações dos homens, principalmente, por quem se encontra dentro desse círculo de poder da sociedade como, nesse caso, os próprios comerciantes.

⁹² A nota referente a essa questão foi publicada em 13 de outubro de 1888, pelo *Jornal do Commercio* de Caxias. “Começam a affluir para esta esta cidade familias, de emigrantes cearenses, que vem fugindo da secca que apareceu n’aquelle provincia. Em principio desta semana entrou uma caravana numerosa, que esteve aboletada por algum tempo por baixo de arvores, retirando-se depois para o 3º districto. Constava de homens, mulheres e muitas creanças tangendo diversos animaes que conduziam cargas de malas. Além desses, consta nos que tem entrado outros grupos retirantes. *Jornal do Commercio*, 13 de outubro de 1888, nº 574, p. 03.

⁹³ Nesse texto, estamos apresentando apenas elementos iniciais sobre questões voltadas para o mundo do trabalho, mas no texto final da tese nos debruçaremos sobre a documentação da fábrica que, se encontra no Memorial da Balaiada, para verificarmos o número de homens contratados, como também as atividades desenvolvidas por eles no interior das têxteis caxienses.

⁹⁴ *Jornal do Commercio* de Caxias, 05 de dezembro de 1891, nº. 710, p. 01

⁹⁵ *Jornal do Commercio* de Caxias, 05 de dezembro de 1891, nº. 710, p. 01

Em outro momento, também podemos assinalar, nesse rol de construções apresentadas para corporificarem no cenário caxiense, os chamados símbolos de modernidade, a contratação de homens para desenvolverem atividades em Caxias. Por exemplo, podemos citar os homens que chegaram à cidade para construção da estrada de ferro. Nesse caso, o jornal *Commercio de Caxias* publica que “*distintos cavalheiros*”⁹⁶ abordam dos vapores e chegam à cidade de Caxias com objetivo de prestarem serviços na estrada de ferro, que ligaria Caxias à “Vila das Flores, outrora, S. José das Cajaseiras.”⁹⁷

Desse modo, é válido apontar que essa contratação de homens das mais diversas profissões não foi visível apenas nesse período do qual estamos tratando, notamos que desde o processo de elevação do espaço de Caxias a condição de vila e depois à categoria de cidade, os projetos voltados para urbanidade da cidade, incentivado por seus administradores, como também os projetos dos empreendimentos, como as fábricas, tiveram que recorrer aos profissionais de outros locais para atender as necessidades existentes.

Ao pensar nesse contexto da cidade de Caxias e nas questões que estavam sendo apresentadas como forma de identificá-la enquanto cidade que experimentava o crescimento, nota-se na figura masculina como um sujeito presente nesses momentos, e sendo dada a ele a primazia de ser o interlocutor na construção desse progresso. Outro exemplo que podemos citar se dar em uma nota publicada pelo jornal *Commercio de Caxias*, onde o discurso aponta o quanto a *Estação Telegraphica* instalada na cidade tem sido importante para o crescimento da região. Segundo a nota, “João Alipio Bayma do Lago,” encarregado para administrar a estação naquele momento, teria a responsabilidade de dar continuidade ao “bom trabalho”.⁹⁸

Sendo um núcleo urbano de expressiva representação comercial e um ponto estratégico para o escoamento da produção, foi instalado um telégrafo, cujo objetivo seria agregar as demais regiões circunvizinhas à Caxias. Esses elementos ditos e entendidos como modernos, segundo os articulistas dos jornais, agregavam à cidade aspectos novos. Por essa perspectiva, os jornais apontavam que os comerciantes teriam um papel representativo para o incremento dessas ações modernizadoras na *urbe* caxiense.

⁹⁶ Jornal do *Commercio de Caxias*, 08 de agosto de 1891, n.º. 693, p. 01

⁹⁷ Jornal do *Commercio de Caxias*, 08 de agosto de 1891, n.º. 693, p. 01

⁹⁸ Jornal do *Commercio de Caxias*, 17 de julho de 1891, n.º. 690, p. 02

Mais um exemplo constituído para elaboração desse imaginário moderno, que Caxias experimentava, foi a chegada das linhas telefônicas, cujos articulistas dos jornais, como os presentes no *Jornal Commercio de Caxias*, afirmavam ter sido muito útil para cidade, pois esses *signos modernos* eram algo presente “apenas em cidades modernas”. O articulista afirma que havia se passado quase “dois anos, depois desse acontecimento importante, que bem tem mostrado sua utilidade indiscutível, e hoje que Caxias é visitada pelo “fonógrafo”, irmão do “telefone” para mostrar mais uma maravilha da eletricidade [...]”⁹⁹. Segundo Pessoa (2009), o articulista constitui uma fala permeada “pelo embevecimento das maravilhas tecnológicas”, visto esses símbolos modernos já estarem sendo elementos notórios no cotidiano da cidade. Porém, autora, ressalta que nem todas as pessoas podiam usufruir dessa novidade ficando restrito apenas aos segmentos mais abastados de Caxias.

Como já mencionamos anteriormente, a cidade também contava com a recém-criada estrada ferroviária que, além do transporte de pessoas da região de São Luís, Teresina e Parnaíba, também teria como função melhorar o escoamento da produção e reforçar as trocas comerciais com as cidades do interior do Piauí, além da região pertencente a Goiás. A prosperidade, como alguns jornais se reportam, com a chegada das fábricas têxteis, fez se cogitar para Caxias vinda dos *bonds*, pois se buscava imprimir uma identidade com ares franceses, mas isto foi apenas uma ideia que transcorreu entre a elite da cidade, que não saiu do papel.

Em 1891, o intendente, Sr. Sigsando Aurélio de Moraes, contratou com o Sr. Tenente coronel José Castelo Branco da Cruz e Dr. Cristino Cruz a concessão do serviço de água, com as despesas de instalação por responsabilidade dos dois últimos contratantes e com direito de exploração pelo período de 60 anos, a partir do mencionado ano de 1891, quando começou a funcionar, sob o nome de "Companhia das Águas".

O *Jornal do Commercio* aponta que a ação desses homens foi “um magnífico attestado da constante preocupação *desses* [grifo nosso] caxienses para descobrirem sempre um novo meio de melhorar as condições de sua terra, de promover o bem estar dos seus conterrâneos”.¹⁰⁰ Nesse caso, a iniciativa desenvolvida por esses caxienses recai na perspectiva apontada por Michel Kimmel (1998), ao afirmar que desde a

⁹⁹ *Jornal Comércio de Caxias*. Caxias - MA. 10 fev. 1894, p. 03.

¹⁰⁰ *Jornal do Commercio de Caxias*, 12 de setembro de 1891, n.º. 698, p. 02

primeira metade do século XIX emergiu uma masculinidade denominada de *Self-Made Men*¹⁰¹, que constituía em ser um empresário urbano, um homem de negócios, ausente dos lares, mas que estaria socialmente sendo autovalorizada no espaço social com medidas iguais a essas que citamos anteriormente. Nesse sentido, o articulista frisa que segundo o balanço realizado pela companhia das águas, avanços já eram perceptíveis em Caxias, pois o número de pessoas que estavam consumindo a água distribuída na cidade, quando iniciou, era “170 casas, e ao final do ano de 1894 já existia 308 casas, que eram assistidas com água canalizadas, e 42 torneiras, que estavam sendo espalhadas pela cidade para se vender água ao público caxiense.”¹⁰²

Outro aspecto apontado pelos articulistas dos jornais caxienses era o custo de vida da cidade. Segundo alguns jornalistas, comparados a outros núcleos urbanos, a cidade não tinha um custo de vida considerado elevado, porém não era um discurso uníssono na cidade, pois entre um exemplar e outro identificamos as pessoas se utilizando dos jornais para chamar atenção dos elevados preços dos produtos de necessidades básicas comercializados na cidade. Por exemplo, o preço da chamada *carne verde* sobre o qual o jornal *Gazeta Caxiense* publica uma nota chamando atenção para o elevado preço que esse produto se encontrava naquele momento. Em nota, o jornal aponta que estava sendo vendida a “500 rs, a carne verde, pessima”.¹⁰³ Para o articulista, nada justificava o preço “exorbitante. Mas os srs. Marchantes entenderam que assim podem vendel-a, assim vendem-na e eleverão o preço até o duplo se isto lhe aprover”.¹⁰⁴

Em relação ao comércio, este era uma das principais fontes de renda da cidade, pois apresentava expressiva dinamicidade para o crescimento de Caxias, como também a constituição de um segmento social de poder econômico na cidade. Desse modo, os articulistas apontavam que, visto o crescimento na praça comercial caxiense, era desejo dos grandes proprietários trazerem um banco ou agência para resolução de problemas de ordem hipotecária, mas não foi possível naquele contexto, porém isso ocorreu nos

¹⁰¹ Para Kimmel (1998) este era um dos modelos de masculinidade que vivia nos Estados Unidos e que vivia com outros tipos de masculinidade. “Esta masculinidade cada vez mais ansiosa, pois requeria demonstração e prova constantes, sendo aquisição palpável de bens uma evidência de seu sucesso.” KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. *Horizontes Antropológicos – Corpo, Doença e Saúde*. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, n. 9, pp. 103-117, 1998, p. 111.

¹⁰² Balanço da Companhia das Águas. In: *Jornal Gazeta Caxiense*. Caxias – MA. 27 jul. 1894, p. 02-03.

¹⁰³ *Jornal Gazeta, Caxiense* 16 de janeiro de 1894, nº 93, p. 02.

¹⁰⁴ *Jornal Gazeta, Caxiense* 16 de janeiro de 1894, nº 93, p. 02.

anos trinta do século XX. Segundo o articulista do jornal *Gazeta Caxiense*, também se fazia necessário, em vista dos investimentos realizados na cidade, uma “empresa predial, para edificações de casas, na cidade e na vila Industrial. Uma fábrica para morins e paninhos branco. Uma fábrica de papel e papellão”.¹⁰⁵

Em relação ao comércio, notamos que era um dos pontos fortes para atuação desses homens, como também para a constituição econômica da cidade, nesse momento, mesmo as fábricas impulsionando uma nova dinâmica para Caxias, nota-se no comércio uma fonte representativa de poder dos comerciantes e das famílias tradicionais da cidade. Nesse caso, podemos citar nomes de famílias que se destacaram em atividades comerciais no começo do século XX. Por exemplo, os Vilanova que possuíram dois grandes estabelecimentos comerciais localizados na Rua Afonso Penna. Outro grande estabelecimento comercial, localizado na mesma rua, era de propriedade de Sr. Marques Teixeira, que se dedicava a venda e compra de produtos diversos.

Em vista dessa prática, a Rua Afonso Penna constituiu no imaginário popular como um grande mercado público ao céu aberto. Os produtos eram diversos, desde os grandes rolos de tecidos importados da França, as bebidas e gêneros alimentícios, como também conservas produzidas na própria cidade. Segundo Mesquita, a rua possuía lojas com nomes pitorescos, por exemplo, *O Fim do Século*, que era especializada em produtos franceses, cujo proprietário era o Sr. Raimundo Tote, que também revendia produtos masculinos, como tecidos para calças, chapéus, além de produtos destinados ao público feminino. Mas não era apenas essa rua que possuía comerciantes que se destacavam com sua casa comercial, como ressalta Mesquita (1992), existiam outras ruas e comerciantes cujos empreendimentos comerciais localizavam-se na Rua Conselheiro Síval e, também davam dinamicidade ao campo econômico de Caxias. Nesse caso, podemos citar a *Casa dos Italianos* destinada à venda de relógios e a casa do senhor Telêmaco Moura que vendia material de armarinho e peças gregas.

A rua também serviu como local de venda e revenda de escravos dos coronéis da cidade ainda no período do Império. Vale ressaltar a própria constituição econômica dessas casas comerciais, como ponto importante para negociações com outras cidades próximas à região. As mercadorias eram originárias da capital São Luís e mesmo da Europa, o Porto Grande, nesse caso, facilitava as trocas comerciais. Entre as mercadorias que chegavam à cidade, podemos citar os artigos que começaram a fazer

¹⁰⁵ Jornal Gazeta, Caxiense 10 de junho de 1891, nº 139. Ano, V, pp. 02-03.

cada vez mais parte da vestimenta dos homens caxienses.

Por exemplo, o anúncio publicado por Leonídio Brito Lima dos Reis apontava que possuía produtos destinados ao público masculino, sendo que os distintos cavalheiros não deveriam mais se preocupar com essa questão, pois se eles desejassem estar elegantes, o mesmo tinha o “brim branco de linho puro, a casemira preta de lã pura, chapéus pretos da última moda”, “gravatas pretas e de cores, caximbos francezes, grandes e pequenos”¹⁰⁶, como entre outros utensílios que se encontravam na sua casa comercial para que eles pudessem estar “elegantes no seu dia a dia”¹⁰⁷. O anúncio também tinha uma sessão destinada às senhoras caxienses.

No caso dos comerciantes, que estavam trazendo essas novidades para cidade, podemos apontar que existia um público masculino que consumia tais produtos, principalmente ao verificar os produtos listados, observou-se a existência de uma variedade de artigos destinados ao público masculino, e uma das justificativas seria a necessidade desse homem, que transitava nessa cidade dita moderna, apresentar-se bem vestido, principalmente, quando ele fosse participar de reuniões sociais. Por isso, no anúncio publicado em nome de Severino José Vidigal, diz-se que após visitas na Capital do Estado, São Luís e em Belém-PA teria realizado “escolha de bom sortimento de [...] chapéus do Chile para dúzia e a retalho, relógios de Michel muito bons e cadeias de plaquet fino, de bonitos gostos para relógio, assim como muitos outros artigos [...]”.¹⁰⁸

Os comerciantes, espalhados ao longo da cidade em pontos estratégicos, ofereciam aos caxienses os mais diversos produtos, com o intuito de absorver os clientes. Desse modo, os reclames de anúncios e as competições existentes nas páginas da imprensa da cidade apareciam de maneira constante com intuito de agregar compradores aos produtos ofertados.

Os vapores seriam meios de transporte que traziam, aos caxienses comerciantes e mais ainda aos caxienses consumidores, as mercadorias ofertadas nas casas de comércio existentes na cidade na época. O Largo dos Remédios, outro ponto comercial da cidade, era também um dos locais privilegiados para se praticar o comércio, venda de produtos, tanto que a maioria dos anúncios presentes nos jornais da cidade, nesse contexto da Primeira República, apontava a localização para o largo.

¹⁰⁶ Jornal de Caxias, 30 de setembro de 1899, Ano IV, número 198, p. 04

¹⁰⁷ Jornal de Caxias, 30 de setembro de 1899, Ano IV, número 198, p. 04

¹⁰⁸ Jornal do Commercio de Caxias, 04 de julho de 1891, n°. 688, p. 04

Por exemplo, no estabelecimento de Helvécio Villa-Nova comunicava-se aos interessados que os produtos recém-chegados pelos vapores da capital São Luís possuíam “*um variadissimo sortimento de fazendas, miudezas e molhados que está a disposto a liquidar por preços rasoaveis, e ao alcance de todas as bolsas, como melhor poderá se verificar dos artigos.*”¹⁰⁹

Os artigos (produtos), como apontam o reclame informativo, seriam comercializados na casa de Helvécio Villa-nova, porém não se diferenciam de outros reclames cujo objetivo era apresentar ao público sobre as novidades recém-chegadas à cidade, mas notamos que ao final de cada anúncio as frases que finalizam agregavam um sentido representativo em se tratando da ideia de chamar atenção do possível comprador. No caso do anúncio de Helvécio Villa-nova, o pequeno texto encerra apontando sem mais delongas que “finalmente muitas outras mercadorias que deixa de mencionar para não *amolar* a paciência do leitor”¹¹⁰

Os homens sempre apareciam à frente dessas atividades, seja para vender, como dono da casa comercial, ou mesmo para aqueles que descarregavam as mercadorias. A ideia do homem de negócios acabava em primazia, sendo o vetor para impulsionar a realidade econômica caxiense nesse contexto da primeira República. Mais esses homens não estavam presentes apenas nas atividades do comércio.

Notamos que essa Caxias, aflorando em tempos republicanos, já apresentava um corpo de profissionais que ofereciam os seus serviços em diversos pontos da cidade. Por exemplo, no jornal *Gazeta Caxiense* é publicado a lista desses homens e as profissões que eles ocupavam. O jornal denominava de *serviços* úteis, e entre eles estava o em “*exercício da medicina*”.

O jornal se refere aos médicos como doutores, assim eles eram apresentados na página inicial do periódico. “Dr. Astrolabio Passo, Rua das Oliverias, Dr. Antonio Eduardo de Berredo, Ruas das Flores, Dr. Alvaro Sinval de Moura, Rua do Conselheiro Sinval e Dr. Alarico Alves Costa, Rua Direta.”¹¹¹ Apesar desses médicos oferecerem os seus serviços na cidade, notamos, até o dado momento, que a cidade não possuía um hospital ou centro que pudesse atender aos problemas de saúde que a cidade vivenciava nesse momento. Por exemplo, as pessoas que possuíam algum tipo de enfermidade ou passavam por problemas de saúde deveriam recorrer aos remédios medicinais, como a

¹⁰⁹ Jornal O Paiz, 02 de março de 1905, Ano III, número 110, p. 04.

¹¹⁰ Jornal O Paiz, 02 de março de 1905, Ano III, número 110, p. 04.

¹¹¹ Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 23 de maio de 1893, nº 27, p. 01.

famosa garrafada, uma mistura de muitas ervas e cascas de árvores, para tentarem resolver os problemas do corpo. Além dos serviços de medicina, os homens estavam em outras profissões, como era o caso do “*Cirurgião Dentista* Dr. Affonso Moura, que realizava atendimento na *Rua Direta*. Os serviços de advocacia eram também oferecidos, pelos advogados “Salustino Ferreira de Moraes Rego, na *Rua Conselheiro Furtado* e Gustavo Collaço Fernandes Veras, *Rua das Flores*.”¹¹²

No entanto, percebe-se que a existência desses homens desenvolvendo atividades no campo da medicina não solucionava os problemas, por exemplo, como os das pessoas pertencentes aos segmentos populares, pois o mesmo jornal que publica os serviços prestados pelos “homens da medicina”, também fala que por falta de assistência, muitos homens e mulheres não tinham condições de comprar os remédios, quanto menos realizarem o pagamento da consulta. Outros serviços oferecidos aos caxienses eram destinados para o cuidado dos cabelos, segundo o jornal *Gazeta Caxiense* eram resolvidos pelos cabeleireiros, “Victor Dias Teixeira, localizado na *Rua da Palma* e Adão da Silva Antunes, que atendia na *Rua Direita*.”¹¹³

A regulação do espaço urbano caxiense tornou-se mais evidente nos primeiros anos da República. A aplicação de normas e leis que pudesse frear as práticas de desregramento do espaço foi uma das muitas questões presentes no regime republicano. A disciplina do espaço e o bom uso do mesmo configuraram como um espectro para se pensar o sentido desejado da própria cidade em relação ao crescimento, pois não se podia conceber a vida econômica das cidades sem esses processos de mudanças urbanas.

A luz dessas questões nota-se que existia, dentro desse campo de percepção do que seria o espaço urbano, o desejo de se pensar uma cidade padronizada e higiênica. Assim, podemos mencionar as chamadas reorientações das condutas desses sujeitos, em vista do ordenamento urbano que se prescrevia como forma de não deixar as faces da princesa como aspectos rudes, sem características explícitas de beleza urbana.

Margareth Rago (1997), quando pensa sobre as questões disciplinares instituídas nesse período da primeira República, nos chama atenção para os mecanismos de disciplinamento instituídos em prol de congregar nos dizeres sobre a cidade, espaços e, mais ainda, sobre as práticas desses sujeitos, formas para se ter uma cidade desodorizada.

¹¹² *Gazeta Caxiense*, Caxias-Maranhão, 23 de maio de 1893, nº 27, p. 01.

¹¹³ *Gazeta Caxiense*, Caxias-Maranhão, 23 de maio de 1893, nº 27, p. 01.

A preocupação com a estética da cidade era uma das máximas defendidas nos editais publicados nas edições dos jornais caxienses, reforçando a necessidade para se pensar uma cidade com ares civilizados, porém seria e deveria se ter por parte dos caxienses ações que demonstrassem esse empenho para alcançar tal objetivo.

Por isso que o *Jornal Gazeta Caxiense* em uma nota, afirma que existem cidadãos descumprindo as posturas da cidade, ou melhor, o código de posturas da cidade regente naquele contexto.

Infração de Posturas

Chama-se atenção do sr. vice-interventor para uma broia que acompanha de 11 barraquinhas atravessadas hoje pela manhã o largo da matriz desrespeitando assim a letra da lei que proíbe expressamente a presença de tais criaturas na cidade.

- Informa-nos o nosso repórter que hogue a tarde um grupo de 6 meninos migos encontrariam uma arvore a margem esquerda do rio de passarinho (não sabe (...) ou papa-seba).¹¹⁴

A cidade se configurava como um ponto de preocupação para pensá-la enquanto moderna. Para isso era necessário retirar todos os elementos que demonstrassem a falta de cuidados com os espaços pertencentes a ela. Nesse aspecto, o jornal *Gazeta Caxiense* aponta que o *asseio* da cidade fosse realizado o mais brevemente, pois evitaria que pessoas pudessem ficar doentes. A “limpeza e saneamento da cidade não podem deixar de prender a atenção e despertar a solicitude dos poderes municipaes, pois dellas dependem em grande parte a saúde e o bem estar dos munícipes [...]”¹¹⁵

Por esse olhar, Rago salienta que as preocupações com condições de *habitabilidade* eram e deveriam ser alvo dos poderes públicos, pois poderiam desinfetar os espaços de possíveis doenças que surgissem na cidade. Percebemos, nesse ritmo, a representação da cidade ideal, de uma cidade conceito defendida pelos segmentos mais abastados dos núcleos urbanos.

Em vista dessa questão, notamos que, ao longo dos jornais caxienses, existe uma preocupação dos administradores da cidade na reafirmação das leis aprovadas na Câmara Municipal, como também o reforço dos vereadores, presidente da câmara, além do próprio intendente, chamando atenção dos deveres caxienses e cumprimento das

¹¹⁴ *Gazeta Caxiense*, 6 de fevereiro de 1894, nº 99, p. 02.

¹¹⁵ *Gazeta Caxiense*, 20 de fevereiro de 1894, nº 103, p. 03.

diretrizes comportamentais que deveriam ser seguidas, por homens e mulheres da cidade. Por exemplo, podemos perceber esta questão no relatório das atividades da Câmara Municipal, publicado no *Jornal de Caxias* sobre tantas leis que foram constituídas ao longo do ano de 1896.

As atividades descritas pelo jornal fazem referência ao ocorrido nas sessões da câmara, como também às pretensões dos representantes da casa para a melhoria da cidade e da vida dos munícipes. Entre as medidas tomadas pelos vereadores estava a constituição das leis de número 11, 12 e 13. Porém em vista das questões apresentadas nessas leis, o objetivo tanto desta primeira como da segunda seria a efetivação de benefícios para o intendente como para Câmara Municipal, buscando trazer reparos ao espaço.

Mas se tratando da lei número 13, esta fazia referência as práticas que não poderiam coexistir dentro da cidade, por parte dos homens e mulheres que vivem e circulam em Caxias nesse contexto. Nesse sentido, a lei instituída possuía seis artigos, em que os mesmos buscavam constituir maneiras pelas quais os caxienses seguiram em relação as práticas no seu dia a dia.

Lei nº 13

Art. 1º - Foram dos logares designados pelo Intendente é proibido o brinquedo denominado papagaio. Aos contraventores multa de 1:000 reis.

Art. 2º - Os donos das typogrhafias existentes no município, serão obrigados a registrar-as na secretária da Intendencia dentro do praso de 30 dias a contar da publicação d' esta lei, declarando a casa em que funciona e o nome do periódico ou periódicos que publicaram. Aos contraventores multa de 20:000 reis. As typogrhafias que de novo se estabelecerem, não poderão funcionar, sem haver preenchido previamente as formalidades d'este artigo, e o mesmo se entende com os jornaes que tiverem de ser publicados, sob as mesmas penas.

Art. 3º - Os quarteirões de que trata o art. 13 numero 2 do Código de Posturas serão de 100 metros de lado pelas ruas e as praças de 140 metros.

Art. 4º - As licenças para ter cães na cidade, conforme o art. 47 do Código de Posturas do município, ficam sujeitas ao imposto annual de 5:000 réis, pagos semestralmente em Janeiro e Julho.

Art. 5º - E' proibido vender leite falsificado ou de qualquer forma alterado, quer seja por meio da água ou de qualquer outra substancia. Aos contraventores a multa de 1:000 réis e a perda do leite, que será apprehendido.

Art. 6º - Revogam as disposições em contrario.

Sala das sessões da Câmara Municipal de Caxias, 11 de maio de 1896.
Gustavo Collaço F. Veras – Presidente
Dr. Antonio Erlindo Berredo – Vice- Presidente
Luiz José de Mello
Ararico José Villa-nova
José Vieira Chaves
Antonio de Mello Bastos.¹¹⁶

Os artigos apresentam elementos para se pensar questões voltadas desde os momentos de lazer, quando se referem aos locais que seriam para as práticas de festas, como também o próprio comportamento da imprensa na cidade, caso fosse constituir a publicação de um novo periódico local.

Percebe-se que as diretrizes alicerçadas na lei, através dos seus artigos, afirmam particularidades e preconizam elementos correspondentes às práticas desses sujeitos envolvidos, caso não estabelecessem um diálogo quanto ao cumprimento dessas. Em vista disso, ao lançar o nosso olhar para cada aspecto que define qual o objetivo da lei, percebemos qual seria o objetivo principal desses artigos, a disciplina e normatização dos cidadãos.

Em relação ao que ficou apontada no primeiro artigo, a ideia dos brinquedos, ou seja, as festas deveriam ser informadas à secretária da intendência para que se pudesse ter controle dos possíveis problemas existentes nessas festas. Em se tratando dessa questão, o principal objetivo era sanar *brinquedos* que eram organizados fora do perímetro considerado naquele contexto como urbano, pois se tratando dos distritos que ficavam distantes, os sujeitos presentes nessas ocasiões poderiam gerar situações como espancamentos, desentendimentos e até mortes. Entre os locais vistos como preocupante podemos citar *Povoado Ponte*, pois nos finais de semana os homens, movidos pelos líquidos etílicos, sempre apresentavam resultados reprovativos aos olhos da imprensa como da sociedade.

Em relação aos jornais, os mesmos não foram deixados de lado quando se pensava na constituição de periódicos que porventura poderiam iniciar sua circulação na cidade, ou mesmo aos que já estavam circulando. A preocupação com a implantação de novos periódicos se dava pelos possíveis problemas que esses jornais poderiam ocasionar à própria imagem da cidade e dos seus administradores. Desse modo, buscar estabelecer informações sobre o local, as ideias que seriam defendidas, entre outros

¹¹⁶ Jornal de Caxias, 16 de Maio de 1896, Anno, I, nº 30, p. 03.

elementos, seria de relevância para Intendência, pois caso houvesse problemas se poderia tomar as devidas providências.

Quando a lei menciona o que trata os artigos três e quatro, nota-se que eles dialogam com os princípios da cidade ideal, tanto invocada nesse final do século XIX e início do século XX. A relação estabelecida com o artigo treze do código de postura, ratificado nessa lei o cumprimento do artigo, nos dimensiona a formar linhas de compreensão de como a cidade de Caxias, experienciada no campo dos discursos, tentava trazer para o campo das práticas esta cidade.

Assim fazendo correlação com o artigo que menciona o código de postura e o cumprimento de suas prerrogativas, tal código, em seu artigo 13, afirma como deveriam ser as praças e ruas da cidade.

Das ruas e praças

Artigo 13. A Câmara Municipal mandará organizar a planta da cidade compreendendo todo o perímetro que destinar á construção de prédios urbanos, observando-se seguintes regras:

1ª Na parte já edificada de procurará dar as ruas a forma retilínea ou a mais aproximada, e a maior largura possível, sendo a planta executada sempre que os prédios actuaes houverem de ser reconstruídos.

2ª Na parte não edificada, será o terreno dividido em quadrados de trezentos metros de lado pelas ruas, que se cortarão em ângulo recto, tendo cada rua 20 metros de largura. No fim de cada quadrado haverá uma praça com 200 metros de lado.¹¹⁷

Ao definir limites para construção de prédios, como também para o modelamento das ruas e praças, o código traduz o sentido constituído seria criar uma cidade ordenada, buscando pensar uma cidade planejada, em vista de sair das características de cidade com aspectos rurais.

Nesse caso, à cobrança sobre a limpeza da cidade, percebemos, ao longo dos jornais, que ao mesmo tempo em que o jornal *Gazeta Caxiense*, por exemplo, apresentava a necessidade de limpeza da urbe, outros periódicos também noticiavam acerca da necessidade do asseio da urbe sertaneja. Por exemplo, o jornal *O Paiz*, onde publica uma chamada para se buscar a constituição da limpeza de Caxias.

¹¹⁷ Código de Posturas de Caxias de 1893, p. 03.

Intendência Municipal Edital

De ordem do cidadão Intendente Municipal faço publico que no dia 19 do corrente mez, às onze horas da manhã, nesta repartição; será contractado com que mais vantagens offercer o serviço da limpeza e saneamento da cidade, durante anno, sobe as condições seguintes:

1º O serviço consiste na extinção da vegetação, sendo esta arrancada à mão, o mais tardar até o fim do mez de Abril, e na limpeza mensal das ruas, praças e travessas que constituem o perímetro da cidade, segundo a lei nº 47 de 11 de Dezembro ultimo.

2º Que o mato arrancado como o lixo varrido, serão condusidos e depositados em logares fora do perímetro, que forem designados pelo Intendente, afim de mais tarde serem incinerados por conta do empreiteiro do serviço.

3º O empreiteiro denunciara á Intendência dos que atirarem lixo outra qualquer matéria nociva á limpeza nas ruas, praças, e travessas, afim de ser imposta multa respectiva.

4º O empreiteiro dará fiador idôneo, que garanta a fiel execução do contrato.

5º O pagamento será feito mensalmente, dividida a importância do contracto em nove prestações iguaes, começando do mez de Abril.

Os proponentes apresentarão suas propostas em carta fechada, até o dia 18 do corrente ás 2 hora da tarde, nesta repartição, afim de serem abertas no referido dia 19.

E para constar lavrei este que vai publicado pela imprensa

Caxias, 13 de marco de 1903. O Escriuario.¹¹⁸

Nesse caso, em vista a Intendência não está mais sob o comando do Coronel Libanio Lobo, notamos que a configuração de medidas para agregar a beleza e cuidado com a saúde dos cidadãos caxienses acaba sendo ratificada pelo novo intendente. Em vários momentos, enquanto a administração da cidade estava sob o olhar do Coronel Libanio Lobo, a imprensa apresenta notas chamando atenção da figura do intendente, porém ao que se percebe, nessa nova administração, é a tomada de medidas para que os populares não buscassem usar a imprensa para apresentar os incômodos ocasionados, por exemplo, a limpeza da cidade entre outras questões.

Em vista dessa questão, Mota (2003) considera que nas primeiras décadas da República no Brasil os médicos e as instituições de saúde reconduziram qual seria o ritmo da cidade e os seus cidadãos. Medidas tomadas para os grandes centros urbanos e regiões interioranas. Como reforça Mota, a meta era reverter as “nefastas perspectivas que avaliavam o brasileiro como inferior e, por isso, incapacitado para atingir alguma

¹¹⁸ Jornal O Paiz, 03 de Caxias de 1904, número 51, Ano, II, p.03

civilidade.”¹¹⁹

Em outra situação, percebe-se a falta de cumprimento com as determinações estabelecidas no código de posturas do município. O *Jornal de Caxias* publica um informe em que tanto a Câmara Municipal e o Intendente são convocados a tomarem medidas sobre o que rege o artigo 89 do Código de Posturas do Município e a falta de cumprimento desse artigo na cidade.

A informação inicia apontando que se esperava que tanto a “ilustre corporação e o digno S. Intendente atentassem para o estrago e desperdício” ocorridos devido à grande escala de matança de cabras para retirada de couro, que seria vendido no Ceará. O texto, ainda, sublinha a falta de aproveitamento do restante das partes desses animais abatidos, pois não é destinado a suprir as necessidades públicas da cidade. Em outra parte, o texto menciona que é uma prática recorrente também pelos cearenses que vivem na Rua Olho d’ Agua.

Pouco esses especuadores se importao que venda carne, como tem acontecido com uns cearenses que na rua Olho d’ Agua fazem grande matança, sendo q’ muitas vezes deitão a carne para os urubus, por não acharem compradores para ella!

Esses malvados estragadores da industria pastoril do município não se satisfazem só em abater chibarro cabras velhas e inutilizadas para a produção, como abatem cabras novas, prenhas e paridas (!) e talvez doentes.

Além de prejudicial o estrago que fazem com a matança pouco menor o prejuízo com os cabritinhos que morrem por falta de alimentação natural.

O procedimento d’esses selvagens marchantes de cabras além de ser digno de censura virá muito breve trazer a localidade o desaparecimento d’ esses tamo de industria, que não só é productivo, como serve de recurso para a pobresa, que além de tel-a para alimentação, tem o leite para seus filhos, pois nem todos podem ter um vacca para dar leite, quando não é difícil possuir uma cabra.

E’ para isso que chamamos a atenção das auctoridades municipaes, a quem pedimos providencias, não só a benefício e interesse do município, como pelo bem estar dos habitantes dessa cidade, que muitas vezes comprão carne desses animais doentes, sendo vicitmas

¹¹⁹ MOTA, André. Quem é bom já nasce feito: sanitárissimo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.19.

de males cuja causa ignorada, vem a ser d' essa carne danificada.¹²⁰

A reclamação exposta no texto acima, que chama atenção das autoridades de Caxias, denota em palavras como a população se encontra assustada diante das ações de alguns indivíduos. Vemos, nesse ponto, que o pedido de tomada de ações mais enérgicas não se verbaliza apenas pelo estado de insatisfação, mas corporificado pelo âmbito das normas estabelecidas em código citado anteriormente. Nessa perspectiva, notamos que o uso das leis, como forma de manter resguardos diante da ausência de cumprimento das ações das pessoas e mais ainda dos deveres desses homens e mulheres do regime republicano, eram formas de cobrar o cumprimento, pois, caso contrário, seriam punidas com o pagamento de multas.

Mas voltando ao pedido de medidas solucionáveis, o código supracitado no texto corresponde ao capítulo VIII das posturas que deveriam ser cumpridas pelos cidadãos caxienses. O capítulo em especial refere-se à alimentação pública e conseqüentemente aos cuidados que as pessoas que comercializam e compram esse produto deveriam ter ao fazer o manejo.

Os animais destinados ao consumo público na cidade, povoações e lugares, só poderão ser abatidos, nos logores para isso destinados pelo Intendente, e, depois de examinados pelo médico da Câmara, ou, na sua falta, pela pessoa encarregada desse serviço. Ao infractor, a pena de 10.000 reis de multa.¹²¹

Observando as diretrizes do primeiro artigo que compete ao capítulo, identifica-se que as práticas desses sujeitos acusados pela notícia já estariam enquadradas por descumprirem uma norma estabelecida como regramento do município, em vista dos mesmos realizarem a matança em local não determinado no artigo do código. Outro aspecto notório, aos ditames apontados pelo código que não dialogam com as práticas descritas acima pelo texto da população, seria o local estabelecido para realizar o abatimento desses animais, pois segundo as proposições dos artigos 90 e 91 do código de posturas, determinam que,

Art. 90 – Os matadores serão dotados dos melhoramentos mais modernos introduzidos em taes estabelecimentos, e mantidos com todo asseio. Os animaes ali mortos ser-lo-hão pelo modo mais rápido e menos doloroso, em hora apropriada, de modo que medeiem 6 horas, pelo menos, da morte á exposição da carne a venda. A infração sujeita

¹²⁰ Jornal de Caxias, 23 de abril de 1898, Ano III, nº 127, p. 04

¹²¹ Código de Posturas de Caxias de 1893, p. 11

o infractor á multa de 10:000 reis.

Art. 91 - Não será admitido à matança animal que não esteja são, sob pena de multa de 20: 000 réis, apreendida e enterrada a carne à vista do infractor.¹²²

Os dois artigos apontam questões que correspondem ao comportamento de tais homens na denúncia realizada pelo texto, em relação à matança das cabras de forma *desplanejada*, além da falta de cuidados. Nesse ponto, tais aspectos revelam o que vigorava como lei, porém não era feito o cumprimento por parte das pessoas. O disciplinamento e a normalização seriam apenas desejos ideais, mas nem sempre seguidos à risca.

Nesse sentido, podemos acalantar nossas considerações pelo olhar de Foucault, quando o autor aponta que o poder¹²³ estrutura a sociedade mantendo-a de forma hierarquizada e organizada. A sociedade é marcada por um conjunto de poderes que vão sendo organizados em poderes menores e ramificando-se em instâncias diversas conservando sua formalidade em prol dos anseios do Estado e de quem faz parte da governabilidade. As cobranças realizadas, denotam como as cidades brasileiras existentes, nesse contexto, ratificam em seus discursos, dizeres e experiências vivenciadas como um espaço urbano tentando-se moldar à ideia de cidade conceito, cidade equiparada ao mundo moderno, ou visto com ares modernos no amanhecer da Republica.¹²⁴

¹²² Código de Posturas de Caxias de 1893, p. 11

¹²³ O poder agora é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro (em sistemas de comunicação, redes de informação etc.) e os corpos (em sistemas de bem-estar, atividades monitoradas etc.) no objeto de um estado de alienação independente do sentido da vida e do desejo de criatividade. A sociedade de controle pode, dessa forma, ser caracterizada por uma intensificação e uma síntese dos aparelhos de normalização de disciplinariedade que animam internamente nossas práticas diárias e comuns, mas, em contraste com a disciplina, esse controle estende bem para fora os locais estruturados de instituições sociais mediante redes flexíveis e flutuantes. NEGRI, R.; HART, M. Império. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 42-43.

¹²⁴ Nas cidades a questão da saúde fora agravada pelo crescimento demográfico nelas ocorrido. Lentamente em alguns casos, mais acelerado em outros, tal crescimento não acompanhado por planejamento urbano que tivesse a intenção de adequá-las a demanda populacional ascendente. Herdado a sua estrutura do período colonial e tendo que absorver um progressivo contingente populacional ascendente de habitantes, as cidades nas circunstâncias tratadas aqui, tornaram-se um manancial de problemas, os quais favoreceram a propagação de epidemias. Dentre eles estão: as ruas estreitas, impedindo a livre circulação do ar e a penetração da luz, que contribuíram para a disseminação dos miasmas (esses perigosos agentes difusores das doenças, segundo alguns especialistas do período. ; a carência de moradias, provocado a proliferação de cortiços e outros tipos de habitações populares insalubres, a inexistência de um serviço de abastecimento de água e captação de esgotos eficientes e extensivos a todo o perímetro urbano, além de outros mais. LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a*

Além dessa questão, esses dizeres apresentados na imprensa, por exemplo, buscaram alcançar a ideia de civilidade, modernidade e progresso, porque se notava não apenas na imprensa local, como também em outros lugares, através de mecanismos de informação como se desejava uma nação e, mais ainda, como se desejava que as cidades corpificassem em seu dia a dia o sentido de ser cidade.

[...] a identidade de uma urbe tende a apoiar-se em marcos de referência precisos, visuais e sensíveis, que, se por um lado compõem a unicidade do padrão identitário, permitindo o reconhecimento da cidade, por outro estabelecem a diferença em face de outros centros urbanos. Via de regra, estes elementos individualizantes – monumentos, traçado, tipo de construção arquitetônica, paisagem, costumes e procederes – são observáveis no centro da cidade, locus da origem.¹²⁵

Por esse viés, a ideia de disciplinamento no espaço citadino, em prol desse objetivo, efetiva-se como uma regra para ser seguida. O reforço dessa prática se dava em vista do melhoramento da cena urbana e, mais ainda, da continuidade dessas melhorias, porque se acreditava que trazer esses elementos para serem visualizados pelos cidadãos tornava explícito conceitos como moderno, modernidade e desenvolvimento para o espaço desejado. Mas é válido considerar que a ideia de moderno, modernidade e modernização precisaria ser pensada pela lógica da singularidade, da particularidade.

A singularidade a qual fazemos referência se constitui por se tratar de categoria conceitual que denotam, dentro do campo de ação, formas e significados diversos. Por exemplo, a cidade de Caxias e sua experiência de achar-se moderna, dizer-se moderna, apalpar a modernização, são questões que sabemos muito bem se distanciam não apenas dos conceitos entre si, mas também dos conceitos e dos seus significados em relação aos outros lugares e suas experiências. Por isso é complicado falar de uma Caxias, em pleno final do século XIX e início do século XX, verberando ser uma cidade moderna, quando ainda se tinha uma infraestrutura precária, além de outros tantos problemas.

A Caxias que floresce em dias Republicanos parece que não deixou de apresentar os problemas existentes durante o Império. Desde as questões dos altos

Bahia civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana Salvador, 1912-1916. (Dissertação de Mestrado), UFBA, Salvador, 1996, p. 10.

¹²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre.* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p. 163.

impostos, das cobranças entre vários aspectos da vida, os problemas da cidade não desapareceram com a vida em tempos republicanos. Eram perceptíveis, na imprensa caxiense, os reclames pedindo a solução dos problemas enfrentados pelos cidadãos. Assim, como a questão da injustiça da cobrança do imposto, ao Intendente.

Por exemplo, em relação à força policial da cidade, cujo contingente de praças se tornava insuficiente para agregar a segurança, porque se considerava que, devido ao aumento da população e mais ainda da expansão da cidade, cinco praças não conseguiram dar conta do bem estar dos cidadãos, naquele momento. Em relação à questão que se cobra sobre a insuficiência da força pública, em dois de setembro de 1902, aos gritos, um cidadão caxiense amparado pelas letras, lança-se a verberar sobre os momentos que Caxias vivia sob o amparo da chamada Primeira República. Suas palavras iniciais vêm à tona representadas por um adjetivo e reforçado pela variação do grau superlativo absoluto sintético desse adjetivo. *Tristes, tristíssimo.*

Na ocasião, o sujeito não se identifica, mas corporifica em suas palavras, um tom revoltante da situação da qual se passa a cidade, promovendo logo no início das suas palavras uma pergunta “*Onde vamos parar? É phase que cortados os ângulos desta cidade, que vai a passos largos caminhando para anarchia.*”¹²⁶

Nas considerações do sujeito, dono desta reclamação, verificamos como os crimes, sejam eles quais fossem, acabavam quebrando a tranquilidade no cotidiano de Caxias. Para o cidadão, em questão um problema mal resolvido pelas autoridades da época, principalmente, da polícia. Para ele, a própria anarquia se faz presente naquele momento.

A sua revolta se efetiva pelo grau expressivo de casos que perturbam a ordem, a tranquilidade. Sua frase revela o nível de insegurança presente em Caxias, sua frase mescla o medo e desespero possível de verificação não apenas nos grandes centros populosos, mas nas cidades brasileiras em termos gerais.

Por isso o jornal afirma que as autoridades, que administravam o Maranhão, não atendiam aos ofícios de pedidos para agregar força ao corpo de segurança de praças, como também assistência de materiais de trabalho para o desenvolvimento das atividades de policiamento da urbe.

¹²⁶ Jornal de Caxias, 06 de setembro de 1902, Ano VII, número 347, p. 01

Nesse sentido, verberando sobre as necessidades, o articulista afirma que era evidente “a insuficiência da força pública existente, para fazer todo serviço policial a cargo do município.”¹²⁷ Porém se o pedido fosse atendido, o relator das necessidades considera que mesmo elevado ao dobro, talvez ainda não fosse bastante para “attender a todas as necessidades de um policiamento regular; mas como a meu ver, as rendas não comportam ainda tal accrescimo de despesa, proponho o aumento de 5 praças.”¹²⁸

Sobre as carências existentes em Caxias, o relator fez uma proposta, que além do aumento do corpo de praças para dar regularidade e tranquilidade aos caxienses, também se realizasse “algumas alterações no fornecimento do fardamento, com o fim de ficarem as praças mais bem agasalhadas contra as intempéries e com roupas mais douradoras.”¹²⁹

O relator do pedido também sugere que se façam reconsiderações salariais, para compensar o empenho dos serviços prestados por praças à cidade de Caxias. O intuito seria, segundo considera o relator, reter no corpo de polícia os soldados já conhecedores do serviço, propondo a gratificação de 100 reis para os praças do 2º anno e a de 200 reis para as do 3º.

A figura do *Intendente* estava, em todos os momentos, sendo citada nas páginas dos jornais, a fim de que procurasse sair do seu gabinete para caminhar pelas ruas, para solucionar os problemas enfrentados pelos caxienses. A ideia nesse caso, dessa figura pública, acaba sendo uma voz que determinaria os rumos da organização da cidade, pois como voz ativa, conduziria ao embelezamento da cidade e à tranquilidade do espaço social.

Em vista dessa questão, o *Jornal Gazeta Caxiense* publica uma nota requerendo da figura pública, Coronel Libanio Lobo, intendente municipal no contexto, que procurasse solucionar os problemas encontrados nos arredores do Povoado Ponte. O pedido foi feito devido à crescente derrubada das árvores, que estava sendo realizada naquela região, como também as que estavam na margem do próprio riacho. Assim ele considera:

Vae em proporção crescente a derrubada de arvores pelas margens das estradas e do riacho, o que como não ignora S. S. é de grande inconveniente e está na está na alçada dos poderes municipaes empedir.

¹²⁷ *Gazeta Caxiense*, 20 de fevereiro de 1894, nº 103, p. 03.

¹²⁸ *Gazeta Caxiense*, 20 de fevereiro de 1894, nº 103, p. 03.

¹²⁹ *Gazeta Caxiense*, 20 de fevereiro de 1894, nº 103, p. 03.

O que é pior e causa lastima é o desrespeito a semetria que reina naquille bello e aprazível logar, no tocante a construção das habitações.

Há uma planta levantada por um engenheiro, que pode perfeitamente guiar a quem quizer construir suas cazas; mas não é ella respeitada, pelo que as ruas que se estão formando agora são as mais tortuosas possível, dando aquelle bairro um aspecto antipathyco e até tornando-o ante-hygienico, quando se S. S. se tornasse mais enérgico podia tornal-o formozissimo.¹³⁰

Nas considerações do articulista, nota-se que existem, já no contexto desses anos iniciais, preocupações em manter, diante dos desmatamentos, um controle sobre o processo de retirada das árvores. Mas como também é mencionado, existe outra preocupação em relação à derrubada de árvores, que seria a própria expansão de casas na região. O que se configura, na ótica social, como uma preocupação por causa da construção de casas, denotando, nesse caso, especificamente, o crescimento da cidade naquele contexto.

A autora Bresciani, ao analisar a imagem do pobre no espaço da cidade, menciona que ele seria visto como uma ameaça, pois apresentavam de maneira coletiva aspectos que não seriam elementos produtivos para ritmo da cidade e mais ainda para o mundo do trabalho. O local onde os pobres viviam, eram percebidos atrativos para doenças em vista dos aspectos sujos do ambiente que viviam, pois o espaços seriam propícios para disseminação de doenças.

Por isso percebia-se a necessidade do disciplinamento e aplicação de mecanismos cujo objetivo fosse disciplinar e organizar o ambiente em que eles moravam. Dessa maneira, o pensamento político e econômico se encontra “com a presença efetiva das concentrações humanas para o trabalho no ponto em que se entrecruzam ainda com o saber sanitário do médico e do engenheiro.”¹³¹

Nesse contexto, o Brasil já era alimentado com mais intensidade por discursos que denotavam a necessidade de lugares mais arejados, com aspectos de limpeza, e mais ainda de higienização dos mesmos. Tanto que percebemos que os códigos de posturas alertavam sobre esta preocupação que deveriam ter os cidadãos.

¹³⁰ Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 29 de março de 1893, nº 13, p. 02.

¹³¹ BRESCIANI, Maria Stella Cidade e História. Cidade: história e desafios / (Org): Oliveira, Lúcia Lippi . — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 27.

Caxias dentro de sua configuração urbana, ao que seja possível identificar nos discursos dos jornais, mostra-se como uma cidade que se visualiza enquanto cidade pelo aspecto da sua parte mais edificada com os prédios, porém, ainda pela ótica dos discursos, podemos identificar que os locais aos arredores da mesma apresentam-se como distritos ou mesmo povoado, como é caso do local em que ocorre o desmatamento e a construção de novas casas citadas anteriormente.

Em relação ao ordenamento urbano, sob a égide de intendência do município, a cidade passa a regularizar mais ainda o perímetro citadino. Para que se pudessem organizar melhor os terrenos e propriedades correspondentes à parte da cidade e sua urbanidade. Nesse ponto, a Secretaria da Intendência Municipal lança edital de convocação dos moradores – das Ruas das Boiadas, Ruas dos Arcos, Rua da Taboca, Rua Nova, Rua Olho d' Água, Rua das Oliveiras, Rua Aarão Reis, Rua Cemitério de São Benedito, Praça da Constituição, Rua do Pau d' Água, Estrada das Boiadas, Rua de São José, Estrada de Ferro, Galiana, Rua dos Cavalleiros, Pé do Morro, Lages – para que compareçam à secretaria a fim de ajustarem os aforamentos dos terrenos, além de cumprirem com o pagamento dos impostos. Segundo estabelecido em edital, essa chamada pública fazia parte do procedimento determinado na lei orçamentária correspondente às obrigações do município de Caxias.

Sob a perspectiva da organização, em muitos momentos, percebemos que a ação da figura do intendente não se afirma apenas na organização e melhoria da cidade, mas também é alicerçada em arrecadação de impostos dos munícipes, para fins de aumentar a receita da cidade.

As diversões da Princesa: práticas de sociabilidades

As diversões da cidade, no começo da República, tornaram-se cada vez mais expressivas nas páginas dos jornais, como também se percebe que esses divertimentos se agrupavam de acordo com os marcadores sociais e econômicas desses sujeitos. A coletividade era marcada por grupos diferentes e as práticas de sociabilidades refletiam esta perspectiva da distinção, principalmente, ao passo de pensar os lugares e pessoas que podiam frequentar tais locais.

A ida ao teatro se torna, dentre essas atividades de lazer e descontração, uma das ações exercidas pelos cidadãos caxienses, principalmente, por aqueles com condições mais abastadas. O *Teatro Phenix* se torna a casa de espetáculo que agrega o

chamado bom gosto, como também a própria ideia do enriquecimento cultural dos seus frequentadores.¹³²

Nesse caso, o teatro seria palco de atrações vindas de muitas partes do país, como também originária da própria cidade, pois Caxias possuía um centro recreativo voltado, principalmente, para criações de peças teatrais. Dos espetáculos apresentados, ao longo da existência do teatro, houve uma diversidade de apresentações, dentre elas, por exemplo, a vinda de mágicos que encantavam jovens e adultos.

O anúncio em questão faz referência ao espetáculo de mágica intitulado de *A cabeça de homem vidente*. O jornal *O Paiz* anuncia o espetáculo falando que a apresentação será encantadora, visto ser uma atração que busca brincar com o imaginário de homens e mulheres, como também de crianças que se fizerem presentes.

Segundo o jornal, alguns espetáculos eram patrocinados por *Distintos Cavalheiros*, no entanto o periódico não aponta quem seriam esses patrocinadores, apenas cita que eles contribuem para que a cidade tenha a oportunidade de ser acalentada por diversões requintadas e de estilos diferentes. Um aspecto referente a este espetáculo é o uso de imagens em que quase não podemos perceber nos reclames da imprensa caxiense, visto as técnicas utilizadas, porém nota-se aos poucos uma modernização na estética do jornal.

O jornal *O Paiz*, pelo qual se faz a publicação do anúncio, aponta que o sucesso será garantido, visto à programação da apresentação e o que seria apresentado ao público caxiense. Um ponto interessante nos anúncios é ausência de informação acerca do valor a ser pago pelo público visitante ao espetáculo de mágica. Apesar de a chamada fazer referência a todos os caxienses, não se percebe possibilidades de que todos os caxienses pudessem ter condições para adentrar ao espaço do teatro.

¹³² O teatro, tido como uma criação do meio urbano, sempre manteve relações estreitas com a cidade: relações não apenas de ordem sociológica ou econômica, mas, sobretudo morfológica. Primeiramente, o lugar teatralizado aconteceu no tecido contrastado das ruas e das praças, transformando, por suas vezes, toda a cidade em lugar de espetáculo. Posteriormente, na medida em que o urbanismo se organizou em torno dos lugares especiais do ideal do Iluminismo, o lugar teatral participou da própria reestruturação do espaço urbano, como pivô ou gerador de novos bairros e ao mesmo tempo modelo de uma arquitetura de aparato, estendida ao conjunto dos monumentos da cidade. O lugar teatral é, em última instância, o cruzamento onde se encontram destacados e exacerbados os desejos, as utopias, as imagens mentais, as manipulações dos espaços públicos e privados, que investem sobre cidade. Não obstante ele participe da apoteose ou da negação da cidade, o lugar teatral permanece no centro de toda interrogação sobre o passado, o presente e o futuro do espaço urbano. KONIGSON, Elie. (Org.) *Avan-propos*. In: *Le Tréâtre dans la Ville*. Paris: Éditions Du CNRS, 1987, p. 07.

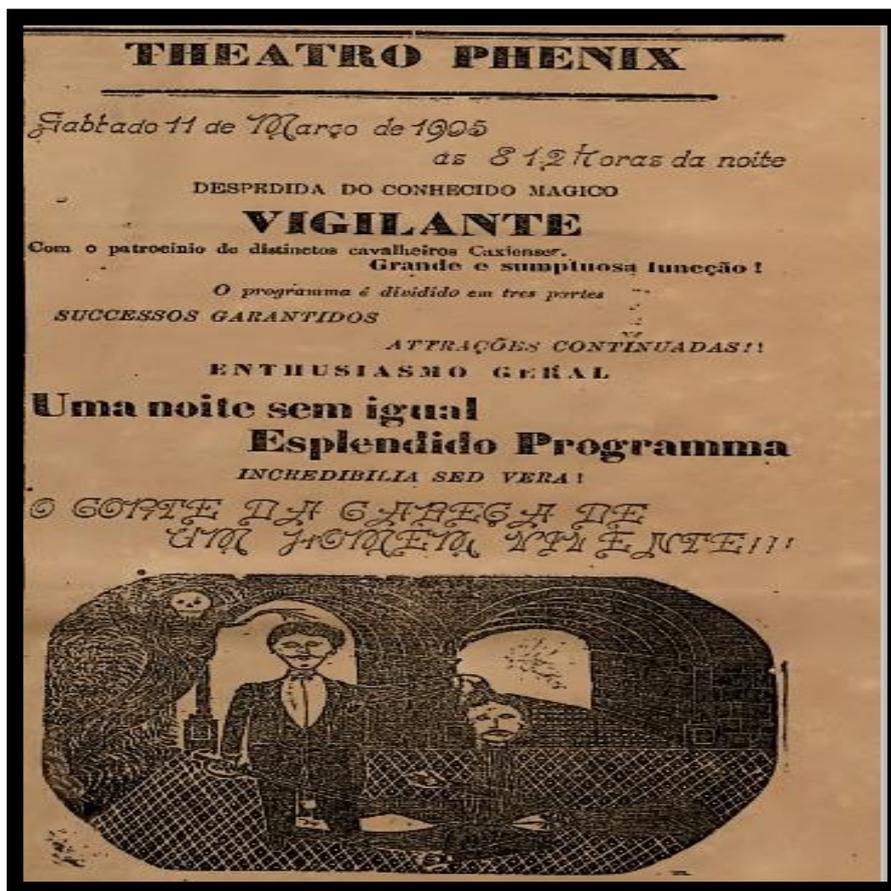


Figura 1- Fonte: Jornal O Paiz, 1905, p. 04

Outra questão, característica dos anúncios dos espetáculos que ocorreriam no teatro da cidade, seria a busca em mesclar as atrações entre nacionais, internacionais, como também produções locais. Nesse caso, podemos citar também as produções da própria cidade, visto, nesse contexto, constituir na cidade um centro recreativo. Na ocasião, o jornal convidava os caxienses para assistirem “o 3º espetáculo do Centro Dramatico Recreativo, indo a scena o bonito drama em 2 actos *O filho do trabalho* a comedia *FF e RR* repetindo se appedido a interessante comedia *O Recomendado de Lisboa*”.¹³³ Percebe-se que existia uma variedade dentre os espetáculos que chegavam à casa teatral, como também das produções locais. A casa de espetáculos se tornava, nesse contexto, uma das atrações para a prática de sociabilidade dos caxienses, visto apresentar uma rotatividade em apresentações de peças teatrais dentre outras atrações. Nesse sentido, os diretores do Centro Dramático e Recreativo, quando anunciavam as atrações nos jornais, faziam pedido do comparecimento das pessoas explicando como seria a programação. Quando ocorriam mudanças, os diretores recorriam aos jornais

¹³³ Gazeta de Caxias, 4 maio de 1894, n. 122, p.02.

para fazer o comunicado dessas alterações.

Por exemplo, sobre o espetáculo que ocorreria no sábado de Aleluia, em decorrência dos imprevistos, os diretores publicaram informações acerca das mudanças:

O primeiro espectáculo será impreterivelmente no dia 24 sabbado d' Alleluia, sendo impossível transferil-o visto ser uma das comedias constantes do programa adequada ao dia e ser difficil sem accrescimo de despesas e trabalho, substituil-a, e que sourde anunciada para domingo fica transferida para outro dia. ¹³⁴

Na ocasião, as atrações apresentadas, nesse dia, seriam as comédias *Os primos*, *O recomendado de Lisboa* e *Judas em Sabbado d' Aleluia*. Segundo o que aponta as notas sobre os espetáculos, o primeiro “é uma linda comédia de salão, um verdadeiro *bijour*, a segunda igualmente bella, é ornada de apresentadas lindas: é a primeira vez que vão a scena nesta cidade.”¹³⁵ Quanto à terceira, a nota aponta que já tinha sido vista na cidade, mas informa ainda que ela “não deixará por isso de agradar, espalhafatosa, desopiladora, hilariamente como é. Estão todas perfeitamente ensaiadas.”¹³⁶

Os diretores consideram que a ida ao teatro para apreciar os espetáculos será um grande sucesso, porque consideram primeiro não possuir concorrência na cidade e também “porque há muito não temos diversão deste gênero, mas também porque o resultado líquido será empregado nas obras de que tanto precisa o nosso teatro.” ¹³⁷

Em vista do público que se fez presente ao espetáculo, os diretores se apresentaram em outra edição do jornal *Gazeta Caxiense* para falar que as expectativas foram superadas pela presença significativa do público nas apresentações das peças teatrais. Eles apontam que houve regular concorrência para ocupar os lugares do teatro, considerando que sentiram a falta de espaço para comportar o público presente nas apresentações. “Por isso limitamos-nos a dizer que como estreantes, a excederam a nossa expectativa e a dos espectadores em geral. Exigir mais seria ser muito exigente.”¹³⁸

As diversões não se localizavam apenas no âmbito do teatro, as festas consideradas como populares também faziam parte do dia a dia dos caxienses, mesmo que em alguns momentos a imprensa demonstre a existência das distinções entre as

¹³⁴ *Gazeta Caxiense*, 20 de março de 1894, p. 111, pp. 02-03.

¹³⁵ *Gazeta Caxiense*, 20 de março de 1894, p. 111, pp. 02-03.

¹³⁶ *Gazeta Caxiense*, 20 de março de 1894, p. 111, pp. 02-03.

¹³⁷ *Gazeta Caxiense*, 20 de março de 1894, p. 111, pp. 02-03.

¹³⁸ *Gazeta Caxiense*, 27 de março de 1894, p. 112, p. 02.

peessoas.

Referimo-nos a essa questão a partir dos comentários do artigo do jornal *Gazeta Caxiense*, rememorando os dias da festa de momo em Caxias. Em suas palavras, notamos a chamada distinção social, como elemento que se torna presente quando se pensa em comemorações da elite e da festa popular. Um elemento reforçado por práticas ao se fazer menção à maneira como os cidadãos, em cada classe, procuram compreender o sentido da festa carnavalesca. Assim em suas palavras iniciais, o articulista aponta que o *brinquedo*, comemorado por um determinado grupo de caxienses, aconteceu entre algumas pessoas pertencentes “ao bello sexo e outras ao feio, dando se também a circunstância de achar se presente uma banda de música a do maestro *Carimau*, contractada - pelos mascarados que iam se exhibir”.¹³⁹

O articulista afirma que a festa teve seu início “as 4 horas da tarde estendo-se te as 7 quando retirou-se a música já falada para uma *soirie* artistas. Então alguns dos rapazes dos mais influídos sahiram em procura de uma orchestra qualquer entregando-se as moças ao brinquedo de prendas e a diversos outros entretenimentos.”¹⁴⁰ Mas essa comemoração não cessou tão cedo, conforme o articulista, ele aponta que “as 9 horas da noite, obtida a orchestra continuaram as quadrilhas walsas e polkas te as 3 da madrugada.”¹⁴¹

Considerando que existiam pessoas vistas como civilizadas, o articulista declara que a festa foi de grande expressividade, “foi mais simples, reinanda, portanto maior harmonia e franquesa. Nella assistimos interessanes senas. Basta, penna, nada de indiscrições.”¹⁴²

O período carnavalesco configurava entre as práticas festivas como uma válvula de escape para a rotina dos cidadãos caxienses; e a realização das famosas soirées definiam práticas da elite caxiense não apenas no período carnavalesco, mas em outros momentos durante o ano¹⁴³. Eram realizados, ainda, pelas igrejas católicas,

¹³⁹ *Gazeta Caxiense*, 9 de fevereiro de 1894, nº 100, p. 03.

¹⁴⁰ *Gazeta Caxiense*, 9 de fevereiro de 1894, nº 100, p. 03.

¹⁴¹ *Gazeta Caxiense*, 9 de fevereiro de 1894, nº 100, p. 03.

¹⁴² *Gazeta Caxiense*, 9 de fevereiro de 1894, nº 100, p. 03.

¹⁴³ As soirées decorriam no espaço paradigmático das sociabilidades privadas e seletivas, estruturando-se segundo referentes que derivavam, antes de mais, da percepção e incorporação dos códigos de comportamento eficazes para a difusão de sinais de proximidade e distanciamento entre os indivíduos e entre os grupos, estabelecendo marcas distintivas e de distinção. Caracteriza das, no que diz respeito à multiplicidade dos espaços de sociabilidade, as *soirées* tinham outras especificidades. Eram eventos esporádicos, de calendário fluído e de complicada previsibilidade; a forma como decorriam não se encontrava juridicamente prescrita, quer no que dizia respeito às possibilidades de admissão e sanções

festejos que se demonstravam como possibilidades do homem sair nesse grupo de pessoas mais sociais em vez de arrumar tempo para ir aos botequins.

Mas também existiam os famosos bailes, cujas diversões ocorridas nesses bailes eram apresentadas nos jornais caxienses. O sentido efetivado com a descrição do articulista apresentava que, na cidade de Caxias, existiam modos diferentes de entender a festa de momo, mas um detalhe que sobressai nessa questão é a inspiração desses caxienses para trazer modos bem europeizados para cidade. Por exemplo, a questão dos bailes de carnaval demonstrava essa busca em tornar-se semelhante ao vivenciado nos grandes centros da época.

Simplesmente sensacional o baile a phatasia realizado no domingo ultimo.

Para poupar espaço de que não desponhos hoje não nos ocuparemos com a ornamentação feéricas da casa; gentilmente cedida pelo sr. Tenente Coronel José Lemos; com as phantasias dos cavalheiros, assim como não daneiros neste numero noticias de todas as pessoas que a elle compareceram. Como satisfação aos leitores apenas passaremos para estas columnas apontamentos ligeiros, colhidos pelo nosso representante, sem nativos depidos de formas.

A enorme concorrência tornou mesmo impossível apanhar todas as phantasias e ainda mais apreciá-las convenientemente. O que aqui vai

aos participantes, quer em relação às atividades desenvolvidas. As regras do receber e ser recebido — a arte de organizar este tipo de reuniões —, sendo exclusivamente do foro privado, não passavam pela alça da do poder legislativo e jurídico instituído. Significa tudo isto que estamos perante uma prática de sociabilidade informal? A busca de uma tipologia sistematizadora para a multiplicidade das manifestações de sociabilidade, partindo de uma dualidade explicativa (formais/informais) quanto ao grau de formalização, pode, algo linearmente, remeter as soirées para o conjunto das denominadas sociabilidades informais, diferenciando-as de outras manifestações, precisamente pela ausência de constrangimentos legais e institucionais. Por isso mesmo, aquele aspecto deve ser complementado com outros indicadores capazes de matizar a referida tipologia. As informações apresentadas pelos periodistas são particularmente esclarecedoras: os anfitriões eram, por norma, pessoas extremamente delicadas; os participantes — com especial relevo para as senhoras — estavam sempre belos e elegantes; e as atividades desenvolvidas possuíam uma notável homogeneidade, independentemente dos motivos da reunião: os presentes recitavam, representavam, cantavam, tocavam (preferencialmente o piano), dançavam, e nos momentos adequados eram servidos alimentos leves e bebidas 59. Não se detectam determinantes de ordem legal e, interpretando o conceito de formal apenas neste sentido, poderá dizer-se que estamos perante uma forma de sociabilidade informal. As soirées não eram, porém, reuniões informais: começando na seleção dos convidados, passando pelo cuidado com a aparência e pelas atividades desenvolvidas, terminando na existência e proliferação, ao longo do século XIX, dos chamados «manuais de civildade» — independentemente das críticas de desatualização e provincianismo que sobre eles por vezes recaíam. BERNARDO, Maria Ana. Sociabilidade e distinção em Évora no século XIX. O Círculo Eborense, Lisboa, Edições Cosmos, 2001, pp. 37-38

arremendo de chronicas e appenas uma expressão da nossa boa vontade.¹⁴⁴

Podemos indicar, nesse sentido, que as diversões na cidade de Caxias poderiam ser apresentadas de maneiras diversas, visto o poder aquisitivo dessas pessoas, como também o período em que as estavam vivenciando. As práticas de sociabilidades se instituem como forma de agregar um ritmo diferente no cotidiano desses caxienses, mas como já apontamos, essa vivência era também alicerçada por marcadores sociais, como classe.

Os segmentos mais abastados, como apontado anteriormente, procuravam adentrar em lugares como o teatro para respirar o que eles denominam das *diversões mais civilizadas*. Um pensamento recorrente no imaginário social do país, nesse começo do século, porque se pensava em agregar, no bojo das relações sociais, pessoas ainda alimentadas pela cultura mais requintada. Ir ao teatro, por exemplo, configurava uma prática de civilidade e rebuscamento.

Mas mesmo essa elite, experienciando o carnaval, por exemplo, a festa de momo ganhava um tom mais elitista, nota-se pelas informações que eram publicadas nos jornais onde afirmam que as pessoas procuravam estar em casas, clubes, em que o público era mais restrito e fazia uma seleção quanto ao poder aquisitivo que cada pessoa possuía.

Em se tratando da elite, existiam lugares que eram preferidos para suas práticas de sociabilidades. O *Café Pic-nic* era um local privilegiado para os encontros de homens e famílias, a elite caxiense, no contexto dos anos iniciais da República. As pessoas então experimentavam a sociabilidade nesses cafés sem revelar muito de seus sentimentos próprios, de sua história pessoal ou de sua posição social.

Entre um jornal e outro, ou mesmo dos jornais de maior expressividade no contexto, como *Jornal de Caxias e Gazeta Caxiense*, era perceptível a referência ao estabelecimento de encontros da cidade de Caxias, como também para se comemorar algum tipo de festividade. Além de ser um hotel que se apresentava como opção para receber os sujeitos ilustres da elite, como do próprio governo municipal da época.

Quando eram realizadas festividades religiosas, o *Café Pic-nic* tornava-se um ponto de encontro para os caxienses pertencentes ao segmento mais abastado para tomar um café, chocolate e outras bebidas. O proprietário cujo nome não foi divulgado,

¹⁴⁴ Jornal O Paiz, 10 de abril, Caxias de 1904, número 64, Ano, II, p.01

naquele contexto, tinha local privilegiado para fazer os seus anúncios nos palanques da cidade, seja carnaval, festejo, ou outro momento de sociabilidade vivenciado naquele contexto.

Um exemplo dessa questão aconteceu no festejo de Nossa Senhora dos Remédios, em que o proprietário do estabelecimento colocou uma nota no jornal falando sobre suas ações durante o festejo.

Café Pic- nic

Durante a festa de N. S. dos Remédios pretende o proprietário deste conhecido estabelecimento falar de palanque aos cavalheiros, e Exm^a famílias, no que diz respeito um café bem montado, capaz certamente de ser freqüentado pela elite Caxiense.

Quem nesses dias festivos deixará de procurar este estabelecimento ornado em gosto de um serviço magnífico afim de metter-ser nas *carvernas dos maquins todos os tempos?*

Surjão muito embora das trevas mil competidores, augmente-se o aumento dos zoilos, que proprietário do Café Pic-Nic não so temerás. Este estabelecimento nesses dias chamará atenção do público e aumentará a inveja dos que vivem nas trevas a tecer intrigas.

Ali se encontrará bom café, chocolate, cerveja gelada, vinho e enfim tudo capaz de satisfaz o mais exaltado freguez nestes tempos em que nossa pátria corre perigo.¹⁴⁵

Percebe-se que a função do Café Pic-Nic era agregar ou buscar agregar, dentro do espaço citadino, caxienses, elementos de representatividade, principalmente, quanto aos serviços oferecidos nesse local. Além dessa questão, ao sublinhar os sentidos referentes ao que foi apresentado nesse discurso acima, o espaço tinha um público certo que deveria frequentar para consumir as bebidas que eram comercializadas no local.

Outro ponto que podemos capturar, ao longo das considerações do dono do espaço em questão, é a ideia de ser um local impecável para os caxienses abastados, visto em outros momentos ele apontar que o desejo da fina estampa da cidade era não deixar de apresentar-se ao estabelecimento para agregar-se em locais cuja identidade do local era pensada pela ideia da negatividade.

Esses espaços, em Caxias, são pensados como redes de sociabilidades que formariam e estabeleceriam, dentro do grupo, uma distinção social, mediante aos demais

¹⁴⁵ Jornal Gazeta Caxiense, 24 de outubro de 1893, p. 04.

que não faziam parte da mesma classe. Ter e pertencer ao núcleo de pessoas que frequentavam lugares ditos e vistos como requintados seria reforçar o seu poder e distinção em relação aos demais que não apresentavam igual situação.¹⁴⁶

Nesse sentido, os lugares em Caxias se constituem com regras de sociabilidades e códigos, aos quais apenas os mais abastados tinham acesso e mais ainda sabiam comportar-se diante dessas regras instituídas. Tal caracterização e sentido apresentado são visíveis nos dizeres do anúncio acerca do espaço Café Pic-Nic, principalmente, quando o discurso faz referência aos seus frequentadores, a elite da cidade.

Por exemplo, na coluna *Theatros e Salões*, a vida social caxiense se efetiva diante dessa frequência em locais que denotavam o sentido de estar e poder estar bem economicamente. Sua relação a locais como este café representava uma marca bem presente no imaginário social da cidade, quanto ao sentido vivido, experienciado, com o crescimento econômico que se tinha estabelecido com as fábricas. Além dessa questão, ainda era perceptível a ligação a locais mais requintados.¹⁴⁷

As diversões em Caxias se tornaram variadas ao longo do período republicano, as pessoas tinham, por exemplo, a União Artística como um ponto para comemorarem momentos importantes das suas vidas.

Os bailes eram organizados, muitas vezes, nas casas dos segmentos mais abastados, dando grandiosidade ao ato festivo. Por exemplo, o baile à fantasia, organizado, na casa do tenente-coronel José Joaquim de Lemos, pelos rapazes da elite caxiense.

A este festival que esteve extraordinariamente animado afluiu crescido numero de pessoas gradas, trajando umas vestes da etiqueta que o acto exigia e outros elegantemente phantaziados.

¹⁴⁶ Nenhum dos objetos sociais tem uma tamanha imposição sobre o homem, nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem a atividade dos homens e comandam a prática social. A práxis, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado socioeconômico, mas é também tributária dos imperativos espaciais. SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: formação espacial como teoria e como método. In SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 06.

¹⁴⁷ Desde sua descoberta, a *Coffea arabica* traçou novas rotas comerciais, aproximou países distantes, criou espaços de sociabilidades até então inexistentes, estimulou movimentos revolucionários, inspirou a literatura e a música, desafiou monopólios consagrados, mobilizou trabalhadores a serviço da Revolução Industrial, tornou-se o elixir do mundo moderno, consolidando as cafeterias como referências internacionais de convívio, debate e lazer. MARTINS, Ana Luiza. História do Café. São Paulo: Contexto, 2008, p. 10.

Estavam presentes também os seguintes cavalheiros:

Antonio Joaquim Guimarães e família, tenentes coronéis José Joaquim de Lemos, Manoel G. Pedreira e José Guimarães Junior, drs. Eduardo de Berredo, Bento Urbano José Palhano e Agnello Chaves, major José Vieira Chaves, capitão Antonio Escoto Muniz; Antonio Machado [...]

A digna comissão foi incansável em proporcionar aos illutres convidados uma noite agradabellissima e bem assim a orchestra habilmente corrigida pelo romanstismo. [...] ¹⁴⁸

A presença masculina, nesses momentos, era algo muito expressivo, pois muitos rapazes estão demarcando sua virilidade, assim como vamos perceber os homens dos segmentos populares nos chamados brinquedos, as festas que geralmente eram organizadas nos distritos da cidade de Caxias, localizados em espaços distantes do centro da cidade. Assim voltando ao caso da festa à fantasia, nota-se que o articulista procura frisar o quão foi formidável o momento festivo e mais ainda a elegância pela qual o lugar e os convidados estavam no dia.

As diversões masculinas também poderiam estar relacionadas a motivos como aniversários de outros homens. Esses encontros masculinos se tornavam momentos de muitas bebedeiras e contemplação das conquistas masculinas. Um exemplo dessa prática foi publicado pelo Jornal Commercio de Caxias, cujos homens caxienses reuniram-se para festejar o aniversário de Raimundo Paz.

Pelo motivo de seu aniversário natalício transcorrido no dia 28 do mez ultimo recebeu a distinção e estimado clinico dr. Raymundo Paz expressivas felicitações de grande número de amigos e admiradores que nos poucos mezes que entre nós reside, já conquistou pelas suas invejáveis qualidades pessoas.

A noite daquelle dia ainda diversos cavalheiros de nossa melhor sociedade fizeram ao illustre médico uma simples mas de apreço, acompanhados de uma agradável orchestra.

Nessa ocasião o dr. J. Teixeira Junior sabendo em nome de todos o distincto anniversariado, salientou admiração e sympathia que a sociedade caxiense tributa aos seus méritos pessoas, como medico de indiscutível competência.

¹⁴⁸ Jornal O Janota, Caxias 15 de abril de 1904, Ano I, número 06, p. 02.

O dr. Raymundo Paz grandeza a manifestação que acabava de lheser prestada, servindo depois copiosamente cerveja e doce aos manifestantes.

A todos o dr. Raymundo Paz e sua exm^a. Esposa dispensaram as maiores atenções e fidalgo acolhimento.

O Jornal do Commercio, renova ao dr. Raymundo Paz os seus cumprimentos com votos sinceros pela sua felicidade pessoal e longa permanência nesta cidade.¹⁴⁹

Nota-se, nesse caso, que muitos espaços não eram propriamente espaços de sociabilidade, como as casas dos amigos, porém ganhavam tal conotação, visto os diversos encontros existentes, apresentando, nessa perspectiva, uma demarcação masculina. Além desse ponto, notamos ser bastante comum a efetivação desses encontros, como uma forma para agregar distinções de gênero, quanto à ideia de criar momentos efetivamente masculinos, como bem nos demonstra a passagem acima, quando os homens caxienses estão comemorando o aniversário de Raymundo Paz.

¹⁴⁹ Jornal de Commercio de Caxias, 03 de março de 1915, Anno X, p. 01.

Capítulo II

Refinando o corpo: o mundanismo

chique – Costurando corpos com

vestimentas para os Homens

Republicanos

CAPÍTULO II- REFINANDO O CORPO: O MUNDANISMO CHIQUE – COSTURANDO CORPOS E AS VESTIMENTAS PARA OS HOMENS REPUBLICANOS

O estudo da moda, como um objeto para o campo historiográfico, vem sendo, ao longo dos últimos anos, um espaço fértil para se problematizar as questões voltadas para os gostos, como também para as representações simbólicas existentes sobre o fato de vestir uma calça, um vestido, além do próprio material que se utiliza para fabricação destas vestimentas.¹⁵⁰

Gilles Lipovetsky (1989), uma das referências no estudo da moda, nos aponta que a moda é um sistema de regulação das pressões sociais, principalmente em se tratando das questões de gênero, visto ser a roupa um elemento de definição da orientação da identidade dos indivíduos. Homens e mulheres são percebidos a luz das vestimentas que eles/elas apresentam na cena social. A história da moda, pode ser entendida por uma perspectiva interdisciplinar muitos trabalhos produzidos no campo da sociologia, antropologia, figuram por exemplo, elementos de destaque acerca do entendimento do que seja moda e os diversos aspectos que podem ser sublinhados com os estudos dentro do campo da moda.

Nesse aspecto Daniela Calanca, considera que “[...] o termo moda, entende-se, especificamente, o fenômeno social da mudança cíclica dos costumes e dos hábitos, das escolhas e dos gostos, coletivamente validado e tornado quase obrigatório.”¹⁵¹

Nessa via, a compreensão que se pode fazer do termo seriam o hábito, costume de maneira constante que influencia na construção de comportamentos, “[...] a conduta, o modo de ser de uma comunidade, de um grupo social, remete ao conceito de sistema, de estrutura, ou seja um conjunto de vários elementos relacionado entre si.”¹⁵²

¹⁵⁰ Nesse percurso multissecular, um primeiro momento se impôs durante cinco séculos, da metade do século XIV à metade do século XIX: é a fase inaugural da moda, onde o ritmo precipitado das frivolidades e o reino das fantasias instalaram-se de maneira sistemática e durável. A moda já revela seus traços sociais e estéticos mais característicos, mas para grupos muito restritos que monopolizam o poder de iniciativa e de criação. Trata-se do estágio artesanal e aristocrático da moda. LIPOVETSKY, Gilles. O Império do efêmero – A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 27.

¹⁵¹ CALANCA, Daniela. História Social da Moda. São Paulo: Editora Senac, 2011, pp. 11-12.

¹⁵² CALANCA, Daniela. História Social da Moda. São Paulo: Editora Senac, 2011, pp. 11-12.

Um dos textos considerados, como clássicos para compreensão da moda no mundo acadêmico brasileiro, é o texto da Gilda de Melo e Souza, *O espírito das roupas: a moda do século XIX*, cujas experiências da pesquisadora nos acalenta com análises relevantes para entender modos, costumes a partir da relação que os indivíduos estabelecem com o ato de vestir no seu dia a dia na cena social.

Autora, nos faz pensar sobre como a moda, passa por transformações periódicas, mediante as próprias transformações decorrentes dos diversos setores da sociedade, relacionado a política e a religião. Nesse caso, autora, salienta as “[...] mudanças periódicas nos estilos das vestimentas e nos demais detalhes da ornamentação pessoal.”¹⁵³

Mas em solo brasileiro já se apresentava trabalhos como de Roland Barthes, com o seu trabalho *Sistema da Moda*, uma pesquisa cujo autor delinea, os aspectos da moda a partir do campo simbólico da roupa na vida dos indivíduos. Para o autor, a moda, se constituiria a luz da distinção entre fala e língua, por exemplo, a fala seria o ato individual, a seleção e atualização dessa moda, enquanto que a língua seria a próprio sistema da moda, com seus modos de organizar os significados das roupas, no âmbito das relações sociais.

Desse modo, o sistema, fotográfico, vestuário escrito e usado (ou real) seriam os quais os indivíduos estariam condicionados dentro do mundo da moda, a luz de Barthes. Para o autor, o vestuário escrito seria possível a partir da revista de moda, onde se apresenta uma linguagem articulada, principalmente, pela forma descritiva que a revista apresenta as mudanças no campo da moda.

Uma vez que o signo indumentário se oferece à leitura através de um discurso que o transforma em função (este vestuário serve para tal uso mundano), ou em asserção de valor (este vestuário está na moda), podemos concluir que o vestuário escrito comporta pelo menos dois tipos de relação significante.¹⁵⁴

Nesse caso, para o autor, a moda forja um indivíduo, principalmente a partir da ideia que ela condiciona na construção da identidade desse sujeito, um exemplo seria a masculinidade, constituída a luz das suas roupas que masculiniza o homem afirmando como tal sobre o que ele veste.

As vestimentas modelam o corpo, e o corpo brinca de vestimenta; são

¹⁵³ SOUZA, Gilda Melo e. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. SP: Companhia das Letras, 1987, p. 19.

¹⁵⁴ BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 53.

meios de socialização, que têm seu rito de passagem. Entre a estabilidade e a mobilidade, as roupas descobrem a moda, que surge no campo das contradições sociais, quando existe uma possibilidade de desejar o que outros desejam.¹⁵⁵

Mas esse é um campo constituído por teóricos, como Georg Simmel que é considerado um dos pensadores clássicos sobre a moda. Para ele, a moda e o uso dela, são constituído por princípios psico-antropológicos, cujo indivíduo por uma questão singularidade, acabam criando sentidos simbólicos, por exemplo as distinções sociais de classe e estilo. Nesse caso, o autor afirma que o gênero humano, cria identidades e alteridades sob ótica da moda, o que denota as diferenças entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e segmentos sociais.

Para Simmel, tais princípios psico-antropológicos caracterizar-se-iam pelo interesse em unir a permanência e a mudança, a individualidade e a necessidade de apoio social. Nesse caso, aprovação pessoal é um dos pontos que pondera no uso de qualquer roupa, o que denota que a satisfação pessoal acaba sendo deixada de lado. A luz destas questões, Simmel apresenta também que a moda, “[...] a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais num agir unitário.”¹⁵⁶

Segundo, Barnard (2003), a moda é um produto da sociedade. Assim, “[...] a moda surge, quase por definição, desse gênero de organização socioeconômica [...]”¹⁵⁷ (BARNARD, 2003, p.38). Nesse sentido, a moda e o seu estudo tornam-se uma forma de agregar, dentro do cenário brasileiro, perceber e identificar os sentidos que homens e mulheres atribuíram as suas vestimentas, como também salientar a própria dinâmica econômica movimentada em cima dos fios de lã, botões, rendas, gravatas e cor das meias utilizadas por homens e mulheres de um contexto. Assim, podemos ver apenas:

[...]aos tecidos e objetos da indumentária, mas também aos modos de vestir, às oscilações da moda, às suas variações conforme os grupos sociais, às demarcações políticas que às vezes se colam a uma determinada roupa que os indivíduos de certas minorias podem ser obrigados a utilizar em sociedades que aproximam os critérios da

¹⁵⁵ ROCHE, Daniel. A Cultura das Aparências: Uma História da Indumentária (séculos XVII-XVIII), SP: Editora SENAC, 2007, p.47.

¹⁵⁶ SIMMEL, Georg. Filosofia da Moda. Lisboa: Texto & Grafia, 2008, p. 24.

¹⁵⁷ BARNARD, M. Moda e comunicação. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p. 38.

“diferença” e da “desigualdade”.¹⁵⁸

A constituição do vestuário torna-se, dentro da moda, a maneira de compreender o homem, a mulher e suas subjetividades, onde é possível nesse processo entender as masculinidades, as feminilidades e as formas performáticas pelas quais elas vêm à tona. Dizer: quem você é? De onde você pertence? Qual o seu grupo? É, então, possível pela própria relação em que sua roupa transmite essa informação.

Nesse compasso, a vestimenta do homem, relacionada a partir da roupa, tornou-se elemento para se pensar o sujeito responsável, com caráter, como também entender a sua elegância e estirpe. Isso devido a marcadores sociais como classe e a própria ideia de reforçar as distinções entre quem tinha poder dentro do espaço social. Desse modo nota-se, que a moda ganhou reforço para que se pensassem os valores sociais das pessoas e o lugar que elas ocupam.

Em relação ao homem, os alicerces da sua hombridade, da sua virilidade, não eram mais ditos apenas pelo seu órgão, por sua performance, seja dentro das suas relações de prazer, ou mesmo diante de outro homem, mulher, mas também por outros artifícios existentes no campo social.

A roupa é sempre um retrato de uma época, um traço indissociável da sociedade que a produz e a veste, sendo imposta ao indivíduo desde os primeiros suspiros e acompanhando-o mesmo após o fim do seu ciclo vital. Dessa forma, a roupa, a aparência e a moda não podem ou não deveriam constituir uma temática distante dos gabinetes da História, pois sabemos que a construção da História se dá mediante as evidências deixadas pelo ser humano ao longo de sua trajetória.¹⁵⁹

O vestuário masculino, simplório as suas necessidades, apresentou-se ao longo dos anos, em especial logo depois da Revolução Francesa, como um ponto para se pensar e obter mais informações, sobre quem este homem é, como também a própria forma de traduzir seus interesses, suas intenções, seus apontamentos dentro das relações em que o mesmo estaria envolvido.

As roupas, como artefatos, criam comportamentos por sua capacidade de impor identidades sociais e permitir que as pessoas afirmem identidades sociais latentes. [...] Por outro lado, as roupas, podem ser vistas como um vasto reservatório de significados, passíveis de ser

¹⁵⁸ BARROS, José D'Assunção. O campo da história. Especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 30.

¹⁵⁹ GONÇALVES, Marcos Ferreira. Roupas de Ver Deus: Cotidiano e Vestimenta em Salvador (1958-1968). Disponível em: Acesso em 27 de maio de 2015.

manipulados ou reconstruídos de forma a acentuar o senso pessoal de influência.¹⁶⁰

Pedro Paulo Oliveira nos fala que a relação simbólica, quando se trata da masculinidade, da identidade do homem, é gestada pela junção de elementos que estão a sua volta. Assim, existe “uma significação social, um ideal culturalmente elaborado ou sistema relacional que aponta para uma ordem de comportamentos socialmente sancionados.”¹⁶¹

Nessa esteira de transformações, o homem se tornou distinto, criaram-se outros perfis masculinos, os segmentos outrora já existentes se evidenciaram mais e mais; os homens abastados e os menos abastados, no cenário social, ganharam forças para afirmarem quem seria o padrão e quem seria e estaria sendo o copião de performances, elegância na sociedade. “A moda e o vestuário, mesmo intrinsecamente ligados, não podem ser confundidos. O vestuário proporciona o exercício da moda, e esta atua no campo do imaginário, dos significantes; é parte integrante da cultura”.¹⁶²

A roupa masculina ganhou sentido simbólico, as cores se tornaram pontos de diferenciação mais ainda, ser e dizer através da roupa era e é a forma mais correta de como se constituiu a percepção social sobre esse homem no começo da República. A indumentária masculina se tornou temporal, e em cada tempo, significações simbólicas que iriam dizer sobre ele (homem) e a força que o mesmo exerceria sobre os demais segmentos e sujeitos que estão dentro desses segmentos abastados.

[...] o vestuário é sempre significativo e em suas interpretações aproximamo-nos da organicidade da sociedade que o produziu. Afinal, em seus cortes, cores, texturas, comprimentos, exotismo, as roupas dão conta de imprimir sobre os corpos que as transportam categorias sociais, ideais estéticos, manifestações psicológicas, relações de gêneros e de poder.¹⁶³

Sobre esse ângulo, a moda masculina já possuía uma linguagem, tornando-se mais latente a necessidade de apresentar a linguagem sobre o que diz ser homem e como era um homem nesses anos de mudanças, em que a moda masculina é um dos carros

¹⁶⁰ CRANE, Diana, A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006, p. 22.

¹⁶¹ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004, p. 13.

¹⁶² SANT'ANNA, Mara Rúbia. Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo. 2 ed. São Paulo: Edição das Letras e Cores, 2009, p. 75.

¹⁶³ CRANE, Diana. A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: SENAC, 2006, 22.

fortes quanto à indumentária masculina. De preferência, quando se tentava demonstrar, nesses trajes, a identidade deste homem em meio aos estigmas e comportamentos exigidos para eles que estavam vivendo dentro deste recorte temporal dos tempos republicanos.

O sentido da moda está nas vivências, nas representações e naquilo que orienta a relação das pessoas com as roupas, aprovando e desaprovando, emitindo juízos de valor. É assim que deve se dar a compreensão de seu sentido: como algo que sinaliza, que aponta cotidianamente direções, significados e instrumentos de julgamento para as roupas.¹⁶⁴

As significações simbólicas nesse sentido, em relação à roupa, sejam de homem ou de mulher, ganharam o status para serem analisadas como fonte bastante relevante para questão social e as distinções, além das relações de gênero, visto possibilitar aos pesquisadores compreenderem a própria cidade, as significações simbólicas e o próprio contexto, em que esses homens e mulheres estivessem inseridos.

Roupa inspira respeito ou medo, autoridade. Roupa faz o mendigo ou o Super-Homem; policiais ou criminosos; sacerdotes ou incréu. Roupa é poder, é política. É a elegância de um chefe de estado, nas ocasiões em que não estiver usando paletó e gravata, que seus ministros e secretários também não usem: ele decide o status da ocasião. Porque a roupa não veste somente a pessoa, mas veste a tribo.
¹⁶⁵

Aliada a ideia da efemeridade, a moda se constitui como um campo, em que suas mudanças não eram relegadas a um fator relevante para dinâmica da sociedade. Porém é um fator que produz suas distinções, o que realiza dentro dessa dinamicidade; muito mais que a distinção social, ela evidencia os comportamentos sociais, apresentando uma mecânica de desejo, as facetas das transformações de homens e mulheres, pois uma passarela de performances e jogos de intenções são postos em cena.

Ela satisfaz, por um lado, a necessidade de apoio social na medida em que e imitação; ela conduz o indivíduo as trilhas que todos seguem. Ela satisfaz, por outro lado, a necessidade da diferença, a tendência a diferenciação, a mudança, a distinção, e, na verdade, tanto no sentido da mudança de seu conteúdo, o qual confere um caráter peculiar a moda de hoje em contraposição a de ontem e a de amanhã, quando no

¹⁶⁴ BERGAMO, Alexandre. O campo da moda. Revista de Antropologia, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/133431/131118> . Acesso em: 16 abr. 2004, p. 01.

¹⁶⁵ NERO, Ciro del. Com ou sem a folha da parreira: a curiosa história da moda. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007, p. 28.

sentido de que modas são sempre modas de classe.¹⁶⁶

A transição para uma sociedade de consumo conduziu à adoção de uma nova lógica social, orientada para o mercado que deveria satisfazer as necessidades dos sujeitos e de novos bens. Nesse caso, podemos perceber os anúncios dos jornais estava todo ano realizando as trocas dos produtos anunciados, mas também evidenciando as mudanças da realidade e das propostas de vestimentas.

Os anúncios apresentados reforçam a imagem para o refinamento de trajés destinados para o público masculino. Assim, apresentaremos um olhar para pensar os reclames, anúncios voltados para venda de produtos masculinos, que buscavam cuidar da aparência desse homem em tempos republicanos. Para Souza, “[...]o traje não existe independente do movimento, pois está sujeito ao gesto, e a cada volta do corpo ou ondular dos membros é a figura total que se recompõe, afetando novas formas e tentando novos equilíbrios.”¹⁶⁷

Desse modo, *buscaremos* problematizar esses anúncios e identificar quais as correlações estabelecidas entre esses e o perfil masculino exaltado, precipuamente na perspectiva dos segmentos abastados da sociedade caxiense. Nesse ínterim, notamos que tais elementos constituídos dentro do vestuário masculino sublinhavam uma distinção social, os homens da elite em relação aos homens dos segmentos populares, pois a ideia da boa aparência foi compreendida como um ponto para se perceber a honradez e boa índole desse homem.

Segundo, Mesquita os modos de se vestir, se adornar estão relacionados aos vetores que produzem os significados da roupa sobre os corpos. Nesse caso, a subjetividade, se torna variante, principalmente, se pensar fatores como gosto, condições econômicas, além disso tem a relação com quem produz esta moda, que também a oscilação de quem produz a moda. “A moda estetiza e apresenta muitos desses elementos interligados: moral, tecnologia, arte, religião, cultura, ciência, economia, natureza, etc.”¹⁶⁸

Assim, em vista dessas questões de poder econômico e status, a figura

¹⁶⁶ SIMMEL, Georg. A moda. Iara Revista de moda, cultura e arte. São Paulo v.1 n. 1 abr./ago. 2008. Disponível em <http://www.ufjf.br/posmoda/files/2008/07/07_IARA_Simmel_versao_final.pdf> Acesso em 30 jan. 2013, p. 160

¹⁶⁷ SOUZA, Gilda Melo e. O espírito das roupas: a moda no século XIX. SP: Companhia das Letras, 1987, p. 100.

¹⁶⁸ MESQUITA, Cristiane. Moda Contemporânea: Quatro ou cinco conexões possíveis. São Paulo: Editora Anhembi Morumbir, 2004, p. 15.

masculina se coloca como um dos atores principais, ao longo desses anos republicanos no Brasil, particularmente por essa influência expressiva que a Europa, em especial Paris, tinha sobre o país.

Nesse caso, percebe-se que existem mudanças em torno das práticas masculinas. O homem de características rústicas, com trajés nem tão pouco refinados, vai dando lugar para os novos tipos de caxiense, que buscam trajar peças mais sofisticadas, com elementos que ressaltem sua elegância..

Tal percepção pode ser identificada a partir dos anúncios como esse publicado pelo *Jornal Gazeta*, em 1887, das novidades recém-chegadas a cidade para o público masculino e feminino. *A Loja Primavera*, situada no centro da cidade e pertencente a José de Sant' Anna Pinto, apresentava que era novidade e *chic*, e mais o que estava à disposição para saciar os mais diversos gostos.

Em seu anúncio, José de Sant' Anna Pinto destaca que as mulheres caxienses estariam radiantes com os chapéus, a seda, o linho, as chitas de preços e gostos variados, além dos enfeites que adornariam os mais belos rostos das senhoras e bem salienta em seu anúncio, o próprio José de Sant Anna Pinto escolheu os produtos que seriam úteis de forma a garantir aos seus amigos, com assim denomina o bom gosto da alfaiataria voltada para os gostos e necessidades dos homens, senhoritas caxienses, porém eram os homens os contemplados com as novidades.

Para os Homens

Os meus bons amigos e freqüezes encontrarão aqui o que em gosto não há de melhor, e em preço - sem competidor. Se duvidarem venham ver e então encontrarão:

Chapéus de sol e de cabeça, *tanto para homens como para meninos* do que há de mais *chic* Casimiras de lã, seda e algodão. Cassinetas, Pannos finos tudo do melhor, e assevera-se que nunca mais aqui vierão cousas iguaes.

Do mais que existe neste estabelecimento, só vendo se farão idea da mocidade dos preços porque expostos a venda.

O Proprietario sempre alegre e satisfeito, estará prompto para obsequiar os seus freqüezes, já vendo tudo muito barato, até pelo custo, se for preciso, portanto o Sant' Anna Pinto os espera.

VENHÃO VER¹⁶⁹

¹⁶⁹ Jornal Gazeta, 20 de julho de 1888, número 33, Anno II, p. 04.

O mundo *chic* é algo recorrente nesse contexto em que os chamados dizeres modernos estão se fazendo cada vez mais presentes no cotidiano das cidades brasileiras, porém o que notamos é uma intensidade dessas práticas em meio as mudanças que se aproximavam naquele contexto. Por exemplo, os discursos de instituição da República e as mudanças que iriam ocorrer não apenas no plano político, mas cultural. Percebe-se que entre muitos aspectos que ressaltam o anúncio, esse nos permite compreender como os homens acabaram sendo alvo dos dizeres da imprensa caxiense.

O século XIX não foi diferente dos períodos anteriores, pois as festas, os salões de bailes eram locais onde os homens estariam sempre presentes. Um fator que deveria motivar, de preferência, esses rapazes a buscarem estar elegantes, porém o que notamos a posteriori foi uma intensificação dessas práticas de buscar fazer asseios e a se apresentar bem vestidos para suas conquistas amorosas. Segundo, Alain Corbin (2009), “o desejo de idealizar as aparências, o repúdio ao feio, conforme os cânones da pintura oficial, convergem igualmente para ordenamento do retrato-foto.”¹⁷⁰ O homem precisava criar elementos representasse a sua imagem, o que deveria ser apresentado a partir da sua vestimenta.

Na imprensa, o que denota com tamanha expressividade é o conceito de “bem vestir”, sentido que é reforçado pela própria maneira como os sujeitos operam, principalmente nesse esforço tamanho, quando os sujeitos utilizam os reclames para abordarem as novidades recém-chegadas em seus estabelecimentos.

Nesse caso, podemos considerar que a moda cria, inventa costumes, maneiras de ver e maneiras de instituir, ou seja, homens e mulheres começam a criar regras, estilos e padrões, onde a ideia não é saber se vestir apenas, mas vestir-se bem e ser o modelo, ser o padrão para os demais. A vida social se torna um cenário de invenções, um campo de criações de costumes, no qual todos buscam trazer à tona suas maneiras de ver o mundo, para que suas percepções criem costumes.

Pierre Bourdieu, nos aponta que o espaço social se constitui como um lugar em que as diferenças de se estabelecem e são desenhadas pela ação dos indivíduos, tornando-se um lugar de estilos, modos de vida, o que denota nessa esteira de considerações a constituição de grupos.

¹⁷⁰ CORBIN, Alain. Bastidores: o segredo do indivíduo. In. História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. (Org.) PERROT, Michelle. Trad. Denise Bottmann, Bernardo Joffily — São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 397.

A distinção – no sentido corrente do termo – é a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social quando percebida segundo as categorias apropriadas a essa estrutura, e o *Stand* weberiano que muitos gostam de opor à classe marxista, é a classe construída por meio de um recorte adequado do espaço social quando ela é percebida segundo categorias deviradas da estrutura desse espaço.¹⁷¹

Essas práticas se reforçaram nesse estado de áurea republicana, como a ideia de manter-se bem vestido era uma maneira dialogando com as práticas ditas modernas. Assim, a vestimenta era o ponto para dialogar com essa modernidade que chegava com as mudanças em percurso. O próprio império já dava sinais de que os homens da República próxima já estariam voltados para as novas experiências de manter-se e apresentar-se vestido com roupas que pudessem demonstrar não apenas os tempos republicanos, mas a própria identidade desse homem republicano, mesmo com ares imperiais.

A historiadora, Emília Viotti da Costa, quando reflete acerca desse período, afirma que existe por parte dos segmentos abastados, em especial as novas elites urbanas, um sentimento de não representatividade. Em consequência dessas possibilidades de mudanças, a própria mentalidade dos cidadãos, em relação à ideia de sentir-se moderno, sentir-se novo, também se tornava recorrente. “O progresso econômico da segunda metade do século XIX acarretou profundo desequilíbrio entre o poder político. Concebido em 1822, o sistema político parecia pouco satisfatório aos setores novos, na década de 1880.”¹⁷²

A moda não é mais um enfeite estético, um acessório decorativo da vida coletivo na vida coletiva; é uma pedra angular. A moda terminou estruturalmente seu histórico, chegou ao topo de seu poder conseguiu remodelar a sociedade inteira à sua imagem: era periférica. agora é hegemônica; as páginas que aqui estão quiseram esclarecer essa ascensão histórica da moda, compreender o estabelecimento, as etapas, o apogeu de seu império.¹⁷³

A moda, nesse caso, será um dos campos pelo qual buscaremos compreender como esse novo homem e suas ações performáticas situam-se dentro dos dizeres da Primeira República em Caxias, pois se tornou um termômetro para se pensar a chamada

¹⁷¹ BOURDIEU, Pierre. Poder simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 144-145.

¹⁷² COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à república: momentos decisivos/Emília Viotti da Costa. – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 17.

¹⁷³ LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das letras. 1991, p.12.

modernidade que, segundo muitos discursos capturados pela imprensa, dava-se por meio de tanto elementos; e a roupa se torna tal ponto de percepção.

Nas páginas dos principais jornais que circularam nesse contexto do final do século XIX, início do XX, vamos identificar um número variado de reclames falando dos produtos que chegaram às casas de secos e molhados, sobre as novidades relacionadas ao mundo das vestimentas, tecidos e adereços para o embelezamento dos corpos tanto masculino quanto feminino. A imprensa caxiense, em especial o Jornal de Caxias, situava em suas páginas uma posição muito favorável ao mundo da elegância, do corte e costura. É perceptível que as novidades de outros lugares, acerca do mundo da moda, assim que ancoravam no Porto Grande da cidade de Caxias, através dos vapores, tratava-se logo de ser anunciado pelo jornal.

Nesse compasso, identificamos que ser elegante e estar elegante deveria manter-se atento as notícias dos jornais, especialmente quando o objetivo era apresentar as novidades do mundo da moda. Um exemplo, dessa preocupação, são as notícias que tinham recém-chegado pelos vapores, em Caxias, em 1904, quando Josino Costa, um dos articulistas do Jornal de Caxias, aponta que as modistas e as casas de alfaiatarias poderiam contar com um sortimento das diversas revistas que circulavam nos principais centros da Europa naquele contexto.

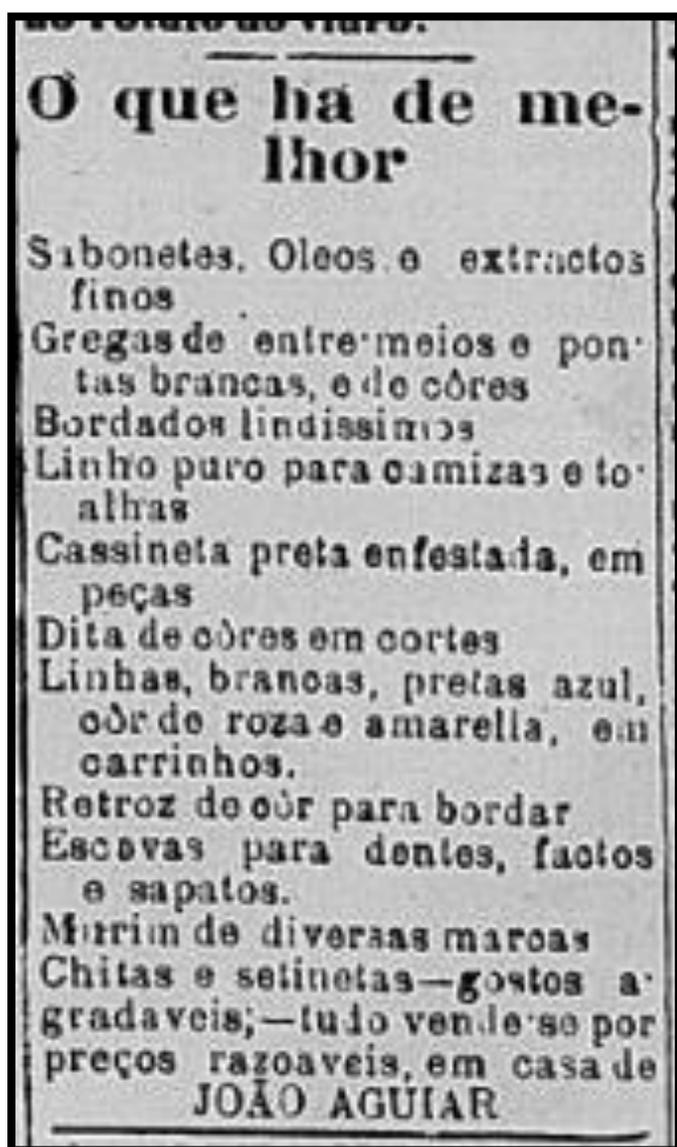
O articulista frisa o quanto que os caxienses poderiam contemplar acerca desse recém-carregamento, pois agora poderia se atualizar quanto às novidades existentes em relação à moda. Josino diz que dentre as revistas de moda cujos caxienses certamente ficariam fascinados, ao entrarem em contato, seria a *DER BASAR*; informado por ele, naquele contexto, por ser um dos principais jornais de moda de Berlim. Além de apontar a significação em relação aos jornais de moda, o articulista diz:

Todos os jornais são em formato elegantes, impressos e em papel de primeira qualidade, trazendo as mais recentes modas assim como: - grandes folhas de luxo, ricos moldes cortados, monogrammas, modelos para trabalhos de agulha, chochet, tapaessaria em cores, bordados. Parte literária, noticiosa, recreativa e anúncio, é abundante; esmerada e ricamente ilustrada e com peças de músicas.¹⁷⁴

Os produtos para confecção das roupas masculinas e dos trajes femininos, em muitos casos, tinham que ser esperados da Europa, pois, segundo os articulistas, era uma maneira de manter-se fidedigno aos ares do continente da civilidade, no caso entendido

¹⁷⁴ Jornal de Caxias, 02 de janeiro de 1904, Anno IX, número 416, p.04.

naquele contexto, como referencia para os bons costumes. Segundo Rosane Feijão (2011), esses artigos de moda e as próprias colunas sociais existentes nos periódicos, que tratavam do mundo das variedades, acabavam “estabelecendo um discurso disciplinar que, justamente por estar associado à esfera das frivolidades, atingia sem



resistências seu público leitor, formado essencialmente pelas camadas burguesas.”¹⁷⁵

Figura 2 - Fonte Jornal Gazeta Caxiense 1896.

Sendo assim, percebemos que tais produtos eram originados de lugares diversos, vindos desde a capital do Brasil, como também de Paris. Por exemplo, as recém-novidades anunciadas pelo *Jornal Gazeta*, em que Ludegero Alves Noletto, comerciante caxiense que tinha sua loja no Largo da Matriz, comunicava aos seus bons amigos e

“frequeres desta cidade e do interior que acaba de chegar da capital d’este estado com um esplendido e variado sortimento de fazendas, miuduzas e molhados como sejam chitas, tecidos phantise, morins, riscados, casmira em cortes e cassinetas, mirinôs, lans, brins brancos e de cores para todos os preços.”¹⁷⁶ Ludegero convida os amigos para que

¹⁷⁵ FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 21.

¹⁷⁶ *Jornal de Caxias*, 02 de abril de 1895, Ano III, número 124, p.03.

se dirigissem ao seu estabelecimento, pois o sortimento foi escolhido com muito prazer, visto que o intuito seria trazer aos caxienses as novidades do mundo das costuras.

O comerciante usa a expressão “*A ULTIMA EXPRESSÃO DA MODA*” para fazer referência aos produtos que se encontravam no seu estabelecimento. Além dessas melhores vestimentas, peças e tecidos, o comerciante frisa que os clientes encontrariam outros produtos para deixar o cliente mais satisfeito ainda, no caso, o mesmo fazia menção aos perfumes, tipos de sabonetes e lenços que não apenas os homens se sentiriam satisfeitos em usá-los, mas as mulheres também. Ele destaca a “Perfumaria dos mais afamados fabricantes óleos extracto, sabonetes cosméticos, além do que fica mencionado encontram-se no seu estabelecimento muito outros artigos.”¹⁷⁷

Os caxienses, segundo o que identificamos, não ficavam distantes das novidades sobre o mundo da alfaiataria, visto o movimento dos comerciantes em buscar trazer o que consideravam, naquele contexto, como a última novidade da moda. Mas Ludegero não era o único a anunciar artigos que apontavam as novas concepções de cuidados com o corpo, como podemos identificar nos reclames apresentados nos jornais de Caxias, por exemplo, João Aguiar aponta que os clientes encontrariam novidades na Rua Dias Carneiro, como bem aponta em seu anúncio.

João Aguiar afirma, em seu anúncio, que alguns produtos, outrora exclusivos aos integrantes moradores dos grandes centros, agora poderiam ser encontrados em Caxias, pois “em sua loja estavam à venda, e com preços acessíveis”.¹⁷⁸

O recurso de chamar a atenção por causa dos preços, mesmo que às vezes os produtos já se encontrassem nas lojas, nas casas comerciais de Caxias, torna-se uma maneira usada por boa parte desses donos de vendas, justamente, porque se tratava de trazer ou mesmo reforçar o vínculo com os seus compradores. Outro caso, por exemplo, é o anúncio abaixo:

¹⁷⁷ Jornal de Caxias, 02 de abril de 1895, Ano III, número 124, p.03

¹⁷⁸ Jornal de Caxias, 04 de janeiro de 1989, p.4

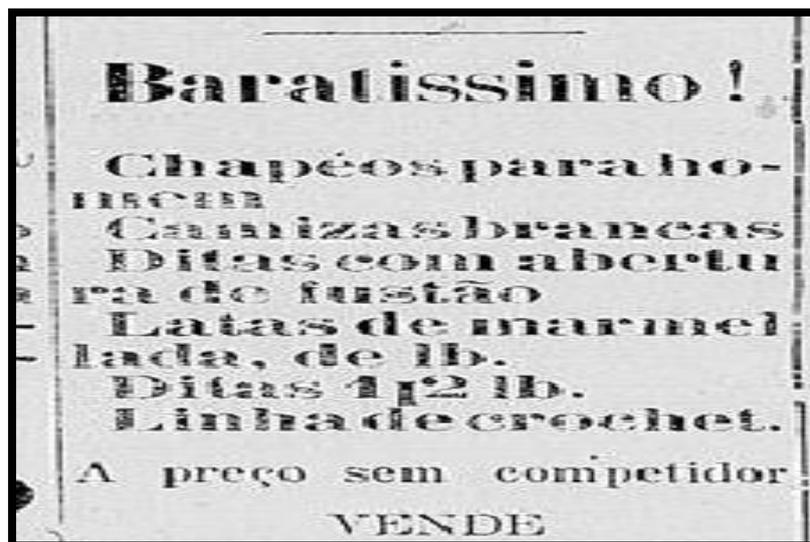


Figura 3- Fonte Jornal de Caxias 1896.

Esse tipo de anúncio se torna frequente, principalmente no *Jornal de Caxias*, considerado um dos mais expressivos de Caxias, e os anunciantes, em vista da grande expressividade do periódico, lançavam nas páginas do mesmo os anúncios para divulgarem as novidades das suas lojas. O jornal frisa, ainda, acerca das características dessa fonte de moda, a *Revista Elegante* para que homens e mulheres estivessem cientes da possibilidade de fazer uso dessa revista para compor os seus modelos, conforme a própria moda parisiense. “Contem os números que temos vista, figurinos dos mais modernos e 2 moldes recortado (tamanho natural) de jaqueta-blusa.”¹⁷⁹

Em outro caso, podemos identificar ao longo dos anúncios, presentes nos jornais caxienses, que eles faziam questão de abrir sessões em que os clientes precisavam atentar para a compra de roupas destinadas a ocasiões especiais. Em Caxias, como uma cidade, naquele contexto, de forte tradição católica, os festejos eram bem presentes no dia a dia da população. Desse modo, os *noitantes*, pessoas homenageadas para se fazerem presentes em um determinado espaço do festejo, deveriam se fazer presentes com sua melhor roupa.

Muitas lojas, desse modo, faziam uso dessa exigência aos participantes dos festejos, como uma maneira de se comprar tecidos para preparar uma nova roupa para participarem da festa religiosa, a fim de estarem bem fisicamente no momento festivo. Por exemplo, na propaganda de roupas da loja Vasconcelos.

¹⁷⁹ Jornal de Caxias, 22 de janeiro de 1898, número 114, Ano III, p.01.

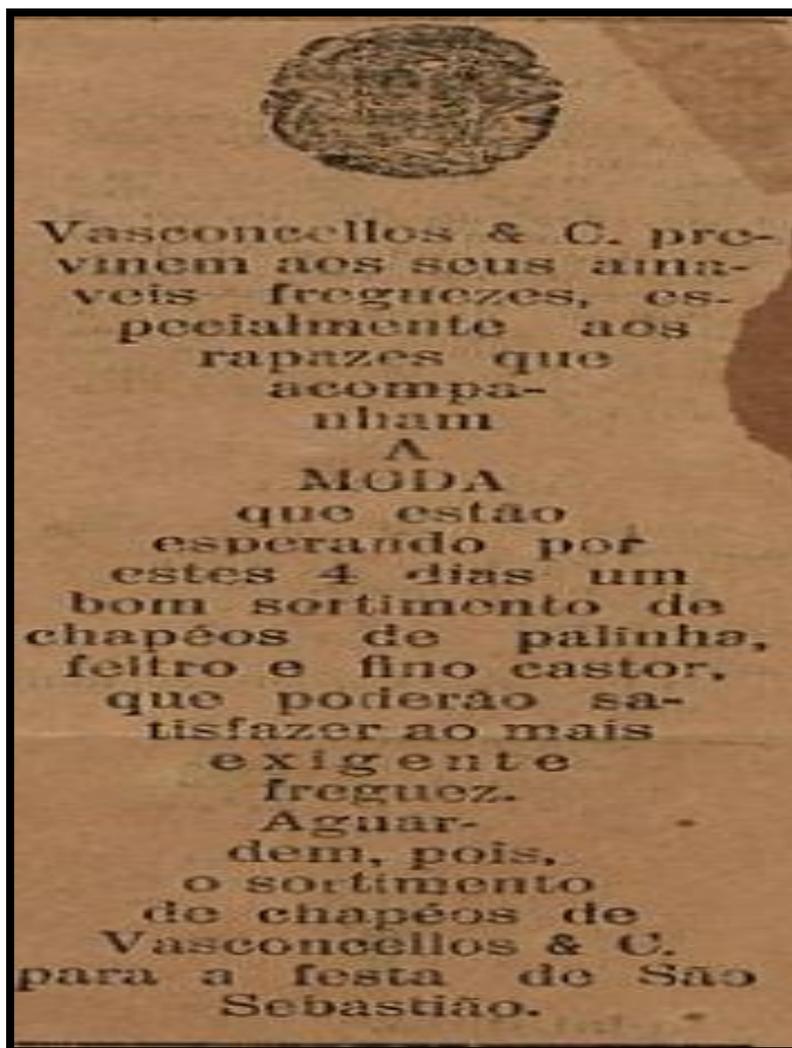


Figura 4 Fonte - Jornal Caxeiro, 17 janeiro de 1916, p. 04.

Nota-se que a propaganda destinada a oferecer produtos voltados para público masculino, aumentaria o número de compradores caxienses, pois como notamos no anúncio acima, o mesmo está apontando as necessidades que eles julgavam apropriadas para o deleite das necessidades. Assim eles poderiam para mandar fazer as belas peças de roupas que possam no dia da festividade estar bem quistos aos olhos dos participantes da festa religiosa.

Segundo o anúncio, na loja do Vasconcelos, os rapazes, particularmente, não estariam mal vestidos, pois todo sortimento presente no estabelecimento tinha destino para os homens que estariam presentes na *Festa de São Sebastião*. Entre tantas peças que faziam parte do vestuário masculino, a loja frisa acerca do chapéu, que identificamos ser, nos anúncios da imprensa caxiense, bastante desejado pelo público masculino local.

O vestuário tem, pois, uma dupla origem: ao mesmo tempo simbólica e instrumental. Como prática significativa ele situa-se ao lado da linguagem e da arte e como objeto faz parte do conjunto de instrumentos através do qual o homem interfere no ambiente natural, ou seja, faz parte do domínio da cultura material.¹⁸⁰

Segundo Rainho (2002), os jornais seriam um contraponto, em relação aos manuais de etiqueta, visto a sua dinâmica e propagação, pois enquanto esses manuais estariam concentrados em um pequeno grupo, os jornais estariam entrando em contato com um público maior, onde não iriam apenas propagandear a moda, mas explicaria os elementos da moda e os significados dela.¹⁸¹

Sobre essa questão, Gilberto Freyre nos aponta que o Brasil, por longos anos, foi um espaço em que os finos panos, os belos vestidos e o mundo francês da moda se tornou reinante nos corpos dos brasileiros, sobretudo nesse contexto da primeira República, tanto que o sociólogo afirma ser expressivo o que se buscava na França para satisfazer os gostos de homens e mulheres brasileiros. O ser *chic* não pedia desculpas a própria ideia das condições climáticas do país.

O incomodo, algo que não permeava os corpos desses sujeitos que faziam uso de roupas pensadas para o frio, mas desfilavam nos sertões com climas de temperaturas elevadas. Nem no frescor das cidades, consideradas pequenas no contexto, escapava de apresentar-se como diz Freyre, “[...] abusos em pleno Rio de Janeiro, de modas, para mulheres, de capas de peles para invernos franceses, de luvas defesas contra excessos europeus de frio, de neve, de gelo.”¹⁸²

Nota-se que os jornais em Caxias, buscavam apresentar o valor dessa informação para os caxienses, pois diante das regras, tantas mulheres, quantos os homens poderiam buscar estarem mais próximos com modos franceses. Na mesma nota, o jornal aponta que o periódico de moda francesa tem o mesmo valor de outra fonte que já circula em Caxias, a revista *Estação*. Pensando acerca desta questão, sobre o consumo dos produtos vendidos em revistas como essa que citamos, Freyre, no aponta que:

Raros, durante anos, os esquisitões que ousavam reagir, entre as elites sociais brasileiras, contra essa espécie de imperialismo cultural europeu – principalmente francês, para mulheres, e inglês, para homens – nos setores das modas de vestir e calçar. O que não fosse francês, nesses setores, aplicado à mulher deixava de ser reconhecido como elegante.¹⁸³

A divulgação da existência de revistas destinadas a trazer novidades do mundo do elegante francês sempre esteve no presente no cotidiano das pessoas, em especial os

segmentos mais abastados da sociedade. Os jornais apresentam, dentro desse contexto, o movimento das práticas de sociabilidade dos caxienses, o que denota a necessidade de se identificarem nesses espaços sociais de maneira elegantes.

Não é nossa intenção afirmar que tais práticas se iniciaram nesse recorte temporal da chamada República recém-instituída, mas evidenciar essa expressividade apontada pelos periódicos para com essas práticas de sociabilidade. Assim, as reuniões sociais, *as soirées* e os bailes se tornaram espaços em que homens e mulheres participariam com os trajes que pudessem apresentar-se de maneira elegante aos modos europeus.

Os anúncios cintilam, nesse contexto, que as mudanças em torno da vestimenta masculina começavam a apresentar novos moldes, como também outros acessórios do vestuário masculino se tornaram mais frequentes entre os produtos anunciados pela imprensa da cidade. Durval Muniz (2003) nos aponta que a moda seria um ponto de representação dessa preocupação com civilidade, como também a própria maneira como constituir, dentro imaginário social, uma distinção.

A roupa se apresenta como um código de pertencimento, onde as pessoas, dos segmentos abastados, poderiam se apresentar mediante seu poder aquisitivo. Nesse contexto, por exemplo, a cidade de Caxias e os seus cidadãos apontavam para tais elementos para que corporificassem e representassem o grupo social ao qual pertenciam. Seguindo essa premissa, Rainho aponta que:

[...] a moda vai somar-se ao refinamento dos modos e ao polimento dos costumes, passando a significar também marca da boa “sociedade”. Seguir a moda torna-se um imperativo para essa camada que, por meio dela, procurava por um lado, nivelar-se, pelo menos na aparência, aos seus pares europeus, e, por outro, distinguir-se do resto da população [...] ¹⁸⁴

Norbert Elias aponta que o vestuário “é em certo sentido o corpo do corpo”, ou seja, a ideia de se apresentar socialmente moderno, e mais distinguir-se dos demais seria

¹⁸⁰ NACIF, M. C. V. “O vestuário como princípio de leitura do mundo”. In: Artigo apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Leopoldo/RS, 2007, p. 01. Disponível em: Acesso em 26/06/2015.

¹⁸¹ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 70.

¹⁸² FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*. São Paulo: Global, 2009, p, 105.

¹⁸³ FREYRE, Gilberto. *Modos de homem & modas de mulher*. São Paulo: Global, 2009, p, 105.

¹⁸⁴ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 56.

uma estratégia para usar a moda e o feito dela. Segundo, Karla Bilharinho Guerra (1997), a moda cria um sentido representativo onde busca apresentar pela via da roupa que o sujeito veste. A roupa se torna um termômetro de valor social daquele indivíduo, onde se definiria o seu status de moderno e distinto.

Nesse compasso, a imagem do homem público se tornou mais representativa, pois era necessário imprimir, no bojo social, a representação desse homem comprometido e responsável. Assim, as reuniões sociais, por exemplo, usadas para tratar acordos comerciais, negócios, eram um espaço em que o homem deveria estar bem apresentado para que os negócios fossem realizados com sucesso. A moda masculina se torna uma via para que ele frisasse as características da sua masculinidade e mais ainda dos aspectos que reforcem o modelo hegemônico de masculinidade.

O corpo torna-se, assim, o suporte ideal de discursos que o revestem significativamente, capacitando-o como sujeito do fazer, dotado de competências performáticas, para assumir diferentes papéis actanciais que são desempenhados, e, devidamente caracterizados pela decoração corpórea, que torna-se, então, traço inerente de sua atuação no mundo.¹⁸⁵

Nesse campo, a moda masculina e o comportamento masculino, nesse contexto de mudanças existentes no Brasil, torna-se uma reguladora social, em que se constitui a partir dessa vestimenta uma hierarquia social, onde são avaliados não apenas o poder aquisitivo desses homens, mas também o grau de elegância e sofisticação que esse homem possui.¹⁸⁶

Por exemplo, os jornais caxienses estavam apresentando, em suas páginas, as reuniões sociais realizadas em prol das indústrias e manutenção das mesmas na cidade de Caxias. Um lugar no qual esses trajes masculinos deveriam imperar para que esses homens estivessem bem vestidos, para tratar de negócios.

Daniel Roche (2000), nos aponta que os trajes eles nos revela muitas coisas. Para o autor, o traje revela os marcadores sociais do sujeito, como por exemplo, a masculinidade do indivíduo, a idade, a profissão e sua posição social. Assim, ainda a luz de Roche, o traje estaria evidenciando as distinções sociais, mas também demonstrando as maneiras como os sujeitos eram condizentes com tais formas

¹⁸⁵ CASTILHO, Káthia. Configurações de uma plástica: do corpo à moda. (Dissertação). PUC-SP-1998, p. 23.

¹⁸⁶ Sobre as noções de cuidado de si, estética da existência, modos ou processos de subjetivação ver: FOUCAULT, Michel, História da sexualidade II – o uso dos prazeres, Rio, Graal, 1984.

principalmente pela segurança desse lugar de privilegio conquistado pelo traje que o indivíduo fazia uso. “A indumentária, mais do que outro elemento da cultura material, incorpora os valores do imaginário social e as normas da realidade vivida; é o campo de batalha obrigatório do confronto entre a mudança e a tradição.”¹⁸⁷

Nesse caso, notamos que existe em Caxias, por parte dos jornais, uma divulgação dos serviços dos profissionais da arte de costurar, ou alfaiates. Por exemplo, em 1896, chega a Caxias, João Baptista Vianna, de volta do Pará, sendo que o mesmo anuncia a abertura de um atelier de alfaiataria para atender as necessidades dos caxienses, com os melhores serviços voltados para costura. O atelier foi instalado na Praça de Gonçalves Dias.¹⁸⁸

Em Caxias, percebe-se pelos anúncios publicados nos jornais, um aumento dos serviços de alfaiataria, demonstrando que os caxienses, sejam homens ou mulheres, estavam naquele momento buscando apresentar-se socialmente, com os melhores trajes, nos eventos sociais e reuniões realizadas na cidade. Nesse mesmo sentido de expansão que denota a imprensa caxiense sobre as alfaiatarias na cidade, algumas eram destinadas aos segmentos populares, pois nota-se nas práticas cotidianas que, os indivíduos pertencentes às camadas populares buscavam estar semelhantes aos segmentos mais abastados.

Por isso em Caxias, o Senhor Agrícola Rêgo apresentava aos homens e mulheres dos segmentos populares a sua *Alfaiataria do Povo*, sendo possível que ambos os públicos pudessem desfrutar dos tecidos para realização dos trajes que usariam em ocasiões especiais, ou mesmo dos trajes para o seu dia a dia. O proprietário apontava, em seu anúncio, que a implantação da sua loja, em terras caxienses, seria para promover o acesso a todos os produtos para todos sem *distinção*. Sua alfaiataria estava localizada na Rua Aarão Reis, com preços módicos.¹⁸⁹

Desse modo, pensando Daniel Roche diz que a moda se tornou no jogo social adaptável as mudanças, principalmente as mudanças recorrentes decorrentes do ritmo econômico pela qual se encontra o espaço citadino. Por isso que autor frisa a necessidade que a moda criou mediante as questões econômicas, pois seria uma maneira de aproveitar o movimento em relação ao consumo dessa moda produzida. O que ocorre

¹⁸⁷ ROCHE, Daniel. História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Trad. Ana Maria Scherer. – Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 262.

¹⁸⁸ Jornal de Caxias, 25 de janeiro de 1896, Anno I, número 17, p. 04.

¹⁸⁹ Jornal do Commercio de Caxias, 08 de maio de 1915, Ano X, número, 537, p. 04.

no caso de Caxias, com o aumento das casas de alfaiataria existentes na cidade, além da crescente compra de materiais relacionados a produção da moda.

Outra alfaiataria, que teve destaque na cidade de Caxias, era a *Alfaiataria Teixeira* que mantinha contato direto com os principais centros de moda tanto da capital, São Luis, como da própria capital do país. Segundo informava, em seus anúncios, os homens poderiam encontrar os principais artigos e modelos para os mais diversos trajés que eles desejassem usar, pois estava sempre atualizado com os principais catálogos de Paris, uma referência à moda naquele contexto. Em seu anúncio, o mesmo reforça que “catálogo Ilustrado de Roupas e todos os artigos para homens, com os preços porque são vendidas neste anno as obras ali preparadas, e outro é também é o catalogo de secção de Perfumaria que se acha naquele importante estabelecimento.”¹⁹⁰

Outra novidade que se tornou mais intensa, relacionada à moda masculina, além dos cuidados com a vestimenta, outras peças e acessórios do vestuário masculino foram ganhando visibilidade nos anúncios. Por exemplo, os chapéus, e a partir dos anúncios os homens puderam ter uma maior variedade em termos de qualidade.

No que concerne a chapéus, outra febre do momento eram os Panamás, um tipo específico de palheta ou palhinha, como também eram chamados. Eram chapéus de cor clara feitos da palha da *Carludovica palmata*, planta abundante no Equador, produtor oficial do chapéu Panamá, que recebeu esse nome a partir de uma visita do presidente Theodore Roosevelt ao Canal em 1906. A partir daí, popularizou-se pelo mundo todo a ponto de a cidade de Paris passar a ser chamada carinhosamente de Paname pelos seus habitantes, adeptos assumidos do Panamá.¹⁹¹

Os anúncios sempre frisavam esses elementos, como se refere Francisco Dias Pinto, dono da casa de seco e molhados localizada no centro da cidade, que afirma que os nobres homens caxienses já poderiam se dirigir até seu estabelecimento para apreciar os mais belos chapéus, a fim de apresentarem-se elegantes em seus eventos sociais. O completo sortimento de “chapeos para homens, mais chics e modernos – recebo pelo ultimo vapor”¹⁹².

¹⁹⁰ Jornal do Commercio de Caxias, 09 de julho de 1898, Ano III, número, 138, p. 01.

¹⁹¹ OLIVEIRA, Milena Fernandes de. Consumo e cultura material, São Paulo “Belle Époque” (1890-1915). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia. – Campinas, São Paulo, 2009, p.167.

¹⁹² Jornal de Caxias, 15 de janeiro de 1896, Anno I, número 20, p. 04.

O chapéu ocidental vem se tornando crescentemente um arcaísmo, embora possa ainda ocorrer uma ressurgência. Mas é difícil que venha acontecer tal ressurgência. O chapéu parece ter de resignar-se a ser arcaísmo, ou a estabilizar-se em arcaísmo, do mesmo modo que a botina convencional, para homens ou para mulher. Chapéus é que raramente surgem nas ruas ou nos cabides. Chapéus e bengalas já não os reclamaram.¹⁹³

Os homens caxienses não teriam dificuldades para comprar os chapéus, pois notamos que as mais diversas opções estavam à disposição dos seus gostos e tipos. Por exemplo, poderiam se dirigir ao *chapeos finos para homens* vendidos na casa de secos e molhados de José Manoel Araujo, na Rua Aarão Reis.¹⁹⁴

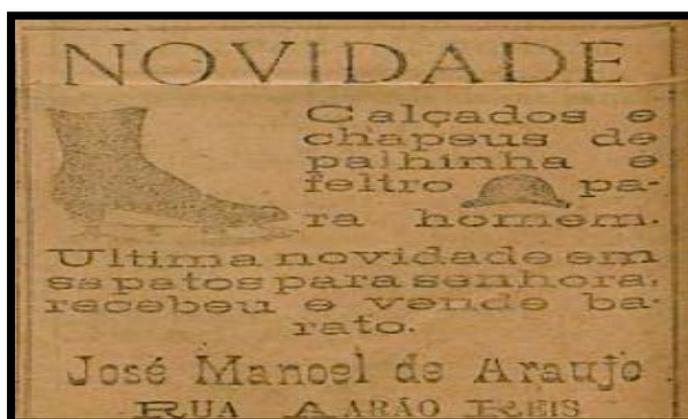


Figura 5 - Fonte- Jornal do Commercio, Caxias, 02 de outubro de 1915, Anno X, número 577, p.04.

Porém, o que valia como proposta para garantir a fidelidade do público masculino seria a criatividade e chamar atenção desses compradores. Desse modo, José Manoel Araujo, em outra edição, publica, nas páginas de anúncios do *Jornal do Commercio*, um anúncio apresentando a esses homens as possibilidades de compra dos produtos existentes em sua loja. Esses anúncios eram constantes nos periódicos caxienses, visto a necessidade de querer repassar a ideia que as novidades sobre as maneiras de apresentar-se bem poderiam ser encontradas nas casas de vendas da cidade. Assim, homens e mulheres diante das reuniões sociais teria a oportunidade de estarem socialmente bem, principalmente nos espaços das reuniões sociais realizadas na cidade na época.

Nesse sentido, José Manoel de Araújo, em outro anúncio publicado no jornal,

¹⁹³ FREYRE, Gilberto. Modos de homem & modas de mulher. São Paulo: Global, 2009, p, 109.

¹⁹⁴ Jornal do Commercio, Caxias, 19 de agosto de 1915, Anno X, número 565, p.04

apresenta aos distintos cavalheiros caxienses os produtos que eles poderiam encontrar em seu estabelecimento, como uma forma de garantir aos seus clientes as novidades que, segundo aponta o anúncio, seriam para agradar a todos os gostos masculinos da cidade de Caxias, como de outras regiões circunvizinhas.

Artigos para Homens

Casemiras de lã, preta e de core, de 4\$ á 12\$, metro

Chapeos de palha e feltro, novidade

Brim branco H J idem algodão

Idem de cores desde 600 até o melhor que se desejava

Alpaca preta e de cores

Fazendas para as camisas

Brim preto, artigo bom

Gravatas de sêda, ultima novidade

Idem para laço, idem de mola

Collarinhos de toda pontuação

Punhos, idem, idem

Suspensoriso pretos e de cores

Meias e rendadas, de cor e pretas

Chapeos: cartola, ultima novidade

Extrato finos, dos melhores fabricantes.¹⁹⁵

Ao identificar cada peça de roupa, ou mesmo acessórios da vestimenta masculina, torna-se possível apontar uma nova percepção quanto aos trajes masculinos, uma questão importante para se pensar as mudanças ocorridas nesses primeiros momentos da Republica brasileira. Principalmente, quando pensamos nos produtos anunciados por esse comerciante, pois notamos que, acessórios como a cartola e suspensório se tornam peças da vestimenta masculina que dialogavam com os novos hábitos de requinte e modernização experienciado nos salões de festas e ocasiões especiais.

Gilda de Melo e Souza, quando fala do vestuário masculino, afirma que houve transformações, perderam-se os elementos decorativos, porém não deixou de lado peças decorativas que ressaltavam a beleza e o requinte desses homens, como os chapéus, em

¹⁹⁵ Jornal do Commercio, Caxias 15 de novembro de 1915, Anno X, número 588, p. 03.

seus mais diversos tamanhos e formas, a bengala e os charutos. Esse último bastante anunciado nos jornais caxienses, por exemplo, a loja de Francisco Dias Pinto, comerciante tradicional da cidade, publicava suas novidades nos jornais e anunciava sempre que os homens caxienses, quando se dirigissem até o seu estabelecimento, encontrariam “grande sortimento de charutos e [...] ótimo sortimento em cores e qualidade [...] por preço reduzido, porém a dinheiro”¹⁹⁶ de calçados.

Assim, voltando às considerações de Gilda de Melo e Souza, a autora nos faz lembrar que as mudanças dentro do vestuário masculino aconteceram em vista da própria necessidade de apresentarem-se diferentes, de serem diferentes, a partir do segmento social do qual estes homens caxienses pertenciam.

A autora sinaliza que tal processo é evidenciado com a Revolução Francesa, onde se deixa a constituição da sociedade estamental para uma sociedade de classes. Desse modo se justificaria a necessidade de criar as distinções, marcar o espaço por elementos e práticas que fizessem essa distinção social ser percebida. Segundo Gilda Souza, o que importaria nessas sociedades

[...] não é desaparecer dentro de uma carapaça fulgurante, sumir debaixo dos brocados, formando com a roupa um todo indissolúvel, mas destacar-se dela, reduzindo-a a um cenário discreto e amortecido no qual se exhibe o brilho pleno da personalidade. É esse o ideal masculino do século XIX, que se reflete no traje, na liberdade que não se ousa tomar, o dandy e o leão permanecendo como sobrevivências de uma era passada, pois a beleza agora se tornou privativa da mulher.¹⁹⁷

Nesse sentido, o anúncio torna-se um propagador de *costumes vestimentários* que passa a refinar-se com o passar dos anos da dita modernidade que o país vivia. Um ponto de reflexão cujas bases para tal compreensão se apresentam quando o anúncio elenca os produtos vendidos em seu estabelecimento, pois o modo de vestir-se estaria sendo dito e em cada produto apontado neste anúncio.

Os anúncios foram utilizados como dispositivos de educabilidade desses corpos masculinos, quanto ao uso dos trajes e oferta desses produtos, pois ao passo que tais propagandas fazem uso da linguagem, elas incrementavam aspectos que afirmavam

¹⁹⁶ Jornal de Caxias, 08 de fevereiro de 1908, Anno XIII, número 626, p. 03.

¹⁹⁷ SOUZA, Gilda de Mello e. O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 81

o que e por que deveriam ser usados e como isso seria importante para o bem estar desses indivíduos.

Nesse caso, as frivolidades, a moda masculina precisaria ter o respaldo de agentes que pensassem esse aspecto do cotidiano caxiense, como outros demais a sua relevância para vida desses indivíduos, por isso que as colunas sociais se tornam um importante campo de pesquisa para capturar os sentidos, a importância desses trajes, vestidos tanto por homens como para mulheres serem vistos, diante dos demais. Uma questão representativa, porque seria um termômetro pelo qual as avaliações seriam postas em cima da mesa.

O prestígio das realidades estrangeiras não basta para abalar a fixidez tradicional; não há sistema de moda senão quando o gosto pelas novidades se torna um princípio constante e regular, quando já não se identifica, precisamente, só com a curiosidade em relação às coisas exógenas, quando funciona como exigência cultural autônoma, relativamente independente das relações fortuitas com o exterior. Nessas condições, poderá organizar-se um sistema de frivolidades em movimento perpetuo, uma lógica do excesso, jogos de inovações e de reações sem fim.¹⁹⁸

O jornal, nesse caso, sobre julgo da utilidade do anúncio em questão, apresenta uma pedagogia dos comportamentos, de etiqueta e *hombridade*, tanto almejada pela sociedade caxiense na época. Uma questão salutável quanto ao uso dessa descrição dos produtos vendidos na loja de Francisco Manoel Araujo, pois configurava uma dada intenção ao uso desses elementos no dia a dia desse homem caxiense.

Porém, essa prática era possível de ser identificada quando se lança o olhar para outras edições do jornal *Commercio de Caxias*, quando se verifica outros anúncios em Caxias, por exemplo, no anúncio publicado pelo *Jornal do Commercio*, em 1906, da casa da loja de roupas *Benedicto Collaço & Filhos Suces*, onde os homens poderiam encontrar meias e morins que segundo “desafiam competência devido à grande quantidade que receberam”¹⁹⁹. E além dessa expressiva quantidade de tecidos com qualidade, o jornal afirma que na loja os homens encontrariam auxílio para suas botinas feitas de plásticos da melhor qualidade. Os sapatos, outro elemento do guarda-roupa masculino, ganharam ares modernos e sofisticados, os sapatos com estilo francês ganharam os pés dos homens, segundo os jornais caxienses.

¹⁹⁸ LIPOVETSKY, Gilles O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lucia Machado. — São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 29.

¹⁹⁹ *Jornal do Commercio*, Caxias, 19 de outubro de 1906, Anno II, número 43, p.04



Figura 6 - Fonte - Jornal de Caxias, dezembro de 1900.

Porém, as botinas não deixaram os pés dos homens caxienses, visto serem mais adequadas ao clima da cidade, em meio a esse aspecto sertanejo existente, mesmo com os discursos de modernização ecoante pelos impressos caxienses. Além do acesso às lojas caxienses, os jornais, particularmente o jornal do Commercio de Caxias, traziam em suas páginas anúncios da capital do Maranhão, São Luís, mas também da capital vizinha do estado Teresina, por exemplo, a *Novo Mundo*, do *Arunad & Companhia*. Segundo anúncio, os distintos cavalheiros caxienses poderiam, quando estivessem a passeio na capital, visitar o rico sortimento de gravatas e calças com tecidos confortáveis, artigos que os rapazes e senhores poderiam usar nas diversas ocasiões. Como reitera o anúncio, um *verdadeiro Magazin*²⁰⁰

Vende a grosso e no varejo a dinheiro à vista

Mais barato: solicitude incomparável, a toda sociedade e toda confiança

Sempre gratidão da nossa parte e da boa freguesia em toda parte

Estabelecimento comercial de primeira ordem

Suas especialidades: Fazendas, Miudezas, Modas em grande escala, Ferragens, louças, estivas, Bebidas e únicos depositários em larga escola de: calçados, chapéus de cabeça e sol, artigos para sapateiros, maleiros e soleiros: Charutos e Cigarros; Molduras, Roupas tecidas e vidros.

*De tudo e para todos.*²⁰¹

²⁰⁰ Jornal do Commercio, Caxias, 19 de outubro de 1915, Anno X, número 577, p.04

²⁰¹ Jornal do Commercio, Caxias, 20 de outubro de 1915, Anno X, número 581, p.04

O público masculino torna-se uma parte da parcela de consumidores que foi identificada como um grupo importante, ao imbuir no imaginário social a importância de novos códigos de etiqueta, como também a própria ideia de civilidade dos modos masculinos, isso incrementou a possibilidade de se investir mais em produtos para ressaltar os novos valores quanto a aparência masculina, como também agregou em termos de expansão dos negócios desses donos de lojas, boutiques que já existiam não apenas em Caxias, mas também em regiões próximas da cidade de Caxias.

O uso de ornamentos no caso masculino, fica por conta da gravata, da cartola, da barba e, normalmente, da corrente do relógio de bolso, que lhe ficava aparente sobre o colete. A barba bem cortada e definida, e o uso destes acessórios tornaram-se fundamentais para expressar a elegância e distinção de classe em todo o século XIX marcando a diferença para aqueles que tinham poder econômico e uma posição social elevada. O destaque para o masculino não estava apenas na forma de vestir, mas também na forma de ser e de agir, ou seja, havia uma importante construção simbólica por trás da simplicidade e austeridade masculina.²⁰²

Nesse sentido, por exemplo, temos na imprensa caxiense publicações, como o anúncio do Jornal do Commercio, em 1906, em que demonstra uma novidade para deixar a barba do homem caxiense bem feita.

Os reclames dos impressos caxienses começaram a trazer em suas páginas novidades que buscassem melhorar aparência masculina. Assim, nesses reclames, encontramos a possibilidade de identificar as ideias de gênero, e mais ainda as representações do homem diante das mudanças comportamentais perceptíveis no Brasil de maneira expressiva.

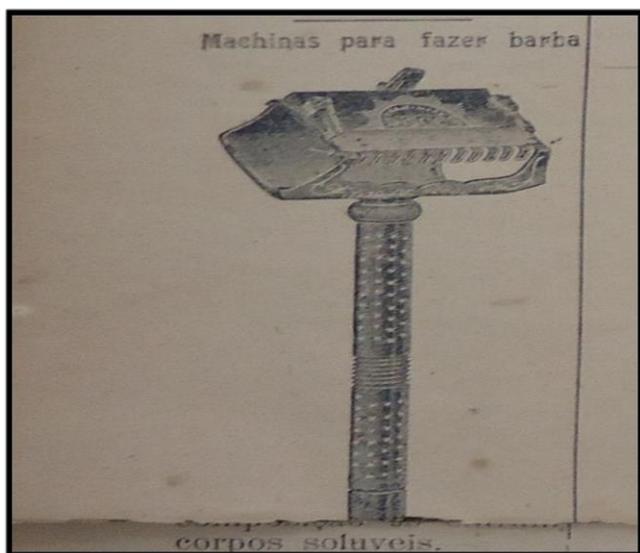
Os desejos de modernidade se expandiam e se generalizavam, sob o influxo do crescimento industrial, comercial e financeiro. O processo de urbanização, num contexto de industrialização, crescimento do comércio e dos serviços levou a uma maior circulação dos corpos, aliada à expansão da circulação de periódicos, jornais diários e revistas para públicos variados, que veiculavam um número cada vez maior e diversificado de anúncios de produtos que também apareciam numa multiplicidade de cartazes espalhados pela cidade, nos bondes, dentro das farmácias, nos muros, nas avenidas, nos tetos dos edifícios,

²⁰² SENA, Taísa Vieira. A construção da identidade masculina contemporânea por meio da roupa íntima. (Dissertação) – Programa de Pós-Graduação em Design - Mestrado da Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo – SP, 2011, p. 30.

entre outros.²⁰³

No caso, as barbearias passaram a trazer como novidades para os homens os mais variados produtos, como navalhas com espessuras mais finas, *puracos de mental*, pinceis de variadas qualidades, máquinas para cortar cabelo, escovas para cuidar não apenas dos cabelos, mas também do próprio bigode, símbolo da virilidade, sempre com intuito de embelezar os traços masculinos e torná-los modernos.

Contudo o cuidado com o corpo não se configurou apenas aos trajes, as feições



masculinas começaram a apresentar mecanismos para que as barbas se tornassem mais associadas aos novos trajes instituídos pelos corpos masculinos, como maneira de se apresentarem mais sofisticados e belos.

Figura 7 Fonte - **Jornal do Commercio** 1920.

No discurso dos jornais, o homem moderno deve se preocupar com o corpo, com sua aparência, mas essa preocupação, identificada na imprensa caxiense, tornava-se um aviso quanto à necessidade de manter-se asseado diante da sociedade, pois seria um sinal de bem estar, de se afirmar um homem preocupado com sua aparência. Pensando sobre essa ótica, (FEGHALI e SCHMID, 2008), abordam que em cargos ocupados por esses homens, exigiam deles uma postura conservadora, quanto os seus trajes. Para elas, “[...] extremo conservadorismo dos cargos e das funções nas empresas em matéria de roupa faz-nos entender que certas pressões sócio profissionais levam vantagem sobre os desejos de auto expressão.”²⁰⁴

Por isso, vamos perceber que, os produtos voltados para gênero masculino se configuravam de maneira expressiva entre os artigos que eram anunciados nas páginas dos jornais, que prometendo cuidar e dar melhor aparência a barba, por exemplo. O

²⁰³ MATOS, Maria Izilda Santos de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n.02 p. 125-143, 2011, p. 133.

²⁰⁴ FEGHALI, Marta; SCHMID, Erika. O ciclo da moda. Ed. Senac Rio, 2008, p. 39.

barbeador noticiado pelo *Jornal do Commercio* são demonstrações dessa perspectiva dos cuidados masculinos e de como a indústria da beleza se fazia mais presente nesses tempos republicanos. Dirigindo-se ao uso do barbeador, a *Revista Elegante*, periódico de moda que circulava na capital, como em Caxias, mostrava que os homens poderiam ter acesso aos mais modernos aparadores de barba e bigode. Como por exemplo, o modelo apresentado abaixo.



Figura 8 - Revista Elegante, 1903, p.03.

Segundo as instruções apresentadas na propaganda, era o homem que, ao comprar as navalhas, poderia fazer uso em qualquer lugar, seja no passeio em casa de parentes, ou mesmo em suas viagens de trem, pois a ideia de comodidade era uma das principais características desse instrumento moderno. O produto garantia que o homem, ao final do uso, teria uma barba profissional, “ficando a barba, tão perfeita, ou ainda melhor que por um profissional”²⁰⁵. As navalhas, segundo a propaganda, eram “fáceis de manejar, duradora, econômicas.”²⁰⁶

O barbeador apresentado é considerado como um produto moderno para o contexto, principalmente por trazer novidade quanto à forma de tratar da barba dos nobres cavalheiros e da beleza que iria deixar após o uso. Outra coisa que o produto simbolizava, nesse momento, é a própria ideia de comodidade que assumia o homem quanto ao uso desse produto.

²⁰⁵ Revista Elegante, 1903, p.03.

²⁰⁶ Revista Elegante, 1903, p.03.

Os produtos comercializados em tempos republicanos, relacionados aos cuidados do corpo, representavam os símbolos da modernidade. Desse modo, notamos que a cada ano era possível perceber que os investimentos eram realizados com o propósito de ganhar cada vez mais a atenção do público masculino, quanto ao uso dessas novidades em prol da sua elegância e sofisticação.



Figura 9 - Revista Elegante, 1903, p.03.

O modelo de estojo apresentado em revistas, como a *Revista Elegante* salientava como esse novo elemento, em tempos republicanos, seria um presente para os homens maranhenses, pois assim como as navalhas, em que os homens poderiam levar para qualquer lugar, o homem com o estojo faria a mesma coisa, mas agora mais completo.

A transformação foi marcada pela ruptura e adoção de novos valores e referências derivadas do que chamamos de modernidade. Até o século XIX a sociedade não se orientava pela noção de progresso. A partir da modernidade, a técnica seduz e influencia instâncias da vida social e cultural através da descoberta da eletricidade, do trem, da fotografia. A arte se volta para a discussão do presente e a industrialização, o avanço técnico e o debate sobre o indivíduo influenciam os artistas da época e os couturiers que emergem na segunda metade do século.²⁰⁷

²⁰⁷ BRANDINI, Valéria. Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX. *Revista signos do consumo* – v.1, N.1, pp. 74–101, 2009, p. 09.

Segundo Sant' Anna (2012), quando a *Gillette* inventou o barbeador elétrico, isso mudou a maneira como o homem se relacionaria com a sua barba e o modo de fazê-la; porém não modificou a sua ida a barbearia.

Símbolo da prosperidade, o cuidado de si requeria certas acuidades diante de si e diante do outro. Os signos e suas interpretações plurais diante dos acontecimentos levam o homem ao encontro de um receituário sobre o comedimento das sensibilidades que valorizam a individualização e a intimidade. O *homem circunspeto* torna-se pelo exercício extenuante na busca de uma individualidade e identidade.

208

O historiador Antônio Emilio Morgan, ao trazer suas considerações acerca dessas mudanças ocorridas no final do século XIX, aponta que ao se tratar da objetificação do homem enquanto as transformações dos trajes, voz, refinamento, mostra que, apesar da temporalidade, já havia iniciado estratégias por parte dos donos de lojas, os donos de boutiques e barbearias, a venda de produtos relacionados aos cuidados com aparência desse homem.

Assim, os cuidados, o asseio do corpo masculino, representavam uma sabedoria desse homem para cuidar de si mesmo, mas também demonstravam os novos modos pelos quais esse homem republicano *falava de si mesmo*, por estética ancorada nos princípios das mudanças que ocorriam quanto aos modos, que não eram apenas femininos, mas também ao próprio homem.

Segundo Matos, esses reclames cujo destaque era voltado para os cuidados com o corpo, como também com cuidados relacionados ao cabelo e a barba. Esses cuidados estavam orientados nos princípios da boa higiene vigente nesse contexto da primeira República, como também “vinculando-os às referências de distinção, elegância e sedução, tomando precauções em evitar cuidados excessivos, a vaidade abusiva, que poderia significar que os homens estariam se feminilizando.”²⁰⁹

No caso dos cuidados com a barba, já era uma tendência vinda do século XIX, mas que se tornou intensa no limiar dos anos republicanos, em especial quando se tratava da constituição das diferenças sociais, quanto ao poder econômico destes homens que pertencia aos segmentos abastados. Os sócios das indústrias, por exemplo,

²⁰⁸ MORGA, Antonio Emilio. Nos subúrbios do desejo: Masculinidade, e sociabilidade: Nossa Senhora do Desterro no Século XIX. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, p. 247.

²⁰⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus: revista de história, Juiz de Fora*, v. 17, n.02 p. 125-143, 2011, p. 142.

deveriam se apresentar sempre muito bem alinhados nas reuniões sociais realizadas em clubes da cidade de Caxias, na época.

As barbearias eram entendidas como espaços prioritariamente masculinos, “[...] lugares de encontro entre homens nos quais devia imperar uma certa sobriedade. Embora o barbeiro também cuidasse dos cabelos, seu título referia-se à barba, uma característica tipicamente masculina.”²¹⁰

Assim, os anúncios dos serviços prestados pelas barbearias caxienses, apontavam para os modos masculinos, como ter uma aparência com ares mais de cuidados. Por exemplo, Francisco Freitas anuncia no jornal do *Commercio* que os cavalheiros distintos da sociedade caxiense não buscassem se apresentar preocupados, pois mesmo com a mudança de endereço da Rua Aarão Reis para Travessa Desembargador Morato, segundo o barbeiro, aguarda os caxienses para cuidar do “anseio, prontidão e modicidade nos preços.”²¹¹ Ao final do anúncio, Francisco Freitas agradece aos cavalheiros caxienses pela preferência, e espera a todos.

A visibilidade que os anúncios trazem para os cuidados com as feições demonstravam também a maneira de cuidar dessas barbas, outrora realizada no recinto da sua própria casa, quando assim eram feitas, pois o estilo de barba grande e descuidada se tornava uma premissa da sua própria masculinidade e virilidade.

Por isso que a lista de produtos destinados ao refinamento dos cuidados com este corpo masculino começou a se tornar mais presente nos anúncios dos jornais caxienses, pois a ideia era trazer o asseio do corpo, porém sem que o mesmo perdesse seus traços masculinos.

Desse modo, na sessão *Artigos Diversos*, publicada, por exemplo, no *Jornal do Comercio*, a lista explicita que esses homens podiam encontrar uma lista de produtos que ajudariam no seu embelezamento, como bem mostra a publicação do jornal do *Commercio de Caxias*:

Artigos Diversos

Talco perfumado e pó, artigo fino e barato

Sabonete Reuter e Sanitário

Pentes para alisar

²¹⁰ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In. AMANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. História dos homens no Brasil. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013, p. 256.

²¹¹ *Jornal do Comercio*, 20 de janeiro de 1915, Ano X, número, 507, p. 04.

Artigos para Sapatarias

Completo sortimento para alfaiates.²¹²

A relação dos artigos descritos acima demonstra o quão as fábricas e os empresários estavam percebendo o potencial desses novos clientes para se tornarem consumidores diante das novas necessidades exigidas pelas normas de etiqueta. Nesse percurso, a própria vaidade do homem, torna-se algo expressivo, visto ser e fazer parte dele, como bem coloca Marcia Pimenta Raspanti, quando menciona a forma como a moda – não decorrente da primeira república, mas que vem antes do processo de constituição do regime republicano – dialoga com o ego masculino.

A vaidade e a preocupação com a moda sempre estiveram presentes nas cabeças masculinas, seja para representar a sua classe social, seja para demonstrar poder e riqueza, seja simplesmente para ser mais atraente ao sexo oposto. Mesmo que, após o século XIX, a roupa masculina tenha trilhado os artifícios usados para melhorar aparência. Os modelos de beleza continua a ser – um instrumento usado pelo homem para definir a sua posição perante os outros e perante si mesmo.²¹³

A autora corrobora ainda ao apontar que os cuidados com a higiene, os cultos à beleza são decorrentes de um processo histórico relacionado ao mundo grego, como também à própria vaidade masculina. Assim, o uso de “cosméticos, unguentos, maquiagens, roupas e outros pequenos artifícios sempre foi aliado dos homens na busca pela elegância.”²¹⁴

Entre os vários artigos que sempre os anúncios irão frisar em seus textos está o chapéu. Ele se configura nesse contexto, um dos principais acessórios para uso masculino, significando essa relação do homem com algo que o identificava com o sujeito homem, mas que aos olhos dele seria uma forma de reforçar a masculinidade deste sujeito.

²¹² Jornal do Commercio, Caxias 15 de novembro de 1915, Anno X, número 588, p. 03.

²¹³ RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In. História dos homens no Brasil AMANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. História dos homens no Brasil. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013, p. 212.

²¹⁴ RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In. História dos homens no Brasil AMANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. História dos homens no Brasil. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013, p. 185.



Figura 10 - Revista Elegante, 1903, p.03.

Nesse sentido, Gilberto Freyre, quando analisa os modos de homens, afirma que esses homens devem aprender a conviver com as questões que evidenciam as modernizações, pois as mesmas modernizações fazem exigências quanto aos

Modificações e modernizações técnicas, econômicas, sociais, culturais que vêm exigindo vestidos, sapatos, penteados, adornos de mulher e de homem adaptados a essa nova condição geral. O chapéu, nesse caso, torna-se um produto revendido por todas as lojas existentes em Caxias, e mais ainda, por lojas que ficavam nos grandes centros urbanos, como São Luis, Teresina e Belém. Esses produtos chegavam a Caxias, como o chapéu entre outros, através dos caixeiros viajantes.

Os reclames presentes nos jornais ofereciam ao o público masculino, produtos que irá ajudar na melhoria da imagem deles, principalmente para imprimirem a imagem de homens elegantes e refinados em seus trajes e aparências. Por exemplo, Os *Cintos Zita*, afirmavam ser a última moda para público o masculino, já estavam sendo usados pelos cavalheiros dos grandes centros urbanos.

Esse número expressivo de artigos, que são vendidos para o público masculino, demonstra o que Gilberto Freyre já abordava em seu livro, *Modos de homens e modas*

de mulheres, em relação ao homem, onde o mesmo estava sendo favorecido quanto às modernizações existentes em torno da moda voltada para ele. O autor evidencia ainda que, a própria moda criou novos hábitos, modos de agir, de decidir, mas sempre fazendo menção às questões do modo de ser homem, ou seja, eles eram mais comedidos que as mulheres em seus trajés.

A elegância e o cuidado com a aparência, em Caxias, tornam-se expressivos justamente porque se buscava instituir uma mentalidade, cuja sociedade se percebesse moderna. Um aspecto possível de ser visualizado quando nos debruçamos nos discursos quando nos discursos da imprensa caxiense. Tornando-se mais latente, durante as décadas de dez e vinte do século XX, em que as grandes lojas começaram a chegar à cidade, principalmente em núcleos urbanos cujas atividades econômicas apresentavam representações expressivas quanto a ideia de crescimento.

Em Caxias, até o período da primeira república, vinha-se trazendo para o cenário da sua economia a característica de uma cidade cuja renda tinha grande parte de origem no comércio. As casas comerciais davam constantemente sinais de ser uma fonte de renda sempre possível, ao que diz respeito à maneira como os caxienses iriam sobreviver e expandir os negócios.

A comercialização da imagem e o sentido simbólico dado a essa imagem nos remete a pensar como, nesse contexto, a representação imagética de homens lidando com os tecidos, os corpos representados em roupas ditas e entendidas como masculinas nos revela não apenas a efemeridade dos novos hábitos, mas constitui a nova ideia de vestir-se e imprimir nessa roupa atitudes concernentes às mudanças sociais e culturais que vivenciava o país.

O tempo de mostrar, o tempo de viver os novos hábitos, evidenciou, dentro das práticas de sociabilidades caxienses, um processo civilizador cujas ações eram coordenadas por uma pedagogia do bem estar, do vestir-se bem. A imprensa direcionava, trazia em suas páginas, o que deveria ser pensado como correto, como ideal.

O tempo da fábrica não trazia apenas os novos modos de comercialização e inserção da cidade Caxias no cenário da economia fabrilista, mas trazia aos cidadãos caxienses o reforço de incorporar novos trajés, para adequar-se de maneira elegante. Segundo Rainho, o perfil de homem ideal e elegante, era, segundo aqueles jornais, manuais de modo, aquele “[...] que se distinguia pela sobriedade e simplicidade no trajar, deixando para mulher os excessos de ornamentos, a livre escolha das cores, o uso

de jóias e perfumes.”²¹⁵

O que notamos ao perceber essas novas aquisições, por parte dos homens, é o desprendimento com o tradicionalismo, criando uma nova cultura da masculinidade. Onde sua virilidade não estaria mais condicionada aos aspectos da sua sexualidade. Nesse sentido, os gostos se apresentam “democratizados”.

A frivolidade, o efêmero, alastra-se em todos os segmentos, mas sempre apontando condições para poder experimentar essas novidades que se apresentam para todos, porém apenas os mais abastados usufruem primeiro. Diz-se uma moda para todos os homens, no entanto se resguarda a uma moda individual.

A medida que o efêmero invade o cotidiano, as novidades são cada vez mais rapidamente e cada vez mais bem aceitas; em seu apogeu, a economia – moda engendrou um agente social à sua imagem: o próprio *individuo-moda* sem apego profundo, móvel, de personalidade e de gostos flutuantes. Tal disponibilidade dos agentes sociais para as mudanças exige que se reabra o processo intentado contra a sociedade frívola, acusada de desperdício organizado e de irracionalidade burocrático- capitalista.²¹⁶

Nos anúncios do *Jornal do Commercio*, notamos que a propaganda usada tinha intenção de corporificar homens cujas ações se moldavam dentro do chamado modelo burguês. Nesse caso, podemos perceber que os anúncios performatizam uma representação do homem e o estilo que deveria assumir. Assim, vamos identificar nessas propagandas um padrão para o homem caxiense.

²¹⁵ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 140.

²¹⁶ LIPOVETSKY, Gilles *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. — São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 176.



Figura 11 - Fonte - Jornal Voz do Povo, 1930, Caxias-Maranhão, p.03.

Na propaganda acima podemos perceber discursos imagéticos que imprimem um modelo de masculinidade diante dos tecidos que anunciam. A ideia do homem estilizado, com adornos que demonstram a elegância de um estilo rebuscado. Nota-se que o homem que avalia o tecido está com a bengala, uma peça fundamental. Segundo Camila Silva, a “bengala também era outro símbolo masculino, não só de moda, como também de virilidade e riqueza da época”.

Os homens que utilizavam bengala, normalmente bordadas de ouro, eram homens distintos, ou seja, homens ricos da elite.”²¹⁷ Nesse sentido, a elegância passou a ser entendido como uma representação desse bom viver, como também sinônimo de homem elegante e moderno, mas que notamos sempre deveria ter limites quanto as roupas que ele deveria trajar no espaço público. Percebemos que, nesse caso, as vestimentas voltadas para o público masculino tinham elementos que deixavam os mesmos elegantes, mas ressaltavam sempre um moderamento, pois o importante seria apresentar-se, em qualquer reunião ou festa, com serenidade e simplicidade.

Assim, moda, como uso, hábito ou estilo geralmente aceito, variável

217 SILVA, Camila Ferreira Santos. Entre modos e modas: modernização e civilidade em São Luís na segunda metade século do XIX. (Monografia apresentada ao Curso de História) – UEMA, São Luis. 2008, p. 64.

no tempo e resultante de determinado gosto, ideia, capricho, ou das influências do meio. Uso passageiro que regula a forma de vestir, calçar, pentear etc. Arte e técnica de vestuário. Fenômeno social ou cultural, mais ou menos coercitivo, que consiste na mudança periódica de estilo, e cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter, por algum tempo, determinada posição social. Modo, como maneira, feição ou forma particular; jeito, sistema, prática, método; estado, situação, disposição; meio, maneira, via; educação, comedimento, prudência; jeito, habilidade; arte, significa quase um inteiro processo de aculturação.²¹⁸

Segundo Souza (1997), os códigos simbólicos de representação tiveram sentidos diferentes tanto para homens como para mulheres, uma vez que um duplo padrão de “[...] moralidade regia as relações humanas, o código de honra do homem sendo diverso da mulher. [...] temos realmente de um lado uma moral masculina” contratual”, um código de honra originado nos contatos da vida pública, comercial, política e das atividades profissionais [...].”²¹⁹

Nesse caso, identificamos que o trajar masculino apresentava a imagem de alguém cuja prática dava valor à ciência e às questões voltadas para mundo do trabalho, nomeadamente nesse contexto da cidade de Caxias, onde a indústria e o mundo fabrilista se fazia presente na cidade.

Além desses pontos, a imagem também nos remete a apresentar o quanto a ideia da limpeza, bem estar, um sujeito limpo, com ocupação, traduz-se como um primeiro plano ao se pensar na informação que a roupa significaria para esse homem.

A época da Restauração não foi de muita identidade para a moda feminina e sim um período de transição entre a moda império e a romântica. Os vestidos chegaram às canelas e eram bem mais ornamentados do que aqueles do Império. A moda masculina, essa sim estava a todo vapor. Não que ela tenha mudado radicalmente nesse período da Restauração, mas já fazia desde o Império, tornando-se muito significativa na Inglaterra. Enquanto Paris ditava as regras femininas, Londres, por sua vez, se impunha com as masculinas.²²⁰

Segundo Gilles Lipovetsky, na moda masculina existe cânones constituídos como princípio organizador da premissa para se entender o que era um traje masculino.

²¹⁸ FREYRE, Gilberto. Modos de homem, modas de mulher. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 17.

²¹⁹ SOUZA, Gilda de Mello e. O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 58.

²²⁰ BRAGA, João. História da moda. – 8ª. Ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009, p.59.

Assim, “[...] a discrição, a sobriedade, a rejeição das cores e da ornamentação[...]”²²¹ significaria pontos de preocupação para qualquer homem ao buscar vestir ou comprar uma roupa.



Figura 12 - Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.

Podemos citar nesse caso, as *Casas Pernambucanas*, uma rede de varejo cujas lojas estavam presentes em muitas partes do Brasil. Em Caxias, não conseguimos identificar quando foi realizada a instalação da loja, mas conseguimos perceber uma ordem pró-normativa quanto aos modelos de homens e mulheres, essencialmente quando se tratava do que era indicado para se buscar vestir por parte de homens e mulheres caxienses.

O anúncio, nesse sentido, revela a possibilidade de compreender como se torna provocativo o sentido dado ao que se deseja instituir como um padrão. O anúncio deveria trazer um número de respostas, visto que o público tinha acesso às informações divulgadas pela imprensa. Pois se acreditava que, pelo fato dos homens serem guiados pela brisa das novidades, a novidade seria uma maneira de ter atenção desses homens acerca de produtos que estavam direcionados a eles. A propaganda em termos de favorecimento ao mundo moderno, se tornou um ponto de apoio para se pensar o conceito de *moderno e homem moderno*, principalmente pelas novidades, como essa apresentada em relação ao barbeador.

Por isso que em outra propaganda da rede Pernambucana, aponta-se que ela determina o tempo da moda e direciona costumes para que homens e mulheres possam

²²¹ LIPOVETSKY, Gilles. O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 37.

se encontrar bem, diante do que devem vestir no dia a dia e em situações especiais.



Figura 13 - Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.

A linguagem se traduz como um recurso para se pensar na confiabilidade que os compradores poderiam ter ao olhar o anúncio. Nesse caso, a propaganda acima não apenas se volta como uma mensagem destinada para todos da cidade de Caxias, mas também ressalta o poder de expansão dessa rede existente no país nesse contexto. Esse tipo de varejo se tornou bem popular visto ao crescimento do Brasil. Nesse sentido, Lipovetsky aponta:

Da mesma maneira que a moda não pode ser separada da estetização da pessoa, a publicidade funciona como cosmético da comunicação. Da mesma maneira que a moda, a publicidade se dirige principalmente ao olho, é promessa de beleza, sedução das aparências, ambiência idealizada antes de ser informação. Toma lugar no processo de estetização e de decoração generalizada da vida cotidiana, paralelamente ao design industrial, à renovação dos bairros antigos. Por toda parte se expandem a maquiagem do real, o valor acrescentando estilo de moda.²²²

²²² LIPOVETSKY, Gilles. O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 189.

Além disso, a propaganda também ressalta a representação que se tem de cada gênero, temos, nesse caso, homens e mulheres sendo alvos dos produtos vendidos pela rede de varejo. Um ponto de reflexão para as relações de gênero, nesse começo do século, justamente por que nota-se uma percepção heteronormativa dos sujeitos levada como um ponto de apoio para instituições de representação social expressiva, como a Igreja.

A moda masculina que vem da Capital



informe sobre a moda parisiense estava sempre presente no Maranhão, como também na cidade de Caxias. Notamos que cada lançamento das edições da *Revista Elegante* era publicado nos jornais de Caxias, informando as novidades e a qual público era destinado os modelos de cada edição.

Seguindo essa premissa, o *Jornal de Caxias*, em 1898, noticia que agora os caxienses teriam mais uma fonte para o contato com a moda parisiense, pois já estava circulando na cidade os primeiros números de um importante jornal de moda, editado em Paris, que tinha como diretores os principais nomes da moda, os *Guilard e Alland & C^a*.

A moda

A moda que veste neste momento se impõe a todo o elegante é a solaresaca ou o fraque d' um comprimento relativamente exagerado. Devemos observar que romper d' esta vez com a timidez habitual que, para passar muito curso ao muito comprido ou do muito largo ao muito estreito, nos forçava a seguir a ordem progressiva tornando estas alterações de uma lentidão tal que só depois de muitas estações notava-se a diferença da moda. Desta maneira as roupas d' uma anno para outro não pareciam ridículas. Portanto, uma votade de louvar aos nossos elegantes, pela lança rápida que fizeram, saindo assim do comum.²²³

Os editoriais de moda, que apresentavam o que se deveria usar, naquele contexto, demonstravam o quanto a sociedade buscava adentrar no universo de novos costumes. Sobre essa questão, a *Revista Elegante* afirma ser um dever para com os seus cavalheiros deixá-los a parte das novidades que emergem no cenário parisiense, por isso sempre estaria a serviço dos homens, em prol de estabelecer, no Maranhão, bons

²²³ Revista Elegante, 30 de setembro de 1892, nº. 7, p. 01.

serviços quando o assunto fosse moda, em especial a masculina.

Sem que nos seja um sacrifício, resolvemos dar aos nossos distintos e amáveis fregueses e leitores este Suplemento da nossa Revista para que fiquem scientes das novidades que tempos em nosso estabelecimento que são a última nota da moderna Arte no grande mundo pariziense.

Pariz essa capital sagra como o coração do mundo segundo a onisciente voz de V. Hugo, que nos dicta e que no ensina as leis do bom gosto, que nos indica o majestoso carimbo de Bello, onde se perde a inexperiência [...] e sente-se a manifestação mais completa do espirito humano, mandou-se sob os clarões vermelhos da Ilha Morta.²²⁴

Nota-se, entre os dizeres da revista, o quanto era importante afirmar a origem dos conselhos sobre como os homens deveriam se vestir; e o conceito de referência, precipuamente nesse contexto de afirmação, quanto ao tempo de serviço dedicado à moda masculina, que parece não ter o mesmo número de detalhes quando se tratava da roupa feminina. “A mentalidade que dominava algumas parcelas da população na época caracterizava-se pelo “desejo de ser estrangeiro”. O gosto do brasileiro deveria ser melhorado tendo como modelo a Europa.”²²⁵

Nesse sentido, a revista aponta quais as peças de roupa que esses homens deveriam usar, conforme a moda francesa da época.

Paletós de seda, lindos,
De cores sérias, vistosas,
Fazem ter gosos, infinitos
Paletós de seda lindos!
São de forras muito hermosas,
De modelos nunca vistos
Paletós de seda, lindos,
De cores serias, vistosas.
E como novidades do mesmo gênero de roupas feitas temos:
Uns paletós, esplendidos, de linho,
De me imitação a seda e cousa boa,
Que fará o freguez mudar de amores
E procurar de vida outro caminho,
Como um batel no mar erguendo a pôa

²²⁴ Revista Elegante, 11 de outubro de 1892, número, 04, p.01.

²²⁵ RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In. História dos homens no Brasil AMANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. História dos homens no Brasil. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013, p. 204.

Pro paraíso das celestes flores.²²⁶

Os recursos para mostrar o quanto a cultura francesa trazia a distinção aos homens e aos senhores de modo geral se configurava como uma máxima dentro das notícias apresentadas nos manuais de bons costumes, manuais de comportamentos que circularam no Maranhão, como também em Caxias. Nesse caso acima, percebemos o uso da estética poética para trazer a importância de bons paletós para a figura masculina, sobretudo nas reuniões e bailes dos quais tais homens participavam.

No âmbito do vestuário, os textos eram longos, porém com parágrafos de quatro a cinco linhas. Caracterizavam-se pela racionalidade, uma vez que descreviam e enumeravam vantagens. Observa-se a repetição do nome da marca como forma de fixar e reafirmar as informações, assim como o uso de ilustrações. Os desenhos nos anúncios de vestuários eram comuns, porém do estabelecimento ou da marca e não de figurinos.²²⁷

O uso de elementos nos quais fosse percebida a brasilidade era visto como mau gosto, pois não tinham os olhos e sentimentos do “berço da civilidade”. Isso porque não era apenas Paris, entendida como uma fonte do bom gosto, a Europa como todo tinha de maneira muito expressiva a referência da civilidade, desde a roupa até mesmo aos modos de como as pessoas deveriam se comportar durante as refeições.

Porém notamos que a roupa era uma maneira de se aproximar desses hábitos ditos e entendidos como europeus, pois os manuais de etiqueta auxiliavam e aperfeiçoavam os hábitos dos brasileiros, no caso, a roupa era essa ferramenta. O sentido dado ao uso da roupa agora não estaria mais na perspectiva de uma simples peça de roupa. Percebe-se o quanto se fazia necessário dar mais ênfase ao projeto de criar sentido de mudanças, o quanto se desejava usar roupas diferentes para cada situação, como também a cada nova estação, como nos aponta as considerações da revista sobre o uso da casaca.

As mudanças na indumentária masculina começaram por baixo: pelas calças brancas, de influência inglesa. Depois, o terno perde o colete embora não altere a sua terminologia triádica. As casacas – que se

²²⁶ Revista Elegante, 11 de outubro de 1892, número, 04, p.01.

²²⁷ COSTA, Rafaella Contente Pereira da; NUNES, Cleonice Viana; Netília Silva dos Anjos SEIXAS. Vestuários na Mídia Impressa de Belém do Século XIX. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE. 1-12, p. 09. <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0929-1.pdf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2017.

derreavam até os joelhos – diminuíram e foram obtendo contornos mais leves até chegar ao paletó. derreavam até os joelhos – diminuíram e foram obtendo contornos mais leves até chegar ao paletó.²²⁸

Em cada editorial, a *Revista Elegante* apresentava um assunto concernente ao mundo da moda que aparecia com grande representatividade, e mais ainda se tornando popular entre os homens. Assim, no editorial de 1905, a revista apresenta todos os seus utensílios para atualização da moda, mas traz um adendo acerca do *jaquetão* masculino que, segundo as considerações da revista, tinha alcançado grande popularidade pelo público masculino. Pois, desde o grande empresário, até o operário já estava fazendo uso dessa peça em solo maranhense.

O jaquetão parece haver definitivamente conquistado uma indiscutível popularidade, constituindo a roupa de cerimônia do operário e o traje de repouso ou de trabalho diário de predileção especial dos que sabem vestir com comodidade e elegância.

O feito mais geralmente adaptado é o de golas longas e estrelas com um só ordem de botões e ligeiramente arqueado nas costas para trazer sempre abotoando.

Mais elegante que tinha em se diferenciar de vulgo, preferem o modelo do jaquetão *croisé* de golas bem largas, justo na cintura e com duas ordens de botões.

Neste modelo usa-se sempre abotoado.

Os redingote de cerimonia continua a ser usado da mesma forma, apenas com uma ligeira modificação, que consiste num delirium de seda muito nas extremidades.²²⁹

O estilo de roupa dos homens começou a mudar, a própria categorização sobre uma peça da vestimenta desse homem republicano demonstrava o quanto a ideia do gosto e objeto salientou a representação que a vestimenta ganhou nesse começo do século XX. Os sentidos simbólicos não repousaram em apenas discursos de desejo, mas se tornaram e ganharam, por parte desses sujeitos envolvidos, no caso homens, uma significação cujas mudanças de hábitos se tornaram perceptíveis.

[...] a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para indicar posições ideológicas segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas pra transmitir. “A roupa é uma linguagem

²²⁸ QUINTAS, Fátima Quintas. A indumentária em tempos patriarcais. & Tróp., Recife, v.33, n.1, p.1-180, 2009, pp 52-53.

²²⁹ Revista Elegante, Maranhão, Abri-Maio de 1904, Ano IX, número, 107, p. 01.

articulada”.²³⁰

Desse modo, a impessoalidade acabou se tornando uma característica dessa nova perspectiva da moda masculina, pois com a ideia de apresentar-se conforme os ideais existentes nesse contexto da primeira República, os indivíduos buscavam imprimir em seus trajes a imponência, descrição, virilidade intelectual, uma constituição alicerçada por uma mescla de características da masculinidade do homem rural, com homem urbano, pois mesmo esse nome vivendo no Brasil, nota-se uma necessidade a partir dos trajes e comportamentos assumidos em seu dia a dia a tentativa em se aproximar da identidade masculina europeia.

A ostentação viril do homem público apontava entre comportamentos cujas ações traduziriam o tom de sofisticação e distinção que ele poderia assumir no espaço social. A ideia era exhibir essas mudanças, mas manter-se distante em termos da aparência dos segmentos menos abastados. O princípio da distinção e hierarquia social mantinha-se como pontos de preocupação da figura masculina nesse limiar do século XX.

Através da sucessão de estilos de roupa gerados ao longo do século, podemos “ler” a realidade social e o universo cultural das gerações que se seguiram no decurso do mesmo. Isso é possível porque a roupa, na categoria de composição indumentária, é composta em sua forma e significado por símbolos que representam a evolução das sociedades. Por meio dela podemos observar as mudanças ocorridas nos papéis sociais, na vida pública e privada dos indivíduos, assim como perceber a importância adquirida pelo corpo e sua ornamentação nas sociedades complexas, sobretudo, a partir do contexto social ao longo do século XX.²³¹

Nesse sentido, a própria peça de roupa, pela qual a revista traz considerações importantes, salienta o quanto tanto homens como mulheres estão inseridos nos processos de significação da ideia de vestir uma roupa, de comprar uma peça de roupa. O desejo pela apropriação da roupa se tornou mecanismo de evidência do poder que a roupa poderia ter para outro.

O ato de vestir, de sentir-se bem, continuou sendo ponto de importância da roupa, mas o que denota nesse caminho é a própria funcionalidade dada à roupa, como uma maneira de trazer à tona as significações existentes sobre o objeto demarcado pelo

²³⁰ ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge In: ECO, Umberto (Org.). *Psicologia do vestir*. 3ªed. Lisboa: Assírio e Alvin, 1989.p 17.

²³¹ BRANDINI, Valéria. Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX. *Revista Signos do Consumo* – v.1, n.1, pp. 74–100, 2009, p. 92.

estilo.

O signo é a união do significado, do vestuário e do mundo, e da Moda. Entretanto, o jornal não dá sempre esse signo de um modo declarado. Não diz necessariamente: o acessório é significante do significado primavera; os vestidos curtos são, este ano, o signo da Moda. Diz de modo bem diferente: o acessório faz a primavera; este ano, se usam vestidos curtos. Por sua retórica, ele pode transformar a relação do significante e do significado e substituir a simples equivalente pela ilusão de outras relações: a transitividade, a finalidade, atribuição, a causalidade, etc. em outros termos, ao mesmo tempo em que a Moda edifica um sistema bastante estrito de signos, ela de dar a esses signos a aparência de meras razões.²³²

Desse modo, o fascínio pelos dizeres francês estava relacionado em muitos aspectos, desde ao uso da meia, quanto à maquiagem usada para estar com o rosto bem, nas festas e reuniões sociais. “Da França chegavam as tendências das estações por meio de grandes gravuras de moda que eram, a princípio, importadas e vendidas nas lojas comerciais e que, com o advento da imprensa feminina, eram reproduzidas aqui nas revistas e nos jornais especializados.”²³³

Ainda sob o olhar de Rainho (2002), o autor nos aponta que o uso de trajés diferentes, em cada ocasião, deveria demonstrar a sutileza quanto ao conceito das diferenças entre a roupa do dia a dia e as roupas a serem usadas para os bailes, teatro, almoços de reuniões beneficentes, entre outras atividades relacionadas ao cotidiano da sociedade republicana.

O *Jornal de Caxias* afirmava que a revista *A Moda Elegante* publicava igualmente nas suas colunas editoriais informações acerca dos procedimentos para se vestir bem, em especial os homens. Além das seções de moda, o jornal também apontava que os caxienses sabendo sobre a existência desses elementos na revista, os caxienses se sentiriam mais motivados para fazer consumo das ideias divulgadas na revista em relação à moda.

O jornal trazia os informes quando a revista estava em solo caxiense, justamente como um apoio para que os homens e mulheres tivessem acesso à informação da moda parisiense. Quando os informes franceses não conseguiam chegar à capital maranhense, o gerente apresentava uma nota dizendo o porquê.

²³² BARTHES, Roland. Sistema da moda. Trad. Lineide do Lago Salvador Mosca; Revisão e Supervisão: Isaac Nicolau Salum. – São Paulo: Ed. Nacional – Universidade de São Paulo, 1979, p. 249.

²³³ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 53.

Segundo Gilles Lipovetsky, “[...] a era da moda é a que mais contribuiu para arrancar dos homens em seu conjunto do obscurantismo e do fanatismo, para instituir um espaço público aberto, para modelar uma humanidade mais legalista, mais madura, mais cética”²³⁴. O autor fala sobre isso, porque o mesmo justifica que a moda consumida é constituída de “paradoxos: sua inconsciência favorece a consciência; suas loucuras, o espírito de tolerância; seus mimetismos, o individualismo; sua frivolidade, o respeito pelos direitos do homem.”²³⁵

Como apontamos, logo acima, a profissão de alfaiate, já bem presente no dia a dia dos caxienses, ganhava mais representatividade com os anúncios da revista elegante, pois existiam sempre partes da revista de moda destinada a esse profissional. Nesse caso, os homens tinham um grande número de opções para compra dos seus paletós.

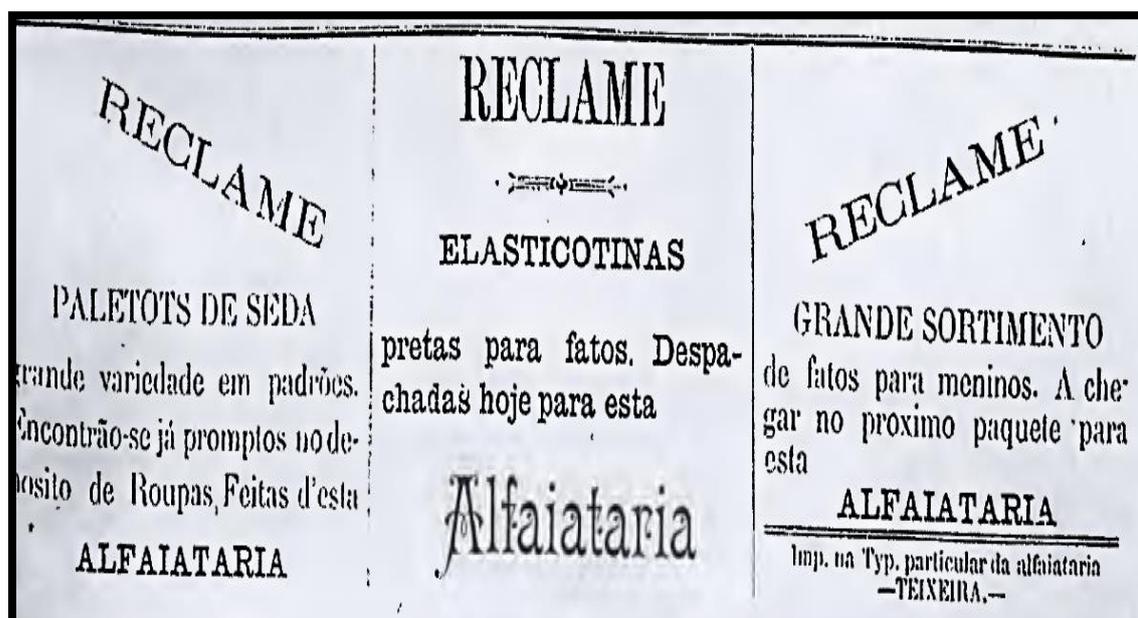
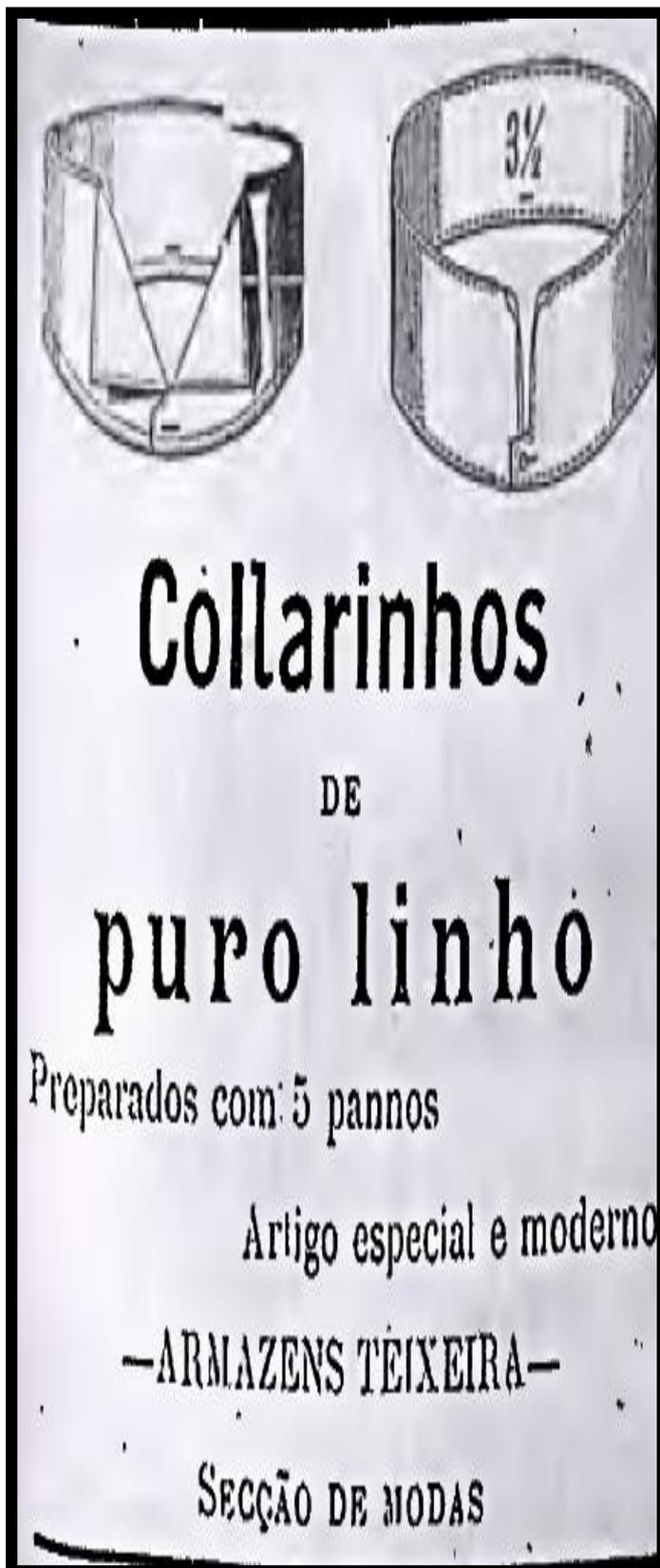


Figura 14 - Fonte - Revista Elegante, 1989, p. 10.

Como notamos, logo acima, os reclames traziam os tipos de paletós, como por exemplo, os produzidos por seda. Nesse reclame, outro ponto ressaltado, ao tratarmos

²³⁴ LIPOVETSKY, Gilles. O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 19.

²³⁵ LIPOVETSKY, Gilles. O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 19.



da figura masculina, são as cores destinadas as roupas desses homens. Os caxienses sempre podiam fazer pedidos diante das novidades que eram anunciadas pela revista, pois os modelos, poderiam ser reproduzidos pela atividade dos alfaiates da cidade, principais consumidores do manual de modas, pois assim tinham sempre novidades para os seus clientes. No caso dos paletós, esses eram bem divulgados pela imprensa. No caso da revista, ela frisava as novidades, em que as opções eram diversas. Por exemplo, a Revista Elegante falava dos “paletos de lustrin, alpada de côres, cazemira preta ou de côr, brim branco, pardo e hollanda parda, encontram-se já prontos, ao deposito de roupas feitas da alfaiataria.”²³⁶

Figura 15 - Fonte - Revista Elegante, 1989, p. 10.

²³⁶ Revista Elegante, Maranhão, 31, outubro de 1892, Anno I, n 08, p. 03.

²³⁷ SOUZA, João Luiz de. Mudanças de hábitos no imaginário Amazônico: a moda, a influência Cultural francesa em Manaus. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Universidade Federal do

Mas a diversidade de elementos, concernentes ao vestuário masculino, não se limitou apenas a esses citados anteriormente. Percebemos que a revista trazia para o público da capital, como também das cidades que consumia a revista, sempre o que se pensava como um novo atributo que poderia engrandecer a figura masculina e ressaltar sua masculinidade burguesa e refinada.

Nesse sentido, as peças da vestimenta masculina ganharam representação e imagens nas páginas da revista. Como é o caso das peças íntimas, como ceroulas, e também da diversidade de camisas destinadas para se fazer uso com os paletós vendidos pelas alfaiatarias não apenas da capital, mas da própria cidade de Caxias. Assim, identificamos que os homens podiam contar com um variado tipo de bengalas, graxa para que pudesse lustrar o sapato.

Os sobretudos, colarinhos e punhos podiam ser adquiridos pelos cidadãos caxienses, de preferência os que pertenciam aos segmentos abastados da sociedade, pois esses produtos reforçariam não apenas a elegância, mas o próprio sentido da imagem de um homem moderno, e mais ainda responsável, pois era uma cobrança feita a esse homem do mundo dos negócios, o homem do mundo do trabalho. Assim, por exemplo, na propaganda da camisa abaixo notamos bem essa questão, a mesma já foi produzida com a exigência de que o homem buscasse fazer uso de outros elementos que faziam parte da peça.

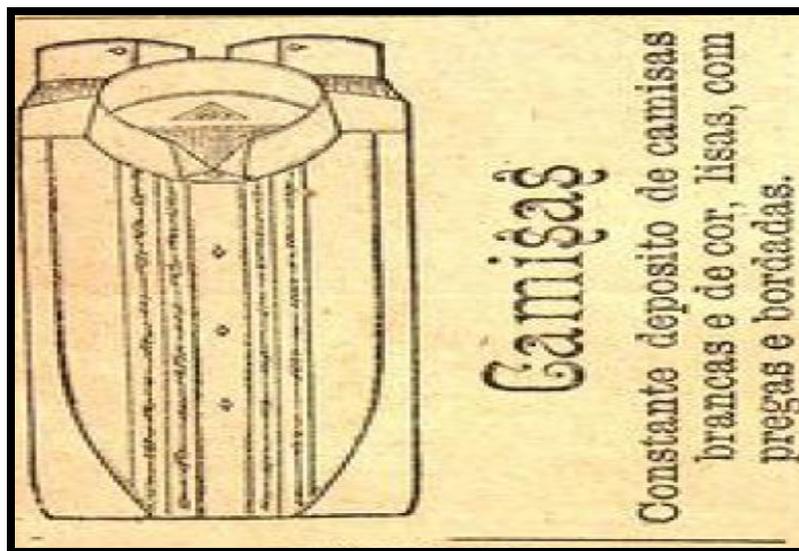


Figura 16 - Fonte - Revista Elegante, 01 de maio de 1898, Ano, VII, nº, 71, p. 03.

A camisa inglesa foi uma das peças masculinas que mais se configurou como símbolo de elegância, disputava com os artigos franceses, mas não deixava de ser citada por parte dos manuais de moda, pois o homem deveria tê-la em seu guarda roupa, visto trazer aspectos da sutileza e rebuscamento para aparência masculina.

A moda masculina tornava-se mais simples e prática, às vezes parecendo como a uniformização masculina em ocasiões de trabalho, comércio de uma maneira geral e das festividades sociais: a sobriedade clássica, com as cores pretas e cinzas preferenciais. Aliado a isso os acessórios, o relógio de algibeira, camisa, colete, gravata, bengala e chapéu coco. Joaquim Nabuco, Santos Dumont naquela época foram as expressões bem conhecidas no mundo da elegância. Eles transitavam no Brasil e na Europa, embora Santos Dumont estivesse mais presente em Paris.²³⁷

Assim, outra peça presente, nesse rol da vestimenta masculina, eram as gravatas. Elas se traduziam como um ponto de simplicidade para compor a sofisticação da roupa do homem. A gravata trazia ao homem uma combinação perfeita, por exemplo, com a camisa branca que apresentamos anteriormente.



Figura 17 - - Fonte - Revista Elegante, 1903, p.03.

Segundo Raspanti (2013), o homem dito moderno não deixou sua vaidade de lado, ao passo que a moda se aperfeiçoava, com inserção de novos elementos para compor seu vestuário, ele aderiu a cada novidade. Porém sua preocupação em tornar-se elegante não deixava de lado a ideia de que o mesmo não poderia utilizar peças que o feminizasse.

O uso de joias era moderado, sendo restrito a alfinetes de gravatas, alguns anéis, apetrechos de fumo em prata e com pedras preciosas, e relógio de bolso. De forma que conhecemos hoje, o terno, com paletó mais curto, colete e calça feitos com o mesmo tecido, também surge nesse período na Inglaterra, mas será adotado no Brasil no final do século, para substituir as casacas compridas.²³⁸

Essa percepção configura uma realidade nesse contexto de mudanças, pois o homem dos segmentos abastados se mostrava cada vez mais adepto para viver essa nova ordem. O rebuscamento já não afeta sua hombridade, pois sua masculinidade encontrava sua segurança nas práticas de refinamento e sofisticação, sinônimos dessa masculinidade nos indos do século XX.

A popularização dos ternos como traje masculino não significou o apagamento das distinções sociais. Os homens com maior poder aquisitivo podiam se distinguir da maioria da população masculina através do corte, do tecido e do uso de acessórios, como gravatas, abotoaduras, colarinhos, lenços, etc.²³⁹

Nesse sentido, outro acessório que traduziu o homem moderno maranhense e caxiense foi o suspensório. Especialmente quando esse sujeito era o pai, o homem de negócios, pois configurava dentro do imaginário social a representação da elevada sofisticação desse homem, quando fazia uso deste elemento.

A moda criada pelo dândi e espriada pelo mundo, conforme visto no capítulo anterior, caracteriza-se pela sobriedade, típica do homem de negócios da virada do século, sem, no entanto, dispensar o luxo e o requinte. As camisas da época poderiam ser com peito de linho ou de tricoline, com ou sem punhos. Os colarinhos e punhos, de tricoline, lã, linho ou pura seda. Acima das camisas, usavam-se os sobretudos que podiam ser alternados com fraques ou casacas, dependendo da ocasião, da idade e, principalmente, da posição social. As calças eram geralmente confeccionadas em lã, linho ou tricoline. As gravatas, em

²³⁷ SOUZA, João Luiz de. Mudanças de hábitos no imaginário Amazônico: a moda, a influência Cultural francesa em Manaus. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, – Manaus, 2013, p.219.

²³⁸ RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In. História dos homens no Brasil AMANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. História dos homens no Brasil. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013, p. 198.

²³⁹ MACHADO, Vanderlei. Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p.94.

algodão, lã, linho ou seda. As meias elegantes eram encontradas em fio escocês, lisas ou bordadas.²⁴⁰

O suspensório é elemento que verificamos de forma muito expressiva nos anúncios, representando as lojas caxienses. Como a própria revista elegante trazia a fim de mostrar como esse homem deveria fazer o uso, pois era sinônimo da representação elegante de um homem burguês.



Figura 18 - Fonte - Revista Elegante, 1902, p.04.

A imagem ao lado, por exemplo, mostra que existe a possibilidade de vários modelos, mas no caso da imagem publicada, o acessório é feito de algodão. Uma matéria prima que existia no baricentro das atividades da cidade de Caxias.

O acessório acima releva o quanto a indústria da moda estava preocupada em trazer para os homens as novidades que pudessem deixá-los mais elegantes. O acessório, por exemplo, se tornou único e exclusivamente masculino, além de manter como um sinônimo de sofisticação e elegância do homem público, do homem de negócios. Outro acessório incrementado no vestuário masculino foram as variações do chapéu que ganhou novos formatos, fazendo agora distinções entre homens mais velhos e novos.

No caso ao lado, dos *bonets* e *casquetes* apresentados no rol de imagens da Revista Elegante de 1903, notamos que esses modelos eram destinados aos homens mais novos, pois apresentavam um formato mais jovial, enquanto que os homens mais velhos

²⁴⁰ OLIVEIRA, Milena Fernandes de. Consumo e cultura material, São Paulo “Belle Époque” (1890-1915). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia. – Campinas, São Paulo, 2009, p.165.

utilizavam uns modelos mais sofisticados. Como podemos ver na imagem abaixo:



Figura 19 - Fonte - Revista Elegante, 1902, p.04.

Nesse caso, a representação era constituída pela exclusividade do uso desse acessório por estes homens dos segmentos abastados e por sua carestia, visto ser, por muito tempo, um produto de valor muito alto.²⁴¹

Na lógica dos signos como na dos símbolos, os objetos deixam de estar ligados a uma função ou necessidade definida, precisamente porque corresponde a outra coisa, quer ela seja lógica social, quer a

²⁴¹ As condições vitais da moda como uma manifestação constante na história da nossa espécie podem assim descrever-se. Ela é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de apoio social, conduz o indivíduo ao trilho que todos percorrem, fornece um universal, que faz do comportamento de cada indivíduo um simples exemplo. E satisfaz igualmente a necessidade de distinção, a tendência para a diferenciação, para mudar e se separar. E este último aspecto consegue-o, por um lado, pela mudança dos conteúdos, que marca individualmente a moda de hoje em face da de ontem e da de amanhã, consegue-o ainda de modo mais enérgico, já que as modas são sempre modas de classe, porque as modas da classe superior se distinguem das da inferior e são abandonadas no instante em que esta última delas começa a se apropriar. SIMMEL, Georg. *Filosofia da Moda e outros escritos*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008, p. 24.

lógica do desejo, às quais servem de campo móvel e inconsciente da significação.²⁴²

As propagandas da revista provocavam um encantamento, quando apresentadas em suas páginas havia representações acerca dos acessórios e trajés relacionados ao mundo da moda, especialmente quando se tratava da última moda em Paris. Por isso utilizamos de maneira mais ampla todos os sentidos de análise, quanto ao que podemos extrair da revista. Nesse caso, quando o discurso imagético instituía um provocamento aos consumidores.

O fato de os manuais demarcarem as fronteiras das vestimentas segundo as classes pode ser explicado – como muitas vezes essas obras eram adaptações ou cópias de manuais estrangeiros, elas refletiam a possibilidade de alguma mobilidade social e de uma certa igualdade no parecer que se dava, por exemplo, na França. Daí ser necessário expor claramente as minúcias do vestir da “boa sociedade” para que a enorme especialização das roupas afastasse aquele que não poderiam igualar-se às camadas mais privilegiadas da sociedade.²⁴³

A revista, em suas páginas, exprimia a necessidade da boa aparência, aparência que deveria traduzir aos homens, em especial relacionado ao conforto e mais ainda a segurança de estar bem com a roupa que estaria vestindo na ocasião. Essas táticas, ao passo que folheamos as páginas da revista, também buscavam imprimir o sentido da boa sociedade, com homens que seguiam essa linha de pensamento para um “sentido natural” do ser e estar masculino.

Segundo Morgan, tornou-se um elemento reforçativo, em periódicos e mais ainda em manuais da moda, uma ação de normalização quanto aos costumes e maneira como eles deveriam vestir-se e comportar-se no baricentro das relações sociais.

[...] os periódicos constituíram-se em dispositivos que corrigiam e regulamentavam as atitudes consideradas desnecessárias e importunas diante dos novos códigos de sociabilidade. Nas suas páginas, perfilam o esmero, a civilidade, as modas, a prosperidade, a clivagem das condutas, a virtude, a família e a urbanidade com seus equipamentos de sociabilidade. Em seus editoriais, crônicas, notas, advertências e publicações a pedido, o compósito dos dizeres e dos fazeres tinha como preponderância a argumentação crítica aos costumes considerados antiquados que corroíam e arruinavam a capacidade de

²⁴²BAUDRILLARD, J. A sociedade do consumo. Lisboa, Ed. 70. 2005, p.77.

²⁴³RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 153.

progresso.²⁴⁴

Por exemplo, no caso abaixo, em que ela apresenta ao público masculino o sinônimo de sofisticação e elegância ao usar um *sobretudo*, ao sair de casa para suas obrigações no espaço público.



Figura 20- Fonte - Revista Elegante, 1903, p. 04.

A preocupação com estética e elegância ganhou, no decorrer desse período, simpatia por parte de quem produz essa moda masculina, e mais ainda sobre quem divulga, porque produz status, visto ser uma prerrogativa da elegância desse homem em tempos republicanos. Como bem ressalta Morgan, ao pensarmos no vestuário, o mesmo conferia ao homem “[...] distinção e probidade [...]. A lapidação da imagem pessoal inseria-se na ambiguidade produzida pelas clivagens das condutas diante do habito de cultivar e registrar, pelas aparências uma marca individual.”²⁴⁵

²⁴⁴ MORGA, Antonio Emilio. Nos subúrbios do desejo: Masculinidade, e sociabilidade: Nossa Senhora do Desterro no Século XIX. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, p. 283.

²⁴⁵ MORGA, Antonio Emilio. Nos subúrbios do desejo: Masculinidade, e sociabilidade: Nossa Senhora do Desterro no Século XIX. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009, p. 280.

Nesse caso, na imagem acima, podemos perceber essa questão, quando os dois homens, ao encenar um andar, traduzem não apenas a elegância do *sobretudo* cuja propaganda busca evidenciar, mas também o perfil masculino desse homem, ao fazer uso dessa peça de roupa. Nesse caso, é salutável mencionar que se torna uma exigência, por parte dos códigos de etiqueta, não apenas o manejo adequado dos acessórios, mas também a adequação quanto ao uso de peças como essa que apresentamos logo acima.

Capítulo III

A exaltação de corpos
saudáveis dos homens da
Princesa Sertão pela ótica
das propagandas dos jornais
caxiense

CAPÍTULO III - A EXALTAÇÃO DE CORPOS SAUDÁVEIS DOS HOMENS DA PRINCESA PELA ÓTICA DAS PROPAGANDAS DOS JORNAIS CAXIENSES

O presente capítulo tem como objetivo analisar, a partir dos anúncios voltados para o público masculino, as questões que formalizavam, dentro do contexto caxiense, uma forma de perceber este homem envolto de mudanças, que ocorriam no limiar do século XX. Além destes aspectos, propõe-se também analisar como a imprensa corporificava, em seus discursos, propagandas voltadas para os cuidados com o corpo, por isso nos debruçaremos sobre os anúncios vinculados na imprensa caxiense, neste recorte temporal, para perceber essa idealização de corpos saudáveis.

Por essa perspectiva, pretende-se pensar, a partir dos anúncios que eram publicados pelos jornais, quais eram os males que poderiam ocasionar o mal estar dos corpos desses homens da sociedade caxiense nesse momento da primeira República.

O uso da propaganda como fonte de pesquisa abriu caminhos diversos para o desenvolvimento de análise no campo historiográfico. Isso devido à própria dinâmica social que as propagandas influenciaram no mercado editorial dos impressos no Brasil no começo do século XX, principalmente em que se torna latente esses mecanismos de atração do público leitor.

Segundo Heloisa de Faria Cruz (2000), essas mudanças foram recorrentes ao progressivo desenvolvimento relacionadas à diagramação das folhas informativas e revistas nesse começo do século. A autora afirma que as chamadas *folhas domingueiras*, ainda nessa primeira década, eram pensadas com regras diagramatórias de forma ambígua, em que não se entendia a ordem como eram apresentados os anúncios, reclames e imagens para venda dos produtos, porém essas propagandas se tornaram evidentes nos impressos existentes no país no limiar do século XX.

Com a virada do século, a propaganda deixa progressivamente o espaço exclusivo das publicações “comerciais” e articula-se à imprensa periódica de uma forma mais ampla. Nesse processo, o reclame transforma-se numa das formas centrais de financiamento das publicações. O sucesso de um periódico, sua manutenção enquanto uma publicação competitiva e estável passa a depender cada vez mais de sua capacidade de atrair recursos via propaganda. As pequenas publicações vêm a público repletas de apelos ao mercado. Em insistentes proclamações “ao comércio inteligente”, as publicações prometem “anúncios por preços módicos”; publicações “encapadas com o único intuito de nelas serem feitos anúncios ilustrados a preços comodíssimos” previnem “aos senhores negociantes” que “as casas

que anunciam tem mais frequência, crédito e prosperidade”, oferecem “ao distinto comércio” novas e atrativas técnicas de confecção dos anúncios.²⁴⁶

Diante dessa nova dinâmica, o historiador e suas inúmeras problematizações direcionou o seu olhar para identificar possibilidades em questões relacionadas aos estudos de gênero, onde identifica-se tanto direcionado a mulher como ao homem, esses discursos imagéticos de cuidados com corpo, saúde e bem estar condicionava a essa nova percepção que entrava em cena a partir desses anúncios e reclames, cada vez mais presentes nos impressos do país.

As distinções entre o reclame e a notícia tornam-se cada vez mais sutis. A linguagem do reclame se renova. Através da propaganda, a imprensa incorpora temas e formas de dizer pouco afeitos à norma culta da cultura letrada tradicional. Agora, não são mais os indicadores de serviços e profissões, tampouco os depoimentos de personalidades atestando a eficácia de um produto ou a idoneidade de um estabelecimento, que predominam. Charges, desenhos e fotos passam cada vez mais a compor a mensagem publicitária. Literatos e homens de letras envolvem-se com o novo mercado de reclame.²⁴⁷

Por essa perspectiva, notamos, nesses anúncios destinados a cura dos corpos impuros, a representação de um corpo ideal para a nação, pois é possível mencionar quão eficazes tais produtos julgavam ser a fim de apresentarem-se como confiáveis aos seus consumidores. Assim, apontamos que,

Do anúncio puro e simples, as empresas passaram a desenvolver estratégias na qual publicidade, propaganda e ações de mercado estão articuladas para assegurar o sucesso das vendas. Táticas sedutoras que cada vez mais mobilizam as autoridades e os profissionais comprometidos com a saúde.²⁴⁸

O discurso de eficiência, salvação, reestabelecimento das forças desses sujeitos, acabava sendo um abre-alas para a realização da venda desses medicamentos. Uma proposta onde verificamos disputas entre aqueles que garantiam efeitos mais rápidos a quem buscasse fazer uso do medicamento. Desse modo, existiam as propagandas que prometiam a cura, como também as destinadas a prevenir os males do corpo.

²⁴⁶ CRUZ, Heloísa de Faria São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: EDUSC; 2000, p.156.

²⁴⁷ CRUZ, Heloísa de Faria São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: EDUSC; 2000, p.158

²⁴⁸ TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 03.

Nesse sentido, as propagandas dos *elixires, tônicos, fortificantes* destinavam-se para reafirmação dessa preocupação com os chamados corpos saudáveis. As propagandas do *Bromil, Emulsão de Scott, Nutrion, Vigonal, Ventre-Livre, Helmitol*, e comprimidos das marcas de remédio que tinham grande circulação como a *Bayer Helmitol, Luetyl*, apresentavam essa perspectiva em prol do estabelecimento da saúde do homem, principalmente para aumentar as forças e vigor físico.

Esses medicamentos, segundo os anúncios, buscavam combater as enfermidades do corpo e segundo a própria imprensa, que não é caso particular de Caxias, mas de outros lugares, os males deviam ser combatidos para que os homens pudessem viver bem. Os medicamentos também direcionavam em relação aos cuidados do sistema nervoso, como por exemplo, o anúncio do *Bitro Phosphatado*, relacionado ao esgotamento físico. Os anúncios também afirmavam que muitos homens por causa do intenso dia de trabalho estariam condicionados a manifestar mudanças de humor, e, nesses casos, a imprensa indicava *Ferro Nuxado*, como forma de estabelecer o bom humor masculino, pois como afirmavam, os homens deveriam ter esse momento de atenção com sua família, principalmente após o dia de trabalho.

As dores do corpo também eram alvo dessas propagandas, neste caso, citamos *Pílulas de Foster*, o remédio indicado para as dores dos rins, cujos homens deveriam, sempre que sentissem dores nesses órgãos, segundo aponta a propaganda, fazer uso para melhoria saúde. Outro anúncio, reforçado nas páginas da imprensa caxiense, eram as *Pílulas Rosadas do Dr. Williams* que prometiam o estabelecimento das energias e livrar as dores dos corpos desses homens.

No caso das pílulas do Dr. Williams, por exemplo, o *Jornal de Caxias*, em 1908, anunciava que o remédio prometia excelentes resultados para anemia, segundo o discurso médico, era um mal que assolava homens e mulheres de modo geral no país. Mas, segundo Dr. Williams, ninguém deveria se preocupar, porque comprando as pílulas do Dr. Williams e fazendo o uso corretamente em casa, os problemas de saúde estariam resolvidos, sobretudo esse homem que se encontrava enfermo. Segundo, a propaganda do remédio, o mesmo possuía uma grande eficiência quanto a melhoria das condições dos trabalhos.

Se tomardes estas Pílulas hoje, por exemplo, a vossa cura começará hoje mesmo.

Curam até quando todos os outros remédios só tem mostrado improfícuos.

A prova de tudo isto acha-se nos atestados abaixo transcriptos tirados ao acaso d' entre milhares de outros semelhantes:

“Há cerca de um anno sofria de anemia” escreve nos Sr. José de Faria telegrafista de Cataguarzer, (Minas Geraes), e morador de Duque de Caxias, n. 17. “Perdi completamente o apetite; estava sempre fraco e pallido; o pouco alimento que tomava produzia me aflontações. Nenhum remédio me fez efeito até tomar as Pílulas Rosadas do Dr. Williams.

Dois frascos foram suficientes para que sentisse sensíveis melhoras e em pouco tempo achei me perfeitamente bem”.²⁴⁹

O uso de depoimentos, e mais ainda quando eram homens que falavam desses remédios, sinalizava garantia e eficiência para o paciente. Outro aspecto que podemos notar era uma forte efetivação desse recurso por várias propagandas de remédios nos jornais caxienses, principalmente quando se buscava mostrar os resultados.

Entre os remédios existentes nesse contexto, cujas propagandas utilizavam depoimentos de homens, estavam os elixires que eram produzidos tanto em nível nacional como também na própria cidade de Caxias. Um exemplo era o caso de Manoel Gonçalves Pedreira, caxiense que produzia o *Elixir de Carnauba e Japéganga*, que prometia, segundo aponta o anúncio, destituir do corpo do homem e da mulher, *syphiles hereditária, rheumatismo, boubas gomas, darthros, empiges, úlceras e manchas*.

Nessa mesma perspectiva, o anúncio do medicamento *Doutor Brande*, era outro que prometia cura radical de *debilidade nervosa, impotência, perda da faculdade de preocupação, hipertrophia dos Testiculos, Prostação Nervosa, Polluções nocturnas, Abusos de prazeres sexuaes, moléstias dos rins e da bexiga e fraqueza*. Apesar de não ser produzido por caxienses, era vendido nas farmácias da cidade.

A promessa de garantia de eficácia não era algo apenas referendado por médicos e personalidades de grande representação da época; em muitos casos, as propagandas de remédios utilizavam médicos de outros países para dar respaldo aos remédios vendidos no Brasil, como é caso do *Vigonal*, em que um cientista do Uruguai é usado para falar dos efeitos deste remédio.

VIGONAL

O Fortificante mais perfeito

Opinião de um grande cientista Uruguaya

²⁴⁹ Jornal de Caxias, 22 de fevereiro de 1908, Anno XIII, nº, 628, p. 02.

“A minha opinião é completamente favorável ao fortificante VIGONAL. Para mim ele tem sido de grande eficácia contra os acidentes, nevropathicos em outros caso derivados do empobrecimento do sangue, a tal que não lanço mão de outro tonico em minha clinica”.

(a) (PROF. DR. AUBRAN, Montevideu)

EFEITOS RAPIDOS DO VIGONAL

1. Enfiriquece o sangue.
2. Aumenta o peso
3. Alimenta o cerebro
4. Fortalece os nervos e os musculos]
5. Tonifica o estomago e o coração
6. Excita o appetite
7. Accellera as forças
8. Calcifica os ossos
9. Evita a tuberculose.

VIGONAL – E’ o fortificante preferível para os anêmicos, convalescentes, neurorasthenicos, exgottados, dyspepticos, arthristicos, etc.

VIGONAL – E’ o restaurador indicado sempre que se tem em vista uma melhora na nutrição, um levantamento geral das forças, da atividade phyphica e da energia cárdica. [...].

VIGONAL – E’ muito recomendado as creanças magras, pálidas, lymphaticas, rachiticas, lhes calcificando os ossos e favorecendo o crescimento.

VIGONAL – E’ o remédio ideal para os Médicos, Advogados. Professores, Estudantes, Negociantes, e outros que sofrem de insônia., perda de memoria fraqueza nervosa e cerebral.

VIGONAL – E’ o de gosto muito delicioso Rivalisa com o mais fino de cor de meza, e é o recomendado especialmente ás pessoas delicadas.²⁵⁰

A propaganda, com os efeitos do remédio no corpo desses sujeitos, evidencia a proporção que almejava alcançar em termos de benefícios para esse homem, em especial, apesar do remédio também servir para mulheres. Nesse caso podemos ver o quão a saúde masculina se tornava foco das propagandas de remédios e evidenciados pelas autoridades ditas como competentes, no caso dos médicos.

²⁵⁰ Jornal do Commercio, 22 de janeiro de 1928, p. 04.

Outro ponto, que se sobressai nesse texto, são as profissões, essas em sua maioria eram apenas exercidas por homens, tanto que na própria propaganda notamos essa preocupação em saber como esses homens estariam desenvolvendo as suas profissões, e mais ainda quais os danos que o exercício delas promove no corpo desse trabalhador.

A palavra, dentro do discurso, é fenômeno ideológico por excelência, está em evolução constante, reflete fielmente todas as mudanças e alterações sociais. “O destino da palavra é o da sociedade que fala. Mas há vários caminhos para estudar a evolução dialética da palavra.”²⁵¹

Desta forma, Bakhtin se refere ao peso das palavras, elas agem e interagem em sentidos múltiplos, pelo fato da força de significação caracterizadora que se reforça, da mesma forma que sua tonalidade ou seu valor típico. Nesse caso, a preparação do citado ganha contornos na narração, a tal ponto que pode dar ao contexto narrativo feições e tonalidades em que o discurso citado, embora conservando as entoações próprias do autor, vai conduzir a narrativa exclusivamente dentro dos limites da ótica social.

Assim, as formas de enunciação dos discursos devem ser levadas em conta, porque a tendência analítica do discurso indireto manifesta-se pelos elementos emocionais e afetivos, que também estão presentes na constituição desses discursos, mas que, diga-se de passagem, “não são expressos no conteúdo, mas nas *formas* da enunciação.”²⁵²

As propagandas afirmavam que esses fortificantes eram a solução para diversos problemas de saúde, por isso nota-se que, na descrição dos benefícios, esses remédios poderiam proporcionar aos seus consumidores apoio para combater os males que assolavam os seus corpos.

Nesse caso, as representações constituídas nessas propagandas de remédios se voltam para um jogo de divulgação, como também na própria constituição e distinção do produto. Pierre Bourdieu chama de *efeitos de figura*, pois, em muitos momentos, teremos a imagem de doutores, ou mesmo homens que projetam a confiabilidade do produto para os homens fazerem uso.

As propagandas, ensinam e criam, dentro do processo de construção, a representação do *sentido verídico*. Isso, devido ao fato da própria propaganda se

²⁵¹ BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 199

²⁵² BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 160

constituir de sujeitos que reforçam a eficácia do produto. Nessa conjuntura, um ponto que foge dessas propagandas são os efeitos de perigo, que foram praticamente eliminados.²⁵³

Desse modo, deve-se levar em conta o espaço onde são produzidas tais propagandas, pois configura a forma, o destino desses jogos linguísticos. Nesse sentido, a língua registra “as impressões do discurso de outrem e da personalidade do locutor, os tipos de comunicação socioideológica em transformação no curso da história manifestam-se com um relevo especial.”²⁵⁴

Nesse sentido, os discursos são moldados para que não sejam infiltrados por interpretações outras, pois isso poderia inviabilizar o próprio jogo de interesses pelos quais os produtores desses discursos lançam sobre esse jogo linguístico. A ideia era fazer com que tais discursos estejam enquadrados em espaços isolados quanto a significados múltiplos, ou seja, ao protegê-los de infiltração pelas entoações próprias ao autor, isso simplifica e consolida as características linguísticas individuais, como os próprios interesses dos produtores desses discursos.

Por exemplo, a propaganda do *Xarope São João* se torna bem representativa, quanto a essa questão de corpos saudáveis e livres dos males do corpo. A imagem do homem que se encontra em desespero não configurava apenas a ideia da busca de cura para os problemas que assolavam o corpo, mas também representa, segundo a própria propaganda, o estado de desespero da política interna, com as mudanças de regime nesse limiar do século XX.



Figura 21 - Fonte - *Jornal do Commercio de Caxias*, 1930, p. 04.

Segundo Temporão (2002), a propaganda do *Xarope São João* foi considerada

²⁵³ HOPKNIS, Claude. A ciência da propaganda. Trad. David Ogilvy. Ed. Cultrix. – São Paulo, 1993, p. 24.

²⁵⁴ BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 157

uma das primeiras propagandas de remédios que apresentava não apenas uma inovação quanto ao uso de técnicas para chamar atenção do público, mas também a representação da nação que mesmo aflorando em tempos republicanos se encontrava amordaçada e doente.

Por isso, no crepúsculo de 1899, a nação inteira clamava pela virada. Não apenas a do século, mas a da própria história. E assim, quando 1900 chegou, a explosão de fogos do réveillon trazia consigo esperança de grandes transformações. Era como se as camadas urbanas de classe média, até então amordaçadas por um regime oligárquico, lutassem para se desvencilhar dos desmandos e descaminhos da política e da economia, aos brados de: *Largue-me, deixe-me gritar*.²⁵⁵

O texto da propaganda é sintomático quanto ao uso de um homem com problemas e expressando sua vontade de encontrar a cura. Em seguida ao texto *largue-me deixe-me gritar* se apontava as benesses que propunha o xarope.

As pessoas que tosem... As pessoas que se Resfriam e Constipam facilmente (...). Os Astmaticos e, finalmente, as creanças que são accommettidas de Coqueluche poderão ter a certeza de que seu único remédio é o Xarope São João. É a única garantia da sua saúde. O Xarope São João é o remédio científico apresentado sob a forma de um saboroso licor. É o único que não ataca o estômago, nem os rins. Age como Tônico Calmante e faz expectorar sem tossir. Evita graves Affecções do Peito e da Garganta. Facilita a respiração, tornando-a mais ampla, limpa e fortalece os bronchios, evitando as inflamações e impedindo os Pulmões da invasão de Perigosos Micróbios. Ao publico recomendamos o Xarope São João.

O desespero, a falta de oportunidades, o que representa a figura do homem em questão? Talvez a própria ideia de apresentar o homem nessas condições, a propaganda também conseguia fazer menção ao próprio estado de homens e mulheres que acordaram em um belo dia com República instituída, mas que coexistiam há tantos problemas cujas soluções ainda perduravam em sua volta.

Em uma nação não só sufocada política e economicamente, mas afetada, também, por uma série de doenças respiratórias e pulmonares – em especial a tuberculose – não é de se estranhar que o inovador reclame tenha feito tanto sucesso. Quatro anos depois da publicação do anúncio, porém, outro grito ecoou; só que, então, na forma de uma

²⁵⁵ TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 34.

virulenta insurreição popular.²⁵⁶

Nesse sentido, lançamos o nosso olhar para identificar as questões presentes nas propagandas relacionadas aos aspectos inerentes ao conceito de homem e corporificação de sentidos simbólicos e imagéticos instituídos em prol de estabelecer um modelo de masculinidade no contexto da Primeira República.²⁵⁷



Figura 22 - Fonte - Jornal de Caxias, 25 de janeiro de 1902, Anno V, número 316, p. 04.

As imagens apresentadas nas propagandas dos jornais caxienses revelam um ponto importante, a maneira como o homem desse contexto deveria combater os males que poderiam acometer o seu corpo. Nesse caso, a imagem apresenta características marcantes quanto à figura masculina, como por exemplo, a força, a vitalidade para

²⁵⁶ TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 36.

²⁵⁷ A debilidade das classes médias e do proletariado urbano propiciou a preponderância das oligarquias rurais até 1930. O ano de 1889 não significou uma ruptura do processo histórico brasileiro. As condições de vida dos trabalhadores rurais continuaram as mesmas; permaneceram o sistema de produção e o caráter colonial da economia, a dependência em relação aos mercados e capitais estrangeiros. O crescimento da população, o desenvolvimento industrial, a urbanização, a formação do proletariado e a ampliação da classe média, a crise que atingiu a economia cafeeira, a crise internacional de 1929, as contradições entre os vários setores de produção e o aparecimento de novas ideologias propiciaram a revolução de 1930, que inaugurou um novo período na história do Brasil. COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à república: momentos decisivos/Emília Viotti da Costa. – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 490.

enfrentar os possíveis problemas.

A propaganda, segundo Temporão, seria uma evidência do esforço do Brasil para iniciar o novo século com o “advento de novas técnicas de propaganda, nas quais não apenas o texto tornou-se mais dinâmico e moderno como a ilustração passou a desempenhar papel importante”.²⁵⁸ Não por acaso, tais inovações aconteceram na área de propaganda de medicamentos. Os anúncios de remédios utilizavam imagens masculinas, em geral aquelas que denotassem vitalidade e força, sobretudo quando buscavam reforçar a necessidade da boa saúde desse homem.

As representações reforçavam o modelo do corpo masculino jovem, saudável, forte, robusto, atlético, ativo e viril, no qual o homem viabilizaria seu papel de trabalhador e provedor, possibilitando o exercício de suas funções de chefe de família, bom marido e pai, marcado pela racionalidade, disciplina e moderação. Em contra ponto emergiam as representações do velho, doente, fraco, curvado, abatido, cabisbaixo, com dores e tosses; sem iniciativas, com traços de fadiga física e mental; indolente, inútil e impotente (identificando a velhice, com a perda de virilidade e a proximidade da morte).²⁵⁹

Desse modo, os elementos da masculinidade idealizada estavam configurados em pontos que os homens jovens e adultos deveriam buscar estabelecer dentro do seu cotidiano. A força é um dos principais pontos apresentados nas propagandas dos remédios vendidos nesse contexto, porém como ressalta Machado (2009), essas imagens faziam menção às imagens dos homens do mundo greco-romano.

A representação de corpo masculino branco, jovem, forte e saudável, não foi uma exclusividade do anúncio da *Emulsão de Scott*, em 1902. A partir da primeira década do século XX, esta imagem apolínea tornou-se recorrente em vários artigos e reclames comerciais. Muitos anúncios de medicamentos eram ilustrados com figuras masculinas que remetiam à mitologia greco-romana. Estes apareciam lutando com feras, como serpentes gigantes, tigres ou cavalos em disparada.²⁶⁰

As propagandas afirmavam que as enfermidades poderiam ser vitoriosas, caso os homens se limitassem a buscar ajuda e, principalmente, se esses homens não tomassem a medicação correta para aliviar os males do corpo. No texto que acompanha

²⁵⁸ TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 35.

²⁵⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 17, n.02 p. 125-143, 2011, p. 136.

²⁶⁰ MACHADO, Vanderlei. Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p. 59.

a propaganda da *Emulsão Scott*, por exemplo, o homem encara uma fera, que simboliza doenças causadas por bactérias, como *Tísica, Tosse, Anemia, Escrófula e Tuberculose* que estavam se tornando cada vez mais presentes no dia a dia das cidades.

Para tal representação, nota-se que os nomes dessas doenças estavam presentes no corpo da fera, a qual o homem enfrentava, pois a intenção era trazer à tona os inimigos da saúde das pessoas, principalmente, em relação à saúde do homem. Assim, ao fazer referência a essas questões, podemos perceber o grau de contaminação e preocupação que poderiam existir nas cidades brasileiras e quanto aos males ocasionados por essas doenças.

Esses problemas, segundo aponta Machado (2009), eram recorrentes devido as más condições de saneamento da cidade, um aspecto cuja proliferação ganhava oportunidades para se tornar mais frequente no cotidiano das pessoas. Além dessas questões, existem ainda os discursos presentes em jornais e mesmo nos relatórios apresentados pelos médicos, a falta de cuidados, por parte de homens e mulheres. Nessa perspectiva, Rago (1997) salienta que as preocupações com condições de *habitabilidade* se tornaram alvo dos poderes públicos, pois desinfetando os espaços públicos evitariam a proliferação dessas doenças.

Nesse caso, a propaganda da emulsão, por exemplo, sublinha elementos que apontam para problemas advindos dos logradouros públicos, como as bactérias que se alojam em diversos lugares, ocasionando as mais diversas doenças citadas anteriormente. Por isso, o discurso higienista, associado à perspectiva dos corpos saudáveis, buscou imprimir elementos que orientassem acerca da necessidade de além do cuidado com saúde, se fazia necessário preocupar-se com as questões relacionadas aos espaços da cidade.

A publicidade passou a influenciar a mentalidade do período, ao motivar o comportamento do novo cidadão. O periodismo, tornado veículo dessa publicidade, levando-a ao público, viu-se também dependente da venda de espaços publicitários a comerciantes, leiloeiros, cinematógrafos e firmas de importação, entre outros – de tudo, enfim, que era novo e que precisava estar no mercado.²⁶¹

Assim, em outro exemplo, a propaganda publicada pelo *Jornal Commercio de*

²⁶¹ COELHO, Maicol Martins de López. Forte e bonito como o Barão: ciência e propaganda no Brasil início do século XX. (Dissertação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/São Paulo. 2005, p. 62.

Caxias (1930) do fortificante *Vigonal* ressalta bem esta questão. Onde notamos que a propaganda busca enfatizar como é diferente um corpo masculino que se alimenta bem e mais ainda faz uso do tonificante para fortalecer suas energias.



Figura 23 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 1930, p. 04.

A imagem demonstrando o corpo jovem que luta contra o tigre representava como se pensava a relação do corpo sadio diante das atividades do dia a dia, e como diante das próprias doenças o homem fortalecido, com o uso do remédio, poderia fazer para combater possíveis males do corpo.

Como esses remédios eram vendidos em vários lugares do Brasil, nesse contexto, podemos ver que a imprensa se tornava o principal meio para divulgação do mesmo perfil masculino. Por exemplo, Vanderlei Machado (2009) menciona que:

Para se alcançar um corpo forte, apregoavam os reclames, era preciso ser rico em sangue, possuir grande massa corporal e o cérebro alimentado, além de coração, estômago, nervos, músculos e ossos fortalecidos. O corpo sadio e robusto dependia tanto de uma boa

nutrição quanto de uma boa “circulação”.²⁶²

O autor se torna enfático quando analisa a imagem do fortificante, principalmente quando ressalta o alto valor dos traços físicos que eram apresentados pela imagem quanto ao tipo de corpo que se buscava ter, como um ideal para sociedade naquele contexto. A imagem fortalece os princípios exaltados quanto ao corpo e vitalidade dos homens para o bom aproveitamento das atividades relacionadas ao trabalho, como também a própria imagem do homem jovem e viril.

A imagem considerada como fruto de trabalho humano pauta-se em códigos convencionalizados socialmente, possuindo, sem dúvida, um caráter conotativo que remete as formas de ser e agir do contexto no qual estão inseridas as imagens como mensagens. Entretanto, tal relação não é automática, pois, entre o sujeito que olha e a imagem que elabora, “existe muito mais do que os olhos podem ver”.²⁶³

Mas em outros momentos, também se fazia o uso de imagens masculinas com aspectos deprimentes, ressaltando a falta de cuidados com a saúde. Pois era perceptível, na então nação, muitos homens podiam e não estavam totalmente saudáveis, devido às próprias condições do lugar em que moravam, por exemplo, em relação a sua alimentação, como também as próprias condições do lugar onde ele morava eram incipientes aos princípios da boa saúde.

Nesse contexto, entra em cena a própria imagem do Jeca Tatu, representando o homem do sertão, como também o próprio homem das regiões distantes dos núcleos urbanos. Por essa ótica, notamos que a imprensa caxiense vai utilizar discursos imagéticos, nomeadamente, quando evidencia nas propagandas dos remédios esses modelos do homem polido, saudável, estabelecido com os princípios da ordem e progresso, e também ao mostrar os sujeitos que se mantinham em contra ponto aos ideais republicanos, como desenvolvimento, vitalidade, vigor e força.

Por isso Denise Sant’anna, coloca que nos jornais e revistas, que circulavam nas grandes capitais do país ofereciam uma série de produtos afim de dar conforto a esses homens, como também remédios que pudessem dar vigor aos indivíduos.²⁶⁴

²⁶² MACHADO, Vanderlei. Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, pp. 60-61.

²⁶³ CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In. CARDOSO, Ciro F e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.547.

²⁶⁴ No lugar de cavalgar, o burguês citadino era transportado por máquinas. A virilidade rural sofreu a concorrência de uma outra, feita de competições esportivas, corridas de automóvel, novas drogas e



Figura 24- Fonte - Jornal de Caxias, 26 de junho de 1930, p. 04 .

Nesse sentido, ainda sobre o olhar de Denise Sant'Anna (2012), a autora nos coloca que a imagem do Jeca não é todo um mal sem solução, visto ser apenas um modelo com comportamentos cujas ações poderiam ser mudadas, bastava estímulos e condições para ver em seu cotidiano resultados satisfatórios. Desse modo, mesmo coexistindo com um modelo de homem urbanizado, a autora menciona que ambos possuem sua utilidade para nação.

A ideia seria pensar o país livre dos “atrasos e arcaísmos” tudo com a finalidade de colaborar com o progresso do Brasil. Seguindo essa premissa, apontada pela autora, o sentido de progresso estaria condicionado pela ação de ambos, um tipo menos que outro.

Assim, os sujeitos inaptos, sem forças, debilitados, os apreciadores dos líquidos, os homens que não trabalhavam acabavam sendo representados, como

aventuras amorosas que substituíram as antigas travessuras e pejejas típicas da vida no meio rural. Com o gosto pela vida urbana, a honra do macho realizou conjugações com qualidades até então desconhecidas. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In. AMANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. História dos homens no Brasil. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013, p. 247.

modelos e comportamentos inexpressivos para o bem estar social da sociedade brasileira, como a própria cidade de Caxias.

Por exemplo, essa outra imagem que faz propaganda da *Neo-NeCatorina* busca combater os efeitos negativos ocasionados pela preguiça. Um fato relevante, nesse momento da Primeira República, pois concatena com os discursos que combatiam a existência de um país com homens sem força e vitalidade. O remédio apresentado na propaganda evidencia como, a falta de vitalidade torna o trabalhador incapaz para desenvolver suas atividades cotidianas, o que ao final do dia seria visto como improdutivo a falta de empenho desse homem.

Nesse caso, a falta de vitalidade e vigor físico do homem acabaram sendo pontos bastante debatidos por parte da sociedade, em especial nesse começo do século XX, pois não admitia a existência de homens indolentes, incapazes de contribuir com o progresso do país. Desse modo, os tônicos fortificantes seriam uma maneira para ajudar esse homem a reagir diante da sua debilidade. No exemplo, abaixo, publicado pelo *Jornal de Caxias*, em 1897, mostra como o tônico produzido iria ajudar esse homem diante da falta de forças para desempenhar suas funções.



Figura 25 - Fonte - *Jornal de Caxias*, 06 de fevereiro de 1897, p.03.

A propaganda, nesse caso, do estimulante apontava resolver os problemas da falta de forças, procurando trazer para esses homens o estímulo, como também o

restabelecimento das proteínas que esses homens e mulheres deveriam ter para adquirir em suas tarefas do dia a dia.

Nesse ínterim, podemos citar que os homens pertencentes ao mundo rural também foram alvos das campanhas publicitárias nos jornais do Brasil, nesse contexto, em especial, porque se buscava imprimir dentro da ótica social a ideia de homens saudáveis e aptos ao mundo do trabalho. Por essa perspectiva, a propaganda de remédios suscitava que estes homens deveriam utilizar os medicamentos que possibilitassem um melhor desempenho em suas atividades.

Um exemplo dessa preocupação com o homem do campo é a propaganda abaixo, em que mostra como o homem se encontra devido o percurso que ele deveria seguir.

Voz do Povo

5 Leguas

de caminhada por esses caminhos batidos de sol! Apesar da resistencia do homem do campo, quantas vezes o mormaço produz subitas dôres de cabeça, que até parece que os miolos vão estourar! Se o cavalleiro tivesse á mão uns comprimidos da providencial **Cafiaspirina** teria o sufficiente para dar-lhe allivio immediato e fazel-o continuar alegremente a viagem.

Por isso, nunca se deve viajar sem levar consigo um tubo, ou mesmo alguns comprimidos de **Cafiaspirina**. Ella allivia promptamente as dôres de cabeça, de ouvido, de dentes e rheumaticas, tendo a vantagem de não fazer mal a nenhum orgão.

Não se deixem illudir pelos succedaneos e imitações. Confiam na Cruz Bayer que é universalmente considerada a garantia de pureza, efficiencia e rigor scientifico.

**CAFIASPIRINA é o remédio de
TODA CONFIANÇA**

CAFIASPIRINA

BAYER

Figura 26- Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.

Nesse caso, percebemos que existem elementos discursivos que ressaltam acerca dos problemas enfrentados pelo trabalhador do campo, quanto ao seu deslocamento no meio rural, onde o mesmo enfrentava problemas em vista dos efeitos

provocados pelos galopes do cavalo e à própria estrutura das estradas existentes no meio rural. Além de observarmos esses aspectos, podemos identificar, nesse jogo discursivo, pontos importantes acerca da própria percepção do homem do campo e sua funcionalidade, pois como se pode apontar a propaganda ratificava a necessidade desse homem cuidar dos males provenientes da sua rotina de trabalho, mesmo ele tendo *resistência* não estaria livre em adquirir doenças ocasionadas pelo meio. Nesse ponto, notamos que existe a construção de uma representação, em Roger Chartier, aponta que:

[...] não está longe do real nem do social. Ela ajuda os historiadores a desfazerem-se de sua “muito pobre ideia do real”, como escreveu Foucault, colocando o centro na força das representações, sejam interiorizadas ou objetivadas. As representações possuem uma energia própria que convence o mundo, a sociedade que o passado é mesmo o que elas dizem que é.²⁶⁵

Nesse caso, a mensagem pressupõe um direcionamento, com metas a serem alcançadas, sobretudo, ao que tange a venda do medicamento, e reforço da necessidade desses homens fazerem uso do mesmo, pois partindo dos problemas ocasionados pela sua realidade rural, esse homem estaria à mercê de doenças que ocasionariam sua debilidade.

Outro elemento possível de capturar nessa mensagem é própria representação constituída através do texto, e mais ainda da imagem onde se percebe a figura masculina reforçando os males advindos da sua labuta do campo, como também a percepção sobre a masculinidade desse homem do mundo rural, principalmente quando se verifica na palavra *resistência* essa noção de homem rústico, mas que condiz com a realidade e tarefas existentes nesse espaço rural. Para Stuart Hall:

[...] significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, no falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.²⁶⁶

Em vista dessa questão o significado atribuído à imagem deve ganhar significado no contexto, pois muitos homens do sertão caxiense, em especial, quem

²⁶⁵ CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de Representação. *Fronteiras*. v. 13, Nº 169-183, 2011, p. 24.

²⁶⁶ HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. São Paulo: Vozes, 2000. pp. 111-112.

estavam localizados nos distritos da cidade, hoje a chamada zona rural, estavam condicionados a viver esse tipo de situação apontada pela propaganda do remédio. Seguindo essa premissa, a representação apresentada na propaganda constitui um sistema simbólico reforçado pelo texto que acompanha a imagem acerca desse homem.

Nesse sentido, esse sistema simbólico influencia na produção de identidades, sobretudo, ao que diz respeito a representação desse homem do mundo rural, pois como percebemos na imagem os traços característicos da figura masculina ressaltam tais elementos em relação a ideia de um homem com aspectos viris.

Desse modo, Moita (2002) afirma que:

[...] ao analisar as construções discursivas sobre a identidade de gênero supõe considerar todo este circuito, pois se trata de um fenômeno social. As identidades sociais são construídas nos discursos e emergem nas interações como práticas. Elas estão sempre em construção e, conseqüentemente, podem ser modificadas, ou seja, “podem ser reposicionadas”²⁶⁷

Nesse sentido, o *Jornal do Commercio* apresentava a *Cafiaspirina* que garantia a esse homem sertanejo melhor desempenho em suas atividades. Mas além desta questão, podemos extrair os próprios elementos que deveriam fazer parte dessa masculinidade, porém estão ausentes. Nesse caso, o corpo desvalido, sem forças, seria um perfil de homem que está distante dos desejos da Nação da força.

A própria propaganda da *Cafiaspirina* diz que o “homem é um brinquedo”, em vista das mazelas ocasionadas pelo espaço, rotina e o mundo do trabalho. Assim, quando a propaganda usa a expressão que é necessária ao homem deixar ser levado de “mão em mão”, ou seja, que ele busque auxílio diante dos problemas ocasionados pela vida urbana, acabava retirando do seu dia a dia a vitalidade.

Nessa outra propaganda da *Cafiaspirina*, reforça-se esta questão em que o vendedor conversa com o homem do campo falando das proezas em benefício da saúde desse homem. Outro aspecto que devemos sublinhar quanto ao uso de medicamento, particularmente em se tratando da saúde do homem, são ideais que vigorava no Brasil. Nesse sentido, Maria Izilda nos aponta que a forte presença do pensamento científico, nesse limiar do século XX, fez com que os médicos pudessem expandir o pensamento diante das necessidades desse cuidado com o corpo.

O cientificismo dominante permitiu aos médicos expandir o controle sobre a vida de homens e mulheres, normatizando os corpos e os

²⁶⁷ MOITA LOPES, L. P. Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002, p. 37.

procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando a sexualidade e os prazeres. Nesse sentido, o discurso médico apresentava a sociedade como um organismo caótico que necessitava ser regrado, estabelecendo uma oposição entre uma desordem real e uma ordem ideal, em que a interferência médica era considerada indispensável.²⁶⁸

Notamos na propaganda ao lado, publicada no *Jornal do Commercio de Caxias*, em 1920, que existem elementos discursivos fazendo referência a eficácia da Cafiaspirina, pois ela teria como função combater o mal estar, a dor de cabeça, a moleza no corpo, que poderiam influenciar na falta de aptidão para esse trabalhador. Muitas propagandas de remédios, nessas primeiras décadas do século XX, tiveram os homens protagonizando tais meios propagandistas, que se tornaram a via de acesso para um grande grupo de pessoas.

Para Ricardo Ramos (1985), a *Bayer* possuía em suas campanhas elementos ilustrativos que apresentavam ao público aspectos convincentes, sobretudo, por apostar naquele momento de uma linguagem imagética que denotasse um sentido mais



valorativo dos medicamentos postos a vendas. Segundo o autor, esse recurso tanto imagético quanto discursivo, utilizado pela empresa, possibilitava o crescimento do consumo desses produtos, mas também criava novos costumes, com o uso desses medicamentos pelos homens.

Figura 27- Fonte - *Jornal A Voz do Povo*, 1930, p. 04.

Na perspectiva de Ricardo Ramos, ao chegar novos produtos no mercado “a

²⁶⁸ MATOS, Maria Izilda Santos; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas. São Paulo: 1890-1940 Revista ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 23-37, jan.-jun. 2007, p. 25.

propaganda de empresa mais e mais se avolumava. Sempre interessante, sempre indicativa dos vários estágios pelos quais foi passando a nossa publicidade”.²⁶⁹

Em outro momento, tentando ressaltar a importância e necessidade do uso da *Cafiaspirina*, como remédio importante para vida desse homem, as propagandas da rede da Casfiaspirina buscavam mostrar como os homens em um momento de festa poderiam perder o momento de prazer, por causa de dores que estavam sentindo.



Figura 28- Fonte - Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.

Percebemos que a propaganda tenta mostrar que as dores podem levar os homens a deixarem de aproveitar momentos de alegrias vivenciados por eles com seus companheiros. Na propaganda da *Cafiaspirina*, por exemplo, representa-se a imagem de *João Bem-te-vi* que se encontra triste, porque está sentindo uma forte dor de cabeça. No texto que acompanha a imagem, nota-se que a intenção é mostrar que o vigor masculino pode acabar quando ele não se sente bem, devido aos problemas com sua

²⁶⁹ RAMOS, Ricardo. Do reclame à comunicação: pequena história da propaganda no Brasil. São Paulo: Atual, 1985, p. 32.

saúde.

Assim, percebe-se ainda a necessidade de mostrar aos demais companheiros que o homem não pode apresentar-se desolado, sem forças, precisa estar aparentemente forte, para que não seja posto em dúvida sua capacidade física, muito menos sua vitalidade. Tanto que, em outro momento do texto que acompanha a propaganda, questiona-se será que “João Bem-te-vi, invencível, [...] terá perdido a inspiração que tornou famoso entre os poetas e violeiros?.” Desse modo, a propaganda do remédio *Cafiaspirina* afirma:

Um comprimido de **Cafiaspirina**, **seria** a “ conta” para curar-lhe rapidamente a dor e torná-lo o apto para colher os louros da sua victoria. De outro vez não se esqueça Joao Bem-ti – vi de levar consigo, para qualquer festa alguns comprimidos de **Cafiaspirina**, que não só cura rapidamente qualquer dor de cabeça, como da alivio próprio das dores de dentes e ouvido.²⁷⁰

Por isso que as discussões dos sanitaristas e a participação cada vez expressiva de médicos e agentes, relacionadas às questões de saúde, tornaram-se mais presentes nos meios impressos, por exemplo, pois era uma forma em que se podia apontar a necessidade de cuidados com a saúde desses homens e mulheres de modo geral.

As propostas eugênicas não se limitaram aos círculos médicos, pois seus propagadores eram também políticos, juristas, intelectuais e higienistas que referendavam constantemente a matriz básica de sua argumentação — a medicina eugênica. Mediante um discurso linear e progressista, destacando que a humanidade saíra da barbárie para a civilização pelo casamento, a eugenia propalava a necessidade de se galgar um outro degrau: o casamento higienizado, ou seja, a necessidade de assegurar a saúde física e psíquica dos futuros cônjuges. Baseados nos princípios da degeneração e hereditariedade, os médicos justificavam a necessidade de intervir nas uniões conjugais numa tentativa de promover a regeneração do caráter nacional, defendendo o exame pré-nupcial obrigatório por lei, a proibição do casamento entre indivíduos nocivos à descendência e a esterilização obrigatória de indivíduos “degenerados.”²⁷¹

²⁷⁰ Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04

²⁷¹ MATOS, Maria Izilda Santos; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas. São Paulo: 1890-1940 Revista ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 23-37, jan.-jun. 2007, p. 28.

Nenhum sentimento de nacionalidade, pois o espírito de nacionalidade se corporificava, principalmente, quando se percebia que muitos brasileiros não estavam imbuídos dessa premissa. Assim, banir do espaço pessoas que apresentavam debilidade, falta de forças, tornou-se uma prerrogativa dentro do discurso da imprensa, que por sua vez representava uma ponte de acessos desses discursos com os médicos e representantes dos governos.

A insistência por parte dos médicos se dava também para se pensar, dentro da realidade brasileira, uma educação higiênica, pois assim os segmentos menos abastados poderiam seguir os preceitos da chamada sociedade ideal. Essa prerrogativa deveria ser aplicada, particularmente, nos segmentos populares.

Em vista dessa situação, outra propaganda da **Cafiaspirina** mostra um homem e uma mulher diante de um médico, para que ele possa verificar os males que impedem o homem, nesse caso, andar.



Figura 29- Fonte - Jornal do A Voz do Povo, 1930, p. 03.

A saúde masculina, como mencionamos em outros momentos dessa discussão, tornou-se alvo das campanhas publicitárias no Brasil, nesse momento inicial da República. As propagandas explicitavam a necessidade desse cuidado para com a saúde masculina. Um exemplo é a própria imagem acima, onde notamos que a figura masculina encontra-se debilitada.

Nesse recém surgido Brasil da propaganda planejada, foram nascendo estratégias diferenciadas para vender os tônicos e os xaropes, agora produzidos em larga escala, pois muitas das tradicionais boticas e farmácias do país haviam se transformado em pequenos e médios laboratórios e, alguns, já usavam elementos sintéticos.²⁷²

Percebe-se, nesse sentido, que as empresas farmacêuticas adentram nesse campo como sendo a própria via para solucionar os problemas relacionados a questões da saúde dos brasileiros. Por isso notamos que existe uma difusão de um número expressivo de propagandas a fim de auxiliar na melhoria dos problemas relacionados à saúde de homens e mulheres do Brasil. Não se deseja a corporificação de sujeitos que fossem improdutivos no seu dia a dia, tanto que foi sendo divulgados modelos que não estariam comungando com o princípio de progresso almejado nesse contexto.

A própria imagem do *Jeca Tatu*, dentro dessas prerrogativas, não foi um sujeito que serviu apenas para representar o homem do interior, mas que também deveria ser imagem cujos demais homens não deveriam seguir, por ser uma figura onde sua ação, ou melhor, a falta de ação apontava para improdutividade no seu dia a dia. Em relação a essa questão, Luca (1999) considera que o *Jeca* apresentou, naquele momento, um expressivo poder de evocação para constituir, dentro do imaginário social, uma imagem acerca desse homem sertanejo, pois, como abordou a autora, muitos acreditavam que o homem sertanejo se configurava com essa debilidade, tanto que foi, ao longo das propagandas de remédios, um dos alvos destas propagandas apresentadas nos jornais que procuravam direcionar soluções pelo uso de remédios.

Vanderley Machado (2009) aponta que a imagem apolínea começou a se tornar presente de forma demasiada nas páginas da imprensa. Para o autor, essas imagens masculinas, além de fazerem referência aos homens da mitologia greco-romana, denotavam uma crítica aos problemas vivenciados nas cidades brasileiras, em vista da falta de saneamento e higiene com os logradouros públicos. Por isso que se tornam

²⁷² TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 36.

perceptíveis imagens retratando a figura masculina com serpentes, monstros que representavam esses problemas. Mas também tinham como objetivo exaltar características masculinas, visto ao novo modelo de homem desejado para configurar como um ponto de referência para o país, naquele contexto de mudanças, em especial, por causa da República. E uma imagem de país moderno que se projetava nas páginas dos jornais, em que a força e coragem eram elementos importantes para se alcançar esses objetivos.

Nesse discurso o corpo é colocado não como algo indistinto do homem, mas como uma posse, um atributo, um outro, [...]. O homem é a fantasia desse discurso, o sujeito suposto. A apologia ao corpo é, sem que tenha consciência, profundamente dualista, opõe o indivíduo ao corpo e, de maneira abstrata, supõe uma existência para corpo que poderia ser analisada fora do homem concreto. Denunciando frequentemente o "parolismo" da psicanálise, esse discurso de liberação, pelas abundâncias pelos inúmeros campos de aplicação, alimentou o imaginário dualista da modernidade: essa facilidade de linguagem que leva a falar do corpo, sem titubear e a todo momento, como se fosse outra coisa que o corpo de atores em carne.²⁷³

Nesse sentido, no limiar dos anos republicanos, notamos que passou a existir uma intensa propaganda em prol de estabelecer orientações para que o homem, em particular, pudesse cuidar da sua saúde. A exemplo dessas propagandas, que reforçavam essas necessidades em tratar da saúde desses homens e mulheres, estava o *Emulsão de Scott*²⁷⁴, cujo remédio garantia combater doenças, como tuberculose, tosse e anemia, por ser doenças causadoras de vários males a saúde, em especial, o mau desempenho dos homens em seu cotidiano de trabalho.

Nesse compasso, a propaganda dessas emulsões começou a se intensificar, sobretudo relacionando o seu recado de melhorias da saúde dos homens. Em um exemplo, seria a propaganda do *Emulsão Jonas*, publicado no *Jornal do Commercio de*

²⁷³ LÊ BRETON, David, 1953- A sociologia do corpo / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 10.

²⁷⁴ O senhor Scott conhecia os segredos curativos dos peixes. Tanto que carregava nas costas um bacalhau do seu tamanho. Ninguém sabe exatamente quem foi o senhor Scott. Misto de pescador, alquimista e vendedor de elixir? Pouco importa. Não havia a menor dúvida de que algumas colheradas da sua emulsão eram suficientes para garantir força e saúde. Ou para encontrar a cura de males quase impronunciáveis: Esta menina curou-se de Escrófula com a Emulsão de Scott proclamava o anúncio publicado em 1908, ano em que o fortificante começou a ser produzido em São Paulo, embora já fosse comercializado no Brasil desde 1890. TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 40.

Caxias em 1915, apontando que em quanto a Europa estava em guerra, o Brasil estava cuidando da saúde dos homens, evidenciando o vigor, a força desses homens brasileiros.



Figura 30- Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 12 de maio de 1915, p. 04.

Nessa imagem, apresentam-se figuras masculinas que, sobre os cuidados de fortificantes, como o Emulsão *Jonas*, estariam buscando estabelecer-se enquanto homens saudáveis, cuja força e vigor físico eram os principais aspectos pelos quais esses sujeitos estariam sendo estabelecidos e resguardados.

No anúncio da propaganda também se frisava acerca dessa falta de cuidados que estava ocorrendo na Europa, pois, devido aos inúmeros eventos guerrilheiros existentes naquele momento, muitos homens estavam à mercê da falta de cuidados com a própria saúde. Nesse caso, observa-se nos anúncios de medicamentos esses aspectos sendo ressaltados. Por exemplo, a propaganda da *Emulsão de Scott*, frisa como o remédio seria uma luz para combater esses males ocasionados pelas bactérias existentes em locais com ausência de infraestrutura.

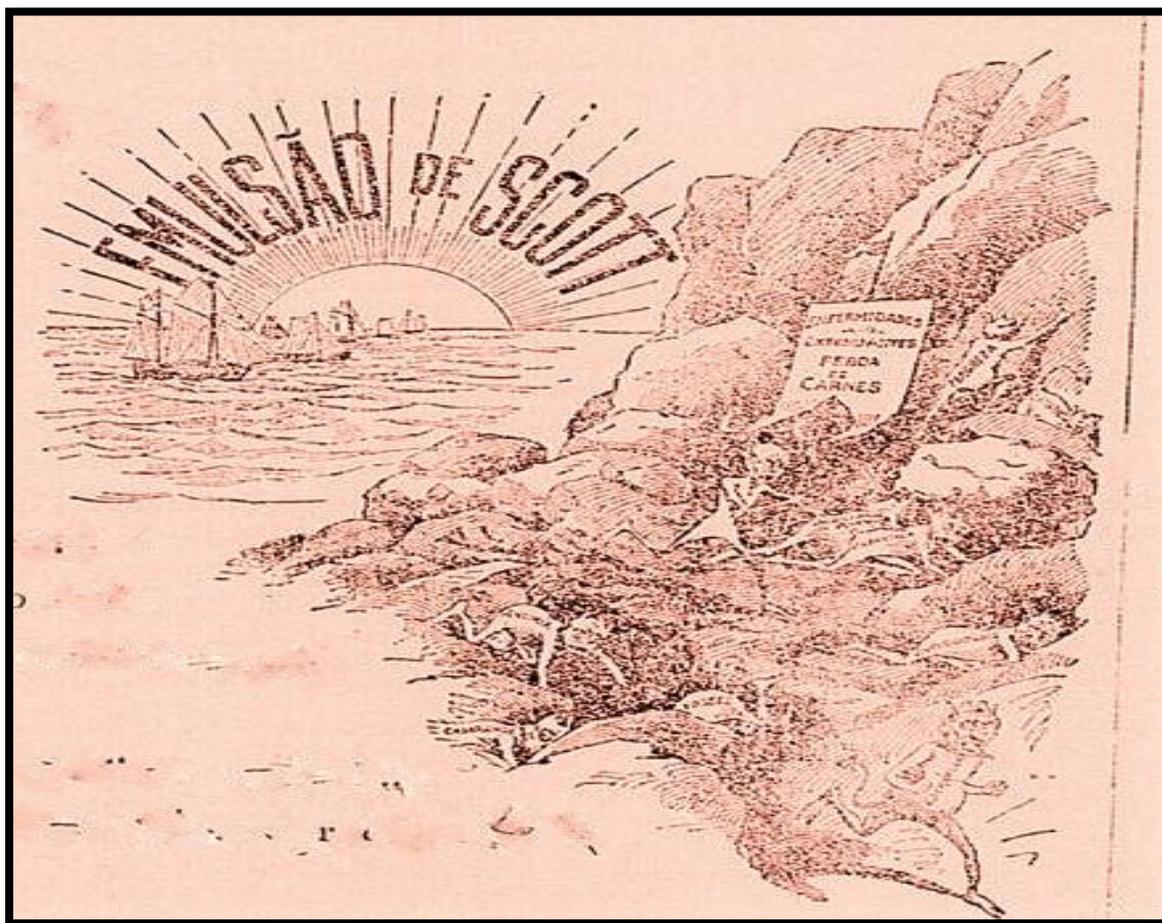


Figura 31- Fonte – Jornal de Caxias, 31 de janeiro 1903, nº. 368, Ano, VIII, p. 04.

Esses aspectos presentes nas propagandas das boas condições dos corpos e mais ainda da prevenção se tornavam uma preocupação nos espaços da cidade, basicamente, pela máxima que se defendia em relação à utilidade desses corpos saudáveis no desempenho de atividades relacionadas ao mundo do trabalho.

Nesse caso, a utilidade do corpo no mundo do trabalho foi encarada como um elemento de relevância para constituição de uma nação de homens que pudessem agregar no crescimento do país. Em Caxias, por exemplo, em vista das fábricas existentes na cidade, percebia-se uma preocupação em relação à saúde dos homens que desempenhavam atividades no espaço fabril.

Nesse ínterim, é possível apontar que o corpo deve ser usado para fins produtivos. Uma máxima que se apresenta nas quatro primeiras décadas do século XX, como um ideal que homens e mulheres deveriam buscar alcançar, ou mesmo ter o desejo de alcançar, pois seria uma forma de proporcionar o crescimento e desenvolvimento da nação.

O *Jornal do Commercio*, em suas edições, apresentava anúncios de diversos remédios para problemas recorrentes na saúde das pessoas. E esses remédios salientavam que os cuidados não eram apenas relacionados aos homens, mas também aos velhos, crianças e mulheres.

A *tosse*, segundo a propaganda do *Bromil*, como as demais doenças relacionadas aos pulmões seriam “curadas”, com o uso desse medicamento, e assim restabelecida a saúde desses indivíduos acometidos.

No início do século XX, era comum se estabelecer uma ligação entre poetas que levavam uma vida boêmia e a doenças como a tuberculose. Não é de se estranhar, portanto, que alguns deles tenham sido contratados para anunciar um dos produtos mais famosos do doutor João Daudt Filho: o xarope *Bromil*. Esse elo se afinou ainda mais devido à proximidade de Daudt com as artes. O empresário era um mecenas que investiu em teatros e livros e que teve, em seu círculo de amizades, letrados como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e até Getúlio Vargas (um dos ministros da Saúde de Vargas, o sanitarista Belisário Penna, chegou a ser funcionário do laboratório). Bem relacionado, Daudt percebeu que, para vender os atributos de seu xarope, nada seria tão eficiente quanto chamar aqueles que usavam a garganta e o peito em prol das palavras. Para louvar as qualidades do *Bromil*, ele contratou – e pagou bem – vários poetas famosos.²⁷⁵

Na imprensa caxiense, por exemplo, os periódicos, que circularam nesses anos iniciais da primeira República, utilizavam como recurso propagandear acerca desses remédios que poderiam auxiliar no fortalecimento da saúde de homens e mulheres caxienses. No caso dos homens, a propaganda do *Bromil* possuía um poema no qual se evidenciava soluções a saúde desse homem em tempos republicano.

Os homens de pulmões martirizados

Que, de uma simples tosse renitente,

Por contínuos acessos torturados

Passaram inda além da febre ardente;

Em perigos de vida atormentados,

Mais de quanto é capaz de um pobre doente,

Entre vários remédios encontraram

O BROMIL que eles tanto sublimaram.

II

E também as memórias gloriosas
Dos doutores que o foram receitando,
Com fé no seu império e milagrosas
Curas foram nos clientes operando;
E os que o BROMIL, por formas misteriosas,
Vive da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte
Se a tanto me ajudar engenho e arte.

III

Cessem as panacéias afamadas
As curas milagrosas que fizeram,
Cale-se de peitorais e xaropadas
A fama das vitórias que tiveram,
Que eu propago o BROMIL a quem pontadas,
Gripes, constipações, obedeceram;
Cesse o que a medicina antiga canta
Que outro valor mais alto se levanta.²⁷⁶

O poema, destinado a corporificar sentidos de cura, melhorias para saúde do corpo enfermo, aponta que o principal alvo era os homens, tanto que logo na primeira

²⁷⁵ TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 30.

²⁷⁶ TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 64.

estrofe eles são acionados com o sentido de apresentar os que mais sofrem com os problemas dos pulmões.

Isso devido a vários fatores, como a falta de cuidados com a saúde, as más condições de moradia, entre outros que ocasionam infecções e problemas respiratórios. Segundo a propaganda do Bromil, o homem, quando estivesse sobre os cuidados do remédio, poderia ficar tranquilo e seguro quanto a sua saúde, pois o remédio iria resolver todos os problemas que pudessem, naquele contexto, surgir na vida desse homem. Assim, a imagem abaixo demonstra como o homem sob a base do remédio conseguiria dormir bem, após estar sobre os cuidados de Bromil.

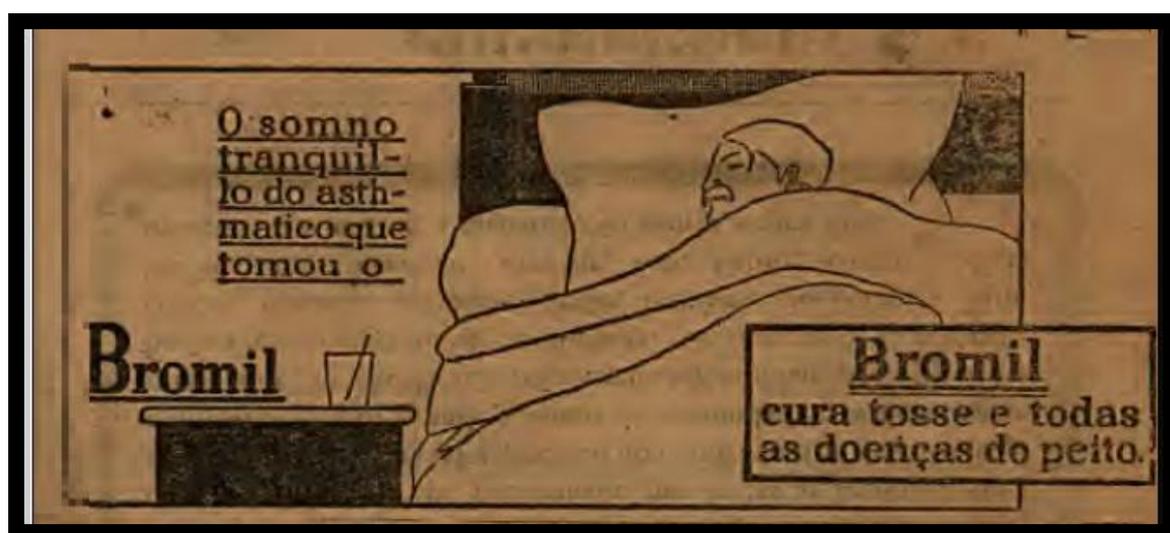


Figura 32 - Fonte - Jornal do Commercio, janeiro de 1917, p. 3.

A ideia da tranquilidade, paz e sossego apresentava-se como uma das garantias promovidas pela propaganda. O que denota que os homens, nesse contexto, viviam sobre a ameaça da pressão da garantia do sustento familiar, além dos males que poderiam assolar o corpo deles.

Segundo De Luca (1999), a ideia de higiene já se encontrava aliada pelo prestígio evidenciado por pesquisadores, como as vitórias de Oswaldo Cruz em relação a malária, a febre amarela, a varíola e a peste bubônica, assim a ciência adentrou no cotidiano das pessoas instituindo novas medidas, como normas e cuidados que deveriam ser seguidos para se ter uma nação de corpos saudáveis.

A resposta à República e ao capitalismo que se impõem no final do século XIX será do ponto de vista médico, uma multiplicidade de propostas de intervenção sobre o espaço urbano com o propósito de saneá-lo. As novas alianças e estratégias de poder tomam forma de controle médico-sanitário e de esquadramento do espaço urbano

[...] vai se tornando clara para a sociedade a ação da saúde como ação política.²⁷⁷

Nesse contexto da Primeira República, o conceito de corpo, e mais ainda da sua funcionalidade social, deixa evidente que quanto mais se anunciavam informações sobre remédios, mais benefícios acreditava que poderiam resultar para a saúde das pessoas que estavam doentes, ou mesmo de forma preventiva, pois a ideia era constituir uma sociedade de corpos saudáveis.

Nesse sentido, Foucault nos aponta que uma sociedade quando pensa o conceito do corpo representa-o como um objeto de investimentos; investimentos que são colocados de forma imperiosa, como se desejasse, exigisse, tomasse como um dever no qual deveria ser obediente, submisso, um objeto moldado conforme preceitos e ideologias.

Por isso que o corpo, pensado como objeto, está preso “no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. E isso se constitui com a utilização de discursos ordenadores, que instituições como a Igreja e o Estado, através da imprensa, por exemplo, viabilizam a normalização dos sujeitos, conforme os ideais que julgam como ideais aceitáveis no bojo social.

O investimento político do corpo depende mais da forma de organização difusa que impõe sua marca sem que necessariamente seja elaborada e objeto de discurso. Ela constrói um dispositivo frequentemente artesanal, mas que orienta as formas físicas requisitadas, favorece o controle do espaço e do tempo, produz no ator as marcas da obrigação de fidelidade que demonstram sua boa vontade. O campo político, que se empenha em organizar as modalidades corporais segundo as finalidades que lhe são próprias, evoca uma tecnologia meticulosa dos corpos, uma política do detalhe, muito mais que a tomada em mão sem mediação do Estado, meio de dominação das classes dominantes. A disciplina, estendendo difusamente sua atuação através do campo social, vem se substituir à noção de um controle social que se apoia unicamente nos aparelhos repressivos.²⁷⁸

Desse modo, podemos assinalar que o corpo e sua função social são pensados como uma massa moldável, que deve ter e ser conforme o que a sociedade e suas

²⁷⁷ LUZ, Madel Terezinha. Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 33.

²⁷⁸ LÊ BRETON, David, 1953- A sociologia do corpo / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 80.

ideologias pensam como ideal, como correto, como efetivo para o real. Assim, Foucault aponta que os corpos dos sujeitos são pensados para que eles funcionem de forma coercitiva, mas que as instituições, os grupos que estão na estrutura do poder, possam exercer sobre estes corpos o controle de mantê-los enquadrados, ou seja, ordenar ao “nível mesmo da mecânica” os “movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo”.

Por essa perspectiva, a noção do corpo saudável ganha expressão nos discursos dos intelectuais, dos médicos, pois eles, nesse limiar da formação do sentimento de nação, fazem uso da intelectualidade para reafirmar a formação de uma nação saudável. A representação do corpo como uma máquina, aponta-se com um meio de formalizar o conceito ideal, e mais ainda para constituir uma mentalidade que reforçasse essa nova perspectiva evidenciada no cenário brasileiro, sobre a valorização do corpo.

Em vista dessa questão, nota-se, nesse começo do século XX, um reforço por parte das instituições de poder, como também pela imprensa, no fortalecimento de discursos e idealização de práticas que comungasse com a perspectiva de possuir no espaço social corpos saudáveis capazes de produzir e gerar o fortalecimento da economia do país.

O discurso científico acaba sendo um dos pilares para estabelecimento, cada vez mais, dos cuidados que deveriam existir em relação ao corpo, pois o mesmo se apoiava na perspectiva de um discurso com bases, no conceito de “verdade” e uma “verdade comprovada”.

Em nossas sociedades, a “economia política” da verdade tem cinco características historicamente importantes: a “verdade” é na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas ideológicas).²⁷⁹

²⁷⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002, p. 13.

Por isso que nas propagandas dos medicamentos, mesmo variando em termos de estética, ou seja, sendo apresentados de maneira descritiva ou mesmo em forma de imagens, o teor científico se constituía como elemento indispensável, pois era uma forma que elucidava os benefícios oriundos desses remédios anunciados. Segundo Casa Nova (1990), essas propagandas utilizavam “recursos persuasivos que se apresentavam sob forma variada nas imagens e em toda a organização do discurso, articulando a venda, assim podem ser analisados com relação aos mecanismos que definem as condições ideológicas da produção de sentido”.

Como exemplo, podemos citar a propaganda da *Emulsão Scott*, publicada pelo *Jornal de Caxias*, em 1902, em que afirma quanto seria importante a ingestão do remédio, pois era como mostrava a propaganda *o fator mais importante* para o fortalecimento da saúde de homens e mulheres.

O óleo de fígado de bacalhao tem sido dotado pela Natureza como o fator mais importante da **reconstituição do organismo humano**. Scott & Bowne tem **aperfeiçoado com arte a obra da Natureza** enriquecendo as admiráveis propriedades do óleo fazendo-o agradável, digerível e assimilável e **completando sua benéfica acção com o argumento dos hypophosphitos**.

Sempre que organismo esteja debilitado, assim como em seu padecimento resultante, a nevrastania e no crescimento e **desenvolvimento lento e dificultoso das crianças**, como na convalescência de quasi todas as enfermidades, tome-se a verdadeira e legitima Emulsão de Scott com toda a confiança.

A' venda nas Drogarias e Pharmacias

SCOTT & BOWNE, Chímicos, Nova York. ²⁸⁰

O texto apresentado na propaganda da Emulsão acaba nos apontado quais elementos evidenciam as preocupações enfrentadas pelas pessoas cujos problemas o remédio prometia e garantia solucionar. Nesse caso, nota-se um direcionamento quanto aos aspectos que seriam acalentados pelas propriedades do remédio, como é ressaltado, a emulsão buscava *estabelecer a reconstituição do organismo*. Isso devido à instabilidade do organismo de muitos homens e mulheres.

Além desses pontos, a propaganda também salienta o cuidado com as crianças, pois como se deseja um país de corpos saudáveis, a primeira atitude seria cuidar para que esses futuros homens e mulheres pudessem crescer e desenvolver-se com boa saúde.

²⁸⁰ Jornal de Caxias, 04 de janeiro de 1902, Anno VII, nº 313, p. 02.

Uma constituição forte – sangue rico e puro - é o resultado natural de administrar desde a infância a legítima *Emulsão de Scott*. É o “primeiro passo” para a saúde perfeita por toda a vida, para imunidade contra quase todas as enfermidades. As imitações são caras qualquer preço. A legítima leva o rotulo do *homem com bacalhau às costas*.

²⁸¹

Nesse sentido, em prol dessa legitimidade dos efeitos positivos para a saúde das pessoas, as propagandas afirmavam que mesmo as “*pessoas fortes e robustas*” não estavam totalmente protegidas, fazendo-se necessário, em vista disso, um cuidado mais intenso para se manterem saudáveis. A exemplo dessa questão, notamos que, conforme a imprensa caxiense, essas emulsões nos condicionam a pensar que desde criança os meninos já deveriam manter sua saúde de maneira vigorada, pois seria sinal de um país com mais homens capazes de assumir suas responsabilidades.

A imagem abaixo, por exemplo, mostra essa relação ao pensar os meninos como homens saudáveis no amanhã, pois, mesmo sendo em preto e branco, nota-se que existem traços demonstrando como a criança está bem fazendo uso da *Emulsão Scott*.



Figura 33 - Fonte - Jornal de Caxias, 21 de Março de 1908, p. 03.

²⁸¹ Jornal de Caxias, 04 de abril de 1903, Anno VII, nº 377, p. 04.

Nessa propaganda, por exemplo, o texto reforça que o “menino gracioso” adorna a coluna do jornal, por causa da sua altivez e bem estar. Assim, o texto da propaganda tenta mostrar a conquista desse estado de saúde, mediante o uso da *Emulsão Scott*, pois o remédio estaria recuperando esses aspectos do organismo debilitado outrora vivido pelo garoto da imagem. Desse modo, mediante ao bem estar do garoto, a propaganda traz o depoimento do pai do menino ratificando a eficácia do remédio na vida dele.

[...] o Sr. Joaquim Pazo, digno gerente do Hotel Guanabara, pae do menino Rodolfo Pazo, e o distinto chimico Dr. Alfredo Freitas de Sá que a ele assistiu com felizes resultado: “Vindo da Europa na tenra idade de 18 mezes, o menino Rodolfo apanhou durante a travessia um forte resfriamento que lhe ocasionou mais tarde cerios embaraços nos órgãos respiratórios.

Submetido ao tratamento de sumidades medicas e tendo também empregado diversos específicos apregoados para taes sofrimentos sem resultado algum, os paes resolveram entregal-o nos cuidados do Dr. Alfredo Freitas de Sá, que não tardou em conhecer que o menino estava sofrendo de bronchite Capillar, achando-se em um estado de extrema debilidade: decidiu receitar a Emulsão Scott, o verdadeiro Especifico sem rival contra estas molestas, e foi tão feliz o resultado que depois de ter tomado 6 vidros d’este afamado preparado, ficou perfeitamente restabelecido e goza da mais perfeita saúde.²⁸²

Nessa citação identificamos elementos que reforçam o saber médico como ponto de referência para pensar a maneira de solucionar os problemas de saúde. O texto, nesse caso, busca trazer à tona como os dispositivos econômicos da família não foram suficientes para curar o garoto, pois a intenção era mostrar como a emulsão seria vista de maneira pontual para garantia da saúde do menino doente.

Desse modo, muitas propagandas da Emulsão Scott faziam uso de médicos reconhecidos para reforçarem os efeitos desse remédio para os pequenos. Como é o caso da propaganda publicada pelo *Jornal de Caxias, os meninos*, em que o médico Manoel Antonio Affonso Reis ressalta a importância da emulsão para que as crianças pudessem crescer fortes e saudáveis. Particularmente para sujeitos com “estômagos delicados cujo estão de saúde necessita o uso de óleo de fígado de bacalhau. O preparado é

²⁸² Jornal de Caxias, 21 de março de 1908, Anno, XIII, número, 632, p. 02.

excelente.”²⁸³

Além dessa questão, a imagem serve para estabelecer um reforço dessa percepção constada no texto que vem logo abaixo. Assim, a imagem assume uma postura para proceder a um sentido dentro do processo social de formalização de corpos saudáveis.

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e o do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário. Toda imagem dá a ver, todo texto dá a ler. Mas todo discurso se reporta a uma imagem mental, assim como toda imagem comporta uma mensagem discursiva.²⁸⁴

A propaganda realizada de maneira incessante, feita com uma grande parte de imagens de médicos ou discursos de médicos, mostrava-se como mecanismos de educabilidade diante dos segmentos sociais menos abastados, por exemplo, pois significava essa ação pedagógica de homens para outros sujeitos sobre os perigos e métodos de cura diante das doenças.

Assim esses homens doutores das leis, do saber, foram usados nessas propagandas com intuito de fortalecer a venda desses produtos para outros homens, como também para a família de maneira geral. Os conselhos presentes nos textos das propagandas eram entendidos por quem anunciava a prevenção e medidas práticas de como poderiam se livrar de possíveis males.

Outra questão sobre as imagens publicadas nos periódicos de Caxias, que estava relacionada à *Emulsão*, é o reforço da ideia de força, vigor da figura masculina. A ideia era afirmar aos sujeitos que iriam consumir o remédio a eficiência em relação ao combate da moléstia, pela qual o seu corpo estaria acometido, fortalecendo o organismo desse mal.

Nesse ponto, vale ressaltar o quanto se propunha as propagandas da emulsão, comprovar sua eficácia diante dos problemas existentes, tanto que notamos ser tributários de imagens de homens de expressividade, no contexto, para afirmar o bem estar promovido pelo remédio que assolava mais os corpos de homens e meninos nesse contexto. Nesse caso, o discurso da eficiência foi respaldado por um médico que seria

²⁸³ Jornal de Caxias, 26 de março de 1898, p.4.

²⁸⁴. PESAVENTO, Sandra Jatáhy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica 2005, p. 86.

uma autoridade para falar sobre a eficiência do remédio

Estado de Santa Catharina. Inspectoria de Hygiene Publica. FLORIANOPOLIS, 22 de Junho de 1895. Attesto que tendo feito uso em minha clinica do magnifico preparado denominado "Emulsão de Scott" dos Srs. Scott & Bowne, chimicos em New York sempre obtive optimos resultados em todos os casos de fraqueza produzida pelas molestias do aparelho respiratorio, ou causada por molestias longas cujas convalescencas são demoradas. É de prodigioso effeito na atãrepsia das creanças. O Inspector de Hygiene, DR. EUPHRASIO CUNHA.

As palavras d'este illustrado facultativo são a repercutição fiel das opiniões expressas pelos medicos mais proeminentes do mundo inteiro. Em todos os casos de debilidade, emaciação ou emagrecimento, seja qual for a causa, é reconhecido que o oleo de figado de bacalhau unido aos hypophosphitos de cal e soda preparado como o apresenta a

Emulsão de Scott

não tem igual. D'ahi os maravilhosos effeitos d'esta preparação na cura de Tuberculose, Escrophulas, Anemia, Rachitismo, Bronchite, Tosse e Constipações, &c. É excellente para irritações na garganta e pulmões. Cura a Phthysica.

A venda em todas as Pharmacias. Exija-se a legitima. Recusem imitações.

Scott & Bowne, Chimicos, New York.

*Dr. Euphrasio Cunha,
Florianopolis, Sta. Cath., Brazil.*

Figura 34- Fonte - Jornal de Caxias, 21 de Março de 1908, p. 03.

Não conseguimos ver, dentre as propagandas publicadas pelos jornais caxienses, médicos da própria cidade falando sobre a emulsão, mas o mesmo estava alicerçado pelo discurso médico de outros estados, como por exemplo, Santa Catarina, onde se reforça os efeitos positivos da Emulsão Scott para saúde da população.

Um fator interessante nesses anúncios é a voz masculina, como também a própria garantia da mesma para eficácia desse remédio em tratamento dos males do corpo. O uso da imagem e discurso do homem que possui representatividade diante do que se fala, desse saber médico. Desse modo, ao fazer isso, notamos que perpassa muito além da figura do médico, podemos ver a própria figura masculina sendo representada como um homem que fala a verdade, que emite a verdade, pois o mesmo se encontra ancorado pelo um saber — poder.



Certifico que tendo empregado desde muito tempo a Emulsão de Scott em minha clinica, obtive excellentes resultados, pelo que estou convencido de que é um reconstituente de primeira ordem que considero melhor que o óleo de fígado de bacalhau commum, tendo tambem a vantagem de não ser repellido pelos estomagos fracos.

Dr. Pedro Izidoro de Moraes.
Medico da Junta de Hygiene do Rio de Janeiro.
Capital Federal, Brazil.

A Emulsão de Scott rebustece e dá saúde aos debeis e enfermos, pela simples razão de que como reconstituente, purificador de sangue e tonico para o cerebro, nervos e systema osseo, o oleo de fígado de bacalhau e os hypophosphitos não têm rival. Na

Emulsão de Scott

as virtudes d'estes dois componentes estão notavelmente enriquecidas. A combinação é indispensavel para combater os casos de escrophulas, para os convalescentes, para as creanças rachiticas e para os que soffrem de qualquer enfermidade debilitante como Phthisica, Anemia, Clorosis, Constipações, Tosse Chronica e outras. É de cheiro e sabor muito agradaveis e de facil absorpção pelo systema.

A venda em todas as Pharmacias. Exija-se a legitima. Recusem imitações.

Scott & Bowne, Chimicos, New York.

Figura 35 - Fonte - Jornal de Caxias, 26 de fevereiro 1898, p. 04.

Nesse sentido, a própria mecânica do discurso e a significabilidade do mesmo no anúncio da emulsão é apoiada nesse elemento que garante e certifica o que se propõe fazer o remédio. O médico, nesse caso, Pedro Izidoro de Moraes, fazendo uso da representação que possui a profissão, ratifica que “[...] empregado desde tempo a Emulsão de Scott em minha clinica, obtive excellentes resultados, pelo que estou convencido de que é um reconstituente de primeira ordem que considero melhor que o óleo de fígado de bacalhau comum, tendo também a vantagem de não ser repellido pelos estomagos fracos.”²⁸⁵

A ordem médica representa o estabelecimento de formas centrais de controle da sociedade civil, que se faz não só através do controle dos corpos – na medida em que se dá grande ênfase às campanhas de vacinação – como também da criação de práticas preventivas [...] Entre os projetos de intervenção médica na sociedade neste momento, existia um modelo sanitário unificador, centralizador e concentrador de poder.²⁸⁶

Os anúncios de remédios revelavam em si a própria receita para se realizar a cura desses males, sobretudo, porque tais recomendações de cura estavam alicerçadas por orientações de médicos, homens do saber, autoridades na construção de ordens que detinham o conhecimento para indicar o reestabelecimento das forças e cura de outros homens.

Nota-se que se proliferaram anúncios de elixires por todo o país, mas nem todos

²⁸⁵ Jornal de Caxias, 26 de fevereiro 1898, p. 04.

²⁸⁶ LUZ, Madel Terezinha. Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982, p. 78.

realizavam o que prometiam, ou mesmo não eram destinados para tais doenças, como sífilis, por exemplo, em que muitos elixires não curavam os indivíduos dos males do corpo.²⁸⁷

Em uma nação que precisava de corpos saudáveis, a emulsão em seu discurso imprimiu palavras que se voltam para trazer tais soluções para os homens, crianças e mulheres que estavam desnutridas e frágeis. Um fator, nesse caso, que iria salvar, particularmente os homens que estavam em condições semelhantes.

Por exemplo, a própria literatura da época tinha retratos desses homens do nordeste que apresentavam tais características, como é o caso de *Os Sertões*, em que Euclides da Cunha apresenta personagens que personificam essas masculinidades débeis, desnutridas. No entanto outros literatos também trouxeram em suas obras personagens que denotavam em suas ações aspectos que reforçavam a necessidade de usarem os fortificantes, mas estabelecimento das forças diante da própria realidade, como é o caso do livro *O Sertanejo* de José de Alencar.

Nessas propagandas, o que se verifica ao longo dos textos é a efetivação de um discurso onde se projeta, em uma lógica de representação, o homem instituiu e imprimia a boa saúde, o que falta nos demais. A relação simbólica e biológica acaba ressaltando o propósito da constituição desses homens saudáveis, de corpos sadios.

Entretanto diante desses discursos, em prol de uma nação saudável, de homens saudáveis, os discursos objetificavam os corpos masculinos e falam o que deveriam ser seguidos pelos homens, acabava sendo mais expressivo, nesse contexto. Assim, por exemplo, voltando à própria propaganda da *Emulsão Scott*, apontamos um discurso que ratifica o que os demais homens devem seguir.

²⁸⁷ Mas, pelo menos nos círculos governamentais, essa fé não era cega; e nem generalizada. Talvez por isso, um ano exato após a Semana de Arte Moderna, o governo federal tenha deflagrado uma ampla ação no campo da vigilância sanitária, que incluía uma fiscalização mais estreita sobre os medicamentos. Em 31 de janeiro de 1923 foi emitido o Decreto nº 16.300, chamado de Regulamento Sanitário Federal; logo apelidado de “Reforma Chagas” por ter sido elaborado por Carlos Chagas, sucessor e herdeiro científico de Oswaldo Cruz. TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 60.



Figura 36 - Fonte - *Jornal do Commercio de Caxias*, 10 de março de 1920, nº 894, Ano XVI, p. 04.

Sobre essa perspectiva, a identidade masculina a partir desses preceitos estaria condicionada ao efeito da sua ação performática, tanto ao seu corpo saudável, quanto ao seu empenho diante do mundo das relações de trabalho. Desse modo, em outra propaganda, mostra-se a necessidade de se fazer uso de medicamentos a fim de melhor aproveitar a velhice. Seguindo essa ideia de cuidados, os discursos chamavam atenção para que os homens buscassem refletir sobre a necessidade de se manterem cuidadosos com sua saúde, pois quando velhos eles poderiam viver melhor. Em uma passagem publicada pelo *Jornal do Commercio*, em março de 1920, afirma-se que sendo esses homens cuidadosos consigo mesmos, eles iriam encontrar “vosso paraíso”.

Nesse compasso, o jornal faz uma alusão ao corpo do homem à estrutura de uma máquina, pois assim como essa precisaria de óleo lubrificante para conservar e funcionar de maneira eficiente, o homem também deveria conversar “as juntas” para ter uma boa saúde. Sobre essa perspectiva, o jornal afirma que “a saúde do Homem conservada, a vossa saúde dar **vigor a todo organismo** e faz reaparecer as **forças perdidas pelas extravagancias da vossa mocidade.**”²⁸⁸

Nesse caso, notamos que existe nesse momento um direcionamento para

²⁸⁸ *Jornal do Commercio de Caxias*, 10 de março de 1920, número 894, Ano XVI, p. 04.

medicamentos cuja intenção era proporcionar melhores condições para saúde do homem. Assim, na imprensa caxiense, circulava um produto cujo nome era *A Saúde do Homem*, da farmácia intitulada de *Benu da Cunha*. Segundo o jornal, evidencia-se nesse medicamento algo direcionado a saúde do homem, porque tal remédio não contém “cantharidas, nem outras substancias injuriosas”.

O remédio também combatia elementos específicos, como a impotência, nervosismo, falta de memória, terrores “nocturnos, insônias, anemias, falta de apetite, neurasthenia, cachechia, beribéri, poluções nocturnas, esgotamento nervoso, fraqueza cerebral, polinevrites, phosphaturias, cansaços, paralyisia dos nervos, etc, etc.”²⁸⁹

Desse modo, para que o homem tivesse uma boa saúde, quando jovem, e mesmo durante sua velhice, as propagandas sugeriam que se evitassem tais doenças com o uso de medicamentos, como esses que citamos acima, destinado ao homem, mas também a posteriori.

O corpo assemelha-se muito mais a um ato em processo de individualização do que a uma substância passível de isolamento e de independência em relação aos demais corpos. Sua pretensa unidade é diariamente testada, questionada, contrariada. E mesmo quando se tem a intenção de defini-lo como um conjunto heterogêneo de força e de virtualidades, mesmo quando sua pluralidade de aspectos subjetivos é valorizada, ainda assim, o corpo continua escapando do total desvendamento. Negando nossa vontade de passá-lo para o discurso, de interpretar, pelo verbo, seus enigmas e sua força.²⁹⁰

Sobre a ideia das representações do corpo, Le Breton afirma que o corpo ganha significados sociais e simbólicos que instituem a eles mecanismos e funcionalidades, pelos quais os indivíduos devem corresponder para que se tornem e sejam úteis na mecânica da vida social.

As representações do corpo, e os saberes que as alcançam, são tributários de um estado social, de uma visão de mundo, e, no interior desta última, de uma definição da pessoa. O corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si. Donde a miríade de representações que procuram conferir-lhes um sentido, e seu caráter heteróclito, insólito, contraditório, de uma sociedade a outra.²⁹¹

²⁸⁹ Jornal do Commercio de Caxias, 06 de março de 1920, número 894, Ano XVI, p. 03.

²⁹⁰ SANT’ANNA, Denize Bernuzzi. Cultos e enigmas do corpo na história. In: SANT’ANNA, Denize Bernuzzi.. STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.) *Corpos e Subjetividades: Em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p.34.

²⁹¹. LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Tradução de Fábio dos Santos Creder. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 18.

O mundo do trabalho, nesse contexto da primeira república, é recheado desses discursos, precipuamente, através da imprensa, pois explicita uma ideia para se compor o ideário na então nação brasileira. Além dessa utilidade do corpo, os discursos se voltam para prolongar a vida desses sujeitos, assim é perceptível um encadeamento de ações discursivas destinadas a promover esse bem aos sujeitos, sejam homens ou mulheres. O anúncio abaixo publicado pelo jornal representa essas ideias.



Figura 37 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 23 de maio de 1931, p. 04.

O anúncio acima, por exemplo, apresenta um homem com ares sorridentes, apontando o quão se fazia necessária a preocupação com a saúde, e ainda com esta velhice que existiria no imaginário desses sujeitos. O prolongamento da vida desses homens e, mais ainda do desempenho deles durante a vida ativa no mundo do trabalho, tornaram-se elementos bastantes presentes nos anúncios desses remédios, mostrando outra perspectiva em relação aos cuidados com saúde desse homem.

A relação com a cura e o bem estar começou a voltar-se para que a ideia da virilidade masculina fosse garantida em todas as fases da vida. O homem não deveria e nem poderia perder esse ânimo físico, nem mesmo durante a velhice. Nota-se que em todo momento, o anúncio do medicamento não se esquece de frisar como esse homem não estaria desamparado, pois o remédio seria um complemento e restaurador dessa

juventude já não existente no corpo deste homem.

Todos os anúncios de medicamentos buscavam trazer para os homens a ideia do estímulo da vitalidade, restaurador das energias, o que nos faz entender que a imprensa caxiense estava imbuída em imprimir nos homens da cidade essa lembrança, que mesmo se perdida, esses homens deveriam levar para o seu dia a dia novamente, como esses medicamentos anunciados.

Nessa mesma perspectiva, a mesma edição do *Jornal do Commercio* de 25 de dezembro de 1920, apresenta um dos benefícios que o *Composto RIBOTT* pode oferecer aos homens, para que eles pudessem livrar-se da *neurathenia*, *anemia*, *bebhilidade mental* e restituir o organismo com *phosporo* e *ferro*.

O COMPOSTO RIBOTT é uma combinação científica de Ferro, Phosphoro e outros ingredientes de incontestável valor, que a sciencia medica tem descoberto serem os melhores para curar as desordens nervosas, impureza do sangue, debilidade geral, desanimo, falta de appetite, etc.²⁹²

O saber científico se tornou, naquele contexto, um ponto importante para justificar a necessidade para uso de determinados medicamentos, pois como se tratava de apontar os problemas vividos pelas pessoas, as prerrogativas científicas, que sustentavam tais explicações, acabavam alicerçando a propaganda desses medicamentos, em prol do bem estar da população.

Assim, corroborando com essa questão, em especial no uso desse medicamento, o *Jornal do Commercio*, em 1920, transcreveu um editorial publicado em um jornal do Rio de Janeiro, um parecer do Dr. Fournier, francês, em que o mesmo apresentava elementos que ocasionavam aspectos de fraqueza, nervosismo nas pessoas, e mais ainda a necessidade para uso desse remédio por homens e mulheres.

Segundo aponta o parecer de Fournier, a maior parte das doenças que assolava a humanidade se dava devido à deficiência “*gástrico- assimilante*” dos órgãos digestivos. O médico francês considerava que na época a cada dez pessoas, oito apresentavam essa debilidade, porque o organismo delas não conseguia tirar dos alimentos, pelos quais faziam a ingestão, os nutrientes necessários para funcionalidade do organismo, ocasionando, assim, aspectos doentios. Nesse sentido, os homens eram mais suscetíveis a apresentarem tais doenças, porque, em vista da sua rotina de trabalho,

²⁹² *Jornal do Commercio* de Caxias, 25 de dezembro de 1920, número 965, Ano XVI, p. 04.

não realizavam primeiro uma alimentação saudável e segundo porque não se percebia por parte deles uma preocupação mais direcionada sobre os cuidados com a alimentação.

Seguindo essa premissa, em que se notava uma deficiência, o médico sugeria que homens e mulheres, das mais diversas faixas etárias, realizassem o uso de medicamentos onde pudessem auxiliar no processo de proteção da parte digestiva, evitando que eles ficassem doentes. Desta forma, o médico fazia referência ao uso do *Composto Ribott*.

Para taes pessoas aconselho o COMPOSTO RIBOTT (fosfato-ferruginoso-organico), que é tonico assimilativo e anti-dyspeptico mais eficaz de que dispõe a therapeutica moderna. O COMPOSTO RIBOTT é um produto a base de ferro orgânico, que sendo o ferro mais assimilável **contribui poderosamente para aumentar a força de resistência e energias do paciente e fortificar o systema** medida que vae se enriquecendo o sangue e tonificando o systema nervoso. Aconselho pois, **a todas as pessoas fracas, nervosas e dyspepticas**, tomarem por alguns tempos com as refeições o COMPOSTO RIBOTT, de cujos resultados estou certo que ficarão satisfeitos.²⁹³

Assim, no anúncio dos remédios, procurava-se salientar a eficácia no auxílio do combate desses males que assolavam os corpos das pessoas, como por exemplo, os elixires capazes de “curar” diversas enfermidades. Além desses aspectos, nota-se um discurso performativo, uma representação de melhoria, aliás, uma garantia para aqueles seguirem os cuidados orientados.

Desse modo, a relação de fraqueza, em que a imagem do homem faz menção, acaba sendo uma das perspectivas pelas quais o discurso do médico ganha notoriedade para aqueles que se encontravam em tais situações. No Brasil, em termos gerais, esses elementos se tornaram expressivos, visto a busca de afirmação de uma nação de homens e mulheres saudáveis.

Nesse caso, as propagandas dos remédios, que outrora eram destinados às mulheres de maneira mais direta, percebe-se nos jornais caxienses uma perspectiva diferente, visto que começou a intensificar a publicação de remédios voltados para o público masculino.

A saúde, o desejo de corpos saudáveis, ganhou proporções capitalistas, com autovalorização da figura e da saúde masculina. Pois mesmo sendo difícil para o homem buscar elementos para melhorar sua saúde, os medicamentos enquadravam imagens

²⁹³ Jornal do Commercio, Caxias, 10 de março de 1920, Ano XV, número 893, p. 04.

onde se projetavam a necessidade para o uso de medicamentos, a fim de melhorar a saúde dos mesmos.

Segundo Lefèvre (1991), as propagandas de medicamentos ganham sentido simbólico, pois nessa dimensão simbólica, o que a propaganda visa estabelecer, mais que a eficácia desse remédio, é a garantia da compra por parte desses consumidores.

Além desses elementos, o autor considera o objetivo dessa propaganda de fazer com que as pessoas tenham nesses anúncios uma referência, caso outras pessoas necessitem desses medicamentos elas possam indicá-los como a maneira mais eficiente na cura dos possíveis males do corpo.

O medicamento enquanto símbolo de saúde – até mesmo na medida em que o usuário leigo não tem ideia de como ele funciona no organismo – é a possibilidade mágica que a ciência, por intermédio da tecnologia, tornou acessível de materializar, representar, numa pílula ou em algumas gotas, este valor/desejo, sob a forma de prevenção, remissão, triunfo definitivo (na cura) e reproduzido no dia a dia (no controle), sobre o cortejo de males do corpo e da alma que afetam o homem, e sobre as ‘carências’ ou ‘limitações’ inerentes à condição humana: medicamentos geriátricos contra a perda de memória, vitaminas contra a calvície etc.²⁹⁴

Nesse caso, percebe-se a representação simbólica que o medicamento pode proporcionar às pessoas, particularmente por esses remédios serem entendidos como elementos necessários para que o paciente, cliente no momento pudesse comprar e fazer uso desse remédio. Além desses indicadores do bem estar, do estar bem e mais dos resultados positivos agregando no fortalecimento da saúde dos indivíduos, o homem se tornou alvo, principalmente para que ele pudesse garantir e assumir suas ações diante do mundo do trabalho.

Assim, as propagandas de medicamentos criaram o sentido de consumir os remédios, mas também criaram, dentro dessa perspectiva de consumo, o hábito da automedicação. Os homens, em vista da sua necessidade de apresentarem-se aptos ao mundo do trabalho, buscaram realizar em situações ocasionais esse procedimento. O *Jornal do Commercio*, por exemplo, em suas edições, sempre trazia relatos de homens que fizeram o uso dos remédios propagandeados em suas páginas. Em outros casos, o jornal apresentava ao público imagens de homens que estavam aplicando esses medicamentos em suas clínicas, farmácias ou seus boticários, a fim de reafirmar a

²⁹⁴ LEFÈVRE, Fernando. O medicamento como mercadoria simbólica. São Paulo: Cortez, 1991, p. 23.

eficácia do medicamento.

Nota-se que na imagem do jornal, a figura masculina é representada com intuito de repassar uma tranquilidade cujo sentido corresponda ao que pregava o discurso do jornal, sobre os efeitos positivos do medicamento na saúde do homem. Mesmo sendo uma imagem que não corresponda aos caxienses, percebe-se que o jornal chama atenção para os dizeres recorrentes ao valor do remédio no organismo dos seres humanos.

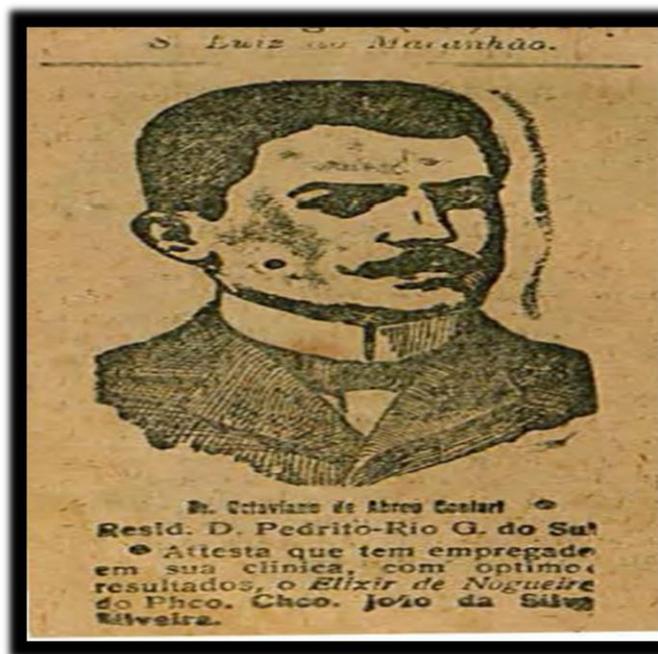


Figura 38 - Fonte - Jornal do Commercio 14 de abril de 1920 p. 4.

Os elixires, nesse caso, tornaram-se bem populares, sobretudo porque afirmavam realizar a cura.²⁹⁵ Assim, como já apontamos acima, em vista do uso desses elixires e para mostrar o efeito positivo desses medicamentos, as propagandas traziam depoimentos desses homens que se sentiram curados ou que usaram esses elixires.

²⁹⁵ A mera menção da palavra “elixir” já parece capaz de produzir efeitos curativos. Elixir, do árabe al-aksir, significa “pedra filosofal”. Elixir, no dicionário, também quer dizer “bebida deliciosa, balsâmica ou confortadora” “aquilo que tem efeito mágico ou miraculoso”. Elixir do amor, da juventude, da vida eterna... Elixir da vida era como se chamava o ópio, base principal dos medicamentos para aliviar a dor, desde a Idade Média. E ópio era o ingrediente ativo do famoso Elixir Paregórico. O Decreto-lei nº 891, de 25 de novembro de 1938, assinado por Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha e Gustavo Capanema, que aprovava a Lei de Fiscalização de Entorpecentes, dizia: “São consideradas entorpecentes, para os fins desta lei e outras aplicáveis, as seguintes substâncias: Primeiro grupo: I – O ópio bruto, o ópio medicinal, e suas preparações, exceto o Elixir Paregórico e o pó de Dover”. A lei, no entanto, limitava a propaganda do produto: “Art. 61 – É proibido, sob qualquer forma ou pretexto, distribuir amostras para propaganda de produtos ou especialidades farmacêuticas entorpecentes, só se permitindo anúncio dos mesmos em jornais científicos ou publicações técnicas”. TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 94.

Por exemplo, o *Jornal do Commercio de Caxias* e os demais periódicos caxienses, a cada nova edição, tinha um depoimento. Nesse caso, a propaganda do *Elixir Inhame*, com intuito de reforçar o uso e credibilidade do produto, apresentou, naquele contexto, o seguinte testemunho.

Diz o ilustre clínico Dr. João Monteiro, medico legista e D.D. Diretor da Revista Médica de Minas: Tive ocasião de aplicar o seu Elixir de Inhame Goulart em um doente, obtendo bom resultado. Já tenho também receitado na minha clínica particular e sempre colhendo bom resultado, pelo que lhe dou os meus parabéns.²⁹⁶

Percebe-se que a perspectiva científica é algo presente no discurso dessa propaganda, assim como nas demais propagandas, em especial por se pretender, naquele momento, reforçar os efeitos dos medicamentos no organismo. Como a melhoria na circulação combate o nervosismo, entre outros males, que o homem poderia adquirir ao longo da sua trajetória de vida. Cabe salientar que não eram apenas os homens alvos principais desses medicamentos, pois, bem antes desse direcionamento ao público masculino, as mulheres também eram alvos dessas propagandas de medicamentos.

A nova higiene do corpo responsabiliza o indivíduo de modo a desenvolver uma consciência de bem-estar coletivo. A participação decorrente das práticas esportistas e a dimensão coletiva aventada impulsionam para a formação de novos ‘condutores sociais’, aptos a cooperar com a comunidade.²⁹⁷

Nesse caso, nota-se que, para ter respaldo, os anúncios desses medicamentos começaram a usar imagens dos responsáveis pela fabricação, como também imagens de médicos que poderiam resguardar as intenções desses medicamentos para a cura desses males do corpo.

Diferentemente da tendência da publicidade atual, naqueles anos chamava-se atenção do leitor com imagens sobre morte e doença. A concorrência entre os fabricantes de remédios fortaleceu a necessidade de recorrer a testemunhas ilustres e a exibir o nome de médicos, mesmo quando o produto anunciado era apenas um sabonete.²⁹⁸

Assim, na propaganda do *Elixir Nogueira*, por exemplo, temos em destaque o uso da imagem de um médico e dono da farmácia, que revende o elixir, em que estar

²⁹⁶ *Jornal do Commercio de Caxias*, Caxias, 12 de agosto de 1922, p. 04.

²⁹⁷ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas – 2ª Ed – SP: Papirus, 1986, p. 78.

²⁹⁸ SANT’ ANNA. Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. – São Paulo: Contexto, 2014, p. 36.

ratificando a credibilidade do elixir para saúde dos seus consumidores.

Segundo informações, Aristides Américo de Magalhães era doutor em medicina e farmacêutico pela Faculdade do Rio de Janeiro. E era major reformado, médico, da 5ª Classe do Corpo de Sanitário do Exército.



Figura 39 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 1915, p. 04.

Em sua apreciação, ele asseverava como um homem que acreditava na ciência e na eficácia dos benefícios dos medicamentos, atestando o uso do *Elixir de Nogueira* para os problemas das artérias, inflamações do corpo, reumatismo em geral, manchas da pele, tumores nos ossos, úlceras, gonorreia, entre todas as moléstias que poderiam assolar o organismo do ser humano.

E ao final do seu depoimento, Aristides considera,

[...] atesto, que tendo empregado na minha clínica, o *ELIXIR DE NOGUEIRA*, formula, do pharmaceutico João da Silva Silveira, obtendo sempre os melhores resultados, pelo que o considero um medicamento de própria eficácia e como um dos melhores depurativos do sangue. O que afirmo em fé do meu grão. Bahia. 6 de

Junho de 1906. Dr. Aristides Américo de Magalhaes.²⁹⁹

O discurso, nesse sentido, constitui-se como uma maneira de efetivar uma resposta positiva diante da possibilidade de encontrar um terreno efetivo no espaço social. Nesse caso, notamos que o uso das propagandas, e mais ainda a representação efetivada a fisionomia da figura masculina, nos possibilita entender o quanto era importante apresentar naquele contexto pessoas entendidas como capacitadas para falar sobre os produtos destinados a cura das pessoas.

Entre muitas doenças combatidas pelos elixires, a *sífilis* também se tornou alvo desses medicamentos, porque estava em jogo a saúde do homem. Assim como o elixir de Nogueira, existiam outros que propunham a cura dessa doença no começo da República.



Figura 40 - Fonte - Jornal do Commercio de Caxias, 1915, p. 04.

No caso, dessa doença específica, os depurativos se tornaram, a partir da imprensa caxiense, um forte apoio para se tentar combater o seu efeito nos sujeitos que tinham sido acometidos por ela. No caso da sífilis, a mesma modificava a relação que as pessoas tinham com quem tinha sido acometido.

Não tivemos contato com uma documentação que nos possibilitasse compreender as percepções acerca dessa doença, porém pelo número de propagandas referentes a essa questão, notamos ser uma então preocupação por parte da imprensa em divulgar meios que se pudessem apresentar a cura dessa doença, em virtude da sua insurgência no meio social.

A variedade de discursos médicos sobre as suas formas de

²⁹⁹ Jornal do Commercio de Caxias, 08 de maio de 1915, número 537, Ano - X, p. 03.

manifestação, e a falta de clareza com relação aos seus sintomas, propiciaram muita confusão e incertezas quanto ao diagnóstico da sífilis. Muitos das manifestações da doença eram semelhantes ao de outras doenças, o que dificultava ainda mais o diagnóstico. Era o caso das lesões cutâneas provocadas pela varíola ou pela lepra. Além disso, doenças como o reumatismo ou uma conjuntivite ocular, sem relação com a sífilis, também podiam se manifestar como consequência desta.³⁰⁰

A sífilis era vista como uma doença cujos aspectos apresentados nos corpos dos indivíduos configuravam-na como uma doença de pele, pois como o corpo ficava com lesões, essa era uma forma pela qual as pessoas faziam a identificação, gerando, naquele, no imaginário social muitos medos, sobretudo, por causa da ausência de um tratamento. Nesse ínterim, as pessoas identificadas eram estigmatizadas, tanto pelos membros da família como pela Igreja.

Também a sífilis era apresentada como causa da ruína física e moral das famílias por comprometer, em graus diversos, toda a descendência. Os filhos de sífilíticos que conseguissem ultrapassar a barreira dos dois anos de vida apresentariam, mais cedo ou mais tarde, variadas manifestações tais como "cegueira, surdez, acessos epiléticos, tabes juvenis, alterações cérebro-espinhais, idiotia, infantilismo, nanismo, crânio natiforme e raquitismo". Se muitos teriam que sobreviver à custa da família e ou das instituições de saúde, os "menos tarados" acabariam dando origem a outros portadores de disfunções genéticas permanentes.³⁰¹

Foucault, nesse caso, aponta-nos elementos importantes para que possamos compreender essa relação entre os cuidados com o corpo e os efeitos desses cuidados para a dinâmica social, pois a partir do momento em que se realizasse o disciplinamento desses corpos, a população apresentaria uma fisionomia menos degradante e seria mais produtiva aos interesses do Estado, em promover uma nação imbuída para constituição do progresso, mas também se instituiria, no âmbito dessa realidade, gerações alinhadas ao padrão de uma sociedade saudável.

Por isso que, o desempenho de comportamentos sexuais, fora desses elementos apontados anteriormente, era entendido como sexualidades pervertidas, corpos devassos, pois promovia uma degenerescência, na medida em que seriam corpos que

³⁰⁰ CAVALCANTE, Else Dias de Araújo. A sífilis em Cuiabá: saber médico, profilaxia e discurso moral (1870-1890). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2003, p. 37.

³⁰¹ DE LUCA, Tania Regina. A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação/Tânia Regina de Luca. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 228.

atraiam, por suas performances, doenças que degradavam o corpo. Segundo Foucault:

“[...] ao mesmo tempo, uma sexualidade devassa, perversa, etc., tem efeitos no plano da população, uma vez que se supõe que aquele que foi devasso sexualmente tem uma hereditariedade, uma descendência que, ela também, vai ser perturbada, e isso durante gerações e gerações, na sétima geração, na sétima da sétima. É a teoria da degenerescência: a sexualidade, na medida em que está no foco de doenças individuais e uma vez que esta, por outro lado, no núcleo da degenerescência, representa exatamente esse ponto de articulação, ao do disciplinar e do regulamentador, do corpo e da população.”³⁰²

Deste modo, em outro periódico caxiense, o jornal *Diário de Caxias* também apresentava em suas páginas vários anúncios direcionados ao público caxiense, entre tais anúncios estavam os que prometiam a cura da sífilis. Uma doença que, segundo apontava o jornal, se dava pelos delírios e aventuras do corpo.

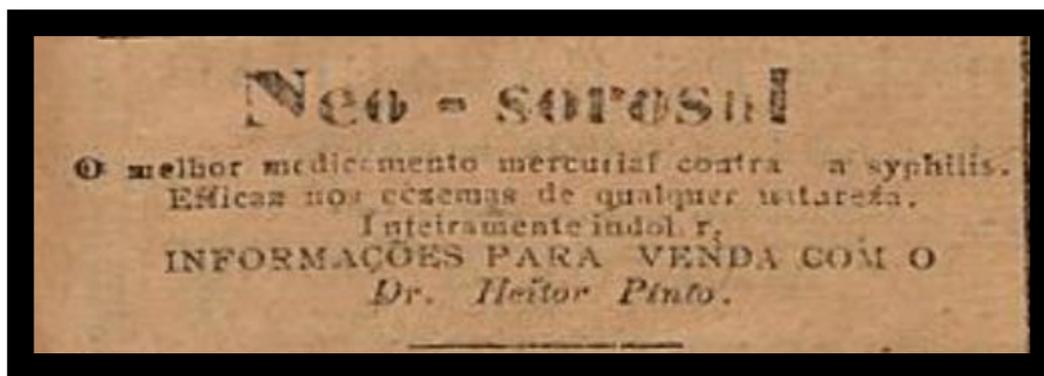


Figura 41- Fonte - *Diário de Caxias*, 12 de julho de 1924, Ano I, número 149, p. 03.

Além da apresentação de bons resultados para o corpo, o anúncio afirmava a cura de outros males do corpo. Veja, nesse caso, como o signo linguístico busca ratificar uma verdade, uma intenção, diante dos que creditavam sua saúde em qualquer remédio que, assim, prometia a cura diante das enfermidades que assolavam o corpo desta pessoa.

Acerca dessa questão, a sífilis, entendida como uma doença dos libertinos e promíscuos, como também em vista de sua proliferação, ganha nos elixires a promessa de combatê-la e salvar homens e mulheres acometidos por ela.

A sífilis junto com o alcoolismo e a tuberculose eram classificados pelos médicos como os três grandes flagelos da sociedade. O primeiro deles, na visão dos doutores, contribuiria para despopulação, pois o

³⁰² FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: Curso Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Eramantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.301.

marido vitimado contaminaria a esposa e os futuros filhos. Era necessário regular e frear a sexualidade desregrada, antes e durante o casamento: pais saudáveis, filhos sadios. Os anunciantes de remédios para sífilis se utilizaram dessa ideia, pautada no medo, para vender seus medicamentos.³⁰³

Por isso que os elixires buscavam trazer, entre medidas de cura, métodos paliativos para combater os males ocasionados por essa doença dita e entendida como *doença do pecado*. O discurso eugênico, por sua vez, apresentava pontos relevantes para se combater essa doença. Um desses elementos seria a defesa da abstinência sexual antes do casamento. Além da fidelidade conjugal, pois eram vistos como aspectos preponderantes para combater essa doença.

Nesse caso, nota-se uma intenção em criar uma moral diante dos costumes, como também ressaltar a importância de uma sociedade de homens perfeitos. Maria Izilda dos Santos Matos e Mirtes Moraes (2007) afirmam que o discurso eugênico vigorava como medida mais enérgica, quanto à formação de uma sociedade ideal e sadia. Assim as autoras corroboram dizendo que, com a defesa da esterilização eugênica, foi disseminada “a difusão de enfermidades hereditárias (especialmente a tuberculose e a lepra) e venéreas, ou de degenerações. A castração deveria ser “aplicada compulsoriamente, de modo permanente, devendo se tornar lei para a melhoria física, moral e intelectual dos nossos semelhantes”.³⁰⁴

Em vista dos remédios destinados ao tratamento do sangue, os jornais também salientavam os cuidados da pele, pois muitos dos remédios não conseguiam resolver todos os problemas de saúde. Desse modo, alguns se voltaram para cura de *cocceiras*, por exemplo, pois se tornou também recorrente no dia a dia desses trabalhadores urbanos tais problemas em decorrência das mudanças do ambiente da cidade.

O intuito era implantar uma nova ideologia diante dos comportamentos das pessoas, pois assim poderia ter homens e mulheres mais saudáveis. A ideia era criar corpos saudáveis, corpos que pudessem dar ao país resultados satisfatórios. Essa produção de corpos reflete como o todo, em especial aos homens que deveriam atentar-se para a dinâmica, e mais ainda sobre a ideia de uma sociedade moderna que se

³⁰³ AMADOR, Luiza Helena Miranda. “Degenerados E Contagiantes”: a luta contra sífilis no Pará (1915-1934). (Dissertação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2015, p. 53.

³⁰⁴ MATOS, Maria Izilda dos Santos. MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). Revista ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 23-37, jan.-jun. 2007, p.29.

apresentava como uma nova realidade para o país.

Na imagem abaixo, por exemplo, o *Mitigal* promete resolver os problemas da coceira no corpo, segundo a propaganda da marca *Bayer* que afirma que tais coceiras seriam extintas, logo após o uso desse medicamento.



Figura 42- Fonte- Jornal Commercio, Caxias, 26 junho de 1931, p. 04.

Na propaganda, nota-se um grande número de meninos, em comparação a meninas, que por sua vez estão representando os males ocasionados pela coceira. Além desse aspecto, identifica-se também que existe, na imagem masculina, o fato de estar acometido por males da pele.

Em vista os anúncios salientavam, como os homens e mulheres deveriam fazer uso, em seu dia a dia, de produtos, como sabonetes, sabões, para auxiliar na proteção e higiene do corpo. Nesse caso, um produto que ganhou notabilidade, nas páginas dos jornais caxienses, tratava-se do *Sabão Sablok* que buscava cuidar da higiene do corpo. Na propaganda, o texto frisava sobre as características do produto, quais os objetivos que ele tinha para o cotidiano dos seus consumidores e como deveria ser usado.

Desse modo, o texto indicava que, comprando o pequeno bloco, as pessoas deveriam colocar a barra do sabão *Sablok* no seu banheiro, como forma de garantir uma higiene satisfatória. Na propaganda considerava-se ainda que homens e mulheres lavassem bem “com nosso SABLOK, será o seu eleito, não quererá outro para todos os

usos da sua hygiene. O nosso SABLOK terá triunfo dos melhores sabonetes.”³⁰⁵

Os cuidados com a saúde masculina direcionavam para várias partes do seu corpo, visto que as imagens de propagandas de remédios salientavam esses aspectos nesses anúncios, por exemplo, em relação ao fígado, nota-se na propaganda realizada pelo *Jornal do Commercio* (1920) que os homens caxienses deveriam buscar ter maiores cuidados em relação a esse órgão, pois devido a rotina pesada os males ocasionados ao fígado poderiam ser inevitáveis.³⁰⁶



Figura 43 - Fonte- *Jornal Commercio*, Caxias, 26 junho de 1931, p. 04.

Nota-se que, na imagem apresentada, a figura que tem aspectos de um homem coloca sua mão na cintura, e a outra próxima ao fígado simbolizando os males que possivelmente esse homem estaria sentindo.

Assim, na propaganda do remédio, caso alguma pessoa venha fazer uso desse medicamento, ela deveria se direcionar para falar com o seu *João Vigtal*, que se localizava na cidade de Caxias. Entende-se, nesse sentido, o quanto a vitalidade e a falta dela se configuraria como um dos elementos para se pensar na ideia de tomar medidas mais enérgicas para que a sociedade caxiense se constituísse como tal.

³⁰⁵ *Jornal do Commercio* de Caxias, 15 de maio de 1915, número 539, Ano X, p. 03.

³⁰⁶ Sistemas de seguro-saúde ou de seguro-velhice; regras de hygiene que garantem a longevidade ótima da população; pra esses que a própria organiza, ao da cidade exerce sobre a sexualidade, portanto sobre a procriação; as pressões que se exercem sobre a hygiene das famílias; os cuidados dispensados as crianças; a escolaridade, etc. Logo, vocês têm mecanismos disciplinares e mecanismos regulamentadores.

Em situações como essa, o anúncio afirmava que o homem, assim como a mulher, deveria se ater aos cuidados do corpo e aos males pelos quais eles poderiam ser acometidos. Assim, usando as considerações de Foucault, acerca da biopolítica, tais propagandas nos apontam o quanto a ideia do saber, poder configuraram, naquele momento, premissas para normalização, não apenas dos comportamentos, mas também da própria constituição do organismo dos indivíduos, dentro da sua vida cotidiana.

As influências científicas corporificaram, naquele instante, como ponto para se pensar uma lógica social baseada em uma sociedade de corpos saudáveis, onde os processos biológicos deveriam se manter de acordo com os ditames desse saber científico, ao se pensar na funcionalidade social, na mecânica das relações sociais e de trabalho existentes nesse contexto em que o Brasil busca modernizar-se.

Percebemos, nesse jogo de classificação e denominação, que esses discursos, sejam através de imagens, ou não, acabavam produzindo, ao longo das páginas desses jornais, uma representação da maneira como essa realidade deveria se configurar em vista da figura masculina, desse homem no espaço público, ou mesmo dentro do espaço privado.

Nesse ínterim, a efetivação dessas práticas garantiria, naquele momento, a composição da sociedade, uma identidade cujos interesses do Estado, por exemplo, estariam sendo institucionalizados, a partir do momento da visibilidade de representantes, sejam homens das classes mais abastadas, ou não, que apresentassem correspondência a esses dizeres sobre o cuidado do corpo e do seu bem estar em prol de um ideal.

Capítulo IV.

“Quando donos saem os
Gatunos querem fazer a
festa”: masculinidades em prol
da desordem social.

CAPÍTULO IV - “QUANDO DONOS SAEM OS GATUNOS QUEREM FAZER A FESTA”: MASCULINIDADES EM PROL DA DESORDEM SOCIAL

Proezas dos gatunos

Caxias-Maranhão, em uma madrugada acalentada pelo frio que assola os ares da cidade sertaneja, lá por volta das “2 horas da madrugada de 25 desde mez o sr. Bernardino da Silva Aguiar tendo como que providencialmente, passado a noite em sua loja à rua do Conselheiro Sínval, outrora do Porto Grande, foi despertado pelos rumores que partiam do telhado, pelo fundo do armazém.”³⁰⁷

Bernardino da Silva Aguiar, ancorado pela coragem masculina, enfrentou o medo e adiantou-se para verificar os barulhos que interrompem o seu sono, identificando algo estranho no telhado do seu armazém. Quando se aproxima para averiguar o barulho que manteve o mesmo ritmo, certificou-se que alguém tratava de destelhar o armazém em diversas partes, “bradeou por socorro, o que obrigou os assaltantes pularem ao chão e fugirem, deixando aberto o telhado em duas partes e n’uma das aberturas uma espécie de escada de sipó atada aos caibros, pela qual pretendia penetrar na loja.”³⁰⁸

Segundo o que relata o jornal, o “sr. Bernardino dormia sempre em um quarto distante da loja e só por pressentimento mudou nessa noite sua rede para o espaço existente fora do balcão, circunstância essa com que não contavam os assaltantes.”³⁰⁹ Para o jornal, a proeza do comerciante foi um ato bem pensado, porque possibilitou que Bernardino pudesse identificar as “pegadas dos fugitivos que verificou-se que elles entraram em um dos quartos de aluguel meiaga e que continua ocupado por uma mulher, que ao que nos consta nenhum esclarecimento deu.”³¹⁰ Porém a mulher suspeita “seguio com a lova do sr. Queirós para o Amazonas.”³¹¹

Esse caso torna-se um aspecto importante para a nossa pesquisa, em relação à prática da gatunagem em Caxias, principalmente, nesse período de afirmação da República e dos ideais pensados para o país. Por isso havia uma intensificação em

³⁰⁷Jornal de Caxias, 31 de janeiro de 1903, Ano VIII, número 368, p. 01.

³⁰⁸Jornal de Caxias, 31 de janeiro de 1903, Ano VIII, número 368, p. 01.

³⁰⁹ Jornal de Caxias, 31 de janeiro de 1903, Ano VIII, número 368, p. 01.

³¹⁰Jornal de Caxias, 31 de janeiro de 1903, Ano VIII, número 368, p. 01.

³¹¹Jornal de Caxias, 31 de janeiro de 1903, Ano VIII, número 368, p. 01.

reprimir tais práticas, pois devia se pensar uma cidade, em prol do progresso do país. Nesse sentido, é válido nos apoiarmos nas considerações de Michel Foucault (2009), quando o mesmo nos situa em relação ao sentido dado ao roubo, principalmente, quando olhamos para o aumento dessa prática nos centros urbanos das cidades não apenas europeias, mas em outros lugares, como no Brasil e em Caxias no Maranhão, *locus* da nossa análise. Para o autor, o roubo veio a se tornar a primeira das grandes escapatórias à legalidade, porque nesse movimento em que existe uma acumulação de capitais “a economia das ilegalidades se reestruturou com o desenvolvimento da sociedade capitalista”.

Desse modo, ainda sob o olhar de Foucault, as ações de controle dentro das suas instâncias procuram controlar e codificar todas as práticas, vistas como ilícitas. Tais medidas, conforme aponta o filósofo, procuraram sanar irregularidades que se faziam presentes anteriormente e no contexto da nossa análise, mas que agora seriam pensadas para tais práticas ações de punições.

Nesse viés, Foucault considera que as novas formas de acumulação de capital

e[...] de relações de produção e de estatuto jurídico da propriedade, todas as práticas populares que se classificavam, seja numa forma silenciosa, cotidiana, tolerada, seja numa forma violenta, na ilegalidade dos direitos, são desviadas à força para a ilegalidade dos bens. [...] A ilegalidade dos bens foi separada da ilegalidade dos direitos. Divisão que corresponde a uma oposição de classes, pois, de um lado, a ilegalidade mais acessível às classes populares será a dos bens — transferência violenta das propriedades; de outro a burguesia, então, se reservará a ilegalidade dos direitos: a possibilidade de desviar seus próprios regulamentos e suas próprias leis; de fazer funcionar todo um imenso setor da circulação econômica por um jogo que se desenrola nas margens da legislação — margens previstas por seus silêncios, ou liberadas por uma tolerância de fato. E essa grande redistribuição das ilegalidades se traduzirá até por uma especialização dos circuitos judiciários; para as ilegalidades de bens — para o roubo — os tribunais ordinários e os castigos; para as ilegalidades de direitos — fraudes, evasões fiscais, operações comerciais irregulares — jurisdições especiais com transações, acomodações, multas atenuadas, etc.³¹²

³¹² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhate. 36. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009, p. 107.

Notamos que os delitos e as formas de punição foram sendo redirecionadas para se ter em mãos ações táticas para se perfilar dentro da ótica social, medidas mais expressivas diante da dinâmica das ações dos indivíduos. Os delitos foram sendo pensados pelo prisma dos sujeitos, tanto dos segmentos populares quanto dos pertencentes aos setores mais abastados economicamente.

Essas ações de punição e normalização foram sendo pensadas em vista da dinâmica social, em que os crimes e os atores destes se tornaram mais expressivos no cenário brasileiro, principalmente, nesse limiar do século XX. Corroborando com esta questão, Boris Fausto, quando apresenta sua análise sobre o cotidiano e a relação com a criminalidade no início do século XX em São Paulo, aponta-nos dados que coadunam com a perspectiva de Foucault.

Desta forma, quando se pensa no crescimento urbano e fluxo de pessoas nas cidades observa-se que são aspectos que influenciam para constituição de práticas, cujas ações disciplinadoras começam a tornarem-se presentes, com intuito de preservar a padronização de comportamentos e o bem estar social. Destarte a questão, podemos perceber que a acentuação do número de pessoas representou um número de ações cujos resultados culminaram na intensificação de crimes como, por exemplo, o roubo e o furto nessas cidades.

Em vista dessa nova realidade configurada no contexto em análise, percebemos que foram elaboradas e constituídas medidas voltadas para se tentar coibir tais ações desses homens, que percorriam a noite e atravessavam as linhas imaginárias da ordem para tornarem-se donos do alheio.

Como apontamos logo no início da seção, com o aumento dos gatunos e das suas atividades, as medidas coercitivas foram sendo constituídas em prol de se estabelecer um contra ponto, para quem buscava tornar-se dono dos objetos do outro. Uma dessas medidas foi o código penal de 1890 que, mesmo apresentando críticas em relação ao texto da lei, efetivou-se na composição dos artigos de coerção em vista dessas práticas.

O Código penal de 1890 trazia uma definição e diferenciação sobre o ato de furtar e roubar, afirmando que furto seria “subtrair para si ou para outrem, coisa alheia móvel, contra a vontade do seu dono” caracterizando-se como furto, isso preconizado pelo artigo 330 do código penal. E, em relação ao ato de roubar, o código no artigo 356 ratificava que constituía na subtração, ou seja, fazendo violência à pessoa ou empregando força contra a coisa.

Por essa via, Porto considera que no Brasil, principalmente, nesse começo do

século XX, em vista da projeção de uma nação ideal, existia um projeto contra a ociosidade.

Nesse caso, temos dentro dessas prerrogativas de análise, sobre ações consideradas como ilícita, a própria vadiagem que mesmo não sendo considerada como crime pelos fios da lei, seria um trampolim para prática criminal, pois essa poderia resultar em sujeitos (homens) envolvidos em contravenções e crimes dos mais variados tipos. Por isso, percebemos que os comerciantes, principais alvos dos gatunos, consideravam esses sujeitos como *contraventores*.

Nessa perspectiva, Sidney Chalhoub afirma que a configuração do mundo do trabalho passou a ser uma preocupação do discurso dominante que, desde o segundo reinado, já demonstrava preocupação em ver dois mundos sendo constituído, o mundo do trabalho e o mundo da ociosidade.

Para Chalhoub, o discurso que emergia dos segmentos dominantes da sociedade brasileira ponderava em afirmar uma perspectiva binária entre pertencer ao mundo do trabalho e ao mundo ocioso, sendo o primeiro representado como virtuoso, positivado, e o segundo como sendo o imoral, que condicionaria ser interpretado como indivíduos à margem da sociedade. Por essa perspectiva, o autor afirma ainda ser uma visão da mentalidade da época, pois era baseado em uma tradição católica que, por sua vez, servia como fundamento dos segmentos dominantes nesse período estudado.³¹³

Notamos que as prerrogativas para analisar os atos dos homens gatunos mostravam-se mais representativas para se perceber uma diferenciação em torno da ação dos ladrões em vista da ideia de “homens de bem” e “homens de mal”, ou mesmo para se pensar os *homens indivíduos* e a ideia de *homem cidadão*. Por isso que a ação do gatuno na cena da cidade, como nos referimos na notícia apresentada no começo dessa seção, torna-se o sujeito contrapondo a ideia de trabalho, a ideia de homem voltado para o mundo do trabalho.

Dominique Kalifa, ao pensar sobre as chamadas virilidades criminosas, aponta-nos que o homem criminoso se define como:

Moleque vadio, bandido ou mafioso, todos aqueles que seus parecem reconhecem como homens compartilham certo número de traços comuns, que são simultaneamente de aparência física, de habilidades específicas e, acima de tudo, de uma “mentalidade” que deve dar

³¹³ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 78.

conta do arsenal dos valores da masculinidade.³¹⁴

Por essa perspectiva, a sua prática congregava elementos característicos do *sujeito vadio*. Esse homem acabava sendo um perfil masculino destituído de preceitos valorativos, porque não reunia em sua prática aspectos que pudessem somar no baricentro das relações sociais. Nesse caso, o homem envolvido em práticas como roubo carregava, por sua vez, o estigma do sujeito despossuído de valores positivos, tanto aos olhos da imprensa como da sociedade caxiense.

Qualifica-los de “criminosos” procede de uma deformação da realidade, que tende a endurecer, profissionalizar estigmatizar comportamentos que com frequência são muito mais imprecisos. Convém então, nesse momento, melhor perceber aquele que, nessas acepções da masculinidade, configura comportamentos tradicionais das classes populares, viveiro natural dos meios delinquentes, e captar, por outro lado, aquilo que, no entanto, procede de atitude de uma subcultura “criminoso”.³¹⁵

Nesse sentido, voltando ao caso vivenciado pelo comerciante Bernardino, podemos analisar vários aspectos em relação às ações semelhantes a essa. A primeira seria a figura do *comerciante trabalhador*, que teve algo subtraído como elementos relacionados ao seu trabalho e ao sustento.

O discurso sublinha elementos que, no contexto, positivaram a imagem de Bernardino por sua ação performática ao buscar defender, pela *via da coragem*, os seus interesses. Em relação ao gatuno, o discurso opera a imagem, esse estava despossuído de elementos positivos, pois sua ação de apropriar-se das coisas alheias não situa o mesmo dentro das práticas vistas como dignas. Principalmente nesse contexto da Primeira República, em que se buscava de antemão manter os homens em marcha para a constituição de um modelo ideal.

No nível mais elevado da hierarquia social nós temos os proprietários – patrões -, seguidos de forma um tanto distante pelos bons trabalhadores. Neste nível reina a ordem por excelência, já que os indivíduos aí localizados são daqueles de mais alto grau de moralidade, pois amam o trabalho e sabem respeitar a propriedade.

³¹⁴ KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas? In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. V.3. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, p. 303.

³¹⁵ KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas? In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. V.3. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, p. 320.

No nível inferior, nós temos o mundo dos ociosos. Neste mundo, existe certo grau de depravação moral e uma tendência à desordem, pois estes indivíduos não respeitam a lei suprema da sociedade – o trabalho. Finalmente, temos o mundo do crime, miseráveis e infensos aos ditames da ordem. Assim, cria-se um sistema segundo o qual o indivíduo, mas bem situado na hierarquia social é sempre mais dedicado ao trabalho, mais moral e ordeiro do que o indivíduo que o procede. Ao contrário, quanto maior a pobreza do indivíduo, maior sua repulsa ao trabalho e menor a sua moralidade e seu apego a ordem³¹⁶

Em relação a esse ponto, Ana Vasconcelos Ottoni, quando pensa a relação da imprensa e a publicação de informações sobre as aventuras dos admiradores das coisas alheias nos jornais desse contexto, ratifica que no Rio de Janeiro essas notícias eram recebidas pelas pessoas como uma forma para se pensar os problemas de segurança que a cidade passava naquele contexto.

Segundo Ana Vasconcelos Ottoni (2012), as informações publicadas na imprensa sobre os crimes eram noticiadas de três formas diferentes: a primeira em registros de pequenas notas, em reportagens em forma de artigos, e por fim em grandes coberturas policiais. Mas, no caso das informações publicadas pela imprensa de Caxias, as notícias sobre as ações dos *filhos da noite* se davam através de notas curtas, porém não era regra, pois em alguns casos, elas se apresentavam em textos maiores.

Em vista dessas situações, ser *ladrão* ou *gatuno* acabava sendo sinônimo, pois o homem que estava envolvido em tais práticas eram percebido como sujeito contraventor na cidade, porque dentre as várias regras constituídas para se estabelecer com identidade de homem de bem, o ato de roubar ou furtar não corporificaria uma imagem positiva diante da sociedade.

As palavras “ladrões”, “gatunos”, “rapinantes” e “laráprios” tendiam a possuir um mesmo significado nas notícias de crimes da época. Mas por vezes os termos ladrões e gatunos podiam ter sentidos diferentes, tal como hoje é normalmente empregado. Os primeiros podiam neste sentido ser descritos como criminosos que empregavam a violência, e os segundos os que não usavam a violência em seus crimes. Mas como na época esses termos eram mais usualmente empregados como sinônimos do que em sentidos diferentes, optamos por utilizá-los como palavras equivalentes.³¹⁷

³¹⁶CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 79.

³¹⁷ OTTONI, Ana Vasconcelos. O Paraíso dos ladrões: crimes e criminosos nas reportagens policiais da Imprensa Rio de Janeiro. (1900-1920). (Tese), UFF, Rio de Janeiro, 2012, p. 14.

A imprensa direcionava seus discursos para que as pessoas tivessem a percepção de que o ato de furtar ou roubar não seriam maneiras corretas de apresentar-se, enquanto *homens de boa conduta*, e mesmo em outras instâncias da geografia da cidade ou do país naquele momento.

Nesse sentido, tratando das questões relacionadas ao número de casos apresentados pela imprensa, que se caracterizavam como roubo ou furto, esses certamente começaram a ter destaque nas primeiras páginas do *Jornal de Caxias*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta Caxiense* e *O Paíz*, que não economizavam tintas ao publicarem notas em vista dos acontecimentos que ocorridos na cidade, relacionados aos temas de furto ou roubo das coisas alheias.

Porto evidencia que o jornal tinha a função de construir a imagem sobre quem eram os homens ideais, como aqueles homens ditos desviantes. Acerca desta questão Ottoni, afirma que o jornal “[...] enquanto veículo de comunicação, funcionando como uma espécie de “defensor da sociedade contra as injustiças”, não importando de onde elas viessem se dos anarquistas ou da Igreja.”³¹⁸

Sobre esta questão, notamos também que, além do aumento de notas, sejam elas pequenas ou extensas, as informações sobre os gatunos sempre tinham um espaço garantido nas páginas dos jornais caxienses, mas especificamente do *Jornal de Caxias*. Além desse elemento, outra característica sobre os homens gatunos e suas práticas é a demarcação da cor desse gatuno, percebemos que muitas notas não faziam referência à cor, mas é possível perceber o reforço do discurso do jornal em dizer algo quando o *homem gatuno*, que cometia tal ato, era de cor negra.

E dentre os casos mais enfatizados pelo jornal, trazemos à tona a notícia sobre o gatuno Manoel Antonio. Logo no início da descrição, o articulista afirma suas características apontando *Manoel Antonio, de cor escura e moço*. A forma como foi ratificada denota, ainda, nesse começo do século XX, a maneira como a sociedade, naquele contexto, alimentava suas impressões sobre o negro, e o no caso de um homem negro que cometia delitos.

Sobre esse caso, identifica-se uma desconfiança, pois segundo o articulista, foi feita de maneira disfarçada para que o suspeito não conseguisse ser percebido diante das

³¹⁸ PORTO, Ana Gomes. Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas- IFCH, Campinas, São Paulo, 2003, p. 117.

investigações iniciadas, naquele contexto, sobre os possíveis delitos cometidos por Manoel Antonio. O articulista comentou na época que as investigações não foram feitas de maneira aberta, porque aparentemente o investigado possuía residência na Rua das Cajazeiras e indicava dispor de meios que lhe permitiram fazer “*acquisição de alguns casebres das imediações e até emprestar quantias importantes, segundo nos informam.*”³¹⁹

Em vista dessa desconfiança, as investigações realizadas pelo delegado Antonio de Mello Bastos sobre Manoel Antonio, segundo aponta o articulista, apontava que o suspeito era um sujeito que despertava intrigas na sociedade. Tanto que o delegado mandou chamar sua presença no dia 23 daquele mês “[...] o misterioso Manoel Antonio, que sendo com jeito Interrogado, declarou ter por diversas vezes tirado rolos de fumo, em número de 8 do depósito que o sr. Olympio Machado Vieira tem contigo no seu estabelecimento comercial na mesma rua das Cajazeiras.”³²⁰

A desconfiança do delegado e das pessoas da cidade, segundo considera o jornal, dava-se porque Manoel era um *homem bem sucedido*. Esse caso, como outros que conseguimos levantar, a partir das notas publicadas na imprensa, nos chama atenção para muitos elementos diante da situação e contexto em que estamos analisando. A primeira é a própria ideia de homem. Nesse caso, o modo de pensar esse homem caxiense, em vista da sua cor, acaba sublinhando, no contexto, e mais nos direcionado a pensar como o ranço, ao que diz respeito ao pensamento da sociedade em relação ao negro, mantinha-se de forma expressiva.

Richard Miskolci (2012), afirma que a ideia de nação, nesse final do século XIX, constituía-se pelo desejo de instituir uma perspectiva de embranquecimento do país, pois, nessa conjuntura, pensava-se em ter, dentro das relações étnicas, um perfil que apresentasse elementos da cultura de um povo padrão, de um povo puro, ou seja, um povo branco. Pode parecer sem nexos apresentar as percepções estabelecidas de Richard Miskolci e a vida de Antonio Manoel, mas se aproximam, porque o autor busca entender o elemento da cor como uma perspectiva cujo objetivo, no contexto, seria frear sujeitos cujas práticas pudessem impedir para agregar na formação da nação desejada, a chamada nação branca.

O comportamento apresentado pelo gatuno em questão tinha sobre os olhos dos

³¹⁹ Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, número, 385, p. 01

³²⁰ Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, número 385, p. 01.

agentes de controle em Caxias, e mais ainda pelo olhar da imprensa, práticas que deveriam ser banidas e corrigidas. Para o jornal, a nação deveria se constituir de sujeitos que contribuíssem para o crescimento do país, a ideia de correção desses indivíduos, que apresentavam ações como o roubo, por exemplo, era uma das medidas para se pensar em uma nação ideal³²¹. Desse modo, Manoel Antonio, em seu depoimento, afirmou como conseguiu adquirir recursos e manter seus negócios.

Assim, o jornal considerou que *“seguro de não haver patrulhas na cidade, quanto mais naquela rua dos arrebaldes penetrava pelo telhado no referido depósito, atirava um rolo de fumo para a rua por uma janela.”*³²² O mesmo não possuía nenhuma dificuldade, pois de acordo com suas afirmativas ele *“abria e em seguida fechava, subia novamente por escada, corda ao telhado tendo o cuidado de repor as telhas no lugar de modo a não deixar o vestígio de arrombamento.”*³²³ Após estar de posse dos objetos subtraídos, o mesmo afirmou ao delegado que *“tratava de vendel-o retalhadamente a diversas pessoas declarando que era de uns parentes de fora que disso o encarregavam.”*³²⁴

Segundo o articulista, questionado como procedia em relação aos outros espaços nos quais ele também subtraiu tais objetos, Manoel Antonio falou que essa forma também era utilizada em *“outros assaltos feitos a diversas casas commerciaes.”*³²⁵ Depois das revelações feitas, o jornal aponta que o gatuno Manoel Antonio *“foi recolhido a cadeia onde ainda se acha constado que é desertor e usa nome supposto.”*³²⁶

Em relação a essa questão, sobre os atos de infração, Michel Foucault (2009) nos aponta que existe na verdade a passagem de *“uma criminalidade de sangue”* para *“uma criminalidade de fraude”*. O autor ratifica que esta questão faz parte de um mecanismo complexo, configurando, em vistas ao crescimento da produtividade, o aumento de riquezas, como também uma *“valorização jurídica e moral”* quando se tratava das relações de propriedade e da constituição de métodos de vigilância com mais rigorosidade. Além da criação de *“um policiamento mais estreito da população, com técnicas mais bem ajustadas de descoberta, de captura, de informação: o deslocamento*

³²¹ MISKOLCI, Richard. O Desejo da Nação: Masculinidade e Branquitude no Brasil de fins do XIX. Editora AnnaBlume, 2012, p. 48.

³²² Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, número, 385, p. 01.

³²³ Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, número, 385, p. 01.

³²⁴ Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, número, 385, p. 01.

³²⁵ Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, número, 385, p. 01.

³²⁶ Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, número, 385, p. 01.

das práticas ilegais é correlato de uma extensão e de um afinamento das práticas punitivas.”³²⁷

Sobre esse ponto de vista, a exemplo das publicações do *Jornal de Caxias*, esse divulga uma nota sobre um roubo que foi realizado no dia vinte e seis do mês de junho, mas que só ganha espaço no periódico, em primeiro de julho de 1905. O fato aconteceu no estabelecimento comercial, que amanheceu arrombado, dos “senhores Bastos e Sobrinho na Rua de Conselheiro Sinval, com a quina para o Largo da Matriz.”³²⁸

Segundo o que nos apresenta o jornal, “não se achando em exercício o Delegado de polícia que no dia anterior seguira para capital, sem passar o cargo o sr major Melo Bastos chefe”³²⁹. A responsabilidade a cargo do subdelegado “*Raphael Macedo que coadjuvante pelo major conseguindo a prisão do gatuno que chama se Augusto Alves de 19 annos de idade e que foi empregado do Circo Valparaiso.*”³³⁰

Mas esse não foi o único caso ocorrido nas proximidades da Praça da Matriz, pois, por ser a mesma contemplada de casas comerciais, era propícia a outros episódios envolvendo um *gatuno incorrigível*, como os articulistas sublinhavam nas páginas dos jornais. Assim, foi noticiado pelo *Jornal de Caxias*:

Na noute de 27 do mês passado um explorador do alheio aproveitando-se da chuva que havia, fez um buraco com formão, em uma das portas do lado do becco dos Barbeiros, da loja dos srs. Teixeira & Muniz, querendo tirara tranca, mas sentindo por pessoas que mora próximo a loja abandonou o trabalho executado indo procurar um armazem do largo da Matriz; não podendo penetrar nelle, por existir no logar muitos saccos de assucar que offereciam forte barreira, penetrou pelo riacho *Pouca vergonha* no interior de duas casa da rua Dias Carneiro, próximas a praça Gonçalves Dias, sem nada obter, por que o seu caiporismo fêl-o ser presenteado.

Foi tentar fortuna em uma casa da rua das Cajaseiras, onde conseguiu obter vinte e tantos mil reis em dinheiro e alguns charutos.

- Na noute seguinte, (28) o sr. Joaquim de Caldas encontrou se no corredor de sua casa com um vulto, a quem deo a voz de prisão; mas o mesmo desembainhando um facão chegou a dar-lhe diversas pranchadas e poz-se ao fresco, conduzindo um relógio que foi deixar

³²⁷ FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhate. 36ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009, p. 98.

³²⁸ *Jornal de Caxias*, 01 de julho de 1905, Ano X, número 491 p. 02

³²⁹ *Jornal de Caxias*, 01 de julho de 1905, Ano X, número 491 p. 02

³³⁰ *Jornal de Caxias*, 04 de março de 1899, Ano IV, número 168 p. 01.

em casa do capitão José de Sant' Anna Pinto, com mandante da força municipal, na qual penetrou levando da li outro relógio de mais valor.³³¹

A ideia da eficiência da polícia na cidade³³² acaba sendo um elemento que, ora se torna a fonte da resolução dos problemas, ora se apresenta pelos discursos da imprensa como mecanismos de falhas. O que nos demonstra que a representação da eficiência e a prática da eficiência desse dispositivo de poder, em Caxias, são moldadas em situações chave, por exemplo, com sujeitos de representatividade no bojo das relações sociais da cidade.

A polícia, portanto, pode ser compreendida de cima como a instituição do Estado criada pelas elites governantes para vigilância permanente, disciplina, controle e repressão da desordem, do crime e dos comportamentos que essas camadas superiores da sociedade consideram inaceitáveis. Mas a análise do cotidiano das práticas policiais mostra uma instituição nem sempre coerente com as expectativas de tais grupos, pois mesmo que as elites e/ou os governantes tenham clareza sobre as funções que a polícia deve desempenhar, existe uma distância entre o que os agentes policiais efetivamente fazem e o que se encontra expresso nas leis, regulamentos e discursos de autoridades policiais.³³³

Por exemplo, no caso do roubo desse comerciante como outros que conseguimos trazer tona, o perfil do comportamento instituído aos homens que cumprem a lei, como os homens que promovem a lei. Desse modo, podemos pensar o que é a polícia? E que comportamento esses homens, que fazem parte desse dispositivo de segurança, assumem quando estão exercendo o cargo?

Nesse sentido, voltando ao caso do roubo, o jornal conta que nem todos os gatunos participantes do arrombamento realizado no armazém do seu Bernardino foram

³³¹ Jornal de Caxias, 01 de julho de 1905, Ano X, número 491 p. 02

³³² Logo, não há que se surpreender com um certo número de fatos. Primeiramente, sua prática, em suas instituições reais essas legislações urbanas que as grandes complicações do século XVIII reúnem, de onde vêm? Em geral são antigas, remontam aos séculos XVI, XV, XIV, às vezes, e são essencialmente legislações urbanas. Ou seja, a polícia, em suas práticas e em suas instituições, muitas vezes não fez mais que retornar essa preliminar que era regulamentação urbana, tal como tinha se desenvolvido desde a Idade Média e que dizia respeito à coabitação dos homens, à fabricação das mercadorias, à venda dos gêneros. É, portanto uma espécie de extensão dessa regulamentação urbana que a polícia do século XVII e do século XVIII vai visar. FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: (Coleção tópicos). Martins Fontes, 2008, p. 452.

³³³ MAUCH, Cláudia. Dizendo-se autoridade: polícia e policiais em Porto Alegre (1896-1929). Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, PPGHIST, Porto Alegre- RS, 2011, p. 16.

capturados, mas que o “infeliz mancebo que é conhecido por *Faceiro* confessou como pôde introduzir-se na loja, donde retirou somente 30 mil réis em dinheiro encontrado na gaveta de balcão, 4 botões, 1 colarzinho e 1 relógio.” Assim, mediante a captura do jovem gatuno, a autoridade responsável pelo caso, “precedeo as diligencias necessárias achando-se recolhido a cadeia o moço [...]. A cuja educação inclinação que revelou, o que é digno de lástima.”³³⁴

Outro elemento notório é a idade do jovem gatuno, visto como uma questão grave para a sociedade em Caxias, pois os jovens eram uma projeção de homens, capazes de gerenciar o país com mais eficácia, porém é possível identificar características de uma frustração, quando se noticiava que jovens estavam praticando ações como roubo, furto na cidade de Caxias.

Em relação a essa questão, Richard Miskolci aponta que, devido ao desejo de constituir-se a nação ideal, apresentou-se uma gama de medidas de controle que buscava regulamentar o país. Além dessa prerrogativa, o autor aponta que o país direcionava para regulamentar ações modernas e banir as medidas que ainda eram pertencentes ao contexto do Império.

O ideal de nação branca e civilizada vinculava o projeto político eminentemente coletivo com o controle disciplinamento da vida individual e íntima. As ansiedades coletivas e individuais tinham eixo comum já que se baseavam em inimigos internos simetricamente constituídos pelos discursos intelectuais vigentes. Em termos coletivos, temia-se a reprodução ou a preponderância das raças consideradas inferiores e inapta são progresso, o que ocorreria inevitavelmente se não se inculcasse no indivíduo a responsabilidade pelo autocontrole e domínio sobre os instintos, vistos como a ameaça sempre à espreita à moralidade da qual dependia a formação de casais saudáveis que gerariam filhos da nação.³³⁵

Desse modo, a imprensa buscava demonstrar, ao longo das notas informativas sobre a prática da gatunagem, ser uma ação que constituía o atraso social de uma cidade, e, principalmente, servia como exemplo de não ser homem, pois congregava elementos reprovativos aos olhos da sociedade. Por isso, em alguns momentos, os jornais demonstravam casos com intuito de apontar quando se praticava em demasia atos com

³³⁴ Jornal de Caxias, 01 de julho de 1905, Ano, X, número 491 p. 02

³³⁵ MISKOLCI, Richard. O Desejo da Nação: Masculinidade e Branquitude no Brasil de fins do XIX. Editora AnnaBlume, 2012, pp.42- 43.

teor reprovativo, esse homem situaria como um antimodelo, e entraria em “um caminho sem volta.”

Como exemplo, o *Jornal de Caxias* publica uma nota, digamos de passagem, extensa sobre a recorrência da prática da gatunagem. O jornal intitulou de *Gatuno incorrigível*, fazendo referência ao “preto liberto Felix Vieira Chaves”³³⁶, que segundo o que ratifica o jornal, em relação à prática da gatunagem, mesmo sendo várias vezes preso não se tornou uma pessoa de bem.³³⁷ O *Jornal de Caxias* afirma que “há muito cumpre sentença na cadeia por crime e roubo. Continua a exercer a vontade, a sua triste vocação, pois sempre que lhe apraz, sabe da prisão, de noute para assaltar as casas alheias.”³³⁸

Nas considerações do articulista do jornal, Felix, juntamente com seus *atos reprovativos*, em Caxias, era considerado como um sujeito incapaz de se tornar um homem de bem, e que esse não buscaria apresentar outro comportamento. Porque, logo após ganhar liberdade, voltaria a realizar furtos, retornando ao recolhimento da cadeia da cidade. Segundo o articulista, *o gatuno incorrigível*, em suas primeiras horas em liberdade, não iria demorar muito pelas ruas da cidade, porque seria em breve que o delegado de polícia o encontraria. Em visto disso, o articulista aponta, logo na noite seguinte, que ele estava “no telhado da casa do major João Pereira da Silva, com intuito de introduzir se na loja.”³³⁹

Porém, a referência a este caso não fica isolada, pois depois desse flagrante o articulista nos aponta que ele foi pego em outra situação de furto. Agora em um arrombamento de uma carteira do armazém dos srs. Roberto Wall & C. da qual foi retirada cerca de 400 mil reis em dinheiro. Segundo a informação publicada pelo jornal, em vista do bem sucedido furto, Felix ao perceber o cair a madrugada sobre a cidade de Caxias, no mês em que ocorreu o assalto, penetrou-se através do grande “telhado no armazemdaquellessrs. onde supprio-se a escolha de fazendas e outros objectos que lhe

³³⁶ *Jornal de Caxias*, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

³³⁷ Segundo as considerações de Michel Foucault em livro *Segurança, Território e População* [...] a punição não é simplesmente esse momento espetacular, definitivo, do enforcamento, da multa ou do desterro, mas será urna prática como o encarceramento, impondo ao culpado toda uma série de exercícios, de trabalhos trabalho de transformação na forma, simplesmente, do que se chama de técnicas penitenciárias, trabalho obrigatório, moralização, correção, etc. FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: (Coleção tópicos). Martins Fontes, 2008, p. 07.

³³⁸ *Jornal de Caxias*, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

³³⁹ *Jornal de Caxias*, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

agradaram e pode encher o cofre.”³⁴⁰

O articulista traz à tona as informações sobre o ato do “homem incorrigível”, o mesmo nessa ocasião que “dirigia-se carregando bem promovido volume, para o quintal completamente nu, na 5 horas da manhã, procurando saído pelo portão de um muro quando, ao abrir-o esbarrou-se frente a frente com a pessoa da casa que pode reconhecê-lo, mas não pegá-lo.”³⁴¹ Isso porque o “malgrado assaltante atirou ao chão a sua presa e, nu como estava por se a fresco, seguindo consta ainda não recolheu se a cadeia, como era de costume fazê-lo.”³⁴²

Refletindo sobre a ideia de *Nação desejada*, Richard Miskolci (2012) nos aponta que o comportamento dos homens se tornava um dos pilares para se alcançar tal propósito. Pensando sobre esta questão, Ana Ottini (2012), em sua pesquisa tendo como foco o Rio de Janeiro no mesmo período da nossa pesquisa, aponta que diante da dinâmica e agilidade dos gatunos foram constituídas, dentro das ações de controle, medidas em prol desse aumento da gatunagem, porém notamos que existia uma falha quando se tratava do policiamento e regularidade em combate contra os gatunos.

Assim, como vimos, as relações intrínsecas que os jornais procuravam estabelecer entre o policiamento da cidade e o aumento da criminalidade podem ser vistas como resultado dos conflitos de interesses que pareciam existir entre os jornalistas e a polícia ou decorrentes dos contatos diários que os repórteres passaram a ter mais intensamente com o público a partir do início do século XX. No caso mais específico dos crimes de gatunagem, as relações intrínsecas que os jornalistas também por mais outro motivo. Talvez isso tenha a ver com o próprio fato de os outros e furtos serem crimes que denunciam o descuido das autoridades em relação a segurança pública das cidades, uma vez que são delitos que podem ser monitorados, dependendo da ação do poder público e de uma boa legislação penal [...].³⁴³

É por isso que ratificando sobre esta questão, o próprio articulista, ao apresentar as várias aventuras do gatuno Felix, afirma “que administração da nossa cadeia pública continua a ser tão irregular, que sahem della sentenciados a noute para assaltarem casas,

³⁴⁰ Jornal de Caxias, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

³⁴¹ Jornal de Caxias, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

³⁴² Jornal de Caxias, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

³⁴³ OTTONI, Ana Vasconcelos. O Paraíso dos ladrões: crimes e criminosos nas reportagens policiais da Imprensa Rio de Janeiro. (1900-1920). (Tese), UFF, Rio de Janeiro, 2012, p. 76.

como o caba de dar-se com a dos srs Roberto Wall & Ca!.”³⁴⁴

As práticas de controle seriam, nesse caso, uma maneira encontrada para coibir a ação dos gatunos, mas como o próprio articulista chamou atenção existia em algumas situações uma inoperância do sistema, pois como fizemos referência ao caso, a ausência da educabilidade e o disciplinamento do *gatuno incorrigível*, seria um motivo para que esse homem continuasse com as práticas.

A ênfase na prevenção teria representado nova atitude diante do controle social, com o desenvolvimento, pela polícia, de uma habilidade específica: a de explicar e prevenir o comportamento criminoso, o que acabou redundando no foco nas “classes perigosas”, ou seja, em setores específicos da população que passaram a ser vistos como produtores de comportamento criminoso.³⁴⁵

Para Foucault, a normalização disciplinar consistia em colocar um padrão para que as pessoas pudessem espelhar-se, e dessa forma poderia se constituir a normatização social da sociedade. Para o autor, a norma seria o elemento primordial para normalização da sociedade e os sujeitos. Por isso percebemos uma intensidade de discursos apontando a necessidade de sanar esses problemas do cenário da cidade, em prol de uma cidade ideal.³⁴⁶ O *Jornal de Caxias*, por exemplo, afirma que, mesmo apresentando medidas para constituição de uma sociedade baseada na regularidade, na tranquilidade, sem os chamados desordeiros, existia um número expressivo de casos ocorrendo pela cidade.

Sobre essa questão, Sandra Jatahy Pesavento (2004) aponta que a “reincidência das notícias policiais nos periódicos” demarcaria, dentro da perspectiva da ausência, uma insuficiência de agentes da lei, ou seja, policiais para suprimir a grande necessidade que estava emergindo, visto a demanda de fatos ocorridos. Uma situação que, como afirma a autora, também seria influenciada pela prática de “desregramento da própria polícia”, que poderia estar entrelaçada aos sujeitos, segundo o que a imprensa insistia em apontar, os “desordeiros da tranquilidade”.³⁴⁷

Uma questão que nos chama atenção, ao pensar nas práticas de gatunagem em

³⁴⁴ *Jornal de Caxias*, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

³⁴⁵ MAUCH, Cláudia. *Dizendo-se autoridade: polícia e policiais em Porto Alegre (1896-1929)*. Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, PPGHIST, Porto Alegre- RS, 2011, p. 18.

³⁴⁶ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: (Coleção tópicos). Martins Fontes, 2008.

³⁴⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX*. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 27-37, dezembro 2004, p. 33.

Caxias, é sobre o que é furtado. Notamos, nos casos informados pelos jornais, que o tipo de roubo realizado se caracterizava na maioria das vezes de coisas pequenas, mas também não configuraria como regra dentro dos objetos furtados ou roubados. Um exemplo, desses elementos subtraídos, ocorreu na Loja do senhor Trindade Vidigal, o gatuno furtou do seu estabelecimento *um metro de chita*. Segundo informações, o indivíduo que realizou tal ato morava no Cangalheiro, bairro considerado no contexto, como um espaço perigoso.³⁴⁸

Em outra situação, a polícia foi acionada para realizar o corpo de delito em duas casas de porta e janela, “à rua da Taboca, onde moram Anna Ferreira Lima e Raimundo Vianna Lula, dos quaes foram furtados uma rede, uma toalha, um botão de ouro para camisa de homem, um cadeado pequeno e chave, um pente e um de papel.”³⁴⁹

Sobre essa realidade, observamos que, quando as casas eram furtadas, os gatunos extraíam objetos pertencentes ao dia a dia dos caxienses, demonstrando que o alvo dos desordeiros não tinha grandes pretensões como, por exemplo, ocorre com a casa de Sr. Frank Ezell, morador da Trezidella, cuja casa ficava nas proximidades da Fábrica Sanharó. O fato ocorreu no dia nove de janeiro, em que o gatuno subtraiu “[...] cento e tantos mil reis em dinheiro, 1 relógio de ouro com corrente de plaque, 3 calças, 4 camisas, 1 chapéu de feltro, uma rede fina e outros objectos de uso doméstico, pondo-se no fresco com toda colheita, procurando ir gosar de tudo tora d'aqui.”³⁵⁰

E outras vezes, os casos de furto situavam-se na mesma rua. Como foi o furto que também aconteceu na Rua das Tabocas, em que foram subtraídos objetos de um baú, segundo informações apuradas pela queixa realizada na delegacia por Maria de tal, que afirmou em seu depoimento que “na noute de 25 do corrente, alguém penetrou em sua casa na sua ausência, pela porta do fundo, q’ estava aberta, e de um baú que estava aberto também furtou diversos objectos dentro.”³⁵¹ O jornal aponta que seria necessária, por parte da polícia³⁵² e órgãos competentes, a realização de medidas para solucionar o caso, em vista das autoridades terem tomado “conhecimento de facto, que afirmou prosseguir em diligências”.

³⁴⁸ Jornal de Caxias, 12 de dezembro de 1896, Ano II, número 59, p. 01.

³⁴⁹ Jornal de Caxias, 27 de maio de 1905, Ano X, número 486 p. 02.

³⁵⁰ Jornal de Caxias, 25 de dezembro de 1896, Ano I, número 17, p. 01.

³⁵¹ Jornal de Caxias, 30 de dezembro de 1905, Ano XI, número 517p. 01.

³⁵² SOUZA, Luís Antônio Francisco de. Ordem social, Polícia Civil e justiça criminal na cidade de São Paulo (1889-1930) Luís Antônio Francisco de Souza / Revista de História 162 (1º semestre de 2010), 179-204, p. 181.

Segundo Luiz Sousa (2010), as instituições policiais no período em questão passaram por mudanças significativas, isso para garantir a ordem no espaço citadino. A ideia era manter a ordem social em um contexto de mudanças no país, principalmente, nesse começo do século XX. Para o autor, vários comportamentos, como a embriaguez, as desordens, as atividades econômicas, entre outras ações dos sujeitos no perímetro urbano, foram alvos das medidas de controle dessa nova perspectiva da polícia. “A reorganização da polícia seguiu o modelo da profissionalização, militarização e especialização, com a introdução de técnicas criminalísticas internacionalmente reconhecidas.”³⁵³

Essas medidas tomadas seriam uma forma para se tentar diminuir o número de casos existentes. Mas como já sublinhamos, não só aumentavam os furtos e roubos na cidade, como também existia uma variedade das coisas furtadas. Como percebemos nas notícias, elas descreviam os objetos furtados ou roubados. Outro aspecto, além da descrição desses elementos furtados, é a possibilidade de entender a localização em que ocorriam tais casos. Nesse sentido, percebemos a ocorrência e recorrência das ações dos gatunos que tiveram expressividade não apenas no perímetro urbano, mas também nos distritos pertencentes à cidade, visto que desde a galinha aos legumes cultivados pelos “cidadãos de bem”, como considerava a imprensa, *tudo* era visto com interesse pelos olhos dos *admiradores das coisas alheias*, como denominava os jornais na época.

Em relação aos legumes, por exemplo, o *Jornal de Caxias* publicou uma nota na qual o periódico denominou de *Contra a gatunagem*, pois, como apontamos anteriormente, segundo o periódico, os gatunos não deixavam os “cidadãos de bem” usufruírem dos resultados das suas atividades laborais, porque tais *gatunos todos os dias* estavam se fazendo presentes *subtraindo legumes*, que já estavam prontos para colher. O ocorrido, segundo apontou o jornal, aconteceu nos arrabaldes da cidade em que é “*plantado de milho, macacheira, feijão e outras fruteiras de rama.*”³⁵⁴ “*Os gatunos penetravam todas as noutes e retiravam, por exemplo, as melancias maiores que encontravam, embora estivessem ainda verdes.*”³⁵⁵

Mas diante do prejuízo, de acordo com as informações apuradas pelo jornal, o dono tomou providências para tal situação, ele afirmou que, “diante dos prejuízos,

³⁵³ Jornal de Caxias, 30 de dezembro de 1905, Ano XI, número 517, p. 01.

³⁵⁴ Jornal de Caxias, 25 de fevereiro de 1899, Ano, IV, número 167, p. 01.

³⁵⁵ Jornal de Caxias, 25 de fevereiro de 1899, Ano, IV, número 167, p. 01.

constitui um preço para que se ponham limites.”³⁵⁶ Nesse ínterim, “o dono das plantações engendrou uma aparelho para tanger uma enorme faca de retalho cru, colocou uma e outra cousa no lugar por onde os freguezes costumavam saltar o cercado, isto pouco depois de anoitecer.”³⁵⁷

Segundo relatou ao jornal, o efeito foi magnífico, pois as “10 da noute, pouco mais ou menos, quando nosso homem já se achava recolhido, ouviu forte arruído no quintal, produzido pelo sibilar da enorme taca, que foi tangida com vigor, um feito abafado e tropel de pessoa que fugia com velocidade! Deu-se isso uma vez, somente.”³⁵⁸ Desde então, “o aparelho amanhece armado, como é deixado todas as noutes, mas em compensação, cessaram os assaltos de gatunos e as melancias estão sendo aproveitadas pelo legitimo dono delas.”³⁵⁹

Nas informações apresentadas pelos periódicos, a festa de alguns gatunos começou a ter um fim, pois a ideia apresentada pelo dono do quintal de plantação de legumes influenciou outras pessoas para tomarem medidas semelhantes. Assim considerou o jornal, que o fato despertou para que alguns homens comessem a colocar armas de fogo carregadas com pólvora e sal, em pontos apropriados de seus quintais, para que se “applicam a explorar a noute os quintaes para desfechar sobre os quintaes alheios em procura de criações, industria essa que aqui tem tomado grande incremento de tempos para cá.”³⁶⁰

Mas esta situação não ficou isolada, por exemplo, o furto de galinhas e animais de criação que proporcionava o lucro de outros trabalhadores também se tornava notícia no jornal da cidade. Por exemplo, o jornal apontou que na “noute de 31 do passado deram no quintal de uma casa do Largo do Rosário e conduziram mais de 30 galinhas e frangos, que encontraram, e na mesma noute tentaram carregar alguma criação que havia na barraca dos Remédios destinada ao leilão da festa.”³⁶¹ Cumpre que a polícia trate de refreá-los.³⁶²

Nessa situação, duas questões se sobressaem: a primeira é a percepção dada pelo articulista, em relação à representação da força policial para combater o que

³⁵⁶ Jornal de Caxias, 25 de fevereiro de 1899, Ano, IV, número 167, p. 01.

³⁵⁷ Jornal de Caxias, 25 de fevereiro de 1899, Ano, IV, número 167, p. 01.

³⁵⁸ Jornal de Caxias, 25 de fevereiro de 1899, Ano, IV, número 167, p. 01.

³⁵⁹ Jornal de Caxias, 25 de fevereiro de 1899, Ano, IV, número 167, p. 01.

³⁶⁰ Jornal de Caxias, 25 de fevereiro de 1899, Ano, IV, número 167, p. 01.

³⁶¹ Jornal de Caxias, 06 de novembro de 1897. Ano II, número 103, p. 01.

³⁶² Jornal de Caxias, 06 de novembro de 1897. Ano II número 103, p. 01.

denominavam como errôneas; e a segunda é a palavra *deram*, destacada na fala do articulista, que nos remete a pensar como a ação de roubar poderia ser apresentada por palavras diversas dentro do contexto que trata a pesquisa.³⁶³

Em similar situação, o gatuno foi pego, mas pego no ato do roubo. Nesse caso, o ocorrido procedeu no estabelecimento comercial do Sr. Leovegildo Guimarães, no povoado Ponte, em que o gatuno tentava levar “um sacco contendo arroz pilado e umas garrafas com vinho cujos objectos talvez presasse em tomar uma fartadela no dia seguinte, por ocasião dos festejos do domingo.”³⁶⁴ Mas, segundo o articulista, o mesmo “sahio-lhe porem do ser lhe tomada a preza, foi passar o dia na cadeia desta cidade, onde não havia divertimento algum.”³⁶⁵

Notamos que existe, por parte do articulista, uma crítica em relação aos mantenedores da lei e bons costumes. Mas em outros momentos, como nesse último citado, o discurso do jornal afirma que muitos desordeiros foram flagrados em seus atos e, conseqüentemente, punidos para cumprir suas penas.

Por isso em outra situação de roubo, visto o número de casos que se tornaram comum, o articulista já apresentava os fatos como “*Proesas de Gatunos*” devido agilidade desenvolvida para subtrair tanto que, em muitos casos, o jornal já usava expressões como “os amigos do alheio”. Nesse caso, podemos apresentar outra situação ocorriada “na Tresidela em que o snr. Dorotheo de Souza Lima negociante daquelle povoado teve há poucos dias assaltado o seu estabelecimento, d’onde foram conduzidos diversos saccos de sal e outros objectos.”³⁶⁶

Além de apresentar a notícia, em um tom de familiaridade, sobre o ato realizado pelo gatuno, torna-se notório para nossa análise certo descrédito em relação às autoridades competentes, por causa do número expressivo de roubos na cidade de Caxias, ao ponto do jornal afirmar principalmente se tratando do furto na casa do comerciante Dorotheo de Souza Lima, que este é mais um que “ficará impune o autor

³⁶³Quando escolhemos as palavras, no processo de construção de um enunciado, nem de longe as tomamos sempre do sistema da língua, em sua forma neutra *lexicográfica*. Costumamos tirá-las de *outros enunciados*, e, antes de tudo, de enunciados congêneres com o nosso, isto é, pelo tema, pela composição, pelo estilo; conseqüentemente selecionamos as palavras segundo a sua especificação de gênero. BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp. 292-293.

³⁶⁴ Jornal de Caxias, 17 de junho de 1905, Ano X, número 486 p. 01.

³⁶⁵ Jornal de Caxias, 17 de junho de 1905, Ano X, número 486 p. 01.

³⁶⁶ Jornal de Caxias, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

dessa façanha porque há de ser difícil descobrir”!³⁶⁷

Mas o seu Dorotheo não foi o único no povoado a sofrer as ações das virilidades desordeiras, outro comerciante, em outro momento, passou pela situação de ter seus objetos usurpados por um admirador das coisas alheias, como a imprensa definia os homens que cometiam tais delitos. No caso, o espaço já tinha sido alvo dos gatunos da cidade, anteriormente a esse episódio. O fato tinha ocorrido com Antonio Teixeira de Moura estabelecido também com sua quitanda na Tresidela. Segundo a notícia, o mesmo verificou o roubo, às dez horas da noite, quando estava fechando o seu estabelecimento, através de um buraco feito na parede do espaço de venda. Nas informações apontadas, o gatuno levou “[...] o dinheiro, que havia feito, a rede em que ele dormia, dois meios de solla, um couro de veado e vários objetos, que segundo nos informaram pode tudo andar em 200,000 reis.”³⁶⁸

Como percebemos, através das notas publicadas pelo jornal, os comerciantes eram um dos principais alvos dos gatunos. Isso visto a circulação de valores e mercadorias com maior valor. E não importava o local da cidade em que se localizava este comerciante, pois, como coloca o articulista do *Jornal de Caxias*, as ações desses “homens desordeiros” praticantes da gatunagem não tinham limites. Nesse sentido, era comum ter roubos no centro da cidade, principalmente nos estabelecimentos, como ocorreu com o comerciante “Manoel de Sousa Lima & Sobrinho, na rua de S. Benedito.”³⁶⁹

Na cobertura do fato, o articulista apontou que o assalto foi realizado no dia em que os donos realizaram conferência de “supermercadorias que os proprietários delle trocaram da capital”³⁷⁰ Sendo que os mesmos foram assaltados “na noute de 22 do corrente conduzindo os gatunos e que quiseram, cujo importância ainda não pode ser verificada por estar tudo desarrumado.”³⁷¹

Para o articulista, os assaltantes pareciam pertencer a um grupo de vadios, por tão tal modo ousado que realizaram o roubo, pois a rua em que ficava o armazém localizava-se em uma parte da cidade cujo fluxo é bem maior que nas demais. Para o articulista, tal proeza ocorreu visto a boa estratégia, mas também por estarem

³⁶⁷ *Jornal de Caxias*, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, número 423, p. 01.

³⁶⁸ *Jornal de Caxias*, 23 de janeiro de 1897, Ano II, número 65, p. 01.

³⁶⁹ *Jornal de Caxias*, 27 de maio de 1905, Ano X, número 486 p. 01.

³⁷⁰ *Jornal de Caxias*, 27 de maio de 1905, Ano X, número 486 p. 01.

³⁷¹ *Jornal de Caxias*, 27 de maio de 1905, Ano X, número 486 p. 01.

“confiados, talvez, na falta de policiamento da cidade”.³⁷² Além de se tratar de um “commerciante que geme com a excessiva carga de impostos que se defendia como poder - depois de escriptas”.³⁷³

Nesse caso, podemos perceber que existe uma crítica, por parte do jornal, ao sistema de policiamento da cidade, no que diz respeito não apenas ao caso citado, mas a todos os casos que mencionamos ao longo desse nosso trabalho. Mas, entre a eficiência e ineficiência na resolução de casos de roubos, notamos que a imprensa muda essa percepção em relação aos homens da ordem, principalmente quando os homens desordeiros, eram presos por seus atos. Para imprensa isso demonstrava, agilidade por parte desses agentes da ordem.

Por acaso, isso se tornou visível no roubo que aconteceu na casa do Sr. Floriano Pereira de Araujo e Silva, que, segundo informa o Jornal do Commercio, em 1915, era um “conceituado negociante” da cidade e foi visitado por um gatuno em seu estabelecimento, cuja localização ficava na Rua Aarão Reis. Segundo relatos do comerciante ao jornal, “foi surpreendido por encontrar uma porta aberta, verificando logo ter sido roubado”.³⁷⁴

Em vista de o objeto usurpado pertencer a um expressivo comerciante da cidade, o jornal afirma que logo foram tomadas providencias quanto ao caso. Um fato cuja solução foi encontrada rapidamente, como informa o jornal, pois segundo a contribuição de diversos “quitandeiros” que o “indivíduo Rozendo de tal vendia, os produtos furtados”.

Mas esse caso não foi o único como podemos perceber, o *antimodelo de homem*, conforme demonstra a imprensa, fazia-se presente de forma demasiada. Em outra edição do jornal do Commercio, o mesmo aponta um furto ocorrido em mais uma casa de comércio de Caxias.

Na ocasião, o ocorrido, se estabeleceu na casa comercial da viúva Luiza Pastor Vidigal, localizada na Rua Aarão Reis, onde o gatuno foi encontrado subindo o seu telhado.

Porém, como aponta o Jornal O Paiz, o mesmo não teve sorte, pois Leoncio Filho, capitão da polícia que residia ao lado da casa comercial, incomodado pelo barulho no telhado da vizinha, saiu para averiguar o que o perturbava. Para o capitão, o gatuno, cujo nome não foi identificado, afirmava ser sua ação decorrente de “uma prestação de

³⁷² Jornal de Caxias, 27 de maio de 1905, Ano X, número 486 p. 01.

³⁷³ Jornal de Caxias, 27 de maio de 1905, Ano X, número 486 p. 01.

³⁷⁴ Jornal do Commercio, 10 de abril de 1915, Ano X, número, 529, p.01.

serviço”, porém devido a hora da madrugada, tanto o capitão como os demais moradores que direcionaram para apurar o motivo do barulho consideraram “sêr impropria a hora escolhida para um tal serviço”³⁷⁵ que objetiva o jovem oferecer àquele estabelecimento comercial.

Por isso, Foucault (2008) considera que é preciso realizar uma codificação em relação ao que está se chamando de *práticas ilícitas*, pois existem, dentro desse mundo social e econômico, mudanças perceptíveis quando se reflete sobre essas maneiras de pensar o que não é correto, porque o que vai permanecer como prisma para olhar as chamadas irregularidades cometidas pelos gatunos, por exemplo, são os sujeitos que as praticam e o lugar social deles.

Sobre esta questão, Sidney Chalhoub chama atenção para a ideia de *classes perigosas*, como um conceito que nos ajuda a compreender a justificativa dada pela imprensa quando representa os homens que cometiam crimes, como furto e o roubo. Segundo o autor, a relação estabelecida, entre o conceito e as práticas, disseminou como um parâmetro explicativo diante das ações desses sujeitos vistos também como populares.

O ‘popular’ não está contido em conjuntos de elementos a que bastariam identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca, necessariamente, o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como ‘populares’ em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados.³⁷⁶

Nessa perspectiva, o marcador social torna-se a balança para denominar o perfil social desse homem, e desse modo tal condição representativa constituía, ao *homem popular, uma masculinidade popular*, um padrão masculino em vista das suas práticas que não configuravam como modelo a ser seguido pelos demais.

Sobre esta questão, Michael Kimmel (1998), pensado sobre a produção de masculinidades tanto hegemônica quanto subalterna, faz considerações importantes para nos ajudar a entender como em Caxias se operacionalizava o sentido dado ao

³⁷⁵ Jornal O Paiz, 17 de fevereiro de 1903, número 05, Ano I, p. 03.

³⁷⁶ CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 8, nº16, 1995, p. 185.

homem gatuno, como um contra ponto ao perfil desejado para cidade, que conseqüentemente não mantinha consonância ao modelo de homem desejado para formar a Nação.

Para Kimmel, com o desenvolvimento econômico, foi possível perceber mudanças nas relações de gênero, pois houve um reforço, principalmente das construções instituídas historicamente, para se pensar a masculinidade. Dentro dessa perspectiva, o modelo hegemônico, olhando para realidade na cidade de Caxias, foi dimensionado para identificar que o gatuno configura-se uma masculinidade subalterna, cujas práticas se distanciam das características que reforçam a ideia do modelo hegemônico de masculinidade.

No caso do comerciante, os elementos apresentados sobre ele se configuram como um modelo ideal, pois constituía, dentre muitos aspectos, que ser comerciante e trabalhador, o sujeito acabava efetivando práticas que denotavam o reforço da sua masculinidade, mas também o colocando dentro dessa perspectiva da “hegemonia masculina”.

Mas como Kimmel mesmo aponta, em paralelo ao tempo que se reforça o padrão de masculinidade hegemônica, que outras masculinidades estão sendo produzidas e reforçadas, porém, como já mencionamos anteriormente, essa masculinidade ou masculinidades subalternas se instituiu/instituíram-se enquanto tal, por outros caracteres simbólicos. Nesse ponto, Kimmel afirma que “o hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros”.³⁷⁷

Por essa perspectiva, outra realidade que devemos ressaltar é que a sexualidade não é acionada para se dizer hegemônico e subalterno, pois como nos referimos à linguagem simbólica, que interpela a constituição de um dizer sobre os homens, acionam outros elementos para falar qual modelo deveria ser seguido, reforçando esse modelo. Desse modo, a imprensa caxiense, engajada para alcançar tal modelo, reforça em suas páginas informações sobre práticas vistas como *desviantes*, principalmente, dos *amigos do alheio*.

O *Jornal de Caxias*, nesse sentido, publica dois casos de roubo, o primeiro em uma Igreja, segundo o articulista, lugar onde os gatunos não deveriam colocar suas

³⁷⁷ KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos – Corpo, Doença e Saúde. Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, n. 9, pp. 103-117, 1998, p. 105.

garras; o outro seria a Câmara Municipal da cidade. Como bem ratifica o articulista, engana-se diante das ações dos gatunos, pois o admirador das coisas alheias adentrou ao espaço da Câmara para subtrair, de acordo com o jornal, “diversos rolos de fumo pagos a Intendência pelos arremates de vasa des e levou 2 rolos sem que até agora se tenha descoberto o autor dessa graça.”³⁷⁸ Nas considerações do jornal, o limite é algo fora do conhecimento desses homens desordeiros.

Em relação ao fato ocorrido no espaço da Igreja, a informação foi publicada pelo jornal *Gazeta Caxiense*. O periódico denomina a nota de *Roubo Sacrilégio*. O “fato deu-se há dias em uma das mais ricas igrejas”.³⁷⁹ O articulista caracterizou em suas palavras que a ação foi entendida pela população como “um roubo revestido das circunstâncias mais revoltantes.”³⁸⁰

Segundo o jornal, o gatuno estava “munido de chaves falsas, que fez com ele penetrara no interior da igreja pelos fundos da sacristia e da imagem de S. Sebastião arrancou as selas de ouro, deixando aos pés do santo um cartaz que assim rezava: basta de martyrio, meu Santo.”³⁸¹

O jornal considerou que dentre os objetos subtraídos do santo lugar tiveram “uma coróia de espinhos que o Senhor dos Passos tinha na cabeça e que era de ouro, (como também) [*grifo nosso*] foi lhe substituída por um chapeo velho do gatuno com o seguinte letreiro: acceitas este chapéo para melhor agazalhar vossa cabeça.”³⁸² Além de S. Benedicto, “as sandalas, que eram de prata e deixou-lhe escripto: Negro não tem luxo”.³⁸³ O articulista do jornal demonstrou sua opinião questionando porque nem o espaço da Igreja, um espaço religioso, foi poupado. Aos olhos do articulista, o gatuno não se preocupava em saber sobre o espaço, mas o que as pessoas e a Igreja guardavam nele.

O *Jornal de Caxias* afirma que os tempos religiosos sempre foram alvos dos desordeiros, pois uma hora e outra chegavam notícias referentes às subtrações dos pertences da igreja. E sempre quando era noticiado, o articulista apresentava espantado, pois sempre tinha algo novo nessa subtração. Por exemplo, nesse caso, o jornal notícia que *o gatuno, sobre o sol que iluminava o pingo meio dia, arrombou os “5 cofres de*

³⁷⁸ Jornal de Caxias, 09 de abril de 1904, Ano, IX, número 423, p. 02.

³⁷⁹ Gazeta Caxiense, 27 de março de 1894, p. 112, p. 02.

³⁸⁰ Gazeta Caxiense, 27 de março de 1894, p. 112, p. 02.

³⁸¹ Gazeta Caxiense, 27 de março de 1894, p. 112, p. 02.

³⁸² Gazeta Caxiense, 27 de março de 1894, p. 112, p. 02.

³⁸³ Gazeta Caxiense, 27 de março de 1894, p. 112, p. 02.

esmolas existentes no interior da igreja de S. Benedicto, os quaes ficaram limpos retirando-se o gatuno sem ser visto por uma das portas de templo que deixou aberta”.³⁸⁴

Desse modo, o articulista considera “estamos todos a mercê desses malfeitores q’ se tem tornando tão audaciosos por falta de meios de repressão!”³⁸⁵ Isso devido ao roubo ocorrido na residência de um dos agentes da lei, “capitão José de Sant’Anna que, como dissemos, foi também roubados por elles (gatunos) na mesmo noute de 28.”³⁸⁶ Em relação à prática, o articulista aponta que seria necessária a constituição de estratégias mais enérgicas, para se tentar coibir os chamados gatunos desordeiros.

Em vista da presença expressiva da prática da gatunagem na cidade, o *Jornal de Caxias* publicou, em uma das suas edições, uma poesia apresentando a constituição dos elementos representativos da prática da gatunagem, como também a própria imagem da figura do gatuno em suas atividades, consideradas pela imprensa como ações deturpadoras da ideia de ordem.

Quadro dos Gatunos!

A chula abaixo é a promettida no passado deste semanário; portanto é devida. Atenção

Eil-a!

Queremos agora, agora
Lembrar o tempo de outrora,
Nesta chula de ladrões...
Figura nella o talxico,
Coberto de terra e pico,
E de feias confusões!

Esse ladrão, esse porto,
Para roubar finge-se morto,
Esste vil do porto grande!
Peste bubônica em quente!
Com bexiga preta, gente!
Sou gênio misero expande!

Dez felizfamosos, bons

³⁸⁴ *Jornal de Caxias*, 03 de outubro de 1903, Ano VIII, número, 403, p. 01.

³⁸⁵ *Jornal de Caxias*, 04 de março de 1899, Ano IV, número, 168, p. 01.

³⁸⁶ *Jornal de Caxias*, 04 de março de 1899, Ano IV, número, 168, p. 01.

De passos de *bellossous*,
 Destemidos e ligeiros,
 Têmoutras preciosas

Não mostram tão más acções,
 Dos gatunos verdadeiros!
 Voltemos a vacca fria,
 No rumor desta agonia,
 E deixemos tal ladrão!
 Que terá recompensa,
 Na desgraçada hota imensa
 Que faltar-lhe o coração!

Agora, sim, os queremos
 Dizer o que dentro temos,
 No final desta chulinha
 E para isso os nossos peitos,
 E fio lhe musica baixinha

Elle é tudo!... elle é tudo!
 Elle é abelhudo!... Elle é mudo!...
 Elle é ladrão!.. E' assassino!
 E' é covarade! E é corrupto!
 E é o vivendo mais bruto
 Que não perde o negro *тино!*

E' mais que febre amarella!
 Que cachorra com mazella!
 Do que Cavallo que acóa!
 Nos olhos brutos de gatos!
 Corre um par do negros ratos
 E porção de coisa atoa!

E' tambpem inda calsario!
 Usa ao pescoço um rosário,
 Feito de Paes de palito!
 E' ousado e desgraçado!

Esse vil degenerado!
Temos dito!.. Temos dito”!!!

M. Antonio do fumo & C.

N. B. – Deixa de sair a música impressa, porque lutamos com grande dificuldade e não nos foi possível encontrar um pedaço de casca de cajaseira que se prestasse para esse fim tão quão agradável. Pedimos desculpa. Os mesinos. ³⁸⁷

A poesia utilizada para finalizar esta discussão torna-se relevante, em decorrência do *Jornal de Caxias* enfatizar nas edições utilizadas, como a figura do homem gatuno, o desordeiro, apresenta-se na cena do cotidiano caxiense, como um personagem interpretado, por várias figuras, homens de cores e idades diferentes. ³⁸⁸

Nesse sentido, julgamos importante trazer o poema, pois pode nos proporcionar fios de entendimento do modo como a imprensa traz à tona as aventuras do homem, que deseja as coisas alheias, e como esse demarca sua trajetória dentro da história da cidade no contexto.

Desse modo, segundo Edmund Wilson, toda percepção constituída pelo sujeito é elaborada de maneira diferente e o indivíduo não constitui dentro da dinâmica social em que ele vive uma visão contínua das coisas, mas alicerçada de mudanças. Por essa perspectiva, o poeta, segundo considera o autor, possui uma personalidade única, como também possui unicidade nos momentos em que ele vive.

E é tarefa do poeta descobrir, inventar, a linguagem especial que seja a única capaz de exprimir-lhe a personalidade e as percepções. Essa linguagem deve lançar mão de símbolos: o que é tão especial, tão fugidio e tão vago, não pode ser expresso por exposição ou descrição direta, mas somente através de uma sucessão de palavras, de

³⁸⁷ *Jornal de Caxias*, 02 de setembro de 1905, Ano X, número 500, p. 04.

³⁸⁸ A utilização de fontes caracterizadas como literárias ou portadoras de literalidade ocorre, portanto, neste caso, por formas múltiplas; pela própria abertura, também múltipla, aos significados que possam vir a ser operados e buscados nas relações entre textos nos seus mais diversos gêneros – desde a literatura de viagens, aos romances, crônicas, poemas, ensaios... que possam, cada qual com suas características específicas, ao dizer do passado no presente e projetar futuros, a temporalidade portanto, constituir apoio para o que denominamos conhecimento histórico. Conhecimento concebido e reconhecido como caracterizado pela lacuna e fragmentariedade – a dos documentos que informam o historiador e, por consequência, da narrativa historiadora – que resulta na atribuição de sentido, ou sentidos, sempre conferidos por aquele que exerce o seu ofício.” CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA Márcia Regina C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. *História: Questões & Debates*, (Editora UFPR) Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009, p. 40.

imagens, que servirão para sugeri-lo ao leitor. Os próprios simbolistas, empolgados com a idéia de produzir, com a poesia, efeitos semelhantes aos da música, tendiam a considerar tais imagens como que dotadas de um valor abstrato, como o de notas e acordes musicais.³⁸⁹

Nesse caso, entendemos que a poesia em questão nos traz elementos característicos do homem gatuno, pois sublinha em seus versos aspectos que, ao decorrer de nossa análise, podemos capturar através das interpelações realizadas sobre a ótica dos discursos dos jornais caxienses durante a primeira República.

A poesia em sua literalidade se torna um recurso discursivo que corrobora para se entender sobre a construção imagética desse indivíduo chamado de gatuno, evidenciado em um período no qual se busca instituir formas de ser e estar, sendo um homem voltado para se pensar uma nação de homens ideais.

Assim, como já mencionamos anteriormente, o poema foi publicado pelo *Jornal de Caxias* em dois de setembro de 1905. De antemão, apontamos que não identificamos informações acerca do autor da poesia, até o dado momento da pesquisa, para sabermos mais acerca das intenções do autor e a mensagem do mesmo ao tratar do gatuno nessa poesia. Porém vamos seguindo em nossas análises e tentar buscar os ditos e não ditos presentes no poema sobre a figura que pratica a gatunagem em Caxias. Nesse sentido, uma das primeiras questões que problematizamos ao gênero literário é o significado da palavra *Chula*.

Por esse viés, ao direcionarmos para os significados dado a palavra, o dicionário Michaelis (2010) afirma ser substantivo feminino que possui como substantivo masculino chulo. Sendo considerado pertencente ao mundo folclórico, dança e música popular acompanhada de violão ou sanfona. Em seu segundo significado, o dicionário considera, também, canção maliciosa de negro ou gente inferior.

Desse modo, buscando compreender o sentido da palavra chula, no contexto da poesia e, mais ainda, a relação constituída com os homens gatunos, denotamos que a palavra, ou as palavras não se constituem apenas como simples segmentos. Nesse jogo de análise, as frases se estruturam para formação de um todo, mas não se reduzindo a soma de partes, e sim, sendo uma composição intrínseca a esse todo. Desse modo, a

³⁸⁹ WILSON, Edmund. O castelo de Axel – estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930 (1931). Trad. José Paulo Paes. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 22.

palavra não é autônoma, na frase ela ganha dependência ou torna-se dependente da frase que ela compõe.

Nesse sentido, seguindo os elementos direcionados pelo dicionário, podemos denotar, ao longo dos aspectos ressaltados pela definição, que a expressão chula nos remete a entender como os versos da poesia performatizam o homem gatuno. Nesse caso, tais versos apontam-no como homem ordinário, com aspectos rudes e caricatos.

Nesse viés, ao olharmos os caracteres simbólicos que performatizam na poesia sobre os gatunos, observamos que muitas características podem ser extraídas sobre a prática da gatunagem em Caxias. Uma delas seria o tino ligeiro para adentrar nos lugares, visualizar sobre os telhados das casas e armazéns, as possibilidades de subtrair objetos, dinheiro e valores que lhe chamam atenção, aspectos que demarcam uma das características do gatuno.

Outro ponto, que se sobressai na poesia é ausência dos valores morais do gatuno ao que era definido e defendido como padrão social vigente no contexto da República. Desse modo, as características sublinhadas na poesia ratificam modos de ser e agir desses gatunos, que não dialogam com o comportamento desejado para homens no baricentro das relações sociais, não apenas da sociedade caxiense, mas em outros lugares do país.³⁹⁰

A poesia também busca frisar as maneiras pelas quais a figura do gatuno desordeiro, principalmente, quando resalta as características desse homem, como por exemplo, assume a maneira sorrateira, que esses homens adentravam nas propriedades alheias.

O silêncio torna-se cúmplice desse “homem de alma corrompida” que, segundo a poesia, *E’ ousado e desagraçado! Esse vil degenerado!*³⁹¹ Notamos como as palavras utilizadas, para constituir a representação da imagem do gatuno na sociedade caxiense, salientam uma visão negativa, principalmente, por suas práticas.³⁹²

³⁹⁰ Esses sistemas de formação não devem ser tomados como blocos de imobilidade, formas estáticas que se impoem do exterior ao discurso e definiriam, de uma vez por todas, seus caracteres e possibilidades. Não são coações que teriam sua origem nos dos homens, ou no jogo de suas representações; mas não são, tampouco, determinações que, formadas no nível das instituições ou das relações sociais ou da economia, viriam transcrever-se, à força, na superfície dos discursos. Foucault, Michel. *A arqueologia do saber* /Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 82.

³⁹¹ *Jornal de Caxias*, 02 de setembro de 1905, Ano X, número 500, p. 04.

³⁹² A análise dos conteúdos léxicos define tanto os elementos de significação de que dispõem os sujeitos falantes, em uma dada época, como a estrutura semântica que aparece na superfície dos discursos já pronunciados; ela não se refere à prática discursiva como lugar onde se forma ou se deforma, onde aparece

Nesse ínterim, é válido ressaltar que a fala apresentada em um impresso é constituída primeiro como um elemento que viabiliza a comunicação, e segundo com um objeto envolvido de discussões estruturadas de ações ativas que, por conseguinte, manterá no espaço social um diálogo com intenções para ser apreendido de forma ativa. E nesse compasso, os estudos exigem uma ação de forma energética para ir a fundo o que o texto se propõe.

Bakhtin considera que a ação da fala sob a forma de livro impresso de maneira geral é sempre orientada em relação às ingerências anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores. Nesse sentido, ela decorre, portanto, da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais e procura apoiá-lo.

Podemos dizer, então, que a poesia em questão ou qualquer enunciação possui uma significativa intensidade no espaço social onde ocorre, porém essa comunicação verbal constitui apenas um momento no crescimento para o fortalecimento da mesma, pois como o próprio Bakhtin diz “o estudo das relações entre a interação concreta e a situação extralinguística – não só acontece na situação imediata, mas também, através dela, e em um contexto social mais amplo.”³⁹³ Nessa esteira de considerações, os discursos pronunciados por um falante são vistos como uma enunciação dotada de totalidade, de agente independente, que se situa fora do contexto narrativo, provocando assim a percepção de um agente do discurso completo.

e se apaga uma pluralidade emaranhada – ao mesmo tempo superposta e lacunar - de objetos. Foucault, Michel. A arqueologia do saber/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p.54.

³⁹³ BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 126.

Capítulo - V

A princesa e os afilhados de
Dionísio: o combate contra os
vícios do corpo, em prol de
um homem ideal.

CAPÍTULO V- A PRINCESA E OS AFILHADOS DE DIONÍSIO: O COMBATE
CONTRA OS VÍCIOS DO CORPO, EM PROL DE UM HOMEM IDEAL

*Estiveram presos por embriaguez o desordeiro Manoel Justino
Campello e por desordens Theodoro Coxolé.*³⁹⁴

*Foi preso individuo Eulucio em estado de embriaguez penetrou em
uma casa de família.*³⁹⁵

*Foram presos: Pedro Correa Lima, por embriaguez e desacato*³⁹⁶

*Eustachio Moura, por embriaguez.*³⁹⁷

*Manoel vulgo Beira d' água por embriaguez.*³⁹⁸

*Eustachio Moura, 2ª vez por embriaguez.*³⁹⁹

*Pedro Correa Lima 2ª vez por embriaguez.*⁴⁰⁰

*Eliario de tal, por embriaguez e ter invadido o Theatro.*⁴⁰¹

*Esteveãoda Gama e Silva por embriaguez.*⁴⁰²

*Eulalio Moura foi preso por embriaguez e offensiva a moral
publica.*⁴⁰³

*- O individuo a Caio preso por embriaguez e perturbar o
sosegopublico. O mesmo 2ª vez pelo mesmo motivo.*⁴⁰⁴

*Eustachio Moura por embriaguez e o offensamoral publica.
- O individuo conhecido por Casca grossão por embriaguez e insultos.
- o individuo conhecido por Beira d' águas, por embriaguez e estar
pertubando o soceso publico.*⁴⁰⁵

POR EMBRIAGUEZ

*Estaquio Moura*⁴⁰⁶

³⁹⁴Jornal de Caxias, 01 de julho de 1905, Anno X, número, 491 p. 01.

³⁹⁵Jornal de Caxias, 01 de julho de 1905, Anno X, número, 491 p. 01.

³⁹⁶Jornal de Caxias, 17 de março de 1906, Anno XI, número 528, pp. 01-02.

³⁹⁷Jornal de Caxias, 17 de março de 1906, Anno XI, número 528, pp. 01-02.

³⁹⁸Jornal de Caxias, 17 de março de 1906, Anno XI, número 528, pp. 01-02.

³⁹⁹Jornal de Caxias, 17 de março de 1906, Anno XI, número 528, pp. 01-02.

⁴⁰⁰Jornal de Caxias, 17 de março de 1906, Anno XI, número 528, pp. 01-02.

⁴⁰¹Jornal de Caxias, 17 de março de 1906, Anno XI, número 528, pp. 01-02.

⁴⁰²Jornal de Caxias, 17 de março de 1906, Anno XI, número 528, pp. 01-02.

⁴⁰³Jornal de Caxias, 18 de agosto de 1906, Ano XI, número 550, pp. 01-02.

⁴⁰⁴Jornal de Caxias, 18 de agosto de 1906, Ano XI, número 550, pp. 01-02.

⁴⁰⁵Jornal de Caxias, 1 de setembro de 1906, Ano XI, número 552, p. 01.

⁴⁰⁶Jornal de Caxias, 29 de janeiro de 1898, Ano III, número 115, p. 01.

O desejo pelos líquidos etílicos tornou-se, ao longo dessa primeira República, um fator de preocupação para instituições como o Estado e a Igreja. Ao passo que o número de casos de embriaguez masculina, principalmente, tornou-se de forma mais expressiva um fator que evidenciava um descompromisso com os ideais republicanos exaltados por muitos segmentos da sociedade, como o próprio Estado.

Acerca desta questão, quando Elisa Paulo Marques (2007) analisa a realidade de Florianópolis, em uma temporalidade próxima da nossa pesquisa, a autora sublima que o Estado ver o homem alcoólatra como o atraso para o crescimento da nação.

Dentro dessa ótica, o indivíduo alcoólatra atrasava o desenvolvimento do país, na medida em que era péssimo operário, com rendimento inferior no trabalho, e formaria uma prole degenerada. Essa preocupação com a economia não está apenas na saúde de quem produz, uma vez que o doente representa gastos por parte do Estado. A perda de um corpo saudável representava prejuízos para a nação, pois este deixava de produzir e gastava dinheiro público no período da doença.⁴⁰⁷

Nesse sentido, a embriaguez masculina, em vista das notas apresentadas no início dessa discussão, demonstra, para entendermos aquele contexto, como o alcoolismo era um elemento de repressão que ganhava reprovação por parte dos representantes da sociedade conservadora, principalmente, na sociedade caxiense no contexto da Primeira República.

Em vista dessa realidade, não podemos aqui deixar de evidenciar que tais enfrentamentos com a embriaguez masculina não foram experienciados apenas em Caxias nesse período. A título de exemplo, Florianópolis aponta que se tornou uma preocupação das autoridades da cidade punir os indivíduos com práticas advindas do uso de bebidas alcoólicas. Nesse sentido, a historiografia nos apresenta que existem em muitas cidades brasileiras, uma tentativa de apresentar ao país homens voltados para o mundo do trabalho. Desse modo, o ato de apresentar-se bêbado, embriagado por motivos diversos, tornavam-se práticas de contra-mão ao desejo do país.

Nesse compasso, o discurso médico, a ideia de degeneração social provocada pelo uso do álcool tornou-se a bandeira de muitos como, por exemplo, do Estado e da Igreja. Em vista disso, essas instâncias de poder concebiam dentro dos mecanismos de

⁴⁰⁷ MARQUES, Elisa Paula. *A Loucura Engarrafada: relações alcoolismo-loucura em Florianópolis nas décadas de 1930 a 1960.* (Dissertação), UFSC, Florianópolis 2007, p.27.

controle maneiras de combater esses vícios, a imprensa como veículo que pudesse chegar perto de um número maior de pessoas. A intenção seria conscientizar os amantes dos étlicos, que ao voltar para os seus lares, investissem seus salários em algo produtivo da vida, como também cuidar do bem-estar social da família.⁴⁰⁸

Os jornais que exprimem ao nível de imagem, simbólica, as posições e contradições destes grupos em luta. Certamente a luta travada no interior destes veículos pelo controle e divulgação das notícias altera de alguma forma as suas linhas de atuação, fazendo por vezes ampliar ou diminuir o espaço das críticas em função das injunções políticas e econômicas.⁴⁰⁹

Em relação a esta questão, é válido mencionar como o Brasil foi orientado por uma perspectiva de ordem autoritária, a medicina e os movimentos sociais emergiram no país, ainda, alicerçados pelo crivo das ideias de organização em que se conduzia o estado brasileiro baseado em prerrogativas que tinham sido estabelecidas durante o século XIX.

Por essa perspectiva, a medicina é pensada pelo viés em que se deveria conhecer o organismo humano, enquanto elemento social, ou seja, constituir a chamada intervenção social, caso os problemas proliferassem como se temia em relação à bebida.⁴¹⁰ A produção historiográfica, que trata desse período, nos apresenta como as medidas profiláticas foram ganhando formas cada vez mais expressivas para tentar banir do meio social esses comportamentos.

Sobre essa questão, Marialva Barbosa aponta que o Brasil, nesse contexto dos anos iniciais da República, apresentava discussões sobre o conceito de modernidade como também tinha um discurso sobre a modernidade tentando colocar em prática. A autora afirma que, nesse contexto, alguns elementos precisavam ser considerados para se pensar a modernidade, como também a própria ideia de normatização social que se buscou para se vivenciar a chamada modernidade.

Por exemplo, como a própria autora considera, a imprensa teve um papel importante na constituição de discursos acerca dessa realidade que vivia o país nesses

⁴⁰⁸ BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e encenações de modernidade no início da República. Revista Vivência n. 38 2011 p. 1 29-142, p.130.

⁴⁰⁹ LUZ, Madel Terezinha. Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 215.

⁴¹⁰A tese médica Educação sexual do Brasileiro em face do vultoso problema da grandeza da Pátria escrita em 1923 por Felipe de Sousa Miranda é uma das fontes que buscaremos para compreender as intenções medicas e suas práticas de normatização dos corpos nesse período em análise.

momentos iniciais da República. Para Marialva Barbosa, muitos discursos de cunho jurídico, médico e higienista foram disseminados através da imprensa, na perspectiva de instituir um ideal republicano. “Uma civilização particular, localizada num futuro onde estaria a redenção, caso se conseguisse apagar da memória (e dos atos) todos os resquícios de um passado colonial”.⁴¹¹ Nesse sentido, podemos citar as ações profiláticas instituídas a partir da teoria da degenerescência, em que o saber médico buscava fazer a limpeza nos centros urbanos e, nessa mesma esteira, disciplinando e preparando as pessoas para esse perfil de sociedade nesse contexto.

Por isso, vamos identificar nos discursos da imprensa, como de forma expressiva nos discursos médicos, havia a preocupação em tirar do meio social os sujeitos que eram considerados como “doentes”. Dessa forma, a loucura e o alcoolismo, como outras formas que caminhavam fora do padrão saudável e ideal, foram tratados pelos médicos como elementos que necessitavam de correção e banimento social. Uma questão na qual os discursos médicos situavam-se como foco das suas ações. Para mentalidade da época, tais ações seriam a maneira de evitar degeneração social das pessoas, em especial, dos homens.

Fernando Dumas, que lançou seu olhar sobre a ideia do alcoolismo, afirma que o conceito de degeneração, além de fazer parte do *corpus de* documentação dos médicos, circulou em paralelo com outras ações que estavam sendo desenvolvidas nesse contexto, por exemplo, a industrialização e a perspectiva de normatização social dos corpos, que buscavam instituir um ideal. “A partir do momento em que os médicos assimilaram no seu universo mental, a associação entre a imagem da degeneração e a do “apodrecimento” de um sistema do corpo humano, ficou fácil aproximar à figura dos “degenerados” a civilização urbana e fabril.”⁴¹²

A ideia de “cura” e “regeneração” era concepção presente no campo discursivo, sempre com intuito do melhoramento da vida em sociedade, porém era uma percepção constituída ainda durante o século XIX, por parte dos médicos que buscavam consolidar-se diante do espaço social.

⁴¹¹“A resposta à República e ao capitalismo que se impõem no final do século XIX será do ponto de vista médico, uma multiplicidade de propostas de intervenção sobre o espaço urbano com o propósito de sanear-lo. As novas alianças e estratégias de poder tomam forma de controle médico-sanitário e de esquadramento do espaço urbano [...] vai se tornando clara para a sociedade a ação da saúde como ação política.” LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 33.

⁴¹²SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. *O alcoolismo: a invenção de uma doença*. (Dissertação) IFCH, - Campinas – UNICAMP, 1995, pp. 122-123.

Durante o século XIX, vamos verificar a consolidação de transformações ao nível do saber e das práticas de medicina, que se gestam no final do século XVIII e acompanham a implantação do modo capitalista de produção no Brasil. É, portanto, uma etapa de lutas e debates que culmina com a instauração de uma nova medicina, que incorpora ao seu saber os de ciências emergentes e toma como seu objeto não só o indivíduo enfermo, mas o corpo social, enquanto espaço de promoção de saúde.⁴¹³

Corroborando com esta questão, Santos (1995) afirma que, aos olhos da medicina, o alcoolismo já era visto como problema. Em contra partida, o saber médico se fortalecia, pois, esses estavam engajados em prol de constituir uma realidade de corpos saudáveis.

Mais engajados no discurso médico, estes conceitos representavam atributos que se plasmavam aos indivíduos e as suas próprias representações sociais. As classes populares, com suas tradições, culturas, e hábitos que não condiziam com os padrões de normalidades definidos pela nova sociedade, eram o principal alvo: e a ciência, o maior argumento, degenerar, significava estragar, corromper, deprevar; significava ainda, morbidez.⁴¹⁴

Madel Luz (1982) nos aponta que já se buscava demarcar no território brasileiro o saber médico, visto que na Europa essa relação era algo realizado de maneira mais efetiva. Essa experiência vivida no continente europeu influenciou para constituição dessa relação também no Brasil, principalmente, pelo fato dos dirigentes buscarem firmar-se enquanto nação do progresso e da ordem.

Os médicos e psiquiatras não levavam em consideração esses aspectos, observando no álcool sempre algum tipo de degeneração ou perversão moral. Se em alguns momentos vislumbravam a relação alcoolismo-pobreza ou reconheciam que o consumo de bebidas alcoólicas pudesse fazer parte do cotidiano cultural da população, a visão que tinham era marcada por formulações higienistas e eugênicas

⁴¹³LUZ, Madel Terezinha. Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 105.

⁴¹⁴SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. O alcoolismo: a invenção de uma doença. (Dissertação) IFCH, - Campinas – UNICAMPI, 1995, pp. 122-123.

de caráter fundamentalmente biológico e moral.⁴¹⁵

Nesse sentido, o *saber médico* representava a maneira de controlar os corpos sociais, como também apresentar práticas preventivas, pois um discurso latente era entender que corpos saudáveis seria um sintoma para se construir uma nação caminhando para o crescimento.

Corroborando com esta questão, Maria Izilda dos Santos Matos (2001) aponta que as concepções de higienismo e sanitarríssimo foram tomadas como doutrina da base médica para doutrinar as pessoas sobre os perigos na continuidade em algumas práticas. Por esse olhar, foi criando uma série de prescrições para servir como orientação no cotidiano das pessoas, apontando o que poderia continuar como prática, como também os aspectos que deveriam ser proibidos de fazer parte deste cotidiano.

Segundo as considerações da autora, foram direcionadas ações para várias questões da vida social dos sujeitos, desde o lar até a forma como as cidades deveriam estar para que não gerassem problemas sociais. Os prazeres e os hábitos cotidianos também foram sendo ressignificados, pois a perspectiva seria evitar que as pessoas adoecessem e não tivessem disposição nas suas atividades relacionadas ao mundo do trabalho, por exemplo.

O advento da revolução industrial traz novos elementos para o entendimento dessa discussão. Antes da industrialização, o homem determina o seu ritmo de trabalho com a natureza. Com o processo de industrialização, há necessidade de disciplinar e normalizar os corpos no sentido de reformá-los, tornando-os retos, rígidos, e resistentes à jornada de trabalho intensa, preparados para suportar a exigência da produção prevista e almejada pela estrutura do poder econômico, tornando-se útil à sociedade que se afirmava como burguesa.⁴¹⁶

Nesse sentido, a ingestão de bebidas foi um dos alvos dessas novas práticas de controle social dos corpos, diante dessa maneira de perceber a ingestão do álcool de forma demasiada. Foi perceptível, nesse contexto, a circulação, pelos jornais, de um número significativo dos discursos contra a prática de ingestão de bebidas alcoólicas. Por exemplo, o jornal *Gazeta Caxiense*, publicou em sua edição, como deve se observar

⁴¹⁵ MARQUES, Elisa Paula. *A Loucura Engarrafada: relações alcoolismo-loucura em Florianópolis nas décadas de 1930 a 1960*. (Dissertação), UFSC, Florianópolis 2007, p. 27.

⁴¹⁶ RENNÓ, Cláudia Martins Ribeiro. *Produção de corpos dóceis: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009, p.14.

as diferenças entre o alcoolismo e a embriaguez, pois será uma forma de ser um contra ponto para diminuir os problemas ocasionados por este mal, na vida de tantos homens.

Assim o jornal aponta:

O alcoolismo ao que se refere depois o sr. Tisou, não deve, ser confundido com a embriaguez, é ao mesmo tempo e mais outras cousa.

E' hoje habito muito comum tomar licores e aguardentes de toda sorte, em quantidade maior que a economia comporta.

O mal agrava-se ainda muito com o estado de impureza dos alcools consumidos, que contem uma grande quantidade de verdadeiros venenos causas principaes e directas do alcoolismo. Liebig julga uma entre ora que o álcool para era até certo ponto, um alimento. Mas é uma teoria que a sentencia destruiu hoje de modo definitivo.

O álcool não é um alimento, pois que atravessa o organismo sem se alterar ou alterando-se muito pouco. Assim é que o álcool estrago, ocasionando a gastrite com a perda do apetite e uma falsa necessidade de beber, tanto mais imperiosa, quanto menos se come, pílula da manhã, timbre rouco da voz, etc. ⁴¹⁷

A imprensa apontava que esses conflitos eram recorrentes devido à prática de ingestão de líquidos alcoólicos, e temia que esses efeitos ocasionassem o desmoronamento da sociedade caxiense, e, principalmente, tinha o temor pela perda da tranquilidade social na cidade por causa desses conflitos gestados nessas situações de desentendimento.

Sandra Pesavento sublinhou que a República ao ser instalada veio carregada pelo símbolo do trabalho livre, condenando o ócio e qualquer coisa que pudesse impedir o desenvolvimento da Nação. Assim, a autora ratifica que a burguesia incorporou a “missão divina”, para Pesavento, essa ideia seria uma forma de liberdade para todos. Ser homem, nesse contexto, seria assumir o espírito de homem trabalhador e honesto.

Nessa perspectiva, Costa (2009) considera que as regras e os preceitos sociais regulamentam as práticas dos indivíduos com intuito de coibir atos como a violência, pois são formas que destorcem a ordem e enfraquece a tranquilidade social. Nessa mesma esteira de desordem, a embriaguez era uma péssima companheira aos olhos da boa sociedade, principalmente, do próprio Estado, pois o homem embriagado

⁴¹⁷ Jornal Gazeta Caxiense, 27 de novembro de 1894, Ano VIII, número 180, p. 03.

potencializava atos de violência contra outros homens, como também contra sua própria família. “A embriaguez, como uma atuação que enfraquecia a rigidez moral, diluía os impedimentos normativos e potencializava a ação transgressora. A violência como ato que ultrapassava a representação, se resolvia na literalidade corporal.”⁴¹⁸

Segundo Matos (2005), os discursos médicos, atrelados aos interesses do Estado, enumeravam as terríveis consequências do álcool para os homens, à família e à sociedade como um todo. Conforme tal discurso, o álcool tinha o poder de apagar a inteligência do homem, acentuar a mudança do caráter, o tornando irresponsável e violento. Assim, abandonaria a família, os amigos, o trabalho, já que o álcool lhe tirava as energias, podendo até entrar para o mundo da criminalidade; “além dos males que deixava para a prole, degenerando a raça”.⁴¹⁹ Conforme a autora, o alcoolismo era mostrado como sendo responsável por muitos males aos homens.

A ideia dos efeitos do álcool no corpo do homem, o seu principal consumidor, era para muitos pesquisadores um desafio a decifrar, visto os vários entendimentos dos efeitos no corpo, porém, nesse percurso, identificamos a emergência de teorias com um teor mais estabelecido acerca da presença do álcool no homem e suas consequências. Nota-se, no texto acima, que a primeira foi entender a diferença do estado de embriaguez, como aquele em que o homem se tornou um alcoólatra.

O alcoolismo ocasionava o desequilíbrio, abalava a ordem que se buscava estabelecer, impedia a prosperidade do país. Como o texto mesmo apresenta, o consumo excessivo de álcool levava os homens a descerem o degrau da vida social e da moral; impedindo a felicidade de sua família, a ordem da sociedade e a grandeza de sua pátria. O jornal mostra a importância dos homens naquele momento. Pois todas as estruturas de funcionamento da sociedade perpassavam pelo homem, como pela própria ideia que se concebia de que o homem era o fio condutor para que houvesse o funcionamento da sociedade brasileira.

Assim, refletindo acerca dessa realidade, a historiadora, Maria Izilda dos Santos Matos, afirma que os discursos antialcoólicos, apontavam que o álcool deixava o homem em estado débil, “[...] levando-os a bancarrota, animalização, à perda do

COSTA, Raul Max Lucas da. Tensões sociais no consumo de bebidas alcoólicas em Fortaleza (1915 - 1935): trabalhadores, boêmios, ébrios e alcoólatras. 2009. 209 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2009, p. 172.

⁴¹⁹MATOS, 2001, op. cit., p. 60.

sentimento ético, à indisciplina, transformando os homens em feras“.⁴²⁰

Nesse viés, as teorias sobre os efeitos do álcool ganharam mais expressividade, principalmente, em destituir o seu significado, o qual era entendido como um alimento para os homens. O que vamos perceber é uma junção de forças de poderes em trazer à tona os males do álcool para esse homem que já tinha se tornando um corpo doente devido à expressiva dominação dos líquidos etílicos sobre o seu corpo.

Maria Izilda dos Santos Matos, quando constitui suas reflexões historiográficas acerca do alcoolismo, pontua que no início do período republicano o Estado, sobre influência da doutrina positivista, focou seu discurso no binômio família-cidade, pois a ideia era estabelecer uma pátria que tinha como foco o núcleo familiar.

Nesse compasso, todos os males que pudessem afetar esta proposta, segundo a historiadora, eram combatidos, uma vez que se tinha a perspectiva da formalização da pátria sadia. Por isso o alcoolismo foi alvo de intensas propostas, pois a intenção era banir quaisquer males que deixasse o projeto da nação da família sadia estivesse em perigo. Em busca dessa formalização, o saber médico foi bastante relevante para a concretude de ações, como as campanhas antialcoólicas.

Desse modo, Foucault aponta que existe, dentro do espaço social, uma prática de normalização da sociedade, onde disciplina e norma se cruzam com intuito de instituir-se e regulamentar-se. Notamos que a ideia de poder e suas formas diversas se corporificam como visíveis a partir do século XIX, ganhando espaço e buscando modelar o corpo, principalmente, por se fazer presente desde a estrutura orgânica até o biológico. Em vista dessa premissa, percebe-se na imprensa caxiense uma apropriação de um arsenal discursivo pontuando sobre os males ocasionados de maneira muito profícua, como é caso abaixo, onde o jornal Gazeta Caxiense considera:

O intestino também é atacado com a moléstia aflita sobretudo para o fígado, que é entregue á cirrose qual leva a asceite e muitas vezes à tuberculose.

Nos centros nervosos, a acção do álcool engendra a insônia, os sonhos pesados, etc, que enfraquecem ainda o organismo, reduzindo ou suprimindo o sonno.

⁴²⁰ MATOS, Maria Izilda dos Santos. No fio do bigode: corpos, sensibilidades e subjetividades. In. MATOS, Maria Izilda dos Santos; PATRIOTA, Rosangela e MATOS, Maria Izilda dos Santos; PATRIOTA, Rosangela e RAMOS, Alcides Freire. Organizadores. – São Paulo: Hucitec, 2010, p. 97.

Resultam d'alli, finalmente diversas formas de alienação mental e perturbações nervosas tão numerosas e variadas, que constituem agora parte importante da pathologia.

Nos rins, o álcool que os atravessa determina nepharites. Circulando no sangue engendra a arteriosclerose, alteração do coração e endurecimento dos vasos.

Finalmente, eliminando-se pelos pulmões, produz desordens que acabam em tuberculose pulmonar. Em muitos casos, esta tuberculose é incontestavelmente o effeito do álcool. Prova-o o sr. Tison mostrando que ella se desenvolve então no lado direito do pulmão, atraz emquanto que a tuberculose hereditária, que aparece antes de trinta e cinco anos, começa pelo pulmão esquerdo, na frente.

Além desta particularidade, a tuberculose alcoolica segue uma macha especial que as pessoas experimentadas reconhecem muito bem. Depois de ter estudado o treglodytismo e o alcoolismo como fontes da tuberculose, insistiu o sr. Tison nos estragos produzidos por uma alimentação- insuficiente nos orgams de nutrição primeiro e depois na economia geral.

Chega-se assim ao pauperismo physiologico

A comida estragada não é menos funesta do que a comida insufficiente; enfraquece organismo como um envenamento chronico.

Não podemos entrar aqui em todos os pormenores fornecidos pelo sr. Tison, pois seria necessário percorrer as inúmeras falsificações a que uma indústria culpada submete as bebidas e os alimentos. As conservas não escapam á sua crítica; ellas monstam uma simples apparencia de comidas.

Desgraçadamente, a legislação é muito branda para os falsificadores. O senr Tison queixa-se disto e pergunta porque não se havia do castigar aquelle que altera severamente do que o moedeiro falso.

Este em summa é ainda menos culpados, pois ataca a nossa bolsa e não passar nossa saúde, que é muito mais preciosa.

Semor da opinião do sr. Tison.⁴²¹

O discurso acima representa o quanto o cientificismo estava forte no começo do século XX, principalmente, quando olhamos as considerações acima, que mostram os aspectos resultantes da ingestão do álcool no corpo humano, mas especificamente o corpo do homem. Corroborando com esta questão, Madel Luz aponta que, nesse começo do século, existia uma tendência de constituição de corpos saudáveis para o país. Assim,

⁴²¹ Jornal Gazeta Caxiense, 27 de novembro de 1894, Ano VIII, número 180, p. 03.

a autora frisa que existia “[...] predominantemente o aspecto “grupal”, a dominação concretizada em forma de comandantes e subordinados, de autoridades e obediência.”⁴²²

A produção do saber médico e mais a divulgação desse saber, através da imprensa, tornou-se um aspecto mais comum nos jornais de Caxias, um fato que não conseguimos constatar em contextos anteriores na imprensa da cidade. Nesse caso, nota-se como se imprime, dentro de textos, um discurso imbricado de intenções de mostrar como os efeitos do álcool poderiam ser severos no corpo humano, principalmente, por causa dessa minuciosidade de detalhes existentes para identificar os males do álcool para o homem.

Sobre essa premissa, Matos (2001) considera que os discursos produzidos, fabricados no campo da medicina sobre o alcoolismo, às vezes, tornava-se repetitivo, visto as concepções médicas acerca dos principais efeitos das doses etílicas no corpo do homem. Nessa esteira de considerações, era possível identificar os reais planos desse saber médico e quais os interesses eles defendiam naquele momento. “Assim, o discurso dos médicos compreendia uma rede intrincada de significados. Percebe-se que em seu curso caracterizou-se por mecanismos de ajustes e de contínuas reformulações.”⁴²³

Nessa via de compreensão, retomando as considerações de Foucault ao afirmar, ainda, que as “tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra,” o autor aborda que existe uma multiplicidade dos poderes, compreendidos como político, que só irão funcionar, por uma “unidade do poder” que, por sua vez, terá como fundamento a soberania.⁴²⁴

Por essa perspectiva, Vanderlei Machado (2009), ao analisar os discursos dos jornais catarinenses no mesmo período, aponta que os combates se tornam mais expressivos nas páginas dos jornais com discursos voltados para reprimir a prática da ingestão de bebidas alcoólicas, pois não representava uma prática que traria para o contexto bons frutos, principalmente, por se tratar de um novo regime o qual o país acabava de instalar naquele contexto. Desse modo, o autor considera que, na imprensa catarinense, como em outros lugares do Brasil, era possível identificar medidas de combates a bebida, principalmente, entre os segmentos populares.

⁴²² LUZ, Madel Therezinha. As instituições médicas no Brasil: intuições e estratégia de hegemonia. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 3ª. Ed. 1986, p. 35.

⁴²³ MATOS, Maria Izilda de Santos. Meu lar é o botequim Alcoolismo e Masculinidades. Editora: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 97.

⁴²⁴ FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999, p. 50.

No caso da imprensa caxiense, nota-se que a mesma fazia uso de notícias diversas acerca dos efeitos do álcool tanto em nível de Brasil, como em outros países, a fim de mostrar o efeito devastador do álcool na vida das pessoas, e com mais incidência no público masculino.

[...] o alcoolismo fez as seguintes victimas no anno passado
Na Russia perto de 90 mil; na França 45 mil; na Hespanha 45 mil; na Belgica perto de 20 mil e na Suissa perto de 3 mil, fora outros Estados, que não foram contemplados, talvez por falta de dados. Nos Estados Unidos do Norte esse flagelo deo logar em 20 annos a haver cerca de 15 mil divórcios.⁴²⁵

Nesse compasso, identificamos uma intensidade de discursos apresentados nos jornais para tentar mostrar à sociedade os efeitos da prática de ingestão do álcool na vida das pessoas e o desequilíbrio social ocasionado no cotidiano da cidade. Por isso, em outro momento, o *Jornal de Caxias* publicou, em 1903, uma nota sobre as medidas que deveriam ser adotadas no Brasil, como também na própria cidade de Caxias. “O conteúdo dos jornais mostra a discussão na sociedade – às vezes clara – sobre o papel que cabe ao Estado desempenhar na saúde e nas políticas sociais a serem formuladas.”⁴²⁶

Em vista dessa questão, o jornal faz uso de outros exemplos com intuito de mostrar o quão era necessário demonstrar os males ocasionados pelo álcool na vida dos homens. O exemplo, conforme apresentou o jornal, tinha sido vivido, naquele contexto, por Abyssinia, país em que a figura máxima da administração, Rei Menelick II, havia instituído uma proibição da venda de álcool, devido as consequências graves ocasionadas por tal ingestão. Em sua alegação, o rei ratifica que:

O homem que se entrega ao vício da embriaguez não só é um desgraçado; é uma fonte perene de males para sociedade.
Desmoralisa-se a si próprio e ninguém lhe confia trabalhos donde tire os meios de subsistência.

Seu destino é cadêa, ou enxerga de um hospital.
Não é um homem útil, mas um homem prejudicial.
Si tem família, então, maiores são os males que causa á comunidade.
Preso, ébrio ou doente, não pode trabalhar; a miséria aparece-lhes em

⁴²⁵ *Jornal de Caxias*, 24 de abril de 1897, Ano II, número 75, p. 02.

⁴²⁶ LUZ, Madel Therezinha. *As instituições médicas no Brasil: intuições e estratégia de hegemonia*. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 3ª. Ed. 1986, p. 214.

casa e os seus descendentes ou imitam-lhe o exemplo ou buscam na rapina meio fácil de subsistência.

Assim proliferam os crimes, que matam a moral, e as moléstias que definham a espécie humana.

A sociedade se desorganiza e a humanidade retrograda.

O vício da embriaguez não empolgada só a classe proletária. Avassala também os homens de letras, os grandes industriaes, até os diretores da política.⁴²⁷

As prerrogativas utilizadas, no caso do rei com sua população, evidenciam como os efeitos do álcool na vida dos homens, sejam fora ou dentro do país, naquele contexto, eram percebidos com muito medo e de forma desprezível por parte das autoridades. As medidas arroladas acima demonstram de forma metafórica como os males advindos pelo uso do álcool desgraçavam, na percepção do rei, a moral e o próprio corpo físico desse homem. Produzindo, nesse compasso, um perfil masculino cujas ações não eram as desejadas pela sociedade do mundo trabalho e dos setores conservadores, como pela própria igreja.

Nesse sentido, a bebida e seus efeitos, como a embriaguez, tornaram-se, por parte da imprensa de Caxias, como em outras partes do país, elementos apresentados como uma forma de exemplificar de maneira mais incisiva o que homens deveriam deixar de praticar, visto os males advindos da ingestão de bebida alcoólica. Entre muitas consequências, a imprensa sempre citava a prisão de homens, decorrência de estarem embriagados e ocasionarem, dentro do espaço urbano, badernas que tiravam o sossego dos cidadãos.

Assim, a imprensa da época apontava o poder maléfico do álcool e os estragos sociais e econômicos que ele pode acarretar: o homem alcoólatra perde o bom senso; o álcool causa várias doenças; grande parte dos criminosos cometeram crimes sob o uso do álcool; os filhos de alcoólatras nascem fracos e já com o álcool no organismo, sendo mais propensos ao vício. Alerta que, sob o efeito do álcool, os homens tornam-se preguiçosos, irresponsáveis, chegando até mesmo a abandonar o seu trabalho. Por isso as festas eram consideradas como espaços inflamáveis para ocorrência de divergências entre as pessoas, principalmente, pela fácil circulação de bebidas, fumo e assim proporcionar brigas, que sempre finalizavam seus episódios na chefatura de polícia.

Outros casos, mais frequentes e noticiados pela imprensa caxiense, eram as

⁴²⁷ Jornal de Caxias, 11 de abril de 1898, pp.02-03.

brigas entre homens e os desentendimentos entre homens e mulheres. Nesse último caso, podemos perceber o próprio abuso da força masculina em relação à mulher. Os fatos noticiados apontavam que os “brinquedos”, como eram denominados pelos jornais, as festas eram um fator influenciador para que na chefatura de polícia se proporcionasse o encontro dos envolvidos com o delegado.

A caracterização da festa, nas palavras do articulista, iniciava sempre dizendo que “mais uma vez a cidade foi marcada por práticas de desordem”, pelo fato que a festa realizada no dia oito do mês de agosto, na Rua das Oliveiras, o negociante “Francisco Dias Pinto espancou a mulher de nome Antonia Lopes da Silva, maltratando-a bastante, seguindo nos informaram”.⁴²⁸

As informações, segundo o jornal, foram coletadas com as autoridades competentes, que providenciaram medidas coercitivas em relação aos envolvidos. Considerando as informações divulgadas, foi “mandando proceder ao corpo de delicto na paciente”. Sendo o que já foi dito, também se realizou uma “inquirição de testemunhas do facto delictuoso”.⁴²⁹

O jornal, nesse íterim, inicia caracterizando o fato, condenando a prática dos sujeitos pelo título da nota, chamando de “desordem”, já apresenta como as festas populares, momentos de diversão, eram momentos de desequilíbrio social. Outro aspecto possível de levantar na informação como questão é a violência provocada pelo homem em relação à mulher. Nela notamos que outros aspectos reforçam o elemento preponderante.

O motivo do espancamento não foi revelado, porém o jornal cogita que devido os sujeitos estarem em um espaço onde as bebidas alcoólicas estão disponíveis, circulando de forma mais livre, as pessoas podem ingerir bebidas alcoólicas e se tornarem sujeitos mais exaltados, que, segundo informa o articulista, pode gerar situações conflituosas ocasionando situações como à violência física a mulher.

Mas as festas não eram um espaço onde apenas os desordeiros originados das classes menos abastados eram protagonistas, as virilidades advindas do corpo da ordem também foram atores de cenas que demarcavam essa linha tênue entre os segmentos da ordem, pois suas práticas denotavam performances em que a imagem da virilidade do homem da lei cai em descrédito diante da sociedade caxiense.

Desordeiro

⁴²⁸ GAZETA CAXIENSE, Caxias-Maranhão, 12 de junho de 1894, nº 134, p. 02.

⁴²⁹ GAZETA CAXIENSE, Caxias-Maranhão, 12 de junho de 1894, nº 134, p. 02.

Seriam 10 horas da noite de 27 do mez deste corrente alegremente os festejos de Rosario, quando no largo desse nome veio-se correr em desfilada, por entre a multidão, um soldado que de sobre desabainhado perseguia um menor em atitude de querer espancal-o com aquella arma.

O menor atracou se om a uma moça de família conceituada de nossa social tarde para livrar-se do seu perseguidor; este desrespeitosamente sem atendel-a nem as observações que lhe fizeram alguns cavalheiros presentes persistia em querer arrancar a força a criança, pelo que esses cavalheiros e outras pessoas do povo resolveram em desafronta a perseguil-o a bengaladas, até que elle recolhesse o sabre á bainha.

Esse facto desagradável produzio grande baldurdia correndo as famílias em debandada, pelo que os seus chefes ficaram indignados, sendo **o soldado desordeiro** levado pelo povo a presença do Delegado de polícia – sr. capitão Antonio de Mello Bastos, que se achava assistindo o leilão de joias.

Essa autoridade como a energia que o caracteriza, deo ordem de prisão ao desalmado e fez retirar do largo algumas praças que nele se achavam e pronunciaram-se a favor da companheiro.

Bem acertado adam o Intendente Municipal não consentido saldados em festas de qualquer natureza, visto que conhecia por experiência, que elles em vez de manter - desacatavam a ordem que entretanto era sempre mantida pelos pacíficos habitantes da cidade.⁴³⁰

Notamos na reportagem acima, o quanto a representação da força da instituição policial tinha um nome a zelar no espaço social, tanto que o próprio intendente chama atenção para a função da polícia no espaço citadino. O que denota para o espaço social, o quanto se fazia necessário que as virilidades pertencentes a esta instituição de poder mantivessem comportamentos cujas bases representassem a ideologia reinante nas diretrizes da ordem e que certamente a polícia buscava imprimir para cidade.

Nessa via de compreensão, temos o próprio comportamento do soldado da ordem que apresentou, no contexto, uma reação que não seria esperada por um homem ligado ao mundo da ordem. Para Jean Paul Berteaud (2013), a virilidade do homem da lei, do soldado, deveria ser “[...] dada como exemplo aos outros cidadãos. Ontem ele era acusado de contribuir com a “degenerescência” da raça, e eis que a imitação dele a

⁴³⁰ Jornal De Caxias, 02 de novembro de 1901, Anno VII, número, 304, p. 01.

virilidade declinante dos cidadãos e reaviva a nação se degenera.”⁴³¹

O homem pertencente ao mundo da ordem, seja ele soldado, praça ou militar, é restituído de uma dignidade enquanto homem, mas sua masculinidade é analisada de forma diferente, principalmente, pelo cargo que ocupa na esfera social. Assim, ainda, sob a luz das considerações de Jean-Paul Bertaud, o homem soldado ou o “soldado cidadão” deve se “conter e canalizar uma virilidade que, levando-o à intrepidez, o conduz a expor sua vida e a de seus companheiros de armas.”⁴³²

Em outro momento, vamos perceber, por parte da imprensa, a intenção de mostrar o quanto algumas substâncias, quando aliadas, poderiam causar sérios problemas ao homem caxiense. Como é o caso do fumo e da bebida. Uma aliança que seria condenada por parte da sociedade conservadora e idealista de Caxias, que almejava instituir uma cidade de homens voltados para melhoria das condições de trabalho.

Conhecimentos úteis

O FUMO E O ALCOOL

O fumo e o álcool ocasionam desordem taes que sintam mal com moléstias diferentes como desordens cardíaca, [...] são responsáveis pelo álcool e o fumo em grande parte.

LaCRE VERMELHO PARA GARRAFAS.⁴³³

Nota-se que nesse caso, corroborando com os exemplos citados acima pelo rei, e expostos pelo jornal, os discursos se projetam na mesma linha de pensamento. Criar contra discursos em prol de estabelecer uma linha de frente contra os males que poderiam instituir homens doentes e cuja sociedade tivesse que criar ações para auxiliá-los diante da sua enfermidade. A ideia era proporcionar horas laborativas para o desenvolvimento e crescimento da cidade.

Os casos, porém, não cessavam, visto a promoção de discursos e notas de utilidade para que pudesse ter consciência das suas consequências no espaço social. Por exemplo, o fato foi publicado no *Jornal de Caxias* na edição de 22 de julho de 1905. Nessa situação, a queixa partiu de Cecilio Brandes ao delegado de polícia, Alferes

⁴³¹ BERTAUD, Jean-Paul. A virilidade militar. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX. V.2. Trad. João Batista Kreuch e Noéli Correia de Mello Sobrinho. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, p.196.

⁴³² BERTAUD, Jean-Paul. A virilidade militar. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX. V.2. Trad. João Batista Kreuch e Noéli Correia de Mello Sobrinho. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, p.201.

⁴³³ JORNAL DO COMMERCIO, 22 de dezembro 1915, número 598, Ano XI, p 03.

Rodolpho Casemiro da Silva, que Paulo de tal, como aponta o jornal, estava bastante alcoolizado, sendo Cecilio Brandes insultado e agredido pelo embriagado. Segundo o jornal, o alcoolizado “*estava armado de uma faca.*”

[...] o campo judicial é o espaço social organizado no qual e pelo qual se opera a transmutação de um conflito direto entre partes diretamente interessadas no debate juridicamente regulado entre profissionais que atuam por procuração e que têm de comum o conhecer e o reconhecer da regra do jogo jurídico, quer dizer, as leis escritas e não escritas do campo – mesmo quando se trata.⁴³⁴

Em vista disso, o delegado procurou apurar os fatos ocorridos, buscando imprimir sobre estes um elemento de apaziguamento dos ânimos, com o próprio sentido de dar uma organização social após o caso de desordem. Sobre essa questão, a historiadora Elizabeth Cancelli, quando fez sua análise sobre a violência, afirma que dentro da lógica da segurança, da manutenção da ordem, existe uma política da polícia, ou seja, existe uma busca dos representantes da ordem em propagandear uma eficiência na construção de uma cidade do bem estar e da tranquilidade social.

Assim, uma das primeiras ações foi acionar o sargento Manoel Rocha, juntamente com o praça para averiguar o paradeiro de Paulo.⁴³⁵ Nas apurações realizadas pelo jornal, Paulo foi encontrado na “Rua Dias Carneiro em frente ao estabelecimento comercial dos srs. Teixeira & Irmão, ahi foi preso”; e logo o levarem à presença do delegado de polícia, conforme as ordens recebidas. O jornal aponta que o sargento e o soldado o conduziram à cadeia, “debaixo de uma carga de pranchadas de sabre.”⁴³⁶

Nessa ocasião, a polícia⁴³⁷ acaba tomando atitudes repressivas diante dos homens que apresentavam comportamentos como a ocorrência em questão. O caso de Paulo demonstra, porque tanto as autoridades caxienses como os sujeitos de outros lugares apontavam para o alcoolismo como o causador da desordem. Em vista disso,

⁴³⁴ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 209-254, p. 210.

⁴³⁵ Jornal O Paiz, 17 de fevereiro de 1903, Anno I, número 5, p. 02.

⁴³⁶ Jornal O Paiz, 17 de fevereiro de 1903, Anno I, número 5, p. 02.

⁴³⁷“A polícia - no sentido que os séculos XVII e XVIII conferiram à palavra - nas cidades cosmopolitas, esmera-se em arremedar, de certo modo, a ordem impositiva da empresa capitalista. Numas e noutra, o imponderável e o aleatório devem ser expurgados; as expectativas necessitam subordinar-se a um dado grau de previsibilidade; as marginalidades, quando não alijadas, precisam ser controladas; a regra e a regularidade são impostas; os fins explicitam os meios e tudo há de ser estimado e contabilizado. AZEVEDO, Ricardo Marques de. Uma Idéia de Metrôpole no Século XIX. Revista. Brasileira. História. 1998, vol.18, n.35, pp. 165-183.p.2.

mostravam discursos que contrapunham a continuidade dessa prática.

Maria Izilda, ao apresentar suas considerações sobre as campanhas de combate ao alcoolismo, diz que é possível identificar que as palavras davam um caráter pejorativo ao alcoolismo, pois o apontava como *flagelo, praga social, mal social, demônio da humanidade, veneno e satânico vício* entre outras palavras. Na imprensa caxiense, não percebemos imagens que apresentavam os efeitos dos males, mas palavras, que a autora faz referência, sempre estavam presentes nos discursos que falavam dos efeitos do álcool na vida desses homens. Como, por exemplo, na percepção acerca do vício do álcool.

O VÍCIO

Nada mais deprimente, nada mais triste do que o homem entregar-se ao vício.

Só é um ébrio ahi vai pelas ruas servindo de ridículo até os garotos, dizendo obscenidades, temido de todos que fogem, quando ele se aproxima, de vezes arrastado e esbordado por soldados brutos. E' a vergonha da família, a quem arruína inconscientemente. Endurecido pela pratica do mal, não vê as lagrimas que correm pelo rosto da mulher e filhos.

Esse homem arruína de um modo medonho a sua saúde já precária. Coração avoluma-se comprimindo os órgãos, cuja função prejudica;

Se é um jogador, que desgraça, que males accumila esse homem sua cabeça!

Para obter dinheiro para o jogo tudo sacrifica esse, desgraçado, - a família, a casa a saúde.

O vicioso ... que faz essa criatura, Vive as custas alheia, é parasita [...] o vigor doi que labuta é impertinente como uma mosca.

Só o trabalho[...] dignificam ao homem [...]⁴³⁸

Nesse sentido, Maria Izilda dos Santos Matos, em seus estudos, sublinha características sobre o ébrio. A autora identifica que o ébrio não guarda conveniência, quando se encontra embriagado, pois suas ações tendem a ser desgovernadas sendo possíveis performances violentas.⁴³⁹

⁴³⁸ JORNAL DO COMMERCIO, Caxias, novembro de 1915, Ano XI, número 590, p. 03.

⁴³⁹Independente da identificação da masculinidade com a força, a valentia e iniciativa, essas devem ser limitadas, regradas dentro de preceitos “civilizados” do viver, medido suas expressões, evitando-se a violência e a agressão; assim, ao se criticar essas ações, apregoam-se esses preceitos de controle. MATOS,

Por isso, o articulista busca aconselhar os homens para que não realizassem ingestão de bebidas alcoólicas, pois, quando se tornassem ébrios, poderiam dar espetáculo em decorrência do álcool. Além do estado inebriante, eles poderiam tropeçar, o que resultaria em “*gestos immoraes [...] pelas pedras dos caminhos*” sendo que muitas vezes deveria ser rebocado após a farra.⁴⁴⁰

O articulista considera ainda que os atos imorais na vida desse ébrio representariam um homem entregue às mazelas da vida, e principalmente entregue ao “desgraçado vício”, como ratifica o discurso do jornal. Para o articulista seria um motivo pelo qual esse “*homem jamais será capaz de acções heroicas e feitos sublimes e grandiosos.*”⁴⁴¹

Entretanto, ele considera que esse ébrio pode se tornar, mediante a prática de ingestão de bebidas, “*um irracional,*” porque “*a embriaguez constante*” a que se entregava acabaria o deixando *uma pessoa infeliz*. Dessa forma, o articulista afirma:

Se forte! Compenetra todos teus deveres perante a sociedade em que vives perante a convivência este tribunal recto, severo, que jamais transige. Para nesta vestiginosa carreira de degradações! Basta de seres apontado, pelos teus concidadãos, como um ente o iminente abjecto!.⁴⁴²

O homem preso por embriaguez, nesse compasso, torna-se o desordeiro, como é possível perceber nas considerações do articulista. Porém, ele insiste em reafirmar que os homens podem apresentar-se de outra maneira, como ele aponta na citação que utilizamos anteriormente. Nela são sublinhados elementos que corporificam o desejo da forma correta de como se pretendia que homens fossem dentro do seu cotidiano, pois assim teriam sujeitos focados em seus objetivos.

Segundo Vanderlei Machado, o modo como os homens agiam de forma descontrolada, em relação as suas emoções, “[...] se entregavam aos vícios, como o jogo e o hábito de consumir bebidas alcoólicas, que lhes privava da razão e os fazia perder o “domínio de si”, passam a ser vistos como elementos perigosos ao convívio no espaço

Maria Izilda Santos de. Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005, p. 74.

⁴⁴⁰ Jornal de Caxias, 05 de setembro de 1903, Anno VIII, número, 399, pp.02-03.

⁴⁴¹ Jornal de Caxias, 05 de setembro de 1903, Anno VIII, número, 399, pp.02-03.

⁴⁴² Jornal de Caxias, 05 de setembro de 1903, Anno VIII, número, 399, pp.02-03.

urbano.”⁴⁴³

Nesse caso, ser um ébrio é ser aquilo que não se desejava não se quer enquanto comportamento para sociedade, pois como são ratificadas no texto do articulista, que as *degradações não congregam elementos positivos para sociedade*. Nesse sentido, Goffman coloca:

Tomado, pois, através do tempo, o indivíduo pode desempenhar ambos os papéis do drama normal-desviante. Mas deve-se ver que mesmo encaixado num rápido momento social, o indivíduo pode fazer ambas as exibições, mostrando não só uma capacidade geral para desempenhar ambos os papéis, mas também o aprendizado e domínio necessários para executar de modo corrente o comportamento de papel que lhe é exigido. Isso é facilitado, é claro, pelo fato de que os papéis de estigmatizado e normal não são simplesmente complementares, mas exibem ainda paralelos e semelhanças surpreendentes. Aqueles que desempenham cada um dos papéis podem evitar o contato com o outro como um meio de ajustamento; cada um deles pode sentir que não é completamente aceito pelo outro e que sua própria conduta está sendo cuidadosamente observada - no que pode ter razão. Cada um pode ficar com seus "iguais" só para não ter que enfrentar o problema. Além disso, as assimetrias de diferenças entre os papéis que existem são quase sempre mantidas dentro de tais limites, conforme será favorecido pela tarefa comum e crucial de manter a situação social em marcha.”⁴⁴⁴

Seguindo essas prerrogativas que ratificam a negatividade das ações do ébrio, o articulista cita como tais práticas resultam em uma das degradações mais representativas para esse ébrio, a família. Em visto disso, ele afirma:

Não vês como a tua família chora lagrimas de sangue inconsolável aflitta?! não vês como os teus filhos pedem pão, famintos esquelidos, infelizes! E tu jazes, ahi no leito atirado como um leproso!
E' tempo, volta a tudo. ! Atendes aos rogos de tua santa compaheira!
Ouve os lamentos dos teus pobres filhinhos! Olha vê como a miséria rouba-lhes as(...) das faces e o riso dos lábios as Como tremendo¹ como tem feito os pobresinho!

Basta! E' preciso retrocederes, é preciso que tornes digno do amor da tua esposa, do carinho de teus filhos do respeito da sociedade. E'

⁴⁴³ MACHADO, Vanderlei. Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p. 143.

⁴⁴⁴ GOFFMAN, Erving. Estigma: a identidade deteriorada. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993, p. 113.

preiso que estes que hoje de desprezam seu andar voltem a apertar sua
 mão que embriaguez machucou uma que as lagrimas do
 arrependimento (?) branca, alva (?)
 Levanta a cabeça pesa firme e não doe mais o espetaculo do vicio
 pelas ruas da cidade!
 J. Costa⁴⁴⁵

Notamos que a ideia de regeneração estava condicionada a ser realizada por vários fatores para que esse homem voltasse a ser um modelo de homem aceitável aos parâmetros estabelecidos na ótica social. Um exemplo, como bem salienta o articulista, seria pensar naqueles que mais sofriam com as atitudes ocasionadas por ele no seu estado de embriaguez. Nesse caso, o autor se refere aos filhos e, principalmente, à esposa, que ainda perpassava como sendo a figura submissa aos olhos da sociedade e, principalmente, ao seu marido.⁴⁴⁶

O vício do álcool tornava-se mais perigoso entre os trabalhadores, pois estes, segundo os psiquiatras, eram incapazes de adotar padrões culturais e hábitos morais conforme a ética burguesa, já que deixavam de “comprar o pão para os filhos e a roupa para a esposa”, transformando-se em um ‘peso morto’ para economia do país.⁴⁴⁷

Em relação a essa questão medida de punição, foram pensadas para tentar punir os sujeitos que ocasionavam a desordem, como era o caso dos ébrios. Myrian Sepúlveda dos Santos (2004), pensando sobre as formas de punição, e em especial a prisão dos ébrios, como também dos demais desordeiros, entre eles os capoeiristas e os ditos vadios, reforça que, durante a primeira república, para se manter a ordem e tranquilidade foi utilizando um reforço para se cumprir as leis criadas pelo Código Penal, “criado”, pois como sabemos muitos elementos presentes no corpo desse código tinham semelhanças ao código de 1830.

O capítulo XII do código penal, em especial o artigo 396, afirmava que os mendigos e ébrios seriam presos pelo estado de embriaguez, mas, também, as mulheres, caso fossem flagradas na mesma situação. Outro artigo pertencente aos atos dos mendigos e ébrios é o número 397, cujo objetivo seria punir os sujeitos que incentivassem a ingestão de bebidas.

⁴⁴⁵ Jornal De Caxias, 05 de setembro de 1903, Ano VIII, número, 399, pp.02-03.

⁴⁴⁶ MATOS, Maria Izilda Santos; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas. São Paulo: 1890-1940 Revista *Art Cultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 23-37, jan.-jun. 2007, p. 30.

⁴⁴⁷ MARQUES, Elisa Paula. A Loucura Engarrafada: relações alcoolismo-loucura em Florianópolis nas décadas de 1930 a 1960. (Dissertação), UFSC, Florianópolis 2007, p. 27.

Assim a perspectiva da correção, normalização em vista ao desequilíbrio ocasionado pelo ébrio e outros desordeiros, tornou-se uma maneira para estabelecer o cumprimento por parte de homens e mulheres em relação ao chamado regramento social. E em especial aos homens em maior incidência, pois suas ações estavam manchando o espaço social. Por isso, o código também buscava punir aqueles sujeitos que, por ventura, fossem pegos praticando o ato de embriagar um menor de idade, esse seria punido com prisão de dois a quatro meses de reclusão.

Em conformidade com os problemas gerados por homens em estado de embriaguez, o *Jornal de Caxias* apontava para o ébrio, como agente causador do desequilíbrio social, ameaçando a moral pública, porque a ingestão do álcool alterava o comportamento desse homem.⁴⁴⁸

O homem que se entrega ao vício da embriaguez não só é um desgraçado; é um uma fonte de perenne de males para a sociedade. Desmoralisa-se a si próprio e ninguém lhe confia trabalhos donde tire os meios de subsistência.

Seu desistino é a cadeia, ou enxerga de um hospital.
Não é um homem útil, mas um homem prejudicial.

Sim tem família, então maiores são os males que causa á comunidade.

Preso, ébrio ou doente ou doente, não pode trabalhar: a miséria aparece-lheslimitam-lhe o exemplo ou buscam na rapina meio fácil de subsistência.

Assim proliferam os crimes, que matam a moral, e as moléstias que definiam a espécie humana.

A sociedade se desorganisa e a humanidade retrograda.⁴⁴⁹

Segundo o discurso médico, o álcool alterava o comportamento dos homens, os principais consumidores da bebida. O resultado dessa ação seria um distúrbio no sistema nervoso, porque conseqüentemente esse homem perderia a razão ocasionando ações que eles mesmos não teriam controle, como foi o caso que citamos no início dessa

⁴⁴⁸“Nas entrelinhas dessas descrições, além das diferentes facas de manifestações alcoólicas, percebem – se características do perfil de masculinidade idealizado como hegemônico, mostrando o “não- deve-ser” masculino, reforçando o que o homem deveria ser. O discurso, ao pontuar como o alcoólatra perde a dignidade, com o álcool imbeciliza os homens levando-os à bancarrota, à animalização, à perda do sentimento ético, à indisciplina transformando os homens em “feras”, apregoa o homem digno, disciplinado, racional e reto, adepto da perfeição moral, da cultura, do sentimento ético e da ordem, construtor do progresso pelo trabalho e disciplina.” MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005, p. 76).

⁴⁴⁹ *Jornal de Caxias*, 18de abril de 1903, Anno VIII, número 378, p. 01.

discussão. Os homens presos pelo fato de perturbarem o espaço social.

Conforme Rosa (2009) salienta, os médicos buscavam mostrar à população que os alcoólatras ofereciam sérios riscos à sociedade. A cachaça, em particular, ameaçava a saúde física, como também mental e moral dos indivíduos. Os consumidores da bebida não somente poderiam adoecer, mas também se tornarem violentos, cometendo crimes sem nenhum motivo para tal.

Corroborando com essa questão, Durval Muniz de Albuquerque Junior diz que a sociedade florescente no começo do século XX, no Brasil, almejava que os homens fossem sujeitos disciplinados, para que pudessem congregiar diante da rotina pesada do mundo do trabalho. Porém, isso não seria possível com o vício do álcool. Em vista dessa questão, o alcoolismo era entendido com uma doença que deveria ser combatida, pois havia se tornado um problema social.⁴⁵⁰ O discurso médico constituiu uma bandeira contra o alcoolismo, já que era um dos saberes científicos em ascensão naquele começo de século.

Os discursos, os ritos e as doutrinas constituem não apenas modalidades simbólicas de transfiguração da realidade social, mas, sobretudo ordenam, classificam, sistematizam e representam o mundo natural e social em bases objetivas e nem por isso menos arbitrárias. Quer dizer, a reelaboração simbólica que um discurso efetiva é parte integral da realidade social e por esta razão, tal realidade é também constituída, ou melhor, determinada pela própria atividade de simbolização.⁴⁵¹

O discurso médico penetra em diferentes instâncias de poder com o desenvolvimento científico da medicina. E o médico assume o lugar de conselheiro, cabendo a ele ensinar aos indivíduos as regras fundamentais de higiene que estes deviam respeitar em benefício de sua própria saúde e da saúde dos outros. De acordo com Maria Izilda dos Santos Matos, nesse quadro de intensas mudanças, a medicina se institucionalizou, reorganizou seus estudos, técnicas e funcionamento, polemizando novas maneiras de se ver os corpos, suas formas, funcionamento e cuidados.⁴⁵²

Por isso, Matos (2001) aponta que na fase onde o sujeito apresentasse sinais do estado mais agudo da dependência em relação ao álcool, como medo, delírio e ideia de

⁴⁵⁰ ALBURQUERQUE, JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: a invenção do falo – uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920/1940), p. 70.

⁴⁵¹ MICELI, Sérgio. Prefácio. In: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 7ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2011, p. LX).

⁴⁵² MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005, p. 32.

perseguição, deveria se constituir medidas mais intensas, pois ele poderia acabar gerando uma série de problemas não apenas para ele, mas também para o espaço social do qual fazia parte.⁴⁵³

Por exemplo, no *Jornal de Caxias*, era possível perceber discursos que buscavam apresentar reprovações em relação aos lugares que proporcionavam a ingestão de bebidas alcoólicas. Na ocasião, o texto publicado chamava atenção do delegado para espaços onde tivesse a prática de jogos, pois eram espaços propícios para os homens ingerirem bebidas. Desse modo, o delegado, sendo uma autoridade, poderia, por sua representação de força e poder no espaço social, ser capaz de constituir medidas contra o vício do jogo e conseqüentemente contra a bebida.

Acerca desta questão, José Murilo de Carvalho (1987) aponta que a realização dos jogos de apostas foi reprimida, porém com a intervenção do Estado a jogatina teve sua volta. Assim, configurou para os segmentos tradicionais um incentivo a vida fácil, sem trabalho, sendo nesse caso, uma oposição ao “ganho da vida pelo trabalho honesto.”⁴⁵⁴

Por essa perspectiva, em uma nota do jornal, um representante da sociedade caxiense dizia o seguinte:

Ao Sr. Delegado de Policia

O vício é um dos piores agentes que concorre para degradação social e arrasa o homem nas profundezas do maior abysmo.

O jogo, por exemplo, é um destes vírus que mais tem ocorrido para perpetrãodos maiores crimes.

Deve-se, por tanto, guerriara esses antros de perversidade e de pernicioso exemplo de perdiçãoda mocidade!

E’ portanto, para esse crime que chamos atenção do Sr. Delegado de Polícia Consta existirem nesta cidade diversas casas de jogo e uma dellas de paradas crescidas, nas quaes frequentão diversos meninos de famílias!

Toda providencia é pouca, mas a energia da authorityde muitas vezes supplauta o mal ainda que inveterado. *A sociedade.*⁴⁵⁵

⁴⁵³ MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p.71.

⁴⁵⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.127.

⁴⁵⁵ *Jornal de Caxias*, 19 de fevereiro de 1898, p. 01.

Corroborando para compreender a própria ideia da funcionalidade dos delegados em cidades como Caxias, estes lidavam com os casos de pequena importância, assim, por sua vez, deveriam instituir uma tranquilidade social aos homens e mulheres desse espaço. Nesse caso, em situações como a decorrente acima, os delegados distritais tinham como função resolver tais problemas e, para isso, dispunham sob sua responsabilidade de um pequeno número de pessoal: carcereiro, escrivão e destacamento de praças da Força Pública. Os delegados especializados podiam contar com uma estrutura de poder mais arrojada, o que aumentava seu apetite por crescimento na carreira e por reconhecimento político de suas ações.

Percebemos que a nota publicada pelo jornal traz à tona uma informação sobre o vício do jogo, sendo um dos males para sociedade. Nesse sentido, corroborando com nossa análise sobre esta situação, Durval Muniz (2003) nos fala que, nesse contexto da Primeira República, era comum ver as pessoas que consumiam bebidas alcoólicas também se tornarem dependente dos jogos, pois como ratifica o autor, o álcool e os jogos estavam sempre associados, tornando-se quase como “irmãos gêmeos”.

Em decorrência dessa situação, o Jornal do Commercio, em julho de 1915, apresenta na sua edição uma nota falando desse mal que vem assolando os lares da cidade de Caxias.

Aqui e fora daqui

Prometemos e aqui estamos

O jogo do bicho há de desaparecer desta cidade, custe o que custar. Havermos de combatel-o com toda energia expondo aos incantos, numa linguagem clara, sem o emprego de vocábulos campanudos, as desgraçadas fataes consequências a que estão sujeitos aquelles que a elle se entregam, levados pela ambição do lucro.

Felizmente, o apelo que fizemos ás mães de familia, não foi uma semente que lançamos em terreno sáfaro. Se em todos os lares crusada fôr encontrando o apoio que vae tendo, em breve ninguém falará mais do terrível flagelo que estamos enfretando sinaes como uma recordação triste de dias em que estiveram quase a assombrar as boas tradições que sempre gosou o berço de Gonçalves Dias.

E esses moços que hoje andam, como mensageiros do mal, rua abaixo, rua acima, é cara de nickel do pobre e do mil reis do rion devem compreender que estamos a estender-lhes os braços, para não deixal-os cahir no abysmo da perdição.

O jogo degrada o homem; é a porta aberta a todas as acções reprovadas, o caminho seductor que conduz vertiginosamente a todos os crimes. Dirão alguns que nada temos que ver com isso cada um joga o que é seu.

Os que assim pensam já estão irremediavelmente perdidos, porque o jogo também produz graves perturbações mentaes, pela excitação constante do systema nervoso.

Não está certamente bom do espirito o indivíduo que amanhece e anoitece e pensar no bicho, a falar no bicho e a sonhar somente com o bicho. E' uma monomania bem caracterizada não há duvida e, entre a loucura propriamente dita e qualquer monomania, vae um passe.

Mas não é somente debaixo desde ponto de vista que estamos combatendo o terrível lado que se encare as desgraçadas consequências que elle produz não há mal que elle se compare, nem a varíola, a febre amarela ou peste bubônica.

Contra estas epidemias, são estupendos os progressos da sciencia medica porem contra o jogo só conhecemos uma therapeutica – a moral, porque o jogo surge sempre onde são princípios de moral vao sendo despresados.⁴⁵⁶

Ao olharmos o texto acima, notamos que a imprensa tinha preocupação com os homens, principalmente, por que eles eram vistos como sustentáculos da sociedade. Nessa via de compreensão, percebe-se a imprensa, nesse contexto do início do século XX, apontando todos os perigos que poderiam impedir que os homens desempenhassem o seu papel no âmbito da sociedade.

Como nos coloca Sandra Jatahy Pesavento, esses combates se tornaram comum, porque oferecia aos trabalhadores perigos para formação de uma sociedade de homens honestos. Desse modo, o jogo colocava este homem distante do seu caminho de homem íntegro. Mas como Pesavento mesmo aponta, “[...] o grande jogo era mais difícil de erradicar, pois tinha atrás de si também “grossos interesses”, tornava-se mais fácil combater as bodegas, espeluncas, porções e peças de cortiços onde se abrigavam os jogos de azar praticados pelos pobres”.⁴⁵⁷

Em vista desta questão, nota-se por parte da imprensa, a fim de contribuir para banir do meio social caxiense esse aliado do álcool, discursos que apontavam o quanto

⁴⁵⁶ Jornal do Commercio de Caxias, 15 de julho de 1915, Ano X, número 559, p. 01.

⁴⁵⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cotidiano da República. Porto Alegre: UFRGS, 1990, p. 65.

o jogo era um problema para homens da cidade. Nesse sentido, o *Jornal do Commercio* destaca:

Recrudece, infelizmente, nesta cidade, o nefasto “jogo do bicho”.

A polícia, depois de algumas providencias que andou tomando no intuito de reprimi-lo, alcançando o melhor êxito, parece, que agora se conversa de olhos fechadso, deixando que a mais desenfreada jogatina campeie os pontos da cidade causando os seus perniciosos effeitos.

Os cambistas perambulando pelas ruas, com maior ostentação e oferecerem de casa em casa, os “seus serviços” como se entre nós fosse uma instituição licita e permitida aquelle maldicto jogo.⁴⁵⁸

Identifica-se como existia frente ao jogo uma postura contrária em relação àqueles cujas ações eram constituídas em propagandear a prática do jogo em Caxias. Assim, o que se torna latente, nessas linhas, são reprovações a tais práticas. Mas percebe-se que, mesmo com discurso reprovando, o jornal aponta serem notórias, entre ruas da cidade, pessoas, no caso homens, fazendo o serviço de oferta do jogo do bicho.

A condenação ao jogo, e mais ainda aos homens que divulgavam essa prática, demonstrava, na percepção do articulista, qual era o entendimento acerca do jogo para o desenvolvimento do país, no caso a jogatina seria um retrocesso, principalmente, para a valorização do trabalhador no mundo do trabalho.

O jogo, praticado desde cedo, também por fazer vítimas, segundo aponta o jornal, quando aliado ao álcool, tornava-se um problema, porque o passo para se tornar viciado no álcool seria, na percepção do articulista, muito fácil. Como ele cita o caso abaixo: “Ainda hontem vimos um pequeno de 12 annos de idade, mais ou menos, de cõr negra, sem um braço de cujo nome não recordamos, com uma caderneta no bolso, procurando naturalmente jogadores, entre meninos de sua idade.”⁴⁵⁹

O discurso do jornal é moldado dentro da perspectiva de criar uma representação em que as pessoas pudessem conceber um significado acerca do efeito negativo que o jogo poderia fazer para sociedade caxiense nesse momento. Por isso, em outro momento do texto, aponta-se que: “Cumprindo o nosso dever, havemos de clamar contra esse pernicioso vicio, procurando afastar de suas asphixiante malhas aquelles que, por felicidade ainda não tiveram cahido no abysmo da perdição.”⁴⁶⁰

Assim pensando na função do texto, na imprensa, Michel de Certeau diz que

⁴⁵⁸ *Jornal do Commercio de Caxias*, 18 de dezembro de 1915, Ano XI, número 597, p. 01.

⁴⁵⁹ *Jornal do Commercio de Caxias*, 18 de dezembro de 1915, Ano XI, número 597, p. 01.

⁴⁶⁰ *Jornal do Commercio De Caxias*, 18 de dezembro de 1915, Ano XI, número 597, p. 01.

esta constitui, como mecanismo de articulação, o texto no corpo, pois como considera o autor, o texto se produz em corpos que, por sua vez, intercala saberes e dizeres com intenções. Notamos que existe, por parte da imprensa caxiense, a intenção de propagar imagens que norteassem os sujeitos sobre formas para seguirem em seu dia a dia.⁴⁶¹

Assim, em um texto publicado pelo *Jornal de Caxias*, intitulado como *álcool e o crime*, o autor em suas considerações iniciais afirma que “o álcool não teria consequências tão desastrosas, se acção de suas propriedades se manifestasse no indivíduo e o cohibisse de perpetração dos crimes, anulando as suas forças”.⁴⁶² Mas isso não resulta, pois, como salienta o autor, por causa dos efeitos das diversas associações.⁴⁶³ Desse modo, ele afirma:

O vício da embriaguez não empolga só a classe proletária. Avassala também os homens de letras grandes industriaes, até os directores da política. Entre estes hodiernamente, o alcoolismo toma tanto vulto que faz perigar o futuro das nações.

O abuso frequente das bebidas alcoólicas por toda parte torna parte assustadoras proporções e ameaça apresentar-se como regra geral. Mães, esposas e filhas já se embriagam também; e, nesse deplorável e vergonhoso estado, já de vez em quando se as vê em público.

Triste realidade a embriaguez!

Adeus, honra; adeus família, adeus, razão humana.⁴⁶⁴

A diversão da classe trabalhadora toma lugar nos discursos dos articulistas caxienses, pois como apresentamos o homem dos segmentos populares, nos dizeres dos articulistas, mantinha uma relação muito próxima com a bebida, e isso gerava um grande incomodo, visto associação realizada de bebida mais homem popular se configurava em uma união que não proporcionaria resultados positivos, principalmente, porque esse homem não seria capaz de gerir as atividades relacionadas ao mundo do trabalho com maior desempenho.

Segundo Melo, os divertimentos abriam possibilidades para que as pessoas

⁴⁶¹Tornar-se necessária uma fragmentação indefinida da aparelhagem para ajustar e aplicar cada vez um desses ditos e/ ou saberes do corpo, modelos unificadores, à opaca realidade carnal cuja complexa organização se revela no decorrer das intervenções resistindo-lhe. Entre o instrumento e a carne, existe, portanto um jogo que se traduz de um lado por uma mudança na ficção (uma correção do saber) e, do outro, pelo grito, dor inarticulável, impensado da diferença corporal. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. V. 14. Trad. Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 236-237.

⁴⁶² JORNAL DE CAXIAS, 22dejulho de 1905, Anno X, número 494 pp. 01-02.

⁴⁶³ JORNAL DE CAXIAS, 22dejulho de 1905, Anno X, número 494 pp. 01-02.

⁴⁶⁴ JORNAL DE CAXIAS, 18de abril de 1903, Anno VIII, número 378, p. 01.

pudessem se tornar mais violentas, visto à combinação realizada em festas, em espaços sejam públicos, ou privados. Porém, podemos perceber que os homens pertencentes aos segmentos menos abastados eram protagonistas de situações cujas práticas, onde ocorriam seus momentos de lazer, ressaltavam um grau de violência e desordem,

Não por acaso, então, as autoridades se empenharam em controlar e proibir as feiras e tabernas. Nelas os reformadores se reuniam para articular suas ações, tornando-as verdadeiros focos de preparação da resistência política; além de em si serem uma forma de resistência por estarem ligadas ao antigo estilo de vida das camadas populares, à manutenção de velhas tradições.⁴⁶⁵

Sobre esta questão, Thompson (1987) nos aponta que em regiões industriais verifica-se a existência de mecanismos de controle, em vista do tempo de trabalho, como também do tempo do lazer desse trabalhador. Corroborando com esse item, César Augusto Bubolz Queirós (2008) nos fala que a sociabilidade das classes subalternas é caracterizada por elementos como “agressividade intrínseca à manifestação da capacidade pessoal masculina”; considerando-se questões, como essa apontada pelo autor, podemos perceber que o homem dos segmentos populares, em seus momentos de diversão, apresenta comportamentos cujos aspectos não são positivados, pois, como se refere Queirós “são revestidas de um tom de jocosidade e provocação.”⁴⁶⁶

Nesse ponto, voltando às considerações do articulista, ele afirma que, na fundação das cidades, essa perspectiva do tempo disciplinar e os preceitos devem se instalar no cotidiano dos trabalhadores, pois ele percebe como “pobres vítimas da sorte”⁴⁶⁷ que ainda tem por perto um grande “inimigo, o mais poderoso adversário – o álcool [...]”⁴⁶⁸

O articulista não deixa de frisar o quanto a bebida demonstra ser a forma alçoz do homem, principalmente, desse homem pertencente aos segmentos populares, pois o mesmo não possui controle e nem compreende os limites do uso de bebidas, o que com o passar do tempo acaba tornando-se um amante dos líquidos etílicos. Pensando acerca

⁴⁶⁵MELO, Victor Andrade de Melo. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/thompson_art_movimento.pdf. Acesso 02/02/2016, p. 09.

⁴⁶⁶QUEIRÓS, César Augusto Bubolz. Masculinidade(s) Operária(s): conflitos e representações sobre o 'eu' operário. Revista Litteris, v. 1, p. 1-13, 2008, p. 4.

⁴⁶⁷JORNAL DE CAXIAS, 22de julho de 1905, Anno X, número 494 pp. 01-02.

⁴⁶⁸JORNAL DE CAXIAS, 22de julho de 1905, Anno X, número 494 pp. 01-02.

desta questão Fernando Dumas Santos afirma que:

Com a Revolução Industrial, quando se consolidou uma noção de tempo urbano e controladora do ritmo do trabalho fabril, a ociosidade passou a ser entendida como uma negação do trabalho, portanto um rompimento das regras sociais. A miséria dizia respeito às condições de vida das trabalhadoras nas cidades e a indignação era um produto social do capitalismo que seria amparada pelas classes dominantes, fosse pelo Estado, pela Igreja, ou pelo patronato.⁴⁶⁹

Nesse ritmo, percebemos que apresentando o mal ocasionado pelo álcool, o jornal mostra quais seriam os danos sociais e morais gerados para as pessoas, e, principalmente, para os trabalhadores caxienses. Assim em outro momento, o texto do jornal afirma quantos braços ainda seriam arrancados da lavoura, do mundo das fábricas para o mundo das bebidas. Assim, ele diz quantos *“paes subtraídos do seio da família, onde muitas vezes deu provas incencussas do amor, eliminados enfim, do mundo social pelo alcoolismo que solapa dia a dia a humanidade[...]”*.⁴⁷⁰

Nas considerações de Rosa (2003), a autora afirma que a relação constituída no consumo de bebidas tornou-se um problema social de maneira expressiva. Como informa o articulista do jornal, o homem consumidor do álcool leva para o lar os seus efeitos, pois geralmente esse consumo é realizado quando ele sai do dia de trabalho, ou mesmo quando nos finais de semana tem os seus momentos de lazer. A mulher, nesse caso, acabava sendo a principal vítima das alterações e brutalidades do seu marido.

Discutem-se meios da paz universal; descobrem se propriedades admiráveis nos seres orgânicos; aquilo é considerado como problema de elevado alcance, isto evidencia os passos gigantesco da sciencia moderna e o álcool que synthetiza em si o venenolento, mas certo e inexorável é o há do por alguns como um propensão que se não poder repetir um quanto que pouquíssimos encontraram meios práticos de combatel-o.⁴⁷¹

A base que fundamenta o texto busca apresentar a existência de ações em prol de combater os males ocasionados pelo álcool. Nesse caso, a *sciencia moderna* torna-se uma dessas medidas para auxiliar nessas maneiras para coibir as práticas de consumo

⁴⁶⁹SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. O alcoolismo: *a invenção de uma doença*. (Dissertação) IFCH, - Campinas – UNICAMPI, 1995, p. 107.

⁴⁷⁰ Jornal de Caxias, 22 de julho de 1905, Ano X, número 494 pp. 01-02.

⁴⁷¹ Jornal de Caxias, 22 de julho de 1905, Ano X, número 494 pp. 01-02

de álcool.

Quer se a pacificação do mundo não se levando em conta os costumes de cada um os ódios tradicionaes conversados pelas gerações que se succedem-se tantos outros embaraços naturaes que se oppoem tenazmente a realização deste plano gigantesco e contudo abandona se a paz empolgasse todo lar, espelho onde se refletem todos os resultados do alcoolismo.

As ultimas estatísticas doe Berlim accesãoo fabuloso numero de 45. 254 crimes aos domingos praticados pelos operários que aos sabbados recebem seus salários. Ora deante disso apresentão os dois graves inconvenientes perda do caráter e esbanjamento que em geral, é o único amparoda família.

Nesse compasso, para atentarmos as questões dos problemas ocasionados pela bebida, os discursos sublinham que os desvios sociais ocasionados pelos vícios resultariam em problemáticas, segundo o articulista, pois tinham sua origem no consumo do álcool por esses homens. Por isso, ele não deixa de frisar o quanto seria importante que as gerações de jovens pudessem compreender o descrédito social dos homens que bebem.

Outro aspecto que nos chama atenção, ao observar o discurso do jornal, é a comparação feita entre Berlim e cidades pequenas do Brasil, como a própria cidade de Caxias. Para o articulista, não seria diferente perceber os mesmos problemas relacionados à ingestão de bebidas alcoólicas se comparasse pequenos ou grandes centros urbanos, porque os sujeitos estariam dentro do campo das práticas efetivando comportamentos semelhantes.

As cidades, quando passam pelo processo de desenvolvimento, gestam situações particulares, mas não deixa de apresentar características semelhantes como, por exemplo, a formação de grupos excluídos, que constituem táticas e práticas conforme a situação em que estão vivendo.

Nesse ínterim, é valido mencionar as formas de diversão, como apontamos logo acima. Lugar privilegiado para identificar pessoas, homens, principalmente consumindo as bebidas alcoólicas e, no caso do Brasil, em especial Caxias, a cachaça é uma dessas bebidas mais saboreadas que resulta em momentos de quebra da ordem, pela exaltação promovida por sujeitos, segundo considera a imprensa.

Tanto a grande imprensa quanto a imprensa operaria foram unânimes

em afirmar que o operariado frequentava as sociedades recreativas dançantes, engrossava com sua presença os clubes de futebol, gostava de bares e de casas de jogo e apostas; o lazer operário se confundia com o lazer popular dos bairros pobres das capitais brasileiras ou das pequenas cidades do interior do país. Assim, os grupos de conversas nas calçadas, o lazer em torno das refeições coletivas, a música feita nas ruas por conjuntos musicais, pelas bandas operárias, as festas religiosas ou populares, variavam de acordo com elementos culturais específicos das várias regiões brasileiras.⁴⁷²

Destarte a esta questão, podemos ver que a imprensa caxiense sempre apresentava em suas páginas, que eram assinadas por pessoas que demonstravam confiança e credibilidade, textos repreendendo o consumo do álcool. Nesse caso, podemos citar o texto publicado por J. Palhano de Jesus, no *Jornal de Caxias* que chamava atenção dos problemas ocasionados pelo alcoolismo, denominando de *enfermidade*. Assim, ele aponta:

E' conveniente que os *homens nobres de sentimentos*, que tem a preocupação do bem comum, que considerão o presente como subordinado ao Passado e ao Futuro, se esforcem o quanto possível para que se *avolume o bem do corpo* e transforme um *clamor publico* a reprovação que todos sabe nos existir no solo das nossas familiares e as palestras dos nossos amigos contas males que se desenvolvem dia a dia. Constituinto uma tremenda ameaça de decadência para as gerações porvirem a uma prova mais do indiferentismo egoísta da presente geração.

Refiro-se ao *alcoolismo*, *umas das enfermidades sociaes* próprias deste estado de tranzição e que nos debatemos há séculos sem convergência de ideias, sem subordinação de sentimentos.⁴⁷³

Nota-se, nesse texto, um pedido para que os homens ditos e entendidos como pessoas mais conscientes pudessem ajudar a sanar o espaço da cidade, pois os problemas gerados pelo consumo de álcool poderiam ocasionar problemas às futuras gerações. Para o autor do texto, seria necessário, porque o que estava em jogo era o bem estar das pessoas no futuro.

Em vista dessa questão, afirma que independentemente do local, o alcoolismo se fazia presente sendo uma doença que precisava ser banida. Desse modo, a comparação realizada, entre os consumidores da Inglaterra e os moradores da cidade de

⁴⁷² DE DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Cotidiano de Trabalhadores na República*. São Paulo 1889-1920. Coleção Tudo é História. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989, pp. 64-65.

⁴⁷³ *Jornal de Caxias*, 17 de fevereiro de 1906, Ano XI, número 524, p. 01.

Caxias, demonstra que estes não seriam completamente diferentes, porque os resultados seriam os mesmos.

Dizem que na Inglaterra é grande o numero de vitimas do alcoolismo que constitue uma das grandes chagas de que sofre a giganstesca pele britânica.

E' conto

A qualquer, porém que com espírito observador e tenha vivido algum tempo em contacto em nossa população ocorrerá naturalmente a seguinte dúvida: Relativamente à população beberá Londres mais do que Caxias, beberá mais a Inglaterra do q' o Maranhão?⁴⁷⁴

E nas palavras do autor, o número de pessoas entregue aos vícios não ficava distante dos grandes centros urbanos, como Londres. Assim, em outro trecho, o autor justifica o porquê desse aumento expressivo no sertão, em que se encontra a cidade de Caxias, e mais ainda o próprio nordeste. Ele considera tal percepção pela própria história da região, quando se pensa os produtos cultivados e produzidos na região, como é caso da cana-de-açúcar e, por conseguinte, da produção da cachaça.

Sobre essa questão, Bourdieu considera que as classificações, que operam por aspectos correlacionados ao grupo, lugar e sujeitos, são formas de constituir uma representação. “Com efeito, o que nelas está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo.”⁴⁷⁵

Caxias possuía um alambique que produzia a bebida. Uma demonstração dessas possibilidades em relação ao consumo do líquido na região. Por isso, o articulista considera:

A dúvida, porém, em razão de persistir por todos podemos fazer uma ideia da grande quantidade de álcool que se consome nestas regiões.

⁴⁷⁴ Jornal de Caxias, 17 de fevereiro de 1906, Ano XI, número 524, p. 01.

⁴⁷⁵ “As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e desfazer os grupos.” BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: _____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. pp. 107 - 132, p. 113.

Basta entender o aumento de fabricas de aguardante e' temos grandes e pequenas todas vendendo facilmente o seu produto e não bastando para estancara importação desmaziada do álcool. Importação que se faz de outros Estados e do estrangeiro. Sob forma de aguardante, de conhaque, de vinhos, de genebra, de tudo.

Si levarmos agora em consideração a diferença de clima que há entre Londres e o sertão da zona agreste brasileira, então quase com segurança podemos prover que são maiores aqui os estragos do alcoolismo; levando em consideração o clima é possível que um barril de cachaça seja aqui tão prejudicial como wisk em Inglaterra.⁴⁷⁶

Ratificando sobre a ideia das regiões, devem ser considerados aspectos importantes para compreender a ingestão do álcool em grande quantidade, como também possuir um número expressivo de homens consumindo a bebida. Nessa questão, o autor tenta explicar como é cultural a relação do homem do agreste em comparação ao homem de Londres. Ele considera que os estragos são mais representativos na região do agreste, por existir número expressivo de homens consumindo a cachaça.

O que demonstra que apesar dessa situação se tornar um problema social, ela também gerava prejuízos para os donos das fábricas, porque os homens bêbados seriam os mesmos trabalhadores dessas fábricas. Para Chalhoub, a relação estabelecida entre patrão-empregado durante a República Velha e, por sua vez, vinculada pelos segmentos dominantes, apresenta uma imagem em que os patrões demonstravam serem pais e os empregados filhos, porém uma imagem que sabemos ser uma reprodução de uma realidade não existente.⁴⁷⁷

Qual o industrial que, tendo de dirigir entre nós um grande numero de trabalhadores, não sente logo a devastação que a cachaça vaee fazendo entre os nossos proletários!

Eles que digão si aguardante e o analfabetismo não constituem uma grande dificuldade para se encontrar outro os proletários alguns em condições de servirem como feitor ou chefe de turma.⁴⁷⁸

Nesse caso, o discurso do articulista volta-se para defender o patrão. Um sujeito configurado, dentro do campo das representações, como a pessoa mais prejudicada diante das práticas dos operários que consumiam a bebida de forma demasiada. Desse

⁴⁷⁶ Jornal de Caxias, 17 de fevereiro de 1906, Ano XI, número 524, p. 01.

⁴⁷⁷ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001, pp. 114-115.

⁴⁷⁸ JORNAL DE CAXIAS, 17 de fevereiro de 1906, Ano XI, número 524, p. 01.

modo, chamando atenção dos homens, o articulista considera que eles pudessem compreender o mal ocasionado ao seu patrão, como também a sua família.

O mal é grande evidentemente e convem que se procure obter os meios mais seguros de mioura-lo q' ne não pode pretender estingui-lo.

Bom seu q' cada um é livre de beber quando pode lhe apraz, de fumar quando quer, mas todo o mundo tenham reconhece que o vício da embriaguez é um dos maiores flagelos da humanidade e que o hábito de beber e de fumar é pelo menos um habito inútil entre nós bárbaro e mesmo imoral, sob o ponto de vista social.

- Poderão os governos proibir q' se beba e que os fume?
- Não cortamente, e nem o devem pois que só das convicções individuaes deverá depender afinal a abolição destes males.
- E não poderão fazer alguma coisa contra o alcoolismo principalmente e também conta o vício de fumar?⁴⁷⁹

Na visão de Chalhoub, o mesmo considera que o patrão era encarado como um “juiz doméstico”, que buscava orientar os trabalhadores e mais ainda que esses trabalhadores cumprissem suas atividades. Mas “esta imagem ideal da relação patrão-empregado tem um objetivo óbvio de controle social, procurando esvaziar o potencial de conflito inerente a uma relação baseada fundamentalmente na desigualdade entre os indivíduos que dela participam.”⁴⁸⁰

Assim em outro trecho, o articulista chama mais uma vez a atenção dos homens, como também das autoridades para tentarem *banir o álcool* da vida desses amantes dos líquidos etílicos, porém ele reconhece que não adiantaria os governos criarem proibições, pois como bem reforça, essa ação deveria partir dos próprios homens. Segundo considera o autor, seria necessário que a decisão de deixar as bebidas alcoólicas, como também outros vícios que os assolavam, fosse tomada pelo próprio homem.

A batalha contra o alcoolismo não configurou apenas como uma ação da cidade de Caxias, mas percebemos, ao longo da leitura realizada, consoante outras experiências de pesquisas correlacionadas a nossa, na mesma temporalidade, que em outros espaços também ocorreu o combate ao alcoolismo pelo fato da prática ter sido considerada,

⁴⁷⁹ Jornal de Caxias, 17 de fevereiro de 1906, Ano XI, número 524, p. 01.

⁴⁸⁰ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001, pp. 114-115.

dentro do cenário nacional, como uma doença.

Com relação às concepções médicas sobre o alcoolismo, vale atentar para tênue fronteira entre embriaguez e o alcoolismo. Não havia uma distinção clara no discurso médico dessas noções, fazendo com que o consumo de bebidas fosse visto como alcoolismo. A embriaguez, como efeito direto das substâncias etílicas, desde longa data fazia parte das práticas socioculturais da humanidade.⁴⁸¹

Por esse motivo, o articulista sugeriu medidas que corroborassem na diminuição da prática desses consumidores, por exemplo, tocando em uma das questões necessárias para o restabelecimento das energias, ou seja, aumentando os preços dos alimentos básicos da alimentação desses trabalhadores, pois como ele mesmo considerou realizando isso talvez fosse uma forma de combater o alcoolismo, pois “pensaria esse homem mais como se fosse comprar uma dose de bebida.”

Podem e devem a meu ver e eis aqui o meio que me parece mais apropriado:

Supremado-se ou atenuem-se os impostos que hoje peçam sobre o arroz, a farinha, a carne, o feijão, o fósforo etc e descarreguem-se o total destes ou as diferenças sobre as bebidas alcoólicas e sobre o fumo, agravando-se por este modo os impostos, que já suspeitam.

E' matar dois coelhos com uma só cajadada:

E' claro que beberá menos quem tiver de dar, por exemplo, 3\$000 por uma garrafa de cachaça do que quem poder obter por (?) que ao menos, os que gostam de beber e fumar, concorrão para que possam alimentar-se melhor os pobres proletários, que encontrariam por preço mais baixo os gêneros da primeira necessidade.

Esta solução que a muitos parecerá utópica, não deixará certamente de governo que colocar as questões de ordem moral e vital acima de ordem material.⁴⁸²

Entretanto, o articulista reconhece e volta atrás, porque seria *uma utopia*, visto que como ele aponta serem *os pobres um dos maiores consumidores do álcool* na região. O reconhecimento dessa proposta utópica, em relação à situação econômica, demonstra

⁴⁸¹ COSTA, Raul Max Lucas da. Tensões sociais no consumo de bebidas alcoólicas em Fortaleza (1915 - 1935): trabalhadores, boêmios, ébrios e alcohólatras. 2009. 209 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2009, p. 123.

⁴⁸² JORNAL DE CAXIAS, 17 de fevereiro de 1906, Ano XI, número 524, p. 01.

o quão seria difícil, principalmente, para os homens pobres, pois as dificuldades para sobreviver já eram uma máxima dentro da realidade do contexto e ainda mais se a proposta fosse levada adiante pelos governantes da época.

Entre esses aspectos, o fumo também citado anteriormente apresentava-se como um elemento sinônimo de preocupação por parte do discurso dos jornais, pois era considerado como um vício que necessitava ser banido do dia a dia do homem caxiense. Acerca desta questão, o Jornal do Commercio publica algo relacionado aos males ocasionados pelo fumo.

O vício do fumo

Os physicos e os chimicos e os physiologos são concordes em que o fumar antes de chegar a idade adulta dá logar a um dispêndio inútil de energia nervosa e cerebral por conseguinte a vida.

O dr. B. W. Richardson é de opinião que o vício do fumo nos mancebos atrofia os órgãos mentaes, interrompe a circulação, estraga o sangue, altera a digestão e obsta, geralmente, ao desenvolvimento do corpo.

Os rapazes, diz ele, condenam-se a si próprios para toda vida com o vício de fumar, e é uma pena de que nunca mais podem absorver. Entre as mais consequências do vício de fumar nos mancebos, há a fraqueza prematura da vista e as doenças do coração.

Pode dizer-se em geral, que o fumo é um prazer duvidoso, em troco do qual damos uma grande parte da nossa vida.⁴⁸³

Nota-se que o discurso do jornal apresenta-se como um aviso cujas intenções são instituir um aviso aos jovens que se tornaram homens, que serão os homens do amanhã. A ideia era mostrar, naquele contexto, quais os efeitos do vício para a vida desses sujeitos. Na construção da representação negativa, o discurso do jornal vai apontando quais os malefícios ocasionados por uma vida em que o fumo acabava sendo um companheiro no cotidiano destes homens. Principalmente por causa da energia desperdiçada, conforme menciona o discurso do jornal, pois na visão do periódico poderia ser utilizada para outros fins mais produtivos.

Mas em contrapartida dos discursos fazendo descrição dos males ocasionados pela utilização do fumo, nos jornais da cidade, vamos identificar propagandas falando sobre onde e quais os melhores cigarros que os homens caxienses podem encontrar para satisfazer os desejos.

⁴⁸³ Jornal do Commercio de Caxias, 31 de maio de 1920, Ano XV, número 900, p. 02.



Figura 44 - - Fonte Jornal de Caxias, 44 de junho de 1908, Ano XIII, número 646, p. 04.

O anúncio evidencia o sabor que possui os cigarros, o que se distâcia das observações que, em outros momentos, identificamos na imprensa ressaltando os danos causados à saúde do homem que possui o hábito de fumar. Além do sabor, o anúncio também considera que os cigarros seriam vendidos em carteiras, o que denota a preocupação em tornar cada vez mais elegante o ato de fumar.

[...] Estamos então diante de um objeto “deslocado” do seu mundo/ tempo e sobre o qual se acumulam discursos de diferentes contextos/ tempos, cada observador construindo a descrição segundo as formas de contemplação, bagagem cultural ou as formas de apropriação da sociedade em que se insere. [...] ⁴⁸⁴

Porém não podemos deixar de considerar a representação constituída sobre esse hábito, pois, assim como a bebida, o cigarro simbolizava ressaltar essa masculinidade do homem nessa fase adulta. ⁴⁸⁵ Sobre todos os aspectos que instituísse a

⁴⁸⁴ SALGUEIRO, Heliana Angotti. Introdução à edição brasileira. In: Padrões de intenção. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.10.

⁴⁸⁵ O cigarro no “Breve e esfumaçado século XX” teve um significativo aumento na propagação do consumo, este por sua vez perpassou por inúmeras mudanças que trazem coligadas novas possibilidades de relacionamentos interpessoais, tendo em vista que se possibilitou novas maneiras de relacionar, estas estariam baseadas no “primeiro contato” feito a partir do uso do cigarro seja para se aproximar ao perguntar “se aceita um ...” ou mesmo para pedir o “fogo” para acendê-lo, o uso e consumo do cigarro no Breve século XX tem como particularidade a mistura dos afetos, dos relacionamentos no convívio cotidiano do ato de acender e fumar um cigarro esteja este sujeito sozinho ou acompanhado. Belarmino, Aline Martins Quer fogo: os meios midiáticos e (des) territorialização do cigarro como sinônimo de prazer. (Monografia) – Guarabira: UEPB, 2011, p. 18.

sua virilidade, o cigarro consentia nessa valorização da identidade masculina enquanto homem. Nesse caso, podemos citar que muitos homens deveriam fazer o uso de charutos em vez do cigarro, pois representava maturidade em relação aos homens mais jovens.

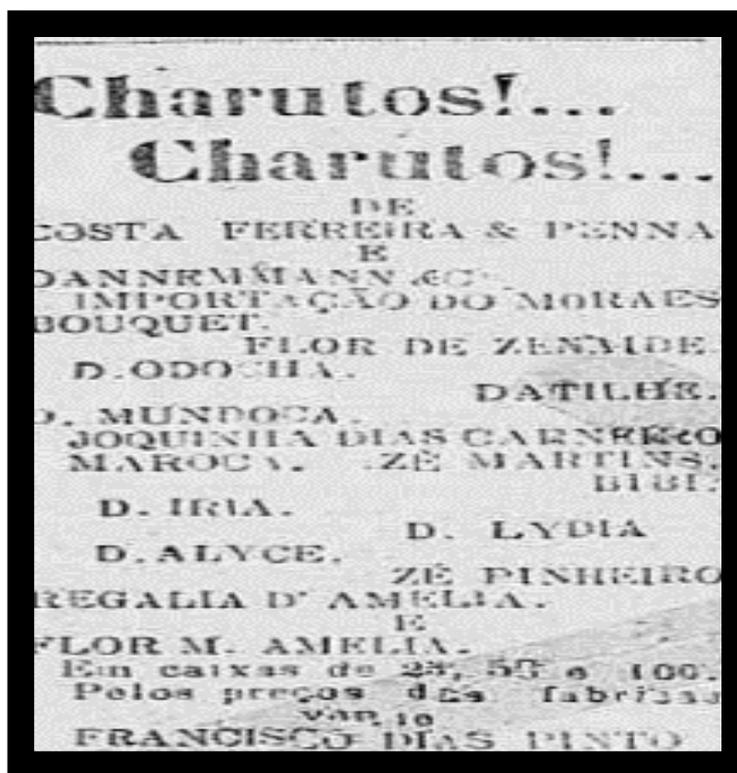


Figura 45 - -
Fonte Jornal de
Caxias, 44 de
junho de 1908,
Ano XIII,
número 646, p.
04.

Assim muitos jornais anunciavam charutos produzidos não apenas fora do Maranhão, mas nas regiões circunvizinhas de Caxias. Por isso observamos uma competição, por parte dos fabricantes, em trazer a ideia do melhor cigarro para este homem caxiense, pois como um aspecto mercadológico vender e ganhar novos fumantes fazia parte da proposta desses vendedores de cigarro.

No caso abaixo, buscando trazer uma diferença para conquistar esse comprador, o anúncio demonstra que esse homem faria uso de um cigarro além do sabor, o mesmo sentiria uma cheirosa fragrância. Dessa forma, Darsie Camilo Souza (2006) aponta que o “[...] cigarro serviria como uma ferramenta que colaborava com o sucesso nos relacionamentos, devendo, dessa forma, estar presente nos lugares nos quais as pessoas paqueram.”⁴⁸⁶

⁴⁸⁶ SOUZA, Camilo Darsie de. Territórios de exclusão: educação, saúde e representações de fumantes no espaço público. (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2006, p. 69.

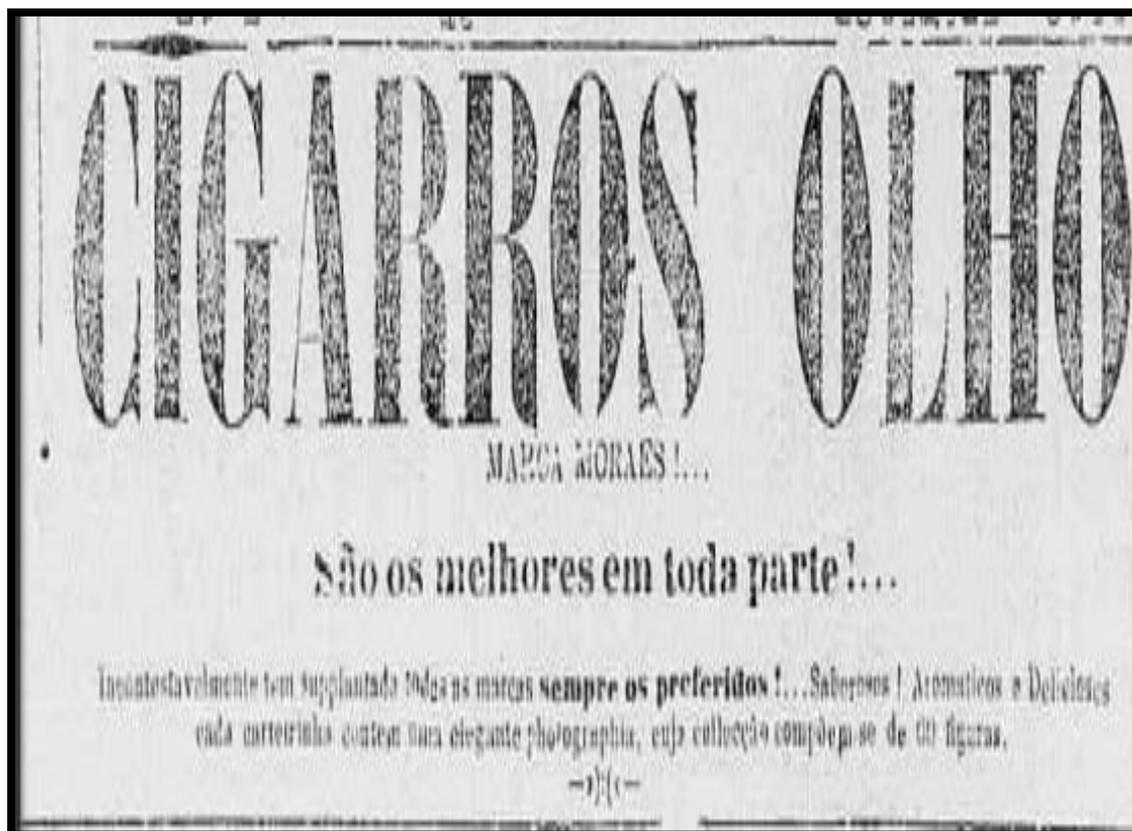


Figura 46 - Fonte - Jornal de Caxias, 19 de dezembro de 1908, Ano XIV, número 669, p. 04.

Assim, a conotação dada a esses vícios era a de uma imagem prejudicial aos homens honestos, e também era uma forma de coibir o expressivo aumento de homens que estavam adquirindo os vícios exaltados pela modernidade. Para o jornal, os homens que possuíam esses hábitos estavam contribuindo para os desregramentos familiar, social e econômico que estavam ganhando espaço ao mesmo tempo em que os valores moral e religioso estavam em crise.

Um pensamento que se configura como uma máxima, nesse contexto, principalmente, em que se busca imprimir a visão de um país de homens fortes, homens voltados para formalização da nação. Outro aspecto que podemos perceber, no discurso do jornal, é a preocupação da figura masculina, em todas as fases. No caso acima, o jornal aponta os efeitos com os jovens, mas os homens eram sempre temas de preocupação nas páginas dos jornais caxienses, visto o próprio desejo de se ter homens saudáveis, homens capazes de desenvolver as atividades laborais.

Desse modo, podemos perceber que os comportamentos masculinos acabam sendo reflexos do ranço histórico da maneira como se entendia o que é ser homem, quando se pensa esses sujeitos embriagados, por exemplo. Assim, como nos aponta

Michel Foucault, as continuidades se estabelecem de maneira única e o mesmo projeto de entendimento do que seja masculino se mantém e se estabelece, por se constituir um horizonte de privilégios independente dos sujeitos serem diferentes. Nessa situação, Foucault nos chama atenção para perceber os discursos em sua temporalidade, sem ter a necessidade de ir buscar um discurso longínquo, pois a origem que se deve buscar são os começos na temporalidade da qual se faz análise.⁴⁸⁷

⁴⁸⁷“Na verdade, temos o costume de considerar que os discursos e sua ordenação sistemática não são mais que o estado final, o resultado em última instância de uma elaboração, há muito tempo sinuosa, em que estão em jogo a língua e o pensamento, a experiência empírica e as categorias, o vivido e as necessidades ideais, a contingência dos acontecimentos e o jogo das coações formais. ” FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, pp.84-85.

Capítulo VI.

Virilidade, honra e violência

sob ótica da imprensa

caxiense

CAPÍTULO VI- VIRILIDADE, HONRA E VIOLÊNCIA SOB ÓTICA DA IMPRENSA CAXIENSE

O presente capítulo busca analisar os conceitos de honra, violência e masculinidade durante a primeira República, em Caxias, a partir da imprensa. Desse modo, vamos discutir inicialmente a ideia de honra, sob a ótica dos defloramentos, espancamentos realizados por homens, em Caxias, em busca da defesa da honra. Nesses casos, identificamos que a noção de honra vai se constituir de forma diferente, porém as ações performatizadas no âmbito social foram efetivadas dentro do conjunto de valores sociais correlacionadas e associadas às tradições de gênero, modelo familiar ratificados nesse contexto.

Nesse caso, os discursos operacionalizam determinados comportamentos sociais que eram vigorados pela sociedade caxiense como ideal para construção de uma moral, preservando os bons costumes. Assim, as questões relacionadas à honra também envolveriam a vergonha de ser difamado publicamente, principalmente, quando estaria em jogo a virilidade masculina.

Nessa compreensão, a imprensa, a partir da análise de discurso, nos demonstrou que algo, que movia a constituição de situações em que os homens populares estavam envolvidos, estaria imbricado pela necessidade de defender a reputação; assim, movidos pela raiva e descontrole, os homens se tornam autores de episódios como espancamento e assassinatos. Assim a boa conduta masculina era exigida como forma de controlar esses homens, por isso os jornais caxienses apresentavam discursos reprovando tais comportamentos, cujas ações estariam fora dos padrões ideias existentes para o contexto. Em muitos momentos, os jornais frisavam a necessidade de posturas de “homens de verdade”, porém evidencia-se, a partir dos discursos publicados nos jornais, a constituição de práticas de dominação entre esses indivíduos, o que denotava uma realidade social repleta de maneiras diversas de apresentar a masculinidade e defendê-la.

A luz desta questão, a imprensa apresentando os comportamentos entendidos como desviantes, o que demandaria para esses homens um movimento de correção dessas práticas, contribui com o ideal apresentado como necessário para a nação, naquele momento, ou seja, criar um país de homens honrosos, sem qualquer evidência de degeneração, pois se tornaria uma garantia de um país ideal.

Nesse sentido, vamos problematizar, em relação ao corpus documental, o

conceito discurso e poder, como também a própria ideia de gênero e masculinidade, visto as práticas de defloramentos. Porém não se pode perceber o reforço da masculinidade apenas por esse viés, mas nos casos em que os envolvidos eram atores de assassinatos, por exemplo. Pois percebemos que era um vetor utilizado para se pensar essa masculinidade, ancorado na constituição da violência, uma maneira efetivada por esse homem para solucionar os seus problemas.

Em nome da minha honra: Corpos femininos e Honra Masculina

Os casos de defloramento tornam-se mais presentes nos jornais, principalmente, no *Jornal de Caxias*. Periódico este que até o dado momento é o nosso meio de compreender, através das suas notas, como é visto os atos de defloramentos em Caxias. Sueann Caulfield, analisando vários aspectos, em relação ao comportamento dos sujeitos, nesses primeiros anos da República, afirma que é forte a insistência da autovalorização da virgindade feminina e da agressividade sexual, por parte do homem, considerando a autora, como sendo um comportamento característico, imbuído por uma práxis da chamada cultura masculina.

Os juristas que escreveram as leis brasileiras, no início da Primeira República, haviam mencionado, no entanto, esta mesma preocupação com a honra sexual e com a virgindade como testemunho do progresso do país.⁴⁸⁸ Nesse ínterim, julgamos necessário observar como o código penal, regente nos primeiros anos da Primeira República, constituía medidas que demarcavam uma postura moldada em conceitos heteronormativos, abrandando punições ao homem que praticava o defloramento.

Diante disto, podemos citar o caso de defloramento ocorrido na cidade de Picos, o ato cometido pelo homem cujo crime foi atuado pelo código Penal de 1890. Na ocasião, o praticante seria condenado baseado pelo título VII, que ratifica sobre os crimes contra a segurança, honra das famílias e ultraje. A lei também tem um capítulo que rege contra a violência carnal, fato este consumado pelo homem, que segundo informações não teve o nome revelado pelas autoridades.

Nesse sentido, podemos perceber que os crimes ocorridos contra defloramento começaram a se tornar mais presentes não apenas em outras cidades, mas na própria

⁴⁸⁸ SUEANN, Caulfield. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2000, p.54.

cidade de Caxias como, por exemplo, o que acontece no 2º distrito, chamado *Bom Sucesso* pertencente à região da cidade de Caxias. O jornal informa o primeiro nome do sujeito que se chama “Marciano de tal” que tentou violentar a filha de “Thomaz de tal”, chamada de “Antonia de tal” que tinha oito anos de idade.

Segundo o que informa o jornal, a criança ficou “bastante maltratada, não havendo, porém, o facínora consumando o seu infame intento graças à pessoa que acudiram aos gritos da vítima”⁴⁸⁹ Segundo Elisabeth Badinter, “[a] violência escapa a nosso controle, no pior dos casos, pelos gestos e, no melhor, pelas palavras. (...) ter a pretensão de censurar a violência verbal, assimilando-a à violência física, é um erro de cálculo.”⁴⁹⁰ Assim, ainda pensando acerca desta questão, a autora corrobora apontando que “[...] o trauma causado pelas palavras é de natureza diferente do causado pelas pancadas. É uma arma à disposição igual de ambos os sexos, que às vezes pode evitar que as pessoas se entreguem à violência física.”⁴⁹¹

Nesse caso, é possível afirmar que, ao publicizar notas como estas, os crimes começaram a se tornar mais conhecidos, pois percebe-se por parte da imprensa a intenção de banir tais práticas da realidade social da cidade. Assim, como também chamar atenção das pessoas a observarem o comportamento dos homens que realizavam tal ato. E mais os fatos que apenas eram informações que circulavam pelos corredores da chefatura de polícia, acabaram ganhando conhecimento de mais pessoas.

Para imprensa caxiense, uma forma de punir mais esses homens eram os títulos dados aos feitos realizados, pois também era uma maneira para agregar ao ato cometido uma conotação negativa e tentar evitar as repetições dessas situações na cidade de Caxias. Por exemplo, podemos citar o caso de defloração que ocorre com uma menina no 1º distrito na época. O *Jornal de Caxias* intitula de monstrosidade, por se tratar de uma menina de seis anos. Nesse sentido o jornal ressalta o fato que aconteceu no lugar chamado de Terra Dura, na época o primeiro distrito, segundo aponta o jornal bem distante do perímetro urbano.

A mãe da menor Maria Francisca da Silva tinha três filhos, o mais velho de 7 anos, uma enteada de nome Joanna de 4 anos e a mais nova uma bebê de seis meses. No

⁴⁸⁹ Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 2de novembro de 1894, n° 175, p. 02.

⁴⁹⁰ BADINTER, Elisabeth. Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 89.

⁴⁹¹ BADINTER, Elisabeth. Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 89.

relato do jornal, acerca do acontecido, o mesmo assinala que, por infelicidade da própria mãe, esta teve que sair muito cedo para o trabalho na roça no dia em que sua filha sofreu o defloramento.

Tendo essa infeliz mãe ido ao roça no dia 26, deixou as creanças só em casa, como era de costume, e ao recolher-se encontrou a menina Joanna em casa de não poder andar, por ter sua ausência apparecido um homem maltapilho que ceduzia ló-a para o mato próximo, safistezera nella seus desejos libidinosos!

Vimos a inditosa menina em casa do capitão Feliciano Ferreira Frazão, que como Delegado de polícia em exercício tratava de mandar proceder nella os exames necessários, e tivemos ocasião de verificar o estado lastimado em que se achava.

O malavado não se sabe onde mora; Maria Francisca, das indagações que fez verificou que elle chama-se Manoel, sendo tudo quando pôde informar a autoridade policial, que não obstante isso, trata de descobrir o paradeiro desse monstro. Daremos resultado das pesquisas.⁴⁹²

Os crimes de defloramentos acabam sendo, dentre as práticas realizadas pelos chamados homens desordeiros, um dos crimes caracterizados pela imprensa de mais gravidade, visto que em sua maioria as vítimas eram meninas menores de idade. Para a imprensa, tais práticas remetem o mais tenebroso crime e atuação realizada por um homem, pois sendo a vítima uma criança essa sofreria, mais ainda, com a lastimável atitude masculina.

As fissuras à dominação masculina não assumem, via de regra, a forma de rupturas espetaculares, nem se expressam sempre num discurso de recusa ou rejeição. Elas nascem no interior do consentimento, quando a incorporação da linguagem da dominação é reempregada para marcar uma resistência.

Assim, definir os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e de inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, contra o seu próprio dominador.⁴⁹³

⁴⁹² Jornal de Caxias, 29 de janeiro de 1898, número 115, ano, III, p. 01.

⁴⁹³ CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)”. Cadernos Pagu (4) – fazendo história das mulheres, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995, p. 37-47 (p.40-42).

Essas práticas que legitimam a masculinidade do homem se davam pela lógica instituída ao sentido de ser e estar sendo homem. O ego masculino se atribuía pela sua satisfação em conquistar para ele um grande feito, a desonra da mulher, por exemplo. Nesse caso, podemos citar um trecho do jornal *O Paiz*, falando sobre o homem sedutor.

O Seductor

O homem que seduz uma mulher, que a engana que a atraiçoa e que abandona, é tido por um heroe romântico que a sociedade recebe sem repulsão.

Era preciso demonstrar, por todos os meios de publicidade e popularisação o que todo o homem que desonra uma mulher e imediatamente não poe a sua vida, a fortuna, posição e o seu nome ao serviço de desaggravo, que possa dar ao seu erro, é um infame, ao qual o homme de bem não poder estender a mão.

Estas mãos e desbotados personagens romanescos, filhos da crápula do hysterismo e da onde postos em moda por uma literatura que nos últimos anos, tem pintado a parte mais respeitável e mais digna da sociedade com as cores coligidas em palheta de bordel e de taberna, estes homens e todos aquelles que os idealizam, que os destacam que destacam, que romanstisam e que os versejam, é preciso, á todos elles prostal-os pela crítica severa e honrada, despir-lhes a pelle como se despe uma luva desmanchal-os membro, descosel-os músculos por músculos, desfilal-os fibra por fibra, no theatro, no livro, no romance, no folhetim, na arte, com os nosso escriptos e com os nossos quadros nas relações publicas com o nosso desprezo, nas salas com as nossas ironias, com os fragellos do espirito, e na rua, com os nossos chicotes e com as nossas bengallas.

Ramalho Ortigão.⁴⁹⁴

Como as notícias sobre as práticas de defloramento se tornaram mais frequentes nos jornais, nota-se uma intensificação, por parte da polícia e justiça local, na busca de solução desses casos, como uma forma de apresentá-la à sociedade caxiense. Segundo Martha de Abreu Esteves, “[...] civilizar hábitos seria um sentido último da possibilidade de a justiça intervir diretamente nos crimes de defloramento e estupro,

⁴⁹⁴ Jornal O Paiz, 4 de fevereiro, 1903, p. 01.

com o intuito de estabelecer a ordem moral.”⁴⁹⁵

Desse modo, o crime de sedução

[...] tipificado no artigo 217 como ato de “seduzir mulher virgem, menor de dezoito anos e maior de catorze, e ter com ela conjunção carnal, aproveitando de sua inexperiência ou justificável confiança”, é um caso em que se percebe, mais claramente, essa espécie de pacto entre os costumes sociais, oriundos do senso comum e dos códigos e das normas jurídicas, pretensamente científicas.⁴⁹⁶

Em vista desta questão, em outro momento, o Jornal de Caxias apresenta uma nota de repúdio, pois se verifica os casos e muitos dos homens envolvidos eram homens cuja nota atribui o termo de “*cazadinhos*”. Assim, os considera o discurso do jornal cuja autoria não foi apontada.

CORRIGINDO

A nossa sociedade acha-se infectada de abutres, personificados em alguns homens cazados, que hypocritamente pregam a moralidade.

E’ assim, que alguns deles, abusando do estado de pobreza, em que se acham algumas donzelas, **promettem lhe mundos e fundos com o fim de desfructai- as.**

Já não procuram um lugar secreto para exercerem seus fins reprovados.

De todos os cantos surge um destes impudicos, que não sabe respeitar o lugar que ocupa na sociedade, e o papel que representa no lar doméstico, como chefe de familia.

São estes uns cazadinhos immoraes, que em qualquer lugar, onde se offereça ocasião de se encontrar em qualquer donzella, destituída de proteção e de fortuna, dirigem-lhe palavras inconvenientes, que offendem os castos ouvidos e o puder da infeliz, esquecendo-se que elles perante a sociedade, a família e a moral accarretam com serias responsabilidades.

Já não são os solteiros que se atrevem a tanta impulencia; são uns cazados, que por um dever a sociedade e moral tem a obrigação de

⁴⁹⁵ ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas Perdidas: os Populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989, p.83.

⁴⁹⁶ CAVACALTI, Silêde L. O. *Campina Grande de(fl)orada por forasteiros*. In: *Imagens multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação, 2000, p. 62.

pugnar pelos interesses vitais de qualquer donzella, pertença ella a alta ou **baixa classe social**; são certos cazados, que se arrojão com todo cynismo a peitarem as pobres donzellas, que honestamente ganham o pão emprego que exercem em nossas fabricas de tecidos.

O arrojão é tão grande, que não se pejam, uns em oferecer dinheiro as incautas; outros, casa para morar; outros promettem tirar do trabalho de fabrica, para mimorar as aguras da vida afanosa em que vivem; outros mandão offercer todos os seus possuídos, para gastarem com a infeliz, pedindo lhe conferencias, e mandando que appareça em sua casa commercial, fingindo que vai comprar alguma mercadoria, para nessa occasião armar-lhe o laço; outro, porque é queima-ferro de uma fabrica mandar convidar a outra, para se empregar na fabrica em que o cujo é empregado, offercendo lhe melhor vantagem, tudo isso com o fim de facilitar melhor a sua preza.

Triste sedução!!!

Depois... e depois, que estes corvos afeitos a praticar estas outras immoralidades; depois de bem desfructadas as que **se deixam iludir**, e que depois são descobertas pelo meio mais eficaz (a gravidez) elles cynicamente dão a auctoria do crime, **sem escrúpulo** nenhuma, a qualquer indivíduo, que se ache sem protecção.

São estas as belezas de certos typos que pregam a moral, mas que não sabem ou não querem prattical-a.

Voltaremos ao assumpto, dando a conhecer estes typos, acompanhado cada um de per si, com um pequeno esboço das suas bravuras, bem como quem são as victimas.

O Sentinella. ⁴⁹⁷

A regularização dos costumes parte do princípio que esses typos de homens deixassem seus desejos carniais para serem saciados no casamento, pois ao perceber o tom da denúncia pela qual o discurso acima chama atenção, os homens deveriam evitar a desmoralização da sociedade caxiense com a finalização dessas práticas. Ainda sob a ótica de Esteves, “[...] tornar público um conflito que poderia ser considerado privado. Civilizar seria então estabelecer denúncias, prisões, punições ou forçar casamentos independentemente do seu meio viciado.”⁴⁹⁸

⁴⁹⁷ Jornal de Caxias, 24 de junho de 1899, Ano IV, número 184, pp. 02-03.

⁴⁹⁸ ESTEVES, Martha Abreu. Meninas Perdidas: os Populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989, p.83.

Nesse caso, o aviso dado pelo discurso da sentinela, da moral, chamava atenção para estratégias que muitos homens caxienses realizavam para conseguir ter atenção das moças virgens, o que denotava uma prática de desonra para sua família, visto nesse contexto, ser forte o princípio do homem ser um sujeito seguidor dos bons costumes, principalmente, por ser casado. Segundo Ramos, os homens acabavam necessitando da autoafirmação, da virilidade, “[...] que provava seu caráter como homens honrados também por meio da prática sexual, reconhecidos como parte de uma cultura em que se preservava o reconhecimento pessoal ou a amizade mediante essas afirmações.”⁴⁹⁹

Para Iranilson Buriti (2004), a honra foi entendida como uma mercadoria, que estabelecia “[...] relações de gênero centradas na hierarquização. Nesse aspecto, essa hierarquização de gênero, era resultado de uma construção histórico – social baseada na anatomia dos corpos masculino e feminino e balizada na ciência médica.”⁵⁰⁰ Pensado sobre essa questão, para Rodrigues (2016), o “homem considerado racional deveria controlar seus impulsos sexuais, ao primar pela ordem, além de ter que exercer sua superioridade sobre a mulher no cotidiano”.⁵⁰¹

A “honra social”, uma prática discursiva de juízes, promotores e defensores públicos, indicava dois sentidos voltados tanto para a família quanto para a sociedade e, de modo geral, aparecia associada a um conjunto de qualificações relativas às mulheres, que inscreviam sentidos em seus corpos, estabelecendo códigos de condutas sexuais e morais.

Para os magistrados, a exposição da família nos crimes sexuais gerava uma visão negativa frente à sociedade, muitas vezes significava um ultraje, uma vergonha, em particular nos casos em que os pais detinham certa visibilidade por terem melhor poder aquisitivo e profissão reconhecida.⁵⁰²

Por essa perspectiva, para sentinela, forçar a visibilidade das práticas seria uma forma de chamar atenção desses homens, pois o homem, quando forçado socialmente a

⁴⁹⁹ RAMOS, Gilmária Salviano. Honra sexual: discursos em torno de crime sexuais. (Tese) Programa de Pós-Graduação em História. UFSC/PPGH. Florianópolis- SC, 2015, p.90.

⁵⁰⁰ BURITI, Iranilson. Façamos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30). (Tese) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002, p. 42.

⁵⁰¹ RODRIGUES, Ramon Araújo. Masculinidades e virilidades na literatura de Clodoaldo Freitas. (Dissertação) Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, 2016, p. 105.

⁵⁰² RAMOS, Gilmária Salviano. Honra sexual: discursos em torno de crime sexuais. (Tese) Programa de Pós-Graduação em História. UFSC/PPGH. Florianópolis- SC, 2015, p.77.

sentir-se envergonhado, perderia o respeito diante da sociedade, como sua própria honra, um dos escudos da sua virilidade e mais ainda do bom cidadão respeitado por todos. Segundo Ramos (2015), a preocupação com a ideia da honra estaria correlacionada aos princípios da obediência e “[...] envolvia também valores sociais relativos “à boa reputação”, “aos bons procedimentos”, “bons princípios e boa formação”, ao “bom conceito”, entre outros.”⁵⁰³

O sentimento de desordem provocado pela ação de tipos masculinos, em Caxias, nos aponta como alguns comportamentos eram frequentes na cidade, porém só a partir da imprensa que tais casos vieram à tona nesse contexto da primeira República. O que denota nesse ínterim é necessidade que possuíam diante dos desejos carnavais e mais ainda desse processo de reafirmação da virilidade.

Por isso vamos perceber, por parte dos juristas, a afirmação que o defloramento deveria ser entendido como um ato pelo qual os homens deveriam ser punidos, visto que a imagem feminina, após o ato, estaria manchada, além da possibilidade da mesma acabar adentrando para prostituição.

O discurso da sentinela – que não sabemos ser um grupo existente na cidade ou apenas uma pessoa que defendia tais princípios em Caxias – apresentou, mediante as práticas de defloramento que estavam ocorrendo de forma muito intensa, uma carta de preocupação sobre o assunto. Entre muitos casos que ganharam as páginas dos jornais caxienses, podemos citar o caso da menina deflorada, Angela de Moraes, que foi identificado de maior expressividade no contexto. Em vista da “monstruosidade”, conforme aponta o Jornal de Caxias.

O alvo desses homens, indicado pelo pela nota de repúdio, não era apenas as meninas dos segmentos menos abastados, mas também as meninas dos segmentos detores de poder aquisitivo na sociedade caxiense, porém é válido acrescentar que não conseguimos identificar essas donzelas dos segmentos mais abastados, pois o que se nota é uma resguarda tanto deste homem, como desta menina, visto ser um fato pelo qual os envolvidos estariam marcados negativamente.⁵⁰⁴

⁵⁰³ RAMOS, Gilmária Salviano. Honra sexual: discursos em torno de crime sexuais. (Tese) Programa de Pós-Graduação em História. UFSC/PPGH. Florianópolis- SC, 2015, p.76.

⁵⁰⁴ As mulheres eram tidas como a representação do privado, e sua participação ativa enquanto mulheres em praça pública eram rejeitadas por praticamente todos os homens. [...]. É no ceio do espaço privado que o indivíduo se prepara para afrontar o olhar dos outros; ali configura-se sua apresentação, em função das imagens sociais do corpo. PERROT, Michelle (Org.). História da Vida Privada: Da revolução Francesa à primeira guerra. Trad. Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 27-446.

Refletindo sobre essa questão, Vigarello (1998) afirma que crimes como defloramentos ou espancamentos praticados por homens se tornaram mais visíveis, a partir da ação das “[...] investigações da polícia, nos documentos da Justiça, nos artigos de imprensa, nos debates da opinião pública”.⁵⁰⁵

Em relação a esta questão, podemos pensar que não é um caso isolado o espancamento de mulheres por homens. As questões na verdade não se limitavam apenas aos espancamentos, mas também à morte dessas mulheres. Por este viés, podemos apresentar o caso de Claro, um homem de cor preta, maior de 60 anos de idade, casado com Firmina de tal, conforme o jornal aponta.

A vida deste casal, em termos gerais, como nos credencia o próprio *Jornal de Caxias*, acaba ganhando visibilidade no jornal naquele momento. Em suas considerações, o casal estava voltando de uma festa para o sítio *Olho d’Água* onde viviam, mas que o dono era o Sr^o Tenente Coronel Antonio Bernardo Pinto Sobrinho. Nas descrições apresentadas sobre o ocorrido, o articulista nos chama atenção para aspectos bem característicos do casal. Um dado que não podemos considerar como válido para os demais casos, que tivemos a oportunidade de analisar até o dado momento.

Primeiro é a idade, a cor do causador e da vítima, um dado em que podemos constituir análises, ou seja, dar dimensão para pensarmos a ideia da representação desse fato na imprensa. O caso enfatizado pelo jornal em relação à cor, cujos envolvidos são dois negros, assim segundo aponta o jornal [...] Claro de tal, de cor preta e maior de 60 anos, casado com Firmina de tal, mulata de 30 anos mais ou menos e que estava no 9^a mez de gravidez, residia com a mulher no sítio *Olho d’Água* do sr. tenente-coronel Antonio Bernardo Pinto Sobrinho.

O articulista, ao trazer à tona dados como esse, demarca socialmente quem são as pessoas, informando o lugar onde moram e qual a idade. Algo que não conseguimos identificar em outros casos que foram publicados na imprensa. Mas seguindo a análise, o jornal fala que o casal havia saído de uma festa na noite do dia (28 do passado), voltando esse casal dessa festa sem ter havido a menor desavença entre ambos, quando já se achavam recolhidos a seus aposentos.

Assim, como nos informa o jornal “Claro dirigio-se a mulher e fere-a de ponta e

⁵⁰⁵ VIGARELLO, George. História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI –XX. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 07.

retirando-se para fora da casa, ferio-se com a mesma faca também no ventre, arrependido do mal que havia feito. Em depoimento na delegacia, Claro afirmou sua versão acerca do fato. Segundo o que ele diz, “na manhã de domingo veio para aqui a infeliz mulher em uma rede e esteve na casa da Camara em quanto se procedeo corpo de delicto, sendo, depois transportada a uma casa aberta na Rua da Areia, aonde a vimos a tarde, com os intestinos de fora sem que até então se lhe tivesse applicado nenhum curativo.”⁵⁰⁶

Porém o jornal não apresenta mais elementos sobre a fala de Claro, em relação ao fato ocorrido. Percebemos que a fala apresentada não esclarece o fato dos sujeitos envolvidos. Mas o jornal aponta que o ato realizado por Claro “é inacreditável isso, mas infelizmente é exacto esse deshumano!”⁵⁰⁷

Percebendo as relações de gênero e a forma como Firmina é morta, o jornal questiona por quais motivos este *homem negro* realizou ato tão monstruoso. Assim como o jornal se acalenta de perguntas para compreender os motivos do assassinato de duas vidas, pois como apontamos anteriormente ele não mata apenas Firmina, mas também o filho ou filha que estava próximo de nascer. Assim, Ferri ressalta que:

O homem que acredita ter o direito de matar, só porque surpreenda ou creia no adultério, intervém não a veemência de uma paixão, como o amor, mas a manifestação de um egoísmo possessório, opressão marital sobre a mulher escrava e besta de carga, cujo corpo, na fantasia reta ou desequilibrada do esbulho, se deva fazer voltar ao antigo senhor com a violência. Antes a supressão que a perda da posse exclusiva [...] deveremos afirmar bem alto que o direito de matar não é uma faculdade que a civilização possa conceder a alguém.⁵⁰⁸

Mas o jornal aponta que o sofrimento da vítima do preto Claro não se findou no mesmo dia de sua ação. Após o ato, o corpo da mesma foi enviado para Câmara municipal para tentar ajudar em uma possível recuperação, mas como o grau de ferimentos foi bem intenso “a mulher negra”, como ratifica o jornal, não resistiu. E na “noute de 30 pode Firmina, encontrando-se nella ao que nos disseram, um ferimento no ventre. Pouco depois exhalou tambem o ulimo suspiro, essa infeliz mulher, a quem só muito tarde foram prestados alguns socorros.”⁵⁰⁹

⁵⁰⁶ Jornal de Caxias, 04 de janeiro, 1902, Ano VII, nº 313, p. 02.

⁵⁰⁷ Jornal de Caxias, 04 de janeiro, 1902, Ano VII, nº 313, p. 02.

⁵⁰⁸ FERRI, Enrico. O delito passional na civilização contemporânea. São Paulo: Saraiva, 1934, p. 68.

⁵⁰⁹ Jornal de Caxias, 04 de janeiro, 1902, Ano VII, nº 313, p. 02.

Nas considerações do jornal, o causador do crime se fingiu arrependido e emotivo diante do fato ocorrido. Mas mesmo assim, fingindo demência, como ratifica o articulista, ele em uma tarde de “domingo foi recolhido a cadeia pública, mas não é de gravidade o seu estado tanto que no dia seguinte foi a uma das boticas acompanhado por soldados em procura de medicamentos”.⁵¹⁰

O que realmente levou Claro a cometer o assassinato da sua esposa? Os motivos não ficam evidentes, diante das afirmativas apresentadas pelo jornal, mas o conceito de honra, ou melhor dizendo, o que homem em questão entendeu por honra, e porque ele reagiu assim, podem nos servir de elementos para fazer conjecturas, por exemplo, de como a ideia de imprimir no bojo social de uma honra limpa acaba sendo um ponto bem presente nesse contexto da Primeira República em Caxias.

O desfecho desta história não se torna única, visto as várias notas que conseguimos capturar ao folhear as páginas do Jornal de Caxias. O que podemos pensar que os casos, em que homem bate na mulher, transcorrem em um cotidiano bem característico na cidade de Caxias.

Nesse sentido, o caso de Claro, podemos considerar que no campo das emoções elas podiam ser motivos suficientes para levar os homens a ousarem, caso fosse necessário defender o seu *brio* masculino, levando-se em conta que a dignidade e a honra são marcas representativas do universo do homem. Sobre esta questão, Antonio Carlos Lima da Conceição (2005) ressalta que:

A fidelidade garantia a estabilidade da relação monogâmica do casamento, que era muito exigente no que diz respeito à monogamia da mulher e à garantia da certeza da prole. A reação masculina à perda da honra era violenta. O homem devia ser impetuoso, até agressivo e estes eram elementos que também compunham a construção da masculinidade.⁵¹¹

Seguindo essa máxima, onde a virilidade, a masculinidade e a honra desse homem estão em jogo, os critérios sociais de diferenciação acabam sendo deixados de lado e demonstrando ser mais necessário defender aquilo em que vale muito, pois seria viver a total tranquilidade de bater no peito e dizer “sou homem sem falhas”, sem nenhum traço que desmereça o meu *brio* masculino.

⁵¹⁰ Jornal de Caxias, 04 de janeiro, 1902, Ano VII, nº 313, p. 02.

⁵¹¹ CONCEIÇÃO, Antonio Carlos Lima da C744 Metendo a colher: os crimes passionais em Salvador (1940-1980). (Tese) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015, p 162.

Sobre esta questão, Mirian Pillar Grossi (2001) destaca que para a constituição do modelo de masculinidade hegemônica em nossa cultura a “atividade não diz respeito apenas à sexualidade Ela é também percebida positivamente também agressividade, pela voracidade, como aconteceu no caso acima”. Nesse compasso, o processo de reprodução da masculinidade acaba sendo realizado, quando se percebe as maneiras como sujeitos, como esse citado acima, acionam a violência como forma de manter o elemento que o define enquanto homem, o masculino ou o macho. Notamos que o entendimento corre pela via da conversão, ou seja, transforma-se a agressividade em agressão, incorporando nesse processo a violência.

Mas como afirmamos anteriormente, o caso do negro Claro e sua esposa Firmina não se torna nota informativa única no *Jornal de Caxias*, a desordem ocasionada por casais e, mais ainda, os maus exemplos que tais situações configuravam como notícias na imprensa, naquele momento, evidenciam de antemão um entendimento da ausência da ordem, seja ela dentro do âmbito público, ou privado. A ideia então de desordem marca de forma singular a cidade de Caxias, mas os parâmetros de análise desta questão são visualizados pelo ângulo dos desentendimentos, onde o homem situa-se como ator principal.

Nesse sentido, seguindo em mais fatos, é possível apresentar outro tipo de violência, mas que, segundo os dados colhidos, não configuram como total entendimento acerca da relação entre José Monte e Leopoldina, por exemplo. O caso acontece na noite de segunda-feira, às 8 horas, Jose Monte, morador no Cangalheiro, segundo o que diz articulista “forçou a porta da casa onde reside Leopoldina Ferreira da Silva, penetrou no interior e concluindo de rastos a mesma Leopoldina para a rua espancou-a brutalmente com o cinturão que trazia”.⁵¹²

O articulista considera que a surra dada na senhora em questão foi realizada por um período bem longo sem a intervenção de “ninguém da vizinhança acodio aos gritos de socorro dados pela victima e um filho de 7 annos, pelo terror que todos têm de aggressor que é um formidável desordeiro.”⁵¹³

O jornal, ainda, afirma que a polícia foi acionada, porém quem levou a notícia até o Delegado, segundo o que foi apurado, não apresentou o nome. “O sr. Delegado de polícia após receber a notícia dessa occorrecia, procedeo corpo delicto a uma

⁵¹² Jornal de Caxias, 18 de abril de 1903, Ano, VIII, número 378, p. 01.

⁵¹³ Jornal de Caxias 18 de abril de 1903, Ano, VIII, número 378, p. 01.

offendida, sendo o estado della considerado grave pelos peritos, segundo somos informados”.⁵¹⁴ Ao final da nota, o jornal pede que “é de esperar que não fique impune esse attentado que foi presenciado por muitas pessoas da visinhança o que reduzio a paciente ao estado de não restabelecer-se em 30 dias”.⁵¹⁵

Nota-se que a palavra desordem marca o entendimento de regularidade social ausente em Caxias, por isso percebemos o quanto os jornais buscam imprimir discursos conclamando a necessidade de homens capazes de solucionar os problemas sociais vividos pelos caxienses, condenando, nesse caso, os homens cujas práticas estão manchando e atrapalhando a ordem social. Porém o desejo de implantar uma ordem não estava na mesma sintonia das práticas dos caxienses, pois nota-se, nesse contexto, que muitos homens em nome da sua honra, em nome do manter sua integridade, envolviam-se em situações conflituosas, gerando sempre desentendimentos entre esses homens.

Corpos decepados, masculinidade e violência em Caxias

Ferimentos graves

*No logar Salobro, 1º de districto Estevão José de Sousa, ferio gravemente a Vidal Alves Teixeira. Procedeu-se a corpo de delicto no paciente e o criminoso acha-se recolhido a prisão.*⁵¹⁶

Ferimentos

*Na noute de 3 houve grude para os lados do Gangalheiro ao qual resultou **espancamento e ferimento de gravidade**, como de um homem que perdeu um olho. E’ para lastimar que se **vão reproduzindo estes factos** entre nós talvez devido a falta de punição.*⁵¹⁷

Assassinato

*No Jabotá, onde residia, foi assassinato o jovem Alipio Teixeira de Novaes, que há pouco tempo foi praticamente na pharmacia Pedreira, desta cidade. Não nos informaram o móvel do crime nem se foi preso auctor.*⁵¹⁸

⁵¹⁴ Jornal de Caxias, 18 de abril de 1903, Ano, VIII, nº. 378, p. 01.

⁵¹⁵ Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01.

⁵¹⁶ Gazeta Caxiense, 01 de maio de 1894, n. 122, p. 02.

⁵¹⁷ Jornal de Caxias, Caxias 09 de novembro, 1895, nº. 6, Ano 1, p. 01.

⁵¹⁸ Jornal de Caxias, 27 de outubro de 1900, Ano V, nº 252, p. 01.

Espancamento

*Na madrugada de 11 do corrente foi **espancado brutalmente** Damião de tal na estrada das boiadas por dous **desordeiros** que offenderam a outras pessoas na mesma ocasião.*

Conta ser grave o estado de Damião e que o a polícia tomou conhecimento do facto.⁵¹⁹

As notícias acima apresentadas se tornaram mais recorrentes nas páginas dos jornais caxienses, nesse período do então regime republicano em vigência, porém não significa que em outro momento da história da cidade, como também as notícias divulgadas nos jornais caxienses, em um contexto anterior, não existissem informações correspondentes às notas que utilizamos para abrir essa discussão nesse momento do nosso trabalho.

Notamos, pelas informações acima, que o cotidiano na cidade de Caxias era marcado por situações em que os delitos, crimes de assassinato, espancamentos e brigas se faziam presentes, sendo que tais práticas eram consideradas como desordeiras. Neste sentido, percebemos que os fatos, encarados pela imprensa como bárbaros, são informações que nos remetem a pensar que no campo das divergências, os cidadãos estejam eles, no perímetro pensado naquele contexto como urbano, ou mesmo em espaços mais distantes, como os distritos de Caxias, tornavam-se casos reproduzidos em forma de notícia para os leitores desses jornais.

Os jornais mostram para seus leitores o seu lugar social. Ao caminhar pelos locais da cidade, os jornais mantêm vivas as territorialidades dos seus leitores. Lembrando sempre seu local de pertencimento. Seu lugar não é o das celebridades, é o da desgraça ocorrida com elas. O espaço que lhes pertence é o da exclusão. O destaque dado à catástrofe e à violência faz com que os leitores relacionem esses temas diretamente a seu cotidiano. São capas com manchetes que informam, reforçam e conduzem os excluídos através dos cenários sociais nos quais transitam diariamente. Não se trata do excepcional, mas do cotidiano que os acompanha em todos os lugares⁵²⁰

Por esse viés, acreditamos ser possível conjecturar sobre tais informações.

⁵¹⁹ Jornal de Caxias, 18 de julho de 1903, Ano VIII, número 392, p.01

⁵²⁰ FIALHO, Carlos Eduardo; MIRANDA, Tatiana Barboza. Primeira página: jornais populares e identidade. Revista Confluências Interdisciplinares de Sociologia e Direito. Vol. 11, número, 02, 2010, pp. 153 – 165, p. 163.

Desse modo, poderíamos pensar que os atores desses acontecimentos são representados como indivíduos desordeiros, homens indisciplinados, *selvagens* com necessárias correções, vistos as ações realizadas por eles, em que a vida e as consequências dos seus atos não se tornam elementos de importância. Nesse ínterim, buscamos identificar nas notas acima, como algumas palavras reproduzem sentidos que apresentam cenas e representam o teor de gravidade do ocorrido.

Notamos, então, que a representação pode ser uma categoria dotada de poder simbólico, porque muitos dos elementos que compõem o discurso simbólico e social se internalizam, por exemplo, sentimentos de valores coletivos e a incorporação de reflexos do contexto em que tal representação é gestada. Segundo Chartier,

Um conceito como o de representação nos permite designar e ligar três realidades maiores: primeiro, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais eles agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam os signos e as 'performances' simbólicas [...] e finalmente a 'presentificação' em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade.⁵²¹

Desse modo, ao sublinharmos algumas palavras das situações citadas na abertura desse tópico, podemos entender como é operacionalizada e fabricada, pela imprensa, a imagem de quem comete a violência, ou mesmo entendido, nesse caso, como violência. Assim, sob o olhar de Chartier, as representações são constituídas dentro desse jogo linguístico, principalmente, os discursos da imprensa caxiense.

Nesse ponto, a imprensa faz circular uma representação que configura como uma imagem constituída acerca das situações de espancamento, brigas e mortes ocorridas em Caxias. Mas, como frisa Roger Chartier, ao discutir o conceito de representação, esta pode ser manipulada pelos sujeitos que manuseiam os meios pelos quais essa representação circula.

Sobre essa perspectiva, Pierre Bourdieu afirma que na maneira de perceber as representações não se pode descartar as relações de poder que estão imbricadas nessas maneiras de comunicar ao outro, como também não podemos desconsiderar que tais

⁵²¹CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990, p. 108.

sistemas simbólicos assumem uma função simbólica, para dar credibilidade ao noticiado, além de buscar legitimar a dominação de um segmento social sobre outro.⁵²² Nesse sentido, pensando acerca do conceito de violência, Marcos Bretas (1991) aponta que a mesma assume o papel de conservar a ordem, ao mesmo tempo em que rompe a ordem ocasionando a desordem.⁵²³

Por essa perspectiva, as representações podem ser entendidas como classificações e divisões organizadas no mundo social, ou melhor, sobre o mundo social através de categorias que falam desse mundo real. Por isso, devemos nos ater para a variabilidade das representações, porque devemos considerar como essas representações se classificam e se dividem, principalmente, em se tratando dos grupos e segmento social a que se referem, porque não se pode deixar de considerar os jogos de interesse envolvidos na construção dessas representações. Podemos ainda considerar que as representações não emergem de discursos em plena neutralidade, as representações além de não serem neutras, elas são gestadas com intuito de produzir estratégias para se alcançar objetivos específicos.⁵²⁴

Assim, em consonância com os aspectos ditos no parágrafo anterior, as palavras como *espancamento*, *ferimento*, *gravidade*, *brutalmente e desordeiro* se apresentam como núcleos simbólicos, que dimensionam representações sobre quem cometeu a violência. Nesse ponto, não é preciso caminhar em busca de exemplos distantes da nossa análise para percebe-se que os homens são compreendidos como feitores dessas situações, além de atuarem como atores principais, nesses casos, que citamos inicialmente, como também os que apresentaremos ao longo desse momento do texto.

Os homens, protagonizam as cenas de violência e com essas ações abrem precedentes para ratificar sua masculinidade, para reforçar sua virilidade, diante das mais diversas situações em que eles estejam envolvidos. Assim, percebemos que todas as vezes que o homem buscava fazer a defesa da sua honra, esse encontrava a tensão, a

⁵²² Ver BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 2ª ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

⁵²³ Todos estão cientes, todavia, das dificuldades em lidar com informações incompletas. Nesse sentido, pode ser muito interessante comparar alguns dados e conclusões obtidos em fontes e regiões diversas do país por alguns pesquisadores. BRETAS, Marcos Luiz. O crime na historiografia brasileira: uma revisão na pesquisa recente. BIB, Rio de Janeiro, n.32, 2º semestre de 1991, p. 49-61, p. 50.

⁵²⁴ CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

briga, como via mais fácil para mostrar-se capaz de resolver seus problemas.

Seguindo as considerações de Marcelo José Oliveira (2008), ao discutir o conceito de honra, o antropólogo aponta que:

Os homens deveriam contar com seus poderes de “sangue”: a honra traduzida em virilidade e coragem, bem como a capacidade em ser eficiente para lidar com os problemas e perigos que o cercam. Um homem deveria ser varvato, ter testículos, e exercer a força que deles vêm e ser capaz em qualquer forma de empreendimento que exigisse a combinação de força, coragem e habilidade. É com esta combinação que se fazia o homem “eficiente”.⁵²⁵

Mas essa ação não era a única forma encontrada por esses homens para se pensar a solução dos seus desentendimentos, pois existiam outras, porém o jornal não abre possibilidades em suas páginas para percebermos essas outras formas de resolução desses problemas.

Claudia Mauch (2004), quando reflete acerca da ordem pública e a ideia de moralidade em Porto Alegre, no mesmo recorte temporal desta pesquisa, evidencia acerca da relação estabelecida entre o que o jornal diz e suas possibilidades de compreensão acerca dos fatos ocorridos na cidade. Assim, a autora aponta que “o jornal é eficaz porque “trabalha com e cria consensos”, repetindo e reiterando ideias e imagens que acabam por se transformar em pressupostos de uma época.”⁵²⁶

Sobre essa questão, podemos acionar as considerações de Foucault, quando esse se refere aos ditos e não ditos nos discursos. Os jornais já fazem uma seleção das informações publicadas, como também dentro dessas informações, pelo viés da linguagem, pois o autor faz recortes sublinhando ao leitor apenas informações que caracterizam ao final uma mensagem desejada de ser repassada.

A violência, nesse caso, é um elemento notório dentro das temporalidades históricas, não sendo de maneira singular uma ação apenas de Caxias, ou mesmo de outro lugar do Brasil nesse mesmo período. Porém, consideramos necessário problematizar a violência, não apenas pelo olhar da violência, mas também por quem a comete e sua expressiva forma de caracterizar o ato de ser violento.

⁵²⁵ MARCELO JOSÉ OLIVEIRA. Entre amigos Antropologia da homosociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis. (Tese.) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Florianópolis, Santa Catarina, 2008, p. 85.

⁵²⁶ MAUCH, Cláudia. Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890. Santa Cruz do Sul: EDUNISC / ANPUH-RS, 2004, p.61.

A própria substância da violência é regida pela categoria meio/objetivo cuja mais importante característica, se aplicada às atividades humanas, foi sempre a de que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, que justificam e que são necessários para alcançá-los. Uma vez que os propósitos da atividade humana, distintos que são dos produtos finais da fabricação, não podem jamais ser previstos com segurança, os meios empregados para se alcançar objetivos políticos são na maioria das vezes de maior relevância para o mundo futuro do que os objetivos pretendidos.⁵²⁷

Por essa ótica, a violência acabou sendo usada para reforçar a identidade masculina, pois assim como as mulheres são produzidas por discursos, imagens que tentavam reforçar a identidade feminina, percebemos que em paralelo a tal realidade, os homens também são produzidos e devendo, pelos elementos repassados historicamente, garantir ou ter que garantir sua identidade de homem.

Por esse viés, a virilidade desse homem precisa ser alimentada por ações que corroborem para entender este indivíduo enquanto tal, enquanto sujeito viril. Em relação a essa questão, Bourdieu considera que, o elemento viril desse homem não é percebido apenas como via da reprodução, diante da sociedade, mas também pela capacidade de mostrar-se em exercício da prática de ser violento, por causa do reforço que sua virilidade necessita para ser constituída no bojo das relações sociais para ele se dizer e ter como justificar sua imagem de homem.⁵²⁸

Nesse sentido, ainda sob o olhar de Pierre Bourdieu, a identidade do homem deve ser pensada por um *habitus* que exige o reforço de aspectos que virilizam tais sujeitos, por isso a prática de tais ações é realizada com intuito de não perder o bastão, que instituem diante da sociedade, da mulher e mesmo de outro homem, de que ele ainda permanece e estar homem, seja qual for os meios para apresentar isso para sociedade.⁵²⁹

A violência aliada à força acabou sendo duas características que necessitariam

⁵²⁷ ARENDT, Hannah. Sobre a violência. Tradução: Maria Claudia Drummond. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994; OnViolence. New York: Harcourt Brace & Company, 1970, p. 04).

⁵²⁸ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 3 edições - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 64.

⁵²⁹ [...] os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas o que o operário come, e, sobretudo, sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário, industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 9ª ed., Campinas/SP: Papirus editora, 2008 [1996], p. 22.

estar presentes na formação da identidade masculina, pois caso esse homem tivesse que derramar sangue para defender sua honra, essas características seriam os atribuídos acionados para constituir a defesa do indivíduo independentemente da situação que ele estivesse envolvido.

A violência seria uma das marcas características na definição da masculinidade desse sujeito homem, mesmo que, nesse contexto, se pensasse em autocontrole dos impulsos tanto de homens, como das mulheres. Porém ao percebemos as práticas apresentadas pelos jornais, notamos um rumo contrário, quando o jornal lança o seu olhar para os homens dos segmentos populares.

Nessa perspectiva, Fabrice Virgili (2013), refletindo sobre a relação estabelecida entre homem e violência, considera que a continuidade dessa prática no século XX se manteve, porque seria uma forma de estabelecer uma reafirmação da sua identidade, da sua virilidade. Para ele, o homem e essa masculinidade, que adentra no século XX, não desaparecem com hábitos que caracterizam o aspecto de ser violento. Os novos hábitos apenas suavizam os comportamentos, mas esse homem ainda é caracterizado como sujeito violento. Para o autor, “[...] este tipo de mudanças se inscrevia numa duração e numa acomodação individual com uma nova forma social.”⁵³⁰

Por exemplo, é o caso ocorrido e publicado em treze de junho de 1900, mas que ocorreu no dia vinte e nove de maio no mesmo ano em Caxias. O jornal começa a nota falando que foi um espancamento que transcorreu durante a noite. As palavras para situar o leitor acerca do fato já dimensionavam a representação de um ato bárbaro, pois, segundo o periódico, *as pessoas ficaram horrorizadas* ao saberem desse acontecido.

O espancamento noticiado procedeu na Rua dos Cavaleiros, sendo “presenciado com indignação por muitas pessoas”.⁵³¹ Na abordagem do *Jornal Caxias*, o moço espancado não era um sujeito de “má índole”, “tinha boa reputação” e, como afirma o jornal, pertencia “a uma família tradicional com costumes desta família”.⁵³² O jornal afirma que, na ocasião, o moço estava “espectando sossegadamente contra muitos outros um divertimento que havia numa casa daquela rua”.⁵³³ E foi realizado, segundo

⁵³⁰ VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. V.3. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, pp.82-115, p.84.

⁵³¹ Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

⁵³² Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

⁵³³ Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

aponta o periódico, por homens que pertenciam ao corpo policial da cidade.

Percebemos uma junção de elementos nessa atitude que a priori constitui não só a força masculina, mas também a força emanada pelo cargo, função exercida por estes homens que faziam parte de corpo disciplinador da sociedade, além da experiência de sentir o poder nas mãos, o que pode ser considerado como aspecto em que a força será o mecanismo para fazer acontecer a violência.

Uma brutalidade que é fragmento da barbárie presente na desumanização do crime ou do agressor, compreendida superficialmente somente através de referenciais jurídicos ou políticos. Ao desconsiderar que o que produz o crime são configurações emocionais carregadas de espessas camadas de inveja, indiferença, vaidade, arrogância e desesperança, perde-se a possibilidade de entender que a raiva necessária para executá-lo não se restringe apenas àquele que mata, estupra ou trafica, mas também àqueles que dele se beneficiam, como o fazem certas elites políticas e financeiras.⁵³⁴

Nesse sentido, o jornal afirma que o jovem foi espancado com “*brutalidade da força masculina*”. Além disso, o periódico apontou que na ocasião ninguém compreendeu o motivo do espaçamento, questionando o porquê dessa ação em relação ao rapaz. Na ocasião, o articulista afirmou ainda que os populares presentes buscavam respostas em relação à “*ação dos seus agressores nem a quem quer que fosse.*”⁵³⁵

A ação foi vista por muitas pessoas, mas apenas um comerciante, cujo nome não identificado, interveio “a favor do moço”, que estava sendo espancado. Em relação ao comerciante que se apresentou solidário ao rapaz, esse mantinha um negócio, porém localizado em uma rua vizinha à Rua do Sol. Ainda sob a ótica do articulista, o mesmo diz que é “inacreditável, mas infelizmente real o facto”⁵³⁶.

Esse caso foi reproduzido em edições anteriores, segundo o que aponta o articulista, com intuito de apresentar as consequências – uma delas a “morte do indivíduo, que deitou com golfadas de sangue, como [foi] notório (*grifo nosso*).”⁵³⁷ O articulista argumentou como os homens da lei podiam fazer isso, sem questionar quais

⁵³⁴ NOLASCO, Sócrates. O Apagão da masculinidade? Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade - Ano 1 - Nº 2, Dezembro/2001 pp.9-16, p. 10.

⁵³⁵ Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

⁵³⁶ Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

⁵³⁷ Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

os males que poderiam gerar, citando ainda que *não foi um caso isolado* em vista das repetidas vezes que tinham acontecido na cidade.

Assim, o jornal, ao mencionar sobre o pai do rapaz, afirma que ele era “*um ancião responsável em epochas mais felizes da sua longa vida e que ocupou saliente posição na nossa sociedade; mas não imaginava que seu filho sofresse tamanha affronta, sem haver dado motivo à ella.*”⁵³⁸Sobre esse caso, buscamos averiguar na documentação dos processos de autos crimes, como também nos jornais que circularam na época, mas não obtivemos registros para saber quais foram as consequências dos sujeitos envolvidos no caso.

Desse modo, notamos que a violência não é uma ação corporificada encontrada apenas entre os homens dos segmentos populares, como a imprensa naquele momento tentava apresentar em suas notícias, mas percebemos também que os próprios agentes da norma, que deveriam conduzir a chamada disciplina, promoviam, dentro das suas ações, medidas em que o conceito de proteção e segurança se esvazia em vista das suas práticas.

E os casos não eram isolados, uma vez e outra, a imprensa caxiense estava ocupando suas páginas com informações dessas práticas de violências cometidas pelos agentes da lei, como questiona o articulista do jornal *O Caixeiro*, o que seriam esses homens da lei, cuja função seria proteger, no entanto cometiam atos cujas ações estavam em contra posição aos princípios de ordem e cordialidade exaltados nesse contexto.

Polícia que espanca

Na noite corrente foi barbaramente espancando [...] furado a facca por soldados desta cidade desse destacamento que [...] disfaçados 10 horas da noite o distinto moço, Manoel Joaquim Costa, filho do sr. cel. Horacio Costa, quando passava pelo largo do Rosário.

Além de tudo isso foi arrastado para cadeia pelos ditos soldado, só sendo posto em liberdade as 5 hotas da manhã pelo sr. Nogueira que quando executou este acto de *caridade* disse a seus subordinados que tinha praticado muito bem.

Que monstruosidade!! Em vez de censurar e seu procedimento de seus subordinados inócuos por uma substancia das forças a elles com semelhantes *Elogios!!*

⁵³⁸ Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

E' esta a polícia que temos que em vez de manter a ordem, alterando o socego publico, cometendo desordem, desrespeito e espancamento.⁵³⁹

Nesse caso, Sócrates Nolasco aponta que a masculinidade tem uma instituição de referência na guerra; o ser violento, o campo das batalhas corporais, as maneiras de exercer a força buscam ser formas de apresentar o sujeito viril que atua na sociedade. Por isso vamos identificar na ação desses soldados a performance do homem valente, e mais exercendo a força bruta.

Quando as reivindicações do “ideário do correto” são atendidas, cria-se um mecanismo social que faz com que a masculinidade seja estendida para além das fronteiras do sujeito empírico, passando a ser adotada como uma referência de acesso ao mundo de privilégios e bem-estar. Os indivíduos que se envolvem com mais frequência em situações de violência são aqueles que sentem que o que os marca acidentalmente (sexo e etnia) não confere positividade a suas identidades, o que dificulta a criação da própria personalidade⁵⁴⁰

Nesse sentido, surpreender-se com um homem que não demonstra tal aspecto seria o sinal de que esse sujeito não corresponderia ao perfil marcante dentro desse jogo representativo do homem da classe popular ou homem popular. Porém não estamos eximindo, por exemplo, que o homem pertencente à elite era despossuído dessa característica. Porque mesmo nesse limiar do século XX, onde as novidades aconchegam a vaidade de homens e mulheres, conseqüentemente, influenciando no comportamento desses, a reação e ação de maneira violenta não deixou de constituir-se como parte desses indivíduos. O que notamos, nesse compasso, seria a ideia do controle extensivo como mecanismo de normalizar práticas e comportamentos dos sujeitos nesse contexto.

O discurso da regeneração e moralidade ganhou força com a troca de regime, já que reforçou representações culturais que associavam o Império com a decadência e o passado, e a República com a regeneração e o futuro. Proclamada pelo Exército, a República garantia a ordem pelo uso recorrente da Raymundo Valletm força e da brutalidade contra as rebeliões pelo país, mas também por medidas higienizadoras cuja violência era menos obvia já que eram justificadas em defesa da sociedade, ou melhor, de sua “saúde” ou normalidade. De forma paralela à Europa, o Brasil de fins do XIX vivenciou um aumento das preocupações com os então chamados “flagelos sociais”

⁵³⁹ Jornal o Caixeiro, Caxias, 18 de dezembro de 1915, Anno I, número 05, p. 01.

⁵⁴⁰ NOLASCO, Sócrates. O Apagão da masculinidade? Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade - Ano 1 - n°2, Dezembro/2001 pp.9-16, p. 13.

(como o alcoolismo, a tuberculose e as doenças venéreas) os quais, pela primeira vez, problematizavam o corpo e o desejo masculinos⁵⁴¹

Por isso, as palavras do articulista, em nome do jornal, chamam atenção, principalmente, por se tratar de um “cidadão espetacular” que estava apenas praticando o “divertimento, como é costume e ainda que fosse não há lei que autorise espancamento de ninguém.”⁵⁴² “Parece, pois que estamos no tempo do mais forrenho despotismo, com o fim de abonar o systema republicano em que se diz nos acharmos. Contra semelhante abuso protestamos como já temos feito em outras ocasiões que temos levado *factos iguaes*.”⁵⁴³

O caso do espancamento tornou-se evidente na cidade, ganhando reprovação por parte do juiz de direito. O caso ganhou visibilidade não apenas por parte dos caxienses, mas também ganhou atenção do governador do estado Alberto Maranhão que, como reproduzimos a frase anteriormente, já vinha tomando providências para que pudessem evitar situações como esta que citamos. Mas nem todos os casos de espancamento e outras circunstâncias ganharam os olhos de autoridades como foi o caso do moço do filho do comerciante.

Em número expressivo dos exemplos que conseguimos garimpar nas nossas visitas aos jornais, os comportamentos e ações violentas ocorridas na cidade ganham estigmas reprovativos aos olhos tanto da imprensa como dos caxienses. Mesmo sabendo que, em alguns casos, os agressores eram autoridades da lei, representantes da ordem também foram vistos, por ângulos diversos, onde o ato não marcava apenas por serem homens, mas pelo cargo que ocupavam.

Assim, percebendo esta distinção acerca dos comportamentos e das percepções em relação aos atos de violência ocasionados, podemos citar o ocorrido no primeiro distrito da cidade de Caxias, no lugar chamado *Cajeira*, em que José Alves Vieira assassinou com uma facada o Sr. Manoel Lopes dos Reis. Sendo que Emiliano Lopes dos Reis, o irmão do assassinado, que buscou intervir em defesa do irmão, também, segundo o jornal, sofreu da fúria do homem, com uma faca no peito.

Segundo o que ratificou o jornal, foi de pouca profundidade, visto a arma utilizada ter encontrado com o osso do golpeado. O ferimento foi realizado no “braço

⁵⁴¹MISKOLCI, Richard. O Desejo da Nação: Masculinidade e Branquitude no Brasil de fins do XIX. Editora AnnaBlume, 2012, pp. 57-58.

⁵⁴² Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

⁵⁴³ Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

esquerdo, com um facão americano, pelo assassino.”⁵⁴⁴ O jornal afirma que José Alves e Emiliano foram presos e remetidos para delegacia “pelo inspetor do quarterão, que após serem recolhidos à cadeia procedeu se a corpo de delicto em amos.”⁵⁴⁵

Notamos que alguns casos, como esse que acabamos de mencionar os nomes das pessoas envolvidas, são apresentados diferentemente da situação do filho do comerciante, pois mesmo o ocorrido ter sido divulgado pelo jornal, os nomes dos envolvidos não ganharam nota no periódico. Por este ângulo, é possível afirmar que os marcadores sociais da diferença, como classe e cor, são formas de demarcar a maneira como os sujeitos eram percebidos pela imprensa, principalmente, quando estes seriam notícia nos jornais da época.

Essa era a maneira de trazer à tona os fatos, quando os homens são pertencentes aos segmentos populares. Percebemos que existia uma demonstração de agilidade, por parte dos agentes da lei, para resolver as questões, principalmente, quando se buscava ratificar o trabalho intenso da polícia para solucionar problemas em que os envolvidos pertenciam aos segmentos populares.

Por exemplo, outro fato que ocorre nas mediações da cidade de Caxias ratifica essa questão acerca da maneira como esses homens dos segmentos populares, resolve seus impasses diante uma desavença entre homens, Na ocasião, a causa foi devido a invasão de bois, no terreno com plantação de cana. O fato foi datado no dia nove de setembro de 1898, pelo Jornal de Caxias, visto os corpos dos homens terem sido enviados para Câmara dos vereados, um espaço usado para os cuidados de doentes, devido ausência de hospital na cidade.

Segundo informações que tivemos de pessoas conhecedoras do facto de taes assassinatos soubéssemos que os infelizes eram Domingos Barbosa, maior de 50 annos e seu filho José Barbosa, ambos casados e residentes no termo do Curralinho, os quaes dirigiam-se para esta cidade com umas 8 ou 9 cargas de tapioca e outros gêneros.

Tendo passado a noute de 7 em uma tapera e outros de 7 em uma tapera, distante 2 legoas do sitio Burity, continuavam sua viagem no dia 8, quando no chegarem em frente aquelle sito, as 08 horas da manhã, foram surprehendidos pelos pelos donos do mesmo – Angelo de Sousa Oliveira, conhecido por Angelo Baptista e seu irmão José Baptista Lima, que os acusavam de ter deixado os seus animaes

⁵⁴⁴ Gazeta Caxiense, 9 de fevereiro de 1894, nº 100, p. 02.

⁵⁴⁵ Gazeta Caxiense, 9 de fevereiro de 1894, nº 100, p. 02.

estragar os canviaes do mesmo sitio.

Sem atenderem as explicações que os viajantes davam, Angelo Baptista, exasperado lança-se sobre Domingos Barbosa, derriba-o do cavalo que montava e fere-o mortalmente, ao mesmo tempo que José Baptista atraca-se e fere José Barbosa, que ainda assim procurava ir socorrer o pae, quando recebeu um tiro no pescoço, que matou imediatamente.

Não satisfeitos os autores dessa scena de sangue, voltaram sobre Domingos Barbosa, que ainda agonisava, cortaram-lhe a garganta e sangraram-no no pescoço!

Consta que os animaes destruidores das plantações foram de outros cargueiros que passaram a noute nas imediações do sitio, os quaes se haviam retirado antes de ser verificado de modo que - pagaram os justos pelos pecadores.

A ele foi interrogado Angelo Baptista em um dos criminosos que foram acolhidos o outro, - José Baptista, que tem alguns ferimentos leves, e também foi recolhido a cadeia.

O facto horroso que damos como nos foi narrado, tem causado geral supresa, por ser commettido por pessoas que paareciam incapazes pratical-o.⁵⁴⁶

Marcos Bretas (1997) ressalta que a polícia, nesse contexto, não seria o resultado da aplicação de um projeto burguês, mas uma gama de repostas às necessidades para se resolver os problemas de crime e práticas vistas como causadoras de desordem no espaço da cidade.⁵⁴⁷ O fato ocorrido no cemitério se torna um momento interessante para percebermos como alguns comportamentos masculinos são maneiras de capturar os sentidos que a imprensa constrói acerca da ideia de homem. Mostram, nesse caso, como tais comportamentos desviantes ganhavam conotação negativa.

Em outro momento da notícia, em que o jornal aponta esse caso, o articulista apresenta mais informações acerca do ocorrido, evidenciando aspectos dos homens que foram assassinados – indivíduos trabalhadores, “homens laboriosos”, “chefes de família”. O articulista afirma a necessidade de medidas enérgicas para combater a ação desses homens desordeiros, pois esse tipo de comportamento deve ser banido da

⁵⁴⁶ Jornal de Caxias, 15 de outubro de 1898, Ano III, número 113, pp. 02-03

⁵⁴⁷ BRETAS, Marcos Luiz. A guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora do Arquivo Nacional, 1997, p. 33.

sociedade, uma vez que a cidade de Caxias poderia sucumbir em um estado de barbárie.

Este facto é revestido de tantas circunstancias que causara admiração se houver queira proteger os assassinos.

Os antecedentes destes estão no domínio publico. Agora mesmo sabe-se que mais de 80 moradores dalli abondonarão suas casas para se porém fora do alcance de taes homens.

Se elles não receberem rigorosa punição dos seus atrozes crimes, então a sociedade caxiense soffrerá o mais lamentável decahimento moral, e não tardará vermos cahir nas ruas e nas praças públicas desta cidade chefes de familia, pacíficos, e se duvidarem até mesmo as autoridades locaes, visto não haver nada peor de que a impunidade dos criminosos.⁵⁴⁸

Para Teresa Pires do Rio Caldeira (2000), quando se aponta o crime, deve se pensar que tal ação discursiva cria uma reordenação simbólica, ou seja, é criado no jogo da representação um estigma social acerca daquele grupo ou sujeito, efetivando uma imagem sobre o que denota no jogo social, que tais homens, por exemplo, seriam a partir daquele acontecimento, por uma ótica simbólica, vistos como homens maus. Assim, como bem destaca a autora, no “[...] o universo do crime (ou da transgressão ou das acusações de mau comportamento) oferece contexto fértil no qual os estereótipos circulam e a discriminação social é moldada [...]”.⁵⁴⁹

A ideia é trazer à tona o conceito de sociedade alicerçada em princípios morais e, principalmente, em apresentar a imagem regida por regras e bons costumes. Conforme Foucault, a linguagem não possui semelhança às coisas ou aos sujeitos que nomeia, mas em vista da dinamicidade que a linguagem possui, quando as palavras saem do seu lugar natural e o objeto ganha outro sentido, nomeando outra forma, outra lógica de compreensão.

A linguagem não se assemelha imediatamente às coisas que ela nomeia, não está por isso separada do mundo; continua, sob uma outra forma, a ser o lugar das revelações e a fazer do espaço onde a verdade, ao mesmo tempo, se manifesta e se enuncia. Certamente que não é mais a natureza na sua visibilidade de origem, mas também não é um instrumento misterioso, cujos poderes somente alguns privilegiados conheceriam. É antes a figura de um mundo via a se redimir,

⁵⁴⁸ Jornal de Caxias, 15 de outubro de 1898, Ano III, número 113, pp. 02-03

⁵⁴⁹ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. – São Paulo: Ed. 34 Edusp, 2000, p. 10.

colocando-se, enfim, à escuta da verdadeira palavra ⁵⁵⁰

Desse modo, podemos citar outro caso em que se faz a busca de homens que cometeram crime na cidade. Nesse ponto, para fazer a busca dos criminosos, o comandante “do destacamento mandou 7 praças, sendo 4 tiras da guarda da cadeia a procura de Besouro e José Severiano.”⁵⁵¹ “Não encontrando dentro da cidade as praças acompanha-las 50 paizanos, dirigiram-s a *Baixinha*, onde estava a turma de que é feito Manoel Moreira dos Santos a qual pertencem.”⁵⁵² Ali chegando travou-se um “sarilho doido entre a turma de trabalhadores e as praças e paisanos que foram segundo dizendo agredidos.”⁵⁵³

“Sahiram feridos os praças Alípio Alves dos Santos. Lino Lourino Machado e José Francisco e alguns dos trabalhadores.”⁵⁵⁴ Percebemos que o conflito é resultado dessa preocupação em trazer a ordem e mantê-la na sociedade caxiense, pensada muito pela ótica do centro urbano. Além dessa questão, outro aspecto que vem à tona, nessa situação de conflito, é a interpelação que o jornal passa ao ver os dois grupos em ação. Os homens policiais são percebidos como heróis e os homens bandidos como os desordeiros, entendidos assim, como o próprio jornal aponta.

A tentativa de disciplinar a conduta pública das pessoas mais pobres tem como exemplo mais contundente as prisões por vadiagem, denominação dada aos ociosos encontrados nas ruas que embora, à primeira vista, não representassem um perigo eram figuras indesejadas, que por não se enquadrarem dentro do modelo de homem trabalhador deveriam ser expulsos, ao menos, dos espaços centrais, “higienizados” e “visíveis” das cidades.⁵⁵⁵

Ao olhar para essas situações, parece que queremos denotar, em nossas análises, o sentido de homem do bem e homem do mal, mas essa percepção quem acaba reforçando, quando em forma de discurso performativa as ações desses sujeitos em situações como essa, é o próprio jornal ao apresentar a notícia.

Em vista desses conflitos constantes, entre esses homens, o jornal não deixava de retratar tais acontecimentos que ratificam a presteza como os homens da lei se

⁵⁵⁰ FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tamus Muchail. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 50.

⁵⁵¹ Gazeta Caxiense, 01 maio de 1894, n. 122, p. 02.

⁵⁵² Gazeta Caxiense, 01 maio de 1894, n. 122, p. 02.

⁵⁵³ Gazeta Caxiense, 01 maio de 1894, n. 122, p. 02.

⁵⁵⁴ Gazeta Caxiense, 01 maio de 1894, n. 122, p. 02.

⁵⁵⁵ SARDÁ, Juliana. Na contra-mão da lei a repressão policial e os desviantes da ordem em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX. (Dissertação) UFSC, Florianópolis, 2005, p. 67.

envolviam para pensar o quanto existe um empenho em formalizar uma visão positiva acerca dos homens da lei, mesmo em muitos casos, esses homens ocasionarem ferimentos para com os vilões, ou desordeiros.

Tratando disso, algumas notas de crimes mostravam como a violência masculina ganhava ares de barbaridade pelo olhar dos jornais, como o outro caso que aconteceu no terceiro distrito da cidade, no lugar chamado *Santa Roza*, ocasionado, segundo afirma o *Jornal de Caxias*, por Theodoro Antonio do Rego, que se encontrava enfurecido e apresentando estado *descontrolado*.

Nas considerações do periódico, Theodoro realizou cinco ferimentos em Procópio de Sousa Bessa, com *um facão*, sendo um corte feito na orelha, na ponta do queixo inferior, que “dezagando a carne do rosto, descobrindo-s os dentes do queixal, outro corte no anti-braço esquerdo, ficando a mão aleijada, dois no anti-braço direito, (profundos)⁵⁵⁶ O jornal apontou que mesmo sendo uma violência extrema não constituiria consequências que “inhabilitará dos trinta dias de serviço, [...] pois eram (*grifo nosso*) de pouca gravidade.”⁵⁵⁷

Nas apurações realizadas pelo jornal sobre o fato, não foi a primeira vez que Theodoro Antonio do Rego comete um ato de tamanha envergadura. Segundo as informações colhidas, naquela localidade, o mesmo já tinha cometido outros crimes, porém como afirma o articulista, tem “sempre alta proteção indo somente a cadeia uma vez não sofrendo pena alguma: e os seus protectores estão em frente, afim de não o deixar sofrer.”⁵⁵⁸

Em vista dessas situações, o articulista do jornal, ao final da nota, chama atenção das autoridades para que se tomem providências mais enérgicas quando se tratar da punição desses homens que cometem atos como o realizado por Theodoro, pois como ratifica o articulista do jornal é preciso que as autoridades da comarca tratem da “*punição dos criminosos, afim de que com a punição deste não sejam outros factos reproduzidos pelo mesmo criminoso; e ficará a justiça desagravada e seus funcionários dignos de louvor pela sociedade.*”⁵⁵⁹

Notamos, ao final da chamada para tomada de providências, o jornal atribuindo elogios às autoridades com intuito de abrandar os seus comentários, devido à maneira

⁵⁵⁶Jornal de Caxias, 11 de junho de 1898, número 131, Anno III, p. 01.

⁵⁵⁷Jornal de Caxias, 11 de junho de 1898, número 131, Anno III, p. 01.

⁵⁵⁸Jornal de Caxias, 11 de junho de 1898, número 131, Anno III, p. 01.

⁵⁵⁹Jornal de Caxias, 11 de junho de 1898, número 131, Anno III, p. 01.

como foi retratada a informação, e, mais ainda, a falta de punição aos modelos desviantes da sociedade, tomando como pressuposto o comportamento de Theodoro. Nesse caso, como nos demais já citados, percebemos que as fontes analisadas não corroboram para a finalização dos fatos pelos órgãos ditos competentes, uma ausência correspondente pela própria estrutura da nota, pois como sublinhamos nessa parte do trabalho, as notas podiam ser curtas ou longas conforme sua extensão.

Uma questão problemática em nossa pesquisa, pois em alguns momentos, não conseguimos avançar em nossas análises, porque as notas apresentam pontos que prendem nossas mãos e olhos para saber mais em relação ao fim dos casos publicados na capa das páginas dos jornais locais, que sublinham esses homens como *antimodelo* para sociedade caxiense.

Dessa forma, a funcionalidade do homem e de sua masculinidade é urdida a partir das relações que estes sujeitos estabelecem como “norma”, dentro da cena social em que atuam. Sobre este olhar, Bourdieu (2004) afirma que as formas de percepção são formas construídas, que elaboram um sentido para a realidade e para os sujeitos, como uma maneira encontrada para operar dentro do espaço social do qual esses sujeitos fazem parte.

Bourdieu considera ainda que o campo observacional, o social [...], “possui um sentido e uma estrutura de pertinência específica para os seres humanos que nela vivem, agem e pensam.”⁵⁶⁰ Dessa maneira, existe uma série de construções de senso comum, que são pré-selecionadas e pré-interpretadas nesse mundo que apreendem como realidade de sua vida cotidiana. São esses objetos de pensamento que determinam seu comportamento, motivando-o a tais ações.⁵⁶¹

Na mesma via de compreensão, acerca da masculinidade e a relação com a violência, Nolasco ressalta que os indivíduos, quando se envolvem com frequência em situações de violência, buscam legitimar seu lugar de homem violento, pois o mesmo não deseja ficar fora de um grupo, como ocorre, por exemplo, com os negros, mulheres, que possuem um grupo socialmente que os representa.

Nesse caso, Nolasco salienta que em sua maioria o envolvimento dos homens em situações de violência é resultado da necessidade de “reparar e manter o ideário

⁵⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; Revisão técnica Paula Monteiro, - São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 151.

⁵⁶¹ BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; Revisão técnica Paula Monteiro, - São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 151.

contemporâneo que margeia as ações individuais,⁵⁶² pois como se refere o autor, eles buscam apresentar-se na cena social, como indivíduos que performatizam uma virilidade segura, convicta diante dos demais.

Mas não são em todos os casos de ferimentos, mortes e assassinatos que nos deparamos com tais lacunas. Em outras situações, os jornais apresentam caracteres que sublinham, dentro do ocorrido, informações pelas quais esses homens se envolveram nessas situações de conflito. Por exemplo, o caso de Chrispin José Junior Souza que, devido a um desentendimento, entrou em conflito com alguns inquilinos que estavam em sua casa, o que gerou ferimentos graves nos envolvidos, como relata o jornal.

A agressão, conforme descreve o periódico, ocorreu em um domingo no terceiro distrito da cidade de Caxias. Chrispin teve onze ferimentos no seu corpo, ocasionado pelo cearense Felix de Souza Marreco. Tanto Chrispin quanto Felix saíram feridos dessa briga, mas Felix “falleceo no dia seguinte, quando era conduzido em rede para esta cidade, e já próximo della, em consequência de ferimentos que recebeo.”⁵⁶³ Em relação a “Chrispin, também veio em rede para aqui e consta que são graves dous seus ferimentos.”⁵⁶⁴ “O sr. Delegado de polícia mandou proceder exame em ambos e está tratando do respectivo inquérito.”⁵⁶⁵

Outro caso, em que a justificativa do motivo do desentendimento ocorreu no Povoado Ponte, no “logar Verenism rio acima do 1º districto, as 7 horas da manhã.” Na ocasião, “Hypolito de tal, que não tinha morada certa”⁵⁶⁶, mas que possuía naquele momento o intento “de tirar talos de coco para uma balsa quando pretendia conduzir uns talos que Raimundo José de Sant’Anna havia reunido em um ponto foi por este surpreendido, dando logar a forte discussão entre ambos.”⁵⁶⁷

Segundo as informações do jornal, “Hypolito que estava com uma arma de fogo desfechou um tiro sobre Raimundo que ficou ferido no braço, no peito e na costela, tudo do lado esquerdo.”⁵⁶⁸ O capitão José Collaço “inspector do quartirão tendo notícia do facto diligenciou a captura do criminoso, a que conseguiu, remetendo o pela esta cilada,

⁵⁶² NOLASCO, Sócrates. O Apagão da masculinidade? Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade - Ano 1 - Nº 2, Dezembro/2001 pp.9-16, p. 13.

⁵⁶³ Jornal de Caxias, 23 de julho de 1898, Ano III, número 140, p. 01.

⁵⁶⁴ Jornal de Caxias, 23 de julho de 1898, Ano III, número 140, p. 01.

⁵⁶⁵ Jornal de Caxias, 23 de julho de 1898, ANO III, número 140, p. 01.

⁵⁶⁶ Jornal de Caxias 21 de dezembro de 1901, ANO VI, número 311, p.01.

⁵⁶⁷ Jornal de Caxias 21 de dezembro de 1901, ANO VI, número 311, p.01.

⁵⁶⁸ Jornal de Caxias 21 de dezembro De 1901, ANO VI, Número 311, P.01.

acompanhado do ofendido”.⁵⁶⁹

Nessas situações, a força de coerção sempre se apresentava tomando as providências, porém como nos situa o próprio articulista, os métodos de controle e regularidade utilizados não conseguem agregar maneiras de proporcionar a constituição de medidas que apresentassem mais segurança à cidade.⁵⁷⁰

Em outras situações, os espancamentos tinham causas banais, como relata o jornal, esses geralmente ocorridos em locais que já eram vistos como espaços marcados por esse tipo de acontecimento. Como afirma o *Jornal de Caxias*, à noite é momento da prática da desordem em Caxias, ele menciona o que ocorre na “a noute de 29 do passado houve desordem em uma casa da Rua dos Vidros, o que não é novidade, especialmente por ali e nas suas immediações.”

A rua ao que nos parece já possuía um estigma, constituído pelas práticas que lá se materializavam diante das ações dos indivíduos frequentadores do lugar. Nesse caso, o estigma funciona como mecanismo que operacionaliza maneiras de perceber sejam o lugar ou mesmo os sujeitos que o frequentam.

Quando o articulista diz que não é novidade, isso corporifica um discurso, uma representação delineada com respostas sobre o espaço e os sujeitos desse lugar, na casa e a rua. Podemos, então, acalantar nossas considerações afirmando que o estigma da rua se processa pelo prisma do defeito, pela falha, porque em situações outras que dimensionavam o campo em que ocorre o fato, como lugar de baderna, que sempre gerava desordem no final das situações efetivada nesta rua.

Nesse sentido, voltando ao fato, o jornal afirma ter ocorrido um espancamento de um indivíduo que estava na rua, e que era “provocador”, como aponta o jornal, “levou tantas pauladas, que ficara sem falta sendo impossível que não sucumbisse nessa mesma

⁵⁶⁹ *Jornal de Caxias* 21 de dezembro de 1901, Ano VI, número 311, p.01.

⁵⁷⁰“Enfim no projeto de instituição carcerária que se elabora, a punição é uma técnica de coerção dos indivíduos; ela utiliza processos de treinamento do corpo – não sinais – com os traços que deixa, sob a forma de hábitos, no comportamento; e ela supõe a implantação de um poder específico de gestão da pena. O soberano e sua força, o corpo social, o aparelho administrativo. A marca, o sinal, o traço. A cerimônia, a requalificação, o indivíduo submetido a uma coerção imediata. O corpo que é suplicado, a alma cujas representações manipuladas, o corpo que é treinado; temos aí três series de elementos que caracterizam os três dispositivos que se defrontam na última metade do século XVIII. Não podemos reduzi-los nem a teorias de direito (se bem eles lhes sejam paralelos) nem identificá-los a aparelhos ou instituições (se bem que nelas encontrem eles suas justificações). São modalidades de acordo com as quais se exerce.” FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, p. 126.

noute.”⁵⁷¹ Por se tratar de uma rua da cidade que não apresentava um histórico de bons antecedentes, o jornal diz que o delegado só compareceu no dia seguinte para averiguar o que realmente tinha sucedido, dirigindo-se até a rua, mas “não encontrou um moribundo como esperava, mas um homem de perfeita saúde. O que não se lembrava de cousa alguma da noute anterior.”⁵⁷²

É possível não perceber, dentro do jogo discursivo, que as notícias relacionadas aos espaçamentos tornaram-se bem expressivas em Caxias, porém não identifica-se em contra partida, um reforço policial para tentar sanar tais problemas. Em nenhum momento, até agora da nossa pesquisa, os jornais noticiaram o reforço de “homens da lei”. Como sempre os jornais direcionavam, quando se tratava de polícia, apontando a contratação desses homens para ajudar na constituição da tranquilidade da cidade. O que foi possível verificar é apenas o jornal fazendo a referência ao delegado, como único responsável para manter a ordem dentro do cenário da cidade.

Em relação à representação do delegado, o mesmo configura, dentro do imaginário cidadão, um modelo que seria nesse caso a própria imagem do modelo ideal constituído a partir do exercício da profissão exercida por ele. Sua profissão o enquadra como uma figura inquestionável, o homem por traz da condição de delegado se cerca de privilégios.

Nesse caso, não podemos deixar de lado as ações e as situações nas quais o discurso é produzido e, mais ainda, onde se manifestam essas situações sociais, pois como aponta Roger Chartier “não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação”.

Ainda sob o olhar de Chartier, a representação de práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto de representação. Mas essa posição metodológica não significa de modo algum a redução e, menos ainda, a anulação das práticas nos discursos e nas representações que as descrevem. A percepção e juízo são matrizes das maneiras de dizer e fazer, que designa em diversos textos mediante o termo de “apropriação”.

Outra questão é um reclame de muitos casos serem caracterizados como verídicos, ao que realmente tem sido denunciado, como foi o acontecido acima, em que

⁵⁷¹ Jornal de Caxias, 05 de dezembro de 1896, Ano II, número 58, p. 01.

⁵⁷² Jornal de Caxias, 05 de dezembro de 1896, Ano II, número 58, p. 01.

o delegado direcionou para buscar saber o que realmente aconteceu, mas que foi apenas um sujeito acalentado pelos efeitos das doses etílicas ingeridas na noite anterior. Uma questão que trataremos em outro momento da nossa pesquisa.

Mas nem todas as chamadas para averiguação de crimes tinham situações onde os homens envolvidos estavam bêbados. Como bem ratifica o jornal, era de lastimar perceber que além de ocasionarem a constituição de brigas e desentendimento, estas ainda resultavam em mortes, como foi o caso do assassinato ocorrido próximo ao perímetro da cidade, localizado no Povoado Ponte.

O autor do assassinato foi Cyriaco Neru da Silva, jovem ainda “residente no povoado Ponte com seu pae Nery Silva.”⁵⁷³ Segundo informações, esse saiu, na manhã do domingo dia 13 corrente, preparado com uma arma de fogo declarando, segundo consta pelos populares, que nesse dia havia de assassinar seu cunhado Chrispiano Antonio Fernandes, morador na Lagoa do Carneiro. Para o jornal, o mesmo cumpriu o que havia dito, “pois chegando nas proximidades da casa do seu referido cunhado, em lugar pertencente a este município (em que tal encontro foi marcado de) forte alteração entre ambos.”⁵⁷⁴

Segundo contou o jornal, o enfurecido Chrispiano estava montado no seu cavalo, em seu estado de homem colérico, quando “recebeo logo um tiro cujos projectis constando de uma balla e 58 caroços de chumbo oriente leram lhe para o auto braço direito e penetraram na região pulmonar de que lhe proveio à morte instantânea, isto ao escurecer do mesmo dia 13.”⁵⁷⁵

Mas sua fúria, segundo o jornal, não se direcionou apenas ao Chrispiano, pois não satisfeito com isso, Cyriaco carregou de novo a arma para “dispara-la e um irmão da victima que teve prelancia de occultar-se. O feroz assassino foi preso em flagrante e veio para esta cidade na macha de 11 sem ter recolhido a cadeia publica onde se acha.”⁵⁷⁶

O cadáver de Chrispiano também foi enviado para Caxias, afim de realizar “[...] qual foi procedido corpo de delicto tratando o sr. Delegado de poder do respectivo inquérito.”⁵⁷⁷ Segundo as informações orientadas pelo jornal, o delegado afirmou que “o facto delituoso foi questões de poucas importância.”⁵⁷⁸ Ao final das suas palavras, o

⁵⁷³ Jornal de Caxias, 19 de agosto de 1899, Anno IV, número 192, p. 01.

⁵⁷⁴ Jornal de Caxias, 19 de agosto de 1899, Anno IV, número 192, p. 01.

⁵⁷⁵ Jornal de Caxias, 19 de agosto de 1899, Ano IV, número 192, p. 01.

⁵⁷⁶ Jornal de Caxias, 19 de agosto de 1899, Ano IV, número 192, p. 01.

⁵⁷⁷ Jornal de Caxias, 19 de agosto de 1899, Ano IV, número 192, p. 01.

⁵⁷⁸ Jornal de Caxias, 19 de agosto de 1899, Ano IV, número 192, p. 01.

delegado afirmou como os sujeitos “baratea a vida do próximo.”⁵⁷⁹

Pensando acerca desta questão, Arlette Farge faz menção como o homem do povo se comporta, no caso, esses homens do povo “[...] viviam no lodaçal das desordens sociais e econômicas, numa real instabilidade, sendo um mundo de cima, fascinante, vindo alhures, dava por injunção aos homens do direito de “possuir”, de “usufruir”, de “submeter.”

Assim, em outro momento, o jornal chamou atenção para um elemento interessante, dentro dos nossos estudos, sobre ações e reações em que podemos ver os *machões valentões* intitulados pelos jornais. Percebemos que existe uma preocupação nessa condição de ser homem cujo *brio masculino* ganha mais força, principalmente, quem pretende defendê-la. “O homem do povo, desprezado [...] pobre, instável, economicamente, reafirma seu poder numa virilidade praticada com audácia, tomando o devido cuidado, no entanto, de não perder sua honra.”⁵⁸⁰

Em relação a esta questão, Nolasco nos aponta que se criou, no ambiente das sociedades mediterrânicas, a ideia do *homem de verdade* onde elementos como dureza, força e poder alicerçam a reafirmação da virilidade desse sujeito diante das relações sociais, pois legitima uma identidade, um sentido positivo no espaço em que ele se encontra.

Em vista dessas mudanças que ocorrem no início do século XX, notamos que essa percepção e mais os sujeitos que acionam tais aspectos para afirmar-se enquanto homens se corporificam com mais intensidade em homens pertencentes à chamada classe popular. Pois notamos, nas práticas dos homens pertencentes à elite, que a masculinidade é autoafirmada por outros parâmetros, como exemplo, o refinamento, a instrução, haja vista ser uma prática já presenciada no século XIX, porém mais intensificada nesse contexto de mudanças e influências que o Brasil vivencia no início do século XX.

Um caso que expressa essa questão é o episódio noticiado pelo *Jornal de Caxias*, mencionando a ação de Mauricio Ferreira Lima, segundo as afirmações do periódico, *um jovem* “que não obstante ser *branco*, sahio da Tresidela, onde reside para

⁵⁷⁹ Jornal de Caxias, 19 de agosto de 1899, Ano IV, número 192, p. 01.

⁵⁸⁰ FARGE, Arlette. Virilidades populares. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes. V.1. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, pp.495-523, p.508.

tomar parte n'uma roda de tambor que havia na Rua da Boiada, mas achando-se exaltado, foi expulso dela a faca e a cacete.”⁵⁸¹ Esse jovem, nas considerações do jornal, saiu do espaço bem marcado “[...] nas costas e ferimentos na cabeça.”⁵⁸²

Mas o fato, segundo o jornal, não tinha encerrado, pois na tarde seguinte o soldado que havia espancado de maneira cruel o magarefe Luiz Teco e Simeão. Assim, na tarde após o ocorrido foi ao encontro do último na Rua do Conselheiro Sinval, “onde esse sacou-lhe das mãos o cacete e com quase achava muito e “applicou-se diversas vezes sobre o homem, que ficou desacordado. “É o que quase sempre acontece aos valentões.”⁵⁸³

Esse soldado, ao que indica o jornal de Caxias, apresentava sua valentia de maneira desenfreada, visto não ter sido a primeira vez que ele havia a um tempo dado uma surra em outro sujeito, inclusive no próprio Magarefe Teco. Assim coloca o jornal:

Revoltante

Vimos há dias, dous homens que tinhas nas costas e na frente muitos ferimentos em cicatrização e signaes de espaldeiradas que lhes deram alguns soldados do destacamento na noute de quinta-feira da semana passada, em uma casa da rua do S. José onde penetraram arrombando a porte da rua.

Declararam que fizeram os soldados o mesmo espancamento no magarefe. Teco, que com elles convive na mesma casa, ignorando o motivo para semelhante procedimento; que em quanto uns soldado os conduziam a cadeia, onde permanecem 3 dias outros deram busca na casa de onde desaparecera, um bahusinho que tinha 64\$ em dinheiro e uma carta que continha 20\$ reis..

Já há dias houve agressão a uns homens na rua do Bom Pastor por praças do Corpo de Segurança, que os espancaram cruelmente e ainda em cima foram presos e recolhidos a cadeia.

Registrando estes factos revoltantes, chamamos para elles atenção do sr. Delegado de Polícia.⁵⁸⁴

A ideia da valentia e vitalidade acaba sendo aspectos bem presentes nos discursos da imprensa, demonstrando assim o quão tal elemento era entendido pelos caxienses como formas de apresentar-se um sujeito viril na sociedade. Sócrates Nolasco

⁵⁸¹ Jornal de Caxias, 11 de março de 1905, Ano X, número 476, p. 01.

⁵⁸² Jornal de Caxias, 11 de março de 1905, Ano X, número 476, p. 01.

⁵⁸³ Jornal de Caxias, 11 de março de 1905, Ano X, número 476, p. 01.

⁵⁸⁴ Jornal de Caxias, 20 janeiro de 1900, Ano V, número 241, p. 01.

aponta que a agressão masculina assume papel de destaque entre os homens, pois ela comporta, viabiliza, com o consentimento social, a possibilidade de os homens sentirem as suas emoções contidas, visto a própria perspectiva de gênero existente em cada contexto sobre a forma como os homens devem agir e comportar-se mediante a necessidade de assumirem a performance heterossexual exigida no contexto. Nessa via de compreensão, Bourdieu pondera:

[...] o que chamamos de "coragem" muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: para comprová-lo, basta lembrar todas as situações em que, para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo "viril" de ser excluído do mundo dos "homens" sem fraquezas, dos que são por vezes chamados de "duros" porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo para com o sofrimento dos outros — assassinos, torturadores e chefetes de todas as ditaduras e de todas as "instituições totais", mesmo as mais ordinárias, como as prisões, as casernas ou os internatos —, mas, igualmente, os novos padrões de uma luta que a hagiografia neoliberal exalta e que, não raro, quando submetidos, eles próprios, a provas de coragem corporal, manifestam seu domínio atirando ao desemprego seus empregados excedentes.⁵⁸⁵

Casos como esses citados anteriormente, assim como os demais que ocorrem em Caxias, são mais recorrentes quando os jovens rapazes se faziam presentes. Mesmo assumindo o perfil de um homem valente ou mesmo sendo espancado por outro homem mais velho. Um exemplo é o que ocorre na “fazenda da Seis do 3º districto,” durante uma vaquejada que sempre era realizada no início do mês de junho.⁵⁸⁶ Segundo o Jornal de Caxias, Miguel de tal, em desentendimento espancou barbaramente um senhor de idade.

As afirmativas do jornal sobre o fato dizem que o jovem rapaz estava “estouvado”, fazendo grande ferimento na cabeça desse idoso. O jornal diz que “prevalencendo-se de atordoamento em que ficara o agredido, deo-lhe muitas cacetadas pelo corpo a ponte de deixar em estado grave. O facto dói presenciado por diversas pessoas, sem que ninguém se animasse a socorrer e victima.”⁵⁸⁷

Ao fim da nota informativa, o jornal aponta para uma questão sobre a

⁵⁸⁵ BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, pp. 66-67.

⁵⁸⁶ Jornal de Caxias, 27 de junho de 1903, Ano VIII, número, 388, p.01.

⁵⁸⁷ Jornal de Caxias, 27 de junho de 1903, Ano VIII, número, 388, p.01.

banalização da vida e corporificação da identidade de valentão ressaltado pelo articulista do jornal. Podemos ver que esses homens, que agem e reagem dentro das situações em que estão envolvidos, movidos pela ação da fúria, acabam por justificarem suas atitudes, depois do ocorrido.

Nesse caso, uma situação que faz referência ao que estávamos apontando aconteceu em Caxias com Benedito Ferreira dos Santos, residente no segundo distrito da cidade de Caxias, no lugar chamado de “Bom lugar”. Na informação apresentada pelo jornal, ele deu duas facadas em seu primo Manoel Quintino da Silva, que possuía a mesma idade do agressor. O ocorrido se deu na tarde do dia dezessete do mês de junho do ano de 1899. Segundo informações apuradas pelo articulista, o “ferido estava fazendo sentinella a um cadaver”.⁵⁸⁸

Nesse aspecto, o subdelegado e os peritos foram chamados para averiguar as causas do acontecimento e saber as consequências para tomar as devidas providências. O articulista do jornal apontou que, após “feitas as deligencias necessárias, declararam os peritos que os ferimentos não são graves.”⁵⁸⁹ As informações apresentadas pelo articulista apontam que, após as primeiras providências, “o criminoso foi preso em flagrante e [...] recolhido na cadeia da cidade.”⁵⁹⁰ Nas declarações realizadas nos autos de perguntas feitos na delegacia sobre o feito do crime, ele “*declarou de nada se recorda, por achar-se embriagado na ocasião em que teve logar o facto que lhe é atribuído.*”⁵⁹¹

Essas situações nas quais os homens envolvidos apresentavam justificativas só se repetem, por exemplo, em outro caso ocorrido na cidade, cometido pelo magarefe Francisco Moraes que trabalhava em um dos açougues do mercado público da cidade e por motivos não revelados estava intrigado com outro homem cujo nome também não foi divulgado. Assim, em um determinado momento dirigiu-se para ele e apunhalou “*a faca com que cortava a carne e fingindo atitude amistosa, abraçou-o o cravou-lhe a faca em um das pás.*”⁵⁹²

O magarefe foi preso em flagrante e levado à presença da autoridade da respectiva cidade. No auto de perguntas realizado na delegacia, afirmou que se “portou

⁵⁸⁸ Jornal de Caxias, 24 de junho de 1899, Ano IV, nº 184, p. 01.

⁵⁸⁹ Jornal de Caxias, 24 de junho de 1899, Ano IV, nº 184, p. 01.

⁵⁹⁰ Jornal de Caxias, 24 de junho de 1899, Ano IV, nº 184, p. 01.

⁵⁹¹ Jornal de Caxias, 24 de junho de 1899, Ano IV, nº 184, p. 01.

⁵⁹² Jornal de Caxias, 30 de junho de 1900, Ano V, nº 236, p. 01.

inconvenientemente com ella [faca] (*grifo nosso*). Sendo levado para o quartel, segundo consta desde o dia 25 transferido para a cadeia publica, talvez que mais moderado.”⁵⁹³

Essas características violentas se tornaram recorrentes para se ressaltar a virilidade. Mediante essa prerrogativa, notamos que esses atuam em situações diversas com um duplo movimento. Por isso, podemos aferir que suas explosões são autorizadas pela cultura em que eles estão inseridos, pois no bojo das suas relações, influenciados ao longo do processo histórico, buscaram atribuir a eles elementos que formalizem sua *performance* no espaço social como um indivíduo de aspectos violentos.

Por essa perspectiva, notamos que, a partir de uma ideologia estrutural, as relações de gênero buscavam ser legitimadas por uma autoafirmação, não apenas pelo viés biológico, mas, como aponta Joan Scott (1995), sobre o viés da construção sociocultural, que efetivavam atribuições e que definiam os sujeitos, seja homem ou mulher. Entendemos aqui a própria ideia de Simone Beauvoir, quando diz que não *se nasce mulher, se torna mulher*. Podemos dimensionar a frase para o homem, *não se nasce homem, se torna homem*.

Foucault revela que o corpo masculino, nesse ponto, não é seu, e nem muitas vezes a segurança de se dizer homem não é um elemento com bases para esse sujeito, pois as características que ele aponta ser suas, na verdade foram aspectos atribuídos pelo bojo social onde se localiza. Seu corpo e a identidade atribuída a ele só ganham movimento, visto as interpelações conferidas ao sujeito. Nesse percurso, o homem apenas busca adaptar-se, e tenta levá-las adiante, como uma condição para se estar no campo social.

Por essa perspectiva, podemos dizer que o corpo masculino seria um corpo sem alma, porque essa alma seria imposta ao sujeito, dada ao sujeito homem, a partir de características previamente entendidas, no bojo das relações de gênero, como aspectos que definiram o conceito de ser homem, ser um corpo masculino, ser um homem dentro dos parâmetros de um contexto.

Nesse caso, o próprio sentido pensado e exaltado na primeira República. Por esse viés, Butler considera que “o corpo é uma significação de superfície que contesta e desloca a própria distinção interno/externo, a imagem de um espaço psíquico interno inscrito sobre o corpo como significação social que renuncia perpetuamente a si mesma

⁵⁹³ Jornal de Caxias, 30 de junho de 1900, Ano V, nº 236, p. 01.

como tal.”⁵⁹⁴ Nesse jogo, onde o acesso é livre, o homem performatiza e operacionaliza as ações de cunho violento, em resposta ao jogo simbólico de percepção em que sempre foi “permitido” a ele realizar, ou ao menos constituir uma prática ao longo da sua vida quando referir-se a si mesmo enquanto homem e sua masculinidade.

Assim ao pensar na formalização dos discursos, podemos acrescentar, a partir das considerações de Michel Foucault, que os discursos possuem um poder disciplinar e possibilitam a fabricação de uma realidade e a subjetivação de sujeitos. Os discursos funcionam como dispositivos que se fazem existir enquanto prática. Nesse sentido, Foucault nos aponta que o corpo é objeto de investimentos que são colocados de forma imperiosa, como se desejassem, exigissem e tomassem como um dever no qual deveria ser obediente, submisso, um objeto moldado conforme preceitos e ideologias.

Por isso, na perspectiva foucaultiana, o corpo é pensado como um objeto preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas vezes, nesse caso, é a utilização de novas técnicas, por exemplo, os discursos de um jornal, do Estado, da Igreja que, por sua vez, utilizam mecanismos ordenadores que viabilizam a normalização dos sujeitos, conforme os ideais que julgam como ideais aceitáveis no bojo social.

Sandra Jatahy Pesavento afirma que tais representações sociais, expressas nesses discursos, buscam dar conta desses espaços sociais e dos atores que transitam nesses espaços através das suas práticas.

Sem dúvida que há uma linguagem culta, técnica, de elite, mas ela é intercambiável com a dos populares. Populares reconhecem, a priori, que são os cidadãos, mas seus conceitos do que seja a ordem são diferentes. Para os cidadãos, o mundo dos excluídos é pura desordem, não vem aí uma lógica de comportamentos e valores. Entretanto, tal como não é possível pensar em limites ou realidades isoladas entre a chamada cultura popular e a erudita, também é possível ver que são tênues as fronteiras entre o mundo da ordem e o da contra-ordem, da cidade dos cidadãos frente a cidade dos excluídos. Uns podem passar ao território do outro, e mesmo confundirem-se na prática de ações que a lei cidadã condena.⁵⁹⁵

⁵⁹⁴ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 191.

⁵⁹⁵ . PESAVENTO, Sandra Jatahy. Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXX, n. 2, p. 27-37, dezembro 2004, p. 28.

Desse modo, na nota, que fazemos uso acima, identificamos um diálogo com essas questões apresentadas por Pesavento, principalmente, nessa operacionalização da compreensão de ordem que os indivíduos dos segmentos populares não possuíam. Assim na nota seguinte, podemos ver o quão se faz presente essa ideia.

Terça-feira as 5 horas da tarde, no logar Grangeiro o 1º districto, Antonio Serafim de Melo assassinou com 4 facadas a Fellipe Fermino Borges e deu três cutilldas com um facão americano em Thomaz Firmino Borges, irmão do assassinado. Os ferimentos de Thomaz são gravíssimos.

O assassino foi preso e acha-se recolhido a cadeia desta cidade⁵⁹⁶

Tais impressões se materializam por causa da linguagem utilizada pelo jornal para descrever o desentendimento entre esses. O periódico identifica os sujeitos envolvidos, citando textualmente os nomes do causador do crime, *Antonio Serafim de Melo*, e das vítimas *Fellipe Fermino Borges e Thomaz Firmino Borges*. Nesse intervalo, podemos denotar que as informações obtidas pelo jornal buscavam salientar, dentro da ótica social, o rosto desses homens, como forma de punição, visto que uma parcela da sociedade caxiense estaria conhecendo tais figuras.

Nesse sentido, o ato cometido por Antonio Serafim de Melo, torna-se algo assustador para a cidade de Caxias, naquele momento, pois, pela ótica social, tirar a vida configura como uma das maiores atrocidades que poderia ser cometida por um sujeito, segundo o que aponta o jornal.

O jornal não demonstra surpresa diante do ato cometido por Antonio Serafim de Melo, primeiro por ele pertencer ao que nós estamos chamando de segmentos populares. Outro motivo, ainda, como afirma o jornal, por esse homem apresentar ausência de aspectos de civilidade, pois o resultado da sua ação configurou uma *barbaridade*, nas considerações do periódico.

Mas, segundo Arlette Farge, é necessário compreender que as “[...] as práticas de virilidades populares são adquiridas, desde a infância como são adquiridos, para os mais abastados da sociedade os códigos de civilidade, de escrita, de saber-viver, libertino ou não.”⁵⁹⁷ Assim, sob o olhar da autora, para compreender as virilidades

⁵⁹⁶ Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 19 de outubro de 1894, nº 169, p. 02.

⁵⁹⁷ FARGE, Arlette. Virilidades populares. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes. V.1.

populares é necessário compreender como os segmentos sociais se comportam no seu cotidiano, buscando identificar suas relações, seus dramas e as instaladas no seio social em que estão inseridos.

A autora afirma, ainda, que, por esse motivo, o jornal considera ser importante que os homens se mantivessem imbuídos de comportamentos mais contidos, o que seria um aspecto relevante para manutenção da “ordem social” na cidade de Caxias. Mas como apontamos anteriormente, por pertencer a uma classe menos abastada, o jornal aponta que tais reações agressivas faziam parte do dia a dia desses homens, o desvio nas considerações do periódico estava imbricado nas características desses sujeitos.

Arlette Farge considera que a masculinidade, nesse caso, não seria um código cujos homens seguiriam de todos os modos, “[...] ela é uma maneira ordinária de viver a masculinidade, fortemente incrustada, mesmo se o conjunto dos homens igualmente admita que uma violência excessiva em face das mulheres é condenável.”⁵⁹⁸

Sobre esta questão, Sidney Chalhoub (2001) afirma que o desvio é uma maneira de pensar que as normas foram postas de lado e não foram seguidas. Nesse ponto, o historiador considera que a ideia de desvio pressupõe, dentro do bojo das relações sociais, a existência de comportamentos, ações ditas como “normais”. Chalhoub considera, ainda, que tal perspectiva parte de uma “visão dicotômica da realidade, opondo indivíduo e sociedade como duas entidades puras e abstratas como uma construção de seres humanos concretos no bojo mesmo de suas relações cotidianas da vida”.⁵⁹⁹

Em vista dessa prerrogativa, o jornal considera, pelas informações que foram apuradas e a forma como os dois irmãos são atacados pela fúria de Antonio Serafim de Melo, que as marcas do comportamento violento pensado como masculino se tornaram presentes, porque o ato se configurou pelo viés do conflito, da tensão apresentando a final cena de violência.

Nesta perspectiva, Chalhoub (2001) aponta que a relação estabelecida com o conflito violento é explicada por fatores externos às situações, que possivelmente esses

Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, pp.495-523, p.501.

⁵⁹⁸ FARGE, Arlette. Virilidades populares. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes. V.1.. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, pp.495-523, p.501.

⁵⁹⁹ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 84.

sujeitos estejam envolvidos. “Em outras palavras, o conflito não é percebido como um produto social, como uma construção de seres humanos concretos no bojo mesmo de suas relações cotidianas da vida [...]”.⁶⁰⁰

Como percebemos, ao longo do processo de leituras dos jornais, os acontecimentos que efetivavam a prática da desordem não tinham um lugar específico, ocorrendo desde o perímetro urbano até os distritos, que seriam os locais distantes ao perímetro urbano, mas que tais aglomerados de terra eram pertencentes à cidade. A cidade, nesse limiar do século, não se configura como um espaço tranquilo, mas um lugar onde seus espaços adjacentes podem ser lidos como lugares possíveis de ações e reações dos seus moradores, em vista da forma como eles articulam o modo de resolver seus conflitos. Podemos, então, pensar que a próxima cena na cidade seria resultado dessa compreensão dos sujeitos, do seu modo de ver o horizonte de soluções.

Nesse caso, a próxima cena tem como autoria Onofre Rodrigues Lima que, devido uma dívida, entra em conflito com Francisco Manoel de Sousa. Segundo as informações do jornal, Onofre Rodrigues Lima, morador do Poço Negro, localizado no segundo distrito de Caxias, esperou seu cunhado Francisco Manoel de Sousa na estrada, “isso por volta das sete horas da manhã”, o que aponta o jornal, para dar explicações, entre outras coisas, sobre o valor em dívida.

Assim ele coloca que, “sentindo-se ofendidos, por tal cobrança Onofre Rodrigues Lima e Francisco Manoel de Sousa “apresentaram-se alterados”, o que resultou em ferimento de Francisco, pois Onofre utilizando-se de uma arma de fogo direcionou alguns tiros a Francisco, sendo este baleado, “pela fúria de Onofre”. Nas considerações do jornal, a “bala penetrou no braço direito do Francisco, d’onde ainda não foi extrahida”⁶⁰¹. Em apurações colhidas, Francisco, o ferido, contou que a “agressão foi devida a ter o offendido declarado que Onofre não podia pagar um débito que havia contrahido de 20, 000 réis.”⁶⁰²

Percebemos, em situações como esta, uma variedade de práticas que são efetivadas no dia a dia da cidade de Caxias, onde os sujeitos não estão marcando suas atitudes para estar em consonância com os princípios morais tão exaltados pela moral social caxiense, ou mesmo por respectivos princípios do conceito de ordem visivelmente

⁶⁰⁰ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001, pp. 305-306.

⁶⁰¹ Jornal de Caxias, 17 de março de 1897. Anno II, nº 71, p. 01

⁶⁰² Jornal de Caxias, 17 de março de 1897. Anno II, nº71, p. 01

disseminado pelo Estado e Igreja naquele contexto.

O que se efetiva como regularidade dentro da ótica social dos sujeitos, em situações como estas que acabamos de citar, é a maneira como eles buscam resolver os seus problemas, as divergências decorrentes dos conflitos ocorridos. Nesse sentido, Farge nos aponta que existem espaços que influenciam na constituição da identidade desses homens. Para a autora, “os espaços ordinários onde os homens e as mulheres da cidade se reúnem acentuam sem nenhuma dúvida a rudeza dos comportamentos viris [...]”.⁶⁰³

Nesse sentido, o ato de ferir e, mais ainda, a reflexão sobre a ação efetivada não são as maiores preocupações desses homens envolvidos. O aspecto importante é a resolução das questões que por ventura ficavam em aberto como, por exemplo, a honra. Ser ofendido, ter alguém ofendido não significa dizer sujeitos passivos, mas indivíduos ativos e vorazes, capazes de agir pelo impulso em prol da defesa da honra ou mesmo daquilo que julga correto.

Nessa perspectiva, Chalhoub (2001) afirma que o ajuste da violência não aparece de maneira esporádica, mas é resultado de uma tensão em vias de processo, porque deve perpassar por uma escala de tensão das disputas e provocações entre os sujeitos ou mesmo em grupos que estão em confronto. A violência, nessa perspectiva, apresentada por Chalhoub, eclodiria a partir desses conflitos, revelando, por sua vez, a constituição de um ritual, como também a efetivação da solidariedade desses sujeitos envolvidos.⁶⁰⁴

Essa solidariedade, pensada pelo autor, estaria relacionada aos homens e suas divergências, seja qual for a causa, pois verificamos que os homens quando se envolviam em brigas era notório a intervenção de um amigo para ajudá-los no enfrentamento desse problema. Para Pierre Bourdieu (2001), a ideia de ser homem perpassa pela ótica de se impor em situações semelhantes a essa. O autor considera que essa percepção se constitui como mecanismo de formalizar sua identidade masculina, ou melhor, fortalece sua identidade já concebida pelo plano do discurso desde o nascimento.

⁶⁰³ FARGE, Arlette. Virilidades populares. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes. V.1. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, pp.495-523, p.516.

⁶⁰⁴ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 202.

Assim, ser homem, tornar-se homem, “[...] implica um dever-ser, uma *virtus*, que se impõe sobre a forma do evidente por si mesma, sem discussão.”⁶⁰⁵ Nesse caso, essa masculinidade, esse tornar-se homem iguala-se “[...] à nobreza, a honra – que se inscreveu no corpo sob a forma de um conjunto de disposições aparentemente naturais [...]”⁶⁰⁶. Essa maneira de torna-se homem, então, implicaria “[...] muitas vezes visíveis na maneira peculiar de se manter de pé, de aprumar o corpo, de se uma maneira a pensar e de agir, um *ethos*, uma crença etc. - governa o homem de honra, independentemente de qualquer pressão externa.”⁶⁰⁷

Nesse sentido, Fernando Bagiotto Botton (2009) fala que a violência é “[...] entendida como um poder coercitivo, utilizado pelos homens para construir suas identidades e reproduzirem sua supremacia dentre os gêneros.”^{608b} Por isso os homens que estavam envolvidos nessas situações eram lidos pela imprensa como contra modelos sociais, pois como ratifica os discursos da imprensa, esses homens não deveriam ser tomados como exemplos, uma vez que suas práticas não agregavam para o bem social da cidade e do país.

Notamos, ainda, que os comportamentos apresentados, através da imprensa caxiense, acabavam sendo uma forma de punir socialmente esses homens diante dos crimes e assassinatos. A punição se dava pela configuração negativa, ao ter os seus nomes divulgados no jornal, o que denotava uma reprovação da postura desse homem. Além desse aspecto, ser apresentado à sociedade como indivíduo causador da morte de uma pessoa ou de ferimento, por exemplo, constituía em relação a ele, um estigma, uma representação fora dos padrões ditos como ideais naquele momento.

Em vista dessa questão, o Jornal O Paiz noticia que a cidade anda sendo presenteadada por uma onda tenebrosa de homens de má índole, necessitando que os “grandes homens” se tornem visíveis para salvar a cidade corrigindo comportamentos que retiram a paz dos caxienses.

⁶⁰⁵ BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 63.

⁶⁰⁶ BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 63.

⁶⁰⁷ BOURDIEU, Pierre (1930-2002). *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 63.

⁶⁰⁸ BOTTON, Fernando Bagiotto. *Novos homens: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro*. Revista Historiar. Recife, julho. 2009, p. 05.

Gatezilha

Dr. Adolpho Soares

A Situação Anorma, E Insustável Que Atravessa Esta Cidade, Outr'ora Centro De Ordem E Moralidade, Determinou Que Uma Plêiade Dos Seus Mais Distintos Filhos Reclamasse Dos Altos Poderes Do Estado, A Presença Aqui De Um Autoridade Superior, Capaz De Reprimir A Serie De Atentados Inauditos Que Se Tem Desenrolado Aos Nossos Olhos, - Patrocinados Por Aqueles Mesmos A Quem A Lei Incumbe Puni-Lo!

Não Foi Surdo Nem Tardio O Governo A Tão Justo Reclamo: Sem Hesitação Nem Fraqueza Enviou-Nos O Illustre Dr. Adolpho Soares, Honrado Chefe De Polícia, Cujá Acção Benéfica E Moralisadora Já Se Fez Sentir Nos Destinos Da Nossa Cara E Boa Terra.

O Assassino De Francisco Porto E Mais Outro Monstro Que Lhe Seguiu O Hediondo Exemplo Estão Felizmente Na Cadeia, Apesar De Ser Aquelle Pretegido De Figurões Políticos, Que Esperão Transformar Esta Cidade, Em Viveiro De Criminosos.

Confiamos, Pois Que A Tranquilidade Brilhará Em Breve Nos Nossos Horizontes Pela Remoção Complet Dos Mãos Factores – Produziram Tão Funesta Situação.

Damos, Pois, As Boas Vindas Ao Dignor Chefe De Polícia – Dr. Adolpho Soares.⁶⁰⁹

A força e a vitalidade se tornam expressivas, nos dizeres do jornalista, quando o mesmo apresenta, aos olhos da sociedade caxiense, uma descrição do secretário da segurança público do Maranhão. O discurso, neste caso, falando dos problemas da cidade, elenca o secretário como herói, o que denota uma representação positiva ao homem público que exerce essa função.

Essa valorização da figura do homem público, da sua imagem para os demais cidadãos, constitui um discurso pedagógico, quando se faz menção de qualidades deste indivíduo para os demais cidadãos, principalmente, aos homens que estavam sendo os causadores da desordem em Caxias.

Mas em relação ao próprio estigma constituído acerca da sua imagem, muitos homens não o percebiam de forma negativa, pois suas práticas no mundo do crime acabavam sendo recorrentes, o que denotava que esse perfil de homem tinha sua

⁶⁰⁹ Jornal O Paiz, Caxias, 28 de janeiro de 1905, Ano III, nº 138, p. 03.

exaltação, não pelos bons costumes, mas por suas práticas contra a ordem, configurando-se como um antimodelo, porém não deixava sua masculinidade ser questionada.

Por exemplo, o que noticia o Jornal do Commercio, em 1920, em relação a Raymundo Valletm, conhecido na cidade como o desordeiro e reincidente, pois apesar das punições cumpridas, segundo o jornal, ele continua realizando as mesmas práticas criminosas. Segundo o jornal, Raymundo Valletm, como era de se esperar, cometeu mais um crime, e devido a essa questão, o periódico aponta que ele estaria ficando cada vez mais “ousado”, o que para o jornal ele já poderia ser chamado de “facínora”.

O fato ocorreu no dia 14 de dezembro de 1920, Raymundo Valletm deu uma cacetada em Benedito Alves de Araujo, fazendo-lhe graves ferimentos na região frontal. Segundo informações apuradas, pelo jornal, o ferido ficou em estado grave, porém com os devidos cuidados passava bem em casa. Benedito morava na Rua das Boiadas, próximo ao centro da cidade de Caxias. O jornal aponta ainda que

Ao ter conhecimento desse facto, o dr. Delegado de Polícia tomou imediatamente as devidas providencias tendo aberto o respectivo inquérito que, hoje, terminou, apurando a responsabilidade de Valentim.

Ninguém poderá prever aonde este perigoso delinquente (...) está pela ostensiva proteção que lhe dispensa o sr. Eleazar Campos, irá para na serie de crimes e desatinos que vem praticando, de modo a constituir-se um perigo á sociedade.

Se não há nada que mais possa incentivar a prática de delictos do que a impunidade – Valentim está apto a dar expansão aos seus instinctos de perversidade.

Por diversas vezes já nos tempos manifestado sobre esse assumpto, clamando contra o procedimento do sr. Eleazar Campos que, assim se torna um verdadeiro cumplice de Raymundo Valletim nos crimes por ele praticados.

As nossas palavras não tem sido em vão, como parece, porque se não conseguimos fazer com que o sr. Eleazar Campos retroceda do caminho pelo qual se enveredou pelo menos hão de servir de protesto contra tão perigosa situação a que nos atirou a justiça “moralista” do sr. Eleazar Campos. Se não há nada que mais possa incentivar a prática de delictos do que a impunidade – Valentim está apto a dar

expansão aos seus instintos de perversidade.⁶¹⁰

Sobre essa questão, Erving Goffman (1993), pensando acerca do estigma, ajuda a refletir sobre questões importantes para entender os indivíduos dentro do espaço social e das percepções constituídas em relação a eles. Para o autor, a sociedade estabelece formas de categorizar as pessoas e os seus atributos, significando-os e naturalizando, pois, as interpelações sobre elas advêm dessas práticas que já tinham um conceito instituído.

Nesse compasso, o autor afirma, por exemplo, que quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" – para usar um termo melhor do que "status social", já que nele se incluem atributos como "honestidade", da mesma forma que atributos estruturais, como "ocupação", ou não, como foi o caso da situação apresentada pelo periódico, a qual retratou no início.

O fato de serem apresentados em situações cuja divergência e, mais ainda, os resultados dessa divergem são aspectos vistos pela sociedade como reprovativos, a leitura sobre eles não foi apresentada de forma positivada, visto a situação em que eles estavam envolvidos, porque tais comportamentos eram lidos como não condizentes a ideia de homem de bem, de boa índole, de bons costumes.⁶¹¹

O Sentido da palavra esvazia-se em meio às práticas dos sujeitos em seu cotidiano e as formas como operacionalizam as situações em que estão envolvidos. Por isso é possível demarcar, nestas situações, maneiras de fazer e entender o mundo em que eles estão inseridos, com singularidades próprias.

Vejamos, assim, o caso dos dois negociantes, moradores da Rua Conselheiro Sínval, onde, por falta de entendimento entre eles, instituem uma briga em prol da defesa dos seus interesses. Francisco de Paula Porto e Egídio Cunha, residentes na mesma rua onde possuem suas atividades comerciais, envolvem-se em um embate provocando resultados graves, tanto que o jornal, no momento, reitera afirmando ser “*Facto Lastimoso*” e aponta que “e’ com profundíssimo pezar que resgistramos esse facto.”⁶¹²

O fato ocorre “as 8 horas da noute de 5 deste mez [...] na rua Conselho Sínval. O jornal nos aponta que “- segundo affirmam diversas pessoas, que o primeiro, [...]

⁶¹⁰ Jornal do Commercio, 18 de dezembro de 1920, Ano XVI, nº 964, p. 01.

⁶¹¹ GOFFMAN, Erving. Estigma: a identidade deteriorada. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1993, p. 05.

⁶¹² Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01.

descarregou um cacete que levava sobre a cabeça do segundo”.⁶¹³ Em contra partida o outro “estava munido de um faca de ponta, que feriu o seu agressor abaixo da costella esquerda em direcção ao rim, ficando ferido em um perna e num dedo da mão direita, alem da contusão na cabeça produzida pelo cacete.”⁶¹⁴

Segundo informações apuradas na ocasião, “o ferimento de Porto foi desde logo considerado grave pelos peritos que na manha seguinte serviram no corpo de delicto procedido.”⁶¹⁵ “E assim sucedeu, pois as 8 horas da noute de 6 exhalou último suspiro e inditoso Francisco Cunha, entre horríveis soffrimentos. Tanto o fallecido era jovem como o agredido Egidio Cunha e até pouco tempo amigos íntimos.”⁶¹⁶

Francisco Porto não era casado, porém deixou legitimada uma filhinha, o jornal aponta que ele era moço estimado e o seu enterro foi bastante concorrido. A causa do “tão lastimável acontecimento foi, segundo consta, oriunda de negócio privado que repugna traser a lumo, mesmo porque está no domínio público”.⁶¹⁷

Casos como estes se tornaram mais frequentes, os homens independentes do lugar social e condição econômica que ocupavam não estruturam suas ações de maneira controlada. Manifestam seu íntimo masculino, o modo de compreender as situações, pelo viés da raiva e prática da violência. Nesse caso, funciona como um “dispositivo de poder e parte integrante de instituições formais e informais, pode operar como linguagem e performance produtivas e legitimadas por elas.”⁶¹⁸

Dessa forma, através de instituições formais e informais, que remetem tanto à “cultura” e à “tradição”, quanto ao Estado e sua estrutura legal, a violência de gênero pode ser reconhecida como atributo constituinte e legítimo de sujeitos generalizado, e operar como dispositivo que permite produzir os gêneros, as sexualidades e os sujeitos que essas instituições querem reproduzir, representar e controlar.⁶¹⁹

⁶¹³ Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01

⁶¹⁴ Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01.

⁶¹⁵ Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01.

⁶¹⁶ Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01.

⁶¹⁷ Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01

⁶¹⁸ PASSADOR, Luiz Henrique. Masculinidades e construção social da violência. Revista Outras Vozes, 43-44, Dezembro 2013, pp. 1-2. Acesso em <http://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2013/12/Masculinidades.pdf>. 16/01/2016.

⁶¹⁹ PASSADOR, Luiz Henrique. Masculinidades e construção social da violência. Revista Outras Vozes, 43-44, Dezembro 2013, pp. 1-2. Acesso em <http://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2013/12/Masculinidades.pdf>. 16/01/2016.

Segundo a perspectiva da masculinidade hegemônica, o homem, dentro do modo como ele opera tal conceito, recusa aceitar qualquer tipo de ofensa que venha manchar sua dignidade, principalmente, diante do mundo público. “Nessa perspectiva, as masculinidades podem ser compreendidas como performatividades que os sujeitos constroem a partir de matrizes socioculturais historicamente constituídas.”⁶²⁰

Para Sócrates Nolasco (2001), as situações de violência, em que o homem possa se envolver, são ancoradas por sentimentos diversos. Assim, o autor ratifica que, de certo modo, pensar a violência masculina é dimensionar linhas de compreensão em que esse se situa com sentimentos de “um guerreiro, um cavaleiro ou um herói.”⁶²¹

Comumente pensados numa relação de oposição complementar ao feminino – sendo tal oposição potencialmente geradora de tensões e conflitos entre os sujeitos masculinos e femininos – os sujeitos masculinos podem lançar mão da violência como dispositivo legítimo para se constituírem como tais quando a violência é reconhecida como atributo diferencial da masculinidade e da sua performatividade.⁶²²

O caso dos comerciantes é a priori uma demonstração desse entendimento da maneira como eles pensam em resolver seus desentendimentos. A conversa, o diálogo, não operacionaliza como mecanismos fortuitos para se empreender uma comunicação mais livre de atos violentos, como o realizado por ambos. Tudo ou nada configuram como uma máxima para solucionar os problemas encontrados.

Mas os conflitos entre homens não eram ocasionados apenas por ser conhecidos, ou porque estavam com problemas em detrimento de negócios mal resolvidos. As divergências, os conflitos, como apontam os jornais da época, podiam ser gestados dentro da própria família. E nessas situações os protagonistas das cenas de violência eram sempre os homens, sejam eles mais novos ou não.

Nesse caso, os envolvidos são homens pertencentes à Família Nunes de Almeida. Segundo o que relata o jornal, a divergência entre os membros aconteceu no lugar chamado *Lagoa Funda* pertencente, na época, ao 10º quarteirão do 1º districto,

⁶²⁰ PASSADOR, Luiz Henrique. Masculinidades e construção social da violência. Revista Outras Vozes, 43-44, Dezembro 2013, pp. 1-2. Acesso em <http://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2013/12/Masculinidades.pdf>. 16/01/2016.

⁶²¹ NOLASCO, Sócrates. O Apagão da masculinidade? Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade - Ano 1 - nº2, Dezembro/2001 pp.9-16, p. 245.

⁶²² PASSADOR, Luiz Henrique. Masculinidades e construção social da violência. Revista Outras Vozes, 43-44, Dezembro 2013, pp. 1-2. Acesso em <http://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2013/12/Masculinidades.pdf>. 16/01/2016.

na noite de 15 corrente. O patriarca Damião Nunes de Almeida com seu filho Amaro Nunes de Almeida estava dirigindo-se à casa de seu irmão Manoel Nunes de Almeida. Chegando lá, o filho de Manoel Nunes de Almeida, cujo nome apresentado na informação do jornal era chamado de Taciliano, reuniu, por motivos que não foram divulgados, “outros rapazes, agredido-a seu primo Amaro”.

Diante da confusão, segundo o que afirma o periódico, Damião buscou intervir para separar os contendores, mas sua ação gerou o ferimento de outras pessoas, como a morte de Taciliano, “morto com uma facada, que se defendendo das pancadas, lhe deu seu primo Amaro.”⁶²³ “Manoel o dono da casa que também se meteu para fazer cessar o grande teve vários ferimentos, que foram considerados de gravidade.”⁶²⁴

O jornal aponta que Damião foi preso em flagrante, sendo escoltado para “cidade, onde em seguida apresentou-se espontaneamente a polícia o seu filho Amaro, que declarou ter assassinado Taciliano em defesa própria, sendo ambos recolhidos a cadeia no dia 18. O sr. Delegado de polícia estava syndicando do facto.”⁶²⁵

Desse modo, o enfrentamento por parte dos homens comuns em relação às autoridades (praças), para o jornal, demonstra o quanto se tornava necessário constituir um disciplinamento, em prol de garantir a execução das normas estabelecidas para o bem estar das pessoas. Um exemplo foi o ocorrido dia 29 de agosto, porém divulgado pelo jornal apenas dia quatro de setembro, visto ao período de publicação do jornal. Em que as praças municipais realizaram a efetuação da prisão do indivíduo no 3º distrito da cidade de Caxias. O nome em questão era Luis de Mello Pessoa e “entre os que com elle se achavam que tomaram o preso facilitando também a sua fuga”.⁶²⁶

Mesmo diante de tal procedimento, o jornal relata que

[...] as praças prenderam a pessoas, mas ao chegarem com elle ao povoado da Tresidella apresentaram se em frente um genro do preso e outros valentes para tomal-o.” A resistência oposta “a elas praças resultou ficar uma dellas José de tal, com o craneo gravimente fracturado, além de outros ferimentos que recebeu de mesos gravidade e o companheiro com o braço esquerdo deslocado e com bastantes contuzões das espadadas que recebeu.” O Soldado José acha-se em risco de vida, segundo o que relata o jornal, o que corre “a boca miúda é o boato do seu falecimento, o que felizmente é inexacto.”⁶²⁷

⁶²³ Jornal de Caxias, 26 de setembro de 1896, Ano I, nº. 48, p. 01.

⁶²⁴ Jornal de Caxias, 26 de setembro de 1896, Ano I, nº. 48, p. 01.

⁶²⁵ Jornal de Caxias, 26 de setembro de 1896, Ano I, nº. 48, p. 01.

⁶²⁶ Jornal de Caxias, 04 de setembro de 1897. Ano II, nº. 94, p. 01.

⁶²⁷ Jornal de Caxias, 04 de setembro de 1897. Ano II, nº. 94, p. 01.

No entanto, esse tipo de acontecimento não era um caso isolado, visto que como a imprensa apontava os próprios agentes da ordem não eram, dentro da ótica social da ordem, os exemplos para ser seguidos. Assim de acordo com o jornal, o ocorrido procedeu na tarde do dia nove novembro de 1905.

O conflito, segundo aponta o jornal, ocorreu no largo da Matriz, provocado por um soldado de nome “Affonso Bayma de Moraes um dos ordenados do sr. Delegado Geral Dr. Joaquim José Rabello.” Para o jornal, “aquelle mantenedor da ordem parecia estar ébrio, pois fazia prisões por qualquer cousas invadia casas de cidadãos pacíficos e dirigia chulas pezadas a posse a respeitáveis por suas posições sem attender a ninguém.”⁶²⁸

Na ocasião, o jornal afirma que um carreiro de nome José Alves dos Santos querendo “chamal-o a ordem, depois de forte alteração, recebeu do *desordeiro* uma facada, abaixo do peito esquerdo da qual se acha em perigo de vida.”⁶²⁹ O fato desencadeou um forte tumulto, principalmente, por ter ocorrido no largo da Praça da Matriz, espaço bem visionado por se tratar de um dos lugares centrais da cidade de Caxias. O articulista afirma que,

[...] seguio-se grande rolo entre a multidão que compareceu a ordenança, que segundo nos informam , ficou bastante maltratado, e se acha preso.” Não havendo nossa “ocasião nenhuma autoridade policiaall a quem recorrer o sr. João de Figueredo Bastos, entrou em exercício do cargo de 1 supplente do Delegado e mandou proceder corpo de delicto em José Alves dos Santos e no soldado.”⁶³⁰

Sobre esta questão, Pesavento (2004) afirma que tipos de ações como estas acabavam sendo vistas pelos habitantes, em relação aos agentes da ordem, como provocadores da desordem por também promoverem tumultos. A autora ratifica que ainda ser possível não serem percebidos pelas pessoas, aqueles homens, que deveriam manter a ordem, “precisavam de controle”.

Os limites entre os agentes, considerados como desordeiros, tornavam-se tême se comparados aos agentes da chamada ordem, se observarmos essas práticas em muitos casos, citados anteriormente em Caxias, pois como aponta a autora isso era algo comum no cotidiano das cidades brasileiras.

⁶²⁸ Jornal de Caxias, 11 de novembro de 1905, Ano X, nº. 510, p. 01

⁶²⁹ Jornal de Caxias, 11 de novembro de 1905, Ano X, nº. 510, p. 01.

⁶³⁰ Jornal de Caxias, 11 de novembro de 1905, Ano X, nº. 510, p. 01.

Nesse sentido, ainda Sandra Pesavento nos faz refletir – diante da “violência da cidade, da ousadia do crime, do desregramento dos desocupados e turbulentos, o que faziam os policiais? Frequentavam os mesmos lugares, partilhavam dos mesmos hábitos, misturavam-se como os personagens do submundo!”.⁶³¹

Em relação a esta maneira de punição, Vanderlei Machado (2007), quando pensa a masculinidade e mais ainda está masculinidade em relação à violência, também ratifica em seu texto que trazer à tona os nomes dos sujeitos envolvidos nesses tipos de acontecimentos evidenciam uma forma de coibir tais práticas, mas também de apresentar à sociedade elementos atrativos para os jornais, visto que existe uma mudança em relação ao modo de pensar sobre o que é um jornal e quais aspectos deveriam se tornar mais presentes, nas páginas desses periódicos.

Nas considerações de Machado (2007), o jornal possui duas funcionalidades: primeiro como um meio de praticar a comercialização de produtos, que buscava vender e aumentar a lucratividade: outra seria uma forma de perceber questões sociais, que começaram a ser compartilhadas e discutidas. O autor sugere, dentro dessa prerrogativa, que de alguma forma podemos pensar em “algum nível, um compartilhamento cultural entre aqueles que produziam, liam ou ouviam as colunas dos periódicos, possibilitando operar mais realisticamente com esta fonte.”⁶³²

Ainda pensando sobre esta presença mais constante de notas de crimes nas páginas dos jornais caxienses no regime republicano, Ana Gomes Porto (2003), que realiza uma análise dessas questões no Rio de Janeiro no mesmo período, afirma ser característica da prática da imprensa no Brasil, nesse momento, trazer à tona notícias que congregassem um público maior. Segundo a autora, isso foi facilitado pela característica empresarial acionada como um elemento marcante dos donos desses periódicos.⁶³³

Ao fazermos referência à experiência de imprensa, em Caxias, podemos perceber que o número de casos relativos aos crimes, atentados à vida, que resultavam

⁶³¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXX n. 2, p. 27-37, dezembro 2004, p. 35

⁶³²MACHADO, Vanderlei. Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007, p. 38.

⁶³³ Ver, PORTO, Ana Gomes. Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2003.

em morte, passou a ser cada vez mais recorrente e foram sendo tratados pelos jornais com mais expressividade no cenário republicano, principalmente, nos seus primeiros anos.

Em referência a essa questão, Sandra Jatahy Pesavento (2004) aponta que se pensarmos pela frequência de acontecimentos que o jornal começou a trazer à tona, o crime poderia se encontrar em cada canto da cidade. Porém é necessário percebermos, dentro dessas fontes, a maneira como são utilizadas tais informações e, mais ainda, como elas são reproduzidas. Um elemento bem característico dos periódicos caxienses conforme apresentamos logo no início desse capítulo.

A linguagem é outro aspecto recorrente nas notas desses jornais. Elas variam de maneira significativa, ao ponto de percebermos traços representativos que possibilitam ao leitor incorporar ideias, concepções diversas sobre o fato, os sujeitos a quem a notícia fazia referência. Nesse sentido, notamos que os jornais caxienses, em suas perspectivas de apresentarem suas informações, concebem uma estetização ao fato, ou seja, encadeiam, atribuem um novo contorno à narrativa, atribuem juízo de valor às informações publicadas.

Sobre esta perspectiva, Pesavento (2004) considera que o jornal procura dar orientações através da “pena do jornalista, que por sua vez coloca a sua sensibilidade em confronto com o horizonte de expectativas de seu meio. Sentidos se superpõem, a narrar uma história que se pretende *verídica*, construída pelo discurso jornalístico.”⁶³⁴

Nessa via de compreensão, tem um caso cuja a função do jornalista caminha nessa perspectiva, o jornalista, os homens populares se envolvem nessa teia de imbricações sociais que demonstram como os sujeitos, no contexto da República, estavam ainda reforçando antigos modos para solucionar os problemas do dia a dia.

⁶³⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXX n. 2, p. 27-37, dezembro 2004, p.29.

Capítulo - VII

Imprensa

e

performances masculinas

em cena

CAPÍTULO – VII IMPRENSA E PERFORMANCES MASCULINAS EM CENA

Os homens de hoje

Observação de um philosopho sobre os homens de hoje:

Aos sete anos atiram-se ao prazer do cigarro.

Aos doze, devoram o fructo da primeira ilusão

Aos quinze, quebram meia dúzia de versos dedicados a Marcia.

Aos dezoito, carpinham descrenças e choram ilusões perdidas.

Aos vinte e um negam a existência de Deus.

Aos vinte e cinco, visitam as pharmacias

Aos trinta e cinco, andam com óculos

Aos quarenta sentem a primeira ferroada do rhematismo

Aos quarenta e cinco fazem jus seis palmos no cemitério.⁶³⁵



texto acima não apresenta um autor, mas foi publicado por um jornal que teve circulação efêmera na cidade de Caxias, *o Jornal O Corisco*. Porém o mesmo nos apresenta, ao longo

da sua estrutura, elementos que dimensionam o nosso entendimento acerca do perfil do homem que se apresenta no começo do final do século XIX e início do século XX.

Ser homem dentro dos versos que compõem a perspectiva apontada pelo texto acima não se diferencia do projeto de criação do homem no seio da sociedade. O nascer homem e tornar-se homem envereda-se em buscar vivenciar experiências que masculinizem o seu estado, que o tornem viril.

Nos versos acima, por exemplo, traçam aos nossos olhos como se deveria construir a vida de um homem e como cada fase experienciada nortearia a constituir os senhores da sociedade, os sujeitos que deveriam manter a ordem social a partir de

⁶³⁵ Jornal, *O Corisco*, 01 de março de 1985, Anno I, p. 02.

princípios, como esses citados anteriormente.

O pensamento da condição masculina é construir, ganhar maturidade e saber o quanto foi válido. Outro aspecto, que sobressai aos nossos olhos, é vida de sofrimento, pois em todas as fases da vida, o homem deveria viver de sofrimentos, passar por sofrimento, o que denota uma masculinização do sujeito.

A vida adulta é constituída com a inserção de elementos que masculinizem esse sujeito, a criança, o menino, logo deve-se apropriar desses adereços, produtos cujos efeitos atribuem sua masculinização. Segundo Sócrates Nolasco, “[...] a valorização de respostas objetivas diante da vida faz com que ele aprenda como deve colocar-se diante das exigências sociais, mantendo frente a elas uma atitude de senhorilidade e força.”⁶³⁶

Nessa perspectiva, voltando ao perfil masculino projetado acima, nota-se que é configurado como um homem e voltado para vida pública, em que não se percebe propriamente uma infância, mas um homem que desde pequeno deveria assumir essa performance de sujeito viril desde os sete anos. Segundo Maurice Sartre (2013), sujeito deveria ser um varão que apresentasse características para além dos aspectos “fisiológicos intatos”, devendo se esforçar para construção de uma masculinidade dominante “[...] aquela do cidadão que, somente ele, tem acesso ao político [...] mulheres, jovens, crianças, e naturalmente estrangeiros e escravos não podem estar senão ao serviço do único grupo dominante, os homens adultos.”⁶³⁷

Mas o desejo da masculinização desse menino, desde a infância, não eximia o mesmo de vivenciar, logo após essa fase, o perfil do homem romântico, do jovem romântico, visto que, como é apresentado no verso acima, aos quinze anos os amores chegam na vida de moço denotando práticas romanescas para quais ele utilizaria para conquistar o amor, o corpo da moça que ocupava os seus pensamentos.

Nesse sentido, Marcia Amantino considera, nesse sentido, que se tornar homem é assumir um comportamento que esteja de acordo com o “[...] espírito de um tempo, é um aprendizado social, implementado por diferentes agências sociais, algo relacionado não só a dimensões culturais, como também à economia e à política[...].”⁶³⁸. O que denota, nesse caso, que os homens tinham fases no processo de formação, mas eles

⁶³⁶ NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 47.

⁶³⁷ SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: COURBIN, Alain et al. História da virilidade 1: a invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 69.

⁶³⁸ MELO, Victor Andrade de. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). MANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. História dos homens no Brasil. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013, p. 147.

deveriam ter objetivos claros, quanto a sua formação e ação no espaço público em que eles estavam inseridos. A Autora também fala que essas práticas eram uma forma de comungar com o projeto nacional do país que buscava imprimir uma identidade nacional.

A fases dos homens são vividas por eles, porém são vigiadas por códigos de comportamentos, pelos quais esses homens não podiam deixar-se desvirilizar mediante suas práticas. Em via desta questão, Sócrates Nolasco aponta:

A vida adulta de um homem se desenvolve por entre contínuos desdobramentos de tensões. Sob a forma de exigência social, a tensão, agora incorporada pelo homem adulto, faz com que entre homens, principalmente no trabalho, seja criado um “olhar institucionalizado”, segundo o qual eles se perfilarão e procurarão, cada vez, aos, seguir o que a norma social define.⁶³⁹

Nesse sentido, as feições de homens maduros, capazes de solucionar os problemas com presteza e altivez, chegariam com o passar do tempo; os sinais, nesse caso, seriam dados pela maneira como esse corpo iria amadurecer. As dores do corpo davam respostas do tempo vivido, mas davam sinais da experiência adquirida por esse indivíduo, principalmente, nos espaços públicos.

Desse modo, ainda sob a luz das reflexões de Nolasco, o autor aponta que o corpo do homem deveria, juntamente com um rol de projetos e sentimentos, assumir atitudes de homem, ser modelo desde a sua infância “[...] para alcançar o reconhecimento no trabalho um homem deverá assumir comportamentos e valores definidos a priori para ele.”⁶⁴⁰

O homem e o mundo do trabalho são dois pontos para se pensar a relação da exaltação da masculinidade e, mais ainda, para buscar entender como se projetam a imagem da figura masculina e funcionalidade social. No mundo do trabalho, as faces estão e sempre estiveram marcadas por barbas, rostos com as mais diversas tonalidades, formas e formatos que marcam a cena pública. O homem e o espaço público se tornaram íntimos, tornaram-se um só.

Nesse compasso, a imagem masculina, desde que baseada dentro dos princípios da masculinidade ideal, poderia circular pelos logradouros públicos. Porém sua

⁶³⁹ NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 59.

⁶⁴⁰ NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 59.

performance deveria ser pensada, principalmente, durante o século XIX e início do XX, como uma imagem que representasse poder, autoridade, pois mesmo com as mudanças ocorrendo em termos de modernidade no campo citadino, por exemplo, um elemento que não poderia deixar de existir, dentro da performática, é a imagem de homem sábio, com poder de decisão, e com proatividade dentro do cenário do mundo público.

A premiação do homem para o espaço público, como um lugar dele, instituiu domínios de atuação, maneiras de apresentar-se e falar. Nesse sentido, a efetivação da figura masculina, no cenário público, imprimiu à cena pública códigos, instituiu regras, constituiu uma identidade masculinizada aos locais, aos lugares, revelando o nível de poder da imagem do homem no espaço público.

Nesse ínterim, o cenário masculino, o espaço público, configurou-se como sendo pertencente ao homem e apenas a ele, tanto que, ao pensarmos em lugares masculinos, temos o próprio bar, taverna e outros espaços que foram sendo demarcados como lugares masculinos, de posse masculina onde suas marcas e performances de homem poderiam e podem ser percebidas entre os homens e reforçadas por eles.

Desse modo, nos debruçaremos em buscar capturar, no contexto da primeira República caxiense, como o espaço público efetiva-se enquanto espaço público masculino. Nesse compasso, buscaremos entender a dinâmica desses espaços a partir das determinações e significações corporificadas nos lugares públicos que representaram sob a luz da ação do homem caxiense.

Sendo assim, o mundo do trabalho será um dos caminhos em que lançaremos o nosso olhar para fazer captura dessas imagens masculinas e como elas buscaram apresentar um homem em tempos republicanos e suas marcas, enquanto um homem público detentor do direito de atuar no mundo dito e entendido como público. Em vista dessa questão, o espaço público se tornou palco da figura masculina, mas essa maneira de entender o espaço público como seu, como sendo proprietário desse lugar de todos, fez com que se criasse uma intimidade nesse espaço.

O cenário político se tornou um espaço em que a força e vitalidade do homem deveriam se fazer presente, principalmente, por se tratar da ideia em que ideias de mudanças e transformações deveriam ocorrer a partir da ação política. A vida pública deveria, dessa forma, ser ocupada pelos homens ditos honrados e que estivessem, desde seu nascimento, comprometidos com os seus ideais de sujeitos cujos objetivos

estivessem voltados para ressaltar sua honradez enquanto um homem social.⁶⁴¹

O homem caxiense encontra-se então presente nos mais diversos cargos públicos direcionando a cidade, como maneira de dar ordenamento a cidade. Uma ótica pensada como mecanismo que vigora como uma característica comum a esse indivíduo, pois dentro das bases de compreensão que evidenciam as funções do homem para além do espaço da casa, tais funções destinariam como sendo as mais efetivas para o homem desempenhar.

Nesse compasso, os jornais caxienses também apresentavam, em suas páginas, comportamentos de homens pertencentes a outros estados do Brasil e, nesse caso, evidenciando as qualidades e como essas se destacavam dentro da cena social e política. Nessa esteira de considerações, nota-se que esses comportamentos apresentados serviam como modelos para inspirarem outros homens a seguirem os mesmos passos efetivados em suas carreiras no cenário político.

Pensando por essa via, Chistopher Forth (2013) nos aponta que “[...] a população adulta é mais frequentemente concebida, por analogia, como sinônimo da “nação”, então, as transformações nas práticas e nos ideais dominantes de gênero afetam necessariamente a maneira como é percebido o corpo político.”⁶⁴²

Como exemplo dessa realidade, podemos citar o caso de José Eusebio, tomado como modelo de homem cujas práticas são exaltadas pelo *Jornal Gazeta*, principalmente, por se tratar de um deputado. Segundo as adjetivações do periódico, o deputado é pertencente a geração em que “pouco homem há que tenham sabido conquistar uma reputação tão “pura e brilhante.

Nesse caso, o deputado, por ocupar um lugar de homem público, já possui um status de homem público, como sujeito que estava apto para desenvolver os serviços dos homens públicos.”⁶⁴³ A personificação do homem comprometido com o serviço

⁶⁴¹ O conceito de honra pode ser reconhecido como um dos conceitos clássicos da teoria social, fundamental para a apreensão de determinados sistemas sociais. O conceito em jogo às vezes parece ser tão abrangente que não conseguimos apreender a sua acepção, ficando a sensação de que a honra pode tanto conter de tudo um pouco quanto parecer oca. GROSSO, Carlos Eduardo Millen. Cotidiano do amor em Porto Alegre: disputas sobre honra, sexualidade e relações afetivas nos processos de defloração (1890- 1922). (Tese) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa. Florianópolis, 2014, p. 32.

⁶⁴²FORTH, Chistopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. V.3. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013, pp. 154-186, p. 184.

⁶⁴³ Jornal Gazeta Caxiense, Caxias, 15 de setembro de 1893, Ano VII, número 59, p.02.

público demonstra nas palavras do jornal, como era importante para sociedade nesse contexto da primeira República imprimir essas qualidades. Pois demarcaria a imagem desse homem, como um símbolo de integridade para com os demais sujeitos da sociedade, principalmente por ocupar um cargo público. Seguindo essa premissa, o jornal ainda salienta que “dr. José Eusebio, como funcionário, symbolisa a encarnação do dever; como simples particular – distingue-se pelo seu espirito culto e coração bem formado; pelas eminentes qualidades que tornam geralmente bemquista da população em cujo seio convivo”.⁶⁴⁴

O código do homem público se agregaria em muitos elementos a sua ocupação cujas bases eram e deveriam ser a expressão do homem de bem, do sujeito exemplo, modelo para os demais. Visto dessa maneira, a identidade política do homem era definida como um ponto de credibilidade em uma masculinidade pública.

Nesse caso, a honra, o nome do homem deveria ser zelado com objetivo de mostrar à sociedade caxiense quanto prestígio o mesmo teria diante da sociedade. Por exemplo, quando os homens da cidade de Caxias eram envolvidos em situações, manchavam sua honra, os mesmos se direcionavam aos principais jornais para apresentarem uma resposta que pudesse conceber dentro da mentalidade cidadina uma versão que retirasse todos os pormenores da imagem manchada. Carlos Alberto Dória (1994) nos fala que isso acontece porque, “genericamente, a honra é o valor de uma pessoa inerente à maneira de avaliar sua inserção social, o que depende do amplo *reconhecimento* deste valor ou do *direito ao seu reconhecimento*.”⁶⁴⁵

Desta forma, podemos citar o caso ocorrido com Sebastião Moura, em São José dos Matões, cujas falácias direcionadas a ele denegriam a imagem do “bom homem e cidadão de bem” da sociedade caxiense. Assim ele coloca:

Com esta epigrahe publicou o << O Jornal do Commercio>>, de Caxias, uma local contra mim sobre factos que, certamente, não podem ficar sem a minha formal contestação. **Não é meu objetivo ao traçar estas linhas manter polemica pela imprensa contra o indivíduo que procurou manchar minha reputação, e que aqui é conhecido como criminoso de morte.**

⁶⁴⁴ Jornal Gazeta Caxiense, Caxias, 15 de setembro de 1893, Ano VII, número 59, p.02.

⁶⁴⁵ DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada. Cadernos Pagu. Campinas, n.2, p.47-111, 1994, p. 58.

E' em atenção ao publico em rela e ao jornal que publicou a referida local que venho, hoje, relatar os alvos que me atirou esse indivíduo desclassificado e sem reputação. **A minha vida é de todos conhecida em Matões, em cujo município resido e nunca pratiquei acto algum que merecesse censura de pessoas sensatas.**

O facto, porém, que levou o bandido informante a fazer essas declarações é tao simples que em poucas palavras vou resumil-o : sendo eu possuidor de terras neste município, há longos anos, fui forçado a mandar derribar a cerca de uma roça que o referido indivíduo que acode pelo nome José Ignacio da Silva mandou fazer nas terras a mim pertencentes. Como legitimo dono dessas terras não podia consentir que os meus direitos fossem lesados. **Agi, portanto em defesa dos meus próprios interesses.** Agora si, o tal individuo, julgar-se com direito a possa-se como quer, dessas terras, o caminho mais curto e certo é provar em Juizo o pretenso direito que lhe assiste. Do contrário, será sempre tido como um limniador. Estarei sempre prompto para rebater as investidas desse typo qye vae a imprensa pedir providencias para garantia do que ele nunca possuiu.

Outro ponto que é preciso minha refutação: meu irmão cel. Pedro de Moura Sobrinho, delegado de polícia, há mais de um anno acha-se fora do exercício do cargo, e assim está claro que nunca procurei o prestígio dessa autoridade para mandar derribar acerca da roça feita em minhas terras. Pelo individuo aqui é tido sem cotação.

Pela publicação destas linhas responsabilizo-me na forma da lei.
S. José dos Matões, 15 de janeiro de 1917.

Sebastião Moura.⁶⁴⁶

Nessa passagem acima, notamos como a honra do homem público, a defesa do seu nome em meio a sociedade se tornava um elemento de extrema reverência, pois seria, no caso, uma maneira de compreensão acerca do caráter masculino deste indivíduo. Nesse sentido, a honra do homem se daria entre todos os aspectos, ser um homem que tivesse suas contas em dia, ser zeloso dos princípios morais e cristãs e, acima de tudo, cumprir com os seus deveres de cidadão. “A validação da autoimagem implica, pois, num nexo estreito entre os ideais da sociedade e uma história de vida. Em outros termos, trata-se de uma relação de trocas simbólicas.”⁶⁴⁷

⁶⁴⁶ Jornal do Commercio, 15 de janeiro 1917, p. 04.

⁶⁴⁷ DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada. Cadernos Pagu. Campinas, n.2, p.47-111, 1994, p. 58.

O que denotaria para os demais sujeitos, que esse homem era um exemplo para os demais homens. Em vista desse caso, notamos o quão o seria importante o homem manter-se íntegro socialmente, pois era a maneira de conseguir ter o respeito de todos na cidade. A reputação é o fator da honradez masculina, pois entre tantos aspectos, ser visto como alguém que burla as normas sociais, que descumpra os códigos do cidadão ideal, era entendido como um expressivo fator de vergonha. A honra masculina se torna uma necessidade que se precisa mostrar, deixar explícita diante da sociedade. O ego masculino deseja, por assim dizer, só andar pelas ruas e ser apontado pelas pessoas como indivíduo correto, pois caso contrário ele sente-se envergonhado.

Para Fabíola Rohden (2006), a honra, no seu sentido individual, é o “valor que uma pessoa tem aos seus olhos e aos olhos da sociedade, por meio da conformação a determinadas formas de conduta.”⁶⁴⁸ Nesse caso, é um orgulho tê-la e, mais ainda, poder reclamar por ela. Mas para ter o direito de fazer isso, esses indivíduos também deveriam possuir condutas e uma reputação para poder possuí-la.

Acerca dessa questão, podemos citar outro caso de um caxiense apresentado como um homem de índole duvidosa, julgado como inqualificável, por uma denúncia anônima publicada pelo Jornal de Caxias, porém outros homens, que conheciam José Guimarães, afirmam que o mesmo não se caracteriza como tal. Nas considerações apontadas, a ideia era prejudicar a imagem de homem e bom cidadão construída por José Guimarães.

Desta forma, para combater essa representação, o mesmo lança uma resposta para retificar, no imaginário social, essa imagem sobre ele. Dessa forma, o discurso apresentado, em prol de provar a dignidade do homem em questão, afirmava ser ele um honrado e amigo de todos na cidade, principalmente, por ser um comerciante de destaque em Caxias. Assim, o jornal de Caxias destaca a notícia do periódico que fez a publicação da denúncia.

Deparamos no << Federalista >> de 30 do mez próximo findo o seguinte escripto que com prazer trasladamos para as nossas colunas, por que nelle se encontra plena confirmação do elevado juiso que a sociedade caxiense, em peso, forma do character e qualidades do agredido.

⁶⁴⁸ ROHDEN, Fabíola. “Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?”. Campos, IMS- -Uerj, pp. 101-120, 2006, p. 105.

Sr. Redator – Tendo deparado no jornal <<Federalista>> nº. 262, com um artigo sob a epigrahe. Prevenção e assinatura. Muitos Caxiense, em que um anonymo procurou marear a reputação de um emérito cidadão residente em Caxias, não pude deixar de, como caxiense, seu amigo e admirador vir protestar contra essa verrina atirada de emboscada a bôa reputação, de que **sempre e gosou e gosa, quer em Caxias, quer nesta cidade, esse cidadão digno por certo de acalamento por suas excelentes qualidades que só podem recomendal-o á estima e consideração dos que conhecem** e só postos em dúvida por essa vez, pelo articulista, embora certo de que seria seriamente contestado como o é agora por um caxiense que o conhece bem de perto e também **á sua victima imbelle, sacrificada a sua paixão ignóbil.**

Sirva pois o presente, de um brado contra esse outro milhares das boas reputações, a quem somente, prejudica a verrina com que exhibio-se tão desazadamente.

S. Luiz, 30 de Novembro de 1894.⁶⁴⁹

Nesse caso, um elemento constituído na figura masculina seria ter sua integridade, como um valor incalculável para o bem-estar do espírito masculino. A ideia era manter as relações sociais bem equilibradas, e a representação do cidadão íntegro garantido.

Nessa perspectiva, a honra era um capital simbólico, ou seja, possuía o sentido de instituir uma distinção social, um respaldo para os demais no espaço da sociedade. O homem deveria ter segurança da sua palavra, palavra essa que deveria ser respeitada, capaz de livrar de toda calúnia e difamação que por ventura viessem ocorrer com o nome desse homem.

Mas nota-se, nesse contexto da primeira República, que existia na imprensa a maneira de buscar salvar-se das calúnias, como também uma arena de brigas em nome de apresentar-se no bojo social como um homem íntegro. Nesse sentido, a imprensa torna-se um palco de brigas, brigas de egos, e em defesa do seu nome, como podemos citar o caso de Francisco Dias Pinto que veio a público enfrentar, por meio das palavras, Anfrizio Urso. Assim ele aponta em carta pública:

Respondendo a teu apreciável artigo de 8 de corrente estampado nas columnas da Gazeta Caxiense, tenho a dizer-te o seguinte: - O publico já é sabedor do depoimento das testemunhas encurraladas no escritório de uma casa comercial do becco do Garapa, e la estudavão a licção, conforme lhe ensinavão.

Um dos teus companheiros, tinham grande força sobre a testemunha

Eduviges Vieira, como é publico, e o Athanzio que o diga.
Com a publicação da sentença nada adiantaste devias ter publica a do meritíssimo Desembargador Dr. Jesuino José de Freitas, que era nesse tempo Juiz de Direito, e da decisão d'elle é que se vê o fim da festa.

Acho que tú Urso, e alguns dos teus companheiros ainda não estaes esquecidos da figura miserável que fizeram no segundo processo e, se for preciso lembrar, me cutuquem.

Quanto a altura do teu pedestal a ninguém enganas.
O povo em geral sabe que foste nascido do anel de uma trompa, por lugar muito diverso do que todos os humanos, por tanto é de supor que foste apanhado em algum monturo e se, como dizem, os defeitos são hereditários, debes ter os mesmo costumes de teu pai.

Se me quizeres exigir explicações do pedacinho que bem comprehendes, não fugirei de dal-as.
Socialmente falando sempre fizeste a figura de lacaio, a tua pelle e de tão má qualidade e a tua lâ de urso tão contaminada de moléstias que todo povo tem nojo de ti; só para capacho podes servir, porque só o soldado das botinhas de pode tragar.

Quanto a tua colocação pecuniária, em temo de darei esclarecimentos do teu casamento e outras muitas notinhas que estou colleccionando, também te mostrarei em occasião oportuna.

Os teus - Alguns amigos lhe assignão, se livrem de lge desenrolar a cauda porque aquelle que menor a tem precisa tel-a a enrolada, em milhares de voltas para que não seja pisada.

Em conclusão, ouve este provérbio muito acertado:

“Quem não deve não teme”

Se te achas em caso idêntico, deixa o anonymato, **vem de frente erguida, altaneiro e sob tua única responsabilidade**, que estão nos entenderemos melhor, e o publico sensato fará justiça a quem de direito.

Conheço plenamente que (modéstia a parte) desço muito e muito, te solicitando para esse fim, visto que és supinamnete covarde, infamante e caluniador; todavia, meu Urso, quero te metter em brios. Se homem uma única vez.

Até Sabbado.

Caxias, 12 de maio de 1986.⁶⁵⁰

⁶⁴⁹ Jornal Gazeta Caxiense, 18 de dezembro de 1894, Anno VIII, número 186, p. 02.

⁶⁵⁰ Jornal de Caxias, 16 de maio de 1896, número 30, Anno I, p. 02.

Desta forma, em muitos momentos a imprensa era utilizada como um veículo para apresentar as justificativas de homens caxienses acerca de ações cujos nomes estavam envolvidos e sua honra estava em jogo. Por isso, Fabíola Rohden (2006) nos diz que os homens “[...] que não a possuem ou não a buscam são considerados uma ameaça para a comunidade, pois quando perdem o respeito por si próprios e ignoram o valor social que os outros lhes atribuem, colocam-se fora da ordem social estabelecida.”

651

Nessa perspectiva, a autora ainda frisa que existe, por parte do grupo social, uma pressão para que todos se convertam em sujeitos “[...] participantes nas disputas comuns pela honra, consolidando a unidade em questão. Até mesmo os estranhos passam por um processo de tentativa de pessoalização para que possam fazer parte do jogo, já que a honra só entra em operação entre “pessoas” e não entre indivíduos anônimos.”⁶⁵²

Desse modo, a honra masculina precisa ter por parte dos demais homens apoio, pois seria uma forma pela qual as coisas poderiam ser resolvidas, visto que era um grupo de homens comungando das premissas da boa conduta com suas ações no meio público.

Assim, em outro momento, fazendo referência a essas práticas, podemos mencionar o caso do comerciante José Ferreira Guimarães, cujas palavras do jornal *Gazeta Caxiense*, na coluna *Secção Livre*, chama o mesmo de “honrado e distinto commerciante” da cidade de Caxias. Para o jornal, a injúria e difamação usados contra José Guimarães foram maneiras de desonra contra esse “homem honrado commerciante”.

Não é de hoje que o << Commercio de Caxias >> com o esforço e ternidade dignos de melhor causa, procura tizar a ilibada reputação do honrado e distinto commerciante desta praça, sr. José Ferreira Guimarães.

Parece que foi no desempenho de tão inglória tarefa que expressamente creou uma secção especial – *Cousas de louzas*, onde, sem o menor respeito para com esta sociedade tolerante e paciente, são semanalmente atassalhados os créditos d’aquelle importante

⁶⁵¹ ROHDEN, Fabíola. “Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?”. Campos, IMS- -Uerj, pp. 101-120, 2006, p. 107.

⁶⁵² ROHDEN, Fabíola. “Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?”. Campos, IMS- -Uerj, pp. 101-120, 2006, p. 107.

cidadão.

Felizmente a vítima nada tem perdido, como os agressores nada tem lacrado, porque – estes e aquela – são todos bem conhecidos no meio que vivemos.

Em uma dessas investidas, disse o << Comercio>>que o sr. Guimarães, como diretor da Companhia Industrial Caxiense> fizera aprovar ali uma tabella de descontos nos preços dos produtos da fábrica, somente para *inglez ver*; e que na vigência dela vende domésticos mediante descontos arbitrários, muito mais vantajosos para os compradores dando prejuizo notav´e, aos acionistas e fazendo preponderar em tudo a sua soberana vontade. ⁶⁵³

Ao observarmos a maneira como o jornal aponta acerca do ocorrido com José Ferreira Guimarães, lembramos das considerações de Richard Sennett que diz que o “homem público é visto como ator”, que pode suportar um julgo acerca da sua moral, porém essa deve ser feita de maneira leve, pois caso contrário sua honra será manchada. Sendo assim, os caracteres das ações desses homens deveriam ser mantidos, visto que suas bases estariam ancoradas nos princípios da boa moral e bons costumes.

Segundo Ramon Rodrigues (2016), quando reflete acerca da masculinidade no Piauí, nos aponta que o homem considerado verdadeiro deveria deixar a violência, controlando-a indiscriminadamente. “Saber controlar o impulso violento diante das situações da vida era atributo do homem viril. Com isso, o homem perde em força física e sobrepõe-se pela força intelectual.”⁶⁵⁴

Nesse sentido, o autor ainda considera que existem os chamados códigos de credibilidade, ou seja, os elementos que dariam respaldo desse homem na cena social. Nesse caso, um desses códigos estaria relacionado ao comprimir com suas obrigações como homem no espaço da vida pública. A ideia da honestidade no mundo do trabalho seria uma forma de apresentar aos demais cidadãos um perfil aceitável.

Como se percebe, a imprensa se tornou, por momento, um ringue cuja troca de farpas ficou bastante visível, ao ponto que o Padre José Ewerton Tavares, segundo aponta o Jornal de Caxias, teve que fazer intervenção, por causa do intenso número de pedidos de homens caxienses, digladiando pela via das palavras em prol de defesa da integridade do seu nome, da sua honra pública.

Nesse ponto, o jornal aponta:

⁶⁵³ Jornal Gazeta Caxiense, 08 de julho de 1895, Ano IX, número 225, p. 02

⁶⁵⁴ RODRIGUES, Ramon Araújo. Masculinidades e virilidades na literatura de Clodoaldo Freitas. (Dissertação) Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, 2016, p. 75.

Explicação necessária

Sabe o publico desta que há mezes estão sendo publicados na Gazeta Caxiense, artigos violentos, em linguagem impropria do nosso estado de adiantamento.

Muitas pessoas ofendidas nesses artigos procuravam, neste jornal logar para excererem o direito de represália, mas nós mesmo com prejuízo pecuniário da empresa e incorrendo do desagrado delas, deixamos, por muito tempo de acceder a inúmeras solicitações.

Ultimante, porém chegaram as cousas a tal ponto, foram taes as provocações desabridas quem fomos forçados a abrir nossas columnas ineditoriaes à defesa dos agredidos mormente, depois da publicação do nume da Gazeta em que a provocação attigio a proporções lastimáveis.

Em vista disso, estava o Jornal já composto, contendo dez artigos de publicações solicitadas, quando fomos procurados pelos Revds, vigários e Dr. Dorotheio Dias de Freitas e Padre José Ewerton Tavares e os sr. Capitão Raimundo Martins de Sousa Ramos, que reunidos em comissão vieram manifestar-nos o empenho que tinham, para que cessassem taes discussões.

Deram-nos **os ilustres cavalheiros**, sob palavra, a segurança de que cessarão de cez as provocações, conforme iam declarar em artigo sob suas assignaturas, para ser publicado no próximo numero da Gazeta Caxiense; em vista do que, e desejando concorrer, por nossa parte, para o restabelecimento da paz, de que sempre aqui gozamos e para cuja alteração nunca fomos os provocadores, não duvidamos intervir, como intervimos para que fossem retirados, por seus autores, os artigos já referidos.

Sempre nos parece que não há menor dessor em ambainhar espada em lutas como esta em que só há vendiso e não póde haver vencedores. Emfim fazemos votos para que os esforços da digna comissão sejam coroados do êxito mais completo e que jamais tenhamos de lamentar a reprodução de discussões improprias de uma sociedade civilizada.⁶⁵⁵

Seguindo a perspectiva, apontado pelo posicionamento de outros homens, entre eles “figuras santificadas”, como os religiosos, acima citado pelo jornal, a dignidade dos bons homens estaria em resolver as coisas com o diálogo, visto comungar com os princípios de uma sociedade de bons princípios e civilizada, ratificado no final do texto.

⁶⁵⁵ Jornal de Caxias, 23 de maio de 1896, número 31, Anno I, p. 01.

Outro elemento evidenciado é como as figuras masculinas religiosas, como os próprios representantes das forças policiais, acabam se tornando espelhos, ou seja, modelos de comportamentos, principalmente, por causa das atitudes de outros homens que mantinham posturas consideradas como inadequadas ao que se pensava como “bons cavalheiros da sociedade caxiense”.

A preocupação com a conduta dos homens perpassa, aos nossos olhos, como uma prerrogativa que se passava não apenas em discursos presentes na imprensa caxiense, mas também aos demais membros da cidade e segmentos institucionais, como a Igreja e o Estado, este representado pelas forças policiais.⁶⁵⁶

Nesse compasso, identificamos o posicionamento de outro caxiense, falando sobre as formas como os homens caxienses estavam se comportando diante das divergências existentes entre eles, a partir das brigas textuais publicadas nos jornais da cidade. Desse modo, Rodrigo Octavio Teixeira aponta acerca do comportamento do comerciante Elizalde Moura que publicava textos difamando a honra do pai de Rodrigo Octavio Teixeira e a memória do pai dele.

Forçado ainda pelos. Elizalde Moura venho a imprensa afim de, por minha vez a chegar também a extremas explicações que não tencionava.

Sabe o público o motivo que, contra minha vontade, me levou a fazer um apelo **aos honrados negociantes da praça do Maranhão**, senhores Maia Sobinhos & Comp.^a e pelos antigos que fez publicar o Sr. Elizalde Moura, sabe igualmente o publico, como esse Sr. Fugindo do terreno da questão, terminou a sua serie de banalidades.

Se não fosse um dever do todo homem que preza sua dignidade, repelir os arrebatamentos desses temperamentos que se julgam com direito de insultar aos outros, se acima de nós não tivesse o publico criterioso para jamais sairia de meus hábitos para explicar me com o Sr. Elizalde, Fazendo um apelo **aquelles dignos negociantes**, jamais tive em vista discutir com esses Sr. Entretanto factos que trouxe ao conhecimento do publico me impeliram a sair firme proposito em que estava.

O ultimo artigo do Sr. Elizalde resumio-se em provar ao publico que

⁶⁵⁶ As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O Conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005, p. 149.

minha formatura não foi tão honrada como me parece, desde que meu **Pae para me bacharelar deixou de satisfazer um dos seus mais sagrados deveres, não solvendo em tempo os seus compromissos.**

Que singularidade essa Sr. Elizalde!

E para cumulo a tanta paravoice mandou esse Sr. Que eu fosse ao Maranhão e la recorresse aos borradores de alguns negociantes que havia de encontrar o nome de meu Pae estampado!

Eu sabia que o Sr. Elizalde não teria a coragem de dizer que era nos seus borradores, mas que se descobria outros como fonte onde fui buscar dinheiro para minha formatura, não tinha sobre isto a menor duvida, S.s. esta na mare dos borradores; tudo agora esta em borradores – de Pedro ou de Paulo, de Sancho ou de Martins.

Deixemos, porém, tão inocentes livros e vamos ao artigo do Sr. Elizalde Sabias s.s. que não lhe voto má vontade; as minhas qualidades são tão imprestáveis que não noutro esperança alguma de emprestal-as s.s. Com uma cousa também não posso concordar: é com a mania de querer s.s. possue bons sentimentos, e é este motivo que me arrasta a contestar as suas verdades.

Quando fui para Pernambuco meu Pae era sócio de meu mano Numa Pompilio Teixeira; no anno em que me formei dissolverão elles a sociedade que girava sob a firma de Rodrigo Teixeira & Filho, ficando meu Pae exonerado de qualquer responsabilidade, e meu dito mano cem o activo e passivo da referida sociedade. Em 1894 e 1895 foi que meu Pae recommçou a negociar e nesse tempo já e achava formando e por consequências em condições de manter-me.

Dado, porém que ele deixasse de satisfazer os seus compromissos, devido minha formatura. Deve porisso o meu pergaminho ser considerado sujo? Quero crer que ninguém, a não ser o Sr. Elizalde de hoje pense sim.

O commercio, como sabes só é uma cousa toda aleatória; o negociante, máxime o do sertão de momento para outro pode deixar de satisfazer em tempo os seus compromissos. Estará por isso inhibido de curar da educação de seus filhos – outro dever social sagrado, desde que não conte com o futuro? **Na interessante opinião de s.s. nenhum negociante pode formar um filho, e aquelle que em tal asneira cair e por infelicidade deixe de satisfazer os seus compromissos, tornar-se-há um negociante honrado** na expressão grifa de s.s. Só a lógica do Sr. Elizalde sabe tirar dessas concluzões. Applique pois s.s. o mesmo raciocínio a estas perguntas:

S.s. não tem filho no estudo é um negociante previdente: porque, pois, deixou, de satisfazer seus pagamentos em tempo?

Porque em liquidação com os Sr.s Maia Sobrinhos aceitou um desconto de oitocentos e tantos mil réis e para pagar o resto passou diversas letras??

Porque s.s. poucos dias depois dessa liquidação pagou na Collectoria de Picos o sello de sua pattente de Tenente Coronel na importância de Reis 326, 700?

Oras, Srs Elizalde, eu julguei que s.s inteligente como é, não fosse tão rigoroso para commigo, porque quem tem telhado de vidro não atira pedra no vizinho. Não desejava chegar a estas explicações, não obstante s.s. não ter feito apelo a mim, mas...

Olho por olho, dente por dente...

Quanto aos outros tópicos do artigo d s.s. nenhuma resposta me cumpre dar.

Na forma da lei me responsabilizo pela publicação deste.

Rodrigo Octavio Teixeira⁶⁵⁷

A ideia apresentada em textos como esse, escrito por Rodrigo Octavio Teixeira, exprime o medo dos homens caxienses estarem envolvidos em situações cuja a imagem poderia ser representada de maneira indigna aos olhos do restante da sociedade. O crivo social deveria acalentar as ações desses homens de forma positiva. Nessa linha, Dória (1994) aponta que “[...]um homem honrado que não consegue sustentar seu patrimônio de berço, [...] decai no reconhecimento social e despe-se do natural de sua honra[...]”.

658

Nessa linha de pensamento, nota-se que, no caso citado, os sujeitos em questão ratificam o papel da imprensa para fazerem uso dela com intuito de usarem afim de se defenderem das calúnias proferidas em público. Assim, pensando a moral masculina do homem caxiense, podemos acionar as considerações de Richard Sennett, quando este aponta que o caráter é um aspecto acionado para o entendimento desse homem, como sujeito social, principalmente, em se tratando da questão da imagem do homem de negócios cujas ações deveriam se manter íntegras.

Segundo Fabíola Rohden, no campo da prática, as pessoas buscam racionalizar os seus atos, no intuito de fabricarem uma imagem, o que “[...] valida as suas próprias pretensões de honra, ou seja, estão empregando estratégias conscientes para dar a elas

⁶⁵⁷ Jornal de Caxias, 02 de maio de 1896, número 28, Ano I, pp. 02-03

⁶⁵⁸ DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada. Cadernos Pagu. Campinas, n.2, p.47-111, 1994, p.69.

mesmas um código pelo qual orientam suas decisões de vários tipos.”⁶⁵⁹

O homem, na perspectiva do comentário de Rodrigo, deveria ser desenhado com as características do homem honrado, tanto que entre palavras, frases e período, nota-se que o mesmo se propõe em ressaltar tais aspectos, principalmente, quando ele expressa sua característica enquanto homem de princípios, além de frisar a maneira como o seu pai se posicionava enquanto trabalhador e indivíduo preocupado com a formação dos filhos e da moral deles.

Assim, ainda do ponto de vista dos comentários realizados pelo autor da carta, identificamos como era importante, sob a luz das práticas masculinas, ressaltar o papel desenvolvido pela figura paterna para suprimir as necessidades dos filhos, como os sacrifícios feitos para que eles pudessem alcançar os objetivos, no caso a própria ideia da formação profissional deste filho.

Masculinidades públicas: comportamentos e perfis

A formação educacional entre os membros da elite se tornou ao longo do processo de criação das distinções sociais, um vetor para imprimir, no bojo social, aspectos de diferenciações entre os detentores do poder e os chamados segmentos populares. Os meninos da elite tinham destino certo para formação como médicos e advogados. Tais profissões detinham, principalmente, nesse contexto da República, um aspecto de afirmação das capacidades desses homens em assumir tarefas no espaço público.

Desta forma, ser advogado, por exemplo, seria possuir um capital simbólico e cultural expressivo, pois representava alcançar um status diferenciado quanto aos demais homens da sociedade. Um fato preponderante no imaginário social brasileiro, mas que foi importado da Europa para realidade do Brasil.

Nesse caso, a importância dada à educação pelos segmentos mais abastados da sociedade era feita de maneira expressiva, pois significava reforçar a distinção social diante dos demais. O poder público estaria bem e, mais ainda, a elite estaria bem, se ela estivesse constituída de moços formados para assumir cargos constituídos de

⁶⁵⁹ ROHDEN, Fabíola. “Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?”. Campos, IMS- -Uerj, pp. 101-120, 2006, p. 111.

significação social e poder diante da sociedade.

Em Caxias, por exemplo, quando se tinha a notícia que um novo advogado ou médico havia alcançado a formação, ou seja, conseguido o diploma, existiam homenagens na imprensa por outros advogados, fazendo referência a esse novo homem pertencente ao mundo das leis.

Bacharel

Acaba de receber o grau de bacharel em Direito pela Faculdade em Recife nosso talentoso amigo José Martins de Freitas, que já se acha na capital deste Estado de viagem para cá. Anciosos o esperamos, como o esperam também seu ilustre que Dr. Jesuino Freitas e Exm^a. Família aos quaes comprimentamos pela intensa alegria de saberem haver chegado ao termino da vida academia este moço distincto, que vae entrar na vida prática sendo portador de um nome responsável. Saudações ao Bacharel e ilustre Família. ⁶⁶⁰

Os jovens caxienses que se destacavam eram apresentados pela imprensa enquanto modelos a serem seguidos, os filhos dos membros da elite que saíam para estudar nos principais centros, por exemplo, Recife, eram referenciados como símbolos da maneira ideal de como os demais jovens deveriam entender o seu papel enquanto cidadãos. O intuito, ao que notamos pelas notícias acima mencionadas, dava-se conforme um espectro para se pensar uma nação de homens sábios, capazes de dirigir o país sobre pulso da ordem e do bem-estar.

Os homens brasileiros que aderiram tanto ao coronelismo quanto ao tenentismo têm perfis bastante semelhantes, mesmo em se tratando de dois momentos diferentes na história. Em ambos, o fio condutor para composição das identidades sociais estava comprometido com a acumulação com a acumulação de bens e o prestígio social. ⁶⁶¹

Nota-se que, ao se tornar um bacharel, o jovem foi visto, em Caxias, com expressividade e tomado como o modelo de jovem, de homem para os demais da cidade. O jornal ainda publica que os feitos do jovem bacharel não cessaram sendo ainda mais exaltado pela imprensa local. Por essa perspectiva, o jornal apresenta uma página com os louvores de boa sorte desejados por outros advogados da cidade.

Nesse caso, o jornal Gazeta Caxiense publica a homenagem, naquele momento,

⁶⁶⁰ Jornal Gazeta Caxiense, 22 de dezembro de 1893, Ano VII, número 86, p. 02

⁶⁶¹ NOLASCO, Sócrates Alvares. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p.93.

ao *Dr. José Martins de Freitas*, que foi inserido, a partir da diplomação, ao grupo seletivo dos homens com destaque social, por causa da sua formação. Lembrando que os bacharéis foram vistos como homens de destaque, visto ao prestígio constituído às profissões de advogado e de médico. Na ocasião, ele é exaltado por ter aprimorado as suas faculdades mentais, em que o mesmo, segundo o jornal, cultivou de maneira muito expressiva seus potenciais.

O Dr. José Martins Freitas, que acaba de ser honrado pela Faculdade de Direito do Recife, é um desses poucos jovens, que reúnem a uma inteligência vigorosa e bem cultivada as virtudes cívicas que tanto nobilitam e engradem o homem na sociedade.

Caracter grave, reflectido e recto, o jovem Bacharel já se tem revelado, nos poucos actos de sua pública o homem [...] Seja, pois bem entre nós [...] de cujos serviços muito espera o futuro da Pátria.⁶⁶²

Percebe-se que José Martins Freitas conseguiu respaldo, dentro do jogo social, diante dos demais indivíduos pertencentes ao grupo, o que ressalta o valor da masculinidade desse sujeito. A ideia de manter-se interligado aos princípios da boa conduta do indivíduo, que acalentou seus momentos com os estudos, era para sociedade caxiense um fator de muita importância para que os jovens, homens, senhores do amanhã, pudessem sentir o peso da responsabilidade de ser homem e suas obrigações enquanto homem público. “Muitos haviam abraçado a vida literária e acadêmica como alternativas à debacle da econômica da família. Outros tiveram no serviço público a única saída para, aproveitando-se de seu capital simbólico, se manterem uma subjetividade preparada isso.”⁶⁶³

Durval Muniz de Albuquerque Junior (2013) aponta que na Primeira República, em que a classe dominante buscava cada vez empenho em mostrar-se moderna, era notório o envio dos jovens rapazes para estudar fora do país, ou mesmo em instituições dentro do país, como as escolas técnicas, faculdades de direito e

⁶⁶² Jornal Gazeta Caxiense, 01 de janeiro de 1894, Ano VIII, número 89, p. 01

⁶⁶³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Ed. 2ª. São Paulo: Editora Intermeios, (Coleção Entregêneros), 2013, p. 57.

medicina. O que demonstra nesse percurso, por parte desses membros da elite, “[...] uma preocupação crescente de dar aos rapazes uma educação condizente com uma nova realidade social, de uma economia assentada na indústria, na técnica e no trabalho livre e assalariado.”⁶⁶⁴

Assim, em outro momento, o jovem advogado é comparado com a própria espada da justiça utilizada pelos militares para sustentar a honra do país, assim nota-se que o ideal masculino é projetado dentro das premissas da boa profissão escolhida pelos jovens. Nesse caso, como aponta Rayanne Connell, as masculinidades são configurações de práticas, ou seja, dentro do espaço social o indivíduo em questão possuía práticas que respaldariam sua ação social, mas que não são únicas, pois essas práticas podem ser diferentes, principalmente, por causa do espaço, em que tais práticas são efetivadas.

Nesse viés, aos olhos dos outros homens, de outros advogados que escreveram palavras de boas-vindas ao mais novo bacharel, como sinônimo de passagem do homem inexperiente, para homem maduro e mais responsável, com a vida adulta.

Si a Patria tem necessidade da espada militar para sustentar a honra nacional e a sacrossanto pendão da liberdade tão menos precisa da espada da justiça manejada pela mão firme de um recto e integro soldado lei se qual pertence firmar a paz e a harmonia do seio dos povos das diversas classes sociaes.

E assim a Patria deve exultar quando vê mais um filho seu apto e disposto a distribuir dignamente, a justiça, elevando a aos olhos do mundo que admira e respeita.

Dr. Freitas que acaba de ser laureado como o diploma de bacharel pela faculdade do Recife prestará ao seu paiz relevantes serviços porque é moço inteligente e patriota.

Render preito e homenagem aos caracteres severos e às convicções firmes, longe de ser lisonja interesseira, é obrigação de todos quantos reconhecem predicados.

O Dr. Freitas, pois moço ainda, tem deante de si um futuro que lhe sorri brilhante e venturoso e vira a ser certamente, um dos principaes ornamentos da magistratura brasileira ou distincto patrono dos direitos postergados, grande se principalmente pelos precedentes do seu ilustre e respeitável pregenitor.

⁶⁶⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Ed. 2ª. São Paulo: Editora Intermeios, (Coleção Entregêneros), 2013, p. 54.

Aceite, assim o Dr. José Martins as nossas congratulações pela nação do seu tirocínio escolar e pelos seu regresso ao seio de sua família extremesa e cumulada de saudades.

Eduardo de Berredo (Dr).⁶⁶⁵

Ao identificar as adjetivações lançadas para homenagear o recém-advogado, notamos que ele institui um modelo de masculinidade existente no âmago da elite caxiense. É possível perceber qual era a importância da formação dos jovens em cursos de renome naquele contexto, como o curso de direito, principalmente, porque sua formação foi realizada na Faculdade de Direito de Recife. Nesse período da Primeira República, o caso do Dr. José Martins Freitas revela o quão a masculinidade alicerçada nas características de homem branco, católico e letrado tinha validade social para imprimir a esses homens status de homens ideais.

Era comum trazer à tona as conquistas do seu filho, pois como era pertencente a elite, e, mais ainda, filho do juiz da comarca na época, o juiz Jesuino Freitas, sua responsabilidade diante da sociedade era reproduzir performances de um bom rapaz, principalmente, por causa do seu lugar social, como filho de quem era filho.

Desse modo, Muniz aponta que “[...] uma identidade pessoal que tende a reproduzir modelos e lugares de sujeito previamente definidos, passa-se para a sociedade burguesa, em que cada subjetividade deve ser lapidada no sentido de se tornar autônoma e diferencial em relação aos modelos da tradição.”⁶⁶⁶

Nesse sentido, as práticas que ressaltam as conquistas do jovem advogado, configurou no imaginário social caxiense, o indivíduo que incorporou as características do perfil de masculinidade ideal para ser visto, idealizado, e entendido como modelo para os demais. Em vista da divulgação das boas impressões, dos modelos de masculinidade, percebemos que os jornais caxienses buscavam trazer à tona todos os comportamentos que poderiam influenciar na constituição de modelos para outros homens.

⁶⁶⁵ Jornal Gazeta Caxiense, 01 de janeiro de 1894, Ano VIII, número 89, p. 01

⁶⁶⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Ed. 2ª. São Paulo: Editora Intermeios, (Coleção Entregêneros), 2013, p. 33.

Nota-se, nesse percurso, que os homens pertencentes aos magistrados se encaixam dentro dessa prerrogativa, pois os mesmos eram entendidos como homens comprometidos com a boa conduta de um homem ideal. Por exemplo, temos a notícia publicada pelo jornal *Gazeta Caxiense*, em que o representante das leis é desenhado pelas palavras que fazem referências a ele, com as mais sublimes palavras que possam denotá-lo como um modelo de masculinidade para os homens caxienses.

Dr. Rodrigo Octavio

Há dias acha-se nesta cidade este nosso particular amigo, que acaba de ser nomeado promotor publico de S. José dos Mattoes onde, de certo, saberá grangear as grandes sympathias que soem attrahir os caracteres se sua tempera.

Dispondo de uma intelligência vivaz e de apreciáveis virtudes cívicas, não se tendo ainda emmranhados nas pequenas nas pequenas intrigas dessa politicagem torpe que tanto deteriora os sentimentos humanos, o Dr. Rodrigo é hoje uma das mais firmes esperanças da Patria, que muito e muito necessita dos esforços, independia e actividade de seus brilhos no momento angustioso em que encontramos.

Ao digno moço abraçamos affectuosamente.⁶⁶⁷

Em casos bem-sucedidos de homens que lidam com as leis, como advogados e magistrados, estes são intensamente apontados pelos jornais caxienses enquanto sujeitos de boa índole, sendo assim percebermos que eles são vistos como modelos, capazes de resolver os problemas da cidade. Acerca dessa premissa, podemos usar as considerações de Michel Kimmel, na qual o autor, ao pensar na chamada masculinidade hegemônica, considera que ela se manifesta e pode ser entendida no jogo social. Nesse caso, tal masculinidade se constrói no processo de oposição, ou seja, criando elementos que são exaltados como formas de creditar ao homem ideal um certo respaldo, por isso percebemos sempre palavras que evidenciam as qualidades desse homem.

A linguagem aponta-se como uma fonte para estruturar os elementos da chamada masculinidade, pois constrói comportamentos e prescreve condutas, conforme podemos identificar no discurso proferido acima sobre o novo promotor público de Caxias. Para Pierre Bourdieu, essa questão de dar pela “[...] eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce

⁶⁶⁷ *Jornal Gazeta Caxiense*, 01 de junho de 1894, Ano VIII, número 131, p. 02.

como podendo exercê-la de direito [...].⁶⁶⁸

Nesse compasso, os homens pertencentes ao mundo das leis tinham objetivos que deveriam ser bem definidos, quando projetados na cena social, pois eram entendidos como modelos ideais, assim os mesmos com suas práticas deveriam apontar maneiras como o bom homem deveria seguir.

Em vista dessa percepção acerca dos homens com comportamentos ideais, a cidade buscava, nesse mesmo compasso, trazer à tona práticas pelas quais não deveriam se fazer presentes naquele momento, visto, como bem coloca a nota publicada pelo jornal, provocarem uma desordem na cidade. Para o jornal, os homens da lei deveriam combater esses contra modelos masculinos que existiam na sociedade caxiense.

Há homens que parecem comprazer-se em viver em guerra aberta com a sociedade. Para ente taes a moral, a honestidade, os bons costumes, são cousas demanda, a lei é uma ficção; uma burla e a virtude um mytho. Fazem gala de praticar tantos actos dignos de reprovação e tão repetidos, que não será exageração o dizer-se que voluntariamente transformão a sua vida em uma continua gargalhada de escaneos cuspida contra a moral, a honestidade, os bons costumes, a lei e a virtude.⁶⁶⁹

Esse trecho, do jornal *Gazeta Caxiense*, reflete o quão os homens de índoles duvidosas eram vistos no espaço social da cidade de Caxias. O que fica visível, nas entre linhas desses discursos, como a conceituação de uma prática masculina era importante para se pensar a tranquilidade da cidade, caminhando pela conduta desses sujeitos no espaço social.

O que se denota, nesse ritmo, é uma propaganda contra os maus costumes masculinos que viessem difamar a imagem de uma cidade de ordem. Por isso que as práticas dos bons moços, dos homens considerados como exemplos, tornavam-se presentes nas páginas dos jornais, pois seria uma maneira de apresentar correções aos que descumpriam o que se pensava como ideal para homem caxiense.

Pedro Paulo de Oliveira aponta que a masculinidade se destacou para sociedade burguesa com um valor básico, em que se constituiu uma imagem perfeita do homem e, mais ainda, das suas práticas. Então tudo cuja referência não estaria alinhada aos

⁶⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar que dizer*. Trad. Sérgio Miceli *et all.* 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 1998. Pp. 95-96.

⁶⁶⁹ *Jornal Gazeta Caxiense*, 12 de junho de 1894, Ano VIII, número 136, p. 02.

aspectos de afirmação do modelo ideal era visto como desviante.

Para um ideal de masculinidade que se confundia com a própria imagem positiva da sociedade burguesa, onde qualidades como autocontrole, disciplina, força, iniciativa, coragem, responsabilidade etc., definiam as virtudes sociais em si, quaisquer agentes que não estivessem dentro dos padrões estipulados destacavam-se como bizarros estranhos e perigosos⁶⁷⁰

Por isso que, em outro momento, o jornal considera relevante frisar que a cidade precisava de homens capazes de auxiliar no bem estar que era a “pacata e moralizada” Caxias, pois infelizmente existiam homens que não corroboravam para manutenção da tranquilidade do povo, como era o caso da vinda de Rodrigo Octavio.

O jornal fazia menção ao português que estava residindo na cidade há cinco anos, mas que insistia em constituir a desordem dos caxienses. Segundo a notícia, o estrangeiro era bastante conhecido, onde no espaço citadino poucas são “[...] as pessoas em Caxias que não conhecem como um turbulento, um desordeiro, um perturbador do socego público, um desrespeitador da moral, um inimigo da honestidade.”⁶⁷¹

Nesse caso, conforme as práticas do estrangeiro português, que estava em Caxias, esse era visto como o sujeito que descumpria as prerrogativas do bom homem, o mesmo apresenta ações que são vistas e reprovadas pela sociedade caxiense, o que denota, segundo Bourdieu, ser um corpo que estar no mundo social, porém esse mundo social não estar no seu corpo, ou seja, são regras e costumes dele que são contrárias ao pensamento da cidade nesse contexto.

Por essa ótica, Oliveira, considera que o habitus masculino é um conhecimento em que o homem adquire e está inscrito no corpo do mesmo e vai sendo expresso em suas condutas, atitudes e comportamentos, resultando ao final como um capital simbólico. Desse modo, ao pensarmos o habitus constituído entre o homem das leis, o promotor, o jovem advogado e o português desordeiro, identifica-se que em relação as descrições constituídas acerca deles nas páginas do jornal, observamos que o habitus de cada um foi instituído de maneira diferente.

Nessa via de compreensão, Oliveira (2004) aponta que, ao se pensar na constituição de um habitus masculino, “[...] oriundo do campo das relações de gênero,

⁶⁷⁰ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 78.

⁶⁷¹ Jornal Gazeta Caxiense, 12 de junho de 1894, Ano VIII, número 136, p. 02.

reproduzido nas vivências interacionais da masculinidade e (in) formado pela inserção social do agente, é postular que os comportamentos dos agentes, no caso os homens, de um modo geral refletirão aspectos dessa inserção.”⁶⁷²

Nesse sentido, a chamada virilidade, considerada como verdadeira, estaria condicionada ao promotor, ao jovem advogado, pois pela ótica da ideia de trabalho eles apresentam aspectos incontestáveis, além de serem aprovados aos olhos da sociedade caxiense, pois apresentam sucesso em suas carreiras e, principalmente, reproduzem vivências que dialogam com os interesses dos membros adoradores da moral e bons costumes. Por isso ao olhar os elementos do capital simbólico, em que se proteja em relação a imagem desse indivíduo, os discursos não buscam evidenciar a sua sexualidade, mas as suas práticas.

Nesse perspectiva das ações, o que qualifica o homem ideal, suas práticas de homem benevolente também eram vistas aos olhos da imprensa caxiense como, por exemplo, o caso abaixo onde o senhor publiciza suas ações aos doentes residentes na Câmara Municipal de Caxias.

Caridade.

Registramos com satisfação a ação caridoza praticada pelo sr. Antonio Carlos da Cunha para com o doente Claro Pereira Júlio, em tratamento na casa da câmara. Aquelle cidadão deo um colchão para forrara meza que servia de leito ao enfermo desde o dia da operação. Em nome do pobre homem agradecemos tão grande esmola. Quem dá aos pobres empresta a Deus. Aproveitamos o ensejo para pedir as pessoas caridozas, aos que têm pena dos que soffrem, uns pannos velhos para curativos das feridas do pobre Claro.⁶⁷³

Ao ver a maneira como o jornal aponta acerca da ação de Antonio Carlos, em relação ao outro homem, enfermo, nota-se que as palavras constroem a imagem do modelo benevolente, uma condição da masculinidade vista como uma prática coerente do bom cidadão. Seria imprimir, nesse limiar dos tempos republicanos, reforçar nesses homens elementos de uma prática religiosa no seu dia a dia. A religião seria compreendida como uma reguladora da moralidade desse indivíduo, assim como o exército que desenvolvia o papel da virilidade desses homens.

Nessa via de compreensão, Pierre Bourdieu nos aponta que:

⁶⁷² OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 220.

⁶⁷³ Jornal Gazeta Caxiense, 25 de abril de 1893, Ano VII, número 19, p. 02

[...] a monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘corpus’ deliberadamente organizado de conhecimentos secretos (e, portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos (ou profanos, no duplo sentido do termo) destituídos do capital religioso (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem como tal[...].⁶⁷⁴

Ao pensarmos nessa questão, podemos perceber o quanto a religião era uma fonte de normalização das ações humanas, principalmente, na constituição da representação do conceito de bom cidadão. A religião, nesse caso, estabelece critérios, parâmetros que desencadeavam a percepção acerca das atitudes desse homem, como as demais pessoas da sociedade.

As práticas ratificam a representação da masculinidade, enquanto valorizada socialmente, fator pelo qual os homens são avaliados, pois como seria entendido o que esse homem era para a cidade, dava-se em virtude da forma como ele se relaciona com as estruturas que eram importantes para ratificar o seu papel social.

[...] os homens, detentores do monopólio dos instrumentos de produção e de reprodução do capital simbólico, visam a assegurar a conservação ou o aumento deste capital: estratégias de fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias educativas, estratégia econômica, estratégias de sucessão, todas elas orientadas no sentido de transmissão dos poderes e privilégios herdados.⁶⁷⁵

Em vista desta questão, salientamos como era importante defender-se publicamente, com uma linguagem rebuscada, pois demarcaria seu poder e superioridade enquanto sujeito da sociedade caxiense nesse momento. Por isso, quando Nolasco reflete sobre essa questão, aponta que o homem brasileiro, principalmente, no período da República Velha, tinha e devia receber dos demais aprovação como indivíduo de boa estirpe e índole.

A preocupação com a aprovação dos outros e certos puder em se

⁶⁷⁴ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.39.

⁶⁷⁵ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 62.

aceitar como é fazem parte tanto da dinâmica subjetiva masculina quanto de um momento vivido pelos propagandistas da velha República, em que imperava a concepção de o Brasil não poderia crescer pelas próprias forças naturais: devia formar-se de fora para dentro, devia merecer a aprovação dos outros.⁶⁷⁶

Nesse caso, olhamos como não era possível afirmar sua masculinidade apenas pelo órgão sexual, a questão do reconhecimento desse homem também deveria ser compreendida no cotidiano da cidade, pelos outros cidadãos, assim como as estruturas de poder existentes nesse espaço.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geográfica, biológica, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço [...].⁶⁷⁷

Acerca dessa questão, Manuel Castelles afirma, ainda, que embora [...] as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização”⁶⁷⁸

Homens Públicos em Tramas Políticas: as adjetivações do homem ideal em prol do candidato ideal

O espaço público, como um espaço propriamente masculino não é uma novidade na primeira República, muito menos em outras temporalidades histórica, seja no Brasil, ou em outros países da Europa. Desse modo, sendo um espaço pertencente aos homens, configurou-se, desde muito tempo, como um lugar em que as vozes masculinas tinham o privilégio para atuar da maneira como foi orientado.

Uma questão de gênero na qual se percebe a exaltação das faculdades

⁶⁷⁶ NOLASCO, Sócrates Alvares. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p.95.

⁶⁷⁷ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, VII, p. 24.

⁶⁷⁸ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, V II, p. 23.

intelectuais dos homens em relação a figura feminina, cuja ideia de racionalização era entendida como inferior as figuras masculinas, funcionando quase como uma regra. Em vista dessa questão, ao perceber a representação da figura masculina no espaço público, como sendo algo natural, as suas ações também estiveram por muito tempo identificadas como pertencentes a este espaço. A imagem masculina do homem público se alimenta por suas ações nesse lugar.

Nesse compasso, ao identificar os lugares, as situações, o campo político foi por muito tempo como um lugar de homens, regido por homens, para cuidarem da família e da própria cidade que possivelmente iriam comandar, caso se fosse o anseio para assumir um cargo político. Um dado bastante salutar para os pretendentes, pois era um lugar que deveria trazer elementos de honradez, princípios exaltados pela sociedade afim de respaldar a confiança para que ele pudesse assumir o cargo público.

Pensando acerca desta questão, Vanderlei Machado (1999) considera que outro elemento que direcionava os homens a assumirem esses cargos seria o “critério econômico”, o que possibilitava a atuação desses homens, visto “[...] o fato de ter acumulado certo capital financeiro, bem como uma notoriedade ao exercer cargos na administração pública”.⁶⁷⁹

Sob essa perspectiva, o Jornal de Caxias, fazendo referência a chegada de um caxiense, envolveu em meio as palavras, elementos que construíram, naquele contexto, a visão em tom exaltador, a imagem da figura masculina pública de Manoel Gonçalves Pereira, político que estava voltando à cidade para uma visita aos conterrâneos caxienses, mas com o propósito de assumir um cargo de intendente na administração de Caxias. Assim, o jornal aponta:

Devendo chegar a cidade no vapor << Caxiense >>, o distinto tenente coronel Manoel Gonçalves Pedreira, são convidados todos os seus amigos e affeioados, sem distincção de cór por politica, para ir recebel-o na rampa e acompalhal-o a casa de sua residência. Os serviços prestados a esta terra, por aquelle disctincto caxiense, no congresso do Estado, o tornaram cada vez mais digno da estima de seus conterrâneos.⁶⁸⁰

⁶⁷⁹ MACHADO, Vanderlei. O espaço público como palco de atuação masculina: a construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro (1850-1884). Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999, p.23.

⁶⁸⁰ Jornal de Caxias, 16 de maio de 1896, número 30, Anno I, p. 02.

O prestígio social, adquirido pelo homem, era algo que denotava a recepção de festividades e homenagens pelos seus feitos, por isso percebe-se o quanto o homem que ocupava cargos públicos buscava realizar, no espaço público, feitos de cunho social, visto tais práticas darem a ele prestígio e respeito, tanto por parte dos demais homens, quanto pelos demais membros da sociedade.

Os amigos do sr. Tenente-coronel Manoel Gonçalves Pedreira deram-lhe uma prova da estima em que o tem com o seu regresso a esta cidade. Apesar da hora adiantada do dia foi crescido o numero de pessoas que foram recebê-lo a bordo do vapor a companhal-o a casa de sua residência, sendo tocados muitos foguetes em todo o trajecto e tendo comparecido as duas bandas de musica que aqui temos, que executaram lindas peças, tanto no porto como em frente a sua casa, que achava-se embandeirada até a praça de G. Dias.

Essa demonstração espontânea é a prova mais significativa do reconhecimento aos serviços prestados por s. exc. No congresso estadual, a esta localidade, que muito confia nos seus esforços na seguinte reunião.

Por nossa vez comprimntamos as exc.⁶⁸¹

Em vista das questões apontadas acima, nos ancoramos nas considerações de Michel Kimmel, a masculinidade do homem público precisava ser provada e aprovada, pois é com a aprovação social que a figura masculina é constituída dentro dos padrões de aceitabilidade no espaço público, principalmente, por esse homem apresentar ações onde ele age como um grande pai, cujos sentimentos se volta para os seus filhos com intuito de cuidar e proteger de qualquer eventualidade. Por isso, em outro momento, o jornal publica uma nota ressaltando os valores e feitos desse caxiense.

Tenente Coronel Manoel Gonçalves Pedreira – Saudando-o

Já regressou ao seio da exm^a., família o ilustre congressista Tenente Coronel Manoel Gonçalves Pedreira.

Saudando-o pela sua chegada, não posso deixar de comentar aqui algumas das imensas virtudes que o nome a pessoa de tão ilustre

⁶⁸¹ Jornal de Caxias, 23 de maio de 1896, número 30, Anno I, p. 01.

cidadão.

Sim, o Tenente Coronel Pedreira, não é somente **um político prestigioso, é também um fervoroso catholico.**

O seu projecto apresentado ao congresso estadual, o qual li no Jornal de Caxias nº 27 de 25 de abril passado mostra o quanto ele **é dotado de patriotismo e sentimento religioso.**

Foi uma recepção das mais importantes à do Tenente Coronel Manoel Gonçalves.

A bordo do paquete que o conduziu a esta cidade, o forão receber numerosos amigos e admiradores, o quaes a todos elle abraçou affectuozamente. Toçaram na rampa as duas bandas de muzicas desta cidade.

A praça de Gonçalvez Dias, até a porta da rezidencia do ilustrado Tenente Coronel, achava-se juntada de mimosas palmas, formando uma linda avenida, pelo meio da qual entrou o digno recém-chegado.

O seu dedicado amigo capitão Antonio Lopes, içando a bandeira Nacional em frente ao seu estabelecimento, fazia subir e descer, demonstrando assim o prazer que tinha em ver o Tenente Coronel Pedreira entre nós.

Foi uma recepção sublime a do Tenente Coronel Manoel Gonçalves, a qual me deixou agradável impressão.

Hoje entre as mais lindas flores do jardim da família é **o illustre Caxinense saudado e felicitado pelos seus dedicados amigos e por todos aquelles que desligados das paixões políticas, sabem fazer justiça ao mérito.**

Um affeçoado

Caxias, 19 de Maio de 1896.⁶⁸²

Nessa lógica da compreensão dessa agência de sentidos, exposta acima, constituída acerca do indivíduo envolvido, nota-se que ser homem vai muito além da sexualidade. Nesse começo do século XX, a ideia de conceito de homem e, mais ainda, da via de compreensão da sua masculinidade estaria condicionada a um conjunto de valores, perspectivas ideológicas, como também relacionada aos valores morais instituídos como fundamentais para ser um bom homem, ser um sujeito íntegro. Porém vamos perceber que as masculinidades públicas eram alvos de discursos que poderiam exaltar, como difamar esse homens públicos. Como é o caso de Manoel Gonçalves Pereira que se tornou um sujeito da esfera pública. No caso, ele utilizou o mesmo jornal

⁶⁸² Jornal de Caxias, 23 de maio de 1896, número 31, Ano I, p. 02.

que outro caxiense usou para difamar, segundo apresenta em sua defesa. Assim, Manoel Gonçalves Pereira:

Ajuste de contas

Como vio o publico, nada disse no ultimo nº do <<Jornal de Caxias>> sobre a questão a que fui provocado pelo papel << Cidade>> visto que este na sua ultima edição já não se referia á minha individualidade, senão por alusão; pelo que julguei prudente recolher-me ao silencio, entregando ao desperão que merecia o seu assumpto indigno de uma refutação séria.

Porém, novamente provocado na ultima edição do mesmo papel de 31 Janeiro ultimo, onde superabundam insultos e calunias atirados contra mim, se bem que sob alusões, resolvi, em **prol da minha dignidade** ainda uma vez ocupar-me de minha defesa (como farei sempre que se tornar mister) **repelindo os maus audazes desaffectedos ou mesmo inimigos que procuravam nivelar a minha reputação com a sua.** Esses typos gastos pella hediondez de seus costumes e pelo exercício da nojenta bajulação, só me procuraram ferir com o fim de agradar ao sr. **Cazé, lançando mão da baixa linguagem praieira que é peculiar a um Tote, por authonomia – Camelão de Palacio,** - entretanto que m'a arrogaram, quando, pelo contrário, **tenho usado de estyllo moderado e singello, com o fim apenas de convencer e de justificar-me, mas não insultar.**

São elle pescadores que turvão as aguas para tirar proventos, sugarém mais tarde a victima do seu engrossamento.

Sem procurarem refutar com seriedade e critério as argumentações que tenho apresentado, servem-se de um mistifório de invenções caluniosas e de períodos enigmáticos, que não chegam ao alcance de todos, para offender-me, e assim enchem e tal papel apenas de insultos besteaes na suposição de prejudicarem a minha reputação.

Qualifiquem-me os bajuladores do sr. **Cazé, com o seu de aventureiro e de tudo quanto quiserem tirar de si para lançarem sobre mim; inventem factos para produzirem effeito ao longe, porque nada alcançarão, visto como essas infâmias não me attigem.**

Arrastado para um terreno contrario a calma que desejava manter na discussão do assumpto em questão, vejo-me na necessidade de abandonar a linguagem moderada de que me tenho servido e lançar mão da provocada pelos meus contedores e vir com o ferro em brasa assignalar a face desbriada dos que me atacam injustamente.

O sr. Cazé, em cuja defesa sae-me a sua matilha, não devia consentir que me insultassem tanto, pois ambos nós nascemos e creamo-nos aqui onde constituímos familia e portanto bem

conhecidos somos.

Como homem particular, apelo para todos, estou em terreno superior e muito, as, s., não só pelos costumes como pelo caracter; não sou como s.s., **um prostituidor afamado e de longa data**, pelo que é geralmente conhecido por **Dom Verruma** e melhor seria **Lovellace**; a sua vida é a mais suja que existe entre nós; a sua devassidão já passa em proverbio, o tanto assim é que a própria e Igreja Catholica. Já uma vez o repudiu, por meio de um ministro virtuoso e de independência de caracter, privando-o do exercício de um dos seus Sacramentos!

Neste terreno é s.s. um mau pae de familia e um homem nessas condições não póde ser bom cidadão.

Como político, digam também os seus sequazes o que quiserem de mim, no intuito do deturparem a verdade, mas nunca poderão dizer que deixei as fileiras do meu partido para alliar-me aos contrários, virtude política esta que s.s. não possui, porque na gana de posição e de poder, trahio sem rasão ao seu antigo chefe, aos seus amigos e companheiros e ligou-se ao partido a que pertence!

Isso mesmo, no curto espaço de tempo da lusão tem s.s. mostrando a má fé com que anda desde o principio della. !!!

E' isso questão de caracter e neste terreno não conheço outro mais indigno, não só politica como particularmente fallando.

Consulte a sua consciência e diga si com o que venho de dizer faço-lhe alguma injustiça; ficando outros prejudizados factos para mais tarde demonstrar.

Quem com ferro fere, com ferro será ferido, sr. Cazé: prudência tenho tido bastante em supportar os cães hydrophobos que s.s. estuma contra mim, e como sabe, a paciência humana tem limites.

A minha dignidade, a minha honra, não deve consentir que sejam barateadas ou ludibriadas impunemente.

Quando S.S. não me dê rasão, porque o raio cahe-lhe hoje em casa, o publico me fará justiça, em face da igualdade de direito que nos assiste.

Será dente por dente, queixo por queixo!!

As almas demandas, os malsinadores da honra alheia, os intrigantes calumniadores que me atacam perdem do S.S. , para molestar-me e mrear-me a reputação , precisão, para isso, de inventar factos infamantes; ou porém, não preciso senão da verdade, para dizer, por exemplo, que o sr. Cazé é um prostituidor, é um homem de vida imunda e que possui um caracter indigno.

Nunca pedi paz a ninguém, com afirmam as vibroas que o enlevão; nunca fui chamado em juízo competente para responder por escriptp meu contra distincto amigo seu; e se quer ver se tenho ou não dignidade para como homem de bem, que sou arrostar com a consequência de meus actos, chame-me s.s. agora aos tribunnaes.

- Voltarei, sendo preciso.

Caxias, 2 de fevereiro de 1899.

Manoel Gonçalves Pedreira.⁶⁸³

Nesse compasso ao percebermos o discurso de Manoel, buscando fazer defesa, naquele momento, da sua reputação enquanto homem público, notamos como a ideia da *dignidade* era um aspecto pertencente ao mundo masculino que deveria ser polido diariamente, visto ser o elemento que garantia o respeito por parte dos demais, principalmente, no caso dele, em que se tratava de homem público. Dória (1994), nesse caso, considera que “o valor de honra de uma pessoa nunca é absoluto e fechado, consiste em um tipo de bem que precisa ser renovado e reconhecido permanentemente.”⁶⁸⁴

Sob esta ótica, Richard Sennett considera que a ordem da comunidade se dar em manter a ordem, por isso seria necessário o expurgo, os “[...] expurgos daqueles que realmente não pertencem a e realmente não pertencem a ela se torna a atividade da comunidade.”⁶⁸⁵

Nesse caso, os discursos constituem dimensões da estrutura social que moldam e representam direta e indiretamente os indivíduos, por isso que os homens públicos caxienses buscavam, através de textos como esse acima, revidar com argumentos convincentes sobre sua integridade no espaço social. Como nos aponta Fairclough, “o discurso é uma prática não apenas de representar o mundo, mas de fazê-lo significar, constituindo e construindo o mundo com base em significados.”⁶⁸⁶

Voltando ao caso do homem público, nota-se que existe, no imaginário social do contexto republicano, um regime de verdade quanto a maneira de atuar no espaço

⁶⁸³ Jornal de Caxias, 04 de fevereiro de 1899, Ano IV, número, 164, p. 03.

⁶⁸⁴ DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada. Cadernos Pagu. Campinas, n.2, p.47-111, 1994. p. 96.

⁶⁸⁵ SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 319.

⁶⁸⁶ FAIRCLOUGH, N. Discourse and social change. Cambridge: Polity Press, 1992, p. 64.

público, que não se restringe apenas a Caxias, mas aos olhos desses embates pela imprensa mantinha-se como uma prática frequente entre os homens da cidade, principalmente, aos pertencentes ao grupo de homens mais abastado, visto ser perceptível os discursos eloquentes em defesa da dignidade apresentada por esses homens. Seguindo essa premissa, Dória (1994) afirma:

Longe de ser um valor ético abstrato, a honra era o nome que se dava à acumulação histórica de virtudes - reais ou imaginárias - reivindicada pelo grupo frente a seus concorrentes. Enquanto o dinheiro e sua posse não se tornaram o signo social mais importante, a honra pode ocupar o papel de bússola social, indicando o polo de atração desejável pela sociedade.⁶⁸⁷

A defesa da imagem do sujeito enquanto uma pessoa pública deveria ser constituída, efetivada, por esse homem, por causa da sua reputação, o que ocasiona, nesse rol de brigas discursivas, a ofensa do outro sujeito que ataca, pois como percebe-se na defesa feita em prol da sua honra pública, Manoel Pereira ressalta como sr. Cazé se torna indigno por realizar falácias acerca da imagem de Manoel.

Assim, Manoel, em sua incessante necessidade para proteger-se de calúnias, ressalta a falta de hombridade de Cazé que fica representado, aos olhos das palavras de Manoel, como indivíduo difamador e um péssimo cidadão, tocando nesse caso na própria falta de crença de que Cazé seja um bom cidadão e pai honrado, visto suas práticas de difamações, ao que denota as palavras de Manoel, serem recorrentes por parte de Cazé.⁶⁸⁸

A fala de Manoel também nos revela a demarcação de práticas de masculinidade ideais e as vistas como opostas ao modelo de bom cidadão. Cria-se, nesse caso, sob a ótica do texto apresentado por Manoel, uma estereotipação quanto ao conceito de ser homem, aceito pela sociedade e o indivíduo, que pelo fato de constituir práticas fora dos padrões do comportamento do bom, acabava sendo estigmatizado como um contra modelo de masculinidade no cenário caxiense.

Ao observar as maneiras como Manoel e Cazé resolvem seus impasses, em prol de uma honra, nota-se que seus atos performativos, sob a luz da linguagem discursiva, ressaltam quem é que detém o direito do respeito, ou seja, buscam demarcar sua

⁶⁸⁷ DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada. Cadernos Pagu. Campinas, n.2, p.47-111, 1994, p. 110.

⁶⁸⁸ O discurso de ofensas, pelo qual ressalta Manoel Pereira, publicado pelo mesmo jornal não foi encontrado.

masculinidade, sua hombridade, através das ações na sociedade caxiense. Acerca desta questão, Fernando Bagiotto Botton (2017), refletindo sobre a ideia da masculinidade nos espaços públicos, afirma que:

Nesse sentido o gênero e a positividade de uma masculinidade que aparece sob a insígnia dos mais diversos adjetivos socialmente/cientificamente sancionados como liderança, racionalidade, vontade, força, virilidade, ponderação, energia, não operam como mero exemplo ou característica valorativa, pelo contrário, trata-se de uma lógica organizativa e estruturante dessa singular configuração de saberes-poderes.⁶⁸⁹

Em vista desta questão, quando Butler (2010) pensa acerca das palavras e o uso delas, a autora nos chama atenção sobre o que são os atos, gestos, em vias de compreensão mecanismos usados para dar sentido a identidade e ratificar o que eles sustentam no círculo das relações sociais.

Nesse caso, os jornais, a imprensa em termos gerais, tornam-se importantes na produção e fabricação desses sentidos de ser homem, de agir como homem, possuir atitudes que ressaltem a ideia do modo masculino pelo qual a sociedade, em cada contexto, idealiza como modos de apresentar-se.

Acerca desta questão, Maria Inês Ghilard-Lucena aponta que, ao passo que tais comportamentos discursivos são apresentados, isso colabora para que “[...] novas articulações ou para a assimilação de novas categorias ao colocar à disposição um rol de exemplos e modelos de comportamento e de atitudes com os quais as pessoas poderão se identificar”.⁶⁹⁰

A interação social e suas ações nos espaços públicos configuravam como um balizador para ideia de homem que pudesse ser consumada para esses sujeitos. O que se entende, nesse momento, é a ideia da maneira como o comportamento humano se processa dentro da lógica do cotidiano da cidade e da vida desses sujeitos no começo da República. A ação social do homem deveria funcionar como um guia, como fonte de ensinamento para outros sujeitos.

Ao pensar nessa perspectiva, Vanderlei Machado afirma que essa ideia seria

⁶⁸⁹ BOTTON, Fernando Bagiotto. Liderança política e autoridade paterna: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón. Tese (Doutorado em História) – Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017, p.44.

⁶⁹⁰ GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. Representações de gênero social na mídia. Web Revista Discursividade, Estudos Linguísticos. 6ª ed. 2010. Disponível em: Acesso em 07 ago. 2016, p. 6.

uma forma de constituir um conceito de masculinidade hegemônica, pois era baseada em práticas que estavam evidenciadas no cenário público.

Este modelo, que podemos chamar de masculinidade hegemônica, expressa-se na forma de um conjunto de discursos que atuaram e imprimiram efeitos de poder e marcas indelévels sobre os agentes históricos. Passou-se a exigir dos homens que atuavam no espaço público, tais como: os comerciantes, os profissionais liberais e os funcionários públicos, como buscaremos demonstrar, um nome reconhecido como honrado e de boa reputação. Para alcançar tal status, o homem deveria ser, entre outras coisas, identificado como provedor da família e alguém que garantisse o pagamento de suas dívidas.⁶⁹¹

Por isso que os cargos públicos, aos nossos olhos, tornaram-se fontes de poder, não apenas para enaltecer a masculinidade desse homem público, visto o destaque que se davam a tais cargos. Porém não se pode deixar de levantar como um ponto de análise, principalmente, em relação a exaltação da figura do homem público, que quem ocupa esse lugar, foram indivíduos que foram, ao longo da sua trajetória de vida, acalentados por marcadores sociais econômicos e culturais que viabilizaram a estadia nesses espaços nesses espaços de poder.

Filhos de proprietários de terras, detentores de poder aquisitivo diferenciado, corroboravam para ocupação desses cargos, como também a possibilidade de ganharem prestígio social por parte dos demais homens. “Ora, de fato, na sociedade patriarcal sertaneja, a política é uma esfera privativa dos homens. Os homens honrados conduzem o destino das famílias e de toda a sociedade.”⁶⁹²

Mas nem todos os homens públicos eram vistos com prestígio pela imprensa caxiense. Alguns eram vistos como maus exemplos, segundo o discurso dos jornais, como homens que não cumpriam seu papel enquanto “cidadão de bem”. Por exemplo, o caxiense Cromwell Barbosa de Carvalho foi apresentado, em uma coluna destinada aos assuntos mais relevantes da cidade, como *O Canalha*; a informação foi publicada pelo *Ferro em Brasa*. Na ocasião, o texto fala das inapropriadas ações desse caxiense, apontando-o como um contra modelo aos homens de bem da cidade de Caxias na época.

⁶⁹¹ MACHADO, Vanderlei. O espaço público como palco de atuação masculina: a construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro (1850-1884). Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999, p.10.

⁶⁹² DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada. Cadernos Pagu. Campinas, n.2, p.47-111, 1994, p. 96.

Cromwell Barbosa de Carvalho, **o maior desavergonhado sacripanta** que esta terra já conheceu, - continua a ferir a reputação dos homens de bem de nossa sociedade.

Agora, mais do que em qualquer outra ocasião, o desabirado safardam num acesso de cólera rabicca, atira-se contra todos quantos tem a coragem de como nós, dar-lhe com a nota no focinho lambido de perdigueiro lazarento.

Os seus ataques, porém de nada valerão, porque o repelente Cromwel Barbosa de Carvalho, do Amarante, ex-juiz disctrital de Floriano, e ex-procurador Fiscal do Piauh, lavradaz mais descarado, o typo mais asqueroso e sujo que até os próprios parentes **detestam como a vergonha da familia.**

Em Caxias, depois de iludir algumas pessoas de bôa fé, este miserável bandido já vae felizmente, se tornando bem conhecido de modo que são bem raros aquelles que ainda se aproximam de semelhate postula.

Dia virá, porém em que **este cynico e desbriado caluniador** há de sentir o pêso tremendo da repulsa que a sociedade caxiense já começa a manifestar-lhe.

E Então o monstro há de desaparecer desta terra em busca de um antro onde possa sepultar-se, ocultando aos olhos do mundo as mazellas e as pedrilhoes que lhe corropem o physico e já lhe canceram a alma.

Emquanto não chegar este dia, nós, para evitarmos os miasmas delecterios que se desprendem de **um ser tão asqueroso, prejudicial e nojento**, vamos queimando lhe as chagas as pústulas a bem do saneamento moral de Caxias.

Quem tiver commeração do bandido que lhe dele uma bota, afim de evitar-lhe mais um supplicio. ⁶⁹³

Os papéis sociais eram entendidos como uma fonte principal para agregar o sentimento de valorização no espaço da sociedade. Nota-se, nesse sentido, que as narrativas usadas por adversários políticos tinham como propósito desqualificar o outro. Esses discursos nos apontam representações de masculinidades entendidas por eles no espaço e contexto que estamos analisando. Principalmente, quando eles nos apontam a falta de honra e respeito com os demais sujeitos e homens da sociedade caxiense no contexto dessa primeira República.

⁶⁹³ FERRO EM BRASA, Caxias, 20 de março de 1917, Ano I, número 9, o. 01.

A raiva, o ódio e a agressividade, expressados pelos homens dos segmentos abastados de Caxias, vêm à tona pela via das palavras. Nota-se, nesse caso, uma diferença em relação aos homens dos segmentos menos abastados, quando se tornam notas da imprensa eles são apresentados com certo desprezo, pois eram representados como o nome inicial, e o sobrenome era caracterizado como “de tal”.

Seguindo essa premissa, sobre a ideia do “homem bom” e o “homem mal”, o *Jornal Caixeiro* publica acerca dessa ideia da índole do homem considerado como mal.

Pensamentos

O homem mau é duas veze um – Zero;

- Primeiro – Porque ser no mundo moral um nada - ;

Segundo: - por ser no mundo material um citrão!

Para olhe a virtude é um mytho;

o dever – uma utopia; - a alma – mentira que ignorância, a espertesa inventaram através dos séculos...

O crer em - Deus – para elle é cogitar em falsa hypothese, - um sofisma dos doutos para iludir e dominar aos multidões insultas!!

Para elle a honra – palavra van – romantismo de outrem;

- como a pureza e a consciência – que são banalidades sonhos de poetas... phaseologia que só cabe num verso.⁶⁹⁴

Nesse contexto referido à primeira República, a imprensa divulga noções de “bom homem”, “homem do bem”, cria conceitos que nos remete a pensar a forma como as pessoas entendiam o conceito de cidadão que cumpria seus deveres no espaço social. Nos versos sem autoria, publicados pelo jornal, identifica-se essa noção acerca da ideia projetada, em relação aos homens e mulheres da sociedade caxiense.

Em vista dessa situação, podemos verificar o comportamento de Luíz José de Mello em relação ao caxiense Cromwell Barbosa de Carvalho, cujos falatórios afirmam que entre ambos existiam divergências. Nesse caso, a postura do homem público, em prol de agregar louros para sua performance enquanto bom homem, utiliza a imprensa para mostrar o quanto comportamentos que envolvem uma postura desonrosa não faziam parte da sua índole. Assim ele considerou:

A pedidos

A bem da verdade

Chegando ao meu conhecimento que **propalam por ahi espíritos**

⁶⁹⁴ Jornal O Caixeiro, Caxias, 23 de setembro de 1915, Anno I, número 1, p. 02.

perversos haver o illustre dr. Cromwell Barbosa de Carvalho se retirado da redacção deste jornal, onde tanta fulguração lhe emprestou, **devendo-me uma certa quantia pecuniária, venho, a bem da verdade, declarar que são inteiramente falsos esses aleives.** O digno moço, de quem sou aliás, e ao contrário, devedor de muita estima e consideração, trabalhando por vezes, pecuniariamente em meu favor nada me deve absolutamente.

E sirvo-me antes desta oportunidade para reiterar-lhe a minha gratidão aos serviços prestados, com os protestos da minha dedicada amisade.

Caxias, 25 de janeiro de 1917.

Luiz José de Mello.⁶⁹⁵

Ao olhar a postura de Luís José de Mello, este assumiu uma performance do homem público cujas ações estariam respaldadas na valorização da sua imagem, assim, manteve o discurso cortês e assumiu valores viris de um sujeito acalentado por uma cordialidade, visto como um dos princípios da elite abastada da cidade de Caxias.

Segundo Miskolci e Balieiro (2011), os dramas pessoais vêm à tona como um resultado das divergências encontradas pelos indivíduos em resolver os problemas pessoais, o que causa, de acordo com autores, uma ruptura com suas relações no espaço público. Assim, o envolvimento em polêmicas se “[...] traduziam disputas simbólicas do período sobre um ideal de nação que se criava junto com a consolidação do regime republicano. Um fato crucial, mas pouco explorado, é que tais polêmicas se davam entre homens de elite.”⁶⁹⁶

Os escândalos e o número expressivo de trocas de farpas, na cidade de Caxias, acabaram sendo uma forma de manchar a imagem do segmento abastado da cidade, pois causava vergonha aos demais homens, pela forma como os envolvidos acabavam buscando resolver os entraves políticos, comerciais e pessoais.

⁶⁹⁵ Jornal O BLOCO, Caxias, 27 de janeiro de 1917, Anno 1, número 11, p. 07.

⁶⁹⁶ MISKOLCI, Richard e BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O Drama Público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 26, nº 75, São Paulo, ANPOCS, pp.73-88, 2011, p. 75.

Algumas considerações, mas a

pauta segue

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, MAS A PAUTA SEGUE

Ao chegar nesse momento, confesso que não consigo dimensionar uma finalização das ideias de masculinidade durante a Primeira República em Caxias. Isso porque senti na pele que deixei lacunas, talvez essa prática possa parecer uma atitude relapsa por minha parte, porém devo fazer uma defesa própria do que deixei de fazer. Não conseguimos inicialmente garimpar pelas fontes visitadas os modos e práticas masculinas, e isto deixou uma frustração pela qual ainda devemos voltar um dia a visitar.

Temos consciência da responsabilidade de escrever um texto, e sabemos mais ainda que ao torná-lo público estarei abrindo a possibilidade para que outros olhos, outros artesãos de Clio possam ver e enxergar onde estavam esses homens e como eles se apresentavam na cidade de Caxias.

Diante dessa máxima, os discursos - advindos dos interlocutores do regime republicano e mesma da imprensa - estavam voltados a reproduzir esses novos ideais para que a Nação ideal, assim tão desejada, pudesse se estabelecer como uma verdade. Nesse sentido, voltando nosso olhar para as questões de gênero, principalmente em torno da figura masculina, vamos identificar representações nas quais esse homem deveria ao longo do seu cotidiano manifestar práticas que reforçassem os interesses em relação a esse ideal. Por essa perspectiva, identificamos uma necessidade dos propagadores dos ideais republicanos, principalmente a partir da imprensa, de reforçar acerca dos caminhos que esses homens deveriam seguir, a fim de contribuírem com a premissa ordem e progresso.

Assim, ao longo dos jornais nos quais debruçamos, verificamos a necessidade do homem de cuidar da aparência e da saúde, quando se volta para medicamentos com os quais este estaria assegurando o bem-estar do corpo, como também a necessidade de reforçar um controle diante de suas ações em situações de desentendimento. Por essa nova ótica, os homens deveriam banir as práticas de ingestão de álcool, assim como as demais relações com vícios que serviam de mecanismos a distanciarem os homens dos comportamentos ditos e entendidos como ideais.

Além dessas ideias, os jornais também se tornaram janelas para se buscar salientar o quão se fazia necessário, por parte dos homens, constituir no seu cotidiano o cuidado com a própria honra, entretanto resolvendo tais questões a partir do diálogo, enquanto homens intelectuais. Por essa perspectiva, os comportamentos dos homens

pertencentes aos segmentos populares eram vistos como práticas desordeiras, em vista do uso da violência como via para resolver divergências entre eles e outros indivíduos.

Por isso, a pesquisa mostrou que as características que demarcavam os homens vistos como ordeiros, que se enquadravam dentro das máximas pelas quais se representava o homem ideal para a nação, acabavam não dialogando com os demais comportamentos, principalmente aqueles atribuídos aos homens dos segmentos populares, pois mesmo pertencentes ao cotidiano, ancorados com os valores da nova ordem republicana, estes criavam outro percurso para criar o seu conceito de ordem. Nesse compasso, é válido ressaltar o quão as práticas entendidas como ordem e desordem se tornaram balizas para a construção desta cidade da ordem e do progresso.

As masculinidades encontradas foram elas evidenciadas no começo do século XX, tanto em Caxias, quanto no restante do país, buscando o diálogo entre as experiências, mas também a singularidade dessa cidade maranhense. Eram homens, que circularam pelas ruas, com performances masculinas que se distanciavam, ou não, dos padrões traçados naquele contexto.

Por essa via, a moda, as propagandas de remédios como também as práticas de violências apresentadas por esses homens mostrou que a masculinidade não deveria e poderia ser pensada no singular. Na garimpagem de discursos acerca das masculinidades foi possível identificar que pela ótica da imprensa caxiense, as ações desses homens na cena social, construídas por um jogo discursivo em que um rol de interesses se imbricavam entre as palavras, compondo na cena social representações acerca das práticas, por vezes contraditórias, desses homens.

Nesse compasso, as masculinidades apresentadas pelos segmentos populares na cidade de Caxias, se tornaram um comportamento visto como antítese da moral e dos valores familiares por parte dos segmentos mais abastados, pois em meio aos discursos produzidos pelos articulistas, nota-se uma reprovação por quem tece tais considerações sobre a prática de homens pobres, ladrões, violentos, vadios, dentre outras alcunhas encontradas nas matérias...

Esta fala deve-se ao fato de que os homens que se envolviam nesses episódios, pertencerem aos segmentos menos abastados da cidade e se encontrarem embriagados, o que acabavam protagonizando no cenário social situações de discordância com outros homens, como também com autoridades policiais, culpando o estado de embriaguez.

Notamos nesse esteira de reflexões que outro elemento que se tornou visível nas páginas da imprensa caxiense ao longo dos anos iniciais da Primeira República, foi a vestimenta, demonstrando que esses homens que circulavam na cidade estavam cada vez mais preocupados com a aparência e a maneira como as pessoas poderiam classificá-lo a partir das roupas que estava vestindo.

Nessa via de compreensão a moda usada pelos indivíduos não desvirilizou esse homem, mas atribuiu a ele status de requinte e sofisticação, principalmente por ser encarada como uma maneira pela qual os homens poderiam degustar os comentários das demais pessoas pelo fato de estarem bem vestidos, com roupas que denotavam o bom gosto diante das vestimentas usadas pelos demais. Uma forma de se olhar e ser visto agregando prestígio e capital simbólico nas sociabilidades estabelecidas.

Outro fato decorrente nas páginas dos jornais, era a preocupação com a saúde desse homem, principalmente por se tratar de um período em que o Estado pela perspectiva da Nação de corpos saudáveis, disseminou um conceito de corpo, cujos indivíduos deveriam estar saudáveis, para proporcionar o desenvolvimento do país. Nesse ponto, as propagandas de remédios serviram como mecanismo para fortalecer a constituição desse ideal de nação à cena social brasileira. Por isso nos deparamos nas páginas dos jornais caxienses, um intenso reforço do uso de medicamentos com a finalidade de agregar a esse sujeito a ideia de um corpo saudável.

Desse modo, notamos ser uma prerrogativa presente nos discursos da imprensa, os cuidados com o corpo e com a saúde das pessoas, sobretudo dos homens que estavam inseridos no mundo do trabalho. Neste sentido, os vícios como o alcoolismo, o jogo e o fumo, são fortemente combatidos em prol de um país de homens saudáveis.

Nesse caso, identificamos pela ótica da imprensa como o alcoolismo e o jogo tornam-se alvos de combate pelo Estado, assim como a própria Igreja Católica tornando-se instituições que tomaram a frente com ações para formalizar no cenário social sujeitos despossuídos de tais vícios. Por isso ficou evidente nos discursos dos defensores dos interesses das duas instituições, que os sujeitos possuidores dessas práticas causavam um desequilíbrio social e econômico, quebrando a ordem tanto exaltada para que o progresso e o desenvolvimento ocorressem no Brasil.

A imprensa, nesse contexto, demonstra que o vício de maneira geral era um elemento nocivo não apenas aos usuários de álcool, mas também às pessoas próximas. Vemos que a enunciação dos discursos sobre o alcoolismo está alicerçada sempre nos males que acarreta à sociedade. Mas o que realmente está em jogo são os interesses dos grupos dominantes.

Considerava-se que o álcool tirava a energia do homem, diminuindo sua capacidade produtiva. E isto seria prejudicial não apenas ao desenvolvimento econômico que se buscava no país naquele momento como também aos grupos que lucravam com tal desenvolvimento, os donos de fábricas, indústrias, comércio etc, enfim, todos os possuidores do capital.

Torna-se salutável mencionar que tais leituras se tornaram possíveis, devido a produção historiográfica a partir de um diálogo interdisciplinar, que se tornou um ganho a produção de uma literatura que busca discutir essas masculinidades, principalmente no campo do discurso, pois como observamos neste trabalho, assim como as mulheres que estão inseridas numa perspectiva sócio histórica, o homem e as diversas masculinidades também fazem parte, pois os discursos pelos quais fizemos uso nesse trabalho mostraram os mecanismos pelos quais eram e são usados para construção subjetiva da masculinidade e virilidade desse homem no virar do século, XIX para o XX não apenas no contexto da cidade de Caxias, mas também a nível de Brasil.

Em vista desta questão, explorando os discursos entrelaçados nas páginas dos jornais caxienses e identificamos mais ainda que existia por parte desses fios discursivos sistemas de significação dessas formas de representar os homens e suas práticas, práticas essas que se tornavam responsáveis por para instituir um perfil a eles, principalmente ao segmento social do qual faziam parte. Nesse caso, os jornais acabavam caracterizando e definindo as maneiras de perceber cada indivíduo da cidade de Caxias por tais representações.

Seguindo esse viés, não podemos deixar de considerar como a imprensa nesse contexto, buscava agregar valores como uma forma de criar distinções sociais, pois assim isso poderia constituir no jogo das relações tecidas no seu cotidiano maneiras de entender os indivíduos que agregava ao ideal nacional, como também aos valores da chamada sociedade entorpecida pelos bons costumes, que se queria distanciar de práticas tidas como não civilizadas como a embriaguez, a violência, valorizando um certo tipo de corpo, vestimenta e a sociabilidade dos passeios públicos.

Mas o que se nota nessa via de compreensão em que os indivíduos acabavam sendo classificados, era a produção de masculinidades plurais, pois se tornou constante a defesa de um ideal cujos homens caxienses deveriam se enquadrar, e aqueles que não estavam e nem conseguiam era destituídos desse olhar positivo e qualificado pela ótica do discurso como um indivíduo desordeiro, principalmente desse princípio de homem ideal exaltado no contexto da pesquisa.

Outro elemento que foi possível garimpar nesse estudo sobre a masculinidade em Caxias é a perspectiva do papel social entendido como um fator de relevância, principalmente pela imprensa, pois nota-se que existia um empenho em prol de estabelecer tal premissa por parte da imprensa para que houvesse na cidades esses homens civilizados, produtivo, pois seria e poderia contribuir para o progresso do Brasil e a Nação ideal.

Por isso nas análises realizadas neste trabalho, o conceito de honra se tornou algo latente, pois a nação do amanhã, a honra era e deveria se tornar um elemento importante, por ser um fator que desempenharia influencia na construção de homens comprometidos com a transformação do país rumo ao progresso e ao crescimento.

Nesse íterim, as masculinidades encontradas durante o mapeamento desta pesquisa, foram resultados das estratégias discursivas constituídas nas teias representativas da imprensa caxiense, articulada ao projeto de nação e cidadão, às noções de progresso, corpo e cidade marcadas pelo gênero. Assim, não podemos deixar de apontar que tais masculinidades construídas, estavam em diálogo com as vivências masculinas cotidianas do contexto caxiense de nossa reflexão histórico-social.

Caminhando por esse viés, os discursos possuem fragmentos, que formulam um sentido e constroem valores no espaço social. Nesse ponto, os discursos, idealizaram uma masculinidade, como também negativaram comportamentos cujas práticas não estavam de acordo com o padrão estabelecido.

Desse modo, identificamos que os discursos apresentados pela via da moda, das propagandas de remédios, pelo representação dos comportamentos diante do uso do álcool, se tornaram a base para subjetivação da masculinidade do homem caxiense em tensão com a diversidade de masculinidades existentes no contexto. De algum modo, esses discursos alimentam estratégias de se constituir no bojo das relações sociais, a normalização dessas masculinidades, a partir do momento de criação de juízo de valor, acerca do ideal e dos comportamentos desviantes.

Dessa forma, podemos verificar ao longo das análises da tese um manejo em relação aos discursos, constituindo no campo das relações de poder e gênero na cidade de Caxias, diversas maneiras de observar o ser masculino, entre homens, como também entre mulheres.

Para devidos fins encontramos na imprensa, homens pintados no papel com contornos, modos, cores e performances ideais e que tinham no papel elementos detalhados conforme os interesses dos sujeitos que estavam por trás das máquinas que rodavam o papel para imprimir os jornais.

Assim, ao observar tais proposições identificamos que em Caxias buscava-se imprimir na cena social, os mesmos dizeres idealizados em outros lugares do País, principalmente quando se tratava de definir os comportamentos masculinos para as diversas situações, sejam para ocupação dos cargos públicos, sejam para vivência nas relações de gênero da cidade.

Acreditamos que essa pesquisa surge e se fecha momentaneamente com a ideia que as masculinidades e as subjetividades constituídas em relação ao homem são históricas, mas que não devem ser encaradas como únicas e imutáveis, pois como percebemos em cada contexto histórico, o homem encontra-se rodeado de elementos definidores da sua masculinidade, como também linguagens, jogos de interesses que irão problematizar o sentido de ser homem, conforme essa série de práticas discursivas entorno da figura masculina.

Referencias

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo; uma História do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Ed. 2ª. São Paulo: Editora Intermeios, (Coleção Entregêneros), 2013.

ALBUQUERQUE, Antonio José B. de. *Memórias de Caxias: cada rua, sua história*. Edição e Produção Câmara Municipal de Caxias, 1992.

ALBURQUERQUE, JUNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: a invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*, 2003.

AMADOR, Luiza Helena Miranda. “Degenerados E Contagiantes”: a luta contra sífilis no Pará (1915-1934). (Dissertação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2015.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Tradução: Maria Cláudia Drummond. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994; *On Violence*. New York: Harcourt Brace & Company, 1970.

AZEVEDO, Ricardo Marques de. Uma Idéia de Metrópole no Século XIX. *Revista Brasileira. História*. vol.18, n.35, pp. 165-183, 1998

BADINTER, Elisabeth. *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BARBOSA, Marialva Carlos. *Imprensa e encenações de modernidade no início da República*. *Revista Vivência* n. 38, 2011, p. 1 29-142.

BARBOSA, Marialva. *Imprensa, Poder e Público: os diários do Rio de Janeiro*. *Intercom – Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, Vol. XX, nº 2, pag. 87-102, jul/dez, 1997.

BARNARD, M. *Moda e comunicação*. Rio de janeiro: Rocco, 2003.

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história. Especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARTHES, Roland. Sistema da Moda. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BARTHES, Roland. Sistema da moda. Trad. Lineide do Lago Salvador Mosca; Revisão e Supervisão: Isaac Nicolau Salum. – São Paulo: Ed. Nacional – Universidade de São Paulo, 1979.

BAUDRILLARD, J. A sociedade do consumo. Lisboa, Ed. 70. 2005.

BELARMINO, Aline Martins Quer fogo: os meios midiáticos e (des) territorialização do cigarro como sinônimo de prazer. (Monografia) – Guarabira: UEPB, 2011.

BERGAMO, Alexandre. O campo da moda. Revista de Antropologia, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em: . Acesso em: 16 abr. 2004.

BERNARDO, Maria Ana. Sociabilidade e distinção em Évora no século XIX. O Círculo Eborense, Lisboa, Edições Cosmos, 2001.

BERTAUD, Jean-Paul. A virilidade militar. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX. V.2. Trad. João Batista Kreuch e Noéli Correia de Mello Sobrinho. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013.

BOTTON, Fernando Bagiotto. Liderança política e autoridade paterna: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón. Tese (Doutorado em História) – Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

BOTTON, Fernando Bagiotto. Novos homens: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro. Revista Historiar. Recife, julho. 2009.

BOURDIEU, *La distinction. Critique sociale du jugement.* 1979. Apud. CHARTIER, [1994c].2002.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 1996.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar que dizer.* Trad. Sérgio Miceli *et all.* 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: ____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; Revisão técnica Paula Monteiro, - São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 2ª ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Poder simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. 9ª ed., Campinas/SP: Papyrus editora, 2008.

BRAGA, João. História da moda. – 8ª. Ed. rev. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

BRANDINI, Valéria. Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX. *Revista signos do consumo* – v.1, N.1, pp. 74–101, 2009.

BRESCIANI, Maria Stella Cidade e História. Cidade: história e desafios / (Org): Oliveira, Lúcia Lippi . — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BRETAS, Marcos Luiz. A guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora do Arquivo Nacional, 1997.

BRETAS, Marcos Luiz. O crime na historiografia brasileira: uma revisão na pesquisa recente. BIB, Rio de Janeiro, n.32, p. 49-61, 2º semestre de 1991.

BUCHOLDZ, A. P. Diário dos Campos. Ponta Grossa, Editora Uepg, 2007.

BURITI, Iranilson. Fazemos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30). (Tese) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALANCA, Daniela. História Social da Moda. São Paulo: Editora Senac, 2011.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crimes, segregação e cidadania em São Paulo. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro. – São Paulo: Ed. 34 Edusp, 2000.

CAMILOTTI, Virgínia; NAXARA Márcia Regina C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. *História: Questões & Debates*, (Editora UFPR) Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009.

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In. CARDOSO, Ciro F e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. O Conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos, DHI/PPH/UEM*, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX*. – Teresina: EDUFIP, 2008.

CASTILHO, Káthia. *Configurações de uma plástica: do corpo à moda*. (Dissertação). PUC-SP-1998.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade*. Trad. Guy Reynaud. São Paulo: Ed. Paulo e Terra, 1982.

CAVACALTI, Silêde L. O. Campina Grande de(fl)orada por forasteiros. In: *Imagens multifacetadas da História de Campina Grande*. Campina Grande: Prefeitura Municipal de Campina Grande. Secretaria de Educação, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. V. 14. Trad. Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis: Vozes, 2008.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 2ª Ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2001.

CHARTIER, Roger. “Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)”. *Cadernos Pagu* (4) – fazendo história das mulheres, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, p. 37-47 (p.40-42), 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. *Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n°16, 1995.

CHARTIER, Roger. *Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais*. In: _____. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. *Memória e sociedade*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, pp. 61-80. 2002.

CHARTIER, Roger. *Defesa e ilustração da noção de Representação*. *Fronteiras*. v. 13, N° 169-183, 2011.

COELHO, Maicol Martins de López. *Forte e bonito como o Barão: ciência e propaganda no Brasil início do século XX*. (Dissertação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/São Paulo. 2005.

CONCEIÇÃO, Antonio Carlos Lima da C744 *Metendo a colher: os crimes passionais em Salvador (1940-1980)*. (Tese) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. *Revista Estudos Feministas*, CFH/CCE/UFSC, v. 21, n. 1, p. 241-242, 2013.

CORBIN, Alain. *Bastidores: o segredo do indivíduo*. In: *História da vida privada*, 4: *Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. (Org.) PERROT, Michelle. Trad. Denise Bottmann, Bernardo Joffily — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*/Emília Viotti da Costa. – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

COSTA, Rafaella Contente Pereira da; NUNES, Cleonice Viana; Netúlia Silva dos Anjos SEIXAS. *Vestuários na Mídia Impressa de Belém do Século XIX*. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE*. 1-12, p. 09. <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0929-1.pdf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2017.

COSTA, Raul Max Lucas da. *Tensões sociais no consumo de bebidas alcoólicas em*

Fortaleza (1915 - 1935): trabalhadores, boêmios, ébrios e alcoólatras. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2009.

COUTINHO, Milson. *Caxias das Aldeias Altas: subsídios para sua história*. 2. ed. São Luís: Caxias: Prefeitura de Caxias, 2005.

CRANE, Diana, A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006.

CRUZ, Heloísa de Faria São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915. São Paulo: EDUSC; 2000.

DE DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *Cotidiano de Trabalhadores na República*. São Paulo 1889-1920. Coleção Tudo é História. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.

DE LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Orgs.). *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto . pp. 111-153. 2005.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação/Tânia Regina de Luca*. - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada. *Cadernos Pagu*. Campinas, n.2, p.47-111, 1994.

ECO, Humberto. O hábito fala pelo monge In: ECO, Umberto (Org.). *Psicologia do vestir*. 3ªed. Lisboa: Assírio e Alvin, 1989.

ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas Perdidas: os Populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FARGE, Arlette. Virilidades populares. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. *História da Virilidade: a invenção da virilidade da antiguidade às luzes*. V.1.. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013.

FEGHALI, Marta; SCHMID, Erika. *O ciclo da moda*. Ed. Senac Rio, 2008.

FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

FERRI, Enrico. *O delito passionnal na civilização contemporânea*. São Paulo: Saraiva, 1934.

FIALHO, Carlos Eduardo; MIRANDA, Tatiana Barboza. Primeira página: jornais populares e identidade. Revista Confluências Interdisciplinares de Sociologia e Direito. Vol. 11, número, 02, pp. 153 – 165 2010.

FORTH, Chistopher E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. V.3. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013.

FORTH, M. Masculinity in the modern West: gender, civilização and the body. New York: Palgrave Macmilian, 2008.

FOUCAULT, Michel, História da sexualidade II – o uso dos prazeres, Rio, Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber /Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: (Coleção tópicos). Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: *nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhate. 36. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

FREYRE, Gilberto. Modos de homem & modas de mulher. São Paulo: Global, 2009.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. Representações de gênero social na mídia. Web Revista Discursividade, Estudos Linguísticos. 6ª ed. 2010. Disponível em: Acesso em 07 ago. 2016.

GOFFMAN, Erving. Estigma: a identidade deteriorada. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

GOFFMAN, Erving. Estigma: aidentidade deteriorada. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

GONÇALVES, Marcos Ferreira. Roupas de Ver Deus: Cotidiano e Vestimenta em Salvador (1958-1968). Disponível em: Acesso em 27 de maio de 2015.

GROSSO, Carlos Eduardo Millen. Cotidiano do amor em Porto Alegre: disputas sobre honra, sexualidade e relações afetivas nos processos de defloramento (1890- 1922). (Tese) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa. Florianópolis, 2014.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. Cadernos Pagu, n. (14) 2000: pp.45-86.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. São Paulo: Vozes, 2000.

HOPKNIS, Claude. A ciência da propaganda. Trad. David Ogilvy. Ed. Cultrix. – São Paulo, 1993.

KALIFA, Dominique. Virilidades criminosas? In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. V.3. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos: Corpo Doença e Saúde, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out., p. 103- 118.1998.

KONIGSON, Elie. (Org.) Avan-propos. In: Le Tréatré dans la Ville. Paris: Éditions Du CNRS, 1987.

LÊ BRETON, David, 1953- A sociologia do corpo / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana Salvador, 1912-1916.* (Dissertação de Mestrado), UFBA, Salvador, 1996.

LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Campinas – 2ª Ed – SP: Papyrus, 1986.

LIPOVETSKY, Gilles O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lucia Machado. — São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das letras. 1991.

LOPES, A. de P. C. Relações de Gênero e Profissão Docente: a escola como uma arte feminina. In: LIMA, F. O. A. et al. (Org.). História da Educação e Práticas Pedagógicas. Parnaíba: SIEART, 2008.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

LUZ, Madel Therezinha. *As instituições médicas no Brasil: intuições e estratégia de hegemonia*. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 3ª. Ed. 1986.

MACHADO, Vanderlei. *Entre Apolo e Dionísio: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930)*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

MACHADO, Vanderlei. *O espaço público como palco de atuação masculina: a construção de um modelo burguês de masculinidade em Desterro (1850-1884)*. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1999.

MARQUES, Elisa Paula. *A Loucura Engarrafada: relações alcoolismo-loucura em Florianópolis nas décadas de 1930 a 1960*. (Dissertação), UFSC, Florianópolis 2007.

MARTINS, A. L. & DE LUCA, T. R. (Org.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *História do Café*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, Maria Izilda de Santos. *Meu lar é o botequim Alcoolismo e Masculinidades*. Editora: Companhia Editora Nacional, 2001.

MATOS, Maria Izilda dos Santos. MORAES, Mirtes. *Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940)*. *Revista ArtCultura, Uberlândia*, v. 9, n. 14, p. 23-37, jan.-jun. 2007.

MATOS, Maria Izilda dos Santos. *No fio do bigode: corpos, sensibilidades e subjetividades*. In: MATOS, Maria Izilda dos Santos; PATRIOTA, Rosangela e MATOS, Maria Izilda dos Santos; PATRIOTA, Rosangela e RAMOS, Alcides Freire. Organizadores. – São Paulo: Hucitec, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de Emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2005.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n.02 p. 125-143, 2011

MATOS, Maria Izilda Santos de. Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas. São Paulo: 1890-1940 Revista ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 23-37, jan.-jun. 2007.

MAUCH, Cláudia. Dizendo-se autoridade: polícia e policiais em Porto Alegre (1896-1929). Tese – Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS, PPGHIST, Porto Alegre- RS, 2011.

MAUCH, Cláudia. Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890. Santa Cruz do Sul: EDUNISC / ANPUH-RS, 2004.

MELO, Victor Andrade de Melo. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. http://www.lazer.eefd.ufrj.br/producoes/thompson_art_movimento.pdf. Acesso 02/02/2016.

MELO, Victor Andrade de. Novas performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). MANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. História dos homens no Brasil. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013.

MESQUITA, Cristiane. Moda Contemporânea: Quatro ou cinco conexões possíveis. São Paulo: Editora Anhembi Morumbir, 2004.

MICELI, Sérgio. Prefácio. In: BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 7º ed. São Paulo: Perspectivas, 2011, p. LX).

MISKOLCI, Richard e BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O Drama Público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 26, nº 75, São Paulo, ANPOCS, pp.73-88, 2011.

MISKOLCI, Richard. O Desejo da Nação: Masculinidade e Branquitude no Brasil de fins do XIX. Editora AnnaBlume, 2012.

MOITA LOPES, L. P. Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

MORGA, Antonio Emilio. Nos subúrbios do desejo: Masculinidade, e sociabilidade: Nossa Senhora do Desterro no Século XIX. – Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

MOTA, André. Quem é bom já nasce feito: sanitarríssimo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NACIF, M. C. V. “O vestuário como princípio de leitura do mundo”. In: Artigo apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Leopoldo/RS, 2007, p. 01. Disponível em: Acesso em 26/06/2015.

NEGRI, R.; HART, M. Império. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NERO, Ciro del. Com ou sem a folha da parreira: a curiosa história da moda. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

NOLASCO, Sócrates Alvares. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOLASCO, Sócrates. O Apagão da masculinidade? Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade - Ano 1 - nº2, pp.9-16, Dezembro/2001.

NOLASCO, Sócrates. O mito da masculinidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, Marcelo José. Entre amigos Antropologia da homossociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis.(Tese.) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Florianópolis, Santa Catarina, 2008.

OLIVEIRA, Milena Fernandes de. Consumo e cultura material, São Paulo “Belle Époque” (1890-1915). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia. – Campinas, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Milena Fernandes de. Consumo e cultura material, São Paulo “Belle Époque” (1890-1915). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia. – Campinas, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. A construção social da masculinidade. – Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930), Revista Historiæ, Rio Grande, 2 (3): 125-142, 2011.

OTTONI, Ana Vasconcelos. O Paraíso dos ladrões: crimes e criminosos nas reportagens policiais da Imprensa Rio de Janeiro. (1900-1920). (Tese), UFF, Rio de Janeiro, 2012.

PASSADOR, Luiz Henrique. Masculinidades e construção social da violência. Revista Outras Vozes, 43-44, Dezembro 2013, pp. 1-2. Acesso em

<http://www.wlsa.org.mz/wp-content/uploads/2013/12/Masculinidades.pdf>
16/01/2016.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: O universo do corpo: masculinidades e feminilidades. (Org.) PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa, ROMERO, Elaine. Rio de Janeiro: Shape, 2008.

PERROT, Michelle (Org.). História da Vida Privada: Da revolução Francesa à primeira guerra. Trad. Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PESAVENTO, Sandra Jatahy Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do séc. XIX. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXX n. 2, p. 27-37, dezembro 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cotidiano da República. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

PESSOA, Jordânia Maria. Entre a tradição e a modernidade: A Belle Époque Caxiense: Práticas fabris, reordenamento urbano e padrões culturais no final do século XIX. Imperatriz: Ética. 2009.

PORTO, Ana Gomes. Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, SP, 2003.

PORTO, Ana Gomes. Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas- IFCH, Campinas, São Paulo, 2003.

[QUEIRÓS, César Augusto Bubolz](#). Masculinidade(s) Operária(s): conflitos e representações sobre o 'eu' operário. Revista Litteris, v. 1, p. 1-13, 2008.

QUINTAS, Fátima Quintas. A indumentária em tempos patriarcais. & Tróp, Recife, v.33, n.1, p.1-180, 2009.

RAGO, Margareth, Descobrimo historicamente o gênero. Cadernos PAGU, (11) pp.89-98. 1998.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora UnB, 2002.

RAMOS, Gilmária Salviano. Honra sexual: discursos em torno de crime sexuais. (Tese) Programa de Pós-Graduação em História. UFSC/PPGH. Florianópolis- SC, 2015.

RAMOS, Ricardo. *Do reclame à comunicação: pequena história da propaganda no Brasil*. São Paulo: Atual, 1985.

RASPANTI, Márcia Pinna. O que “eles vestem: moda, vaidade e masculinidade no Brasil. In. *História dos homens no Brasil* AMANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. *História dos homens no Brasil*. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013.

RENNÓ, Cláudia Martins Ribeiro. *Produção de corpos dóceis: uma análise das práticas de disciplinamento e vigilância na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009.

ROCHE, Daniel. *A Cultura das Aparências: Uma História da Indumentária (séculos XVII-XVIII)*, SP: Editora SENAC, 2007.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Trad. Ana Maria Scherer. – Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RODRIGUES, Ramon Araújo. *Masculinidades e virilidades na literatura de Clodoaldo Freitas*. (Dissertação) Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, 2016.

ROHDEN, Fabíola. “Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?”. Campos, IMS-Uerj, pp. 101-120, 2006.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Introdução à edição brasileira*. In: *Padrões de intenção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANT’ ANNA. Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. – São Paulo: Contexto, 2014.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República*. In. AMANTINO, Márcia; PRIORE, Mary del. *História dos homens no Brasil*. (Org.) – 1 ed. – São Paulo: Editora: Unesp, 2013.

SANT’ANNA, Denize Bernuzzi. *Cultos e enigmas do corpo na história*. In: SANT’ANNA, Denize Bernuzzi.. STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.) *Corpos e Subjetividades: Em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo. 2 ed. São Paulo: Edição das Letras e Cores, 2009.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos. *O alcoolismo: a invenção de uma doença*. (Dissertação) IFCH, - Campinas – UNICAMPI, 1995.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: formação espacial como teoria e como método. In SANTOS, Milton. Espaço e Sociedade: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

SARDÁ, Juliana. Na contra-mão da lei a repressão policial e os desviantes da ordem em Florianópolis nas primeiras décadas do século XX. (Dissertação) UFSC, Florianópolis, 2005.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: COURBIN, Alain et al. História da virilidade 1: a invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes. Petrópolis: Vozes, 2013.

SCOTT, Joan. “Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SENA, Taísa Vieira. A construção da identidade masculina contemporânea por meio da roupa íntima. (Dissertação) – Programa de Pós-Graduação em Design - Mestrado da Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo – SP, 2011.

SENNETT, Richard. O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Camila Ferreira Santos. Entre modos e modas: modernização e civilidade em São Luís na segunda metade século do XIX. (Monografia apresentada ao Curso de História) – UEMA, São Luis. 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu Da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. (Org). TOMAZ Tadeu da Silva. STUART, Hall WOODWARD, Kathryn. 11 ed.. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SIMMEL, Georg. A moda. Iara Revista de moda, cultura e arte. São Paulo v.1 n. 1 abr./ago. 2008. Disponível em <http://www.ufjf.br/posmoda/files/2008/07/07_IARA_Simmel_versao_final.pdf> Acesso em 30 jan.

SIMMEL, Georg. Filosofia da Moda e outros escritos. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

SOUZA, Camilo Darsie de. Territórios de exclusão: educação, saúde e representações

de fumantes no espaço público. (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2006.

SOUZA, Gilda de Mello e. O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, João Luiz de. Mudanças de hábitos no imaginário Amazônico: a moda, a influência Cultural francesa em Manaus. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, – Manaus, 2013.

SOUZA, Luís Antônio Francisco de. Ordem social, Polícia Civil e justiça criminal na cidade de São Paulo (1889-1930) Luís Antônio Francisco de Souza / Revista de História 162 (1º semestre de 2010), 179-204. 2010.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. Censura no Regime Militar e militarização das artes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SUEANN, Caulfield. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro, 1918-1940. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2000.

TEMPORÃO, José Gomes. A propaganda de medicamentos e o mito da saúde. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

VIGARELLO, George. História do Estupro: violência sexual nos séculos XVI –XX. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

VIRGILI, Fabrice. Virilidades inquietas, virilidades violentas. In. CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI. V.3. Trad. Noéli Correia de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. – Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ, Vozes, 2013.

WILSON, Edmund. O castelo de Axel – estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930 (1931). Trad. José Paulo Paes. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FONTES

Código de Posturas de Caxias de 1893, p. 03.

Código de Posturas de Caxias de 1893, p. 11.

Ferro em Brasa, Caxias, 20 de março de 1917, Ano I, número 9, o. 01.

Gazeta Caxiense, 01 de maio de 1894, n. 122, p. 02.

Gazeta Caxiense, 01 maio de 1894, n. 122, p. 02.

Gazeta Caxiense, 20 de fevereiro de 1894, nº 103, p. 03.

Gazeta Caxiense, 20 de fevereiro de 1894, nº 103, p. 03.

Gazeta Caxiense, 20 de fevereiro de 1894, nº 103, p. 03.

Gazeta Caxiense, 20 de fevereiro de 1894, nº 103, p. 03.

Gazeta Caxiense, 20 de março de 1894, p. 111, pp. 02-03.

Gazeta Caxiense, 27 de março de 1894, p. 112, p. 02.

Gazeta Caxiense, 27 de março de 1894, p. 112, p. 02.

Gazeta Caxiense, 6 de fevereiro de 1894, nº 99, p. 02.

Gazeta Caxiense, 9 de fevereiro de 1894, nº 100, p. 02.

Gazeta Caxiense, 9 de fevereiro de 1894, nº 100, p. 03.

Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 12 de junho de 1894, nº 134, p. 02.

Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 23 de maio de 1893, nº 27, p. 01.

Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 23 de maio de 1893, nº 27, p. 01.

Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 23 de maio de 1893, nº 27, p. 01.

Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 29 de março de 1893, nº 13, p. 02.

Gazeta Caxiense, Caxias-Maranhão, 2 de novembro de 1894, nº 175, p. 02.

Gazeta de Caxias, 4 maio de 1894, n. 122, p.02.

Jornal A Voz do Povo, 1930, p. 04.

Jornal Comércio de Caxias. Caxias, 10 fevereiro, 1894, p. 03.

Jornal de Caxias 21 de dezembro de 1901, Ano VI, nº 311, p.01.

Jornal de Caxias, 01 de julho de 1905, Anno X, nº, 491 p. 01.

Jornal de Caxias, 01 de julho de 1905, Anno X, nº491 p. 02.

Jornal de Caxias, 01 de julho de 1905, Ano, X, nº 491 p. 02.

Jornal de Caxias, 02 de abril de 1895, Ano III, número 124, p.03.

Jornal de Caxias, 02 de janeiro de 1904, Anno IX, número 416, p.04.

Jornal de Caxias, 02 de maio de 1896, número 28, Ano I, pp. 02-03.

Jornal De Caxias, 02 de novembro de 1901, Anno VII, nº 304, p. 01.

Jornal de Caxias, 02 de setembro de 1905, Ano X, nº500, p. 04.

Jornal de Caxias, 02 de setembro de 1905, Ano X, nº500, p. 04.

Jornal de Caxias, 04 de abril de 1903, Anno VII, nº 377, p. 04.

Jornal de Caxias, 04 de fevereiro de 1899, Ano IV, número, 164, p. 03.

Jornal de Caxias, 04 de janeiro de 1902, Anno VII, nº 313, p. 02.

Jornal de Caxias, 04 de janeiro de 1989, p.04.

Jornal de Caxias, 04 de janeiro, 1902, Ano VII, nº 313, p. 02.

Jornal de Caxias, 04 de março de 1899, Ano IV, nº, 168, p. 01.

Jornal de Caxias, 04 de setembro de 1897. Ano II, nº. 94, p. 01.

Jornal de Caxias, 05 de dezembro de 1896, Ano II, nº 58, p. 01.

Jornal de Caxias, 05 de setembro de 1903, Anno VIII, nº, 399, pp.02-03.

Jornal de Caxias, 06 de novembro de 1897. Ano II nº103, p. 01.

Jornal de Caxias, 06 de setembro de 1902, Ano VII, número 347, p. 01.

Jornal de Caxias, 08 de fevereiro de 1908, Anno XIII, nº 626, p. 03.

Jornal de Caxias, 09 de abril de 1904, Ano, IX, nº423, p. 02.

Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01.

Jornal de Caxias, 09 de setembro de 1905, Ano X, nº. 501 p. 01.

Jornal de Caxias, 1 de setembro de 1906, Ano XI, nº 552, p. 01.

Jornal de Caxias, 11 de abril de 1898, pp.02-03.

Jornal de Caxias, 11 de junho de 1898, nº 131, Anno III, p. 01.

Jornal de Caxias, 11 de março de 1905, Ano X, número 476, p. 01.

Jornal de Caxias, 11 de novembro de 1905, Ano X, nº. 510, p. 01.

Jornal de Caxias, 12 de dezembro de 1896, Ano II, nº 59, p. 01.

Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

Jornal de Caxias, 13 de junho de 1900, Ano V, nº 250, p. 01.

Jornal de Caxias, 15 de janeiro de 1896, Anno I, número 20, p. 04.

Jornal de Caxias, 15 de outubro de 1898, Ano III, nº113, pp. 02-03.

Jornal de Caxias, 16 de Maio de 1896, Anno, I, nº 30, p. 03.

Jornal de Caxias, 16 de maio de 1896, número 30, Anno I, p. 02.

Jornal de Caxias, 16 de maio de 1896, número 30, Anno I, p. 02.

Jornal de Caxias, 17 de fevereiro de 1906, Ano XI, nº 524, p. 01.

Jornal de Caxias, 17 de junho de 1905, Ano X, nº 486 p. 01.

Jornal de Caxias, 17 de março de 1897. Anno II, nº71, p. 01.

Jornal de Caxias, 17 de março de 1906, Anno XI, nº 528, pp. 01-02.

Jornal de Caxias, 18 de abril de 1903, Ano, VIII, nº. 378, p. 01.

Jornal de Caxias, 18 de julho de 1903, Ano VIII, nº 392, p.01.

Jornal de Caxias, 18de abril de 1903, Anno VIII, nº 378, p. 01.

Jornal de Caxias, 18 de abril de 1903, Anno VIII, nº 378, p. 01.

Jornal de Caxias, 19 de agosto de 1899, Ano IV, número 192, p. 01.

Jornal de Caxias, 19 de fevereiro de 1898, p. 01.

Jornal de Caxias, 20 janeiro de 1900, Ano V, número 241, p. 01.

Jornal de Caxias, 21 de março de 1908, Anno, XIII, nº, 632, p. 02.

Jornal de Caxias, 22 de fevereiro de 1908, Anno XIII, nº, 628, p. 02.

Jornal de Caxias, 22 de janeiro de 1898, número 114, Ano III, p.01.

Jornal de Caxias, 22 de julho de 1905, Anno X, nº 494 pp. 01-02.

Jornal de Caxias, 23 de abril de 1898, Ano III, nº 127, p. 04.

Jornal de Caxias, 23 de janeiro de 1897, Ano II, nº 65, p. 01.

Jornal de Caxias, 23 de julho de 1898, Ano III, nº 140, p. 01.

Jornal de Caxias, 23 de maio de 1896, nº 31, Anno I, p. 01.

Jornal de Caxias, 23 de maio de 1896, número 30, Anno I, p. 01.

Jornal de Caxias, 23 de maio de 1896, número 31, Ano I, p. 02.

Jornal de Caxias, 24 de abril de 1897, Ano II, nº 75, p. 02.

Jornal de Caxias, 24 de janeiro de 1896, Ano I, número 16, p 03.

Jornal de Caxias, 24 de junho de 1899, Ano IV, nº 184, p. 01.

Jornal de Caxias, 24 de junho de 1899, Ano IV, nº 184, pp. 02-03.

Jornal de Caxias, 25 de dezembro de 1896, Ano I, nº 17, p. 01.

Jornal de Caxias, 25 de fevereiro de 1899, Ano, IV, nº 167, p. 01.

Jornal de Caxias, 25 de janeiro de 1896, Anno I, número 17, p. 04.

Jornal de Caxias, 26 de fevereiro 1898, p. 04.

Jornal de Caxias, 26 de setembro de 1896, Ano I, nº. 48, p. 01.

Jornal de Caxias, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, nº 423, p. 01.

Jornal de Caxias, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, nº 423, p. 01.

Jornal de Caxias, 27 de fevereiro de 1904, Ano, IX, nº 423, p. 01.

Jornal de Caxias, 27 de maio de 1905, Ano X, nº 486 p. 02.

Jornal de Caxias, 27 de maio de 1905, Ano X, nº 486 p. 01.

Jornal de Caxias, 27 de outubro de 1900, Ano V, nº 252, p. 01.

Jornal de Caxias, 27 de junho de 1903, Ano VIII, número, 388, p.01.

Jornal de Caxias, 29 de janeiro de 1898, Ano III, nº 115, p. 01.

Jornal de Caxias, 29 de janeiro de 1898, nº115, ano, III, p. 01.

Jornal de Caxias, 30 de dezembro de 1905, Ano XI, nº 517p. 01.

Jornal de Caxias, 30 de junho de 1900, Ano V, nº 236, p. 01.

Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, nº 385, p. 01.

Jornal de Caxias, 30 de maio de 1903, Ano VIII, nº, 385, p. 01.

Jornal de Caxias, 30 de setembro de 1899, Ano IV, número 198, p. 04.

Jornal de Caxias, 31 de janeiro de 1903, Ano VIII, nº 368, p. 01.

Jornal de Caxias, Caxias 09 de novembro, 1895, nº. 6, Ano 1, p. 01.

Jornal de Caxias, 03 de outubro de 1903, Ano VIII, nº, 403, p. 01.

Jornal de Commercio de Caxias, 03 de março de 1915, Anno X, p. 01.

Jornal do Commercio de Caxias, 04 de julho de 1891, nº. 688, p. 04.

Jornal do Commercio de Caxias, 05 de dezembro de 1891, nº. 710, p. 01.

Jornal do Commercio de Caxias, 06 de março de 1920, nº 894, Ano XVI, p. 03.

Jornal do Commercio de Caxias, 08 de agosto de 1891, nº. 693, p. 01.

Jornal do Commercio de Caxias, 08 de maio de 1915, Ano X, número, 537, p. 04.

Jornal do Commercio de Caxias, 08 de maio de 1915, nº537, Ano - X, p. 03.

Jornal do Commercio de Caxias, 09 de julho de 1898, Ano III, número, 138, p. 01.

Jornal do Commercio de Caxias, 10 de março de 1920, nº 894, Ano XVI, p. 04.

Jornal do Commercio de Caxias, 12 de setembro de 1891, nº. 698, p. 02.

Jornal do Commercio de Caxias, 15 de julho de 1915, Ano X, nº 559, p. 01.

Jornal do Commercio de Caxias, 15 de maio de 1915, nº539, Ano X, p. 03.

Jornal do Commercio de Caxias, 17 de julho de 1891, nº. 690, p. 02.

Jornal do Commercio de Caxias, 18 de dezembro de 1915, Ano XI, nº 597, p. 01.

Jornal do Commercio de Caxias, 25 de dezembro de 1920, nº 965, Ano XVI, p. 04.

Jornal do Commercio de Caxias, Caxias, 12 de agosto de 1922, p. 04.

Jornal do Commercio, 10 de abril de 1915, Ano X, nº 529, p.01.

Jornal do Commercio, 13 de outubro de 1888, nº 574, p. 03.

Jornal do Commercio, 15 de janeiro 1917, p. 04.

Jornal do Commercio, 18 de dezembro de 1920, Ano XVI, nº 964, p. 01.

Jornal do Commercio, 20 de janeiro de 1915, Ano X, nº, 507, p. 04.

Jornal Do Commercio, 22 de dezembro 1915, nº 598, Ano XI, p 03.

Jornal do Commercio, Caxias 15 de novembro de 1915, Anno X, nº 588, p. 03.

Jornal do Commercio, Caxias 15 de novembro de 1915, Anno X, nº 588, p. 03.

Jornal do Commercio, Caxias, 10 de março de 1920, Ano XV, nº 893, p. 04.

Jornal do Commercio, Caxias, 19 de agosto de 1915, Anno X, nº565, p.04

Jornal do Commercio, Caxias, 19 de outubro de 1906, Anno II, nº43, p.04.

Jornal do Commercio, Caxias, 19 de outubro de 1915, Anno X, nº577, p.04.

Jornal do Commercio, Caxias, novembro de 1915, Ano XI, nº 590, p. 03.

Jornal Gazeta Caxiense, 01 de janeiro de 1894, Ano VIII, nº 89, p. 01.

Jornal Gazeta Caxiense, 01 de janeiro de 1894, Ano VIII, número 89, p. 01.

Jornal Gazeta Caxiense, 08 de julho de 1895, Ano IX, número 225, p. 02

Jornal Gazeta Caxiense, 12 de junho de 1894, Ano VIII, número 136, p. 02.

Jornal Gazeta Caxiense, 18 de dezembro de 1894, Anno VIII, número 186, p. 02.

Jornal Gazeta Caxiense, 22 de dezembro de 1893, Ano VII, nº 86, p. 02.

Jornal Gazeta Caxiense, 24 de outubro de 1893, p. 04.

Jornal Gazeta Caxiense, 25 de abril de 1893, Ano VII, número 19, p. 02

Jornal Gazeta Caxiense, 27 de novembro de 1894, Ano VIII, nº 180, p. 03.

Jornal Gazeta Caxiense, Caxias, 15 de setembro de 1893, Ano VII, nº 59, p.02.

Jornal Gazeta Caxiense. Caxias – MA. 27 jul. 1894, p. 02-03.

Jornal Gazeta, 20 de julho de 1888, número 33, Anno II, p. 04.

Jornal Gazeta, Caxiense 10 de junho de 1891, nº 139. Ano, V, pp. 02-03.

Jornal Gazeta, Caxiense 16 de janeiro de 1894, nº 93, p. 02.

Jornal O BLOCO, Caxias, 27 de janeiro de 1917, Anno 1, número 11, p. 07.

Jornal o Caixeiro, Caxias, 18 de dezembro de 1915, Anno I, nº 05, p. 01.

Jornal O Caixeiro, Caxias, 23 de setembro de 1915, Anno I, número 1, p. 02.

Jornal O Janota, Caxias 15 de abril de 1904, Ano I, número 06, p. 02.

Jornal O Paiz, 02 de março de 1905, Ano III, nº, 110, p. 04.

Jornal O Paiz, 02 de março de 1905, Ano III, número 110, p. 04.

Jornal O Paiz, 03 de Caxias de 1904, número 51, Ano, II, p.03.

Jornal O Paiz, 10 de abril, Caxias de 1904, número 64, Ano, II, p.01.

Jornal O Paiz, 17 de fevereiro de 1903, Anno I, nº 5, p. 02.

Jornal O Paiz, 17 de fevereiro de 1903, nº05, Ano I, p. 03.

Jornal O Paiz, 4 de fevereiro, 1903, p. 01.

Jornal O Paiz, Caxias, 28 de janeiro de 1905, Ano III, nº 138, p. 03.

Jornal, O Corisco, 01 de março de 1985, Anno I, p. 02.

Revista Elegante, 11 de outubro de 1892, número, 04, p.01.

Revista Elegante, 11 de outubro de 1892, número, 04, p.01.

Revista Elegante, 30 de setembro de 1892, nº. 7, p. 01.

Revista Elegante, Maranhão, 31, outubro de 1892, Anno I, n 08, p. 03.

Revista Elegante, Maranhão, Abri-Maio de 1904 p. 01.

Synopse do Recenseamento, 31 dezembro de 1900, Rio de Janeiro, Typografia da

Estatística, p. 33